

MARIANA ENRIQUEZ

NOSSA PARTE DE NOITE



Nossa parte de noite

Mariana Enriquez

Tradução de Elisa Menezes



Copyright © Mariana Enriquez, 2019

Primeira edição: Barcelona, 2019

Publicado mediante acordo com Casanovas & Lynch Agencia Literaria S.L.

O trecho do poema [citado](#) foi extraído de *Antologia Poética* (2ª edição revista), de Pablo Neruda. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973. Tradução: Eliane Zagury.

TÍTULO ORIGINAL

Nuestra parte de noche

PREPARAÇÃO

Gabriel Demasi

REVISÃO

Luiz Felipe Fonseca

Juliana Pitanga

DESIGN DE CAPA

Elisa von Randow

PROJETO GRÁFICO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

REVISÃO DE E-BOOK

Maíra Pereira

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-65-5560-181-7

Edição digital: 2021

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

 intrinseca.com.br

 [@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)

 [editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)

 [@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)

 [intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Sumário

Prêmio

Epígrafe

As garras do deus vivo, janeiro de 1981

A mão esquerda

O Dr. Bradford entra na Escuridão, Misiones, Argentina, janeiro de 1983

A coisa má das casas sozinhas, Buenos Aires, 1985-1986

Círculos de giz, 1960-1976

O poço de Zañartú, por Olga Gallardo, 1993

As flores negras que crescem no céu, 1987-1997

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia também

No dia 4 de novembro de 2019, um júri composto por Lluís Morral, Gonzalo Pontón Gijón, Marta Sanz, Juan Pablo Villalobos e a editora Silvia Sesé concedeu o 37º Prêmio Herralde de Novela a *Nossa parte de noite*, de Mariana Enriquez.

Quem é essa terceira pessoa a caminhar sempre a teu lado?

T. S. ELIOT, *A terra devastada*



As garras do deus vivo,
janeiro de 1981

Creio que perdemos a imortalidade porque a resistência à morte não evoluiu; seus aperfeiçoamentos insistem na primeira ideia, rudimentar: manter vivo o corpo inteiro. Só deveríamos buscar a conservação daquilo que interessa à consciência.

Adolfo Bioy Casares, *A invenção de Morel*

Eu gritei: “Saia das sombras, rei das unhas de ouro!”

W. B. Yeats, *e Wanderings of Oisín*

Tanta luz naquela manhã e o céu limpo, apenas alguma mancha branca no azul quente, mais parecida com um rastro de fumaça do que com uma nuvem. Já era tarde e precisava sair e aquele dia de calor seria idêntico ao seguinte: se chovesse e chegasse a umidade do rio e o sufoco de Buenos Aires, jamais seria capaz de deixar a cidade.

Juan engoliu a seco um comprimido para evitar a dor de cabeça que ainda não sentia e entrou na casa para acordar o filho, que dormia coberto por um lençol. Vamos embora, disse-lhe enquanto o sacudia de leve. O menino acordou imediatamente. Outros meninos teriam também esse sono tão superficial, tão alerta? Lava o rosto, disse-lhe, e tirou cuidadosamente as remelas de seus olhos. Não havia tempo para tomar café da manhã, podiam fazer isso durante a viagem. Carregou as bolsas que já havia preparado e hesitou um momento entre vários livros até que decidiu pegar mais dois. Viu as passagens de avião sobre a mesa: ainda tinha aquela possibilidade. Podia se deitar e esperar a data do voo, dentro de alguns dias. Para evitar a preguiça, rasgou as passagens e as jogou no lixo. O cabelo comprido o fazia transpirar na nuca: ia ser insuportável sob o sol. Não tinha tempo de cortá-lo, mas procurou a tesoura nas gavetas da cozinha. Quando a encontrou, colocou-a na mesma caixa plástica em que levava os comprimidos, o medidor de pressão arterial, a seringa e algumas ataduras, primeiros socorros básicos para a viagem. Também a sua faca mais afiada e o saco cheio de cinzas que finalmente ia usar. Carregou o tubo de oxigênio: ia precisar dele. O carro estava fresco, o courino não tinha absorvido muito calor durante a noite. Colocou o isopor, com gelo e dois sifões de soda gelada, no banco do passageiro. O filho teria que viajar no banco de trás, embora o preferisse a seu lado; mas era proibido e não podia ter nenhum tipo de problema com a polícia ou com o exército, que vigiavam as estradas de

forma brutal. Um homem sozinho com um garoto podia levantar suspeitas. Os repressores eram imprevisíveis, e Juan queria evitar incidentes.

Gaspar, chamou, sem levantar muito a voz. Como não obteve resposta, entrou na casa para buscá-lo. O garoto tentava amarrar os cadarços dos tênis.

— Que confusão você fez — disse, e se agachou para ajudá-lo. Seu filho chorava, mas não pôde consolá-lo. Gaspar sentia falta da mãe, ela fazia aquelas coisas sem nem pensar: cortar as unhas, pregar os botões, lavar atrás das orelhas e entre os dedos dos pés, perguntar se ele havia feito xixi antes de sair, ensinar a dar um nó perfeito com os cadarços. Juan também sentia falta dela, mas não queria chorar com o filho naquela manhã. Está levando tudo o que quer?, perguntou. Não vamos voltar para buscar nada, estou avisando.

Fazia muito tempo que não dirigia tantos quilômetros. Rosario sempre insistia para que ele dirigisse ao menos uma vez por semana, para não perder o costume. O carro ficava pequeno para Juan assim como quase tudo: as calças curtas, as camisas apertadas, as cadeiras desconfortáveis. Verificou se o guia do Automóvel Clube estava no porta-luvas e deu partida.

— Estou com fome — disse Gaspar.

— Eu também, mas vamos parar para tomar café num lugar incrível. Daqui a pouco, está bem?

— Se eu não como, vomito.

— E eu fico com dor de cabeça se não como. Aguenta. Falta pouco. Não olha pela janela que vai ficar mais enjoado ainda.

Ele próprio se sentia pior do que queria admitir. Os dedos das mãos formigavam, e reconhecia as palpitações erráticas da arritmia no peito. Endireitou os óculos escuros e pediu a Gaspar para contar a história que havia lido na noite anterior. Aos seis anos já sabia ler muito bem.

— Não me lembro.

— Lembra, sim. Eu também estou de mau humor. Vamos tentar mudar isso juntos ou vamos fazer a viagem inteira com cara de bunda?

Gaspar riu porque ele havia dito “bunda”. Depois contou sobre uma rainha da selva que cantava quando caminhava entre as árvores e a quem todos gostavam de ouvir. Um dia vieram soldados, e ela parou de cantar e se tornou uma guerreira. Foi pega, passou uma noite presa e fugiu, mas para fugir teve que matar o guarda que a vigiava. Como ninguém quis acreditar que tinha força para matá-lo, pois era muito magra, acusaram-na de ser bruxa e a queimaram, amarraram-na a uma árvore que pegou fogo. Mas pela manhã, em vez do corpo, encontraram uma flor vermelha.

— Uma árvore de flores vermelhas.

— Sim, uma árvore.

— Você gostou da história?

— Não sei, me deu medo.

— Essa árvore se chama ceibo. Por aqui não tem muitas, mas, quando vir alguma, eu te mostro. Perto da casa dos seus avós tem um montão.

Pelo retrovisor viu que Gaspar franzira o cenho.

— Como assim tem muitas?

— É uma lenda, já te expliquei o que é uma lenda.

— Então a garota não existe?

— O nome dela é Anahí. Talvez ela tenha existido, mas a história das flores é contada para lembrá-la, não porque tenha acontecido de verdade.

— Então aconteceu de verdade ou não?

— As duas coisas. Sim e não.

Ele gostava de ver como Gaspar ficava sério e até bravo, como mordida o canto da boca e abria e fechava a mão.

— Agora também queimam as bruxas?

— Não, não mais. Mas também não há muitas bruxas agora.

Era fácil sair da cidade num domingo de janeiro pela manhã. Antes do que esperava, os prédios ficaram para trás. E as casas baixas e as de chapa metálica das favelas da periferia. E de repente apareceram as árvores e o campo. Gaspar já estava dormindo e o sol queimava o braço de Juan como o de um pai comum em um fim de semana de clube e passeio. Mas ele não era um pai comum, as pessoas às vezes sabiam disso quando o olhavam nos olhos, quando falavam um pouco com ele, de alguma forma reconheciam o perigo: ele não conseguia ocultar o que era, não era possível esconder algo assim, não por muito tempo.

Estacionou em frente a um bar que anunciava *submarinos* e *medialunas*. Vamos tomar café, disse ele a Gaspar, que acordou imediatamente e esfregou os olhos azuis, enormes, um pouco distantes.

A mulher que limpava as mesas tinha toda a pinta de ser a dona do lugar e de ser afável e fofoqueira. Olhou para eles com curiosidade quando se sentaram longe da janela, perto da geladeira. Um menino com seu carrinho em miniatura na mão e seu pai, que media dois metros e tinha o cabelo loiro chegando aos ombros. Limpou a mesa deles com um pano e anotou o pedido em um bloco de papel, como se o bar estivesse cheio. Gaspar quis um *submarino* e um pão doce recheado com doce de leite; Juan pediu um copo d'água e um sanduíche de queijo. Tirou os óculos escuros e abriu o jornal que estava sobre a mesa, embora soubesse que as notícias importantes não saíam na imprensa. Não havia notícias dos centros de detenção clandestinos, nem dos confrontos noturnos, nem dos sequestros, nem das crianças roubadas. Apenas crônicas sobre o Mundialito que estava sendo jogado no Uruguai, que não lhe interessava. Fingir normalidade às vezes era difícil quando estava distraído, quando estava tão irremediavelmente triste e preocupado. Na noite anterior havia tentado, mais uma vez, comunicar-se com Rosario. Não conseguiu. Ela

não estava em parte alguma, não conseguia senti-la, ela havia partido de uma maneira que para ele era impossível entender ou aceitar.

— Está calor — disse Gaspar.

O menino estava suado, o cabelo, úmido, as bochechas, vermelhas. Juan tocou suas costas. A camiseta estava encharcada.

— Espera aqui — disse, e foi até o carro buscar uma camiseta seca. Depois o levou ao banheiro do bar, para molhar a cabeça, secar o suor e vestir a camiseta, que cheirava um pouco à gasolina.

Quando voltaram para a mesa, o café da manhã e a mulher os aguardavam; Juan pediu outro copo d'água para Gaspar.

— Tem um camping lindo aqui se quiserem se refrescar no rio.

— Obrigado, não temos tempo — disse Juan, tentando soar simpático. Abriu um pouco mais os botões da camisa.

— Estão viajando sozinhos? Que olhos tem este pequeno! Como você se chama?

Juan teve vontade de dizer filho, não responda, vamos comer enquanto a deixo muda para sempre, mas Gaspar disse seu nome, e a mulher, atirada, perguntou com uma voz hipócrita, infantilizada:

— E sua mamãe?

Juan sentiu a dor do menino em todo seu corpo. Era primitiva e sem palavras; era crua e vertiginosa. Teve que se segurar na mesa e fazer um esforço para se desprender de seu filho e daquela dor. Gaspar não conseguia responder e olhava para ele pedindo ajuda. Havia comido apenas metade do pão doce. Precisava ensiná-lo a não se apegar assim, nem a ele nem a ninguém.

— Senhora — Juan tentou se controlar, mas soou ameaçador —, mas que porra você tem a ver com isso?

— Só estou puxando assunto, só isso — respondeu ela, ofendida.

— Ah, que ótimo. A senhora se irrita por não ter sua conversinha idiota, e nós sofremos sua indiscrição insistente, de velha fofoqueira. Quer saber? Minha mulher morreu há três meses atropelada por um ônibus que a arrastou por dois quarteirões.

— Eu sinto muito.

— Não. Não sente nada porque não a conhecia e nem nos conhece.

A mulher quis dizer mais alguma coisa, mas se afastou quase choramingando. Gaspar ainda olhava para ele, mas tinha os olhos secos. Estava um pouco assustado.

— Está tudo bem. Termina de comer.

Juan mordiscou seu sanduíche de queijo; não estava com fome, mas não podia tomar o remédio de estômago vazio. A mulher retornou com uma expressão de desculpas e os ombros curvados. Trazia dois sucos de laranja. Por conta da casa, disse, e peço perdão. Não imaginava uma tragédia dessas. Gaspar brincava com seu carrinho vermelho, um modelo novo, com portas e portamalas que abriam e fechavam, presente de seu tio Luis, enviado do Brasil. Juan obrigou Gaspar a terminar o *submarino* e se levantou para pagar no balcão. A mulher continuava a pedir desculpas, e Juan perdeu a paciência. Quando ela estendeu a mão para receber o dinheiro, ele a segurou pelo pulso. Pensou em lhe enviar um símbolo que a enlouquecesse, que colocasse em sua cabeça a ideia de arrancar a pele dos pés de seu neto ou fazer um refogado com seu cachorro. Conteve-se. Não queria se cansar. Manter em segredo aquela viagem com seu filho já o havia exaurido e teria consequências. Então deixou a mulher em paz.

Gaspar o esperava na porta: havia colocado seus óculos escuros. Quando tentou tirá-los, o menino saiu correndo, rindo. Juan o agarrou perto do carro e o ergueu: Gaspar era leve e comprido, mas não ia ser tão alto como ele.

Decidiu que procurariam um lugar para almoçar antes de seguir para Entre Ríos.

O dia tinha sido exaustivo, apesar da normalidade absoluta de toda a viagem: pouco trânsito, um almoço delicioso em uma churrascaria no caminho e uma sesta à sombra das árvores, a margem refrescada pela brisa do rio. O dono da churrascaria, curioso, também havia puxado conversa com eles, mas como não tinha perguntado sobre sua mulher, Juan decidiu conversar enquanto tomava um pouco de vinho. Havia se sentido mal depois da sesta e durante todo o trajeto até Esquina: o calor era espantoso. Mas agora, enquanto pedia um quarto e tentava fazer o gerente entender que precisava de uma cama de casal para ele e outra de solteiro para seu filho e que não importava o preço, ele se dava conta de que, além disso, podia precisar de ajuda. Pagou adiantado e aceitou que outra pessoa subisse as escadas com as bolsas. No quarto, ligou a televisão para entreter Gaspar e se deitou na cama. Sabia como avaliar o que sentia: a arritmia estava fora de controle, podia ouvir o sopro, aquele barulho de esforço, a náusea das válvulas confusas, seu peito doía, era difícil respirar.

— Gaspar, me passa a bolsa — pediu.

Pegou o medidor de pressão arterial e confirmou que sua pressão estava baixa, o que era bom. Deitou-se na diagonal, a única maneira de seus pés ficarem sobre o colchão, e, antes de tomar os comprimidos e tentar descansar, se possível dormir, arrancou uma folha do bloco de notas que o hotel deixava para os hóspedes na mesa de cabeceira (dizia “Hotel Panambí — Esquina”) e com a caneta escreveu um número.

— Filho, presta atenção. Se eu não acordar, quero que ligue para este número.

Gaspar arregalou os olhos e depois fez beicinho.

— Não chora. É para o caso de eu não acordar, só isso, mas eu vou acordar, está bem?

Sentiu o coração disparar, como se estivesse acelerando com uma alavanca de câmbio. Ia conseguir dormir? Levou os dedos ao pescoço. Cento e setenta, talvez mais. Nunca havia sentido tanta vontade de morrer como agora, nesse quarto de hotel de interior, e nunca havia sentido tanto medo de deixar seu filho sozinho.

— É o telefone do seu tio Luis. Você tem que discar 9, vai dar um sinal de linha, e aí em seguida você disca o número do tio. Se eu não acordar, você me sacode. E se eu não acordar quando você me sacudir, ligue pra ele. Primeiro para ele, depois para o senhor lá de baixo, o da recepção, entendeu?

Gaspar disse que sim e, apertando o papel na mão fechada, se deitou a seu lado, próximo mas distante o suficiente para não o incomodar.

* * *

Juan acordou suado e sem sonhos. Era noite, mas o quarto estava parcamente iluminado: Gaspar havia ligado a luminária da mesa de cabeceira e estava lendo. Ainda sem se mexer, Juan olhou para ele: o menino tirara seu livro da bolsa e esperava, o papel com o número de telefone estava ao lado, sobre o travesseiro. Gaspar, chamou-o, e o menino reagiu com delicadeza, largou o livro, aproximou-se engatinhando, perguntou se ele estava bem; como um adulto, como tantas vezes lhe perguntaram os muitos adultos que haviam cuidado dele. Juan se sentou e esperou um minuto antes de responder. O coração tinha voltado a um ritmo normal ou ao que para ele era relativamente normal. Não estava agitado, não estava enjoado. Estou bem, sim, respondeu, e sentou Gaspar em seu colo, abraçou-o e acariciou seus cabelos escuros.

— Que horas são?

Gaspar apontou o dedo para o relógio.

— Você já sabe ver as horas, me diz.

— Meia-noite e meia.

Naquela cidadezinha não haveria nada aberto tão tarde para jantar. Ele podia, claro, caminhar até o centro, entrar em algum armazém ou restaurante fechado e fazer o que quisesse, abrir uma porta era muito simples. Mas, se alguém os visse, teria que lidar com essa testemunha. E cada pequeno ato desse tipo se acumulava até se transformar em uma longa e exaustiva cadeia de rastros a apagar, olhos a fechar, lembranças a fazer desaparecer. Ensinaram-lhe havia anos: era melhor tentar viver na maior normalidade possível. Ele podia conseguir coisas que para a maioria das pessoas eram impossíveis. Cada conquista, no entanto, cada exercício de vontade para alcançar o almejado, tinha um preço. Não valia a pena pagá-lo por questões pouco importantes. Agora devia convencer quem quer que estivesse como recepcionista noturno do hotel a preparar uma refeição para eles. Não sentia fome; certamente Gaspar também não. Mas o garoto não tinha lanchado, ele havia se esquecido de tirar as sodas do carro, precisava se comportar como um pai.

Antes de sair do quarto, contudo, tinha que tomar banho, porque estava fedido. E quem sabe cortar um pouco o cabelo. Gaspar também precisava de um banho, não com tanta urgência. Levantou-se da cama com Gaspar ainda nos braços e o levou até o chuveiro. Abriu a água quente, esperou um pouco e confirmou o que suspeitava.

— Não tomo banho de água fria — disse Gaspar.

— Está calor, vamos lá, não? Então depois eu enxugo você com uma toalha.

Juan entrou no chuveiro e ouviu Gaspar falando, sentado sobre a tampa do vaso sanitário, contando o que havia lido e o que havia visto da janela do hotel, mas ele não prestou atenção. O chuveiro era baixo demais e precisou se agachar para lavar a cabeça, mas pelo menos o hotel tinha xampu e sabonete. Com uma toalha amarrada na cintura, parou em frente ao espelho: o cabelo molhado passava dos ombros, e seus olhos estavam inchados.

— Traz a tesoura, está na bolsa pequena.

— Posso cortar? Um pouco.

— Não.

Juan ficou olhando seu reflexo, os ombros largos, a cicatriz escura que dividia o peito, a queimadura no braço. Rosario sempre cortava seus cabelos. Também o barbeara várias vezes. Lembrava-se de suas argolas grandes, que ela nunca tirava, às vezes nem para dormir. Lembrava-se de como ela havia chorado uma vez, de cócoras e nua no chão do banheiro, por ter engordado durante a gravidez. Como cruzava os braços quando ouvia algo que achava estúpido. Lembrava-se dela gritando com ele na rua, furiosa; a força que tinha quando batia nele com os punhos fechados durante alguma briga. Quantas coisas não sabia fazer sozinho, quantas havia esquecido, quantas apenas ela conhecia? Usou o pente para esticar os cabelos e cortou-os com o maior cuidado possível. Deixou uma mecha mais comprida na frente e usou o secador para verificar se havia feito um desastre. Achou o resultado aceitável. Tinha um pouco de barba, mas só dava para ver porque estava pálido demais. Jogou fora o cabelo cortado, que havia deixado cair sobre um lenço, no vaso sanitário.

— Vamos ver se conseguimos algo para comer.

O corredor do hotel estava muito escuro e cheirava a mofo. O quarto que tinham dado a eles ficava no canto, junto à escada. Juan deixou Gaspar sair primeiro, e o garoto, em vez de descer direto, correu pelo corredor. A princípio Juan pensou que ele ia para o elevador. Mas logo se deu conta de que Gaspar percebia o mesmo que ele, ainda que a diferença fosse radical: em vez de evitá-la — Juan estava tão acostumado àquelas presenças que as ignorava —, ele a procurava, atraído. O que se escondia ao fim do corredor estava assustado e não era perigoso, mas era antigo e, como tudo o que é muito velho, era voraz, infeliz e invejoso.

Pela primeira vez seu filho tinha uma percepção, pelo menos na sua presença. Estava esperando que isso acontecesse, Rosario insistia que ia acontecer em breve e costumava ter razão, mas comprovar que de fato Gaspar havia herdado essa habilidade o desanimou, fechou-lhe a garganta. Não tinha muitas esperanças quanto à normalidade do filho, mas naquele corredor elas desapareceram completamente, e Juan sentiu o desalento como uma corrente em volta do pescoço. A danação herdada. Tentou fingir calma.

— Gaspar — disse, sem levantar a voz. — É por aqui. Pela escada.

O menino deu meia-volta no corredor e olhou para ele com uma expressão confusa, como se despertasse em um quarto estranho depois de dias dormindo. O olhar durou um segundo, mas Juan o reconheceu. Precisava ensiná-lo a se fechar àquele mundo flutuante, àqueles poços pegajosos, a como evitá-los. E precisava começar logo, porque recordava o horror de sua própria infância e Gaspar não tinha por que viver o mesmo.

Meu filho vai nascer cego, repetia a aparição no fundo do corredor, que não tinha cabelos e usava um vestido azul. Gaspar não podia ouvi-la, embora talvez a tivesse visto. Era dela que ele havia falado antes, no banheiro: uma mulher sentada na praça em frente ao hotel, que olhava para a janela com a boca aberta. Juan não lhe dera atenção porque não havia contado isso com medo, o que era bom. O garoto estava intuitivamente certo: não havia nada a temer, aquela mulher era apenas um eco. Havia muitos ecos agora. Sempre havia quando se cometia uma carnificina; o efeito era idêntico ao dos gritos em uma caverna, permaneciam até que o tempo lhes pusesse um fim. Faltava muito para esse final, e os mortos inquietos se moviam com rapidez, procurando ser vistos. *e dead travel fast*, pensou.

Desceram pela escada em silêncio para não acordar os hóspedes. Uma mulher que certamente era uma das donas do hotel folheava uma revista na

recepção. Ergueu a cabeça quando os viu entrar e se pôs de pé; com um gesto rápido, ajeitou a blusa e o cabelo escuro, ligeiramente bagunçado.

— Boa noite. Em que posso ajudar?

Juan se aproximou do balcão e apoiou uma das mãos sobre a lista telefônica que estava aberta ao lado do abajur.

— Boa noite, senhora. Por acaso há algum lugar aberto para comer?

A mulher inclinou a cabeça.

— Talvez consigam encontrar alguma coisa na churrascaria do clube de pescadores, mas deixem que eu ligue e pergunte, porque é uma boa caminhada até lá.

Uma boa caminhada, pensou Juan, impossível, naquele pequeno povoado nada podia ficar muito longe. As paredes da recepção cobertas até a metade de madeira, o piso marrom plastificado, as chaves penduradas no painel. Gaspar havia se aproximado de um aquário pequeno e acompanhava com o dedo o nado de um peixinho. Ninguém atende, disse a mulher depois de tentar contato por um tempo. Bom, vamos dormir sem jantar. Juan sorriu e percebeu que a mulher — que era jovem, pouco menos de quarenta anos, mas parecia mais velha na luz triste do hotel silencioso — olhava para ele detidamente e sem disfarçar. Peguei no sono, disse Juan. De Buenos Aires para cá é uma viagem longa, e eu não estava muito descansado.

Do lado de fora o silêncio era total. Viu passar as luzes azuis de um carro patrulha, mas mal ouviu o motor. Também vigiam este povoado?

— Desculpe a indiscrição — disse a mulher, e saiu de trás do balcão da recepção. Ela se abanava. O ventilador estava ligado, no entanto. — Vocês estão no 201? Meu funcionário me disse hoje que achou que o senhor do 201 não se sentia bem. Ficamos preocupados, mas, como não ouvimos nada e o senhor não ligou para cá, não quisemos incomodá-lo.

— E como sabe que sou eu o homem do 201?

A mulher, entre tímida e paqueradora, respondeu:

— Meu funcionário disse que era um homem muito alto e loiro, com uma criança.

— Obrigado pela preocupação, senhora. Agora estou me sentindo bem, precisava descansar. Passei por uma cirurgia há seis meses, às vezes acho que estou totalmente recuperado e passo dos limites.

E de maneira deliberada e teatral, Juan apoiou apenas uma das mãos sobre a camisa escura que usava aberta até a metade do peito, para que ficasse evidente e visível a enorme cicatriz.

— Vamos lá — disse ela. — Vou preparar nem que sejam alguns sanduíches para vocês. O menino come talharim? Aquecemos em banho-maria com um pouco de manteiga e pronto.

— O que é talharim? — perguntou Gaspar, que havia abandonado o aquário.

— Macarrão, *mitai* — disse a mulher, ajoelhando-se. — Gosta de macarrão com manteiga e queijo?

— Sim. E com molho também.

— Vamos ver o que podemos fazer.

— Posso ver você cozinhar?

— Ele gosta de cozinhar — disse Juan, e deu de ombros para demonstrar seu embaraço.

Uma hora depois, Gaspar havia aprendido a usar o abridor de latas, os dois tinham comido uma massa um pouco pegajosa com um molho delicioso, tinham bebido água fresca, com gelo, e a mulher os havia acompanhado com um copo de vinho doce e cigarros. Quando terminaram, Juan se ofereceu para lavar os pratos para que ela pudesse voltar à recepção, e a mulher aceitou; antes de sair, disse a ele tomara que você fique bom longo. Gaspar ajudou a secar,

mas antes disse obrigado à mulher com os lábios sujos de molho de tomate, e ela lhe deu um beijo na testa.

* * *

Gaspar se recusou a entrar no quarto: na porta, imóvel, seus olhos brilhavam e parecia assustado.

— Papai, tem uma senhora no quarto — disse. Juan piscou para vê-la e senti-la: era a mesma do corredor, que se movia pelo hotel.

— Não olha para ela. — Segurou o rosto dele com as duas mãos; eram tão grandes que quase contornavam toda a cabeça do menino. — Olha para mim.

Então ele se sentou no chão e acendeu a luminária. Por sorte Gaspar não ouvia o que a mulher dizia. Era sempre melhor só ver. Juan a ouviu por um minuto, por curiosidade. A mesma repetição desesperada e solitária da morte, o eco da morte. Depois ele ficou surdo para ela, mas não a expulsou, isto seu filho precisava aprender a fazer, e rápido. Juan não queria que ele sentisse medo por mais nem um minuto.

— Agora presta bem atenção.

— Quem é, papai?

— Não é alguém. É uma lembrança.

Colocou a mão embaixo do esterno do menino e sentiu o coração do filho rápido, forte, saudável. A inveja deixou sua boca seca.

— Fecha os olhos. Sente a minha mão?

— Sim.

— O que eu estou tocando?

— A barriga.

— E agora?

Com dois dedos da outra mão localizou a vértebra que ficava atrás do estômago.

— As costas.

— Não, as costas não.

— A coluna.

— Agora você precisa pensar no que está entre as minhas mãos, como quando a sua cabeça dói e você diz que parece ter algo dentro dela. Bom, pensa no que está dentro.

Gaspar apertou os olhos e mordeu o lábio inferior.

— Pronto.

— Bom, agora diz à senhora para ir embora. Não diz isso falando. Você pode dizer em voz baixa, se quiser, mas diz como se essa parte sua que está entre as minhas mãos pudesse falar. Está entendendo? É importante.

Aquilo podia levar a noite inteira, Juan sabia.

— Pronto, falei.

Juan olhou para a mulher, que continuava ao lado da cama, grávida, e com a boca aberta, certamente falando ainda de seu primeiro filho, com os olhos vazios.

— De novo. Como se você falasse a partir daqui, como se tivesse uma boca aqui dentro.

— Falo com força?

Que tipo de pergunta era aquela? Aquela dúvida tão pertinente merecia uma resposta à altura.

— Sim, hoje sim.

A imagem da mulher desapareceu lentamente, como fumaça que se dissipa. O ar do quarto ficou limpo, como se tivessem aberto as janelas. A luz da luminária ficou mais clara.

— Muito bem, Gaspar, muito bem.

Gaspar olhou em volta do quarto procurando a mulher que havia ido embora. Estava sério.

— E ela não vai mais voltar?

— Se voltar, você repete o que acabou de fazer.

Gaspar estava tremendo, um pouco pelo esforço, um pouco por medo. Juan se lembrou da primeira vez que expulsou um desencarnado: havia sido igualmente fácil, talvez até um pouco mais fácil dadas as circunstâncias. Quem dera esse fosse o fim das habilidades herdadas de Gaspar. Quem dera Gaspar nunca alcançasse o tipo de contato de que ele era capaz. Rosario tinha certeza de que o garoto herdaria suas habilidades. De repente a lembrança ficou tão vívida que ele sentiu como se tocasse acidentalmente um inseto na escuridão: Rosario, teimosa, sentada na cama, com sua calcinha branca de algodão e o cabelo preso num rabo de cavalo alto. Gaspar ia herdar tudo, tudo o que ele carregava. Sentiu os olhos arderem.

— Agora vou continuar a dormir porque daqui a pouco tenho que dirigir.

— Quero dormir com você.

— Não tenha medo. Vai para a sua cama. Se não conseguir dormir, lê seu livro. A luz não me incomoda.

Mas Gaspar não quis ler. Deitou-se de barriga para cima e esperou que o sono chegasse, com uma disciplina imprópria para sua idade. Não havia baixado as persianas, de maneira que as escassas luzes da rua iluminavam um pouco o quarto e os galhos de uma árvore refletiam nas paredes. Juan esperou até a respiração de Gaspar indicar que ele estava dormindo e então se aproximou: os lábios separados, os pequenos dentes de leite, o suor grudando os cabelos na testa.

Ele poderia fazer aquilo sentado em sua própria cama, ao lado de Gaspar. Mas não queria que o garoto acordasse e o visse. O banheiro era um lugar tão

bom como qualquer outro. Não precisava de muito: apenas silêncio, o cabelo de Rosario, algum instrumento afiado e as cinzas.

Sentado nos azulejos frios, enrolou entre os dedos a mecha de cabelo de Rosario, que ele mantinha em uma caixinha. Você me prometeu, disse em voz baixa. E havia sido uma promessa séria, uma promessa de sangue, e não de palavras sentimentais.

Pegou um punhado de cinzas do saco plástico e espalhou-as sobre o piso à sua frente, para desenhar o signo da meia-noite. Desde a morte de Rosario, fazia isso todas as noites com o mesmíssimo resultado: silêncio. Um deserto de areia fria e estrelas opacas. Havia até tentando métodos mais rudimentares, e a resposta era sempre a mesma: o vento sobre o vazio.

Repetiu as palavras, acariciou a mecha de cabelo, fez a invocação na linguagem infecciosa que se devia usar no ritual das cinzas. E com os olhos fechados viu os quartos e os cantos vazios, as fogueiras apagadas, as roupas abandonadas, os rios secos, mas continuou vagando até que retornou ao banheiro do hotel, ao silêncio e à respiração distante de seu filho, e voltou a chamar. Nem um toque, nem um tremor, nem uma ilusão, nem uma sombra enganosa. Ela não vinha nem estava ao seu alcance e, desde sua morte, não havia conseguido um único sinal de sua presença.

Tinha feito oferendas impróprias nos primeiros dias. A verdadeira magia não se faz entregando o sangue dos outros, disseram-lhe uma vez. Ela é feita entregando o próprio sangue e abandonando qualquer esperança de recuperá-lo. Juan pegou a gilete que estava ao seu lado e fez um corte diagonal na palma da mão, seguindo vagamente a linha chamada linha da mente ou da cabeça. Era uma ferida insuportável, que nunca sarava totalmente, a pior possível e, por isso mesmo, a que funcionava. Quando, na escuridão, sentiu o calor do sangue, apoiou a mão sobre o signo de cinzas traçado no chão. Disse as palavras necessárias e esperou. O silêncio era vertiginoso. Juan sabia que era um

sintoma de sua própria perda de poder. Se era porque estava muito doente ou porque se desgastara demais, ele não sabia, mas a sensação de fraqueza era bastante óbvia. Fazer aquele chamado dificilmente exigia esforço: o mundo dos mortos estava muito perto dele e era uma porta leve, de vaivém. Podia duvidar de sua capacidade de fazer outro ritual, qualquer outro. Este não. Este era como esticar as pernas.

Lavou a mão, resignado, e limpou o sangue do chão com uma das toalhas. Não sentia mais raiva. Depois das primeiras tentativas frustradas, havia insultado Rosario, havia quebrado móveis e quase tinha quebrado os dedos ao dar socos no chão. Agora ele simplesmente recolhia os restos com resignação e guardava a mecha de cabelo de volta na caixa. *For the dead travel fast*, pensou outra vez. Era verdade, de maneira geral. A ele era negada essa rapidez habitual.

Gaspar continuava a dormir apesar de ter passado bastante tempo: o ritual do signo da meia-noite parecia curto para quem o fazia, mas levava várias inadvertidas horas. Juan cobriu a ferida com uma atadura. Amanhecia quando ele derramou um pouco de álcool no corte, que nunca sarava completamente porque tinha que seguir cortando e cortando no mesmo lugar para dar sangue às cinzas que não traziam nada além daquele silêncio tão suspeito, que o fazia pensar em sua mulher silenciada, com os lábios costurados por alguém que queria separá-los definitivamente.

* * *

O café da manhã era servido no salão de refeições com paredes brancas e mesas cobertas por toalhas xadrez. Era decorado por pinturas de peixes nadando, peixes empalhados em molduras de vidro e mais um aquário, um pouco maior que o da recepção. Esquina era uma espécie de capital da pesca. Juan nunca havia pescado na vida. E não entendia por que o hotel se chamava Panambí,

que quer dizer “borboleta” em guarani, se o tema recorrente de sua decoração era a ictiofauna. Não havia borboletas em lugar algum, nem mesmo no logotipo. Tomou um chá fraco e espalhou doce de leite em torradas para Gaspar, que estava muito quieto.

— O que foi?

— Você está bravo comigo?

— Não, filho, estou de mau humor. Quando você terminar de comer, vamos nadar.

Gaspar tinha chorado a manhã inteira, até que eles desceram para tomar café. Desde que a mãe morrera, chorava todos os dias, quando acordava. Às vezes porque sim, às vezes porque se irritava com alguma bobagem, às vezes dizia que sua cabeça doía ou que estava com sono ou com calor. Ele sonhava com ela, Juan sabia; em geral, sonhava que sua morte era um sonho. Às vezes Juan o deixava chorar sozinho, às vezes se sentava a seu lado em silêncio, às vezes lavava seu rosto com água fria, mas nunca sabia exatamente o que fazer. Naquela manhã, quando Gaspar se acalmou após um choro gritado, depois de puxar os cabelos e até socar um travesseiro, propôs a ele que fossem à praia. Gaspar havia aceitado, perguntando se a água era fria como em Mar del Plata. Explicou-lhe que não, que era um rio, e os rios eram diferentes, mais parecidos a uma piscina. Era mentira, mas funcionou. Juan era quem precisava nadar, e estava na hora de seu filho aperfeiçoar a pouca técnica que havia lhe ensinado. Ele aprendera aos oito anos e por pura irresponsabilidade de seu irmão, que não sabia como entretê-lo quando o levava para passear e um dia o levou a um clube. Juan sabia que era proibido; seu médico, Jorge Bradford, tinha recomendado que não fizesse exercícios intensos. Bradford jamais tomou conhecimento das tardes na piscina ou se fazia de bobo: seu médico sempre tinha atitudes ambivalentes, gestos de extrema generosidade e posições mesquinhas, frequentemente imprevisíveis.

Bradford o ensinou a se fechar aos seis anos, quando se recuperava de um ataque cardíaco: muitas das coisas mais importantes de sua vida haviam transcorrido em uma cama de hospital, entre a dor, a anestesia e o medo. O método foi o mesmo que ele havia ensinado a Gaspar na noite anterior. O doutor Bradford, que o operara quando ele estava desenganado, que o visitava todos os dias e que o adotaria sob o pretexto de lhe dar os cuidados necessários. Um sequestro elegante. Uma compra: havia pagado por ele. É um milagre, Bradford dissera a seus pais, um milagre que ainda esteja vivo, precisa de tratamentos e cuidados que, infelizmente, devido à sua situação financeira, vocês não podem lhe oferecer. Eles haviam aceitado.

Naquela noite, na cama do hospital, Juan não conseguia diminuir o volume das vozes, sentia mãos tocando todo seu corpo — por dentro e por fora —, via pessoas em volta da cama mesmo fechando os olhos. E Bradford o fez sentar, umedeceu seus cabelos com água fria e lhe disse mais ou menos a mesma coisa que ele havia dito a Gaspar. Use a voz entre a coluna e o estômago, diga para eles irem embora e eles irão. Lembrava-se claramente de que havia tentando várias vezes, guiado pelos olhos escuros e ávidos daquele homem, até o silêncio chegar e a sala de terapia intensiva voltar a ser um quarto cheio de moribundos e feridos. Bradford ficara ao lado dele até ele conseguir dormir. De manhã, ao acordar, as vozes e as imagens voltaram, e Bradford continuava lá. Mais uma vez indicou-lhe o que fazer, e Juan conseguiu na primeira tentativa. Então Bradford lhe pediu que contasse o que via. E Juan enumerou: acordar e ver, junto com o café da manhã, um cadáver sentado à mesa ou na cama; as bocas que riam dele, a mão que cobria seu rosto e não o deixava respirar à noite, os pássaros e os insetos que o atacavam voando direto para sua cabeça quando ele saía para o quintal, as duas carinhas que olhavam para ele de debaixo de uma pedra que sua mãe usava para manter a porta do galpão dos fundos aberta.

Havia contado essas coisas a seus pais, mas eles não pareciam entender. Bradford sim.

Seus pais tinham medo: tentavam tranquilizá-lo e queriam mudar de assunto. Seu irmão Luis era diferente. Ele também se assustava, mas tentava ajudar. Dizia para ele pensar em outras coisas. Ensinar-lhe a nadar.

Agora ele precisava ensinar seu filho, mas primeiro queria nadar sozinho, por um tempo, no rio. Dirigiu até o balneário da cidade, que era bonito e limpo e estava quase vazio, e colocou Gaspar sentado sobre a grama, debaixo de uma árvore, com o isopor a seu lado. Serviu-lhe soda em um copo plástico e lhe disse o papai vai nadar, mas, se alguém se aproximar de você, não se preocupe, ele vai saber. Não saia daqui porque eu te encontro e depois você já sabe o que acontece.

Ao entrar na água, cruzou com um casal que saía do rio. Ela era bonita, usava um maiô azul e o cumprimentou; o homem o olhou com certa agressividade e pegou a mulher pela cintura com força. Nenhum dos dois conseguiu deixar de examinar a cicatriz no peito sem disfarçar. Juan não ligava. Nadou por quinze minutos, o tempo exato para não ficar agitado demais. Era capaz de nadar por muito mais tempo, mas não queria estar cansado se tivesse que dirigir mais tarde. O rio ficava prateado sob o sol, mas a água estava um pouco turva. Boiou por algum tempo antes de sair: de seu filho, não sentia nada além de calma. Quando estava com água pelos joelhos, fez um sinal para Gaspar e gritou venha, você precisa aprender, tira a camiseta e os tênis. Deitou Gaspar na água e se agachou um pouco. Eu seguro você, disse, quando percebeu que o menino se contorcia com medo de afundar. Bata as pernas, disse, me molhe, faça barulho.

Havia algo naquela manhã quente e a pele escorregadia do menino em suas mãos fez com que ele sentisse Rosario a seu lado, e lembrou-se dela morta de frio em um campo da Inglaterra, lembrou-se dela cantando uma canção que

dizia *tonight will be fine*, dançando uma música de Bowie e reclamando que nunca tocavam música boa na rádio, e seu pescoço e seus seios, que eram grandes, mas ela nunca usava sutiã, nem mesmo depois do nascimento de Gaspar, e as manhãs em que ele a acordava, ela reclamando, me deixa dormir, mas depois de um tempo também o abraçava, e ele levantava suas pernas, as colocava sobre os ombros e a acariciava com a língua e os dedos até que ela ficasse molhada.

Não conseguia encontrá-la. Consequia ver aquela pobre mulher grávida do hotel, conseguia ver centenas de assassinados todos os dias e, no entanto, não conseguia esbarrar com ela. Havia lhe pedido uma vez, quando era viva, quase de brincadeira, imitando o personagem de um romance, não me deixe sozinho, *haunt me*, não havia palavras em castelhano para aquele verbo, *haunt*, não era enfeitiçar, não era aparecer, era *haunt*, mas ela nunca o tinha levado a sério. Se era ele quem deveria morrer primeiro, era o mais lógico, era ridículo que ainda estivesse vivo.

Às vezes pensava que Rosario estava se escondendo. Ou que alguma coisa não a deixava se aproximar. Ou que havia ido longe demais.

— E agora?

— Agora você coloca a cabeça embaixo d'água. Mas sem tapar o nariz.

— Vou me afogar.

— Não vai se afogar nada.

Treinaram prender a respiração fora da água. Gaspar enchia as bochechas de ar, e Juan começou a sentir a inconfundível dor de cabeça nas têmporas. Tempo demais debaixo do sol. Mas não iria embora até que o garoto aprendesse a prender a respiração.

De volta à sombra da árvore, serviu-se de soda e acrescentou algumas das pedras de gelo que boiavam no isopor. Engoliu dois comprimidos e fechou os

olhos, apoiado sobre as raízes para que a dor cedesse um pouco. Sua cabeça latejava, mas pelo menos latejava regularmente, um pouco devagar.

— Não me afoguei — disse Gaspar de repente.

— Viu. Nadar é fácil, logo, logo você vai aprender.

— Você vai acordar?

— Não estou dormindo, estou descansando.

— Quer um sanduba?

— Não, daqui a pouco vamos comer. E hoje à noite vamos ver a Tali.

— Posso fazer um sanduba pra mim?

* * *

A melhor referência para chegar à casa de Tali era localizar, na estrada, uma velha ponte de ferro enferrujada que estava abandonada, sobre a qual crescia a implacável vegetação do Litoral com seus cipós e suas flores. Uma vez que se chegava à ponte, surgia a velha Capela do Diabo e então era só seguir em frente por uma estrada de terra que se tornava intransitável se estivesse lamacenta. A capela era a entrada formal de Colonia Camila. Tali amava morar ali, naquele povoado de duzentas pessoas e dois armazéns.

Tali era sua meia-cunhada. A filha do pai de Rosario com sua amante correntina, uma mulher de classe média que tinha ido viver no campo, havia fundado um templo para São Morte e feito fama na região como curandeira e grande beldade. Tinha morrido jovem — Juan e Rosario sabiam que, embora tivesse adoecido, a morte estava longe de ser natural — e Adolfo Reyes, que a amava de verdade e colecionava imagens do santo (de fato haviam se conhecido assim), preservara seu templo. Tali agora continuava a tradição da mãe, que, para ela, era uma “guardiã” ou “promesseira”. Com Rosario, havia montado uma sala dedicada a São Morte no Museu de Arte Popular de Assunção, que

fazia parte da coleção permanente; era reconhecida como a melhor do Paraguai, da região e provavelmente do mundo.

Há anos organizavam-se celebrações semiclandestinas no santuário de Tali. Colonia Camila estava longe de qualquer cidade, perto do rio mas estranhamente isolada de balneários e portos: lá se podia ser devoto com relativa tranquilidade de um culto que desagradava a Igreja e provocava medo e desconfiança. Nos últimos tempos, Tali havia mantido seu santuário em discreto silêncio. Sabia de militares que destruíam altares domésticos durante invasões e às vezes sequestravam os proprietários, os detinham por algumas noites em uma delegacia apenas para demonstrar seu poder. Ela era filha de um homem rico e bem relacionado. Não iriam encostar nela, mas não custava nada tomar cuidado.

Adolfo Reyes também havia comprado vários hectares em torno do templo e da casa de sua filha porque a Capela do Diabo de Don Lorenzo Simonetti estava no terreno. Uma igreja construída por um imigrante italiano que, misteriosamente, nunca tinha sido consagrada. Tali a limpava à noite, iluminada por um lampião a querosene. Muitas pessoas haviam visto o resplendor nas janelas e contavam histórias sobre o que acontecia atrás das paredes, embora nenhuma fosse verdadeira. Juan havia confirmado, a Tali e a seu pai, mais de uma vez: a igreja era estranha, mas não era um lugar visitado. Como Adolfo Reyes gostava de se divertir, não se resignou: ele tinha inventado boatos, novas histórias, tanto que já era quase impossível diferenciar a ficção do simples fato histórico daquela capela e daquele povoado esquecido.

Lorenzo Simonetti havia chegado a Corrientes com seus oito filhos, viúvo, vindo da Itália. Em 1904, um ano depois de se estabelecer em Colonia Camila, começou a construir a capela sem pedir permissão às autoridades eclesiásticas. Era artesão: esculpiu a Virgem em pau-ferro e tentou imitar os traços de sua esposa, morta no parto. Fez todo o resto, a alvenaria, os bancos de madeira, o

vidro dos precários vitrais, com a ajuda de alguns vizinhos. Os sinos foram trazidos da Itália por um compatriota. O altar tinha flores de latão e desenhos de plantas. Uma igreja da selva e da fronteira, perto do Brasil e do Paraguai.

Don Lorenzo havia colocado todo seu entusiasmo na parede da sacristia. Lá ele expôs sua obra-prima, o motivo do medo dos vizinhos e possivelmente a razão pela qual a igreja não conseguira ser aceita pela Cúria. A escultura de madeira estava bem conservada apesar da passagem do tempo e do desgaste de algumas cores. Era uma visão do inferno, um retábulo de advertência: crianças com cabeças desproporcionalmente grandes e pernas tortas bailando danças ritualísticas ao redor de fogueiras, brincando com dragões e víboras. Mulheres nuas, com cobras enroladas na cintura. Entre elas, rostos alucinados, olhos redondos sempre abertos, mais répteis e, sobretudo, sapos, uma verdadeira obsessão pelos sapos em referência à praga do Egito. A cena do juízo final é completada pela figura de um homem sentado com um livro, que observa as horríveis cenas de dor com uma expressão impassível.

Uma vez terminada, Simonetti tentou doar a igreja à Cúria, mas, depois que dois sacerdotes a visitaram, sua oferta foi recusada. Houve mais negociações e mais recusas. Os motivos, aparentemente, eram burocráticos, mas todos se negavam a acreditar nessa explicação. Diziam que o retábulo representava a Salamanca, a reunião de bruxos com o demônio, o sabá *criollo*. Diziam que Don Lorenzo havia participado das cerimônias. Simonetti morreu tentando convencer os padres da sacralidade de sua obra. Talvez cumprindo uma promessa, fez o sacrifício — não era velho, mas estava doente — de ir a pé de Colonia Camila até Goya para se reunir com uma autoridade da Igreja. Quando voltou, deitou-se para descansar e pela manhã estava morto.

No maior armazém de Colonia Camila, aquele com um bar modesto, dizia-se que o fantasma de Simonetti havia sido visto trajando preto, a caminho de

Goya. Também corriam boatos sobre uma congregação obscura que dava as costas ao altar e se ajoelhava em frente ao retábulo do juízo final.

* * *

Ouviu-o antes de vê-lo, às seis da tarde, quando o sol incendiava o céu com uma chama amarela e as palmeiras ao longe pareciam sombras. Tali saiu correndo, o vestido branco cheirava a sabão de jasmim, que haviam trazido para ela do Paraguai, e na pressa esqueceu-se de se calçar. Hesitou quando ainda só o ouvia, mas quando o viu da pequena elevação de terreno onde estavam sua casa e seu templo, não teve dúvidas. Sob o sol do entardecer, os cabelos loiros tinham reflexos alaranjados e a camiseta preta se tingia de um azul crepuscular. Mesmo quando ele ria daquele jeito, com a boca aberta e as covinhas marcadas, com uma ponta de ternura no modo como movia as pernas longuíssimas que escorregavam na lama, mesmo quando estendia os braços e dizia a seu filho “vamos” e o menino dava pequenos passos a seu lado, mesmo naquela cena familiar e simples era compreensível que ele fosse conhecido como o Deus Dourado, seus braços com veias que pareciam cabos sob a pele e as mãos grandes demais, os dedos finos, as palmas largas e longas.

Ela nunca tinha visto um homem assim antes ou depois, e agora, ao voltar a vê-lo, parecia tão extraordinariamente bonito que sua visão ficava embaçada e olhar para ele era como ver um pôr do sol surpreendente, quando a natureza revela seu perigo e sua beleza.

— Agora você gosta de lama, *chamigo* — gritou. Esperava que sua voz saísse firme e assim foi, irônica e afetuosa ao mesmo tempo. Juan a reconheceu imediatamente.

— Tali, que desastre é esse? Estamos atolados!

Juan e seu filho — Gaspar, já grandinho, e esbelto — riam como loucos. Tali não podia acreditar. Esperava encontrá-lo tão raivoso e triste como quando o vira alguns meses antes. E agora ele estava ali na porta de sua casa, morrendo de rir com os pés afundados na lama, dizendo ao filho: “São as areias movediças de Corrientes!”

— Façam um esforço, chê; se vocês caírem, depois tomem um banho.

Tali se apoiou na porteira e relaxou para apreciar um espetáculo sem precedentes: o Deus Dourado divertindo-se com sua falta de jeito, brincando de afundar, fingindo gritar de medo. O menino, mais leve, saiu da lama primeiro, e Tali abriu a porteira para ele passar. Gaspar olhou-a nos olhos, curioso, alerta. Oi, Tali, disse. E se virou e aplaudiu aos gritos um escorregão que quase deixou seu pai estendido no caminho.

— Você sabe, Juancito, que a estrada de cá, do outro lado, é asfaltada.

— Você está de brincadeira.

— Mais ou menos. Só jogaram cascalho nela.

— Por que essa estrada é de cascalho? Dá em alguma fazenda grande?

— Não, mas isso aqui é Corrientes. Não dá para esperar lógica.

— Depois eu mudo o carro de lugar, então. Espero que não tenha atolado.

— Nós o empurramos.

Com um salto, Juan chegou a um trecho de grama seca e de lá, com dois passos de suas longas pernas, alcançou a porteira com facilidade. Tali pôde enfim vê-lo de perto e perceber que a luz do fim de tarde havia criado uma ilusão muito favorável: Juan estava com olheiras escuras e havia emagrecido; os olhos tão raros, com as íris de cores misturadas, feixes azuis, verdes e uma pitada de amarelo, estavam cansados e sonolentos. Contudo, o que fez Tali ter certeza de que a piada da lama não passava disso, uma piada, foi a palidez de Juan.

— Se eu não soubesse que está vivo, diria que você é um fantasma, chê, como você está branco.

Ele fingiu que não a ouviu e a abraçou com tanta força que a levantou do chão. Sujou seu vestido, mas Tali não se importou. Ela sentiu novamente, depois de tanto tempo, o corpo de Juan, que era firme e frágil; era reconfortante afundar em um peitoral tão largo e cheirar na camiseta o calor, a gasolina e o repelente de insetos. Sentiu com alívio que ele respirava profundamente. Tali ficou de olhos fechados, ouvindo a respiração dele e os insetos da noite que acordavam e zumbiam. Ele pegou a mão dela, e ela pôde sentir a tristeza na ponta dos dedos, como se a irradiasse. Tali também notou o curativo sujo que cobria uma ferida na palma da mão. Você precisa trocar esse pano, disse, e Juan não respondeu. Gaspar estava sentado no chão, tentando limpar os tênis brancos.

— Deixa, *mitaí*, eu lavo pra você — disse Tali, e imediatamente resolveu várias questões. Deu a mão a Gaspar, acenou para um dos garotos que trabalhavam na pequena propriedade que havia atrás da casa e mandou que ele trouxesse o carro pelo asfalto, e serviu tereré bem gelado na mesa da varanda. — Só tenho de verbena. Agora vou buscar alguma coisa para você, *mitaí*, gosta de Coca-Cola?

Quando voltou com o refrigerante, Juan estava estirado o melhor que podia na poltrona-rede e havia molhado o rosto com um pouco de água fresca.

— Você podia ter me avisado que viria, eu teria preparado alguma coisa para vocês, teria arrumado a casa.

— Não sabia se ia conseguir chegar sozinho, por isso corri um pouco. E, quando me dei conta de que estava muito cedo, preferi visitar você antes de ir para Puerto Reyes.

— Você está bem?

Ele não olhou para ela. Preferiu o vermelho do entardecer entre as árvores.

— E o pequeno, como está indo?

— Não falem como se eu não estivesse aqui — protestou Gaspar, franzindo o cenho, e deixou o copo de Coca sobre a mesa. Depois cruzou os braços.

— Está certo. Pergunta para ele.

— Que temperamento, menino. Você está bem?

— Às vezes sim, às vezes não. Sinto saudades da mamãe e fico com medo quando ele adocece. — E com uma expressão irritada, quase acusadora, apontou o dedo para o pai.

Tali abraçou o menino e sentou-o sobre suas pernas, embora Gaspar já estivesse grande demais para ficar no colo. Como ela não sabia o que fazer porque nunca ouvira um menino de seis anos falar com tanta clareza e sinceridade, disse-lhe vamos trocar esses tênis e perguntou se Juan havia trazido outro par. Claro, respondeu ele, e trouxe também sandálias, embora ele possa andar descalço por aqui. Não, descalço não, disse Tali, há insetos demais.

No banheiro ela lavou as pernas de Gaspar, trocou os tênis e a camiseta e o ouviu falar sobre os animais que tinha visto na estrada, incluindo um cervo com chifres. Ela achou estranhíssimo que houvesse um veado tão longe dos estuários, mas o que podia ser estranho com Juan por perto.

Tali conheceu Juan em Buenos Aires. Seu pai a levava para obrigá-la a estudar, mas Tali fugia da escola, jogava-se no chão, chorava. Rosario havia tentado segurá-la, dizendo que não era para tanto, que podiam se divertir na escola, e ela havia respondido que não era a escola o que ela odiava: era a cidade. Então Adolfo Reyes desistiu de educar sua filha mais nova no melhor colégio de Buenos Aires, como havia feito com Rosario, e deixou que ela voltasse para o norte, com seu templo e suas ervas e sua escola rural.

Rosario e ela eram amigas íntimas, além de irmãs por parte de pai. Tali havia chorado quando Rosario, aos 18 anos, fora para a Inglaterra estudar. Estava indo para a melhor universidade do mundo, dissera a Tali, e estava feliz.

Naquele ano Juan já tinha quinze e havia passado todo o verão em Puerto Reyes. Ele também estava muito triste. Em uma visita, Tali tinha ficado boba ao voltar a ver Juan na varanda fresca que dava para o rio. Ela crescera vendo filhos de imigrantes altos e loiros como aquele garoto, os suecos de Oberá, os alemães de Eldorado, os ucranianos de Aristóbulo del Valle. Em passeios com o pai, às vezes almoçava salsichas e admirava as orquídeas nas festas dos imigrantes; havia se apaixonado perdidamente por muitos daqueles jovens de olhos transparentes e pele escurecida pelo sol. Mas quando Juan se levantou da cadeira de vime e lhe deu dois beijos no rosto, todos aqueles homens e mulheres lhe pareceram esboços de um pintor desajeitado, rabiscos indecisos de uma mão que treinava até, finalmente, desenhar Juan e lhe dar vida e dizer é isso, era isso o que eu estava procurando, é o acabamento perfeito. Juan tinha 15 anos, ela, 17, e no entanto suas orelhas arderam quando ele a encarou em silêncio. Quer dar uma volta?, perguntou Tali. Não está muito quente. Claro, respondeu o garoto. Caminharam pelo jardim selvagem da casa. Ela contou a ele sobre os escandinavos de Oberá e perguntou se sua família também era de lá. Juan lhe disse que sim, mas que haviam se mudado para Buenos Aires quando ele nasceu porque estava muito doente. Talvez você ainda tenha família por aqui. Não sei, disse Juan.

Naquela noite, depois de jantar jacaré com mandioca frita, especialidade de Rufina, a cozinheira de Reyes, Juan arrancou uma folha do caderninho onde estivera rabiscando enquanto os outros tomavam café (ele não tomou) e entregou a ela: era um desenho de dois cachorros latindo para uma lua com raios que mais parecia um sol, mas era uma lua porque tinha rosto, e era um rosto de mulher; ao fundo ele havia desenhado dois prédios, duas torres baixas, uma para cada cachorro, e na frente deles um lago ou um tanque de onde saía um animal que podia ser uma lagosta ou um escorpião. Embaixo estava escrito La Lune e Tali reconheceu na hora que era uma das cartas do tarô que Rosario

tirava, a Lua do Tarô de Marselha. Sua irmã tentara ensiná-la, mas Tali preferia as cartas espanholas.

— Eu também posso ensinar a você, agora que ela foi embora — disse Juan.

— Como você sabe que eu quero aprender?

— Rosario me disse, ela falou que nunca soube te explicar direito. Eu sei ensinar melhor que ela.

— E o que significa esta carta?

— Depende da interpretação.

Juan guardou o lápis no bolso da camisa branca, impecável, que vestia. Não parecia doente, mas ela sabia que seu estado era grave. Por que eles o tinham escondido naqueles últimos anos?, perguntou-se à época. Soube pouco depois, violentamente.

* * *

Ainda guardava aquele desenho, aquela lua, aqueles cachorros.

Limpo e com cara de cansado, Gaspar se sentou na outra poltrona-rede. Não ia mais chover, mas a noite caía úmida e escura. Guillermito, o garoto que trabalhava na casa de Tali, acendeu as luzes do quintal e da varanda. Juan tirou a camisa e a sacudiu, para secar um pouco o suor. Vou trazer o ventilador para você, ofereceu Tali. Não, deixa, disse ele.

— Devem estar te procurando.

— Eles não podem me encontrar. Agora é mais difícil para mim manter o segredo, mas ainda consigo.

— Betty também não vem este ano?

— Nada mudou em relação a ela e sua filha. Não pode participar do Cerimonial até que eles decidam o que fazer com a menina. Para ela, por

enquanto, é muito conveniente. Quando souberem o que fazer com a filha, que provavelmente será tirá-la da mãe, veremos o que acontece.

— Chê, sabia que eles têm uns cachorros novos lá em Reyes? Tenho pavor deles, são enormes, parecem cavalos. Tem um preto que deve medir um metro e meio, chama-se Nix.

— Um cachorro não pode medir um metro e meio, não seja exagerada.

— O que é Nix? — quis saber Gaspar de repente.

— Juancito, esta criança é um perigo, ouve tudo.

— Nix é o nome da deusa grega da noite. É a noite.

— E está no meu livro?

— Acho que não, é uma deusa esquecida. Eu já falei sobre os deuses esquecidos. Eram adorados por poucas pessoas e, com o passar do tempo, por cada vez menos gente, então pararam de contar histórias sobre eles.

— Isso é muito triste.

— É triste, sim. Mas sabemos algumas coisas sobre Nix. Ela era casada com Érebo, que é a escuridão, que não é a mesma coisa que a noite, porque a escuridão pode ser encontrada de dia, por exemplo. E teve dois filhos, gêmeos, Hypnos e anatos. Hypnos é o sono, e anatos é a morte. São parecidos, mas obviamente não são iguais.

— E todos vivem juntos?

— Isso não se sabe, então você pode imaginar o que quiser.

Juan olhou para Tali e disse está lendo um livro sobre lendas. Prometi mostrar a ele o ceibo, por conta de Anahí. Em voz baixa, Tali disse esse daí vai se entediar na escola.

Guillermito se aproximou da mesa. Preciso que você vá procurar um colchão pequeno para o miúdo, disse Tali. Peça a Karina, ela tem um montão. Do canto do corredor surgiu uma menininha apenas um pouco maior que

Gaspar. Seus joelhos estavam sujos de lama, e o cabelo, preso em duas tranças bagunçadas.

— Laurita, chê, por que não leva o Gaspar para brincar um pouco com você? Quer brincar com ela, Gaspar? Depois chamamos vocês para comer.

As crianças demoraram um pouco a tomar coragem de interagir, mas Laurita contou a Gaspar sobre um cachorro que ela ganhara de presente e perguntou se ele queria vê-lo, e eles saíram. Tali notou que Juan os observava enquanto saíam mordendo os lábios.

— Não tem problema, a menina é daqui, está acostumada, vai cuidar dele melhor que você. O que você tem é normal.

— Nada é normal. Não consigo falar com ela.

— Com Rosario? Juan, você tem um Cerimonial dentro de alguns dias. Precisa se concentrar nisso.

Na luz fraca da varanda, Juan encarou-a com seus olhos oscilantes. Tirou a atadura da mão e mostrou-lhe a ferida. Tali analisou-a atentamente: não estava inchada, não estava infeccionada.

— Não consigo trazê-la nem com o signo da meia-noite. Se não posso me comunicar com ela nesse ritual, é porque alguém está me impedindo de alcançá-la.

— Alguém é capaz de fazer isso?

— Alguém poderoso seria capaz; várias pessoas trabalhando juntas também. Acho que são várias.

— Às vezes não atingimos nossos mortos, você sabe disso.

— Não acredito que seja isso neste caso.

— Você a sente em alguma parte?

Juan olhou para Tali e tirou uma mecha de cabelo do rosto.

— Eu não sinto nada.

Agora que já não se ouviam as vozes das crianças, Tali se aproximou de Juan e estendeu a mão. Vamos lá, vou te dar um banho e limpar essa mão, disse. Veja só, comprei uma banheira enorme, como se soubesse que iria precisar. Ele se levantou devagar, preguiçoso, e, no corredor que levava ao banheiro, Tali ficou na ponta dos pés e o beijou e o empurrou para o seu quarto e conseguiu fechar a porta com as costas. Era sempre um pouco violento ficar com Juan, mesmo quando ele tentava ser delicado, e agora ele nem sequer tentava; para Tali era dolorido abrir as pernas para receber o corpo largo, tinha sido dolorido cair no chão do quarto, a madeira doía em suas costas. Havia sempre um momento de pausa amorosa e delicada também, um empurrão, um deslizamento vertiginoso quando reconhecia as mãos que a despenteavam e ele se mexia dentro dela. E sempre havia um momento perigoso quando ela precisava pedir que ele, de alguma maneira, interrompesse aquilo que começava como uma sensação agradável, de tremor e febre, e terminava parecendo o avanço rápido da maré, uma onda quente e profunda demais que não se parecia ao prazer. Ele sempre a ouvia e se segurava: desta vez se sentou, puxando-a com apenas uma das mãos, e obrigou-a a encará-lo.

Depois, Juan se deitou nu na cama, de lado, e chorou de mãos dadas com Tali, que o conhecia o suficiente para ouvi-lo em silêncio e esperar. *Angá*, é a primeira vez que chora por ela, pensou, mas não disse isso, porque Juan não tolerava bem a compaixão. Acariciou os cabelos dele, tão finos e claros, que não haviam escurecido com a idade, como acontece com muitos loiros. Ele se desvencilhou dela com cuidado. Algum dia você vai ter alguém, quis saber, e Tali se deitou a seu lado, acendeu um cigarro, ofereceu-lhe um trago, ele fumou de olhos fechados e rosto molhado, não havia secado as lágrimas. Não, disse ela, você é o meu homem. Mas não tenho a coragem de Rosario. Não faria qualquer coisa por você.

Juan apagou o cigarro no cinzeiro da mesa de cabeceira e beijou Tali; ela, por baixo da nicotina e da verbena, sentiu o sal das lágrimas e o sabor químico da medicação. Vou procurar o Gaspar, disse ele e saiu, descalço e sem camisa, ainda com as pernas salpicadas de lama. Pouco depois Tali o ouviu falar com Gaspar perto da janela do quarto. Continuavam conversando sobre a deusa da noite e seus filhos gêmeos, tão parecidos, a morte e o sono.

* * *

Tali abriu espaço para Juan quando ele se enfiou em sua cama à noite. Tinha deixado Gaspar dormindo na sala: o garoto quis colocar o colchão lá e não em um quarto e não fazia sentido algum discutir, ele podia dormir onde quisesse. Juan havia tomado banho e tinha aquele ar distante que ela conhecia bem, então não encostou nele. Ele logo adormeceu. Estava de costas para ela. Na semiescuridão, ela conseguia ver a cicatriz que começava nas costelas e terminava nas costas, marca de uma das cirurgias da infância. Na primeira vez que o viu nu, as cicatrizes a impressionaram tanto que ela quase o rejeitou; além disso, era mais velha, o que estava fazendo na cama com um adolescente doente? Foi em Puerto Reyes, em um dos muitos quartos de hóspedes da mansão. Tali recordava aquela primeira vez como algo cuidadoso; ele era virgem e, embora estivesse tão cheio de hormônios como qualquer garoto de sua idade, mantinha certo distanciamento, como se pudesse estudar a situação e evitar a ansiedade adolescente. E, de alguma forma, ele podia. Era a doença, ele lhe explicou mais tarde. Cada coisa que fazia era uma negociação, um cálculo. Como se fosse seu dever cuidar e carregar uma delicada joia de cristal que nunca podia ser deixada de lado, nem mesmo num lugar seguro, e tivesse que se mover com cuidado para não danificá-la, não quebrá-la, pensando antes

de cada movimento, sempre na ponta dos pés, sempre se perguntando se aquele gesto brusco seria o acidente, a ruptura final.

Naquele verão, Tali havia sido iniciada na Ordem por Adolfo Reyes, seu pai, e foi convidada para o Cerimonial. Quando viu Juan no lugar de poder, desmaiou. Ninguém percebeu, todos estavam sob algum tipo de transe. O medo não durou muito. Há anos seu pai lhe falava sobre a Ordem e contava as histórias dos médiuns. Mas ela não esperava que o médium fosse Juan. Haviam escondido muito bem, a própria Rosario, tão próxima, escondera durante anos, e Tali entendia por quê.

Pouco mais de um ano depois, Juan foi a Londres para se submeter a uma cirurgia e reencontrar Rosario. Ficou vivendo na Inglaterra por algum tempo, mas o desastre o trouxe de volta. Tali não ficou com raiva quando soube que ele e Rosario estavam juntos, porque sabia que era assim que devia ser. Apenas chorou ao descobrir. Então tentou esquecê-lo e não conseguiu.

Tali adormeceu ao amanhecer, e, quando acordou apenas algumas horas depois, Juan e Gaspar estavam na cozinha preparando o café da manhã. Colocou um vestido fresco e se aproximou da bancada para ajudá-los. Gaspar lhe disse estamos fazendo coisas gostosas. Por um momento ela pensou por que não. Por que não tomar o lugar de sua irmã e cuidar de seu viúvo e de seu filho.

— Bom dia, meninos — disse.

Gaspar besuntava com extremo cuidado algumas torradas um pouco queimadas, porém perfeitamente comestíveis. Juan disse:

— A proteção do seu templo é uma tragédia.

Lá estava aquele tom depreciativo que ela odiava, aquela superioridade que a irritava.

— Eu não tenho a sua destreza.

— Isso está muito claro. Depois farei o que for necessário.

Gaspar lhe deu uma torrada. Tinha muita geleia, mas Tali a comeu assim mesmo. Juan continuava a preparar o mate. Tali decidiu não discutir.

— Vamos à lagoa mais tarde? — propôs.

— Vamos, vamos! — gritou Gaspar. — Eu já sei nadar.

— Está aprendendo — disse Juan.

— Podemos ir, não há mais palometas.

— O que são palometas?

— São peixes parecidos com as piranhas. Mas eles só mordem, não comem.

Gaspar arregalou os olhos.

— Quem sabe você tem sorte e vê alguma — disse Juan.

— Mas eu não quero ser mordido.

— Não se preocupe com isso, eu cuido de você.

— Posso ver TV?

Tali disse é claro, e levou leite e biscoitinhos para ele na sala. Quando voltou à cozinha, Juan estava sentado à mesa, fumando.

— Você acordou cedo?

— Tento levantar mais cedo, porque Gaspar acorda chorando.

Juan olhou nos olhos dela, e Tali viu uma raiva tão profunda que teve medo. Ele apagou o cigarro em uma xícara, sacou um caderno da bolsa e falou precisamos consertar esse templo. Vamos dar uma volta lá fora, disse ao filho, voltaremos daqui a pouco. O menino assentiu, hipnotizado pelos desenhos animados matinais, apesar de a antena ser muito precária e a imagem estar cheia de riscos verticais e chuva. Do lado de fora, Juan ficou de pé por um tempo no jardim de Tali, que era pequeno mas tinha flores de maracujá, crisântemos, dalias, não-me-esqueças, glicínias que se apoiavam em samambaias altas e chegavam até a casa e subiam a parede até o teto, dedaleiras purpúreas que pareciam capuzes e algumas orquídeas penduradas no tronco de um pessegueiro.

Tali seguiu Juan até o templo, que ela fechava com cadeado. Abria-o pouco; quase todos os fiéis vinham fazer suas oferendas em agosto. Quando alguém tinha um pedido especial, visitava-a primeiro, e nesse encontro combinavam uma data para o ritual.

— Quer entrar?

— Agora não.

Juan tinha aberto seu caderno e desenhava com um lápis muito pequeno ou que ao menos parecia pequeno entre seus dedos compridos. Quando desenhava de pé, sempre arqueava o corpo, colocava os quadris para frente e curvava as costas. Não demorou muito tempo: ao terminar, ergueu os óculos escuros para ver melhor se o resultado era satisfatório e secou a testa suada com a camiseta. Então se aproximou da porta do templo e a tocou, acariciou-a.

— Vem, Tali — disse.

Pediu a ela que segurasse o caderno para poder ver o desenho e tirou um canivete do bolso de trás de sua calça jeans. Fez um corte no dedo médio da mão direita, da ponta até a junta, e deixou a mão pendurada. Quando começou a sangrar o bastante, usou o dedo como lápis para reproduzir na porta branca o desenho do caderno. Tali olhou o selo. Era delicado e tinha a correção geométrica típica de Juan. Somente ao admirar o desenho de proteção, de aparente simplicidade, mas que até mesmo nela causava uma vaga repulsa, Tali se deu conta do silêncio.

— Com isto você nunca mais vai precisar de outra proteção. Pode até deixar a porta aberta. — Ele ficou em silêncio e encarou Tali. — É um selo que me foi dado recentemente.

— Você está pedindo proteção?

Juan olhou para o curativo na mão, sujo de sangue e suor.

— Estou procurando proteção, e eles me oferecem, devagar, como sempre. Você sabe muito bem que ainda não me deram o que realmente quero.

Então, com a mão boa, ele pediu o caderno.

— Se quiser nadar, te faço um bom curativo para você poder entrar na água.

Mais tarde, no banheiro, Tali limpou a ferida, pensando na sujeira daquela porta e na fragilidade de Juan; sabia que, para ele, uma infecção era muito perigosa. Ele a deixou fazer o curativo e apenas pediu que ajustasse melhor a atadura.

— Você está linda — disse quando ela terminou.

— Não fala isso, sabe que eu não gosto.

— Você sempre foi linda. Rosario era bonita, mas você é linda.

— Mas é ela quem você ama, então não me chame disso.

— Ah, mas se apaixonar não tem nada a ver com a beleza.

Tali colocou as mãos na cintura e precisou respirar fundo para não gritar.

— Juancito, você sabe que precisa me avisar antes de vir, porque, se não, acontecem essas coisas.

— Que coisas — disse ele, sentando-se de pernas cruzadas na borda da banheira.

— Acontece que eu nunca me esqueço de você, mas vou levando e estou feliz com minhas plantas, minha casa, meus cachorros, tenho minha cama e há noites em que escuto passos e imagino que é você, mas em outras, vou te dizer uma coisa, eu durmo supertranquila. E de repente você chega com o menino, e eu viro uma idiota, uma idiota, entende, pensando que vocês vão ficar e vamos viver juntos e todas essas bobagens. Penso até, olha só como são as coisas, que minha irmã ficaria feliz se vocês ficassem comigo. Minha pobre irmãzinha querida. Que raiva você me dá, puta que pariu.

Bateram suavemente na porta do banheiro, e Juan disse entra, filho. Gaspar entrou timidamente. Tali ficou de pé ao lado do vaso sanitário e arrumou o

cabelo, que estava muito comprido, quase na cintura. Às vezes pensava que estava um pouco velha para aquela juba. Gaspar nem olhou para ela.

— O que aconteceu com o seu dedo?

— Eu me cortei lá fora.

— Com o quê?

— Com uma garrafa quebrada que puseram no galinheiro para que os gatos não entrem.

— Está doendo?

— Não.

— Quando te cortaram aqui doeu à beça. — Gaspar apontou para o peito.

— Mas não tem nada a ver — respondeu Juan, e Tali viu que ele segurava o riso. — Isso é um cortezinho no dedo. E, além do mais, eu já te expliquei, o que dói no peito é o osso.

— Claro, porque eles serraram o seu osso para te operar.

— Ai, menino, não fale assim — disse Tali.

— Partiram ele, você não sabia? — Gaspar olhou para ela piscando, como se a luz o incomodasse. — Cortaram ele ao meio e depois costuraram de novo. Era para curar o coração, mas acho que não curaram direito.

Juan começou a gargalhar. Ele se levantou para erguer o filho nos braços.

— É que o seu pai é incurável! Você é um monstrinho, está assustando a Tali.

— Eu quero explicar pra ela.

— Eu já expliquei tudo por telefone há um tempão.

— Então eu não preciso explicar.

— Não, você não precisa explicar nada.

— E não vamos nadar?

— Vamos agora mesmo.

Juan beijou Gaspar na testa e pegou a mão de Tali para tirá-la do banheiro, mas ela disse vão vocês, os dois estão doidos. Eu quero me trocar e me lavar um pouco. Não faça drama, sussurrou Juan, e ela fez que não com a cabeça. Precisava de alguns minutos, olhar-se no espelho, pegar o protetor solar e as toalhas, lavar o rosto, limpar o sangue da banheira, esperar até que suas mãos parassem de tremer.

* * *

Vamos no meu carro, disse Tali, eu dirijo. A lagoa ficava perto, e era melhor para tomar banho do que o rio, traiçoeiro naquele trecho, com seus redemoinhos e bancos de areia. O calor era sufocante mas o céu estava limpo, nenhuma nuvem de chuva; talvez mais tarde, mas tomara que não, pensou Tali, a umidade de janeiro podia ser desesperadora. Depois de dar a partida, fez um carinho na perna de Juan; ele havia colocado uma calça de algodão e parecia muito desconfortável no banco do Renault, pequeno demais para ele. Gaspar estava em silêncio no banco de trás, e Tali tentou distraí-lo perguntando sobre os desenhos, mas como não teve resposta, desistiu. O garoto estava de luto, e ela também, e percebeu o quanto era triste aquele ar quente, o forno aberto do meio-dia em suas caras. A mãe dele estava morta. Nada seria suficiente para consolá-lo.

Parou o carro no acostamento e saiu.

— Vem, Gaspar, vou te mostrar uma coisa — disse ela do lado de fora ao menino.

Em frente a uma casa de madeira pintada de azul-celeste, que parecia estar prestes a desabar, havia um grande ceibo em flor. Gaspar desceu mal-humorado do carro, mas prestou atenção nela.

— Esta é a árvore da história que seu pai contou, da indiazinha, Anahí.

O menino se aproximou do tronco e, de baixo, ficou olhando as flores vermelhas.

— Tem um gato no galho.

— Deixa eu ver.

Tali se aproximou e olhou para cima; um gato amarelo dormia esparramado na sombra fresca das folhas. Gaspar continuava sério, e ela se abaixou para ficar da altura dele e olhá-lo nos olhos. A sua mãe continua te amando. Não pode mais estar aqui com você, mas ela te ama loucamente. Gaspar cobriu o rosto e começou a chorar aos soluços, e Tali o deixou, não olhou para o carro, não quis saber se Juan prestava atenção neles, se estava se aproximando para interrompê-los, se ia se enfurecer por ela fazer seu filho chorar. Ela não vai mais voltar, né?, perguntou-lhe Gaspar, e Tali não queria responder àquela pergunta, mas disse a ele o que devia dizer: não, ela não vai voltar. Você sabia que ela foi atropelada por um ônibus? Sim, você não se lembra que eu fui ao enterro, talvez não, quando a gente está muito triste se esquece das coisas.

— Tem muitos ônibus por aqui, eu não gosto.

Tali percebeu que ele estava morrendo de medo e quis abraçá-lo, mas nada na atitude do menino a autorizava a tocá-lo. Nisso ele se parece com o pai, pensou, são como gatos.

— Aqui nós os chamamos de micros. São diferentes dos ônibus.

Não iria se contentar com isso, mas pelo menos era verdade.

— Vamos nadar?

Não quer ficar longe do pai, pensou Tali, e, surpresa, pegou a mão que Gaspar lhe estendia. Ele continuou calado no carro, mas pelo menos olhava pela janela; antes havia mantido a cabeça baixa. Juan não disse nada, mas acendeu um cigarro e fumou devagar, enchendo os pulmões de fumaça como se o calor não fosse suficiente.

O resto do dia foi tranquilo e silencioso, apesar de as margens da lagoa estarem cheias de gente. Gaspar recebeu muitos aplausos quando conseguiu boiar sem que o pai o segurasse e, apesar de não ter comido muito no almoço, aceitou brincar de fazer poços quando alguns garotos carregando pás e baldes o convidaram. Fiquem por perto, para podermos ver vocês, disse Tali, e os garotos sim, senhora, e se acomodaram a menos de três metros. Juan foi nadar lagoa adentro, e Tali, sozinha, debaixo do guarda-sol, finalmente se acalmou. Já estava pronta para ouvir o que Juan tinha a dizer. Porque, ela percebia, ele tinha algo a dizer. Juan não era seu amante ocasional. Ela não era uma promessa de rio. Os dois eram membros da Ordem. Eles podiam brincar de se esquecer, mas não por muito tempo.

Gaspar continuava a fazer seu poço, que, segundo a mãe dos outros garotos, que os observava atentamente, parecia uma cratera. O rádio do carro estava ligado e ouvia-se um melancólico *chamamé*, uma mulher gorda caminhava pela margem com um cachorro preto que pulava e a fazia rir, dois homens jovens guardavam suas varas e iscas e peixes na parte de trás de uma caminhonete: seriam preparados na brasa em algum lugar. Tali reconheceu um homem que, dois meses antes, a procurara em busca de proteção e que ela deixara entrar no templo e rezar para o santo, sozinho, e benzera seu esqueleto com vinho e cinzas. Também reconheceu uma senhora que lhe pedira para tirar as cartas, perguntando pela filha: Tali a tinha visto morta, afogada, e contara isso à mulher. Uma das muitas garotas assassinadas pelos militares e jogadas nos rios, os olhos comidos pelos peixes, os pés emaranhados na vegetação, sereias mortas com a barriga cheia de chumbo. Tali não mentia, não dava falsas esperanças. Os pais e mães de jovens desaparecidos pela ditadura a procuravam para, pelo menos, descobrir como haviam morrido, se seu corpo estava em uma vala de ossos ou embaixo d'água ou em um cemitério perdido. A mulher não olhava para ela agora: brincava com uma garotinha. Seria a filha da jovem morta?

Lembrou-se daquele entardecer: chovia, o céu estava escuro, e a mulher quis ir embora assim mesmo, sem medo dos raios; Tali a tinha visto correr pela estrada de terra. Tali recolheu as cartas, empilhando-as em seu baralho, e ficou tomando mate, o cinza escuro do lado de fora, vendo o vento agitar o pessegueiro e as árvores ao longe, perto do rio. *Ka'aru*, pensou, precisava falar mais guarani, estava perdendo o idioma, passava tempo demais sozinha.

Juan voltou, e ela não o viu chegar pela praia; vinha por trás, tinha feito um desvio. Jogou-se ao seu lado, na toalha. Estava tão agitado que, depois de alguns minutos, Tali se assustou.

— Você tem noção da tragédia que seria você adoecer? Sabe o que eles podem fazer comigo? Temos que ir até Corrientes para você ser atendido. *Nde tavy*, caralho.

Juan não conseguiu responder por um tempo, e Tali aproveitou para encará-lo com desaprovação enquanto ele recuperava o fôlego.

— Não faça um escândalo — disse Juan, e bebeu Seven-Up no gargalo.

— Gaspar está brincando com a maior calma do mundo com aqueles garotos.

— Já sei. Precisamos conversar.

— Desde que você chegou precisamos conversar, eu percebi.

— Preciso da sua ajuda.

Juan se sentou de pernas cruzadas e de repente ele não era mais seu amigo nem seu amante, nem mesmo o homem que a deixava brava e por quem estava apaixonada. Era o médium. Tali sabia que as pessoas ao seu redor não conseguiam ouvir o que ele estava dizendo ou, se ouvissem, entendiam coisas diferentes ou pensavam que eles falavam uma língua que desconheciam. Ela percebeu porque o ar em volta deles pareceu tremer e os finos pelos do seu braço se arrepiaram como se, em vez do sol, um pedaço de gelo tocasse sua pele.

Há necessidade de fazer isso? Você já está em segredo e não há ninguém por perto.

Desconfio de todos. Desconfio de mim. Gaspar está preso. Eles querem que ele seja meu herdeiro. Porque herdou a minha habilidade de invocar a Escuridão ou porque vou transferir a minha consciência para o corpo dele quando chegar a hora. Dessa forma continuarei preso.

Já sabemos isso, por que você está me contando de novo?

Para me organizar. E para te fazer um pedido. Tenho certeza que mataram Rosario. Houve uma briga entre Rosario, a mãe dela e Florence. Foi quando eu estava internado. Rosario pediu que nos deixassem em paz. Disse que não podiam continuar me usando, que eu não queria mais invocar e que nunca entregaria Gaspar para que usassem seu corpo.

Tali sentiu uma tontura. O que ela estava ouvindo era impossível.

Minha irmã estava louca. Angá, como não a impedi?

Para eles é inconcebível que eu me recuse a usar o corpo de Gaspar. Eu disse a eles que usaria, claro. Rosario me contou sobre a briga pouco antes do acidente. Estava furiosa porque fazer o Cerimonial tinha me levado ao limite, mas colocou Gaspar em perigo. Como sempre, eles vão testar novamente se ele é médium, só que desta vez o resultado será positivo.

Você tem certeza disso? Talvez ele seja apenas sensível e nada mais.

Tenho certeza. Se conseguirmos evitar que eles percebam, se conseguirmos fazer com que o teste seja nulo como sempre, só teremos que esperar que ele atinja a idade para que eu ocupe seu corpo e nesses anos tenho certeza de que encontrarei uma forma de afastá-lo deles. Vai demorar, e isso me desespera, mas vou conseguir.

Por que Rosario não te contou isso antes?

Passei meses entrando e saindo do hospital até conseguirem me operar. Ela não teve coragem. Não sei.

Você não a culpa?

Sim, eu a culpo. Eu a culpo e a perdoo também.

Você pode se recusar a invocar?

Não. Eles vão me obrigar. Já fizeram isso anos atrás, quando eu me recusei porque estavam usando prisioneiros como sacrifício, um sacrifício que ninguém estava pedindo.

Tali olhou para as mãos. Ela também não conseguia se esquecer disso, de sua própria cumplicidade.

Ainda usam os sequestrados.

Eu sei, mas não posso enfrentá-los. Ameaçaram quebrar o pacto e ficar com Gaspar, criar Gaspar nos rituais, formá-lo, destruí-lo. Acreditam no que a Escuridão lhes diz. Ouvem, obedecem. E não têm mais ninguém que possa invocá-la. Mercedes está sempre procurando outros médiuns. É sacerdotisa de um deus que a ignora, assim como todos os sacerdotes de qualquer denominação são e foram ignorados por seus deuses. Seu deus fala comigo. Para ela sempre foi uma espécie de maldição ter um oráculo tão pouco confiável. Eu acredito na Escuridão, mas acreditar não significa obedecer. Como posso não acreditar se acontece com o meu corpo? Acontece no meu corpo. O que a Escuridão diz a eles não pode ser interpretado neste plano. A Escuridão é demente, é um deus selvagem, um deus louco.

O que eu quero saber é se você pode se recusar de verdade. Se quiser.

Claro que não, sou um escravo. Sou a boca. A Escuridão pode me encontrar, é uma batalha perdida. Tali, preciso te fazer um pedido. Preciso que trabalhe com Stephen para bloquear Gaspar. Eu faço a minha parte, mas não é suficiente, não mais, estou sozinho. Ontem ele viu uma aparição, e não era qualquer aparição. Imagino que agora começará o crescimento. Preciso que você o proteja deles em Puerto Reyes, que o esconda com a ajuda de Stephen.

Talvez eles queiram que você use o corpo dele.

Ainda faltam anos para isso. Tenho tempo e capacidade de enganá-los. O mais difícil será permanecer vivo. Preciso de tempo. Tempo para criar Gaspar e conseguir uma maneira de afastá-lo da Ordem. Farei o Cerimonial como sempre. Eu sou a porta aberta, não pode ser fechada, mas tenho que proteger Gaspar. Já me tiraram Rosario, por muitas razões, mas sobretudo para me enfraquecer. Tiramos a sua companheira para que ela não possa ajudá-lo a nos abandonar, para que ela não possa ajudá-lo a parar, em sua traição. Parar não é possível.

E ao dizer isso, Juan afrouxou o isolamento que lhes permitira falar quase sem mexer os lábios e Tali sentiu uma espécie de pequeno turbilhão à sua volta enquanto o sol, a lagoa, as pessoas eram borrados por um brilho dourado, como as miragens da estrada. Juan colocou a mão na testa de Tali, e a visão dela imediatamente voltou ao normal, e a dor de cabeça, que ameaçava ser forte, transformou-se numa palpitação fraca.

— Chega! — gritou, e com um golpe tirou a mão de Juan. As pessoas ao redor olharam para eles, e ela sorriu, fingindo que estavam brincando. Juan estava pálido. Então era verdade. Anos antes, ela se lembrava bem, não lhe custava quase nada gerar energia para falar em segredo. Agora estava usando a última que lhe restava para que ela não se sentisse mal, e isso ela não podia permitir. Tali se culpou por nunca ter aprendido a fazer aquilo também, ele havia se esforçado sozinho. Ela o abraçou para que ele não perdesse o equilíbrio. Não queria que Gaspar os visse se tocando, mas agora era preciso.

— Calma, o que você precisa, me fala o que devo fazer.

— Me deita — disse Juan, bem baixo.

Tali obedeceu e usou a bolsa como travesseiro, para acomodar sua cabeça. Ele levou dois dedos ao pescoço e o massageou gentilmente. Já não estava molhado da água da lagoa: estava encharcado de suor e respirava como se tivesse feito uma corrida. Tali observou Gaspar, que estava entretido construindo alguma coisa com a areia suja, uma estrutura sem forma clara. Os

outros garotos a decoravam com galhos e penas. Ela usou uma toalha para secar o suor de Juan, pelo menos no rosto e no peito.

— Se você puder, abra os olhos — disse a ele.

Juan olhou para ela e endireitou a cabeça sobre a bolsa. Ainda não conseguia se sentar. Suas pupilas estavam dilatadas.

— Chama o Gaspar.

— Se ele vir você assim, vai ficar assustado.

— Chame-o.

Gaspar chegou correndo, sujo de água e areia; ajoelhou-se ao lado do pai e perguntou o que ele queria. Nada, disse Juan, quero um abraço. Que tonto, disse Gaspar, e lhe envolveu o pescoço e ficou apoiado sobre o ombro do pai por um tempo, falando do castelo que estavam construindo perto da margem, depois vamos ler histórias de castelos? Na hora de dormir, disse Juan. Agora vou voltar para os meninos. Eles fazem castelos muito mal. Eu imagino. Quero um copo de Seven-Up. Leva a garrafa, divide com eles. Eles se chamam Sebastián e Gonzalo. Bem, leva dois copinhos de plástico, assim não precisam beber todos no gargalo, que é nojento.

Gaspar voltou à sua brincadeira com a garrafa e os copos, e os garotos o receberam comemorando.

* * *

Ficaram até o pôr do sol. Juan mal saiu da cama improvisada que Tali havia montado para ele até que Gaspar pediu para ir à água um pouco mais, antes que anoitecesse, e Juan o acompanhou. Fez o filho nadar com a cabeça fora e dentro da água. Ainda era um crawl básico, mas ele se saiu bem; não conseguia se soltar por muito tempo, mas fazia bem os movimentos.

— Como ele aprende rápido — parabenizou a mãe dos garotos do castelo de areia, quando eles voltavam à praia.

Juan disse que sim, que estava orgulhoso. A mulher, que era jovem, havia ficado tomando mate com Tali enquanto ele nadava com Gaspar; agora lhes oferecia chipa e pão doce. Isso aqui você adora, disse Juan dando uma chipa ao filho, que, assim que mordeu o pãozinho, sorriu e lembrou: havia comido chipa muitas vezes, anos antes, em Puerto Reyes. Juan também comeu e, antes de vestir a calça, procurou no bolso a medicação. Sem pudor, tomou na frente da mulher; instintivamente, ela lhe ofereceu um copo de soda para ajudá-lo a engolir.

— Nossa, eu admiro você só por conseguir engolir tudo junto; quando um antibiótico é muito grande, eu não consigo, não passa, devo ter algum defeito na garganta.

Juan sorriu.

— É que eu estou muito acostumado.

— Estava dizendo a sua mulher que mais tarde vamos fazer uma *chamameceada* lá perto do balneário do rio, se estiverem a fim. Vai vir mais gente com violões.

— Aqui a polícia não perturba muito quando as pessoas se reúnem — explicou Tali quando Juan olhou para ela com uma expressão de estranhamento.

— E os milicos também não — disse a mulher. — Uns anos atrás eles desmontavam tudo. Mas agora deixam. Estão relaxando. Vocês estão convidados, podem levar o menino também, é bem familiar.

— Você quer ir? — perguntou Juan a Gaspar. — Vão tocar música.

— E você quer?

— Eu estou perguntando a você.

— Sim.

— Você devia descansar — disse Tali em voz baixa, e Juan se aproximou dela, fez um carinho em sua mão e disse não se preocupe, eu sei o que estou fazendo.

— Vai ter empanadas também — disse a mulher para convencer Tali de vez.

— Viu? Assim você não precisa cozinhar.

— Não seja idiota, Juancito, por favor.

Não ficaram muito tempo. Tali achou as empanadas gordurosas demais, mas Gaspar gostou delas; não é um pouco estranho um garoto que come de tudo?, perguntou a Juan, e ele respondeu que para ser sincero não conhecia outros garotos, mas seu filho sempre havia sido assim, alimentá-lo era a coisa mais fácil do mundo, ele até ficava enjoado de comer sempre a mesma coisa e pedia variações. O baile não engrenava, exceto por alguns casais que se balançavam preguiçosamente ao som de canções como “Puente Pexoa” e “Kilómetro 11”. A noite estava abafada; do outro do lado do rio, depois das árvores, o céu estava limpo, um sinal de que a noite ficaria nublada, e havia um vento que não dava trégua, o vento úmido da tempestade. A mãe dos garotos do castelo de areia os encontrou e lhes ofereceu sopa paraguaia, cuidadosamente cortada em pedaços. A fumaça da churrasqueira trouxe o cheiro da carne, e Tali pediu um trocado a Juan para comprar um sanduíche de linguiça. Quando estava na fila, ouviu as conversas embriagadas dos homens — alguns olhavam para ela com olhos vermelhos; em outro momento, teria ido buscar Juan, mas agora queria evitar qualquer briga. Eles estavam bebendo vinho, vendido por litro, em latas de óleo de carro com as bordas rebitadas para evitar cortes. Para ignorá-los, concentrou-se na música e percebeu que não estavam mais tocando *chamamé*. Ela se virou e, entre a fumaça e a luz fraca de algumas lâmpadas e um lampião, viu uma garota com um rabo de cavalo comprido que cantava uma linda zamba, *tengo miedo que la noche me deje también sin alma, la añera es la pena buena y es mi sola compañía*. Quando

reencontrou Juan, que estava sentado num tronco, fumando, ele lhe disse: se ela estivesse cantando isso em outro lugar seria levada presa, todos nós seríamos levados, eles têm sorte aqui. A garota é muito bonita, você a conhece? Tali deu um tapa na cabeça dele, e seus cabelos loiros caíram no rosto; de repente Juan parecia um adolescente. Não, não a conheço. E nós não vamos ficar para que você a conheça. Você vai me desculpar, querida, mas eu gosto muito mais de *zamba* do que de *chamamé*. *Y en cada vaso de vino tiembla el lucero del alba*, cantava a garota. E, depois de dar boa noite e se apresentar, disse que ia cantar uma canção muito triste de um cantor que estava doente; não revelou o nome do cantor, e Juan disse que devia estar proibido. *No sé para qué volviste, si ya empezaba a olvidar, no sé si ya lo sabrás, lloré cuando vos te fuiste*, dizia a canção, e *qué pena me da saber que al final de este amor ya no queda nada*. Juan disse que não entendia muito de música, era Rosario quem ouvia, mas aquela canção era de Daniel Toro, está proibido, sim, e olha que são canções de amor. Rosario dizia que era uma estupidez proibi-lo porque todas suas canções são breguices, não tinham nada de político.

Breguices, pensou Tali. E ela estava a ponto de chorar por causa de uma daquelas breguices. Rosario, você sempre foi uma bela de uma sem vergonha, *chamiga*, maninha, pensou, como sinto sua falta.

— Sabe, eu não sei se as coisas estão mais calmas ou não. Toda vez que alguém me pede para tirar as cartas, vejo morte, morte, uma montanha de mortes. Sabe o que eu vejo? Uma guerra. Não aqui, no mar, no frio. Não tenho coragem de contar às pessoas, porque não irão mais confiar em mim.

— Tenho certeza de que você tem razão — disse Juan.

Gaspar bocejou. Vamos para a cama, filho? Comeu bem? Sim, a sopa que não é com água é deliciosa. Estava muito bem-feita, admitiu Tali. A garota do violão anunciou que aquela era a última música e, quando Tali deu partida no carro, ouviu “Gracias a la vida”.

— Que corajosa essa menina — disse Juan. — E vamos embora, porque a Rosario ouvia isso o dia inteiro com Betty e não quero que Gaspar se lembre.

Gaspar já estava dormindo no banco de trás. A estrada até a casa de Tali estava escura e, como era de terra, ela acelerou: havia atolado na lama muitas vezes. No entanto, a tempestade não caía; trovões distantes, relâmpagos e aquela iminência úmida. Quando era pequena, tinha medo de tempestades, mas agora, depois de tantos anos, não se importava mais, a não ser quando o rio enchia. A enchente não chegava a sua casa, que havia sido construída sobre uma colina, porém quase mais ninguém contava com esse luxo.

— Põe ele na minha cama — disse Tali, depois de apagar a luz. — Eu durmo no colchão esta noite. Seu filho precisa de você, dorme com ele.

Juan não discutiu, tirou a roupa de Gaspar e ligou o ventilador. A casa estava fresca. Tali o esperava na poltrona da sala. Nenhum dos dois estava com sono.

— Quer pedir ao santo pela sua saúde?

— Tali, não vai adiantar nada.

— Como você ficou desconfiado, chê, qual é o problema? Deixa eu te ajudar no que posso.

Juan ficou olhando para o teto por um tempo. Lá fora, finalmente começara a chover.

— A maioria dos pacientes que nasceram com um problema como o meu, naquela época em que as cirurgias eram experimentais, vive muito mal. Os que não morreram. Eu sobrevivi, mas nunca me recuperei e tenho complicações constantes. Pode-se dizer que eu tenho sorte.

— Então você vai deixar a morte chegar e pronto?

— Eu tentei e tento me curar de muitas maneiras além da medicina, e elas certamente me ajudaram. Já falamos disso muitas vezes. Não quero morrer, Tali. Tenho medo. Os que são como eu não morrem. Vão para a Escuridão.

— Isso você não sabe.

— Sim, eu sei. Às vezes escolho não acreditar. Quando acredito, faria qualquer coisa para evitar.

Juan se levantou.

— Vamos ver o santo. Quero que você o coloque debaixo da minha pele. Consegue? Pode me ajudar a viver, pode me dar tempo?

Tali se aproximou de Juan, acariciou suas olheiras inchadas, a barba por fazer. Depois pegou sua mão e o levou para fora de casa.

O templo era simples. O Senhor da Morte, não. Tali havia escolhido para o santuário uma escultura grande, de quase um metro, de prata. Usava um manto preto. Aproximou-se do esqueleto e encheu de uísque um copinho pequeno para oferecer a ele. Depois acendeu três velas vermelhas. Havia muitas outras no templo, e era ela quem precisava acender todas, porque era a guardiã.

— Não se mexe — disse. — Fica aí.

Tali acendeu todas as velas, algumas vermelhas, outras pretas, e colocou diante do santo cravos vermelhos, que ela mantinha em um jarro de vidro branco. Apagou a luz elétrica. O pequeno santuário iluminado por velas fazia o santo prateado tremer, sua capa preta, a foice se sobressaindo. Ao contrário de outras imagens que o representavam com uma coroa, seu São Morte tinha um crânio pelado, sem nenhum adorno. Também não usava capuz. Os olhos da caveira estavam iluminados por dentro por pedras brilhantes que apareciam ou não, de acordo com a chama das velas. E naquela noite elas queimavam como fogueiras. Tali nunca as havia visto ou sentido arder assim.

— Se ajoelha, Juan.

Ele obedeceu, e Tali agradeceu profundamente. Juan não gostava de cerimônias. Mas ela gostava, assim como sua irmã, e confiava em seu santo. Disse, em voz alta e clara:

Poderoso São Morte,

Eficiente advogado e protetor daqueles
Que te invocam,
Rogo por tua intercessão para que este doente
Recupere rapidamente a saúde.
Poderoso São Morte,
Até que chegue o momento final
Permita que viva plenamente
Para cumprir a missão que lhe foi confiada.
Que assim seja.
Amém.

A luz fazia o santo sorrir, e Tali sorriu de volta, mostrando os dentes, em entendimento mútuo. Então se aproximou dele, tocou seus pés de prata — que estavam quentes por causa do calor do dia — e abriu a caixinha de pau-santo que estava no altar, junto à imagem. Olhou os amuletos. Havia um esculpido em uma bala, benzido duas vezes. Ela mesma o conseguira, no cemitério de Mercedes. Sua mãe lhe indicara onde encontrá-lo. Não queria esse para Juan, havia estado sob a pele de um homem desprezível. Escolheu o seu favorito, aquele que ela pretendia guardar para sempre, mas que agora iria entregar a ele. Era de um estilo diferente. O senhor São Morte estava sentado em uma pedra, com os cotovelos sobre os joelhos e as mãos apoiando o queixo. Ela amava aquela representação inexplicável.

— Vou colocar o Senhor da Paciência no seu corpo, é o que você precisa. É de osso cristão. Só fica de pé.

Voltou ao altar com o uísque e uma gilete que ela desinfetou com álcool. O corte, no ombro, devia ter menos de três centímetros, e Tali foi precisa, tentou não cortar muito fundo. A pele de Juan era delicada e imediatamente se abriu. Ela mal levantou a pele — ao contrário de todos os outros devotos em que ela havia enxertado o santo, Juan nem sequer se mexeu nem respirou fundo nem

fez barulho algum, estava acostumado ao sofrimento físico — e inseriu cuidadosamente a escultura, que antes ela havia afundado em um copo cheio de álcool, embaixo do corte. Encheu a boca de uísque, cuspiu sobre o corte e disse algumas palavras em guarani. Ela também tinha ataduras limpas e, embora não fosse necessário porque a incisão era muito pequena e com sorte cicatrizaria rápido, fez um curativo.

— Pronto, meu amor — disse Tali. — É o amuleto mais poderoso que eu tenho e o que mais amo. Está vendo a luz? Nunca queima assim, alguma vela sempre se apaga. Desta vez nenhuma se apagou.

— O seu senhor vai ficar com raiva se eu te der um beijo?

— Não — disse Tali, e deixou que ele a beijasse. — Você quer dizer alguma coisa a ele? Se você não oferecer nada, aí sim ele pode se zangar.

Juan se aproximou do altar, colocou um cigarro aos pés do santo e, de joelhos, abaixou a cabeça. Tirou o curativo da mão e deixou cair algumas gotas de sangue num prato que estava diante da escultura. Então Tali se deu conta da enormidade do que havia ocorrido. O sangue de um homem como Juan era um prêmio para seu santuário.

Antes de sair, ele a segurou pela cintura e sussurrou em seu ouvido:

— O seu senhor pode guardar uma coisa? Com a proteção na porta, ninguém poderá entrar para procurar. Quero deixar aqui.

Juan tirou do bolso uma caixinha prateada: Tali já a havia visto e pensava que era uma caixa de remédio para guardar a medicação. Juan a abriu. Dentro havia uma longa mecha de cabelo castanho, trançado e cuidadosamente disposta em espiral. Uma mecha de Rosario, reconheceu imediatamente. Tali fechou a caixa, disse a ele claro que posso guardar e a colocou atrás do santo, debaixo de seu manto preto.

— Depois do Cerimonial você vem buscar.

Juan não respondeu, e Tali teve o pressentimento de que agora ela era a guardiã daquela relíquia, e que a estava guardando para algo mais ou para mais alguém. Do lado de fora não chovia mais. Tinha sido uma tempestade rápida. Saíram. No caminho de volta, Tali lhe disse:

— Não pensei que você ligasse tanto para o santo.

— Por quê? Eu sempre o respeitei.

— Sim, mas você nunca tinha pedido nada a ele.

— Preciso de toda ajuda que eu puder ter agora.

Sua respiração estava ofegante outra vez. Ela entrou na casa primeiro e espiou o quarto. Gaspar dormia de lado, tranquilo. Não havia pensado no menino, mas, enquanto fechava a porta com cuidado, imaginou-o acordado e sozinho na casa, e agradeceu por aquele sono tão pesado.

— Fiquei com vontade de tomar uísque — disse Juan. Tali preparou dois copos, com gelo.

— Acabei de trazer do Paraguai. É bem vagabundo, mas é uísque, já que você está com desejo. Está doendo?

— O ombro? Não.

— Por que a pergunta? Dói em algum outro lugar?

— Meu dedo está doendo. Minha mão está doendo. Algum inseto me picou nas costas, e essa picada está doendo também.

— Você devia tomar antibióticos, sabe disso.

— Com certeza você tem algum para me dar.

— Tenho porque as pessoas colocam os amuletos e não sabem se cuidar direito, infecciona, e eu não quero que ninguém ponha a culpa em mim.

— Não me dá nada agora. Mais tarde.

— Claro que mais tarde — disse Tali, tirando o vestido molhado e se deitando nua no chão. Juan se deitou a seu lado, e Tali esperou com os olhos fechados até que ele estivesse mais calmo e respirasse com menos dificuldade.

Ela acordou de manhã sozinha, no colchão, na sala. Juan a tinha coberto com um lençol fino e colocara o ventilador perto dela. Tali olhou para o relógio na parede. Seis da manhã. Muito cedo, mas não conseguia mais dormir. Foi até o quarto e observou Juan e Gaspar dormirem. Apesar do calor, estavam abraçados, Gaspar apoiado no peito do pai, o pai com o braço em volta da cintura do filho. Tali, na ponta dos pés, foi buscar a câmera Polaroid que tinha comprado em Assunção. A câmera fazia muito barulho, mas ela esperava que o ventilador, que também era barulhento, abafasse o som do clique. Eles não acordaram quando ela os fotografou, e Tali saiu do quarto para ver a imagem surgir lentamente no papel. A luz da manhã, filtrada pelas cortinas, provocara um efeito especial: os dois pareciam menos pálidos, mais dourados. Juan não gostava de fotos, por isso não tinha intenção de mostrar a ele aquela imagem roubada. Quando o papel secou, ela guardou a fotografia em cima da geladeira, onde ele não a encontraria.

* * *

Juan sentiu a dor do filho como um alarme que o despertou e naquela manhã conseguiu abraçá-lo antes que começasse a chorar, inconsolável, e acariciou seus cabelos até ele se acalmar. Levou Gaspar ao banheiro para lavar seu rosto e o deixou sozinho para que escovasse os dentes. Tali havia feito café da manhã para eles e deixara um bilhete sobre a mesa. Tinha ido à cidade comprar umas coisas de que precisava.

Juan escreveu na parte de trás do bilhete. Obrigado por tudo, fomos embora, nos vemos em PR. Esquentou o leite para Gaspar, que odiava tomá-lo frio. O garoto tinha subido num banco alto sem encosto e estava sentado. Estava desconfortável, tinha dificuldade em se equilibrar. Juan não disse nada, não pediu que ele se sentasse em uma cadeira, não conseguia falar com ele

naquela manhã; sua cabeça latejava, havia sonhado com corredores molhados e paredes com marcas de mão, com a luz negra que mordia.

— Aonde a gente vai?

— Vamos embora.

Gaspar empurrou o leite e cuspiu na mesa. Odiava nata. Não quero mais, é nojento, disse. Juan viu como a raiva endureceu suas mandíbulas, como ele trincava os dentes. Não quero ir, disse Gaspar cruzando os braços. E por que não, pensou Juan. Por que não deixá-lo ali, com Tali, ela que cuidasse de seu filho. Ele poderia visitá-lo de vez em quando. Ou não: dentro de alguns anos ele seria uma lembrança distante e Tali poderia ser sua mãe, seria criado entre os esqueletos e a igreja misteriosa, um garoto do rio que falaria guarani, que pescaria surubis. Noites de pacu grelhado e sexo na areia, os jangadeiros o cumprimentariam. Também podia abandoná-lo na estrada, em algum lugar perto do rio. Ou na porta de um hospital, de uma delegacia. Havia garotos perdidos em todo o país. Garotos roubados, garotos abandonados. Os garotos que eram tirados dos sequestrados. Alguém podia ficar com ele. As adoções ilegais eram uma epidemia. Gaspar tinha sorte, seria aceito de braços abertos: era lindo e não estava ferido, não muito, pelo menos. É claro que o que ele imaginava era impossível. Eles o encontrariam em minutos, estaria desprotegido. Tali era filha de Adolfo e uma iniciada periférica e rebelde, mas fazia parte da Ordem. Gaspar nunca estaria a salvo com ela. Não havia possibilidade de escapar. Podia fantasiar fugas, o que fazia com frequência, mas não apenas seriam pegos como também, ele precisava admitir, não queria renunciar a seu poder. Com todo seu ódio, seu desprezo, suas ambivalências, sua repulsa pela Ordem, o poder ainda era dele, e ele não possuía muitas coisas. É fácil renunciar quando se tem muito, pensou. Ele nunca tinha tido nada.

* * *

— Anda, vai se vestir.

Juan ficou de pé e disse me obedeça, vai, agora, e quando o garoto se recusou novamente, choramingando e com os braços cruzados, deu-lhe um tapa no rosto com a mão aberta, um tapa que virou seu rosto e o fez cambalear no banco, e finalmente perder o equilíbrio. Gaspar caiu com um golpe seco, de lado, e o banco também caiu no chão, perto dele, mas sem encostar nele. Juan se aproximou ignorando seus gritos, colocou-o sentado com um empurrão e viu a marca vermelha na bochecha e o lábio inchado. A pontada de arrependimento desapareceu quando Gaspar começou a chorar. Cala a boca, disse, e, puxando-o pelos cabelos, obrigou-o a encará-lo, a curvar o pescoço para trás. Sacudiu-lhe a cabeça, os cabelos macios se emaranhavam nos dedos porque o menino suava. Não seja frouxo, não foi nada. Gaspar tentou dizer alguma coisa, a cadeira, o tapa, e Juan o ameaçou de novo com a mão estendida até forçá-lo a parar de chorar. Anda, vai trocar de roupa, repetiu, é a última vez que eu digo. Gaspar obedeceu, correu até o quarto e não fechou a porta. Ia demorar a se vestir, primeiro teria que descarregar socando o travesseiro, gritando eu te odeio, eu te odeio, eu te odeio, mas isso Juan podia suportar.

O que não conseguia suportar era o sol daquela manhã, o cansaço, a dor constante no peito, que ele não sabia mais se era consequência da última cirurgia, da angústia ou de algum mecanismo do seu corpo que ia desmontando como um motor velho que irremediavelmente arrancava com cada vez mais dificuldade até o afogamento final.

Aproximou-se do quarto. Carregava nas mãos uma tesoura e um envelope. Gaspar tinha vestido uma bermuda e uma camiseta. Estava sentado na cama tentando fechar as sandálias, mas ainda não sabia como usar o velcro.

— Deixa que eu faço — disse Juan, e Gaspar olhou para ele com os olhos secos. Estendeu o pé para que o pai o ajudasse. Seu lábio estava inchado, mas

não sangrava. As sandálias franciscanas eram novas, e a princípio Gaspar as odiava, queria sempre calçar tênis. Talvez as tivesse escolhido para propor uma trégua. É inteligente, pensou Juan.

— Eu não te odeio — disse Gaspar. — Perdão, papai. Você me perdoa?

Juan não respondeu. Com uma tesoura que trouxera da cozinha, cortou uma mecha do cabelo de Gaspar, que olhou para ele surpreso. Juan não explicou nada, continuou cortando e colocou o cabelo no envelope. Depois traçou dois signos no papel: Tali saberia interpretá-los. Eram necessários para proteger Gaspar. Tocou as costas e lembrou que precisava lavar o corte onde Tali havia incrustado o Esqueleto Sagrado sob sua pele. Aquela região e seus ossos. Tantos ossos. Como os ossos do Outro Lugar nos quais Juan não queria pensar, recusava-se a pensar. Rosario lhe dizia que os guaranis, tradicionalmente, enterravam os mortos em panelas de barro e os mantinham por perto, às vezes em suas casas, porque acreditavam que podiam trazê-los de volta à vida. Eles até os guardavam naqueles inofensivos cestos artesanais de palha trançada, que ofereciam nos mercados e na beira das estradas: o cadáver ficava lá até apodrecer e se desfazer. Depois lavavam os ossos e a família os guardava em um recipiente de madeira. Aquelas palhoças antigas deviam feder. Rosario dizia que, em alguns relatos de padres evangelizadores, falava-se de templos onde esses ossos eram adorados, o esqueleto pendurado em uma rede decorada com penas. O lugar era perfumado, e o padre dizia que aquele esqueleto era um demônio e falava.

— Não esquece a mochila — disse, e se levantou da cama. Foi ao banheiro colocar álcool na ferida; não ardeu. Evitou se olhar no espelho. Depois foi buscar sua bolsa no quarto de Tali. Antes de sair, deixou o envelope com a mecha de cabelo do filho sobre a mesa, para que Tali a usasse. Esperou Gaspar no sol, no quintal da casa.

— O carro vai estar quente?

Juan olhou ao redor. O verde era atroz, lindo, tantos tons que era injusto chamá-los por um nome só. O carro estava estacionado na sombra, debaixo de um salgueiro.

— Um pouco, mas não pegou muito sol, não vai queimar.

— Quando olho para o sol minha cabeça dói. Aquelas flores estranhas aparecem no céu.

— Então não olha.

Juan também via as flores pretas no céu antes de uma enxaqueca. Nisso eles eram exata e estranhamente iguais. Em que mais eles se pareciam — esse era o problema.

Ligou o carro e teve dificuldade em manobrar no cascalho até a estrada. Na curva da saída, viu uma blitz, que estava parando carros e revistando portamalas: uma longa fila aguardava sua vez. Passou por eles quase sem olhar, fingindo curiosidade, e um dos policiais fez sinal para ele seguir em frente: segurava uma arma como se estivesse prestes a usá-la ou precisasse se defender. Juan acelerou um pouco, não a ponto de o policial pensar que ele estava fugindo, apenas o suficiente para demonstrar que havia entendido sua ordem. Gaspar, no banco de trás, olhou para ele assustado pelo espelho.

— Vem pra frente — disse Juan.

A Ordem nunca havia usado policiais ou militares para sacrifício. A coerência ideológica era impecável, pensou Juan. Sacrificavam apenas aqueles que seus amigos perseguiram e assim os ajudavam. Ele contribuía, mas não se sentia cúmplice. Sentia-se inocente. Ele também era um prisioneiro.

A paisagem agora estava manchada com o rosa das hortênsias, com o reflexo do rio entre os galhos quietos dos salgueiros, e começavam a aparecer as mulheres sentadas à beira da estrada, com seus cabelos compridos, grossos e emaranhados, vendendo cestos de palha, firmemente trançados com tiras vegetais de um verde muito claro e um marrom quase branco, marfim.

Estavam em silêncio com seus filhos correndo ao redor e perigosamente perto da estrada. Mulheres e cestos, salgueiros, crianças e cruzeiros. Gaspar quis saber sobre as cruzeiros; os meninos morenos e pequenos, desnutridos, não o interessavam. São de pessoas que morreram na estrada, em acidentes. Estão enterrados aqui? Não, são colocadas como lembrança, estão enterrados no cemitério como todo mundo.

Como todo mundo não, pensou Juan, mas era informação demais para aquela manhã. Ao lado da placa que dizia Bella Vista 80 km havia uma enorme cruz branca, decorada com papel crepom rosa, vários rosários e fitas para embrulhar presentes. Uma cruz recente, com a decoração intacta, que ainda não tinha desbotado com o calor ou a chuva. Um morto recente. Quanto tempo faltava para que Gaspar visse algum? Ele estava viajando fechado: não queria ver um atropelado cambaleante na estrada depois de ter visto Rosario na maca de metal do necrotério, os fêmures quebrados que haviam rasgado a pele das pernas e despontavam rosados de sangue, o rosto afundado onde a roda havia passado; parece uma *medialuna*, havia pensado, porque era assim que parecia de onde ele estava, ajoelhado no chão, porque não conseguia ficar de pé, as feições esmagadas, o nariz destroçado, os olhos em algum lugar do cérebro e a testa e o queixo sobressalentes, formando quase uma meia circunferência perfeita. Ele a cobriu depois de um tempo, depois de acariciar seus braços intactos e suas mãos estendidas. Um médico ou uma enfermeira lhe entregou um saquinho de nylon com os anéis de Rosario e suas caríssimas pulseiras. Juan não se lembrava se a pessoa do saquinho era médico ou enfermeira, homem ou mulher, mas se lembrava de ter lhe perguntado a quem devia ligar. Ele não sabia como continuar. A funerária, o enterro, o que fazer. E ela ou ele havia lhe explicado com paciência e clareza. Juan fez uma anotação mental, mas, antes de qualquer coisa, antes de ligar para Adolfo e Mercedes, de avisar aos guardas e aos advogados, parou um táxi na porta do hospital e deu o

endereço da escola de Gaspar. Não conseguiria fazer todos aqueles trâmites sozinho. Entendia que não era seu filho quem deveria acompanhá-lo na organização de um funeral. Entendia que era ele quem devia se encarregar de tudo e depois teria que consolá-lo, explicar a ele com delicadeza a morte da mãe. No entanto, ele não ligava para o que as pessoas normais faziam. Nem Gaspar, nem Rosario, nem ele eram normais.

— Mamãe não tem cruz na rua?

— Não, na cidade não se faz isso.

— Por que não?

— É um costume das estradas.

— Podemos fazer uma para ela?

Gaspar ficou calado, as mãos apoiadas no porta-luvas. Lá fora, as árvores baixas pareciam despenteadas, bagunçadas e definitivamente feias. Juan não ousou ultrapassar o caminhão que o atrasava e fedia a fertilizante. O caminhão dobrou em uma estrada de terra entre as árvores, e a estrada se abriu a jacarandás e ceibos; de repente tudo era violeta e vermelho, e Juan respirou fundo para controlar as palpitações que sentia no peito e no pescoço.

— Gaspar, pega a água para mim.

O garoto passou para ele a garrafa de vidro cheia de água fresca — que originalmente era de refrigerante, de Crush, que Gaspar adorava. O modesto isopor funcionava bem.

— E isso, o que é?

Juan olhou para onde apontava Gaspar, que tinha voltado para o banco da frente e bebia água gelada no gargalo.

— É um santuário.

Diminuiu a velocidade para ver de qual santo se tratava: não era o Gauchito, porque faltavam os típicos panos vermelhos.

Era San Güesito.

Quem é, quem é?, insistiu Gaspar. É um garoto da sua idade, mais ou menos. Foi morto por uns bêbados. Por quê, ele era mau? Os bêbados eram maus, não ele. Ele morava na rua, era um garoto pobre. Na rua, não, na verdade vivia por aqui, na selva, perto da estrada.

Gaspar ficou pensando, concentrado. Não posso contar a ele a verdade, pensou Juan, não posso explicar que Güesito foi estuprado antes de ser morto. Eram quantos? Não se lembrava, algumas pessoas diziam que eram cinco, outras, dez. Seu corpo havia sido mutilado, e a cabeça, usada em rituais. Foi assim que o encontraram, sangrando e sem cabeça na beira da estrada, fazia mais de vinte anos. Foi enterrado no cemitério de Goya, e seu túmulo estava coberto por todos os brinquedos que não havia conhecido em vida.

— Não quero descer — disse Gaspar.

Juan concordava com ele. Também não gostava de Güesito nem de sua efígie, um boneco moreno e seminu com os olhos pintados num estilo vagamente egípcio, delineados e cegos. Ele tinha curiosidade em saber o que haviam colocado na casinha de tijolos que o protegia, mas era melhor seguir viagem.

Uma placa anunciava 78 km. Podia chegar em uma hora a Bella Vista e teria tempo para conversar com o filho no caminho. Era mais fácil no carro: o movimento parecia hipnotizá-lo. Passariam a noite em um bom hotel, em Corrientes. Precisava disso antes de tentar o que tinha planejado. Precisava também invocar um certo tipo de energia sexual que seria difícil de encontrar naqueles povoados. Podia deixar esse problema para mais tarde.

— Gaspar, você viu alguma outra senhora como a do hotel?

— Senhoras não.

Juan ajustou os óculos escuros. Ele gostou que Gaspar entendeu exatamente o que ele estava perguntando. Olhou para ele e viu que no ombro do garoto — havia tirado a camiseta por causa do calor — crescia um hematoma. A pancada

no chão quando ele o derrubou da cadeira ao estapeá-lo. Juan passou o dedo suavemente pela mancha escura.

— Então?

— No rio, quando comemos a sopa que não era de água e havia música, um homem saiu da água.

— E como você soube que era igual à senhora do hotel?

— Porque estava pelado e todo inchado e não podia estar assim. Então fiz como você me ensinou, e ele foi embora.

— Ele foi embora logo?

— Sim.

Impressionante, pensou Juan.

— Você ficou com medo?

Gaspar hesitou um minuto e passou a mão pela testa. Seu gesto de preocupação. O outro era cerrar o punho esquerdo. Muitas vezes Juan tinha que obrigá-lo a estender os dedos e não era pouca a força que Gaspar colocava naquele gesto de ansiedade. Vai morrer jovem se continuar nervoso desse jeito, dissera uma vez a Rosario, e ela, furiosa, tinha gritado que ele nunca mais dissesse uma coisa dessas de Gaspar, como é que ele podia ser tão bruto, nosso filho não vai morrer. Tudo isso parecia distante agora, aquela discussão de madrugada, Rosario pegando o travesseiro para dormir em outro quarto, a porta batendo e o perfume caro nos lençóis.

— Eu não gostei — respondeu Gaspar.

— Me dá a sua mão, vamos jurar para que você veja que eu não estou mentindo.

Juan diminuiu a velocidade. A estrada estava vazia, então podia dirigir com apenas uma das mãos e olhar nos olhos do filho.

— Eu juro. Não podem fazer nada com você. Não são homens e mulheres, são ecos. Sabe quando você grita na garagem de casa e escuta o grito de novo?

Mas na segunda vez já não é a sua voz. É a mesma coisa. Eles foram pessoas em algum momento, em algum momento foram a senhora do hotel e o senhor do rio, mas agora não são mais. Não podem fazer nada com você. Não podem te machucar porque nem podem te tocar. Podem se aproximar, mas não podem te tocar. Eu juro.

— E por que nós os vemos?

— Tem gente que consegue vê-los. Tem gente que consegue ver muitas outras coisas.

— Você vê outras coisas.

Não era uma pergunta.

— Sim.

— E eu também?

— Não sei. Se você quiser, vamos fazer um teste. E, se quiser, existe também um jeito de você ver os que são como o senhor e a senhora apenas quando tiver vontade.

— Quando eu tiver vontade?

— Claro.

— E por que eu teria vontade?

Era uma boa pergunta. Juan riu.

— Então vou te ensinar a nunca mais vê-los.

— As flores negras são como as senhoras que não são? Porque eu vi as flores ao lado das nuvens e agora a minha cabeça está doendo.

— Onde está doendo?

— Aqui no olho.

Juan esticou o braço até o banco de trás e tateou até encontrar a bolsa. Precisava dar uma aspirina ao filho agora, antes que a enxaqueca se instalasse. Toma este comprimido com água, disse, e fica quieto com os olhos fechados. Gaspar havia herdado as paralisantes dores de cabeça de sua família. Aos

sortudos que tinham enxaquecas comuns, era impossível explicar aquelas marteladas embaixo do crânio, os olhos como se fossem duas pedras encrustadas no rosto, a luz como uma faca, cada barulho amplificado. E as náuseas.

Para ele, isso não era o pior. O pior era que não podia tirar a dor de Gaspar. As únicas dores que podia tirar eram as que ele mesmo causava.

— Quero vomitar papai — disse Gaspar quinze minutos depois, e Juan parou o carro na beira da estrada e abriu a porta para que o garoto pudesse vomitar no asfalto e não se sujasse. Segurou-o pela testa e pelo cabelo atrás da nuca e sentiu o esforço do corpo de Gaspar, que se contraía e transpirava de dor. Ele teria que parar em algum lugar fresco e escuro para o menino dormir; caso contrário, debaixo daquela luz de meio-dia, as horas de enxaqueca seriam insuportáveis. Tinha que voltar para a casa de Tali. Pegou um pouco de gelo no isopor e passou na testa de Gaspar, que pressionava as têmporas como um adulto.

— Não chora, é pior — disse.

Gaspar vomitou novamente. Ele não tinha mais nada no estômago, e o esforço o fez tremer. Juan estava tão concentrado em segurar sua cabeça que não notou o carro parando a seu lado. Ouviu a voz antes de se dar conta da presença do carro e se irritou consigo mesmo; estava perdendo reflexos, o que estava acontecendo com ele?

— Bom dia, vocês estão bem?

Juan se virou. A seu lado havia um Peugeot, e quem falava com ele, o motorista, era obviamente um portenho jovem e inofensivo. Agora estava alerta e absorvia o estranho com toda a atenção. Confiável, soube com toda certeza. Mais um inocente.

— Meu filho está passando mal.

— Precisam de ajuda? A duzentos metros daqui há um armazém, estou hospedado com a família, eles têm telefone.

A duzentos metros daqui? No monte? Juan sentiu uma leve pontada de desconfiança e ao mesmo tempo percebeu que o jovem do carro também era persistente. Lá, no norte, a ditadura era menos opressiva, mas qualquer pessoa consciente no mínimo acionava os alarmes diante de uma situação estranha. Mas, Juan pensou, aquela não era uma situação estranha: um garoto passando mal na estrada, no verão. Isso era normal. Ele podia aceitar a ajuda, e o estranho agia com naturalidade ao oferecê-la. Nada indicava perigo.

— A loja está escondida da estrada, os negócios não devem estar indo muito bem.

— As pessoas daqui sabem onde fica, você está vendo o caminho?

O jovem o tratava por “você”, outro bom sinal. Juan viu a estrada de terra: havia até uma pequena placa de madeira que dizia, em letras brancas, “armazém Karlen”.

— Olha, meu filho está com enxaqueca. O que ele precisa é de um lugar escuro e fresco para descansar, não uma loja com pessoas fazendo barulho. Eu estava indo procurar um hotel.

O estranho assentiu.

— A família mora lá, e tenho certeza de que podem conseguir um lugar para ele em algum dos cômodos. São duzentos metros.

Juan encarou o estranho. Tinha cabelos cacheados e, embora não estivesse com eles naquele momento, dava para ver que usava óculos: as marcas eram visíveis no nariz. O carro estava bastante sujo: vinha viajando. A camisa bege que ele vestia estava limpa. Poderia usá-la mais tarde se quisesse.

— Eu te sigo — disse Juan.

O armazém Karlen apareceu logo depois. Era uma construção modesta, metade de tijolos, metade de madeira, com um estacionamento amplo, um

pátio e, nos fundos, a casa da família, pintada de branco. O estabelecimento tinha uma galeria com uma mesa comprida que, naquele momento, apesar de ser meio-dia, estava vazia. Havia dois homens tomando alguma bebida, cachaça talvez, encostados no parapeito. O estranho do carro desceu primeiro e falou com a mulher que estava em pé na porta, uma mulher de vestido florido, avental e coque grisalho. Assim que ouviu o que o estranho tinha a dizer, correu para o carro de Juan, que tinha aberto a porta do lado do motorista e continuava a passar gelo na testa de Gaspar; o garoto não mexia a cabeça: já sabia que o movimento aumentava a dor.

A mulher se apresentou como Zulema, a esposa de Karlen, dona do armazém e da serralha, e disse a Juan que, se ele quisesse deitar o garoto na cama de seu filho, para ela seria um prazer. Talvez a criança esteja com mau-olhado, disse, depois que Juan se apresentou e lhe falou que o garoto se chamava Gaspar. Pode ser que sim, respondeu Juan, mas não conheço muita gente que saiba curar bem o mau-olhado. Nisso o senhor tem razão, disse a esposa de Karlen, como se diz por aí, há muitos picaretas. Venham por aqui. Minha mãe sofria com essas dores, mas eu nunca tinha visto um garoto com enxaqueca. Não será insolação? Talvez, disse Juan. O tom da mulher era vagamente crítico, um homem que não sabe cuidar bem do filho, pensava, mas Juan não se incomodou: alguma razão ela tinha. Não havia comprado um chapéu para Gaspar, por exemplo. Não o obrigava a usar o cinto de segurança e quando ele o irritava, era capaz de estapeá-lo com uma violência ainda maior do que a daquela manhã. Ele seguiu a mulher com Gaspar nos braços.

— Meu marido e meu filho estão na ilha — disse a mulher, como se Juan soubesse do que ela estava falando. A casa dos fundos tinha chão de cimento, e uma adolescente varria o pátio com uma vassoura feita de folhas de palmeira. A casa, com seus quartos separados por cortinas de tiras de plástico em vez de portas, era surpreendentemente fresca. Sobre a mesa, Juan viu um vinho

aberto, um arranjo de flores de plástico e santinhos da Virgem de Itatí enquadradamente nas paredes. A geladeira fazia barulho.

— Aqui — disse a esposa de Karlen, e abriu a cortina de plástico de um pequeno quarto, com uma cama de solteiro e a janela fechada por venezianas de madeira.

Juan precisou piscar para se acostumar com o escuro e deitou Gaspar na cama com cuidado. A mulher desapareceu na cozinha e voltou com uma pequena panela de alumínio com água, gelo e um lenço para molhar. Juan agradeceu, e ela perguntou se ele queria batatas. Sim, disse Juan, mas eu as corto, a senhora precisa atender os clientes. É só um segundo, disse a mulher. Não sei como agradecer, disse Juan, e a esposa de Karlen o ignorou.

Juan tirou o travesseiro para não o molhar e pediu a Gaspar que se virasse de lado. Por experiência própria, sabia que era melhor e além disso o impedia de se engasgar com o vômito, caso as náuseas voltassem. Mergulhou o lenço na panelinha de água e gelo e o colocou na cabeça de Gaspar, como um gorro. A esposa de Karlen trouxe várias rodela de batata, cortadas bem finas, e as entregou a Juan, que as colocou na testa de Gaspar. Quando o garoto soltou sua mão, quando pegou no sono com a boca aberta e os olhos cobertos pelo lenço gelado, Juan pensou em sair, entrar no carro e abandoná-lo lá, naquele armazém perdido. Seria o melhor para você, filho, pensou. Imaginou-o crescido, atendendo atrás do balcão ou, quem sabe, até conduzindo a jangada. Se ele o abandonasse, seria um homem raivoso e calado, mas havia muitos homens assim. Saiu do quarto. Do lado de fora, a garota que estava varrendo perguntou-lhe em voz baixa se o pequeno se sentia melhor, e ele disse que estava dormindo, que estaria bem quando acordasse. Sorte que meu irmão e meu pai estão na ilha, assim temos lugar, senão eu emprestava o meu quarto, mas o dele é o melhor. Onde eles estão, perguntou Juan. Estão na ilha, no trabalho. Eles têm uma serraria? Apenas para fazer caixotes de frutas. De limões

e laranjas. Se o senhor quiser, pode ir lá beber alguma coisa, disse. Se o menino acordar, eu aviso, vou tirar um cochilo de algumas horas, mas tenho um sono muito leve.

A gentileza dos estranhos, pensou Juan. Não haveria encontrado gente generosa e desinteressada demais? Não seria um sinal, não estaria diante de uma armadilha, uma encenação? Fechou os olhos para se concentrar melhor enquanto caminhava em direção ao armazém. Não conseguia sentir nenhuma emboscada. As cigarras gritavam, os pássaros estavam mudos, ele percebeu que nos campos pulsava uma violência antiga e também uma mais recente, mas nenhuma dirigida a ele ou a seu filho. O que ele sentiu, como uma onda, foi o desejo do estranho do Peugeot que se apresentara como Andrés.

Agora havia dois homens comendo na mesa do armazém: um estava terminando um prato de macarrão, e o outro mordiscava um sanduíche distraidamente. Os que bebiam álcool encostados no parapeito continuavam lá e falavam de um *manguruyú*. Juan tentou lembrar o que a palavra significava: era um peixe, ele achava. Um deles disse “sou mais feio que comer cavala cozida com mate no café da manhã” e Juan sorriu: o homem que falava era realmente feio, tinha a cara marcada por alguma doença da infância e era gordinho, baixo, parecia as imagens estereotipadas dos duendes da sesta.

Andrés, o estranho do Peugeot, saiu do armazém com a esposa de Karlen e, depois de perguntar por Gaspar, quis saber o que Juan queria beber, como se fosse um empregado. Que ele não era um empregado, estava evidente em seus gestos, seu sotaque do Bairro Norte de Buenos Aires, na qualidade de suas roupas.

— Um refrigerante. Bem gelado se tiverem.

— Tem, você não sabe como são geladas as geladeiras por estes lados.

Juan levantou uma sobrancelha. Sabia sim.

— Você trabalha aqui?

— Fiquei com eles por alguns dias e, como não aceitam dinheiro, estou ajudando no armazém antes de ir embora.

Andrés abriu uma garrafa de Crush com dificuldade. Estava nervoso. Não se sentou à mesa até os dois caminhoneiros saírem e os do parapeito, já bastante bêbados, irem descansar embaixo de um salgueiro; Juan se deu conta de repente de que estavam muito perto de uma lagoa.

— Não quer comer alguma coisa?

— Talvez mais tarde — disse Juan, e ficou olhando a garrafa de Crush vazia que havia tomado em três goles, no gargalo.

Andrés ajeitou os cachos que estavam bem grandes e explicou como havia chegado ao armazém. Disse que era fotógrafo, que estava fazendo um trabalho sobre a Mesopotâmia. Chamou-o assim: “um trabalho”. Fotografava pessoas, sobretudo. Os Karlen o haviam deixado entrar em sua intimidade, e ele não apenas os fotografou no armazém e em sua casa, como também na serraria da ilha do Paraná, onde à noite os macacos bugios gritavam e brigavam. Contou sobre a viagem rio abaixo: de barco na ida e de jangada na volta. Agora os homens estavam na ilha outra vez. Contou também sobre um baile que havia fotografado apenas duas noites antes: os filhos de Karlen o haviam levado de trator porque a chuva tinha enlameado demais as estradas de terra. Juan ouviu com atenção. Por que Corrientes, por que esta região?, quis saber. Porque não conheço a Argentina, disse Andrés. Vivi muitos anos na Itália.

— E por que você voltou? Não tem medo dos milicos?

Andrés estremeceu.

— Não precisa ficar paranoico — disse Juan.

— Para onde vocês estão indo?

Juan sabia que devia uma explicação a ele e que também era a única forma de inspirar confiança. O fotógrafo tinha sido simpático, embora talvez não inteiramente desinteressado. Juan custara a entender, mas sabia o efeito que sua

aparência provocava em homens e mulheres. Havia aprendido a entender o desejo dos outros e a usá-lo se não fosse capaz de desfrutá-lo.

— Vamos visitar meus sogros, em Posadas.

Não contaria a verdade, mas sim uma versão paralela crível, similar, espelhada.

— São ricos. Eu podia ter vindo de avião, mas quis fazer a viagem de carro. Também não conheço bem o país.

Não fazia sentido mentir para ele porque, quando Gaspar acordasse, ia falar — sempre, além disso, ele também ficava estranhamente conversador depois de uma enxaqueca —, então lhe disse que era viúvo e que era a primeira vez que viajava sozinho com o filho.

Da porta do armazém, a esposa de Karlen ouviu a conversa e se apressou em trazer um prato com bife à milanesa e purê dizendo que ele precisava comer alguma coisa. Depois, avisou que ela também ia dormir a sesta.

— Assim que o menino acordar, eu lhe aviso. Entre na casa quando quiser vê-lo.

Andrés quis saber por que seus sogros eram ricos, e Juan lhe disse que tinham uma importante madeireira. Depois perguntou se podia usar a poltrona-rede que estava perto da porta, e Andrés disse que sim e trouxe outra de dentro do estabelecimento. Trouxe também duas cervejas. Juan pegou dinheiro do bolso e pediu que o fotógrafo colocasse depois no caixa ou onde quer que os Karlen guardassem a grana. Pediu outro refrigerante, não quero beber e dirigir, disse. Pensei que vocês fossem ficar mais. Não, amanhã tenho que estar em Posadas.

O fotógrafo pareceu decepcionado e depois disse que estava ficando cansado de fotografar pessoas. Que tinha começado a tirar fotos dos santos da estrada. Havia ficado muito impressionado com o altar de São Güesito; mais ainda

depois de conhecer a história, e que era isso que estava indo fazer quando os encontrou na estrada, fotografar mais altares.

— Não quero te atrapalhar — disse Juan. — Vai lá, ainda há boa luz.

— Prefiro ficar com você — disse o fotógrafo, ousado, e bebeu um gole da cerveja. — Você me interessa mais do que qualquer outra coisa agora.

Juan mal sorriu. Agora ele tinha que dar o passo seguinte.

— Que coragem. Não sei se eu ousaria tentar dar em cima de alguém por aqui, com tantos valentões armados e meio bêbados.

— Não se engane. Você não sabe como se trepa por aqui. No baile, na outra noite, trepei mais do que em todo tempo que vivi na Itália. Eles não têm freio.

Juan riu.

— Você conhece a Capela do Diabo? Precisa fotografá-la.

— Já ouvi alguma coisa a respeito, as pessoas têm medo.

— Rezam missas lá. Embora não esteja consagrada. É o que dizem. Em vez de vinho, usam água de um recipiente onde um bebê não batizado foi banhado. Seria mais adequado uma taça de sangue, não? Mas preferem água suja.

— E por que fazem essas missas? — quis saber o fotógrafo.

— Pelo motivo de sempre: fazer mal a alguém. Você tira fotos à noite? Então pode ir ver se acontece alguma coisa. Se acontecer algo, com certeza será numa sexta-feira.

— Você acredita nessas coisas?

— Não — mentiu novamente Juan. — Minha mulher acreditava muito. Se você já está por aqui há algum tempo, não preciso explicar que todos são meio bruxos. Vou ver como o meu filho está.

Na casa o silêncio era total, exceto pelo zumbido suave dos ventiladores. Foi direto ao quarto onde Gaspar dormia e cuidadosamente retirou as finas rodela de batata, que estavam quentes e secas; ainda restava gelo na panela, e ele voltou a encharcar o lenço. Conseguiu fazer isso sem acordar o menino. Saiu tentando não fazer barulho. Quando voltou ao armazém, o fotógrafo havia pegado um ventilador do estabelecimento e o esperava com outro refrigerante. Uma Coca-Cola. Também não podia bebê-la. Parecia uma piada: o fotógrafo queria agradá-lo e errava toda vez. Além disso, ele havia tirado a camisa. Era magro e sem pelos no peito, o que era surpreendente porque seus braços eram escuros de tão peludos. O fotógrafo estava nervoso. Juan não fez nada para acalmá-lo. Sentou-se perto dele e pediu que contasse mais sobre suas fotos. Andrés falou das ilhas do rio e do medo que havia sentido das brigas dos macacos. Não tinha conseguido fotografar nenhum. Não se interessava por fotos de animais, disse. Só as faria por dinheiro. Se a National Geographic me contratar, claro. Ele gostava era de pessoas e prédios. Na Itália havia se cansado dos edifícios, porque tudo era histórico ou extravagante, mas agora, nas casas simples e aparentemente iguais do Litoral, havia tomado gosto de novo pelos lugares onde as pessoas vivem. Juan esteve a ponto de dizer a ele que devia explorar mais, que a região tinha mansões extraordinárias, de pedra branca em meio a parques com palmeiras que ocupavam hectares inteiros. Preferiu perguntar se ele conhecia Veneza e ouviu o que o fotógrafo tinha a dizer sobre os canais e o Palácio Ducal. *I stood in Venice/ A palace and a prison on each hand*, pensou Juan, que se lembrava bem dos versos. Tirou a camisa, devagar: fazia muito calor. Esperou pela reação do fotógrafo: nem todos se impressionavam. Alguns ficavam mais ou menos indiferentes às cicatrizes das

operações, nem todos tinham informação suficiente para compreender seu significado ou sua gravidade.

O fotógrafo, no entanto, entendeu. Meu Deus, sussurrou, mas não com pena: com surpresa.

— O que aconteceu com você?

— São cicatrizes de cirurgias. Não atiraram em mim nem nada parecido. Não sou um revolucionário ferido.

O fotógrafo murmurou que não havia pensado isso. E então Juan lhe contou tudo: que tinha nascido com um problema cardíaco muito grave. E que havia sido operado muitas vezes quando era criança. E mais uma quando era adolescente, na Europa. A última fazia uns seis meses.

— Seis meses? E você já está andando sozinho por aqui?

— Estou recuperado — disse Juan. Olhou o fotógrafo nos olhos e se apoiou no encosto da cadeira.

— Você não parece doente. É muito pálido, mas também é muito loiro! E tem um corpo incrível, não parece, sei lá, frágil. Jura que está mal? A última operação não adiantou de nada?

— Adiantou um pouco. Mas nunca vou me curar. Por isso não posso tomar sua Coca, pelo menos não agora, porque depois tenho que dirigir.

— Por causa da cafeína. Você é corajoso, na estrada, com uma criança, sozinho. A cicatriz das costelas também é por causa do coração?

Juan a tocou com o dedo: a cicatriz ia das costelas até as costas. Girou um pouco o tronco para que o fotógrafo pudesse vê-la inteira.

— Sim, esta foi a primeira.

— E isso no seu braço?

— Uma queimadura.

— Acontece de tudo com você.

Os dois se entreolharam em silêncio.

— Obrigado por me mostrar — disse o fotógrafo.

— Eu queria que você soubesse porque talvez eu morra em cima de você daqui a pouco.

O fotógrafo não riu.

— Se quiser, te levo de carro a Bella Vista.

Juan se levantou da poltrona e se aproximou de Andrés, que o agarrou pelos quadris como se quisesse impedi-lo de cair sobre ele.

— Não quero que você me leve a lugar nenhum.

O fotógrafo acariciou a barriga reta de Juan com a ponta dos dedos. Suas orelhas estavam vermelhas.

— Não acredito que você quer ficar comigo. Você é o cara mais bonito que já vi na vida. Mais que bonito.

— Cala a boca — disse Juan. — Aqui não, vem.

Entrou no armazém. Passou para o lado de lá do balcão, longe da máquina de cortar embutidos, e se encostou na geladeira, que era velha, barulhenta e estava pintada de marrom, como se fosse de madeira. Lá dentro, protegidos pela cortina de plástico, o fotógrafo perguntou se as cicatrizes doíam. Às vezes, disse Juan. O osso, o esterno, sempre dói quando está prestes a chover. Promete que não vai acontecer nada com você, disse Andrés, enquanto desafivelava o cinto de Juan, que deixou que ele se agachasse e baixasse suas calças. O fotógrafo gemia e transpirava e Juan pensou que, se alguém os encontrasse, eles teriam problemas; os bêbados não seriam muito gentis com duas bichas. Agarrou Andrés pelos cabelos com força e disse: “Mais devagar.” O fotógrafo apenas assentiu com a cabeça e, quando o ritmo mudou, Juan sentiu como o suor molhava suas costas, quase fazendo-o escorregar pela porta da geladeira que zumbia no calor da sesta. Então ele fechou os olhos e se concentrou no signo, concentrou-se até estar longe do calor e da sesta, flutuando entre estrelas

mortas, procurando entre os ossos o selo da chamada, a permissão, as boas-vindas.

* * *

Não precisou dizer a ele para engolir até a última gota, Andrés o saboreou com uma voracidade preocupante. De todas as coisas que alguém poderia usar para lhe fazer mal, nada era mais conveniente que o sêmen, e Juan não queria deixar uma sobra em lugar algum. Foi até a porta do armazém para vigiar se ninguém entraria enquanto o fotógrafo se masturbava em um canto. O fotógrafo não tinha nenhuma possibilidade de saber o que realmente estava acontecendo. A dupla corrente, era como chamavam na Ordem. Ele, como todos, sempre havia tido parceiros de ambos os sexos: o andrógino mágico. Os rituais, é claro, eram complexos e tinham pouco a ver com um encontro como o que ele havia tido com o fotógrafo, mas Juan, como sempre, caminhava à beira da heresia e do perigo. Além do mais, ele gostava. Deixou o fotógrafo beijá-lo na boca, vestiu a camisa novamente e ouviu o fotógrafo ir até o banheiro dos fundos para se lavar. Era um banheiro externo, mas aparentemente tinha uma torneira rudimentar, porque Andrés voltou com as mãos molhadas e as secou nas calças. Juan sentiu em suas próprias mãos a força da energia invocada. Seria suficiente para o que ele tinha pela frente, a invocação que queria fazer.

— Dorme aqui — pediu o fotógrafo. — Osvaldo e o filho não voltam até amanhã.

Juan não respondeu. Viu as horas: apenas duas da tarde. Sem responder, foi até o carro: tirou da bolsa algumas folhas em branco que trouxera para Gaspar desenhar. E os remédios. Seu filho estava acordando.

Quando voltou ao armazém, Andrés havia trazido para ele uma Fanta *pomelo*. Isso aqui você pode beber, não me diga que não. Juan disse isso sim e

usou o refrigerante para engolir os comprimidos. O fotógrafo o olhava com os olhos marejados. Juan pensou que tinha sido egoísta, que devia ter comido Andrés em cima do balcão do armazém até fazê-lo gritar, mas estava cansado. Deixou o refrigerante pela metade e foi buscar Gaspar, que estava sentado na cama e olhava em volta com mais curiosidade que medo.

— Como está se sentindo?

— Estou com fome.

— Então você está bem.

Levantou-o nos braços e atravessou o pátio lentamente. Preciso comprar um chapéu para ele, pensou. Depois pediu a Andrés que, por favor, fizesse um sanduíche com bife à milanesa para Gaspar. Enquanto o garoto comia, fumou um cigarro. Deixou o dinheiro do sanduíche no balcão.

— Eu preciso de um retrato de vocês — disse o fotógrafo.

— Não. Odeio fotos.

— Eu sou um fotógrafo muito bom, de verdade. Vou deixar você famoso.

— Pior.

— Com um corpo e um rosto desses, você não pode odiar fotos. Não custa nada. Uma lembrança.

Andrés os posicionou contra a parede branca do armazém. Gaspar deixou o sanduíche em cima da mesa, apesar de o fotógrafo garantir que ele podia sair na foto com ele na mão. Fica feio, disse o menino, e o fotógrafo riu. Juan cruzou os braços; sua camisa estava aberta até o meio do peito. Andrés se aproximou dele para arrumar seus cabelos. Gaspar abraçou a perna do pai. Antes de disparar, o fotógrafo olhou para eles: o garoto de olhos azuis redondos e cabelos escuros, um pouco abatido depois da sesta e da dor de cabeça, com sua camiseta lisa e limpíssima; o homem bonito que enfiava as mãos sob a camisa escura e olhava para a câmera com uma expressão calma que disfarçava seu desconforto. O queixo dividido, as covinhas; os olhos sobretudo verdes,

mas também amarelos. A cicatriz que brilhava um pouco, como se estivesse coberta por uma camada de pátina. Tirou duas fotos em preto e branco e uma colorida, e quando tentou pedir a eles que fizessem algo diferente, outra pose, Juan disse de jeito nenhum. Vai mandar as fotos pra gente?, quis saber Gaspar, enquanto brincava com o sanduíche, que não queria mais comer.

— Você conhece Posadas? — perguntou Juan de repente.

— Não, mas pretendo ir em breve.

— Nós vamos ficar duas semanas lá. A casa do meu sogro é muito fácil de encontrar. Quando chegar, procure o Hotel Savoy. É histórico, todo mundo conhece. Ocupa meio quarteirão. A outra metade é a casa do meu sogro.

Juan viu a esperança nos olhos do fotógrafo e continuou a mentir.

— É só tocar a campainha. Gaspar, termina esse refrigerante já. Se não quiser comer, deixa o sanduíche, ou vamos guardá-lo no isopor. Sua cabeça está doendo? Não? Bom, então vamos embora.

O fotógrafo os acompanhou até o carro.

— Vou a Posadas atrás de você. Você me deixa louco. Estou falando sério, eu vou.

— Calma — disse Juan, e entrou no carro. Antes de arrancar disse ao fotógrafo vá à Capela do Diabo, não se esqueça, você vai gostar. E, por favor, entregue isto à esposa de Karlen.

Deu a ele um papel. Era um breve bilhete de agradecimento. Quando deu a partida, o fotógrafo correu um pouco atrás do carro e gritou não sei seu sobrenome. Juan, que ia devagar, pisou no freio. Dinesen, disse. Como a escritora. Que escritora?, perguntou o fotógrafo, com as mãos na janela. Isak Dinesen, respondeu Juan. Vamos lá, você é um rapaz educado na Europa. O fotógrafo ficou parado sob o sol: Juan percebeu o quanto era jovem. Vinte e um, vinte e dois anos. Não havia perguntado a idade dele. Não lhe interessava.

Então voltou a dar a partida, e Gaspar se debruçou na janela e acenou para o fotógrafo, o armazém e o cachorro gordo que latia para as rodas do carro.

* * *

Gaspar falou durante toda a viagem até a cidade de Corrientes, e Juan tentou prestar atenção nele sem se irritar. Ele se lembrou de uma tarde fria, quando um motorista os levava da casa onde viviam com Rosario até o apartamento de seus sogros na Avenida Libertador — eles sempre mandavam um motorista apesar de Rosario adorar dirigir. Estava desconfortável com suas pernas compridas no banco de trás, as janelas fechadas o sufocavam e Rosario insistia em uma brincadeira monótona com Gaspar, uma série de charadas: O que é que tem pescoço comprido, quatro patas e come as folhas das árvores? Uma girafa!, gritou o garoto, e sua gargalhada e os parabéns da mãe com voz infantil ressoaram no espaço fechado e Juan tentou se concentrar na cidade do lado de fora, mas era incapaz de bloquear as sensações da rua, 1978 e a matança era geral. Juan odiava sair de casa, não tinha forças para cobrir os ecos e o tremor da maldade desatada: nunca sentira algo assim. Isso até o havia afastado do filho, que estava numa idade muito barulhenta e demandava demais, não parecia mais o menino adorado da primeira infância. Rosario costumava lhe dizer “se feche, eu te ajudo” e não acreditava quando ele dizia que os métodos habituais não eram suficientes, que era preciso reinventar a proteção e que ele não tinha as ferramentas para enfrentá-la. Os dois primeiros anos de ditadura haviam sido assim: Juan sentia o desencadeado como um ataque direto. Rosario continuava: o que é que late e tem focinho gelado, o que tem bigodes e arranha, o que tem oito patas e caminha pelas paredes. E os gritos de Gaspar. Ele se lembrava de como a violência o fazia se sentir febril, como teve certeza de que, se o garoto não se calasse, quebraria seu pescoço como se fosse um

caule ou um pequeno animal. Havia pedido ao motorista que parasse e desceu do carro sem dizer nada a Rosario: preferia a vibração do mal na rua, sentia-se mais próximo dela e, de qualquer forma, era mais fácil de suportar do que a gritaria no carro. Rosario o seguiu e ele, lembrava, havia dito para ela não o tocar, que ele não ia voltar, me deixa em paz. Ou o quê, disse ela. Ou mato vocês dois, respondeu ele, e, embora não se achasse capaz de sequer dar um tapa em Rosario, naquele momento estava sendo sincero sobre o que sentia e caminhou durante horas, ouvindo e tremendo, até que teve que sentar num banco de praça, perdido e enjoado, respirando com dificuldade e tremendo. A cidade gritava, o ar estava cheio de rogos e rezas e risos e uivos e sirenes e vibração da eletricidade e respingos, mas ele não conseguia se convencer a voltar para casa e não havia ninguém que pudesse recebê-lo, exceto sua família.

Voltou para casa à noite, quando os apelos e os gritos e os tiros se tornaram insuportáveis, quando foi cercado por ecos de assassinados com os olhos vendados, os pés amarrados, alguns com o rosto ou o corpo inteiro inchados, outros rastejando dentro de sacos de estopa, uma legião que ele não poderia fazer desaparecer. Eles o procuravam. Sabiam que ele podia vê-los e reconhecê-los. Era instintivo, eram como mariposas indo em direção à luz, mas Juan não conseguia espantá-los. Rosario o esperava na porta de casa, sentada; o garoto dormia lá dentro. Nunca mais faça isso comigo, disse ela, e cravou as unhas em seu braço antes de beijá-lo e começar a chorar. Vou ajudar você a melhorar a proteção, não posso acreditar que isso o afete tanto, podemos nos mudar, em Puerto Reyes é mais calmo. Não, ele respondeu, apesar do desespero. Para Puerto Reyes, não. No quarto de cima da casa que eles dividiam, ela já havia preparado o necessário para fortalecer suas defesas, sua proteção. Os círculos de giz no chão de madeira, os signos delicadamente desenhados que irradiavam calma e poder.

Agora, no carro, sob o calor insuportável da tarde correntina, Gaspar falava e falava e Juan tentava orientá-lo para ter mais informações sobre suas habilidades, mas percebia que estava fracassando. Se quisesse saber do que mais Gaspar era capaz, teria que forçá-lo. Poderia, é claro, sondá-lo. Mas era um método ilusório, mesmo que o filho cooperasse. Naquela mesma noite a dúvida seria esclarecida.

Antes de entrar na capital Corrientes, outro grupo de militares o obrigou a diminuir a velocidade. Olharam para Juan com uma expressão severa, e Gaspar, com uma intuição espantosa, sorriu para eles e um dos militares incredivelmente lhe sorriu de volta. Com a mão, fez um sinal para Juan seguir em frente. Quinze minutos depois, viu a ponte que parecia delicadamente desenhada sobre um céu sem nuvens e a orla rosada, com os ipês-rosas em flor, um tanto apodrecidos pelo calor. Sete horas da tarde.

— Quer ver o pôr do sol? Compramos alguma coisa para comer e esperamos o sol se pôr.

Faltava pelo menos uma hora: era janeiro. Juan comprou dois sorvetes. Pegou vários guardanapos na sorveteria: Gaspar era desajeitado para comer e, com um calor daqueles, nem seria sua culpa se o sorvete começasse a escorrer por suas mãos e braços. Sentaram-se em um banco de madeira na Costanera; as colunas de concreto estavam um tanto descuidadas, e o rio refletia o céu, mais azul do que o habitual, com manchas prateadas e marrons.

Gaspar se levantou para colher flores de ipê e montou uma espécie de buquê pegajoso. Juan observou como ele ficou olhando para uma flor cortada, caída no calçadão da Costanera, uma flor que não era de ipê; o garoto deixou o buquê improvisado no chão e se aproximou com a estranha flor na palma da mão, como se fosse um ser vivo. Juan a reconheceu imediatamente. Era uma flor de maracujá, com seus filamentos violetas, pétalas brancas, pistilos e estames verticais que lembravam um inseto. A coroa e as chagas de Cristo, dizia

umas das lendas que lhe deram nome. Olha, papai, gritava Gaspar, que nunca tinha visto algo assim.

— Se chama *mburucuyá*. Alguém deve ter deixado esta daqui cair, depois eu te mostro uma árvore com mais flores.

— Tem outras?

— Claro que tem outras. O que você acha, que esta é a única que existe no mundo?

— É estranha.

— Tem uma história sobre ela, sabia? Assim como o ceibo.

Gaspar esperou a história com a flor na mão e os olhos arregalados, mais redondos ainda pela expectativa.

— Havia uma garota espanhola que se apaixonou por um índio guarani. Você sabe o que é um índio guarani?

— Sim. Um índio daqui. Como as senhoras da estrada.

— Então, o pai da garota não queria que ela se apaixonasse pelo índio. O pai era capitão. Entende por que ele não queria?

— Porque os capitães são maus.

Juan sorriu. Isso também era verdade.

— São maus, sim, mas o problema aqui era que ela era espanhola. Você sabe que os espanhóis não queriam se misturar com os índios.

— Mamãe me disse que no final eles se misturaram.

— É verdade, mas a princípio não. Esse capitão não queria que sua filha se misturasse. Então mandou matar o índio.

— O namorado? Sério?

— Sim. E ela cravou uma flecha de penas no coração e se matou. Da ferida, cresceu a flor.

Os olhos azuis de Gaspar estavam cheios de lágrimas. É tão diferente de mim, pensou Juan, falta muito para endurecer.

— E o que aconteceu?

— Na ferida, quando caiu morta, cresceu esta flor.

— Todas as flores são garotas mortas?

Juan olhou o sol, que estava prestes a tocar o rio. Não via flores negras no céu. Seriam também lembranças de garotas mortas? O céu estava alaranjado, envolto em chamas.

— Não. As flores te deixam triste?

— Sim.

— Nós dois estamos tristes. Vem ver o sol.

Gaspar se sentou, e Juan sentiu o filho enfiar a mão por baixo de sua camisa e apoiá-la, pegajosa, sobre seu peito. Está checando meu coração, pensou Juan. Já o pegara fazendo isso antes. Quando dormiam juntos, por exemplo: às vezes sentia a mãozinha sobre o peito, verificando os batimentos. Ou o pegava com a cabeça apoiada em suas costelas, ouvindo. Meu garotinho, disse, e acariciou a mão ansiosa; de repente sentiu uma vontade intensa de beber vinho até encher a cara, até desmaiar. Ele até sentiu o gosto amargo do álcool no céu da boca. Olha o sol, olha as cores do céu. Gaspar prestou atenção com os olhos semicerrados e respirou fundo. O pôr do sol no rio era espetacular, quase irreal, com a linha púrpura do horizonte e o céu avermelhado.

— Posso ficar com a flor?

— Tem um monte por aqui, vamos procurar mais. Você gosta das flores? Eu também gosto.

— Sério? Um garoto da minha turma me disse que eu era bicha.

— Por que ele disse isso?

— Porque perguntei à profe sobre os jasmims do pátio, eles têm um cheiro bom.

Da próxima vez, enfie a porrada nesse garoto idiota, pensou Juan, mas disse:

— Não há nada errado em ser bicha.

— Então por quê?

Gaspar não sabia como terminar a pergunta, mas Juan entendeu.

— Porque usam isso para insultar você, porque as pessoas falam bicha como falam idiota. Porque as pessoas são estúpidas e medíocres — disse Juan. — Mas você é diferente e eu também sou diferente.

— O que é medíocre?

Juan não respondeu.

— Vamos lá, precisamos conseguir um hotel. Esta noite temos coisas a fazer.

Gaspar correu até o carro com a flor na mão, que, ele não tinha notado, já estava com a cruz quebrada.

* * *

Eram menos de vinte quarteirões até o cemitério municipal, mas Juan os percorreu com preocupação. Não era fácil caminhar com Gaspar, que estava de mau humor por ter sido despertado de um sono profundo; por sorte, havia encontrado uma porta alternativa no hotel para não ter que sair pela principal, chamando a atenção do recepcionista da noite. Sabia que chegariam muito mais rápido se carregasse Gaspar nos braços, mas o garoto já estava pesado e ele não podia fazer esforço. Não tinha certeza se o sexo com o fotógrafo havia servido como ritual propiciatório. Estava cansado e confuso.

Se você empacar na rua, já sabe o que vai acontecer, disse Juan, e Gaspar choramingou um pouco, mas andou, às vezes aos saltos e até correndo. Não deve ser fácil, pensou Juan, tentar acompanhar o passo de um homem de dois metros, mas havia horários para fazer certas coisas.

Os portões principais do cemitério estavam fechados: isso não era um problema. Apenas um cadeado. Juan o pegou e traçou, com a ponta dos dedos,

um signo. A abertura. Os portões se abriram repentinamente, como se ele os tivesse empurrado, mas sem barulho.

Agora precisava cuidar do zelador do cemitério. Gaspar, ele disse, quero que me espere aqui; se você se mexer, eu vou perceber e você vai se dar mal. Gaspar encolheu os ombros e se sentou. Estava cansado. Talvez conseguisse dormir mais tarde. Tinham várias horas pela frente. Eram duas da manhã.

Juan tateou os bolsos profundos da calça e escutou para encontrar o zelador. Se alguém fosse capaz de vê-lo na escuridão do cemitério, alto e magro diante da avenida principal dos jazigos, veria como expandia os ombros para se concentrar e como inalava o ar. Estava diferente, agora: os dedos longos se mexiam quase involuntariamente, pulsando cordas secretas, e seus olhos estavam desfocados porém alertas. Podia sentir a energia da dupla corrente em seu corpo. Andrés tinha sido um presente inesperado. Um presente, é claro, que não servia para evitar intrusos, um visitante noturno, o zelador, alguém que pudesse vê-los.

Andou para trás, na direção do pequeno escritório. O zelador estava dormindo. Era uma sorte imensa: devia surpreendê-lo durante o sono, porque não se achava capaz de enfrentar a defesa daquele homem; apesar da aparência poderosa, Juan tinha pouca força física real. Aproximou-se do catre onde o homem sereno dormia: a porta do escritório, localizado ao lado da capela, estava destrancada. O homem não apenas roncava de sono, estava bêbado. Juan sentiu a potência do álcool no ambiente e a sentiu mais forte ainda quando se ajoelhou junto ao catre. Cachaça ou gim. Algo devastador. Era mesmo necessário amarrá-lo? Juan achava que sim. Não podia correr riscos. Acendeu a lanterna e a colocou perto da cama: precisava agir rápido, não tinha outro par de pilhas. Moveu a cabeça do zelador para deixá-lo virado para cima: o homem não acordou, apesar de ter franzido a testa. Juan colocou a mão em volta do pescoço do funcionário e procurou a artéria carótida que batia com força,

dilatada pela bebedeira. Localizou-a e a massageou com suavidade e precisão. O homem mal se mexeu. Sob seus dedos, a frequência cardíaca do zelador havia diminuído até que as batidas, de tão espaçadas, pareciam ausentes. Juan soube que já não estava dormindo apenas pela bebedeira: havia perdido a consciência. Em pouco tempo podia acordar ou morrer se a bradicardia provocasse uma síncope. Ele não se importava. Usou uma meia, que também havia trazido, para tapar a boca do zelador, e depois amarrou os pés e as mãos com corda de nylon, tão fácil de comprar sem levantar suspeitas (“é para um pacote, preciso de uma bem firme”) como impossível de arrebentar sem um grande esforço ou uma faca.

Antes de deixar o homem inconsciente sozinho, revirou as gavetas de um pequeno aparador e pegou duas facas e uma tesoura. Também seriam úteis para ele. Saiu e verificou que a porta da capela estava trancada. Apoiou as mãos sobre a fechadura, e ela se abriu para ele, com um gemido. O altar, a cruz, as flores, tudo estava limpo e em perfeito estado: a capela era usada, o cemitério era um campo-santo. Muitos não eram; anos atrás era difícil diferenciá-los. A demonologia cristã podia funcionar em outros espaços, mas nunca com tanta eficácia como nos lugares consagrados. Recolheu todas as velas que pôde e levou também o candelabro.

Gaspar estava esperando no mesmo lugar, no portão, sentado e de mau humor. Juan reconheceu a onda de preocupação e curiosidade em seus olhos brilhantes quando ele viu o candelabro. Não tinha medo, não estava assustado. Seu pai o deixava sozinho na entrada de um cemitério de madrugada e o garoto simplesmente se sentava e esperava, por mais emburrado que estivesse. Ele certamente poderia ser um Iniciado excepcional. Intuitivo, atento, sem dúvida mais disciplinado do que ele. No entanto, não teria essa vida: já estava decidido que seu filho não faria parte da Ordem, pelo menos enquanto ele pudesse evitar. Não teriam esse troféu.

— Eu levo isto, você leva as velas — disse, e Gaspar obedeceu sem fazer perguntas. Caminharam em busca de um terreno plano, passando por mausoléus e jazigos que nesse, como em todos os grandes cemitérios municipais, ficavam perto da entrada. Depois das sepulturas na terra, muito antes de chegar ao paredão que cercava o cemitério, havia espaço suficiente para trabalhar. De fato, muitos trabalhos já tinham sido feitos naquele lugar. Juan, preparado e sensível, sentia o tremor de uma cova recente de mortos não identificados. Também os restos de um poderoso ritual afro-brasileiro mal executado. Ele se afastou do lugar onde ainda havia penas, afastou-se dos ossos sem nome. Durante todo o caminho, ajudados pela lanterna, Gaspar e ele recolheram velas, algumas quase inteiras, outras derretidas e pequenas. Todas eram necessárias. Não ia usar a luz da lanterna.

— Gaspar, preciso que você crave as velas no chão e as acenda.

O garoto sabia usar o isqueiro sem se queimar. Naqueles meses, entre a sua cirurgia e a morte de Rosario, ele teve que aprender muitas coisas, como acender bocas de fogão. Às vezes simplesmente ninguém tinha tempo, forças ou ânimo para esquentar o leite para ele. Juan, além disso, num acesso de fúria, tinha recusado ajuda. Ninguém se atrevia a contrariá-lo. Betty, prima de Rosario que morava perto com sua filha, outra criança sagrada da Ordem, havia tocado a campainha uma manhã, e ele uivou para que ela fosse embora. A mulher não voltou mais.

— Coloca as velas por perto. Onde você quiser.

Havia muitas, e Juan temia que Gaspar se comportasse como uma criança e começasse a brincar com as velas, perdendo tempo à procura de um local determinado por suas brincadeiras, mas, em vez disso, viu que ele obedecia a sua ordem com entusiasmo e certo cuidado burocrático. Juan deu as costas para ele e começou a traçar no chão, com as facas, o selo número cinco, que tinha visto com os olhos fechados quando estava com Andrés. Um círculo e as

letras do nome do quinto espírito, no sentido horário. Outro círculo ao redor do nome e, dentro dele, o selo: era simples, os quatro círculos unidos por linhas em um desenho quase infantil, e os estandartes de três triângulos invertidos. Podia traçá-los rapidamente, de memória, sem erros.

O selo ficou pronto rápido; o esforço, ainda que mínimo, pressionava seu peito. Gaspar tinha acendido as velas e estava de pé na luz amarela. Bom, pensou Juan. Faltava o triângulo, o lugar onde o Quinto apareceria. Olhou para o selo e soube que ia funcionar, apesar de não estar usando roupa branca, nem capa, nem incenso e do traço ser um sulco na terra, sem o sangue nem a pintura dourada necessária, embora, na verdade, aquele selo devesse ser traçado com mercúrio. Onde arranjaría mercúrio?! Juan desprezava o que ele chamava de receituário ocultista. Uma das velas exalava um aroma particular, não era de cera comum. Fechou os olhos e deixou que a energia invocada com a dupla corrente adquirida com Andrés ocupasse seu corpo. Era muito mais eficaz que qualquer espada ou qualquer outro feitiço.

— Gaspar — disse em voz baixa —, vem aqui, do meu lado.

Antes de entrar no estado focalizado — gnosis, era o termo, mas o chamava simplesmente de concentração —, que ele era capaz de alcançar em segundos, colocou as mãos nos ombros de Gaspar.

— Quero que você me abrace e não me solte, não importa o que você ouvir. Se você se separar de mim, não poderei te proteger. Entendeu?

Gaspar disse que sim, e Juan sentiu que ele entendia. O portal o chamava dolorosamente, a ponto de a pressão no peito se transformar em uma dor aguda. Ele não se preocupou, ia passar quando fizesse a invocação.

Ajoelhou-se no círculo, e Gaspar, a seu lado, tentou abraçar sua cintura. Ele se agarrou com força às calças do pai, como se os dois estivessem prestes a cair. Era, novamente, uma intuição correta. As invocações podiam parecer quedas.

Juan chamou, em silêncio, e esperou. A fórmula da invocação, que ele sempre fazia em silêncio, era longa, e pensou em encurtá-la, mas as mãos de Gaspar em sua cintura lhe disseram cuidado, todo o ritual já está desleixado demais. Pelo garoto. Porque deveria protegê-lo.

Os passos do Quinto não tinham som, mas Juan os sentiu. Ele usou a forma humana desta vez. Agora precisava ser rápido e concreto. Quanto mais tempo o demônio ficasse, mais difícil seria fechar a porta.

Gaspar levantou a cabeça e olhou para o demônio de frente. Depois olhou para Juan.

— Quem é, papai? — perguntou, com voz calma. Agora quem estava assustado era Juan. Gaspar via o demônio, foi capaz de vê-lo com toda naturalidade, apesar de não estar nem remotamente treinado para aquela visão. Juan obrigou Gaspar a afundar o rosto em seu peito. Não olha mais, disse. Me abraça.

No triângulo, os pés descalços não tocavam o chão e flutuavam em ponta, como os de uma bailarina ou de um enforcado que tivesse preservado o alongamento. Eram cinza, como todo corpo nu, que parecia coberto por lama seca. Juan não conseguia ver a cara dele: a luz das velas não chegava tão alto. Não precisava vê-la para sentir seu desgosto: estava acostumado a ser invocado com todos os requisitos necessários e se irritava levemente quando era chamado por alguém que os omitia.

O Quinto e ele haviam se encontrado muitas vezes antes. O Quinto, se quisesse, concedia e curava doenças. No entanto, nunca quis lhe conceder saúde. Também respondia com a verdade sobre o secreto e o oculto, essa era sua obrigação: não sabia mentir.

Sem mexer os lábios, Juan ordenou obediência. O demônio deixou cair uma coisa no triângulo. Gotas de sangue. Devia trazer algo consigo que Juan não conseguia ver. Pediu a ele respostas racionais às suas perguntas. Escutava a voz

do demônio, que ressoava em todo seu corpo. Ele perguntava, em uma linguagem que não podia traduzir, que Juan não conhecia, mas compreendia, “por quê?”. Por que tinha sido chamado, queria saber. Por que lhe infligia o horror da obediência. Juan sentiu a respiração de Gaspar contra o peito e como seu corpo inteiro, no limite de suas energias, tremia: seus braços brilhavam como se tivessem sido submersos em água. A testa pingava. Falou com o demônio da forma que ele era capaz de compreender. Perguntou a ele por Rosario. Onde estava. Se podia vê-la. Se podia encontrá-la.

O demônio se elevou mais um pouco. Não se aproximava: sempre tentavam chegar perto dele e nunca conseguiam. Queria que o sangue do que ele carregava tocasse Juan. A impossibilidade de fazer isso o enfurecia e os pés cinzentos se agitavam. A resposta veio rápido e clara.

Pertence àqueles que falam com você, disse.

E então pediu para ir embora.

Juan abaixou a cabeça, agradeceu a resposta, agradeceu sua chegada e, para agradá-lo, recitou em voz alta e completa a fórmula da despedida. Sua voz não estava trêmula, embora cada músculo de seu corpo estivesse tenso a ponto de doer. Ouviu o crepitar das velas e o lento gotejar do sangue no triângulo.

O demônio desapareceu em silêncio, mas sua partida lançou uma lufada que apagou todas as velas. Alguma coisa o havia enfurecido. Não foi apenas o desleixo do chamado. Talvez fosse a presença de Gaspar. Juan queria agradecê-lo por não descontar sua ira sobre ele, mas era tarde demais. Quem sabe ele descarregaria a raiva no zelador, caso ainda estivesse vivo.

Está com aqueles que falam com você.

O tremor que percorreu seu corpo foi tão violento que ele temeu estar tendo convulsões, mas era apenas fraqueza. Uma invocação o enfraquecia tanto? Havia se deteriorado tanto assim? Deitou-se em posição fetal sem sair do círculo e continuou segurando Gaspar da melhor maneira possível. Com as

velas apagadas, não podia dizer a ele para evitar deixar o círculo, que era cedo demais; se ele nem sequer conseguia ver o círculo agora, sem as velas e com uma nuvem cobrindo a luz da lua. De qualquer forma, Gaspar não saiu do seu lado, não se soltou de seu braço, não o deixou sozinho, não falou com ele. Esperou. Chorava e esperava, Juan o ouvia gemer e não podia consolá-lo; mal conseguia respirar. Enquanto perdia e recuperava a consciência, tentava entender as palavras do demônio.

Com aqueles que falam com você.

Rosario estava na Escuridão.

Ele entendeu. Tantas vezes ela prometera que o seguiria, que faria qualquer coisa por ele. Por acaso Tali não havia dito dias atrás? Eu não faria qualquer coisa por você. Sempre juntos, jurava Rosario. Ela sabia que Juan pertencia à Escuridão. Que ele iria para lá depois de morrer. E ela tinha decidido se adiantar, compartilhar aquele destino com ele. Mas, meu amor, sua estúpida, não seremos mais você e eu lá, lá não há nada além de sombras e fome e ossos, aquele mundo está morto. Quando teria feito o pacto? Enquanto ele estava hospitalizado, com certeza. Você achou que eu ia morrer, imbecil. Certamente não pensou que a Escuridão iria reivindicá-la tão cedo. Desconhecia a voracidade da Escuridão, apesar de ele ter tentando explicar isso a ela tantas vezes, apesar das vezes em que a vira comer. Nunca iria encontrá-la lá. Não havia ninguém lá. A escuridão era uma colecionadora de ossos. Não se dialogava com ela. Não se negociava.

Durante as horas em que esteve encolhido nos fundos do cemitério, sobre o selo, com Gaspar a seu lado, Juan sonhou. Onde Rosario teria visto a possibilidade de fazer um pacto com a Escuridão? Em seus círculos de giz? Em suas cartas? Sua morte não teve nada a ver com a Ordem, então? A morte de Rosario era culpa dele?

Quando o sol começou a despontar iluminando as cruzes brancas, Juan se virou e se esticou sobre o círculo. Suas pernas ficaram para fora. Gaspar continuava a seu lado, pálido e sério. Havia esperado, sem se mexer. Em nenhum momento soltou o seu braço. Devia estar com uma contratura. Queria conversar com ele, mas o menino se adiantou.

— Temos que ir, papai.

Juan se sentou. Ficar de pé parecia um esforço descomunal: naquela manhã quente, seu corpo pesava centenas de quilos. Olhou para Gaspar. Ele parecia distante e preocupado, mas determinado. Ele soltou o braço do pai e pegou sua mão.

— Vamos. — E o puxou, e Juan se deixou levar. Sabia que podia se conectar de forma íntima e delicada com o filho, de modo que o caminho lhe parecesse natural. Antes de deixar o cemitério, os dois beberam água de uma bica que as pessoas usavam para as flores. Juan molhou os cabelos e encharcou a cabeça de Gaspar, que carregava a mochila nas costas e tinha as mãos cobertas de cera. Passou a noite tão quieto, pensou Juan, que nem atinou para tirar a cera das mãos. Os dedos cobertos de cinzas o fizeram lembrar do demônio. Certamente Gaspar também se lembraria. Pegou as mãos do filho e começou a arrancar a cera. Não estava queimado por baixo, nem mesmo muito irritado. Gaspar se revelaria como médium em breve, sentiu enquanto limpava suas mãos. Além do mais, pessoas sem habilidades não conseguiam ver o Quinto. Podiam sentir a presença dele, inquietação, terror, podiam até morrer, mas só era possível vê-lo educando o olhar. Se a visão fosse natural, estava-se diante de alguém com um dom. Seria possível esconder algo assim? Se Gaspar fosse médium, sua vida seria curta e brutal. Os médiuns duravam pouco. O contato com os deuses antigos os destruía física e mentalmente. Alguns morriam no primeiro contato ou muito cedo. A maioria enlouquecia de forma irremediável em pouco tempo. Não havia magia ou ritual ou ciência que pudesse aliviá-los.

Um pouco de magia e um pouco de ciência ajudavam a mantê-los vivos por mais tempo do que seus corpos e mentes podiam resistir, mas não muito. Os médiuns que resistiam, como ele, eram excepcionais.

— Vamos, papai, temos que ir embora.

Juan o ignorou e só deixou para trás os portões do cemitério, que ele não se incomodou em fechar, quando as mãos do filho estavam limpas novamente. Lembrou-se do zelador muito tempo depois, quando estavam quase chegando ao hotel.

* * *

Quando Juan acordou, era noite outra vez; ele percebeu que havia dormido mais de dez horas. Procurou Gaspar na semiescuridão do quarto e o viu encolhido na cama ao lado, dormindo. Precisava começar a farsa.

Acontecia sempre após o contato com demônios: muitas horas de sono. Mas seu cansaço era abismal. Foi ao banheiro. Tomou os remédios com água da torneira e lavou o rosto. Nunca enxergava no espelho o mesmo que os outros. Para ele, seu rosto era cansaço e derrota, e as cicatrizes no peito, na barriga e nas costas, o mapa da doença. Odiava ser fraco, odiava seu corpo. Os outros viam um homem excepcionalmente atraente, o desejavam, compadeciam-se. Juan colocou a nuca embaixo da torneira e molhou os cabelos. Sentia-se tão sensível e cansado, apesar das horas dormidas, que era capaz de ouvir cores.

Gaspar dormia com a boca aberta e em posição fetal. Não havia tirado a roupa. Juan não lembrava como tinham voltado ao hotel, mas o esquecimento não era estranho. Despertou Gaspar sacudindo seu ombro com força. Gaspar demorou a abrir os olhos, mas antes que pudesse enfocar o olhar, Juan disse:

— Você estava aos berros! Estava sonhando com o quê?

A desconfiança, a confusão. O garoto sabia, ia ser difícil enganá-lo.

— Eu não sonhei nada — murmurou.

— Alguma coisa você sonhou, estava gritando feito um louco.

Os olhos piscando e a dúvida.

— Não era um sonho, fomos a um cemitério e você me fez acender velas e depois me disse para não olhar.

— Você teve um superpesadelo.

Gaspar começou a chorar, e Juan permitiu.

— Não foi um sonho! — gritou, o nariz escorrendo.

— Mas nós não saímos daqui! Nós tiramos uma soneca e, olha, acabamos de acordar agora para fazer um lanche.

— Tinha um cara pingando sangue.

— Um cara pingando sangue. Bom, já chega. Logo, logo você vai esquecer. A gente se esquece dos sonhos quando pensa em outras coisas.

— Eu juro, você desmaiou e eu fiquei com as velas.

— Você está com medo porque eu não ando muito bem. Não se preocupe tanto comigo.

— Não foi um sonho.

Juan sentiu a violência endurecer seu estômago e pensou em bater no garoto até fazê-lo acreditar na mentira.

— Foi sim. Você vai me contar o sonho todo, mas antes vamos descer que eu estou morrendo de fome, vamos comer um lanche ótimo, tá.

Levantou Gaspar nos braços para lavar seu rosto no banheiro. O garoto deixou. Sua testa estava franzida, e o punho da mão esquerda, fechado. Juan o abriu com delicadeza. Se ele disser de novo que não foi um sonho, quebro um dedo dele, pensou. Gaspar respirou fundo antes de começar a contar: lembrava-se de detalhes dos longos períodos que havia passado sozinho. Agora estava com medo: Juan ouvia como sua voz tremia.

Eu poderia ter matado ele ontem à noite, pensou.

Gaspar continuou a contar o “sonho” no elevador. E Juan, apesar de ouvi-lo, pensava. Está com aqueles que falam com você. Não era uma mentira: mas ele podia ter interpretado errado. Muitos falavam com ele, muitos haviam falado com ele, por que estava tão convencido de que se referia a Rosario estar na Escuridão? Quem podiam ser os outros que falavam com ele? Pertence àqueles que falam com você, essa era a tradução mais exata do que o demônio havia dito. Era um enigma de esfinge. E ele havia perguntado errado, porque estava dolorido, cansado, de luto. Porque estava enlouquecido. E porque havia pensado, arrogantemente, que Rosario seria capaz de um sacrifício daqueles por ele. Que seria capaz de abandonar o filho.

Cobriu o rosto com as mãos. Gaspar agora falava do demônio que tinha visto. Um coiso que flutuava. E ele não tinha forças para apagar aquela lembrança com um signo de esquecimento, não naquele momento.

— E esse cara falava? — perguntou Juan, enquanto sentia as lágrimas molharem suas mãos.

— Não me lembro.

— Viu, a gente se esquece dos sonhos.

Gaspar não o ouvira. Talvez fosse incapaz de ouvi-lo. Talvez o demônio nem tivesse falado. Às vezes ficavam calados. Vai ver foi ele quem imaginou ter ouvido palavras.

Entraram no salão de refeições do hotel, e Juan enxugou as lágrimas com a camiseta. Algumas pessoas olharam para ele com curiosidade, mas ele não dava a mínima. A garçonete, jovem demais, não quis olhá-lo nos olhos quando fez o pedido: ficou com vergonha de vê-lo chorar. Juan pediu chipa e um *submarino* para Gaspar. Não quis comer nada. Agora se dava conta, estava fedendo: o suor, já seco, havia endurecido a camiseta debaixo dos sovacos. Não tinha pensando em tomar banho.

— Não quero nada — disse Gaspar quando o pão e o chocolate quente chegaram.

Juan sentiu a violência queimar seu estômago. O coração batia rápido demais, num ritmo desordenado: isso o enjoava, não o deixaria descansar. Não estava com sono, mas precisava de mais horas de repouso. Juan apoiou as mãos sobre a toalha. As pontas dos dedos estavam azuis. Certamente seus lábios também estavam azuis. Tentou respirar fundo, mas isso não resolveria nada. Ele precisava de oxigênio, e rápido.

— Coma rápido, Gaspar. E me espera aqui.

— Não quero ficar sozinho.

A lamúria do filho o encheu de uma ira tão clara e tão escura que ele quase saiu correndo do salão de refeições até a garagem onde havia estacionado o carro. Abriu o porta-malas e pegou o cilindro de oxigênio que havia trazido. Guardou-o em uma bolsa: não queria que os outros hóspedes ou os funcionários do hotel o vissem. Pelo lado de fora do salão de refeições, bateu no vidro da janela e fez sinal para Gaspar terminar logo de comer e o acompanhar até o quarto.

Juan se sentou na cama, colocou o cilindro — branco, um pouco descascado — na mesa de cabeceira e, com um movimento rápido e rotineiro, abriu caminho para a passagem do oxigênio e levou a máscara à boca e ao nariz. Passou o elástico por trás das orelhas e com a mão bateu no colchão a seu lado para que Gaspar se aproximasse. O garoto se sentou, e Juan apoiou as costas na parede. O leve barulho do oxigênio não era suficiente para abafar as batidas de seu coração; a dor no peito queimava e aumentava sua dificuldade de respirar. Então isso era tudo o que o amuleto de Tali podia fazer para ajudá-lo? Seria capaz de abrir a Escuridão? Seria a última vez que a abriria? Gaspar o observava atentamente, com seus olhos redondos e azuis, assustado, mas sem surpresa, apenas alerta. Juan tirou a máscara um segundo e disse:

— Pega o livro de capa dura na bolsa.

— Você está bem, papai?

— Vou ficar bem. Traz o livro.

Havia escolhido *A história da arte*, de Gombrich, para folhear com Gaspar. Era, além do mais, um livro seguro para a viagem: nenhum militar que revistasse o carro o consideraria suspeito. Fez sinal com a mão para que Gaspar o abrisse e, como de costume, ele foi direto para as últimas páginas: nunca começava pelo princípio. O garoto colocou o livro na cama, num espaço vazio dos lençóis, para que os dois pudessem ver. E então fez algo estranho; ao menos algo que nunca havia feito antes: olhou com atenção uma pintura — “Crianças brincando”, de Kokoschka, reparou Juan — e começou a inventar a história das duas crianças, a menina com seu vestido avermelhado e o menino de azul, e na história misturavam-se aventuras escolares que Juan já conhecia e brincadeiras com a menina que ele conhecera na casa de Tali. Quando ficou entediado, virou algumas páginas e continuou a inventar. Juan sentiu um calafrio no corpo e fechou os punhos para não perder a consciência: Gaspar falava de um castelo e inventava a história de alguns príncipes que estavam trancados “na parte redonda” (na torre ou na cúpula, pensou Juan) e se deu conta de que o filho agora estava falando da Catedral de São Paulo, a catedral de Wren em Londres, porque o livro também incluía imagens de arquitetura. Não conseguia dormir, mas podia passar horas ouvindo a voz de Gaspar: o garoto compreendia, fazia a coisa certa, segurava-o. Tinha aprendido isso com a mãe. Imitava-a. Quantas vezes ele a tinha visto entretendo-o daquela forma, *she talks you back to life*, dizia Florence, e era verdade. Falava com ele para trazê-lo de volta à vida.

Gaspar fechou o livro, bocejou e se deitou em seu peito, abraçando-o. Juan, instintivamente, teve vontade de tirá-lo de cima, pensando que o peso do

garoto o incomodaria, mas não foi o que aconteceu: o contato lhe deu alívio. Não quero morrer na frente dele, pensou.

A porta do banheiro estava aberta e, no estado de semiconsciência causado pela falta de oxigênio, Juan pensou ter visto as pernas de sua mulher, esticadas, vivas; Rosario passava muito tempo no banheiro, podia ficar trancada por uma hora. O ambiente já não era mais o quarto de um hotel em Corrientes, Juan sentiu que se transformava na casa de Chelsea, em Londres, onde haviam vivido juntos. Lembrou-se dela saindo do banheiro com um livro na mão, os óculos no rosto e uma camiseta de manga curta, sem roupa de baixo. Então a imagem desapareceu. Gaspar se levantou da cama de repente — não estava dormindo — e fechou a porta do banheiro. Juan não estranhou a intuição do filho, mas sentiu pena dele: não lhe desejava sua vida. Nem mesmo os bons momentos tinham sido realmente felizes. Precisava salvá-lo da Ordem.

Gaspar fechou o livro de arte e abriu uma coletânea de poesia norte-americana traduzida. Leu devagar e mal, mas Juan se deixou levar. Quando precisou tirar a máscara porque havia consumido todo o oxigênio e olhou para os dedos, que já não estavam azuis, apesar de a arritmia ter demorado muitas horas para cessar, soube que não morreria naquela noite ou na frente de seu filho. Havia conseguido mais uma vez, haviam conseguido juntos.

* * *

Os ingressos eram tão baratos que Juan se surpreendeu, embora tivesse que admitir que não sabia lidar com dinheiro nem entendia bem os preços. Viajava com um maço de notas amarradas com um elástico; em sua vida, sempre dependeu do dinheiro da família de Rosario e da Ordem. Quantas vezes tinham dito a ele “nunca te faltará nada”? Compreendia seu privilégio e como estava distante das pessoas comuns. Sem ir muito longe, estava distante demais

de seu irmão mais velho, que antes do exílio trabalhava doze horas por dia e havia estudado enquanto trabalhava em uma fábrica. Nos últimos meses, agora que Rosario não estava mais, ele, que nunca tinha pisado num banco, tinha tomado decisões: mostrou a Gaspar onde o dinheiro estava guardado, explicou que podia usá-lo quando quisesse e para que servia. Pediu que lhe trouxessem dinheiro uma vez por semana e que isso fosse feito por contadores ou advogados ou os próprios guarda-costas.

A funcionária deu a ele o troco pela janelinha da bilheteria, e Juan sentiu que estava acordando dos meses sem Rosario e da lenta recuperação de sua última cirurgia. Era o ar, quente mas inacreditavelmente leve, tão estranha aquela falta de umidade dali, em Iguazú. Era a sensação de que, se sobrevivesse ao Cerimonial, ele e seu filho poderiam ter alguma tranquilidade; com o sono reparador, havia ressurgido um pouco da confiança em si mesmo, em Stephen, em Tali. Apenas um mês antes, essa possibilidade lhe parecia distante, quando, depois de várias noites sem dormir tentando contactar Rosario, furioso de dor e mal-estar, havia queimado quase todas as coisas dela em uma fogueira no quintal. Gaspar tinha se sentado a seu lado: observava, com os olhos secos de surpresa, os pertences de sua mãe serem queimados. Não tentou resgatar nada. Mais tarde, Juan lhe mostrou o pouco que restava: algumas peças de roupa, algumas fotos, todos os discos, as joias que não fazia sentido destruir e que, além do mais, tinham valor e pertenciam a Gaspar; sobretudo as elegantes peças *art nouveau* de quase cem anos que Rosario nunca usava. Também havia guardado o baralho de Tarô de Rosario e todas as suas relíquias e instrumentos mágicos, mas isso não podia mostrar a Gaspar. Juan decidiu não guardar muito mais, nem sequer as cartas de Rosario: com a roupa e uma mecha de seu cabelo tinha o suficiente para reivindicá-la, para pedir que o visitasse, agora como espectro.

Se ela não o fazia, se ela não atendia seu chamado, acreditava agora, enquanto caminhava para a estação de trem do parque, havia poucas opções: ou alguém a estava segurando e impedindo-a de entrar em contato com ele, ou ela tinha ido para um lugar onde ele não podia alcançá-la. Isso era estranho: na Escuridão ele poderia alcançá-la. Deveria poder. Mas havia outros lugares, muitos outros, e tantos ainda desconhecidos.

Tinha sido uma estupidez preventiva queimar tudo: se alguém quisesse pegá-la, teria sido muito fácil conseguir algo de Rosario. Muitas coisas dela estavam, é claro, em Puerto Reyes. Seu cabelo nos travesseiros, sua roupa nos armários, sua maquiagem nas gavetas. Mas quem? O porquê era simples: para enfraquecê-lo. Quem era mais complexo. Mercedes era uma candidata, detestava a filha. Florence? Também. Mas elas ousariam? Rosario era a mulher do médium, a mãe de seu herdeiro e era ambiciosa. Não temeriam uma vingança?

— É um parque?

Gaspar o tirou daquela constante ruminação. Precisava parar de pensar. A intuição chegava quando ele era capaz de desviar sua atenção: era uma regra e funcionava.

— É um parque, mas tem uma surpresa. Eu disse que, se você se comportasse bem nesta viagem, eu te daria uma surpresa. Agora vamos para o trem.

— Um trem?

— Sim, vamos de trem até onde está a surpresa. Podemos ir andando.

— Não — disse Gaspar. — Você me faz correr.

Era sua maneira de dizer que era muito difícil para ele andar a seu lado: um passo de Juan era uma pernada para seu filho. Tentou ir mais devagar. Era cedo. Tinham chegado a Iguazú ao meio-dia e, depois de alguns sanduíches na estrada, entraram no parque das cataratas à uma da tarde. Um bom horário,

porque, enquanto os turistas almoçavam, podiam ver a Garganta do Diabo quase sem ninguém. Começaram a caminhada na trilha aberta na selva. Juan tinha comprado um boné para Gaspar e protetor solar para os dois; por sorte ambas as coisas estavam à venda na entrada do parque, em barracas na beira da estrada. Caminhavam devagar porque Gaspar parava para estudar todos os animais que encontrava: os quatis, um tucano numa árvore distante, os lagartos imóveis. Entraram na passarela depois de quase uma hora de caminhada: Juan agradecia por aquela lentidão. Não estava cansado, e o sol não o afetava, mas o dia anterior havia sido extremo, impiedoso. A passarela era uma longa ponte de madeira sobre o rio, sem escadas. Não era nenhum grande esforço.

Gaspar andava na ponta dos pés pelas passarelas. Em volta, tudo era opulento e assustador: as árvores que tocavam o rio, a selva escura ao longe, a água enorme e veloz. Juan pensou que, em algum momento, deveriam substituir as passarelas por uma estrutura de ferro: qualquer inundação arrancaria aquelas madeiras, por mais bem encaixadas que estivessem. A água era transparente em algumas partes, mas em outras algumas correntes se tingiam de vermelho: a terra avermelhada se misturava ao rio, fruto, acreditava Juan, de um desmatamento. Em uma década ou mais, as cataratas seriam de água vermelha, como lava fria, como correntes de sangue liquefeito. Havia muita água, no entanto: apenas dois anos antes, uma seca tinha exposto os leitos secos e vermelhos; uma cachoeira ou outra ainda caía, fina como uma nascente, doméstica como uma ducha. Ele tinha ido ver aquela paisagem de fim de mundo. Havia boatos de que cadáveres tinham sido encontrados no leito do rio na época, mas, embora tivesse certeza de que os militares eram bem capazes de usar as cataratas para despejar os corpos — levando em conta também que o Parque Nacional era guardado por forças federais —, ele não acreditava que algum cadáver tivesse sido encontrado. A força do Iguazú

naquele trecho os teria feito aparecer sabe-se lá onde, mas com certeza longe das quedas d'água.

Depois de andar duzentos metros pela passarela, com poucos turistas, Juan levantou Gaspar, que já estava correndo ao seu lado. Havia placas indicando que era proibido carregar crianças nos ombros, mas não nos braços. Mesmo assim, Gaspar ficava perigosamente alto em seus braços e estava inquieto. Ele olhava com preocupação para a água que passava sob a passarela. Quando o barulho da Garganta do Diabo ficou alto e um bando de pássaros cruzou o céu sem nuvens em direção à margem brasileira do rio, Gaspar esperneou um pouco e disse, ansioso, assustado: me põe no chão.

— Está com medo?

— Me põe no chão!

Havia uma pitada de histeria na voz do garoto, e Juan o obedeceu. A passarela balançava um pouco, mas estava claro que Gaspar não sentia vertigem. Inusitadamente, um quati passou correndo por Juan, que precisou se afastar para abrir caminho ao animal.

— Me diz o que está acontecendo.

Gaspar abriu a boca e estendeu as mãos. Depois as levou até as bochechas. Seus olhos estavam molhados e aterrorizados.

— Tem um monstro que suga a água? Tem um diabo? Eu não quero ver um diabo.

Ele sabe ler, pensou Juan, e viu a placa.

— Não há monstro nenhum, esse é o nome que deram para a grande catarata.

— Não acredito em você.

— Vamos sentar um pouco e depois continuamos.

Em alguns trechos das passarelas, havia bancos de ferro e madeira pintados de verde-bandeira; um toque do paisagista Charles Blanchard, o mesmo que

havia projetado os jardins de Puerto Reyes, a mansão da família de Rosario, a mansão que Gaspar herdaria. Os poucos turistas caminhavam pesadamente sobre a passarela, carregando garrafas térmicas e câmeras fotográficas. Juan esperou: limpou os óculos escuros com a ponta da camiseta e bebeu um longo gole da garrafa de Crush que havia comprado na entrada. Estava quente, extremamente doce. Ele passou a língua pelos lábios.

O garoto ficou em pé no banco e se aproximou dele de uma forma que só poderia ser classificada como ameaçadora. Chegou tão perto que Juan viu quatro olhos azuis repletos de medo, mas também de determinação.

— Você me trouxe para me jogar para o monstro?

Então era isso que ele pensava. Podia ser, é claro, um medo alimentado por aqueles dias confusos, pelo luto insano que estava atravessando, porque, para seu filho, os últimos meses tinham sido um pesadelo. Mas era verdade: Juan o estava levando para os braços de monstros. Abraçou Gaspar, não apenas porque o garoto estava tremendo, mas porque precisava impedir que ele saísse correndo, que fugisse dele. Gaspar se debateu em seus braços. Juan o fez se sentar e, segurando seu rosto com uma das mãos, obrigou-o a olhar para ele.

— Gaspar, meu filho, é água. É o rio que, mais adiante, tem um buraco enorme, e a água cai e faz barulho. É lindo. Por isso eu trouxe você, porque é lindo. Tem um arco-íris. Não há nenhum monstro, e eu nunca o jogaria para um monstro te machucar. Nunca. Olha só essa gente que está indo para lá, eles parecem assustados? Não, porque não há monstro nenhum.

O garoto relaxou um pouco os punhos, que estavam fechados, e limpou o ranho com as costas da mão.

— Eu te trouxe porque queria que você visse algo bonito — disse Juan. — Mas, se você quiser, vamos embora.

— Tem um arco-íris?

— Às vezes tem dois. Uma vez eu vi três.

Voltou a abraçar Gaspar, que desta vez não resistiu. Não falou de nada com ele, não queria confundi-lo. Deixou que o choro e os calafrios diminuíssem. Fez um carinho em sua nuca.

— Podemos voltar outro dia. Se você estiver com medo, vamos embora. Não tem problema.

Juan observou como o filho enxugava o rosto molhado com a camiseta, um gesto que havia copiado dele.

— Vamos lá, quero ver se tem um arco-íris — disse Gaspar.

Juan o levou pela mão até a Garganta do Diabo. Quando a viram, porque era possível ver a queda d'água da passarela, uns duzentos metros antes de chegar ao mirante, Juan sentiu Gaspar prender a respiração e olhar para ele assustado, mas agora não com desconfiança: o que o assustava era a enormidade e a força do rio despencando, a água tão poderosa que estava branca e ficava suspensa no ar e o barulho que obrigava todos a gritar se quisessem conversar. Não deixou que ele se apoiasse no parapeito, como faziam os turistas. Papai, não temos máquina para tirar fotos!, gritou com o rosto salpicado, e Juan decidiu que mais tarde compraria vários cartões-postais para o filho. Havia dois arco-íris, um no fundo, onde a água desaparecia e se transformava em vapor e espuma, e outro ao longe, um arco-íris cortado, que alcançava o topo da montanha e se dissipava entre os galhos.

Na viagem de volta a Puerto Reyes, Gaspar falou das borboletas azul-turquesa, do arco-íris e quis conhecer suas lendas, e Juan se viu falando sobre duendes, o colar de pedras preciosas de Ishtar, o caminho entre Asgard e a Terra. Gaspar falou do barulho, riu de novo do quanto eles tinham se molhado e perguntou por que seus avós não tinham construído uma casa ali mesmo. Não é permitido, respondeu Juan, é um parque nacional: não pertence a ninguém, pertence ao Estado. O que é o Estado? É algo que pertence a todos, algo que uma única família não pode comprar, é isso que quer dizer. Mas eles

fizeram uma casa nas proximidades. Você não se lembra dela? Sim, disse Gaspar, quer dizer, mais ou menos. Juan se impressionava com o quanto crianças e idosos eram parecidos: nos dois extremos aquela demência do esquecimento, não conseguiam reter pessoas ou lugares ou situações. Gaspar havia passado muitos meses de sua vida, desde que era bebê, naquela casa. E se lembrava dela “mais ou menos”. Também se esqueceria dele tão facilmente ou com os pais era diferente? É uma casa muito bonita, continuou Juan. E é sua. Será sua quando seus avós morrerem. Sua mãe não tinha irmãos.

— Então é sua também. Se é da mamãe, é sua.

— Não — disse Juan. — Não é minha. Eu não tenho nada. Só tenho você.

* * *

A mansão foi construída nos anos vinte, quando a família Bradford decidiu expandir seus negócios agrícolas — até então, centrados principalmente na produção de trigo na província de Buenos Aires — para o cultivo da erva-mate. Naquela década, a província de Misiones era povoada por colonos do leste europeu, Rússia, Escandinávia; os Bradford, descendentes de ingleses terratenentes que eram donos das terras mais férteis da Argentina, destacavam-se por conhecerem o manejo da política local e por ingressarem no negócio com um substancial capital próprio. Foi Santiago Bradford quem decidiu onde sua casa dos sonhos seria construída na selva que ele amava, onde caçava e se perdia. Seria sobre o rio Paraná, a trinta quilômetros das Cataratas do Iguaçu. Santiago Bradford comprou dois mil hectares de floresta e contratou o arquiteto Von Plessen e o paisagista Charles Blanchard para que projetassem a mansão, os jardins e a passarela para o rio que deveria flutuar acima das árvores, deveria ser uma espécie de terraço com um quilômetro de extensão, de

onde se poderia ver o curso de água, o sol transformando o céu em brasa vermelha, a mata virgem na outra margem.

Além disso, comprou três mil hectares para plantar erva-mate no norte. E, ao mesmo tempo em que construía sua casa dos sonhos, fundou o povoado que batizou de Puerto Libertad, o qual crescia em torno da casa e perto do caminho que mais tarde se tornou uma estrada. Nessa mesma época, ficou muito amigo de outro dono de plantação de erva-mate, José Reyes, um milionário viúvo espanhol, pai de dois filhos, com quem compartilhava a paixão pela caça. Demoraram meses a se reconhecerem como membros da Ordem. Santiago Bradford pertencia à família fundadora, José Reyes era apenas um Iniciado. A coincidência os espantou tanto que decidiram se tornar sócios. Em homenagem ao amigo inesperado, Bradford decidiu chamar sua casa de Puerto Reyes.

A casa ficou pronta em 1929, pouco antes da crise econômica mundial que mal arranhou os milionários. Os Bradford haviam alimentado um mundo em guerra, agora negociavam com o Oriente Médio, outro mundo, tão distante que nem se inteirava dos abalos e quebras da bolsa de Nova York.

Santiago Bradford quase nunca voltava a Buenos Aires. Amava o rio, o suor da colheita, a umidade, as lendas dos colonos e as histórias de assombrações dos habitantes locais. Adorava a casa de catorze quartos, com sua piscina olímpica, as telhas, as arcadas frescas e o jardim central, com uma fonte e orquídeas e salgueiros. Algumas das janelas tinham vitrais franceses; em volta da casa, Charles Blanchard havia plantado quinhentas espécies de plantas e tinha aberto trilhas que deveriam estar sempre limpas, para que a selva não voltasse, feroz, a cobrir tudo de novo. Sua irmã pediu uma estufa, e ele atendeu seu pedido. Lembrava-se da mulher, Amanda, morta tão jovem, rindo quando aquelas borboletas beijavam seu rosto, batiam as asas de cores impossíveis em suas mãos, nos seus ombros.

Para Santiago Bradford, era difícil acreditar que alguém tão glorioso como Amanda pudesse ter dado à luz Jorge e Mercedes, seus estranhos e obscuros filhos. Especialmente Mercedes, feia e sarcástica, uma garota a quem ninguém amava ou respeitava. Num esforço derradeiro, apresentou-a ao filho bonitão de José Reyes, Adolfo, um jovem acostumado à vida na selva e que tinha estudado na Inglaterra. Um candidato impossível para sua filha intratável. Mas eles se entenderam. Adolfo não se apaixonou por Mercedes Bradford, mas entendeu que as duas famílias desejavam aquele namoro e ambos agradaram seus pais. Uma esposa não precisava ser a mulher amada.

Adolfo costumava dizer que Mercedes não era bonita e muito menos encantadora, mas tinha uma espécie de loucura que beirava a maldade e que o atraía: excitava-o que ela fosse capaz de matá-lo; ou pelo menos de tentar. E, o mais importante, os Bradford eram altos membros da Ordem, e não simples integrantes como eles. Eram o sangue. O matrimônio catapultava a família Reyes, e a Ordem gostava de unir os seus com sangue e dinheiro. Até 1945, Santiago havia se mudado de forma quase permanente a Puerto Reyes. Estou cansado da pampa, costumava dizer. Que chatice, chê. E a caça é sempre a mesma coisa, viscachas e pássaros quaisquer.

Só voltava a Buenos Aires porque os negócios ainda eram resolvidos por lá. E porque às vezes o calor o sufocava.

Mercedes e Adolfo se casaram em 1947 e nunca oficializaram a união na Igreja: podiam suportar as fofocas e não ligavam para as aparências. Nesse mesmo ano, José Reyes morreu, ainda muito jovem, afogado no rio Paraná. Tinha saído bêbado para navegar. Adolfo ficou à frente do negócio de ervamate, agora propriedade conjunta de sua família e da família de sua mulher. Adolfo e Mercedes viviam com medo de que Perón desapropriasse seus bens, principalmente que lhes tirasse Puerto Reyes, mas tiveram sorte: dos Bradford foi tirada apenas uma estância a caminho de La Plata, que eles quase nunca

usavam — e que seria transformada em parque público —; quanto aos Reyes, só foram obrigados a melhorar as condições de seus trabalhadores, coisa que fizeram a contragosto e por pouco tempo: mantiveram os capangas, os açoites, as ínfimas porções de comida, o trabalho infantil. Adolfo costumava sonhar com o grito *neike!*, que estava longe de significar para os trabalhadores o que realmente queria dizer em guarani: força. Era o grito para levar o *mensú*, o trabalhador da erva, até seu limite físico. Ele não gostava de visitar os campos de trabalho. Gostava de beber, como seu pai: uísque, cachaça, vinho, cada vez mais, desde manhã. Gostava das mulheres loiras, especialmente as rústicas filhas dos colonos, e gostava também das mulheres crioulas, mais delicadas. Gostava de colecionar lustres e quadros, cachimbos e primeiras edições de livros — embora raramente lesse —, relíquias artesanais dos guaranis, amuletos, talismãs; era devoto de São Morte. Sua irmã Nora fundou, em 1949, o primeiro zoológico de Misiones, perto de Puerto Reyes. Com o passar dos anos, foi transformado em refúgio de animais, um santuário para espécies em extinção e meca para veterinários do país. Ela foi viver na França, casou-se e nunca mais voltou à Argentina, mas deixou o zoológico aos seus fiéis colaboradores, ecologistas pioneiros. Nesse mesmo ano Adolfo e Mercedes tiveram sua única filha, Rosario.

Adolfo se dedicou a construir uma casa de hóspedes e a alegrar a velhice de Santiago com mais uma neta, Catalina, a quem todos chamavam Tali, filha de sua amante de Corrientes, a mulher mais linda que ela já tinha visto, metade indígena, metade italiana. Passava todo o tempo que podia com ela: sonhava com ela em suas noites de bebedeira. Embebedavam-se juntos, percorriam povoados à procura de artesanato, Adolfo fechando negócios, experimentavam bebidas locais, primeiro com Tali nos braços, depois com ela já crescida. Rosario os acompanhava: as meninas se adoravam, brincavam juntas, era muito difícil separá-las quando as férias terminavam. Mercedes, que havia passado a

gravidez na cama e tivera um parto de risco, não podia mais ter filhos e se entregava às leituras e às viagens: tentava ir à Europa uma vez por ano, tinha reuniões secretas e intensas em Londres com a Ordem. Alguns dias lia sobre Hécate e as bruxas de Macbeth; em outros costurava bocas de sapos e percorria cemitérios. Em Londres, participava de todas as cerimônias importantes: sua procedência geográfica era periférica, mas sua posição na Ordem não. Era respeitada, importante, era o sangue. E queria mais poder. Viver na Argentina não diminuía sua importância: o dinheiro, costumavam dizer os Bradford, é um país em si mesmo.

No entanto, nunca, nem em seus sonhos mais selvagens, Mercedes teria imaginado que seu irmão, médico prodigioso, cardiologista brilhante, uma noite lhe diria aos berros, agitado e enlouquecido, que acreditava ter encontrado um médium, um garoto muito doente, de cinco anos, cujo coração ele havia operado em uma cirurgia de altíssimo risco, um verdadeiro desafio à sua reputação e uma espécie de marco para a disciplina no continente. Dizia que estava convicto; que seu poder floresceria. Que precisavam ajudá-lo, cuidar dele, criá-lo. Que não podiam deixá-lo morrer. Ele vai morrer com sua família, Mercedes, são uns imigrantes toscos que moram em Berisso, um porto imundo. Não têm dinheiro nem para morar em Buenos Aires. Por muito tempo Mercedes não quis acreditar, nem mesmo quando o garoto — delicado, com olhos tenebrosos — ficou hospedado no edifício onde toda sua família morava na avenida Libertador, em Buenos Aires. Não queria acreditar, apesar de seu próprio pai, Santiago, que se dedicou a ensinar magia ao garoto, educando-o em línguas, mitologia e arte, acreditar. Ela não queria acreditar porque sonhava em ser a pessoa que encontraria o médium: trabalhava com determinação para isso depois da enorme decepção causada por Rosario, sua filha, que havia sido proibida pelos homens da família de treinar. Homens frouxos, moralistas, pensava. A garota não parecia ter nenhuma habilidade, mas

as habilidades também podiam ser invocadas. Bá, costumava dizer, e, quando era vencida pelo mau humor, descarregava dando surras em Rosario que deixavam a filha com as costas roxas.

Ela não acreditou até que as evidências os deixaram quase loucos em Puerto Reyes e Juan os elevou, mas especialmente ela, porque era uma Bradford, a níveis impensados nas fileiras da Ordem; quando os olhos do Culto da Sombra se desviaram, repentina e definitivamente, para uma casa enorme cercada de terra molhada na selva.

* * *

— Perdemos tempo e dinheiro te mandando as passagens, então — disse Adolfo antes de cumprimentar Juan, que acabara de estacionar o carro embaixo das árvores, junto à porta principal de Puerto Reyes. Adolfo já estava bêbado, mas ainda faltava muito para se tornar desagradável. O céu ameaçava chuva, e a casa, recém-pintada de branco, estava linda. — Você sempre consegue escapar quando quer, hein. Esses guarda-costas são uns inúteis.

— Quis vir de carro com Gaspar, precisava desse tempo com ele. Como vai, Adolfo?

— Já tive dias melhores. Como vai você?

Adolfo se agachou diante de Gaspar e lhe disse, não vai dar um abraço no seu avô? Gaspar o abraçou, mas sem entusiasmo. Seus braços finos estavam um pouco queimados de sol. Mercedes apareceu em seguida. Caminhava com dificuldade apesar da bengala, nunca havia se recuperado direito do fêmur quebrado em um acidente de equitação. Ela beijou o garoto, que tentou se desvencilhar, e acariciou seu cabelo com as duas mãos. Meu tesouro, dizia. Então olhou para Juan: a cobiça entortava o seu sorriso.

Seus sogros não sabiam como tratá-lo. Com o respeito devido a um oráculo, um médium, que falava com os deuses? Com a naturalidade de um relacionamento familiar? Com a severidade que sua ocasional rebeldia merecia? Ele já não se importava.

— Querido — cumprimentou Mercedes. — O quarto já está preparado. Suponho que queira descansar depois da viagem terrível que você fez. Só mesmo você para vir dirigindo pela estrada quando podia escolher entre motorista e avião.

Ela decidiu não o acusar de fugir. Mudariam os guarda-costas de novo, como acontecia sempre que ele conseguia ludibriá-los. Mercedes usava óculos escuros até mesmo dentro de casa, mas sempre os tirava para olhá-lo. Parecia levemente ofuscada e ansiosa.

— Prepararam um quarto diferente daquele que nós usávamos?

— É claro.

Caminharam pelo fresco corredor principal de Puerto Reyes. Nas paredes brancas estavam pendurados os souvenirs de Adolfo: troféus de caça, chifres, cabeças de lince com suas orelhas compridas. Também algumas gravuras originais de Rembrandt, pequenas gravuras em molduras proeminentes. Mercedes costumava dizer que a coleção se deteriorava ali, na selva, que os quadros deviam ser mantidos em Buenos Aires. E Adolfo havia seguido essa orientação com a maior parte de suas peças, com exceção dos Rembrandt e de uma pintura do assalto a Curupaytí de Cândido López que estava na sala principal: soldados como insetos pretos e no horizonte a fumaça e o fogo e o céu azul-claro. Era bela e terrível, e Adolfo havia se recusado enfaticamente a doá-la ao Museu Nacional; tampouco queria vendê-la. Rosario costumava gritar com ele, papai, é uma vergonha que esteja aqui, todo os Cândidos estão no Histórico ou no Nacional, é um roubo, isto é *patrimônio*, e ele respondia, eles que venham pegar, então, vão para a puta que os pariu, não vou dar a eles

porra nenhuma. Rosario fingia indignação, mas Juan podia ver seu sorriso: se dava bem com o pai, apesar das brigas, apesar de ele ser um homem superficial e egoísta.

Subiram até o primeiro andar: Mercedes tinha mandado preparar um dos quartos com vista para o rio, um dos que tinham ar-condicionado. Gaspar entrou correndo, abriu a mochila sobre a cama e tirou seus carrinhos.

— Se precisar de alguma coisa, o interfone está logo ali.

Quando Juan olhou o quarto, percebeu o esforço que tinham feito para erradicar qualquer coisa que lembrasse Rosario. Nem os buquês de flores, nem o incenso de sândalo impregnando o ar, nem os lençóis brancos que ela adorava, nenhum dos objetos e enfeites do quarto de baixo: Mercedes não tinha mudado nada. Nem as lâmpadas nem a cigarreira oriental nem uma única foto nem os quadros.

— Obrigado — disse Juan, e Mercedes assentiu. Olhou para ele: seus olhos estavam frios e distantes, como se estivesse drogada.

— Estarei no meu quarto.

— Não vou incomodá-la.

Ela agarrou os braços dele com as mãos finas; usava apenas a aliança de casada, não era vaidosa, não pintava o cabelo. Os outros ela podia enganar, mas Juan sabia que era capaz de matar e desconhecia a piedade.

— Como você poderia me incomodar?

O ar-condicionado estava ligado, e o vidro da ampla janela era tão limpo que ela parecia aberta; dava para o jardim. Das outras janelas do vasto primeiro andar era possível ver o campo de golfe que Adolfo havia deixado de cuidar até a selva devolvê-lo à sua condição de matagal.

Juan se despiu na frente da janela e se deitou nos lençóis, com os braços atrás da cabeça e os olhos fechados. Ouvia Gaspar, que tinha se apoderado da mesa e desenhava nos papéis que estavam na mochila. Precisava se livrar dele.

Nas horas seguintes, até o Cerimonial, não poderia estar com o filho. Não podia cuidar do garoto agora, não da maneira que precisava, a maneira mais simples, entretê-lo, fazê-lo brincar, passear com ele. Adolfo era capaz de cuidar do neto, claro, mas estava bêbado. E ele gostava de armas e de passear de barco e, acima de tudo, gostava de falar. Era perigoso demais deixar Gaspar com ele.

Tentou se lembrar do que Rosario fazia com Gaspar durante os Cerimoniais anteriores e percebeu que não tinha a menor ideia. Ela não lhe contara e nem lhe ocorrera perguntar.

Isso havia sido outro erro. Quantos dos participantes, quantos dos membros do culto sabiam que Gaspar poderia ter dons naturais? Agora que Gaspar tinha manifestado sua capacidade de ver, era questão de tempo que se soltasse.

Juan respirou fundo e esticou o braço para chamar Marcelina. Ela trabalhava em Puerto Reyes há anos, Juan confiava nela. Era discreta, eficiente e tinha uma capacidade enorme de fingir que não entendia o que acontecia na casa, de fazer parecer que ela ignorava os assuntos dos patrões e de falar somente guarani com os outros empregados. A mulher atendeu o interfone imediatamente. Havia certo tremor em sua voz quando disse: sim, senhor? Devia estar muito nervosa por ter que atendê-lo depois da morte de Rosario, que com certeza a deixara genuinamente triste. Marcelina, disse ele, pode pedir ao senhor Esteban que suba ao meu quarto? Imediatamente, senhor, disse Marcelina, e Juan pensou senhor, senhor, por que a obrigam a se dirigir assim a mim. Quando estavam sozinhos, ela o chamava pelo nome.

Stephen insistia que o chamassem de Esteban quando estava na Argentina. Na Europa usava seu nome verdadeiro, seu nome inglês. Juan sempre o chamara Stephen. Conheciam-se há quase vinte anos, e o primeiro encontro, tão distante, tinha sido naquela casa, em Puerto Reyes. O filho mais velho da líder da Ordem, Florence Mathers, e de seu esposo, o recluso Pedro Margarall, tinha pálpebras pesadas e os olhos azuis escuros; era alto, embora parecesse

pequeno ao lado de Juan. Entrou sem bater. Vestia uma camisa marrom escuro e calças pretas. E estava indubitavelmente irritado. Juan abriu os olhos, mas não saiu da cama. Gaspar olhou para Stephen com curiosidade, cumprimentou-o e voltou a desenhar.

Em voz alta, Stephen disse:

— Por favor, diga-me que estou errado.

— Você podia aprender a falar argentino, passa vários meses por ano aqui. Como vai seu namorado missioneiro?

— Esplêndido. O que fizeste no cemitério de Corrientes?

— Você andou me seguindo?

Stephen jogou a página dobrada de um jornal sobre a barriga nua de Juan. Juan o abriu. A foto era de péssima qualidade — a impressão do jornal, de circulação local, era barata —, mas entendeu que os olhos instruídos de Stephen pudessem distinguir, no chão, o símbolo já borrado. As velas não o entregavam. Todos os cemitérios da região tinham suas seções de velas e de cultos brasileiros; em todos eles galinhas eram degoladas e se faziam oferendas em bandejas de papelão com frutas e pão.

— Nem apagaste as pegadas.

Juan começou a ler o artigo, mas preferiu perguntar:

— Há alguma consequência?

— O guarda está morto.

— Não era minha intenção.

Stephen apertou os olhos, tirou o jornal das mãos de Juan e começou a rasgar o papel em tiras finas.

— Já me encarreguei de enviar algo à polícia e à família do morto para que não continuem a investigação.

Juan não o agradeceu. Perguntou se Mercedes, Florence e os outros sabiam de alguma coisa. Stephen disse que não, que eles nunca liam os jornais locais.

— O que tu querias saber?

— Não corremos perigo.

— Vocês não. Os vizinhos do cemitério nunca mais terão noites de sono tranquilas.

— Não estou nem aí para essa gente.

Stephen não precisou dizer a Juan que estavam começando a falar em segredo. Fazia todo o esforço, ao contrário do que acontecia com Tali.

A quantidade de energia necessária para invocar é alta. Um dia antes do Cerimonial, no teu estado, é suicídio.

Precisava saber se Gaspar podia vê-lo.

Podias saber sem realizar essa exibição desnecessária e vulgar de poder.

Stephen se sentou ao pé da cama. Juan podia sentir sua raiva e aquela corrente incondicional que os mantinha unidos. Disse não com a cabeça e o chamou com os braços estendidos. Stephen mal se mexeu, apenas o suficiente para beijar seus lábios com delicadeza. Juan passou a mão por seus cabelos grisalhos.

Está tudo pronto. Tali já começou seu trabalho também. Além da minha mãe, há dois ingleses na casa que sabem o que fazem. Os outros são Iniciados menores. Tali chega amanhã. Nós três nos encontraremos no início da tarde, perto do local do Cerimonial.

Eu conheço esses ingleses?

São escribas, os dois. Acho que tu os conheces.

Se eu morrer depois do Cerimonial, quero que leve meu filho para o Brasil, que o deixe com meu irmão. Ainda não encontrei o selo para protegê-lo.

Stephen olhou para ele com seus olhos pequenos e aguçados.

Tu não vais morrer amanhã. E eu não posso fazer isso. Irão atrás dele. Já invocaste em condições piores.

Juan se lembrou do ano anterior. Sim, havia sido muito pior. Para mantê-lo de pé, Stephen teve que amarrá-lo a uma espécie de cruz improvisada. Era a segunda vez que fazia isso. Seu corpo pendurado nas madeiras, coberto pela túnica, seus cabelos loiros, mais longos que agora, caindo sobre o rosto. Juan não se lembrava do que havia acontecido após o Cerimonial. Não acordou na casa: tiveram que transferi-lo para um hospital, primeiro para um em Corrientes e depois, uma vez estabilizado, para um hospital de Buenos Aires. Ele teve que esperar mais seis meses para poder realizar a cirurgia que o salvara, um bypass triplo. Havia passado seu aniversário de 28 anos na UTI.

Você acha seguro eu deixar meu filho com Marcelina?

Claro. Preciso explicar-te algumas coisas. Mas quero que o tires daqui primeiro.

Juan voltou a discar o número de Marcelina e pediu que ela subisse. Para não constrangê-la, cobriu-se com o lençol e pediu que puxasse uma cadeira para perto da cama. Stephen permaneceu onde estava.

— Preciso que você tome conta do Gaspar até domingo.

— É muito tempo, senhor.

— Não me chame de senhor.

— Queria primeiro te dar os pêsames por Rosario. Eu gostava tanto dela. Estamos muito tristes.

— Tudo bem, Marcelina.

Sentado na cama, com todos os travesseiros que havia encontrado para se manter erguido, explicou a ela que Gaspar já sabia ler e que isso o entretinha, que sabia nadar, mas que o levasse apenas à piscina. Sim, senhor, o rio é muito traiçoeiro, e ele ainda é pequeno. Todas as roupas dele estão naquela bolsa, na poltrona. Ele come de tudo. Se tiver dor de cabeça, dê a ele uma aspirina e tente colocá-lo para dormir. Se ele perguntar por mim, diga que fui trabalhar. Leve-o para ver as borboletas, talvez fique com medo, mas acho que não. Ele vai adorar o zoológico.

O fato de Marcelina, seu marido e seus filhos viverem na encantadora e pequenina casa na entrada de Puerto Reyes tranquilizava Juan — fazia muitos anos que eram os caseiros. Gaspar ficaria isolado de qualquer coisa que acontecesse na mansão e, ao mesmo tempo, estaria a apenas duzentos metros de distância. E bem cuidado.

— Diga-me, Marcelina, o senhor Adolfo anda bebendo muito? Diga a verdade.

— Ih, muito. Eu diria que duas garrafas de uísque por dia. Eu encontro as garrafas à noite.

— Então está bêbado o tempo inteiro.

— Isso eu não saberia dizer.

— Está saindo de barco?

— Sim, mas ele não pilota mais, quem navega é o meu marido.

— Se eles forem passear no rio, você pode levar o Gaspar. Mas apenas com o seu marido. Tali me disse que há dois cachorros novos.

— São grandões. Não vou deixar o garoto chegar perto, eu também tenho pavor deles.

Disse que Gaspar também gostava da passarela que terminava no mirante, a grande, que tinha sido construída sobre as árvores. Nós o levamos lá com a mãe, e ele perguntava se podia voar, disse Marcelina. Prefiro que não fique perto da casa, disse Juan. Tenha cuidado para que não seja picado por nada. Não se preocupe. O zoológico é muito bem cuidado e eu sei cuidar bem de crianças.

Então, Juan chamou Gaspar, que se aproximou. Tinha um dos punhos fechados, e Juan, lentamente, abriu cada dedo e massageou a palma de sua mão. Vou trabalhar por alguns dias, disse. Gaspar olhou para ele desconfiado, mas assentiu com um gesto de cabeça. E, enquanto você me espera, ela vai cuidar de você. Lembra dela? Gaspar assentiu novamente com a cabeça. Não

tenha medo: volto em dois dias. Não é muito tempo?, perguntou Gaspar. Não, não é muito tempo. São duas noites. É só contar.

— E eu tenho o telefone do tio.

Juan beijou Gaspar na testa. Em seguida, indicou a Marcelina que pegasse a bolsa, a mochila e os papéis e, apesar de ficar surpreso por Gaspar não perguntar aonde ia, qual trabalho precisava fazer, se ia sozinho, coisas que, certamente, ele queria perguntar e para as quais havia inventado respostas, deixou que eles fossem embora sem dizer mais nada. Marcelina saiu em silêncio. Seus longos cabelos, muito pesados e escuros, estavam presos em um rabo de cavalo. Ela estendeu a mão a Gaspar, que não a segurou porque preferiu carregar a mochila.

Stephen se deitou ao lado de Juan, imitando sua posição, braços atrás da cabeça, olhos fechados. Desde que se conheceram, haviam sido inseparáveis, tinham conspirado e fracassado juntos. Stephen era o filho mais velho de Florence, a líder da Ordem. Havia sido criado metade do tempo com o pai, em Cadaqués, e a outra metade em colégios ingleses de elite. Durante toda a vida tinha morado em mansões e com os mais altos privilégios, mas se sentia um pouco estrangeiro e um pouco órfão.

— Estou te ouvindo — disse Juan.

Vão testar o garoto assim como fizeram das últimas vezes e, desta vez, não permitirão que estejas presente. Foi um erro invocar um demônio na frente do teu filho pouco antes de minha mãe e do círculo interno resolverem testar suas habilidades.

Gaspar acha que a visão do demônio foi um sonho.

E acreditas nisso? Bem, se contar a eles o sonho, saberão que estás apenas confuso. O que tu fizeste foi um erro, mais um erro autodestrutivo. Começo a duvidar do amor que professas por teu filho e começo a achar que estás escondendo alguma coisa de mim. Se o demônio fugisse do teu controle, poderia destruí-lo na frente do

menino. Ou destruir o menino. Não é totalmente verdade que quisestes descobrir se Gaspar podia vê-lo. Tens outros meios de testar isso. Talvez estejas enlouquecendo. Por que estás jogando esse jogo?

O que você conseguiu averiguar sobre a morte de Rosario?

Não encontrei nada.

Acho que não procurou direito.

É possível. Estive ocupado com outros assuntos. Mercedes está abarrotando a passagem subterrânea. Alguns são bebês. Está fazendo testes como nunca para encontrar um novo médium, e minha mãe aprova. Estão preocupados porque Gaspar ainda não se manifestou, acreditam que a tua morte é iminente e não querem perder a comunicação. Gaspar é pequeno demais para tentar o ritual de transferência neste momento.

Houve um silêncio. Juan ouviu o barulho do ar-condicionado.

Escuta. Se eles provarem que Gaspar não é médium, e assim será, porque nós escondemos sua condição, começarão a preparar o Ritual. Tu sabes que isso não implica torturas físicas, é bem simples nessa fase.

Não quero que continue a falar sobre isso. Nunca entregarei meu filho a eles. Não é possível fazer o Ritual com sucesso. Já provamos isso.

O que vimos foram ensaios. Fracassos. Tu sabes que as chances de sucesso, no teu caso, são muito altas. E tu não estarias entregando Gaspar: usaria o corpo de teu filho para ti mesmo.

É exatamente a mesma coisa. Ele deixaria de existir. Não vou mudar de ideia. Nem a possibilidade de ser levado ao Outro Lugar quando morrer me fará mudar de ideia. Você está falando igual à Rosario.

Se ele é médium, não há saída, Juan. É apenas um pouco mais jovem do que tu eras quando começaram a te usar. A preparação do meu irmão começou inclusive quando ele era mais novo que Gaspar. Usariam os dois até que teu corpo não aguentasse mais. Isso poderia ter sido evitado se a criança não existisse. Mas a criança

existe e é teu filho. E se tu não queres usar o corpo dele para continuar, eu vou te ajudar. É possível enganá-los agora. Também é possível que o Ritual fracasse na hora certa. Podemos afastar Gaspar da Ordem e também podemos impedir que usem o corpo dele para o Ritual.

Meu filho corre risco de qualquer maneira.

Correrá menos risco se eles não descobrirem que tem habilidades. E eles não descobrirão, porque trabalhamos bem para escondê-lo e com a ajuda do Outro Lugar. Não confias em ti, em nós? Em seis anos poderemos salvá-lo do Ritual.

Você promete?

Bom, na verdade tu é que deverias prometer. A única coisa necessária para o Ritual não funcionar é que tu não queiras fazê-lo. Agir como se falhasses ou fazê-lo fracassar.

Não suporto estar tão desprotegido, não suporto sentir essa falta de poder tão evidente, não suporto saber que eles estão errados e persistem nessa veneração.

Quantas vezes já conversamos sobre isso? E, no entanto, tu estás aqui.

Como se eu pudesse evitar isso.

Foi um erro não tentar controlar a Ordem antes. Nós teríamos conseguido. Não tentamos de verdade.

Juan olhou para o teto.

Rosario teria controlado a Ordem, com Gaspar e contigo, e tu sabes disso.

Acha que a mataram por isso?

Minha mãe é uma boa negociadora. E não encontrei nenhum indício de suspeitas sérias a respeito de um plano. Não é nenhum segredo que Rosario era rebelde.

Não me traia, Stephen.

E tu não me insultes. Estou em perigo por tua causa.

Stephen se levantou da cama, mas, antes de sair, pôs as mãos nos ombros de Juan, apesar de evitar olhá-lo nos olhos.

Minha mãe me disse uma vez que o teu poder era tão grande quanto a tua irresponsabilidade. Eu sempre vou te acompanhar. Enquanto não me afastares do teu lado, estarei contigo.

Stephen se separou de Juan e, sem olhar para ele, saiu.

* * *

O médico perguntou como ele tinha estado, e Juan contou a verdade, descreveu os sintomas e as crises. Bradford decidiu aumentar a dose dos betabloqueadores e antiarrítmicos. Então o examinou. Tocava-o com a mão boa: a outra, mutilada, ele escondia com uma luva preta. Quero que você tome um ansiolítico e durma, disse. Juan assentiu: estava exausto. Vou precisar de algo mais forte. Bradford não discutiu e lhe deu um Valium, na dose mais alta. Estamos mais bem preparados para a sua recuperação do que no ano passado, disse, enquanto Juan engolia dois comprimidos sem água. Graciela já está na casa, acompanhada por outro médico, e montamos uma sala de cuidados muito avançada.

Está bem, Jorge, disse Juan.

Bradford queria dizer algo mais, mas hesitou. Fazia vinte anos que ele se comportava da mesma maneira, com aquela indiferença que ocultava devoção. Juan adormeceu nu sobre os lençóis e, possivelmente influenciado pelo ar-condicionado, que gelava o quarto, sonhou que a Escuridão estava fria e úmida, sonhou com dentes rangendo e seres tortos e os campos de corpos e os bosques de mãos e o enforcado pendurado pelos pés e o bosque e então ele já não conseguia andar, andar na Escuridão era muito difícil, era como escalar e não havia ar suficiente e as coisas assumiam formas familiares em seus olhos mas depois voltavam a ser imagens distorcidas e inexplicáveis; o bosque era claro embora estivesse tão longe e sem cor, e também era clara uma presença

entre as árvores, que esperava, pilhas de crânios, um rio negro que não fazia barulho.

Acordou agitado, mas não confuso: Puerto Reyes era sua casa mais do que qualquer outro lugar, embora agora só a visitasse uma vez por ano. Tomou uma ducha rápida e embaixo d'água, em meio ao vapor, pensou em Gaspar. Está bem, ele sentiu. Perto e bem. Vestiu-se para encontrar Stephen e Tali, e quando saiu no corredor o calor o deixou tonto. Era quase sólido. Não havia ninguém na casa, até onde ele podia escutar. Certamente, Florence, Mercedes, Bradford, Anne e o outros estavam reunidos em algum lugar. Não conseguia ouvi-los.

Ele poderia marcar cada canto da casa como seu mapa particular. As mesmas escadas de madeira que ele descia agora o haviam levado, quando criança, ao Lugar de Poder. O jardim onde Tali o beijou pela primeira vez e onde ele tentou conter seu espanto e sua alegria não tinha mudado muito. Ele sabia o número de degraus da escada que levava à passarela e ao rio.

Quando deixou as escadas para trás sentiu, desde a ponta dos dedos e depois como uma explosão de luz na cabeça, algo que se desesperava no velho túnel que uma vez unira as duas casas, a mansão principal e a de hóspedes. O túnel já não era usado devido às inundações, estava perto demais do rio e tinha desabado, com exceção do primeiro trecho, o mais próximo de Puerto Reyes: cerca de duzentos metros ainda estavam de pé. Esse trecho era usado por Mercedes para prender seus garotos e seus prisioneiros. Ela sempre havia caçado entre os abandonados e ali, no norte, na fronteira, tinha a reserva ideal, gente pobre, esquecida, tão desamparada que nem sequer recorria às autoridades quando um filho ou um irmão desaparecia. Além disso, há anos ela contava com os sequestrados que seus amigos militares lhe entregavam. A Escuridão pedia corpos, ela se justificava. Isso não era verdade. A Escuridão não pedia nada, Juan sabia. Na Ordem, Mercedes era a adepta mais intransigente do exercício da crueldade e da perversão como caminho para as

iluminações secretas. Juan acreditava também que a amoralidade era uma distinção de classe para ela. Quanto mais se afastava das convenções morais, mais clara se tornava sua superioridade de origem. Florence não compartilhava mais seus métodos, mas não impedia Mercedes, que, como membro de uma das famílias fundadoras da Ordem, tinha suas permissões e sua agenda própria.

Tali e Stephen estavam esperando por ele no antigo coreto cercado por estátuas de bronze que Adolfo Reyes mandara trazer da França. Stephen estava sentado nos degraus do coreto, e Tali, de pé a seu lado, fumava um cigarro. Juan a beijou na boca antes de levá-la ao centro do coreto. Ali, perto do Lugar de Poder, era capaz de falar com eles em voz alta, criando um círculo de silêncio em torno deles com pouco esforço, porque já estava se alimentando da Escuridão, já sentia uma nova força pulsando em suas artérias, sentia como seus ouvidos e sua pele percebiam cada movimento com a intuição de um animal noturno.

— Tivemos que fazer um trabalho duplo — disse Tali. — Essa sua criança é poderosa, caramba! Você não deixou cabelo suficiente para mim, mas por sorte vocês esqueceram roupas lá em casa.

Juan sorriu. Pegou a mão dela e levou os dedos à boca. Fediam a sangue salgado e seco.

— Que antiquada, Tali — disse.

— O antiquado funciona — interveio Stephen.

— Às vezes é o único que funciona — disse Juan.

* * *

Não conseguia ver, do quarto, o Lugar de Poder. A janela aberta, no entanto, trazia o cheiro das velas que lhe indicariam o caminho à noite, embora ele pudesse percorrê-lo de memória. Não estava nervoso, não tinha medo: quase

não sentia. Estava pronto para a coroa de sombras. Logo ingressaria naquela zona escura em que estava presente e que, no entanto, já deixava de existir. Era capaz de sair com facilidade: nem sempre havia sido assim. Agora ele era como um convidado a quem se entrega a chave para que entre e saia quando quiser.

A túnica era de tule preto; Juan a deixou cair sobre seu corpo nu e passou os braços pelos buracos das mangas. Os braços deviam estar para fora. Alguém, provavelmente Florence, havia mandado forjar dois pequenos chifres de veado na máscara. Juan se olhou no espelho antes de descer. O traje era desnecessário, mas a Ordem tinha apreço pelos detalhes cerimoniais e Juan os aceitava com resignação. Entendia seu efeito.

Desceu as escadas e, no pátio, viu as primeiras velas, um caminho de duas linhas sinuosas e paralelas. O silêncio era total, exceto pelos pássaros noturnos, o chapinhar do rio, um cão ao longe. Quando deixou o perímetro de Puerto Reyes e entrou na trilha para a selva, olhou para as mãos: já não eram as suas. Já eram negras, como se ele as tivesse mergulhado em um poço de piche. Totalmente negras até acima dos pulsos. E a forma também estava mudando. Pouco a pouco e sem dor, os dedos cresciam: a princípio pareciam afetados por um reumatismo repentino, e, num piscar de olhos, as unhas se tornaram longas e fortes, curvas, adagas douradas. Essa era a sua marca de médium, a metamorfose física que o assinalava e o condenava. O deus das unhas de ouro.

Deu mais um passo e viu a primeira linha de Iniciados. Passou entre eles. O Lugar de Poder o atraía, puxava sua pele. Quando pisou nele, virou-se e, antes de abrir os braços, percorreu com o olhar os Iniciados: os velhos nas filas da frente, os jovens atrás, alguns expectantes, outros cheios de medo, os escribas preparados, e os destinados ao sacrifício, com os olhos vendados e as mãos atadas.

E então ele não viu mais nada.

* * *

Tali esperou entre os Iniciados. Ela podia ver o pai na primeira fila, junto a Mercedes, ao lado dos escribas, mas nunca ousaria tomar um lugar ali. Preferia ficar em segundo plano.

Sempre comparecia ao Cerimonial. Ia por Juan, mas também porque aquilo que vinha com a noite era divino, embora, ela tivesse certeza, não fosse sagrado. Stephen, o único em toda a Ordem por quem Tali nutria um afeto verdadeiro, a escutara atentamente nos dias anteriores, quando trabalharam juntos para proteger Gaspar e também para dar força mágica a Juan. Ele quer parar de invocar, mas diz que não consegue, dissera Tali. Como é que não pode parar?

Stephen, que estava estranhamente envelhecido e magro, havia respondido que aquilo era mentira. Ele não quer parar, dissera. Se quisesse, poderia renunciar. Tem o poder de se esconder, e tem quem o ajude a desaparecer se assim desejar. Ele não mente quando dá suas desculpas, mas são desculpas. Não sei nem nunca saberei o que é estar em contato com esse poder, mas sei que não é possível desprezá-lo. Ninguém conseguiria. Ele também não consegue. Não entendo e nunca entenderei como passou tanto tempo sem enlouquecer.

Stephen encharcou de sangue as roupas de Gaspar e cortou-as em tiras. Havia desenhado símbolos com giz no chão. Suas mãos estavam sujas, como as de Tali.

Está transtornado, *chamigo*, respondeu ela, e Stephen sorriu. Um pouco, sim. Vai piorar à medida que seu poder diminua. Tali quis saber se o poder de Juan estava minguando, porque sua saúde estava piorando. Não acredito nisso, disse Stephen. Acho que existe um ciclo de poder e que tal ciclo está chegando ao fim. Ou se extinguindo. Nenhum médium durou tanto tempo como ele, então, na verdade, não sabemos o que ele tem, nem por quê.

No entanto, Tali não sentia esse fim de ciclo agora, de pé entre as velas, no calor insuportável da selva, com os Iniciados que, às vezes, se jogavam no chão aos prantos, tremendo. Sentia que ele estava vindo, assim como todos sentiam, e não ousava se virar. Aquele não era o homem que ela conhecia, o que dormia em sua cama. Aquilo, que andava com passos tão claros que era possível sentir o roçar de cada haste de grama sobre seus pés descalços, já não era exatamente um homem.

Tali manteve a cabeça baixa até que as exclamações, os gemidos e o êxtase a obrigaram a olhar.

Juan já estava no Lugar de Poder. Desta vez usava uma máscara. Ele abriu os braços e moveu a cabeça para um lado: havia uma galhada de animal silvestre presa nela; parecia um demônio indiferente.

As mãos: Tali as viu quando ele as estendeu. Garras de pássaro completamente negras, queimadas, mas de aspecto pegajoso. As unhas douradas brilhavam como facas à luz das velas. Quantas velas? Centenas. E então o barulho da Escuridão aberta.

Um arquejo, pensou Tali desta vez, como de cães sufocados por coleiras; ou de cães sedentos, famintos, a entrada de uma matilha. E a Escuridão crescia primeiro ao redor de Juan, como se fosse vapor desprendendo-se de seu corpo, e de repente — Tali sempre era pega de surpresa nessa hora — afastava-se em todas as direções e tornava-se enorme e líquida, brilhante, melhor dizendo. Era difícil olhar para ela: mais escura que a noite, compacta, cobria as árvores, as luzes das velas e, enquanto crescia, elevava Juan, que flutuava, suspenso no negrume alado. Os escribas anotavam, Tali os via, mas não ouvia nada, nada além de arquejos e o bater de asas. O que ouviriam os que escutavam a voz da Escuridão? Juan uma vez lhe dissera que não ouviam nada, que era pura sugestão, que o que eles escreviam era uma espécie de ditado automático de suas mentes. E, se ouvem algo de verdade, dissera ele, não pode ser algo bom.

Tali tentou procurar Stephen entre as pessoas, mas já não era possível: as filas estavam desfeitas, alguns tentavam correr na direção das árvores, os Iniciados mais firmes os detinham, e da Escuridão chegava um hálito gelado e malcheiroso.

Era o momento do sacrifício. Mercedes o precedia. Aqueles que eram entregues à Escuridão tinham os olhos vendados, as mãos atadas, tropeçavam. Drogados e cegos, não faziam ideia do que estavam enfrentando. Talvez esperassem dor. Tali viu um homem jovem, muito magro, completamente nu. Chorava, estava mais desperto que os outros, seus lábios tremiam. Para onde estão nos levando!, gritava, mas seus gritos foram abafados pelo arfar da Escuridão e pelo murmúrio dos outros.

Mercedes não precisava fazer muito. A Escuridão tinha fome e nunca recusava o que lhe ofereciam. Os que foram entregues à Escuridão desapareceram de uma bocada só. Tiveram sorte, pensou Tali. Ela havia questionado o pai sobre aquela prática. Rosario também. Ele, com desdém, disse que eles iriam morrer de qualquer maneira. O que aconteceu com vocês, por que defendem tanto essa molecada? Estão marcados para morrer, filhas. Estamos fazendo um favor a eles.

Muitos membros da Ordem pensavam que, na verdade, aquilo era uma honra. Como o jovem homem vestido com um terno preto apesar do calor, que se aproximava voluntariamente da Escuridão. Foi o primeiro. Tali o viu esticar os dedos para tocar aquela luz negra compacta, ao lado de Juan, na altura de seus quadris.

E viu como a Escuridão o fatiava, primeiro os dedos, depois a mão e, então, com um som guloso e satisfeito, engolia-o inteiro. O sangue das primeiras mordidas respingou em Juan, mas ele não se mexeu. Não se mexeria por um tempo, até a Escuridão se fechar.

As próximas foram duas mulheres, de mãos dadas. Uma jovem, a outra velha. Mãe e filha? A Escuridão pegou a velha pela cabeça e por um momento seu corpo degolado continuou andando. A jovem nem olhou para ela e, se olhou, não se impressionou. Entrou na Escuridão com determinação e um sorriso, e arrastou o corpo sem cabeça atrás de si, agarrando-o pelo braço. Desapareceram deixando apenas um rastro de sangue, os jatos com os quais a carótida havia regado os devotos das primeiras filas, que agora recuavam um pouco, porque a Escuridão descia, descia como um teto de trevas ou uma garganta sem fundo e parecia ter olhos e poder escolher.

Tali viu como ela carregava, inteiro, um homem nu que estava de joelhos. Depois viu como os Iniciados não conseguiam deixar de levantar os braços e tocar a Escuridão, que comia dedos, mãos. Ela viu Stephen, por apenas um segundo, entre a multidão manchada de sangue; as velas ainda estavam acesas mas pouco podiam frente ao confinamento negro da Escuridão que descia como um manto.

E então começou a retirada. Primeiro subiu aquele teto escuro como de morcegos, distante e cada vez menor, envolveu Juan, que abaixou os braços lentamente e virou a cabeça para a frente. A Escuridão não se dissipava: recuava como nuvens de tempestade, mas se mantinha em volta do médium e o devolia gentilmente ao chão. Os Iniciados, os amedrontados e os alucinados, os calados e os escribas, todos obedeciam àqueles que tinham mais personalidade ou mais experiência, e se forçavam a formar novamente as filas. Alguns acendiam as velas que a proximidade da Escuridão havia apagado. Todos fingiam não estar aterrorizados; os que tremiam preferiam dizer que era de êxtase, de emoção, a glória de testemunhar a aparição de um deus vivo.

Juan agora estava ajoelhado em uma perna só e era possível ouvir sua respiração acelerada e dolorosa. Ainda estava envolvido por um finíssimo halo negro que, todos sabiam, era extremamente perigoso: cortava como uma foice.

O médium se levantou. Andou reto, guiado, os olhos arregalados e molhados. Tali se aproximou dele: cheirava a suor, seu corpo estava encharcado sob a túnica, cheirava a mar e a sal e a algo ácido. Recuou. Não queria que ele a marcasse. O médium levantou a cabeça e pareceu farejar a noite. O fino halo que o envolvia serpenteava, seguia-o aos poucos, como se seu corpo fumegasse. Os Iniciados trouxeram até ele os feridos pela Escuridão. O médium — Tali não podia chamá-lo de Juan agora, não o reconhecia — passou suas mãos negras sobre os ferimentos e os queimou. Cauterizou as feridas, e os Iniciados gritaram de dor mas apenas por um instante, porque acreditavam que a perda de um membro os marcava como eleitos e favoritos. Depois de curados, choraram de alegria. Mãos e braços perdidos na Escuridão que agora eram extremidades novas, mordidas, arrancadas. A Escuridão encolhia cada vez mais, e os Iniciados se jogavam aos pés do médium, como cães famintos, pensou Tali, e ofereciam a ele seus corpos nus. Havia muitos desta vez: muitos esperando um pedaço de pão, tocando-se; alguns se arranhavam. Finalmente, o médium consentiu. Geralmente marcava poucas pessoas. Desta vez elegeu uma garota magra, de peito plano e quadris largos, que estava longe da primeira linha de Iniciados uivantes, uma garota que lhe pedia por favor com os lábios, de pé, uma garota que não era uma loba nem uma cadela submissa: uma garota que parecia uma cobra, com seus olhos pequenos e seu nariz achatado. O médium se aproximou dela, contornou-a com passos lentos, e usou três unhas douradas para rasgar as suas costas com uma patada. O sangue escorria pelas pernas nuas, desenhando um cinto escuro: os Iniciados ficaram boquiabertos. Mais tarde contariam que os cortes, tão profundos, haviam deixado a coluna e as costelas à mostra. A garota se desequilibrou, mas o médium a segurou e, com a outra mão, que aos poucos voltava ao normal — já não tinha as garras amarelas, agora era apenas disforme e negra, reumática —, acariciou as costas feridas dela. E ela parou de sangrar. E os cortes se transformaram em cicatrizes

escuras, como se a mão estivesse carregada de tempo. Então, ele deixou a garota cair no chão e saiu andando, lentamente, em direção à casa. O halo negro o abandonara. A última coisa que os Iniciados viram foi que, ao entrar no caminho de velas, suas mãos ainda estavam negras. Era proibido segui-lo. Apenas Stephen e um grupo seletos estavam autorizados a acompanhá-lo. Tali fazia parte do grupo, porque o médium a havia reivindicado e certos caprichos eram concedidos a ele.

Os Iniciados ignoravam o que acontecia a seguir, as consequências do Cerimonial no corpo do médium. Eles deviam permanecer junto ao altar e acompanhar Florence nos ritos finais, quando os mutilados eram ungidos nos círculos, quando o sangue era recolhido, os textos, lidos, os mortos, removidos. O amanhecer, ainda distante, marcava o fim do Cerimonial.

Tali não participava dos ritos finais. Ela correu, com os cabelos escuros soltos e o vestido branco manchado de sangue, para o caminho de velas e para Juan. Mais do que nunca sentia falta de Rosario, sentia falta de sua integridade e sua sensatez.

* * *

Ele demorava tanto tempo para sair do estado de inconsciência que Tali não queria criar esperanças por um tremor nos dedos ou uma mudança na respiração. Era preciso esperar. Bradford soava otimista. A doutora Biedma, sua discípula, parecia preocupada. Juan tinha perdido a consciência, mas seu coração não havia parado. Fazia anos que isso não acontecia, pensou Tali.

Depois de dez horas, Stephen saiu do quarto. Preciso dormir, disse. Tali pousou uma das mãos nas costas dele, sabia que estava exausto e entendia que ele não quisesse dormir naquele quarto tão triste, com a luz acesa, o monitor barulhento que registrava o batimento irregular do coração de Juan e sua

respiração ofegante. Até mesmo Rosario evitava Juan quando ele estava inconsciente.

Tali não estava com sono. Bradford a tratou com desprezo, como sempre. Para Bradford, ela era o fruto das indiscrições de Adolfo com uma bruxa de povoado. Tali tinha preparado uma combinação poderosa em sua cabeça para, ao menos, perturbar o sono do doutor Bradford por algumas semanas. Assim que voltasse para casa, se concentraria em fazer um trabalho para ele, breve, mas eficaz. Juan e Stephen não deveriam saber, porque os dois sempre a advertiam sobre fazer magia apenas por raiva ou por desgosto. Quem eram eles para julgar, que audácia, depois de tudo que haviam feito e que faziam.

Tali olhou de soslaio para seu reflexo no vidro da janela. Tinha completado trinta anos. Quando diziam que ela era linda, referiam-se a seus cabelos pesados, a seu corpo acostumado a caminhadas e ao brilho de seus olhos escuros. Mas ela nunca se maquiava, não se preocupava com a pele, não gostava de anéis e pulseiras; quando a elogiavam havia sempre reticências, “mas seria muito mais bonita se...”. Sentia que estava ficando velha, que precisava fazer algo a respeito das linhas de expressão em torno da boca, ou das estrias nos quadris, consequência de seus verões em bicicleta, que haviam afinado bastante suas pernas. Aproximou-se da cama onde Juan continuava inconsciente. Acariciou a mão esquerda dele, o machucado que não cicatrizava, e não teve nenhuma resposta. Estava assim há um dia inteiro. De qualquer forma, não se comparava às horas desesperadoras do ano anterior, que ela não suportou: acabou trancada em um banheiro do hospital, rezando loucamente ao Santo, mas acima de tudo assustada, até que a própria Rosario a procurou e pediu que a substituísse, porque ela precisava ficar um pouco com Gaspar: o menino, por uma coincidência não tão estranha assim, ardia em febre, e não conseguiam baixá-la. Lembrou-se da irmã cansada, com o cabelo preso em um coque e uma determinação invejável. Tali soube, ao vê-la, que Rosario estava

destinada a ser a chefe da Ordem. E se eles a tivessem matado por isso? Juan não conseguia nem queria entender a política da Ordem, nem a profundidade das ambições de Rosario. Stephen servia para isso.

Juan se soltou da mão de Tali e, num movimento que ela considerou muito ágil, tirou a máscara de oxigênio do rosto. Antes de sair em busca de Bradford, ela acariciou os lábios pálidos, as olheiras inflamadas. Os olhos dele estavam tão estranhos como sempre depois do Cerimonial. Mais transparentes e atravessados por pequenos derrames: pareciam cegos. Tali sabia que melhorariam com o passar das horas. Ela se inclinou para beijá-lo na testa, e ele perguntou em voz baixa quanto tempo havia passado. Um dia, mais ou menos, respondeu ela. Já volto, disse, e abriu a porta: Bradford já estava do outro lado, como se algo o tivesse alertado. Tali os deixou a sós. Apoiou-se na janela do corredor. Lá fora, o céu ameaçava com mais uma tempestade: nuvens roxas se dividiam na noite escura, e o ar parecia feito de mel. Tali acariciou o amuleto que carregava sob a pele fina do braço, tão pequeno que parecia uma picada ou algum sinal. Meu Santo, obrigada, disse, e prometeu a ele, com palavras que ninguém poderia conhecer, um presente perfeito quando voltasse para casa, para seu templo. Certa vez, perguntou ao Santo quem era a Escuridão, tinha perguntado à noite, anos atrás, entre vinho e velas, e o Santo havia respondido nas cartas: repetidamente saía no centro da mesa, como resposta, a Lua. Era a carta que Juan desenhara para ela e a que Tali menos compreendia e que sempre interpretara como uma mudança importante, uma mudança voluntária. Mas era também a decepção, a perplexidade, o devaneio. Até mesmo a loucura.

* * *

Bradford saiu do quarto e fez um sinal com a cabeça para Tali entrar. O médico estava com os cabelos levemente sujos, e ela sentiu asco, como se tocasse acidentalmente o fundo de uma panela com carne podre.

Juan estava sentado na cama: abotoava uma camisa limpa, branca, de manga curta. Sobre os lençóis emaranhavam-se os cabos do soro, dos eletrodos e todo o resto. Quando olhou para ela, havia menos derrames em seus olhos, que aos poucos voltavam ao habitual verde manchado de amarelo. Juan pediu que ela se aproximasse: suas mãos tremiam, não conseguia terminar de abotoar a camisa. Tali o ajudou. Ela perguntou se já podia sair, e ele respondeu que Bradford dizia que não, mas que ele não iria ficar na cama. Quero que você me leve para caminhar um pouco, pediu. Tali terminou de fechar os botões e perguntou se ele conseguia ficar de pé. Não aguento o seu peso se você cair, disse. Juan apoiou os pés no chão e as mãos nos ombros de Tali. Quando se aprumou, respirou fundo para firmar os joelhos. Consigo, disse. E Stephen? Está descansando, mas posso chamá-lo.

A sala que Juan usava para se recuperar do Cerimonial ficava no térreo; caso contrário, Tali não se atreveria a caminhar com ele, não podia descer escadas. Deixou que ele se apoiasse sobre ela o máximo que sua força podia aguentar, ele a abraçava pela cintura. Não cruzaram com ninguém no curto corredor que levava ao pátio e tampouco do lado de fora, perto da fonte e do salgueiro. Quando estavam um pouco mais distantes da casa, Juan perguntou:

— Já testaram Gaspar?

— Hoje à tarde — disse Tali. — Para mim eles não contam nada, mas para Stephen, sim. Disse que ele não passou em nenhuma das sete provas.

Juan olhou para ela com um sorriso que o fazia parecer muito jovem, um adolescente. Tali não conseguia encontrar em seu rosto o homem que a aterrorizara na noite anterior. Sentaram-se num sofá, um dos muitos que Mercedes mandara trazer para o jardim para substituir os bancos de madeira e

de metal, tão desconfortáveis. Tali se sentou na ponta, e Juan a seu lado, mas manteve o tronco ereto para poder respirar melhor. O jardim estava muito escuro. Para usar o ar-condicionado, a maioria das luzes estavam apagadas, mesmo com o gerador ligado. A casa de hóspedes estava cheia e tentavam manter os convidados confortáveis. Eles estavam proibidos de se aproximar da casa grande onde o médium ficava.

— Você não sabe como o menino é forte — disse Tali. Juan não respondeu. Deixou-a falar. — Tivemos que trabalhar muito. É porque ele é criança?

Juan se endireitou no sofá para responder. O branco dos seus olhos estava quase normal.

— Não. Por ele ser criança, deveria ter sido mais fácil.

— Bom, também não foi um parto. Mas custou. Estava me escapando por toda parte!

Juan passou a mão pela testa. Não transpirava, apesar do calor úmido e ameaçador.

— Tenho que te pedir um favor. Quero que você o mantenha assim. Gaspar.

— É melhor, Juan, ele vai ficar bloqueado até você ir embora.

— Não estou falando disso.

— Juan, deveríamos usar o silêncio para conversar, não?

Ele negou com a cabeça. Estava agitado.

— Hoje consigo sentir as plantas crescerem, consigo ouvir cada sussurro da casa, os passos dos convidados, até os lamentos daqueles que Mercedes esconde no túnel. Ninguém está nos ouvindo. A não ser Stephen, que está se aproximando. Estamos sozinhos.

E então ele pediu: quero que você mantenha meu filho bloqueado para sempre. Preciso saber se pode fazer isso. Tali disse que poderia tentar, mas também explicou como era doloroso anular alguém tão jovem. Havia sentido,

quando estava fazendo os trabalhos para bloqueá-lo, que estava machucando fisicamente o garoto. Era como se ele estivesse gritando, disse Tali, e se lembrou do calafrio, da sensação de que estava cortando músculos enquanto manipulava o boneco feito de sangue, cabelo, roupas e ossos. Que estava afogando um gato forte, recém-nascido, desesperado para viver. Stephen teve que traçar os signos várias vezes porque desapareciam, como se não tivessem força, como se uma mão os apagasse. Manter aquele estado durante muito tempo era possível, mas trabalhoso, e, Tali acreditava, seria nocivo para Gaspar. E letal para ela e para Stephen, caso fossem descobertos.

Os olhos de Juan estavam frios.

— Não vão descobri-los se vocês trabalharem no Templo. O signo de proteção que eu deixei oculta qualquer coisa que aconteça lá dentro.

— Que traiçoeiro, você não me disse que o signo era para isso.

— Você pode manter meu filho bloqueado?

— Não sei o que pode acontecer quando ele crescer.

— Quando ele crescer, nós veremos. Ninguém vai ensinar nada a ele. Preciso que eles continuem acreditando que ele não serve. Uma única suspeita seria suficiente para começarem a usá-lo.

Stephen entrou no jardim pelo caminho que levava à casa de hóspedes. Agachou-se na frente de Juan e o observou atentamente. Havia dormido; parecia aliviado.

— Minha mãe achou o Cerimonial magnífico e quer vê-lo assim que você estiver se sentindo bem. Seu filho está com Marcelina.

— Tali me contou que Gaspar não passou em nenhuma prova.

Juan se lembrava claramente das sete provas. Eram simples e eficazes. Ele havia passado em todas sem grande esforço muito antes de se manifestar. Gaspar também teria passado se não fosse a intervenção de Stephen e Tali.

— O garoto poderia ser extraordinário se o treinasses. Se me permitisses treiná-lo. Tu sabes que Rosario queria isso.

— E o treinou muito. Gaspar tem seis anos e tira o Tarô. Não quero reviver essas discussões. Não vamos discutir entre nós. A decisão é minha. Eles não vão se conformar, não é?

— É claro que não. Testarão o menino uma vez por ano ou quando considerarem necessário. Não me disseram como farão, mas, vamos lá, isso tu não podes recusar.

— Acabo de pedir a Tali para manter o bloqueio de Gaspar, você precisa ajudá-la.

Stephen suspirou.

— Olha: sei que, neste momento, não poderias se importar menos em ser prudente, mas ter essa conversa aqui é uma insanidade.

— Vai ajudá-la?

— Mas é claro que sim. E chega, já chega.

Stephen pegou Juan pelas mãos. Como Tali, acariciou a ferida na palma da mão. Vou buscar Gaspar, disse.

Quando Gaspar entrou no jardim, com olhos de sono e acompanhado por Stephen, estava muito sério até ver o pai e então correu e subiu no sofá e o abraçou com tanta força que Tali precisou olhar para o outro lado, para a noite e sua tempestade, para as luzes da casa de hóspedes, para as orquídeas brancas que pendiam do musgo das árvores.

* * *

Juan e Gaspar dormiram e passaram a manhã juntos: jantaram e tomaram café da manhã na cama, assistiram à TV. Juan sentia a peculiar distância pós-Cerimonial: um excesso de sensibilidade misturado com cansaço e certo torpor.

Gaspar não falou das provas a que sua avó, Florence e Anne o haviam submetido. Juan não queria perguntar sobre elas. Teria ele as confundido com um jogo? Logo ele contaria. No cansaço das horas posteriores à inconsciência, preferia essa suspensão. No entanto, conhecia seu filho o suficiente para saber que, se não mencionava o que havia acontecido, era porque ainda estava pensando. E quando Gaspar ficava em silêncio e pensava, era porque algo o incomodava, porque ainda não havia encontrado as palavras para dizê-lo. Precisava de tempo, e Juan estava disposto a lhe dar. Falou de outras coisas. Do zoológico aonde Marcelina o havia levado. É para cuidar dos animais, disse, porque as pessoas caçam por maldade. Por maldade. Juan sorriu: estava copiando aquela expressão de alguém. Percebia claramente o trabalho que Tali e Stephen tinham feito em seu filho. Ele, contudo, ainda podia adivinhar o que Gaspar sentia e podia também falar com ele sem dizer uma palavra. O que já não sentia era aquela vibração que vinha se acentuando desde a noite em que os dois tinham visto o fantasma da mulher grávida no hotel. A vibração era tensa e latejava como uma dor de cabeça. O garoto estava melhor sem aquele fardo.

Bradford havia entrado várias vezes durante a noite para verificar se Juan estava bem. A doutora Biedma também. Gaspar dormia tão tranquilamente a seu lado que nem sequer acordou nas muitas vezes em que Bradford mediu a pressão arterial de Juan. Foi tão agradável se cobrir com o lençol, sentar-se na cama e olhar a noite pela janela, deixar para trás o sangue respingado, as mãos doloridas pela transformação, a visão dos que tinham sido entregues em sacrifício, com os olhos vendados e as bocas abertas.

E, acima de tudo, deixar para trás uma nova certeza. Ele não havia aberto a Escuridão para Rosario. Ninguém mais poderia abri-la, e ele não o havia feito. E já que mais ninguém era capaz de abrir a Escuridão, ela não podia estar lá. O demônio o confundira. Não era imune às sugestões dele, embora gostasse de

pensar que sim. Quanta arrogância. De qualquer maneira, era um alívio saber que Rosario não estava nos bosques de mãos, nos campos de troncos, no bosque de ossos que ela havia considerado um templo. Ou no vale dos enforcados, onde homens e mulheres estavam pendurados pelos pés, onde Eddie, o irmão mais novo de Stephen, passava sua eternidade, o garoto que havia sido treinado para ser médium e fracassara. Naqueles pântanos, no entanto, nunca havia seres vivos. Apenas restos humanos. Ou será que havia mais alguém, na Ordem, capaz de abrir a Escuridão? Mercedes teria encontrado um médium entre os sequestrados que mantinha como prisioneiros? E ele podia não ter percebido?

Não, disse em voz alta. Não deveria voltar a ruminar até enlouquecer. As horas após o Cerimonial eram as mais difíceis quando se tratava de manter a sanidade.

Depois do café da manhã, acompanhou Gaspar até a passarela de madeira suspensa que se elevava acima das árvores e descia, com uma escada íngreme, até uma praia limpa de onde se avistava o píer principal de Puerto Reyes. Ele se sentou na areia grossa e escura, e ficou observando as brincadeiras de Gaspar, que se entretinha com galhos, esqueletos de peixes e com seus carrinhos, chapinhando na beira da água. Havia pedido que ninguém os acompanhasse, exceto os guarda-costas, diferentes dos contratados em Buenos Aires, que se mantinham à distância. O rio estava nervoso, cheio pelas chuvas, marrom e opaco. Marcelina havia conseguido um balde de plástico para Gaspar no dia anterior, e o garoto o usava para carregar as flores caídas dos jacarandás, as flores vermelhas do ceibo, toda sorte de folhas verdes. Juan queria nadar, mas não se sentia fisicamente forte para isso. Quando estendia os braços, suas mãos ainda tremiam.

Poderia melhorar em alguns dias ou não. Bradford tinha explicado: não havia mais nada a fazer do ponto de vista médico. Seu coração estava dilatado,

e ele tinha insuficiência cardíaca, era irreversível. Contava com os remédios, os avanços da medicina e outros paliativos. O mais provável, contudo, era o já incontornável declínio até a morte em meses, em alguns anos, em um segundo.

O sol fazia sua cabeça doer.

— Vou subir na árvore! — gritou Gaspar.

Juan lamentou não ter trazido nada para beber: estava com sede. Não queria pedir aos guarda-costas. Observou a agilidade com que o filho subia pelo tronco retorcido de uma árvore e depois driblava os galhos até se sentar em um deles, bem mais baixo, e usá-lo como cavaleiro. Certamente havia aprendido isso nos passeios com a mãe, quando os dois faziam excursões enquanto ele ficava sozinho, prostrado. Ele, quando criança, nunca tinha subido numa árvore. Uma inveja possessiva encheu sua boca de metal, e ele se deu conta de como aquele sentimento era perigoso, do que significava para Gaspar, para ele, para o que lhe restava de sanidade.

Sentiu os passos de Stephen; estava a uns cem metros, vinha pela plataforma. Algo tilintava — trazia alguma bebida, com gelo. Ele o viu descer pela escada íngreme com um equilíbrio delicado e recebeu a bebida com um sorriso. Era chá gelado — Stephen detestava o tereré e a erva-mate em geral, mas apreciava muito o chá de Misiones, que lhe parecia muito melhor do que pensavam seus esforçados cultivadores.

— Bom dia — cumprimentou Stephen depois de se sentar. Juan tomou o copo de chá em dois goles, e o gelo provocou uma dor aguda em seu olho esquerdo. — Querem falar contigo hoje. Respeitarão tua decisão se preferires adiar a reunião, é claro.

— Não — disse Juan. — Quanto antes melhor.

Stephen reclamou do calor e tirou a camiseta escura. Fazia tempo que não tomava sol, sua pele grossa e sardenta nos ombros estava pálida. Seus braços estavam bronzeados até a metade, como os de um caminhoneiro. Nas costas, as

cicatrizes gêmeas que começavam nas escápulas e se estendiam até a cintura eram grossas e proeminentes. Juan as acariciou com as pontas dos dedos: ele havia aberto e fechado aquelas feridas.

Stephen viajara para Misiones com sua mãe. Ele tinha quinze anos, e Florence julgou que era idade suficiente para dar assistência. Juan, aos doze, era alto e magro: naqueles primeiros Cerimoniais ainda não compreendia bem o que era aquela sensação nas mãos, aquele desejo de marcar. Stephen mostrou o caminho quando se colocou diante dele, ajoelhou-se, virou-se e ofereceu as costas. Depois ele havia contado que o corte tinha sido muito rápido e doloroso: Juan se lembrava de como suas unhas douradas se chocaram contra os ossos das costelas de Stephen. Stephen não havia gritado nem tremido: agarrara-se à grama com as mãos. Também havia explicado o alívio que sentiu quando as mãos fecharam a ferida, as unhas eram como uma carícia. Juan se lembrou de como Florence, à época, havia chorado de alegria. Considerava aquilo uma benção. Sentia um pouco de inveja, ela havia admitido. Ah, ela carregaria com orgulho as marcas das unhas de ouro. Florence sabia que a marca era um compromisso com Juan, uma cicatriz de lealdade. A ideia de que a lealdade de seu filho mais velho estivesse dividida entre o médium e a Ordem não era muito agradável para ela, mas Florence respeitava e não questionava as decisões da Escuridão. Era uma honra que a Escuridão tivesse tocado seu filho mais velho e era uma infelicidade que tivesse desprezado Eddie, seu filho mais novo, o maior fracasso de sua vida. E era uma pena que não a tivesse escolhido.

Os marcados tinham um status diferente na Ordem: maior acesso a conhecimentos, a rituais, a decisões do círculo interno. Haviam sido tocados pelos deuses. A jovem que fora marcada na noite anterior agora seria convidada para rituais maiores, caprichos seriam concedidos a ela e, se Juan quisesse, poderia ter uma relação próxima com ele. Stephen tinha tanta liberdade e tanto acesso a ele não apenas porque era o filho de Florence, mas também porque era

um dos marcados. Com o passar dos anos, o vínculo havia se tornado íntimo, fraternal e sexual. Se Florence havia se incomodado com isso, nunca o dissera em voz alta. Todos sabiam, no entanto, que preferiria que esse privilégio tivesse sido concedido a seu outro filho. Mas ninguém mais falava de Eddie, que havia desaparecido há quase dez anos.

Gaspar sacudiu um galho com tanta força que algumas folhas atingiram Juan e Stephen.

— Desce agora mesmo! Eu não vou subir aí pra te pegar.

Houve um silêncio e depois um lento e hesitante deslizar de mãos e pernas. A árvore não era alta, e Juan sabia que o filho era capaz de se virar sozinho. Em menos de cinco minutos estava de volta à praia e corria em sua direção.

— É mais difícil descer do que subir.

— E isso é estranho?

— Sim, porque nas escadas, por exemplo, é o contrário.

Tinha uma das mãos cheia de folhas e as acrescentou à sua coleção no balde. Oi, disse a Stephen, e se sentou ao lado dele. Quando se pôs a organizar e selecionar suas flores e matos e folhas na areia escura da praia, Juan lhe perguntou:

— Como foi com a sua avó ontem? Você falou muito do zoológico, mas não disse nada sobre o que fez com ela.

— Foi chato. Ela disse que a gente ia brincar, mas brincamos de umas coisas estranhas que não eram legais. Não gosto de ficar com a vovó. Com o vovô eu gosto.

— Vocês brincaram de quê?

Gaspar contou sobre as provas do seu jeito, confuso e caótico, mas para Juan e Stephen, que as conheciam, foi fácil entender. Haviam vendado seus olhos e perguntado quem estava no quarto. Gaspar tinha nomeado os presentes. Não sentia mais ninguém. Ainda vendado, tinham pedido que

imaginasse símbolos. Tipo o quê, Gaspar perguntara. Tipo números. Ou outros. Ele contou sobre as flores que viu antes da dor de cabeça.

— Isso não conta? — perguntou Juan.

— Parece que não chamou a atenção deles. É uma aura de enxaqueca. Não são idiotas.

O garoto falava como em um sonho enquanto empilhava flores violetas, flores vermelhas, folhas verde-claras, folhas verde-escuras, cascas, como ingredientes em um caldeirão.

— Depois me fizeram andar por uma parte estranha do zoológico e eles corriam em volta de mim, acho. Não sei que jogo era esse. Parecia esconde-esconde, mas eu fiquei com medo dos barulhos e, além disso, alguns estavam sem roupa e eu não gostei. O vovô veio me buscar, mas depois de muito tempo. Lá pela noite.

— Está bem. E o que mais.

— Depois aquela coisa chata, quando me colocaram sentado em uns círculos na grama. São de giz, papai?

— Sim, são de giz.

Juan pensou: antes eram de sangue, filho, mas sua mãe os proibiu quando você cresceu. É surpreendente que ainda respeitem o desejo dela.

— E mais uma coisa chata, queriam que eu ficasse em uma cama com os pés tortos e pensando nas coisas que eles me diziam, como imaginando coisas, mas eu não entendi direito. E eles têm uma mão igual à que a mamãe tinha na bolsa, vai ver é a mesma.

Juan franziu a testa. Não gostou que a mão fosse mencionada na frente de Stephen, mas sabia que ela estava escondida. Se eles a tinham encontrado, era um problema sério. No entanto, Stephen falou:

— Não é a mesma. A de Rosario permanece bem escondida. Na Argentina abundam mortos anônimos, e esta casa tem sido uma prisão clandestina há

anos.

Juan esfregou os olhos. A dor de cabeça endurecia seu pescoço. A frustração também.

— A avó ficou brava quando eles me deram a mão, porque eu quase deixei cair, é pesada pra caramba. Mas a mamãe não me deixava tocar na mão e eu não sei segurar.

— Brava como?

— Ela pegou a mão e me bateu e disse que eu era idiota ou algo assim. Não sei se ela disse idiota. Era alguma coisa feia. Mas acontece que eu deixei cair. Era pesada.

— Ela bateu em você.

Gaspar fez o gesto de um tapa, com as costas da mão, na bochecha.

— Mas nem doeu. Não doeu, sério.

Juan olhou para Stephen.

— Algum dia eu a mato — disse. E acrescentou: — Gaspar, me faz um favor. Monta uma pista de corrida para os carrinhos, em forma de oito.

Gaspar obedeceu, como se agradecesse pelo fim do interrogatório, e se pôs a trabalhar na areia, alisando-a com os chinelos.

* * *

A reunião era realizada na sala principal de Puerto Reyes. A enxaqueca que se insinuara na praia do Paraná agora martelava a cabeça de Juan e, a cada batida violenta e desigual de seu coração, aumentavam as náuseas. Ele se sentou na inadequada poltrona de couro, inadequada porque logo se molhava, era péssima para o calor e a umidade daquela sala, grande demais, que não tinha ar-condicionado, apenas um ventilador de teto. Havia deixado Gaspar dormindo nos braços de Marcelina. A dor o forçou a fechar os olhos. Era tarde

para tomar um remédio e, além disso, sabia que precisava de algo muito forte; e um analgésico poderoso baixaria demais sua pressão, mais do que haviam feito os medicamentos de Bradford, cujos rastros lhe percorriam em pequenas alfinetadas na parte interna do cotovelo. Da poltrona podia ver o quadro de Cândido López. *Asalto de la 3.^a Columna Argentina a Curupaytí*. Um retângulo de um metro e meio de largura com seus homenzinhos com escadas, o ferido na maca, algumas explosões, o homem no cavalo branco que parecia alheio a tudo, com sua espada erguida, ao fundo as explosões como nuvens baixas, um pântano, o chão, o céu nublado de guerra. Era uma beleza. Era a morte distante, observada, infantil.

Stephen preparava bebidas geladas como se a conversa que viria a seguir fosse uma troca amigável e sem chantagens, uma espécie de chá das cinco. Ele próprio, no entanto, bebia uísque da interminável adega de Adolfo. Juan recusou um copo cheio de gelo: a dor piorava com o álcool. Stephen se aproximou e passou gelo em sua nuca.

— Isto ajuda?

Juan não respondeu. Não ajudava, mas precisava ter Stephen por perto. Ele demonstrara sua lealdade havia muito tempo e de uma maneira tão definitiva que era impossível duvidar.

Apenas Mercedes, Florence e Anne Clarke estavam na sala. As mulheres, as chefas. Florence usava um vestido de seda florido que parecia flutuar ao seu redor. Era alta e naquela tarde quase não usava maquiagem nem joias: ao natural, sua pele branca demais tinha um tom acinzentado, e os dentes, levemente amarelados, apareciam apenas quando ela sorria. Havia prendido o cabelo, longo e indomável, em um coque. Ela falou sobre como desta vez a Escuridão se projetara de uma maneira única. Doze tocados pela Escuridão, o maior número de todos os tempos. Juan quis confirmar quantos haviam sido engolidos, e ela, com um orgulho desenfreado, disse oito, e disse *eight*, fazia

isso, misturava o inglês e o castelhano quando se dirigia a ele, que entendia os dois idiomas.

Por isso, antes de tudo, queremos te agradecer, disse Florence. *So grateful.* Porque os deuses falaram e o registro de suas palavras também foi extenso. Sabemos o quanto custa a seu corpo fazer isso e sabemos que está cheio de dúvidas. É normal que um médium duvide. Mas nós devemos proteger a Ordem da loucura dos médiuns. Sabemos de sua deterioração. Sabemos o preço que os médiuns pagam por serem a porta.

— O médium está aqui — disse Juan. — Não fale como se estivesse se referindo a outra pessoa. Antes que me digam o que querem me dizer, preciso saber uma coisa e vocês vão me responder. Estou farto do silêncio.

As mulheres levantaram a cabeça, expectantes, e Juan levantou a voz. Do lado de fora, os cães latiam.

— Na viagem até aqui invoquei uma entidade. Não devo explicações a vocês sobre por que fiz isso. Ela respondeu uma das minhas perguntas com palavras que interpretei de uma maneira específica. Equivocada. E persisti no erro. A forma como persisti e o quanto demorei para me convencer de que estava pensando uma bobagem me deram a chave: a confusão era um trabalho de magia. Muito bom, porque não o senti. Precisei estar nesta casa para sair do erro. Para entender quem eram “aqueles que falavam comigo”. E são vocês.

Olhou atentamente para as mulheres. Elas estavam calmas. Anne, com seus cabelos brancos perfeitamente penteados, era a única que estava um pouco inquieta. Era a mais velha e a mais escrupulosa.

— Vocês me subestimam. Sabem que meu ciclo pode estar chegando ao fim. Mas, como viram ontem à noite, o ciclo ainda tem descargas muito poderosas.

Florence quis falar, mas Juan ergueu a mão.

— Agora não. Quero que me digam por que estavam me manipulando.

Foi Florence quem respondeu e de forma muito objetiva:

— Estamos com Rosario — disse. — Nós a prendemos em um lugar onde você não pode alcançá-la. *Out of reach*.

Juan fechou os olhos. A dor se espalhava até o queixo, porque estava cerrando os dentes.

— Onde ela está?

— Isso nós não sabemos. Isso você deve descobrir.

— Fizeram um feitiço sem saber como desfazê-lo. É isso que vocês estão dizendo?

— Sim, você está certo. — Florence cruzou os braços.

— Por que mataram Rosario? Para tirar o meu poder? Porque achavam que ela queria assumir o controle da Ordem?

Mercedes se levantou.

— Não matamos minha filha. O sangue se respeita. Ela sofreu um acidente.

— E então vocês enxergaram uma oportunidade.

Mercedes olhou para ele fixamente, através de seus óculos escuros. Não disse nada.

— Eu não acredito. Não importa. Para onde mandaram a minha mulher?

— Não sabemos e não estamos mentindo — continuou Florence. — No último Cerimonial, os deuses falaram de diferentes lugares de morte. Enviamos o espírito dela para um deles. Mas ainda não nos ensinaram como encontrá-la, e nós também não podemos alcançá-la. *We just can't. Like you*. Todo ano, quando você fizer o Cerimonial para nós, poderá perguntar à Escuridão onde fica esse lugar e como pode tirá-la de lá. Cedo ou tarde lhe dará a resposta.

— É um lugar de sofrimento?

— Sim — disse Florence friamente. — Precisamos garantir a nossa proteção e o seu compromisso. Você não pode deixá-la lá, não é? Precisa buscá-la e precisa procurá-la aqui, no Cerimonial. Talvez você possa procurar por conta

própria também, isso não é da nossa alçada. Você só precisa saber que a resposta que procura está aqui.

Juan fechou os olhos fingindo dor, mas na verdade estava estudando a energia do ambiente para ver se podia machucá-las. Quando se aproximou de Mercedes e de Florence, ele percebeu. Algo as protegia e era poderoso. Recuou. Quando haviam se tornado tão fortes se as três sempre tinham sido apenas notáveis bruxas habilidosas? Compreendeu: isso era a diminuição do poder. O que antes parecia mínimo agora era importante e potente. As condições se igualaram. Escutou, como em um sonho, a voz de Stephen:

Se as eliminar, nunca te dirão o que fizeram com Rosario. Não as machuque.

Está nos textos, dizem. Posso acessar os textos.

Esse texto deve estar muito bem escondido. Vamos investigar, mas tu precisas manter a calma. Há outros meios de procurá-la, e elas não os conhecem. Não te esqueças disso. Nós a encontraremos.

Juan não tinha nada a dizer. Então Rosario estava na Escuridão. De alguma forma. O demônio não havia mentido, e ele não tinha interpretado de maneira totalmente errada. Apenas faltava informação.

— É a nossa maneira de garantir que você vai voltar e continuar a invocar, porque, se você não fizer isso, estará abandonando-a lá para sempre — prosseguiu Florence. — E que você concordará em tentar o Ritual com seu filho quando for necessário.

— E nos dará as pistas para que todos nós possamos fazer isso com sucesso — acrescentou Mercedes. — Até agora essa possibilidade é apenas do médium. Não podemos deixar que nada interrompa o processo.

— Rosario poderia interrompê-lo — disse Juan. — Vocês acharam que ela teria esse poder sobre mim, que protegeria seu filho.

Não houve resposta. Juan continuou:

— Mercedes, você não tem mais filhos para poder mudar sua consciência.

Ela sorriu.

— Juan, a dor de cabeça te deixou estúpido. Eu não tenho meu filho, mas tenho meu neto.

— O corpo de Gaspar é meu.

— Se você falhar, não. Se você decidir falhar como, receio, você tem vontade de fazer, eu o tomarei. O que importa é o sangue.

Voltou a sorrir e olhou para Florence, que disse:

— Juan, nunca tivemos um médium que se compare a você. Precisamos nos proteger do que está acontecendo contigo. Os médiuns perdem a cabeça. *ey lose their mind! It happened too many times.* Tornam-se incontroláveis, rebelam-se. Nós entendemos. Mas o que a Escuridão, nosso deus antigo, está nos dando não deve ser interrompido por um capricho ou uma loucura momentânea. Nem mesmo pela sua doença. Temos que nos proteger do seu poder. Você não pode deter a mensagem só porque decidiu se voltar contra nós. Você está nos ensinando como vencer a morte. Está nos ensinando a entrar em contato com outros Deuses Antigos. *Imagine that.* Deve seguir invocando para nós. Sua mulher nos disse que você não queria mais, e isso não podemos permitir. E você sabe muito bem que, quando é necessário fazer algo pela Ordem, eu não recuo. *I'm so terribly sorry.* Sou mais grata a você do que a qualquer pessoa neste mundo. Mas não posso permitir que nos abandone nem que exerça poder sobre nós.

— Vocês realmente pensam que eu posso parar de invocar? Que a Escuridão irá permitir?

Florence inclinou a cabeça, e o coque quase se desfez. Uma mecha de cabelo ruivo caiu em sua testa.

— É possível que consiga, por um tempo, se você desejar. O que nós tememos é que você decida acabar com a sua vida. *You can kill yourself,* e essa

seria sua maneira de parar de invocar. Não seria o primeiro suicídio de um médium.

— Também posso morrer a cada Cerimonial.

— Duvido. Ao menos sei que podemos salvá-lo, e é um risco que devemos correr. Mas se você decidir morrer pelas próprias mãos, não nos sobra nada. Agora que a sua mulher está presa, não acredito que você faça isso, creio que continuará para libertá-la. A Escuridão ditará onde ela está.

— Além disso — acrescentou Mercedes —, não pense que iremos nos conformar e que nunca mais testaremos as habilidades do meu neto. Minha filha pode ter mentido ou não, não importa. Era ambiciosa e queria herdar a Ordem, eu não vou culpá-la por isso, mas nunca confiei nela. Gaspar poderá se revelar mais tarde.

— Gaspar não é meu herdeiro. Ele não é um médium.

— Ainda não. Se for, será marcado como você foi. A mão esquerda encontra seu caminho, estende seus dedos. Isso não pode ser ocultado. *It radiates*. Sei o que você sente pelo menino — disse Florence. — Eu vi vocês juntos. Estão cheios de amor. Achávamos que o menino era talentoso. Ainda achamos, apesar de agora mesmo não ter se manifestado. Se for, será seu herdeiro. Se não for, sei que será difícil para você fazer o Ritual quando a hora chegar. Mas você usará o corpo dele e vai querer fazer isso. Quem não iria querer? É um ato de amor. Temos os filhos para continuar, eles são nossa imortalidade. Lamento que o Ritual seja impossível agora, o menino é pequeno demais. Conheço as regras. É melhor que seja você a ocupar o corpo dele, não é? Se você decidir se suicidar, alguém mais poderá possuí-lo. Você não quer isso, *of course you don't*.

Juan respirou fundo antes de falar.

— Nestes anos, até que Gaspar tenha idade para fazer o Ritual, quero que o deixem em paz. Não quero que ele saiba nada de vocês. Nada. Quero que seja

um garoto normal durante o tempo que lhe resta de vida.

— Claro, meu querido — interveio Florence, que olhou aborrecida para Mercedes. Não o irrite, diziam seus olhos. — Não vamos quebrar o acordo que tínhamos até agora com você e Rosario: a vida será normal. Um médium, você sabe muito bem, se revela sozinho. *And it's a powerful revelation.* Nós saberemos. Há sempre membros da Ordem perto de você: eles já vigiam seu filho e continuarão a fazer isso. Se Gaspar se revelar, eles nos informarão. Um médium não pode se esconder indefinidamente. Além disso, estará perto da menina, o milagre negro. Ela o potencializará, ela foi tocada. Não quer trazê-lo aqui a cada verão para o Cerimonial? Pois não o traga. *I agree with you.* Pode ser perigoso. E se a Escuridão o desejar e nós perdermos seu corpo? A decisão é sua, e eu não irei me opor.

— Nenhum de vocês irá se aproximar dele. Também não terá um relacionamento com Mercedes e Adolfo.

Mercedes se levantou da cadeira. Juan viu a fúria em seus olhos.

— Ele será vigiado e receberemos informes. É impossível escapar. Ele não tem para onde ir. Seu corpo é precioso e necessário. Vamos encontrar maneiras de mantê-lo vivo até que seja mais velho e possa receber você.

— Vocês nunca me mantiveram vivo. Devo esta vida detestável a Bradford.

— Nunca iremos concordar sobre isso. Ele tem sido fundamental. *But we helped too.*

Florence continuou falando, mas Juan tinha parado de ouvi-la. Ele estava com muita raiva e exausto demais para discutir. A necessidade de Rosario o atravessou com uma certeza feroz. Haviam vencido, e só lhe restava se submeter. Esta era sua vez de perder. Sentiu que a dor se instalava atrás de seus olhos. Eles tinham Rosario, e ele precisava procurá-la. Precisava procurá-la porque ela teria feito isso por ele. Ele se levantou e caminhou até a porta.

— Não me sigam — disse. — Posso matar todos vocês. Os médiuns não são suicidas? Não ficam malucos?

Sorriu para elas. Com um resto de força, vinda detrás da dor, retirou-se da sala. Lá fora, a luz do sol era branca, como a do deserto.

* * *

Juan pediu para Stephen o deixar sozinho, queria descansar em seu quarto; a dor de cabeça não o deixava pensar nem caminhar. Encontrou Gaspar dormindo, de bruços. Cheirava ao cloro da piscina, e seus cabelos estavam molhados. Não quis acordá-lo. Sempre estranhara que os Iniciados viessem ao Cerimonial sozinhos. Quantos haviam vindo dessa vez? Cinquenta, sessenta? E seus filhos? Porque todos tinham filhos. Eram ricos. Podiam pagar babás até que as crianças fossem grandes o suficiente para comparecerem também. E essa idade chegava cedo, sem contar o caso de Adela, que havia sido um acidente: uma vez, a Escuridão, através dele, arrancara um braço, desde o ombro, de um garoto de dez anos. A mãe, em vez de ter a habitual reação de êxtase dos Iniciados, havia ficado histérica, tinha ameaçado colocar a boca no mundo, denunciá-los. Florence não tolerava esse tipo de rebelião. A mulher tinha sido jogada, com pedras nos pés, no rio Paraná. Para se juntar a todos os mortos escondidos nos leitos dos rios argentinos. Os crimes da ditadura eram muito úteis para a Ordem, forneciam corpos, álibis e correntes de dor e medo, emoções que eram úteis para manipular.

Juan aumentou um pouco o ar-condicionado e cobriu o filho com um cobertor. Procurou em sua bolsa a seringa e o analgésico injetável: era tarde demais para combater a enxaqueca com comprimidos. Usou o cinto para apertar o antebraço e encontrar uma veia que pudesse usar. Mal conseguia ver o que estava fazendo: a dor de cabeça turvava sua visão. Mesmo assim, ele

conseguiu. Já não temia os efeitos que podiam lhe causar: a ideia de se jogar no rio o perseguia como um zumbido. Mas se ele decidisse se matar no rio, teria que levar Gaspar junto. Ou pedir a Stephen que encontrasse seu irmão no Rio de Janeiro e entregasse a criança a ele. Mas a Ordem certamente tiraria o garoto de seu irmão mais cedo ou mais tarde. Para ser o recipiente de Mercedes. Para ser o médium, depois de descobrir e destruir o trabalho de Stephen e Tali e matar os dois. Estavam em perigo. Ele havia desenhado a proteção de seu filho com elementos trazidos do Outro Lugar, de uma zona da Escuridão que a Ordem desconhecia. E ainda precisava da proteção final e definitiva, que estava atrasada. O Senhor da Paciência, pensou, e tocou as costas. Esperou o efeito do analgésico com os olhos fechados. Demorou a bater. Não iria tirar toda a dor, mas entorpeceria a intensidade das pancadas, a pressão nas têmporas, as batidas que pareciam mover ferro quente em vez de sangue.

Fechou a porta devagar, guardou uma pequena lanterna no bolso de trás da calça jeans e andou, tentando não fazer barulho, até a entrada do túnel entre as casas. Anos atrás, havia sido usado para excentricidades: para que os empregados transitassem por ele quando chovia, e assim não sujassem de barro vermelho a casa de hóspedes nem a principal; para guardar móveis velhos e para reuniões clandestinas; certa vez foi instalada uma espécie de lavanderia subterrânea de roupas e pratos. Mas depois da enchente já não restava túnel: a lama havia arrasado os tijolos, provocando uma avalanche. Com exceção do primeiro trecho, que ainda mantinha a velha porta de ferro com seu cadeado.

Juan abriu-a sem sequer pensar: não havia porta que pudesse resistir a ele. Quando entrou, sentiu o cheiro e o sofrimento das crianças que viviam ali. Acendeu a lanterna e andou quase ajoelhado: o túnel era baixo e, para ele, que media dois metros, era muito estreito. Então encontrou o primeiro garoto.

Estava em uma jaula de animais, certamente trazida do zoológico vizinho. (Tem tucanos, pá, os tucanos são incríveis!, havia gritado Gaspar

entusiasmado.) Lembrou-se de quando Rosario foi forçada a cuidar de outra ninhada de crianças sequestradas, que Mercedes mantinha em uma das suas terras na província de Buenos Aires, e ele havia decidido ajudá-la. Naquela vez, eles também estavam em jaulas. Agora o primeiro garoto estava em uma jaula enferrujada e suja que provavelmente havia carregado animais. Tinha a perna esquerda amarrada às costas, numa posição que havia quebrado seu quadril. Como era muito novo (um ano?, difícil saber pela sujeira), certamente havia sido fácil fraturá-lo. Seu pescoço também já estava torcido, pela posição do pé, e, quando Juan aproximou a lanterna para vê-lo melhor, reagiu como um animal, com a boca aberta e um grunhido; sua língua havia sido cortada em dois e agora era bífida. Em volta dele, dentro da jaula, estavam os restos de sua comida: esqueletos de gatos e alguns pequenos ossos humanos.

Juan continuou. Havia mais jaulas. Os outros meninos e meninas eram mais velhos. Muitos o olhavam atentamente com seus olhos negros: alguns eram crianças guaranis que provavelmente não sabiam falar espanhol. Outros talvez fossem filhos dos homens e das mulheres que eram entregues à Escuridão em sacrifício. Alguns reagiam à sua presença fugindo para o fundo da jaula, outros apenas abriam os olhos. Viu crianças com os dentes lixados de tal forma que suas dentaduras pareciam serras; viu garotos com a marca óbvia de tortura nas pernas, costas, nos genitais; sentiu a podridão das crianças que já deviam estar mortas. Deixavam os cadáveres ali para que o cheiro se tornasse familiar para os outros? Rosario havia sido forçada a enterrar os enjaulados que morriam. Viu feridas supuradas, infecções, olhos por onde passavam bichinhos que vivem na umidade e no rio. Juan parou depois de cerca de cem metros de jaulas cheias de crianças despedaçadas, vivas e mortas. Deduziu que as jaulas ocupavam os cem metros restantes do túnel. Voltou, disposto a enfrentar Mercedes, que esperava por ele junto à porta, ao lado de seu *imbunche*. Juan

apagou a lanterna quando Mercedes acendeu uma luz fraca, a única iluminação do túnel.

— Então esta é sua nova coleção, Mercedes.

— Vai dar resultado. Foi nosso deus que disse, indicou que se deve fazer assim.

— É um deus louco, como você.

— Eu sigo as ordens da Escuridão.

Juan riu, e seu riso reverberou em ecos obscenos pelas paredes do túnel. Alguns dos meninos moribundos e feridos reclamaram. Do fundo veio um gemido agonizante.

— Não há busca por um médium aqui, Mercedes. Isso sempre foi apenas para o seu prazer.

Mercedes relaxou os braços, que até então estavam cruzados sobre o peito.

— Não é bonito agora, mas será! Quando trabalharem juntos! Existem muitos deuses! O nosso diz e ordena a busca por outro médium. Está no livro!

Juan se aproximou de Mercedes até poder ver o brilho em seus olhos através dos óculos escuros que ela usava constantemente, inclusive na semipenumbra do túnel.

— De onde você tira esses garotos? Crianças indígenas, Mercedes? Os filhos dos prisioneiros? Por que você não pede um sacrifício, uma entrega, aos Iniciados ricos da Ordem? Você os rouba à noite ou são vendidos por suas mães mortas de fome? Os pais sabem onde seus filhos ficam antes de serem arremessados à Escuridão? Você aprendeu bastante nas salas de tortura de seus amigos.

— Quanta compaixão. Por que não os salva? Você tem poder para isso.

Juan colocou a lanterna sobre os óculos escuros de Mercedes. Queria ver os olhos dela. Queria cegá-la.

— Isso seria outra crueldade. Eles estão longe de qualquer ajuda.

Com a lanterna, Juan iluminou uma das mãos, e Mercedes começou a balbuciar e a pedir piedade. Tentou fugir pela porta, mas estava hermeticamente fechada pela vontade de Juan. Estava sozinha no túnel com o deus dourado e senhor do portal.

— Você sabe por onde passava este túnel? Não liga uma casa a outra em linha reta. Quem o construiu precisou contornar alguns lagos subterrâneos, porque está muito perto do rio. E num trecho, muitos metros depois do início do desabamento, alcança o Lugar de Poder. Está vendo?

A mão iluminada agora estava envolta em luz negra.

— As mulheres médiuns são muito mais poderosas. Elas têm o poder de invocar em qualquer lugar, precisam apenas encontrar as condições próprias de concentração ou recebê-las no ritual. Nós homens dependemos de Lugares de Poder. Não são poucos. Alguns médiuns simplesmente esbarram neles, outros aprendem a encontrá-los. Eu sei como encontrá-los. Também sei qual é o raio de poder que emanam. Longe dos lugares, somos quase normais. Eu tenho um talento natural, mas isso me custa muita energia. Longe do Lugar de Poder, Mercedes, você e eu não somos tão diferentes. Perto, é o contrário.

A mão irradiou aquela luz escura e afiada, uma faca de sombra. Ele aproximou-a do rosto.

— Para a sua sorte, este deus está entediado e quer apenas saber se você matou Rosario. Se matou a sua filha. Quero que você admita, Mercedes, porque esta mão não irá deixar pele em seus ossos. Eu não respeito o sangue. Não sei o que isso significa.

Mercedes tremia. Juan enfiou os dedos entre as grades da jaula e com um movimento simples degolou o menino *imbunche*, que mal se mexeu. Seu sangue quente inundou os sapatos de Mercedes.

As outras crianças, enlouquecidas pelo cheiro salgado, rugiam.

— O que mais? Quem a executou? Estive com o motorista do ônibus que a atropelou. Nem sequer se lembra do acidente. Foi enviado. Você conseguiu fazer isso com ajuda, claro. Por quê? O que ela disse?

O choro de Mercedes surpreendeu Juan. Era convulsivo e triste, um tanto desesperado.

— Ela tinha um plano para me matar. Você sabia? Ela não te contou? Tive que me defender.

Juan se lembrou de Rosario e suas pulseiras de prata, a faixa branca nos cabelos, e que ela podia falar guarani com uma rapidez que espantava todo mundo. Rosario com seus perfumes caros e o lápis entre os dentes quando lia e ajustava o ventilador para que batesse em suas costas e não no rosto. Rosario com suas listas e seus dedos manchados de tinta de caneta ou de giz.

Delicadamente, desenhou um círculo ao redor da boca de Mercedes e recebeu na palma da mão aberta os lábios e os dentes da sogra. Em seguida cauterizou a ferida. Os gritos de Mercedes e os das crianças enjauladas o ensurdeciam, mas ele continuou seu trabalho. Limpou cada dente com a língua e mastigou os lábios diante dos olhos arregalados de Mercedes, que já não sofria porque, quando a ferida era fechada, a dor desaparecia. As cicatrizes das feridas que Juan produzia nunca tinham a textura macia de uma ferida recente, eram duras e velhas. Então ele puxou a cara de Mercedes até a sua e limpou, com lambidas, todos os rastros de sangue em seu queixo e no pescoço. Quando terminou, empurrou-a no chão.

— Eu deveria cortar a mão que você usou para bater no meu filho. Ele não significa nada para você, não é? Mas com isto — e abriu a mão para mostrar a ela os dentes brilhantes, alguns escurecidos pelo cigarro e pelas obturações — tenho material suficiente para que você nunca mais volte a tocá-lo, nem mesmo tentar. Também posso usar esse material para controlar e machucar você de outras formas.

Mercedes grunhiu. Com as gengivas nuas e os óculos escuros, estava ridícula, horrível. Juan não tinha mais nada a dizer a ela. Saiu e fechou a porta atrás de si: deixou-a trancada com outro signo que alguns membros da Ordem, Florence certamente, seriam capazes de reconhecer e reverter. Mas não imediatamente. Mercedes ficaria presa por um bom tempo, ouvindo seus animais de estimação morrerem, passeando por aquele túnel macabro, alimentada através das grades como os animais do zoológico, sufocada pelo cheiro de sua merda e da decomposição das crianças. Não importava. Eles haviam vencido, e ele não tinha mais tempo, mas agora sabia o que queria saber. Eles não podiam mais enganá-lo.

* * *

Juan preparou as malas com calma e pediu a Stephen que o levasse até o aeroporto. Não podia voltar sozinho: já estava com os guarda-costas em seu encalço e não podia fugir deles. Respirava com dificuldade e tinha uma tosse constante, incômoda, que piorava com o passar das horas.

Mercedes ainda não havia pedido para ser resgatada do túnel. Era orgulhosa. Juan queria partir antes que Florence soubesse de seu pequeno encontro com a sogra. Gaspar estava acordado e vestido, esperando na cama. Desde que soube que voltariam de avião, estava empolgado mas calado, nervoso. Você está com medo, bú, Gaspar está com medo do avião cair, Juan o havia provocado, e o filho tinha batido nele com os punhos fechados, falsamente zangado.

Juan atravessou o pátio interno e a arcada até a casa de Marcelina. Agradeceu a ela por cuidar de Gaspar e vasculhou sua bolsa de couro: encontrou um colar que havia comprado para Tali num impulso, no ostentoso hotel-cassino de Corrientes, e que não havia dado por achar que ela não iria gostar muito. Eram pedras brutas das minas de Wanda, que ficavam perto de

Iguazú. As pedras — azuis, brancas, rosadas, verdes, violetas — estavam engastadas, e o colar podia ser usado longo ou dando-se várias voltas. Marcelina se emocionou e tentou recusar o presente sem entusiasmo, e Juan colocou o colar com cuidado em seu pescoço, tentando não enroscar as pedras em seus longos cabelos negros. Ficou lindo em você, disse. Espero que goste. Marcelina alisou as pedras e depois tirou do bolso do avental uma pena de caburé.

— Para o pequeno — disse.

Juan aceitou o amuleto em nome de Gaspar. Então, pediu permissão a Marcelina para levar as coisas que Rosario havia deixado sob sua guarda. Marcelina o deixou entrar no quarto onde guardava tralhas velhas. Juan procurou até encontrar a caixa com o signo discretamente traçado em uma extremidade, abriu-a e encontrou dentro dela uma sacola plástica, uma inocente sacola de compras. Ele sorriu quando viu o conteúdo. Que inteligente deixar a relíquia com Marcelina. Era ainda mais seguro do que escondê-la no templo de Tali. A Ordem nunca reviraria os pertences de uma criada, ainda que fosse uma criada de confiança.

Tali o esperava do lado de fora de Puerto Reyes, encostada em seu carro. Ele a beijou segurando seu rosto entre as mãos. Ela, na ponta dos pés, afundou os dedos nos cabelos dele.

— Cacete, você está me beijando como se fosse a última vez. Precisa passar lá em casa para buscar as coisas que Rosario deixou pra mim.

Não, disse Juan com a cabeça.

— É seu. Ela pode te dar um sinal.

Tali o estudou com seus olhos escuros.

— Não quero que volte para esta casa nem para o Cerimonial — disse Juan.

— Você não manda em mim, hein.

— É um pedido, não uma ordem. Um favor. Todo ano, quando vejo que você e Stephen não entraram na Escuridão, volto a respirar. Não posso pedir a Stephen para parar de vir, porque esta é a família e o mundo dele. Para você eu posso pedir.

Juan voltou a abraçá-la, a sentir seu corpo; deixou que ela enfiasse a mão dentro das suas calças para acariciá-lo.

— Tudo bem — disse. — Agora não estou com vontade.

Eles se entreolharam no calor, sob o sol, os dois excitados e um tanto loucos e tristes. Era possível ouvir o rio cheio, um pássaro nervoso. A casa, distante e silenciosa, parecia morta. Quando os hóspedes iriam embora? O estacionamento continuava cheio. Juan pensou em contar a ela sobre Mercedes, mas não era o momento. Tampouco havia contado, ainda, a Stephen. Faria isso no avião.

— Onde está o seu carro? Tenho coisas para te dar, mas não quero que nos vejam.

Tali o levou pela mão até seu Renault 6, que estava completamente coberto por uma camada de poeira avermelhada. Ela abriu a porta, e Juan se acomodou no banco de trás. Tirou da bolsa a Mão da Glória que estivera guardada entre as tranqueiras de Marcelina. Estava perfeitamente conservada. Tali a admirou, recebeu-a com cuidado.

— E isto?

— Sua irmã queria que fosse sua. Eles não sabem que temos uma Mão da Glória, não sabem que existe. Sua irmã sempre a escondeu bem. Bom, nós dois a escondemos.

— Você está louco! Minha irmã nunca me daria.

— Bem, eu te dou. Sabe como usá-la? Vai ajudar a manter Gaspar bloqueado. A Mão não é suficiente, mas vai ajudar muito.

— Eu sei como usá-la. Rosario não a emprestava, mas sempre foi de explicar. Ela era generosa assim, não era?

Juan sorriu. Ela era meio generosa, sim. Fez um sinal para que Tali a guardasse. Ela a escondeu em sua bolsa de vime. Uma buzina os interrompeu. Stephen já havia colocado as bolsas e Gaspar no carro. Temos um voo, gritou. Precisamos chegar ao aeroporto em uma hora.

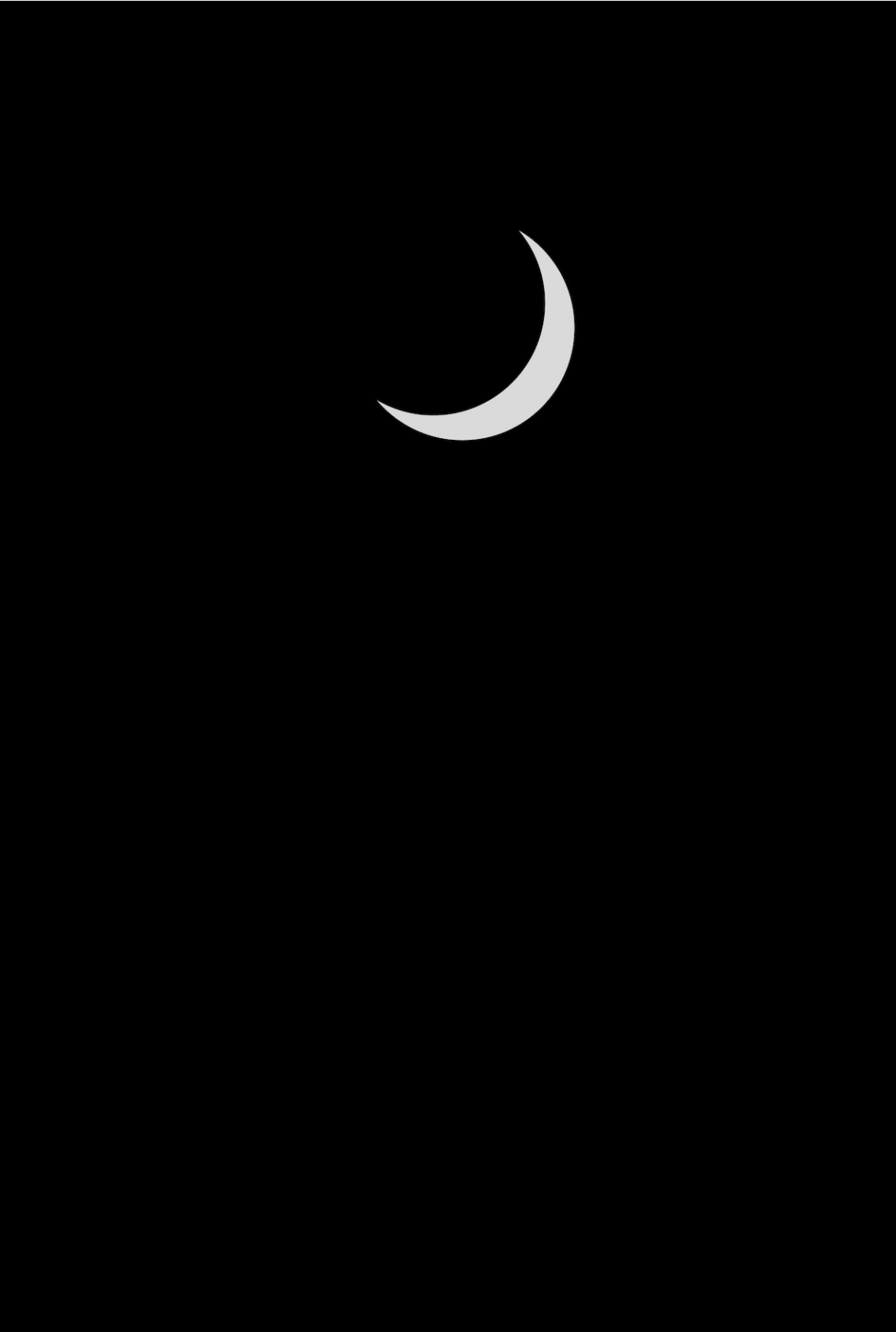
— E por que você não a usa?

— Não posso, ela me lembra o que eu fiz, não aguento. Não abandone meu filho, Tali — disse Juan. — Eles nunca irão parar de vigiá-lo.

— Não se preocupe. Nós três vamos encontrar uma maneira. E você irá conseguir o signo final. Tenha paciência. O Santo o ajudará com a paciência.

— Ele vai crescer e vai mudar. E é preciso continuar a bloqueá-lo, é preciso evitar que se aproximem dele.

Tali o beijou na testa para que se calasse, para que confiasse. Juan pensou em lhe dizer que, em outra vida, ela teria sido sua mulher, mas se calou. Não havia outra vida. Não queria mentir.



A mão esquerda
O Dr. Bradford entra na Escuridão,
Misiones, Argentina, janeiro de 1983

Quero encher de beijos as tuas vísceras,
viver dentro de ti com meus sentidos...
Eu sou um sapo negro com duas asas.

BALDOMERO FERNÁNDEZ MORENO,
“Soneto de tus vísceras”

Enquanto espera ajoelhado porque sabe que será esta noite, Bradford pensa que tudo se assemelha àquelas histórias estúpidas sobre os minutos que antecedem a morte, que até mesmo seus pacientes, os mais e os menos ignorantes — porque todos se tornam brancos diante da morte —, lhe contaram em algum momento: a vida passou diante dos meus olhos, vi a minha vida inteira. Embora não seja exatamente a minha vida, pensa Bradford, é a minha vida com ele, porque o que aconteceu antes, ainda que não precise de sentido, já não tem importância. Sabe que será esta noite, sente isso no lugar dos dedos perdidos, os dedos ausentes chamam os dedos presentes que a Escuridão comeu há muito tempo, e esta noite a Escuridão brilha, como explicar a quem nunca viu esta escuridão brilhante que emana desse garoto que agora é um homem e que abre os braços, gigante e pálido, a cabeça baixa, tomara que levante a cabeça no momento final, Bradford quer ver seus olhos amarelos antes de entrar na Escuridão, e agora as cicatrizes que ele deixou em seu ventre estão queimando, ele pensou, quando aquelas patas, garras, unhas se aproximaram dele, nunca é fácil lembrar depois, dedos negros e afiados, não há nada humano nem animal que se pareça àquilo, talvez algum instrumento mecânico, uma prótese, uma fantasia, suas mãos, enfim, rasgaram sua barriga, e ele esperou ver as tripas cinzentas espalhadas pela grama na noite quente, mas não, as feridas latejavam e não explodiam e não se abriam e não se abriram e quando o garoto que já era um homem as cauterizou fez isso com frio absoluto e agora, apesar de estar nu, Bradford não consegue ver as cicatrizes mas ele as sente, frias e ardentes, o gelo que queima, tudo o que chama para a Escuridão, será esta noite, tomara que você me mostre os olhos, Juan, uma última vez.

Na primeira vez, os olhos do garoto estavam envoltos por olheiras, como agora, como sempre. Bradford acabava de terminar a especialização em cirurgia

cardiovascular e tinha ingressado na equipe de maior prestígio do país, a do Hospital Italiano. Era o ano de 1957 quando trouxeram o garoto, um paciente do hospital que não podia mais continuar o tratamento medicamentoso. Ele tinha cinco anos, e Bradford decidiu não esperar para operá-lo. Seria sua primeira cirurgia de uma cardiopatia congênita, uma Tetralogia de Fallot. A criança tinha sido inesquecível desde o início: estava morrendo e, no entanto, olhava para ele de forma desafiadora e ereta, apesar da insistência de seus pais, dois imigrantes brancos da Europa do Norte que, se não estivessem curvados e se comportando de forma tão servil, pareceriam reencarnações de Óðin e Freya, mas daquele jeito, choramingando, pobrezinho, não temos dinheiro suficiente, ele vai morrer, doutor, minha irmã também sofria do coração, como Bradford odiava aquela ordinarice, dois camponeses que mereciam a humilhação. O garoto não. Sua pele estava azulada, os lábios roxos, já não conseguia andar. Nem sequer percebia a degradação de seus pais e parecia concentrado em respirar, em viver, com uma vontade que Bradford considerava monstruosa e que lhe deu a ousadia para operá-lo com os métodos mais complexos, para pacientes e médicos, da época. Ele os repassa agora, ajoelhado, enquanto a Escuridão se espalha sobre sua cabeça, isso aconteceu da última vez também, a Escuridão que invadia o céu, e eles dizem que seu poder está diminuindo? Não é o que parece nesta noite de calor insuportável. Bradford recorda e espera: corte horizontal do esterno sob a axila até o terceiro espaço intercostal, divisão da segunda e da terceira cartilagem, entrada na cavidade pleural, pulmão esquerdo de aparência normal, e então Bradford interrompeu sua memória, alheio ao que estava acontecendo ao redor, os gemidos e a anotação frenética dos escribas — ele nunca tinha ouvido a voz da Escuridão —, e disse a si mesmo que aquilo era mentira, o garoto nunca havia parecido normal por dentro, era bonito por dentro, tocar seu corpo frio — nas cirurgias daquela época sua temperatura baixava tanto que as operações pareciam uma autópsia

ou uma aula de anatomia, a não ser pelos órgãos que se mexiam, respiravam, sangravam, pulsavam —, o garoto não era normal não apenas por seu defeito cardíaco que, uma vez aberto o flanco, revelara-se ainda mais intrincado do que seus cardiologistas haviam pensado, com vários defeitos somados à Tetralogia — uma comunicação interauricular de cerca de 10 milímetros e uma anomalia muito grave na descendente anterior da artéria coronária direita que dificultaria muito a correção cirúrgica da estenose pulmonar, como havia chegado vivo à mesa de cirurgia? —, não era normal porque era lindo por dentro, tocar seu coração esforçado e hipertrofiado proporcionara a Bradford uma experiência semelhante à descoberta de uma ninfa em um bosque sagrado, a um amanhecer dourado, à surpresa de uma flor que se abre à noite. As cores do interior daquele garoto eram mais intensas, seu sangue cheirava a um metal salgado desconhecido, suas artérias eram pinceladas cinzas e azuis e vermelhas. Artéria pulmonar direita identificada e cortada. Veia pulmonar superior pequena demais, artéria subclávia esquerda identificada e cortada, transposição da artéria vertebral para o tronco tireocervical. Grampo na artéria subclávia no ponto distal à sua origem a partir da aorta. Dois grampos na artéria pulmonar esquerda, o primeiro localizado na origem, o outro na entrada do pulmão. Incisão transversal na parede da artéria pulmonar. Anastomose realizada com fio de seda entre o final da artéria subclávia esquerda e a lateral da artéria pulmonar esquerda. Quase não há sangramento depois que os grampos são removidos.

Esse corpo tem seda por dentro, pensou Bradford, e se lembrou de como o garoto havia se recuperado rápido, em menos de um dia estava corado e sentado na cama, estranhamente as enfermeiras, que em qualquer outro caso teriam se comovido, não se afeiçoaram de verdade ao doentinho. Chamavam-no doentinho, e que raiva, os pacientes devem ser chamados pelo nome, e elas fingiam gostar dele mas lhes custava, e como não custaria, se ele era uma

pequena besta furiosa contra seu corpo e contra os que queriam ajudá-lo e contra seus pais e apenas baixava a guarda, relaxava fisicamente, com seu irmão, mais um daqueles garotos orgulhosos que, Bradford acreditava, deveria ser grato a Perón, a quem ele deveria odiar mas que na verdade para ele era indiferente e até um pouco admirável, ele não sentia a afronta de classe e muito menos qualquer consequência econômica porque os membros dos Cultos da Sombra sempre estão próximos do poder e, portanto, a salvo de oscilações. De maneira que Bradford não se importava com Perón nem com sua mulher — aquela fascinante mulher moribunda — e secretamente agradecia a ele por aqueles garotos cheios de arrogância, que não abaixavam a cabeça, Juan era assim e assim era também seu irmão Luis, na época quase um adolescente de olhos água-marinha, o irmão que ficava mais tempo com o menino do que seus próprios pais, sempre apressados, sempre com a desculpa de ter que trabalhar, os ônibus, os bondes, colocar comida na mesa, Bradford os odiava, apertavam a confinamento e fumaça, em parte por isso, porque sabia que viviam amontados em um barracão da periferia, solicitou uma reunião com o chefe da equipe, o diretor do hospital e o do serviço de cardiologia para pedir que deixassem o garoto internado permanentemente. Falou das condições de higiene da casa do menino, mas também de procedimentos pioneiros que colocariam o hospital na vanguarda da cirurgia não apenas regional mas mundial e não exagerou as chances positivas do garoto: ao contrário da maioria dos cardiopatas congênitos, ele não estava desnutrido, tinha um tamanho normal para sua idade — isto era incomum: sempre permanecera assim, embora às vezes perdesse peso — e havia suportado a primeira cirurgia paliativa de forma excelente. Queria realizar a segunda, mais extensa, a cirurgia corretiva, dentro de alguns meses. Eles aceitaram. O vice-diretor do hospital era um amigo íntimo de sua família, também integrante da Ordem, ainda que periférico.

Gonzalo Biedma. Sua filha brilhante seria, no futuro, a mão direita de Bradford, a mão que lhe faltava agora.

A influência funcionava assim: bastava pedir para conseguir o que se queria. Durante muito tempo Bradford havia pensado que não passava disso, influência, confraria, reuniões de amigos, maçonaria com um nome diferente, onde as pessoas bebiam e às vezes cantavam em volta do piano, reuniões de mulheres exibindo joias pesadas e de homens compartilhando segredos de caça e o gosto por livros antigos, reuniões em que, em algum momento, discutiam-se as diferenças entre os seguidores de Vishnu e os de Shiva e falava-se de cultos tântricos. Durante muito tempo, o fato de sua família fazer parte de um Culto da Sombra, da Ordem, significava apenas que ela transitava num círculo internacional de dinheiro, privilégios e relações.

Ele entendeu que a Ordem era diferente quando, aos 18 anos, prestes a entrar na universidade, seu pai o levou a um ritual no campo, não em sua própria estância mas na de Florence Mathers, a inglesa, como dizia sua família, era estranho que a chamassem a inglesa como se eles também não fossem ingleses, mas Bradford supunha que não, que já não eram, ele havia nascido em Buenos Aires, seu pai também. Falavam o idioma, tinham frequentado seus colégios, mas não eram mais ingleses. Seu pai tinha orgulho: eu sou um *criollazo*, costumava dizer. Bradford não se importava. Ele era cirurgião e cardiologista: os corpos doentes eram sua pátria.

Após o ritual, seu pai lhe falou sobre os médiuns. Sobre a falta de médiuns. Sobre a existência de muitos Cultos da Sombra com diferentes interpretações e práticas, alguns hostis entre si, outros irmanados. Naquela tarde no campo, Jorge Bradford compreendeu, enquanto alguns homens e mulheres ainda vagavam como sonâmbulos, tocando o ar e chorando, por toda a estância e pelas plantações, assustando os cães e os cavalos, que aquilo não era um clube. Que Florence era uma sacerdotisa. Jorge Bradford havia visto coisas que não

conseguia explicar. Coisas que o mantiveram acordado por muitas noites e que o fizeram voltar aos livros de seu pai, que nunca havia desprezado, mas que tinha estudado com certo desinteresse. Agora estavam no mesmo patamar que seus seminários, seus livros de medicina, sua exaustiva residência. Decidiu passar alguns meses em Londres para se aperfeiçoar como cirurgião e visitar a grande biblioteca da Ordem naquela cidade. Florence, a inglesa, que passava uma temporada na Inglaterra entre viagens, permitiu que ele lesse o Livro, com suas anotações e interpretações acrescentadas por especialistas. Bradford acreditou. Tinha suas dúvidas, mas logo seriam dirimidas.

Agora, com Bradford de joelhos, ouve-se um gemido e a Escuridão carrega um alto Iniciado. Ainda distante, ainda a uns trinta metros. Esta noite ela viria buscá-lo, mas ainda tinha tempo. Lembrou-se do primeiro encontro com a Escuridão. Havia sido inesperado e desagradável, como pisar por engano em água de esgoto.

A segunda operação do menino Juan Peterson foi realizada cinco meses depois do shunt paliativo. Bradford se lembrava da hipotermia: o garoto azul novamente afundado em gelo, belo como um morto. Lembrava-se do prazer da serra contra o esterno, a expressão estupidamente infeliz da instrumentadora, precisara dizer a ela que estavam salvando a vida dele, guarde o melodrama pra você, e ela havia murmurado alguma coisa sobre a compaixão que quase fez as mãos dele tremerem, o pior que pode acontecer a um cirurgião. Era uma cirurgia inédita no país, na verdade três procedimentos: fechar a comunicação interventricular com um patch, abrir a válvula pulmonar e remover o músculo engrossado e colocar um patch no ventrículo direito e na artéria pulmonar para melhorar a circulação pulmonar. Se tivesse tempo, fechar também a comunicação interauricular. Teve tempo: Bradford conseguiu concluir tudo em seis horas, descansando por apenas alguns minutos; não queria deixar que ninguém mais suturasse nem mesmo nos trechos mais simples.

Ele se lembrava dos instantes anteriores à revelação com uma precisão insuportável. Quando ia anunciar que havia terminado, que iriam fechar, o coração, que havia aguentado por tanto tempo, mal acelerando em algumas partes, começou a bater descontroladamente, de forma arritmica, e Bradford reconheceu a fibrilação ventricular, o tremor incontrollável do músculo, aquele signo da morte. Iniciou a manobra de reanimação com cuidado, precisava ser decidido e delicado e ordenou que preparassem o desfibrilador elétrico, um aparelho inovador que a equipe de cirurgia usava de modo arbitrário e bem-sucedido.

Antes que pudesse usá-lo, acabou a luz. Foi um apagão úmido, era assim que Bradford se lembrava dele, uma umidade fria. O garoto estava sendo reanimado manualmente há vários minutos, mas precisaria de um choque. Um lampião lanternas velas gerador qualquer coisa, gritou, e então sentiu, com uma certeza horrível, que outra mão o estava tirando de dentro do corpo do garoto. Bradford gritou, acusou a equipe de cirurgia, o que vocês estão fazendo, e na escuridão — era de madrugada — ele ouvia nada, doutor, não fizemos nada, o resto do hospital está com luz, só aqui na sala de cirurgia estamos sem luz, e quando alguém aproximou um lampião da mesa de operações todos viram claramente que, sobre o peito aberto do garoto, sobre o ferro que mantinha seu esterno separado, sobre o coração imóvel, flutuava o que só poderia ser descrito como um pedaço de noite, mas transparente, fuligem talvez, fumaça espessa, e quando o cirurgião assistente quis tocá-lo, atravessá-lo, murmurando meu deus do céu o que está acontecendo aqui, assim que seus dedos roçaram o pó preto, o assistente gritou e tirou a mão e não era mais a mão dele, agora faltava metade de seus três dedos maiores, o médio, o anelar e o indicador, e ele gritava e gritava, e a eletricidade não voltava e Bradford não se arriscaria como seu assistente, porque embora não entendesse o que estava acontecendo e não pudesse acreditar, sabia que aquela escuridão que se retirava

lentamente era perigosa. Mais que perigosa. A Escuridão sobre a qual seu pai havia falado, a que era invocada pelos médiuns da Ordem, aquela que a inglesa procurava desesperadamente. O garoto já estava em parada cardíaca há quinze minutos, e as enfermeiras gritavam pieguices, socorriam o assistente, alguém disse que havia sido um acidente, que o assistente havia tocado em algum bisturi sem querer, isso era impossível, mas as pessoas preferem justificar, inventar, negar e não ver quando precisam acreditar. Bradford resistiu à debandada de enfermeiras, anestesista, instrumentadora, que diziam ter visto o garoto cercado pela escuridão como um casulo, resistiu até que a escuridão se afastou e voltou a tocar o coração imóvel do garoto, e sussurrou para ela vamos lá, se está aqui é por uma razão, se você é a voz dos deuses bata, e o coração bateu entre seus dedos como se nunca tivesse parado. Bradford fechou o peito sozinho e em silêncio, sem ouvir as explicações, o clamor, as queixas dos outros, nem sabia quem eles eram, outros médicos, funcionários, sabe-se lá quem. Quando terminou de suturar, acidentalmente moveu o lençol verde que cobria os braços do garoto e então viu a prova. A marca. No braço do garoto, uma marca de mão, como uma cicatriz de queimadura. Não era de se estranhar, disse a si mesmo: às vezes o frio do gelo usado para induzir a hipotermia nas cirurgias deixava queimaduras; menos estranho ainda depois do desastre que havia ocorrido na sala de cirurgia. Uma enfermeira podia ter colocado a mão ali, e o gelo teria deixado a marca. Analisou-a. Era profunda. Parecia antiga. Era uma cicatriz. A marca de mão esquerda sobre o braço esquerdo, a Mão Esquerda da Escuridão. Tinha lido sobre aquele signo. Sabia o que significava.

Esperou o garoto acordar na UTI. Dez horas. Tinha certeza das lesões cerebrais — ele as explicara aos pais, que pareceram não entender assim como não entendiam coisa alguma —; ah, mas o irmão mais velho, sim, entendeu, de onde vinha a inteligência daqueles gringinhos, esperou o coma, esperou

uma nova arritmia que o mataria definitivamente. Em vez disso, o garoto acordou por volta do meio-dia, o eletroencefalograma estava normal, e Bradford ordenou que não o deixassem sofrer por um segundo sequer, e como não conseguia dormir mas precisava conversar com alguém, quase bateu com o carro a caminho de casa, e com esse estado de espírito bateu na porta de sua irmã, sua sombria irmã, que ocupava dois apartamentos no mesmo prédio onde ele morava, um dos edifícios da família em Buenos Aires, o mais amplo, o mais bonito. Mercedes dominava aquele apartamento onde quase sempre seu marido a deixava sozinha, havia se casado com um homem rico, divertido e infiel. E sua filha, Rosario, passava o tempo inteiro no colégio e depois em seu quarto ou com as amigas. Bradford amava sua sobrinha: ela tinha a indissimulável alegria da inteligência. Bradford falou, e Mercedes ouviu em um silêncio interrompido pela colher de chá e pelo enorme relógio que presidia a sala. Não se precipite, disse ela. Por isso havia recorrido a Mercedes: porque era fria. Se isso for verdade, ele tem que ser seu. Tem que ser nosso. Mas não devemos levantar suspeitas. Não posso deixá-lo nas mãos daqueles brancos, Mercedes, aqueles caipiras. É claro que não, mas devemos ser cuidadosos.

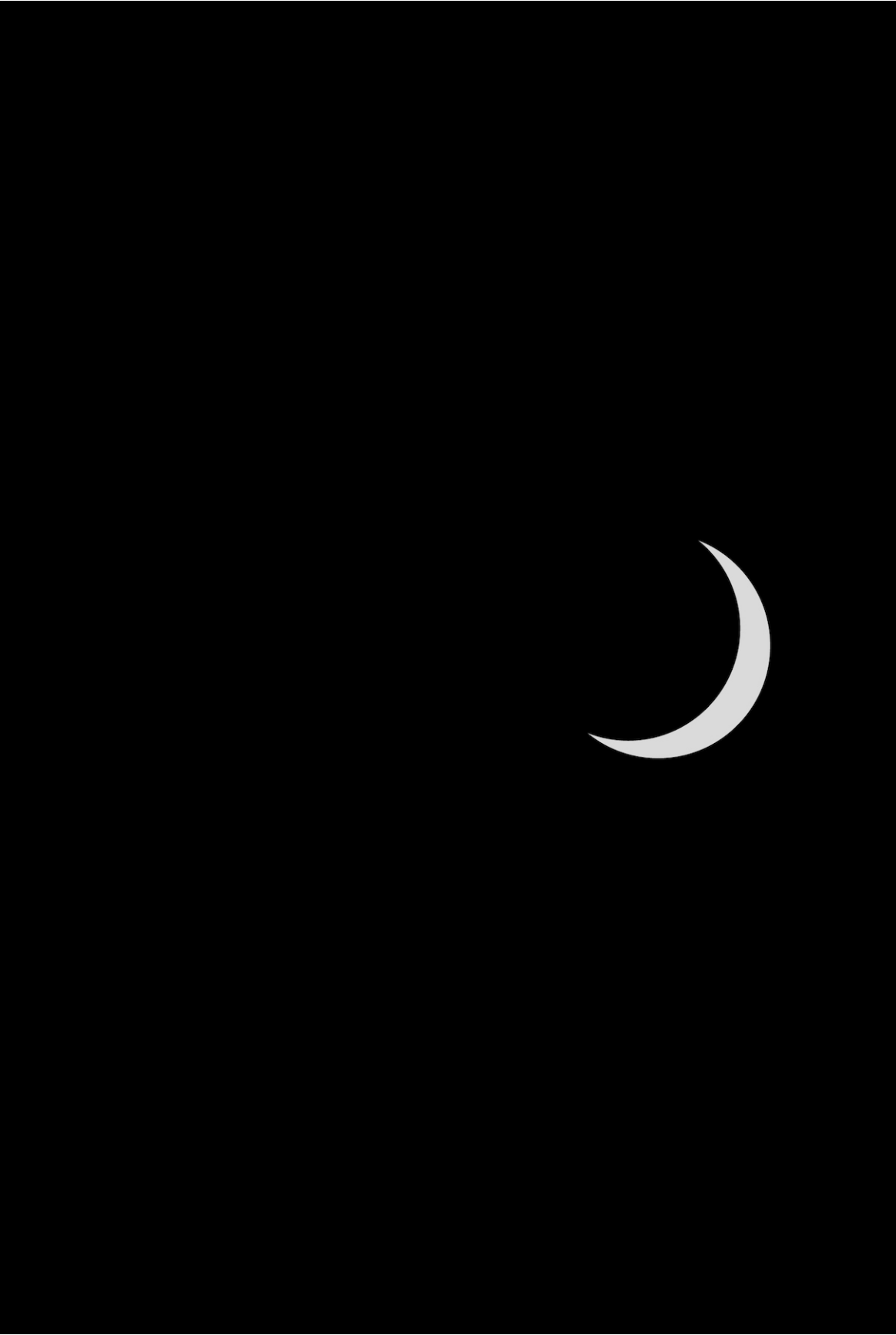
Ah, o plano, pensa Bradford de joelhos enquanto ouve mais gemidos abafados e sente o ventre queimar, sente que não tem mais tempo. Deixei seus pais levarem você. Contratei pessoas para me informar e me contaram sobre sua mãe chorando, seu pai bêbado, seu irmão sempre correto, o único correto naquela casa patética de chapa metálica. Sobre a triste escola para onde o mandavam e era assim que chamavam, escola, quando o que você merecia era um colégio. Os cardiologistas me diziam que você estava melhorando, mas que não conseguiam controlar as arritmias, e eu adivinhei, ah, eu adivinhei, antes da noite que nos uniu para sempre, que era medo, que era o pânico o que você não conseguia controlar, assim era chamado o terror coletivo das ninfas quando aparecia o grande deus Pan, pânico, e era isso o que você sentia, esse horror.

Eles o trouxeram de volta ao hospital, magro mas ainda forte, seu pai dizendo idiotices sobre como ele não podia cuidar de você, minha alegria diante do alcoolismo e da miséria dele e da rendição de sua mãe, e aquela primeira noite que confirmou tudo, porque você viu tudo, era pior em um hospital, é claro, deixei você sofrer, eu precisava ter certeza, era um teste pelo qual você precisava passar de qualquer maneira, deixei que você chegasse ao limite, reanimei você uma vez — quantas vezes, Juan, já adulto, você me chamou de seu ressuscitador pessoal, brincando — e naquela noite, quando eu sabia e todos sabiam que não iria sobreviver se as arritmias ventriculares continuassem, nós conversamos. O que foi, perguntei, e você me contou sobre os homens e mulheres que ninguém mais via, e que falavam com você, mas também sobre um bosque atrás de uma janela e de pés que flutuavam e de alguém que comia a nuca de uma mulher e me disse que não sabia quem eram, mas que nunca iam embora. Aqui tem mais, você disse, aqui eles gritam. Seus olhos não brilhavam mais. E eu te ensinei a maneira mais simples de bloquear o que estava acontecendo com você, a que eu nunca havia precisado usar mas que a inglesa ensinava a todos os membros da Ordem. Coloquei a mão sobre a boca do seu estômago tal como ela havia explicado, e você mal se afastou, seu corpo farto de ser manuseado e machucado. No entanto, você aguentou e aprendeu a técnica em segundos. Não era um equívoco ou uma sugestão, você era o que esperávamos, você era o médium, quando parou de ver o que via você caiu sobre o travesseiro, e aos poucos sua respiração e seu coração se acalmaram, e você me perguntou o que eu faço se eles voltarem, e eu disse por enquanto repita esse exercício. Ah, Juan, a intimidade daquela primeira vez. Quem dera eu pudesse ver seus olhos uma última vez antes de entrar na Escuridão.

Te levei para casa quando se recuperou. Nunca nos separamos. Quando a Escuridão que você abriu ficou com meus dedos nunca mais pude voltar a estar dentro de você. Apenas pude olhar. Duas outras vezes. E isso foi tudo. E agora

a Escuridão fica comigo: come primeiro as entranhas, e não dói, e tenho tempo para pensar e tentar ver seus olhos, mas já estão longe demais, você já está longe, e eu peço compaixão à Escuridão porque agora eu a ouço pela primeira vez.

Compaixão. E quando a Escuridão volta a morder e sinto o cheiro de seu regozijo misturado ao do meu sangue, enquanto a vejo comer as minhas mãos, os meus ombros, atacar a lateral do meu corpo, lembro que certa vez você me disse que a Escuridão não entende, não tem linguagem, é um deus selvagem ou distante demais. Serei lembrado como o homem que encontrou e salvou o médium mais de uma vez? Escreverão sobre mim, dirão meu nome com admiração? Não devo pensar em minha glória. Que seja segredo se for necessário. Paro de reivindicar compaixão. Não há palavras deste mundo para a entrada na Escuridão, para a última mordida.



A coisa má das casas sozinhas,
Buenos Aires, 1985-1986

eu tinha poucos anos e já era rigorosamente anciã

ELENA ANNÍBALI,
La casa de la niebla

Gaspar abriu a janela e sentiu a umidade fria da garoa em sua pele. Já era sábado à tarde: a bicicletaria do bairro estaria aberta. Precisava levar sua bicicleta para consertar: a corrente e os aros haviam arrebentado num acidente bobo naquela manhã, quando ele tinha batido no meio-fio e caído na esquina de casa. Gostava de andar muito rápido especialmente aos sábados, cedo, quando não tinha ninguém na rua. Ele mal havia se machucado, apenas alguns arranhões nos cotovelos, nos joelhos, uma bochecha irritada.

Tentou sair sem fazer barulho para não acordar o pai, mas se surpreendeu ao encontrá-lo acordado, sério mas calmo, saindo da cozinha com uma xícara de chá na mão. A casa, como sempre, não estava iluminada por luz elétrica: apenas a televisão ligada na sala de estar, vazia a não ser pela poltrona amarela de veludo, enorme, quase uma cama. Quando Juan viu Gaspar, aproximou-se e acendeu um pequeno abajur que estava no chão. Segurava um cigarro na outra mão.

— Você não devia fumar — disse Gaspar.

— Para de me encher o saco. — E pegou o rosto do filho com a ponta dos dedos para ver o machucado recente. Depois se abaixou para inspecionar as calças manchadas de graxa da corrente da bicicleta.

— Eu caí.

— Não minta pra mim. Não vou avisar de novo.

— Estava pedalando rápido e dei com tudo no meio-fio.

Gaspar sentiu o pai se aproximar e farejá-lo de uma maneira que lhe parecia... possessiva? Algo assim. Como se ele pudesse literalmente comê-lo. Embora também fosse carinhoso.

— Quantas vezes eu já te expliquei por que você precisa ter cuidado? Estamos sozinhos. Eu estou doente. Se acharem que não cuido bem de você,

virão te buscar. Vão nos separar. Não posso ficar atrás de você o tempo inteiro.

— Já sei. Não foi nada.

— Bom. Lava bem com sabão.

— Já passei água oxigenada e me lavei. Você acha que a mancha da calça vai sair?

— Não faço ideia — disse Juan, e deu um trago demorado no cigarro. Pegou novamente a xícara de chá que tinha deixado no chão e apagou o abajur.

— Se não sair você compra outra.

— Você está bem, papai?

— Melhor. E você?

— Sim. Vou no parque para ver se consertam a bike. Depois com certeza vou passar no Pablo.

— Como quiser. Eu estarei no quarto.

— Aqui embaixo ou lá em cima?

Juan pensou por um minuto. Finalmente disse:

— Aqui embaixo.

— Volto para dormir. Você tem comida?

Juan não respondeu, mas se aproximou de Gaspar e, lentamente, abriu-lhe o punho fechado e acariciou a palma de sua mão como se quisesse aquecê-la.

* * *

Da esquina, Pablo primeiro ouviu e depois viu Gaspar e sua bicicleta. Como sempre quando o via, sorriu, e depois se forçou a ficar sério: tinha vergonha de demonstrar o quanto ficava feliz em vê-lo. Não era o único a reagir assim. Todos amavam Gaspar, o senhor da banca de jornal e o dono da mercearia, o serralheiro e quase todos os pais, as garotas que davam risadinhas quando o viam passar. Gaspar morava num casarão, frequentava o colégio mais caro do

bairro, que tinha sua própria piscina de natação e era bilíngue, mas não se comportava de maneira arrogante nem fazia você sentir que ele tinha grana, era normal e generoso, emprestava tudo, a roupa, o videocassete, a carteirinha da videolocadora, seus livros. A vida de Gaspar era muito diferente da vida dos outros: seu pai, que estava doente e quase nunca saía, não trabalhava; uma pessoa vinha limpar e cozinhar: deixava a comida pronta enquanto Gaspar estava no colégio, ele quase nunca a via. Outros visitantes, advogados e contadores, segundo Gaspar, traziam o dinheiro e se encarregavam das mensalidades do colégio e do pagamento dos serviços domésticos. Ninguém vivia desse jeito, pelo menos não entre as pessoas que Pablo conhecia. Assim, com tudo resolvido. Apesar de o serem, os Peterson não viviam como ricos: quase não tinham pertences. Mas nunca lhes faltava grana e, quando precisavam de alguma coisa, imediatamente surgiam aqueles empregados tão esquisitos que chegavam pontualmente, como se estivessem de vigia.

E além disso Gaspar é superlindo, pensou Pablo, mas imediatamente mordeu o lábio inferior porque sabia que não deveria pensar nisso, seu pai o havia puxado pelos cabelos há menos de uma semana porque Pablo tinha demorado demais para escolher a roupa para ir ao aniversário do tio. Ele nunca tinha feito algo assim antes: sua boca cheirava à mate quando lhe disse: “Você não é meio bicha, não?” Ele gostava de se vestir bem. Tinha dito ao pai, e isso fez com que ele quase lhe batesse. Na volta do aniversário, elaborou um plano: listou todas as suas roupas na última página do caderno de dever de casa, em três colunas, e depois ligou-as com setas, uma espécie de quadro sinótico, usando lápis de diferentes cores, como tinha aprendido na aula para unir orações. Precisava decorar as combinações ou olhá-las rápido antes de sair, e assim não perderia mais tempo tentando ver se sua calça de veludo cotelê marrom combinava com o moletom verde ou não.

Gaspar nunca tinha esses problemas. Agora mesmo ele o via chegando em sua bicicleta, com um moletom fininho de cor mostarda, que ficava meio grande, o jeans azul e os tênis Topper, e não era uma roupa incrível, mas nele ficava incrível. Mesmo quando ele vestia algo esquisito, o resultado era descolado: usava, por exemplo, cintos de couro muito compridos que, às vezes, ficavam pendurados. Eram de seu pai, e às vezes ele precisava dar mais de uma volta ao redor da cintura. No entanto, a fivela masculina e o couro antigo não pareciam uma fantasia, mas sim o toque que o tornava diferente dos outros. É claro que não eram apenas as roupas: era a maneira como ele tirava o cabelo do rosto, as pernas compridas e os olhos azul-escuros, redondos e aparentemente inocentes, pelo menos até ele sorrir ou ficar bravo, e então algo muito estranho acontecia, porque os olhos mudavam levemente sua expressão, e Pablo não sabia como podia chamar aquilo, mas gostava e ficava desconfiado, o fazia lembrar de seu gato, que se deixava acariciar, ronronando e, de repente, porque sim, dava uma patada no ar, sem intenção de machucar, apenas para deixar claro que já havia recebido o que precisava.

Quando chegou a seu lado, Gaspar enfiou a mão no bolso de trás da calça e ofereceu a Pablo um chiclete meio amassado. Ficaram fazendo bolas na calçada, protegidos por uma sacada que fazia as vezes de teto, porque começara a chover.

— Vem comigo até o parque? — E apontou para a bicicleta. — Eu voei, você nem imagina, mas não me machuquei nada.

Ele contou aquilo com tranquilidade, e Pablo sabia que provavelmente nem tinha se assustado com a queda. Havia uma dureza em Gaspar: eles tinham a mesma idade, mas para Pablo ele parecia muito mais velho. Talvez porque não tivesse mãe, porque seu pai estava doente, porque não tinha família por perto, porque ficava muito sozinho. Ele não era muito de rir e ouvia com bastante atenção. A mãe de Pablo dizia que ele era um garoto traumatizado; a mãe de

Vicky, que era um garoto triste. A mãe de Adela, a amiga que completava o quarteto inseparável, dizia Juan é viúvo e está doente, não é fácil criar um filho sozinho, Gaspar está muito bem.

Quando o pé d'água virou chuvisco, Pablo subiu o zíper da jaqueta e disse: “Vamos lá.” O parque ficava muito perto, a apenas duzentos metros. Naquela tarde, devido ao tempo ruim, estaria vazio; quando fazia sol, quase não sobrava lugar para jogar bola ou se sentar para tomar um refrigerante, porque todo o bairro passava a tarde inteira no gramado malcuidado, sob as árvores centenárias e entre os caminhos de terra vermelha. Estavam prestes a atravessar a rua quando viram Vicky e Adela chegarem correndo. Vicky estava chorando, com os cabelos escuros soltos e brilhantes como os de uma japonesa. Adela, que a levava pela mão, usava uma enorme capa de chuva amarela que parecia uma barraca e cobria completamente o coto do braço esquerdo.

— Ei, o que aconteceu? — perguntou Gaspar, aproximando-se de Vicky. Ela o abraçou envolvendo seu pescoço com os braços e gritando que Diana tinha sumido, que estava desaparecida desde a manhã. Diana era uma das duas cachorras de Vicky, sua preferida, uma pastora alemã de oito anos que a acompanhara por quase toda sua vida.

— Escapou por entre as pernas do meu pai — disse Vicky. E entre lágrimas e lamúrias conseguiu reconstituir os fatos, o pai havia deixado a porta do corredor aberta e a Diana sem coleira, e a cachorra havia corrido até a calçada. Ele a tinha chamado, ela não tinha obedecido. Eles esperaram que ela voltasse, mas Victoria e sua mãe insistiram e saíram de carro para procurá-la. Nada. Desde as nove da manhã estavam assim.

— Estamos procurando por ela, agora que não há tantos carros, ela pode estar mais calma — disse Adela, e com seu único braço tirou uma mecha de cabelo molhado do rosto.

— Ela pode estar no parque — disse Gaspar.

— A gente estava indo para lá.

— A gente também. Vou deixar a bike no conserto e acompanho vocês.

Os quatro pegaram a passagem das casas inglesas em direção ao parque. Adela, como sempre, se posicionou ao lado de Gaspar. Ela começou a falar sobre cães que voltavam, cães que ficavam na porta dos hospitais esperando que seus donos recebessem alta, sobre aqueles que viviam em cemitérios porque tinham acompanhando seus tutores até o fim. Adela era fantasiosa, exagerada e mentia mais a cada dia, mas eles a toleravam e não apenas por pena. Ela era engraçada. Adela vivia com sua mãe numa casa ao final de um corredor, uma casa um tanto escura porque ficava no meio do quarteirão e as construções ao redor e até mesmo as árvores nos grandes pátios dos vizinhos bloqueavam a passagem de luz. Ainda assim, era uma casa muito bonita; sua mãe, Betty, havia escolhido bem a tapeçaria e as reproduções de pinturas, tinha móveis simples mas confortáveis e coloridos, às vezes cobertos por mantas com desenhos andinos. Era uma casa meio hippie e muito diferente da sua, pensava Pablo, com os velhos bibelôs de cristal de sua avó, pássaros alaranjados e cisnes brancos, tucanos pretos de bico amarelo e flamingos cor-de-rosa, que ele estava proibido de tocar. Adela não tinha pai, e ninguém sabia bem por quê, se ele havia morrido ou ido embora. Ninguém tinha coragem de dizer em voz alta que ele poderia estar desaparecido, embora alguns se atrevessem a insinuar o contrário, que ele era policial e havia morrido em um confronto.

Também era um mistério por que ela não tinha um braço. O coto era pequeno e proporcional, como se tivesse sofrido um corte preciso no cotovelo. A mãe de Adela dizia que ela havia nascido assim, que era um defeito congênito. Muitos garotos sentiam medo ou nojo. Riam dela, chamavam-na de monstrelha, aberração, bicho incompleto; diziam que seria contratada por um circo, que com certeza sua foto estava nos livros de medicina. Isso a magoava, às vezes chorava, mas havia decidido responder sempre as provocações com

outras piadas ou xingamentos. Não queria usar um braço ortopédico. Em geral, não escondia o coto. Quando via repulsa nos olhos de algum garoto ou mesmo nos de um adulto, era capaz de esfregar o coto na cara da pessoa ou de se sentar muito perto e roçar o braço do outro com seu apêndice inútil até deixá-lo à beira das lágrimas.

Sua versão sobre o braço faltante era espetacular, como era de se esperar de Adela. Dizia que havia sido atacada por um cachorro, um dobermann preto. O cão tinha ficado maluco, isso costuma acontecer com os dobermanns, uma raça que, segundo Adela, tem um crânio pequeno demais para o tamanho do cérebro; por isso a cabeça deles sempre doía e eles enlouqueciam. Dizia que o cão a atacara quando ela tinha dois anos. Também dizia que se lembrava: da dor, dos grunhidos, do som das mandíbulas mastigando, do sangue manchando a grama. Havia sido na quinta de seus avós, e seu avô tinha sido o assassino do cachorro: atirara nele com excelente pontaria, porque o animal, quando recebeu o disparo, ainda carregava Adela bebê entre os dentes.

Estranhamente, porque era o que mais ouvia e o que menos discutia dos quatro, Gaspar sempre se recusava a acreditar naquela versão. Você não tem como lembrar, dizia. Tinha dois anos. Eu mal lembro da minha mãe, e eu tinha seis quando ela morreu.

— Bem, mas isso foi muito traumático — dizia Adela, e enfatizava a palavra “traumático”, que havia aprendido há pouco tempo.

— Você é idiota? O que aconteceu com a minha mãe também foi traumático.

— De alguma coisa você deve lembrar.

E Gaspar insistia que sim, de alguma coisa, sim, mas de muito pouco, ele queria se lembrar de muito mais; eram fotos, cenas curtas de um filme, sem conexão. E nada de nada de quando tinha dois anos. Ninguém se lembrava de quando tinha dois anos, impossível, insistia.

— Mesmo assim, eu não me importo que você minta — dizia ele, e Adela ficava furiosa. — Mas com algumas coisas você precisa mentir melhor.

Adela sempre ia embora com a cara e as orelhas muito vermelhas depois dessas discussões; era sardenta e exageradamente loira, tanto que a palidez de sua pele fazia seus dentes parecerem amarelos. Tinha os olhos castanhos e pequenos sob os cílios quase brancos.

— Esperem aqui — disse Gaspar quando chegaram ao parque Castelli.

Eles obedeceram: Adela secou um banco de madeira com sua capa de chuva e os três se sentaram em silêncio. O parque ocupava doze quarteirões e dentro dele havia um colégio, duas piscinas — uma ao ar livre, outra aquecida; era onde Gaspar nadava nos fins de semana, quando a piscina de seu colégio estava fechada —, um roseiral e um enorme chafariz que lançava jatos de diferentes alturas, sincronizados para dar a impressão de que a água dançava. Também tinha um carrossel no parquinho, mas eles já estavam grandes demais para visitá-lo, com exceção das redes; as garotas gostavam especialmente das redes e do roseiral, com seu coreto do século XIX, as trepadeiras verde-escuras e os caminhos de pedrinhas vermelhas que manchavam os tênis.

Gaspar logo voltou da bicicletaria e organizou a busca: Pablo se encarregaria da parte que ia do colégio à avenida da igreja; ele, do chafariz e das piscinas; as meninas dividiriam o roseiral e a área em torno da entrada do metrô. Procurem bem, disse a eles. Ela pode estar assustada. Atrás de todas as árvores e debaixo de todos os bancos. A escola está fechada, mas com certeza há algum zelador, Pablo, chama ele e pergunta, toca a campainha. Eu vou fazer o mesmo na piscina. Nos encontramos aqui em uma hora. Os outros assentiram com a cabeça e, antes de dar início à busca, Gaspar se inclinou e bebeu água do bebedouro em forma de cabeça de leão, uma cerâmica antiga de cor azul que pingava e deixava um pequeno rio ensanguentado no caminho de terra vermelha.

* * *

Gaspar margeou o prédio do clube, com o bar aberto e sem clientes — certamente por causa da chuva e da hora: começariam a chegar perto da hora do lanche —, e entrou. O único garçom e o dono o conheciam: às vezes ele comia alguma coisa ali aos sábados e domingos à tarde depois de nadar, ou até fazia a lição em uma das mesas que davam para a parte mais arborizada do parque, quando seu pai estava muito mal-humorado, o que era cada vez mais frequente no último ano, a ponto de Gaspar ter começado a sentir saudades dele, como se aquele homem que morava em sua casa fosse outro, que estava se metamorfoseando em alguém mais silencioso, violento e distante.

Ele perguntou aos dois se tinham visto a cachorra, mas nem o garçom nem o dono se lembravam de algum pastor alemão; muitos cães passeavam pelo parque, eles conheciam a maioria, davam-lhes comida, mas nenhum cachorro novo havia chamado a sua atenção. Gaspar aceitou um copo de Fanta que o dono lhe ofereceu e continuou rastreando pelas escadas de cada lado do chafariz. O parque se elevava no centro, tinha sido construído em cima de uma pequena colina, e aquela ladeira terminava na piscina descoberta, que já estava fechada até o verão seguinte: ele deu a volta e ficou observando o trampolim. Se enfiou entre as grades estreitas — custou um pouco: apesar de ser muito magro, em pouco tempo seria grande demais para passar entre as grossas barras — e chamou Diana com um assobio que, ele sabia, a cachorra iria reconhecer. Nada. Ele deu uma volta na piscina e chamou de novo: estranho, o guarda-vidas não estava. Talvez tivesse tirado a tarde de folga, estava chovendo, ninguém iria entrar na água. Ele fazia isso, às vezes: gostava de nadar quando estava frio, sair tiritando, com a piscina só para ele e sem ninguém para vigiá-lo. Seu pai não sabia dessas escapadas, é claro.

Fechou os olhos. Sua bochecha estava doendo, e os joelhos, um pouco; ainda sangravam levemente, havia percebido durante o banho, e já sentia a pele tensa, as casquinhas estavam se formando.

A cachorra não estava perto do chafariz nem da piscina, então procurou-a atrás das árvores. Havia muitas no parque, e Gaspar gostaria de saber distingui-las, saber qual era um choupo, qual era uma nespereira, identificava apenas os pinheiros. Quem dera ensinassem essas coisas na escola, em vez de frações ou organismos unicelulares. Ia bem no colégio porque para ele era fácil, mas ficava entediado e sempre havia ficado. Lia por conta própria: seu pai podia ser genioso e dar medo, mas o deixava ler qualquer coisa. Agora estava lendo *Drácula*: já tinha visto uns dez filmes, e o livro era totalmente diferente de todos eles. Havia ficado com uma frase na cabeça, e agora o calafrio que sentia perto do chafariz não era apenas porque sua jaqueta era de um tecido leve: aquela frase lhe parecia terrível. “Os mortos viajam depressa.” Isso foi dito por um personagem, um companheiro de viagem, a Jonathan Harker, que estava indo para a casa do Conde. Ele procurara o livro em inglês na biblioteca de seu pai, que estava desenhando, distraído, em um de seus cadernos. Encontrou-a rapidamente, e em inglês a frase era “*for the dead travel fast*”. O livro em inglês dizia, além disso, que a frase tinha sido traduzida do alemão e que era de um poema que se chamava “Lenore”. Perguntou ao pai se ele o tinha — seu pai tinha muitos livros de poesia — e ele, sem parar de desenhar ou escrever, sem olhá-lo, disse que não. “É verdade?”, havia perguntado a ele. “É verdade que os mortos viajam rápido?”

Seu pai finalmente levantou a cabeça e disse simplesmente: “Alguns.”

Desceu as escadas correndo até a esplanada onde estava a escultura do tigre-dentes-de-sabre e percorreu o parque pelo caminho paralelo à rua Mitre. Vicky e Adela já estavam esperando por ele no coreto, perto do roseiral. Pela cara delas, percebeu que também não haviam encontrado a cachorra.

— Ela vai voltar, Vicky — disse Gaspar. — Agora, se você quiser, tiramos umas cópias de uma foto dela e colocamos nas lojas e nos postes. Nós vamos encontrá-la.

Vicky chorava.

— Ela é velha, vai se perder.

Pablo chegou correndo e olhou para Gaspar antes de dizer não com a cabeça.

— Você vai oferecer uma recompensa? — perguntou Adela. — Se tiver uma recompensa, é muito, muito melhor.

— E com que dinheiro eu pago a recompensa? Meu pai não vai querer gastar com isso.

— Eu empresto a grana, isso não é problema — disse Gaspar, e pediu a Adela que o acompanhasse até a xerox.

Passaram o resto da tarde preparando, em uma folha de papel ofício, o cartaz de cachorra perdida de Diana. Vicky escolheu uma foto com fundo claro, para que ela se destacasse bem. Hugo, pai de Vicky, brincou dizendo a Gaspar que, com a inflação, não fazia sentido colocar uma recompensa, e Vicky ficou tão brava que se trancou chorando em seu quarto. Adela e Gaspar terminaram a colagem enquanto Pablo ouvia Hugo, que explicava a fuga da cachorra. Ele tinha deixado a porta aberta, é verdade. Um minuto, porque esquecera o guarda-chuva e precisava dele, chovia naquela manhã quando saiu para trabalhar na farmácia. E alguma coisa assustou a cadela, algo que caiu dentro de casa. Talvez Virginia, a irmã mais nova de Vicky, tivesse jogado um brinquedo contra a parede ou a avó, que era meio surda, tivesse aumentado o rádio e isso perturbou o animal, que saiu correndo. Ele também gostava da cachorra, adorava ela, estava de saco cheio de Vicky o culpar e fazer aquele drama todo.

— Ela vai voltar — disse Adela, e novamente começou a contar suas anedotas de cachorros fiéis a seus tutores. Gaspar se levantou depois de terminar de escrever o número de telefone de Vicky e bateu na porta do quarto dela.

— Estamos indo colar os cartazes. Vem com a gente, para um pouco.

Fez-se um silêncio tenso, e Vicky abriu a porta. Seus olhos estavam vermelhos, mas ela não estava mais chorando.

— Para, vai — repetiu Gaspar. — Já fizemos os cartazes.

Eles se entreolharam na escuridão do corredor dos quartos. A lâmpada estava queimada. Gaspar se lembrou do verão que havia passado com Vicky e sua família em Mar del Plata: jogar frescobol na praia, nadar um pouco — não muito: eles tinham medo que Gaspar fosse para o fundo e ele não queria deixá-los nervosos —, as caminhadas na areia molhada no fim de tarde. Havia conversado muito com Vicky, às vezes até caírem no sono, muito tarde, com o abajur ligado. Era o segundo verão que Gaspar se juntava às férias dos Peirano, que alugavam um apartamento perto das praias semivazias do farol, um apartamento grande e confortável que, Gaspar suspeitava, não eram eles quem pagavam. Tinha quase certeza sobre quem o pagava, mas nunca havia sequer insinuado isso. Seu pai não lhe dissera nada, nenhum dos verões. Tinha dado permissão para ele ficar um mês na praia. Se eles estão te convidando, pode ir. Eu confio neles. Todo verão, os empregados que traziam o dinheiro também apareciam no litoral, para garantir que ele tivesse tudo o que precisava. Não eram os mesmos empregados, mas Gaspar já conhecia todos, eram sete, oito, contando os motoristas que levavam seu pai ao médico ou a qualquer outro lugar que ele quisesse ir. Quando era mais novo, não percebia, mas quando cresceu ficou evidente que mais ninguém tinha aquele tipo de assistente ou cuidador. Quando perguntou ao pai, ele disse, em resposta, sua mãe era rica, você também é. Certamente você já viu na TV o que pode acontecer com as

peessoas ricas. Gaspar se lembrou das notícias sobre sequestros e da explicação da mãe de Vicky: são mão de obra desempregada da ditadura, dizia, agora se dedicam a chantagear e pedir resgates, conhecem perfeitamente o método do sequestro. O quê? Eu estou em perigo, vão me sequestrar? Não, continuou seu pai, porque eles cuidam de você. E quando perguntou novamente, a resposta foi idêntica e o aborrecimento, enorme. Então agora ele apenas aceitava.

No primeiro verão, Gaspar se divertiu muito. Mas, no segundo, não sabia direito por quê, uma noite sentiu medo pelo pai e fugiu do apartamento para ir até um telefone público. Apoiado no plástico cheio de furos da cabine redonda que parecia um ovo gigante, ligou várias vezes para casa. E repetiu as ligações na noite seguinte. Ninguém atendia. Era janeiro. Gaspar sabia que, no verão, seu pai saía da cidade por alguns dias, tinha amigos, mas nunca ficava fora de casa por tanto tempo. Dez dias no máximo. Era 15 de janeiro, e ele não atendia, e Gaspar estava prestes a pedir a Lidia e Hugo Peirano que o deixassem voltar, que por favor comprassem uma passagem para ele, embora não soubesse exatamente o que poderia fazer ao chegar à casa vazia. Ligar para seu tio no Brasil? Falar com os contadores? Chamar seus avós maternos, que ele não via há anos, de quem mal se recordava? Sentado nos degraus da porta do prédio de Mar del Plata, enquanto os turistas entravam e saíam, alguns para ir jantar em restaurantes, outros com as compras do supermercado para cozinhar nos apartamentos, Gaspar havia começado a chorar, e Vicky lhe dissera:

— Com certeza ele vai aparecer. Não vamos falar nada. Amanhã ligamos de novo.

E desta vez, quando ele ligou, seu pai disse alô com uma voz cansada e aborrecida. Gaspar ficou com as pernas bambas quando o reconheceu.

— Fiquei ligando pra você — disse, bravo. — Você nunca fica fora por tanto tempo.

— Gaspar, divirta-se — respondeu seu pai, e desligou.

Agora, enquanto olhava para Vicky, Gaspar se lembrava daqueles dias de incerteza, apenas três meses antes. E ela assentiu com a cabeça. Entendia. Prendeu os cabelos sedosos e muito escuros em um rabo de cavalo.

— Desculpa, eu devia ter ajudado vocês a fazer os cartazes.

E então ela voltou a abraçar Gaspar, que beijou sua cabeça e ficou sentindo o cheiro do seu cabelo, um pouco de chuva, um pouco do xampu que as garotas tanto gostavam naquele ano, um detergente verde que estava na moda e cheirava a suco de maçã.

* * *

A casa de Victoria Peirano estava sempre em construção. O terreno era grande, e a casa se estendia, comprida, ao longo de um corredor que ligava o pátio da frente e a garagem aos fundos; havia um jardim modesto com um galpão onde as cachorras dormiam à sombra de um limoeiro e a churrasqueira era usada quase todo domingo. Naquela casa barulhenta e bagunçada, cada um ia para cama na hora que queria; quando tinham vontade de comer todos juntos à mesa, comiam e, se não quisessem, levavam seu prato para o quarto ou para os fundos, a avó ouvia tango no rádio e ninguém nunca encontrava os documentos perdidos.

Não parecia a casa de um farmacêutico e uma médica. Victoria pensava, às vezes, que seus pais eram injustamente pobres porque seus colegas de colégio com pais médicos moravam em outro tipo de casa. Certa vez os ouviu falar do azar que tinham, das oportunidades desperdiçadas; a mãe trabalhava num hospital público e dava plantão numa clínica a vinte quarteirões de casa; o pai não queria abandonar a farmácia onde havia começado a trabalhar aos 18 anos, adorava o dono, não se importava que o salário fosse baixo. Discutiam bastante por dinheiro, mas eram felizes. Eles se divertiam juntos. E o dinheiro,

gastavam: em férias em Bariloche, Pehuencó, Mar del Plata, nas serras de Córdoba, no Vale da Lua. Gaspar passava muito tempo com aquela família. Sua própria casa era espaçosa e elegante e, ele sabia, causava inveja no bairro; mas também era escura e estava vazia, com o jardim seco, pouquíssimos móveis, a obrigação do silêncio.

— Por que vocês não ficam para jantar? — perguntou Lidia, a mãe de Vicky. Ela havia acabado de chegar do hospital, quase nove da noite, com algumas pizzas pré-prontas para colocar no forno. Acabara de ficar sabendo da fuga da cachorra e, depois de ouvir, disse ao marido:

— Você é um idiota, Hugo. Francamente.

E parabenizou os garotos por terem feito os cartazes. Eles os haviam deixado em todos os armazéns, bancas de jornal, o bar do parque, a bicicletaria, os postes de luz: o dia seguinte era domingo; se não chovesse, ia ter muito mais gente na rua e, se alguém tivesse visto a cachorra, teria que aparecer. Tinham deixado também os telefones de Adela e de Pablo; não o de Gaspar: seu pai não suportava o som do telefone tocando.

Depois de colocar as pizzas sobre a bancada para que esfriassem um pouco, Lidia entrou em seu quarto, tirou o uniforme branco e convidou novamente Pablo e Gaspar para comer. Pablo disse que sua mãe estava esperando por ele. Gaspar disse não, obrigado.

— Como o seu pai está? — perguntou Lidia antes de entrar no banho.

— Não sei — disse Gaspar sinceramente. — Por isso também quero ir. Mas está melhor do que há alguns dias, obrigado.

— Qualquer coisa você me avisa.

Gaspar acenou dando tchau. Sentia falta da bicicleta: havia pedido também ao mecânico para trocar a luz que usava quando escurecia, porque ultimamente ela estava piscando. Adela o acompanhou: de todos, ela era sua vizinha mais

próxima. Gostava da companhia dela: ele podia relaxar com Adela porque a sinceridade não a incomodava.

— Você acha que a Diana vai aparecer?

O pelo um pouco seco, a língua sempre para fora, aquele entusiasmo amoroso, Gaspar de repente se lembrou de tudo e sentiu um nó na garganta. Ele amava a cachorra. Como não o deixavam ter animais de estimação, ele se apegava aos dos outros. Diana era sua favorita.

— Não — disse. — Não acho que ela vá aparecer.

— Nem eu, mas não quis dizer nada.

— De repente a gente erra e acontece o contrário.

— Tomara. Por que você não tem um cachorro?

— Meu pai odeia animais.

Não era exatamente isso; certa vez ele havia dito “não quero nada vivo nesta casa”. Mas isso soaria estranho demais até para Adela.

— Seu pai é tão baixo-astral.

Eles riram. Adela dizia isso sem cerimônia e com conhecimento de causa: Betty, sua mãe, bebia muito quando estava triste. Ela não era violenta, não tratava Adela mal, apenas se trancava com uma garrafa e às vezes vomitava no banheiro. Ou pela casa. Gaspar havia ajudado Adela várias vezes a esvaziar os copos cheios de vinho que apareciam pelos cantos e a usar desodorizador de ambientes no banheiro quando Betty não limpava seu vômito direito. Ela não se embebedava com muita frequência, mas, quando o fazia, eram dias difíceis. Gaspar andou mais devagar, em parte para demorar e para passar mais tempo com Adela, em parte porque a falta do braço a tornava um pouco mais lenta, como se faltasse a ela um remo para se impulsionar. Não estava mais chovendo, Adela havia deixado a capa na casa de Vicky e vestia apenas um moletom vermelho, arregaçado até o coto. Sempre dizia que odiava usar a manga vazia, pendurada. Preferia que o óbvio ficasse visível. Gaspar também gostava da

companhia de Adela porque ela falava muito e não se incomodava com o silêncio. Agora, porém, ela estava calada. E não era por causa da cadela, de quem não era amiga, preferia ficar longe dos cães, mantinha essa postura com firmeza para se aferrar à sua história do ataque do dobermann.

Gaspar decidiu quebrar o silêncio:

— Aconteceu alguma coisa?

— É um negócio que sempre acontece comigo, mas que agora está pior.

— Bom, me fala o que é.

— É meio nojento.

— Melhor ainda.

Adela o empurrou até fazê-lo tropeçar.

— Que mongol!

Ela olhava para baixo enquanto falava, como se estivesse prestando atenção em seus passos.

— O meu braço coça. Este braço — disse, e mexeu o coto.

— E você se coça.

— Para de ser retardado. O meu braço coça na parte que eu não tenho mais. Já fui no médico. Ele disse que isso se chama membro fantasma. É porque o cérebro não registra a perda e então continua sentindo coisas.

Gaspar olhou para ela atentamente sob as luzes amareladas da rua. Os cabelos de Adela tinham uma espécie de auréola: estavam arrepiados pela umidade.

— Mentira.

Ela olhou para ele com raiva, estreitando os olhos escuros.

— Por que você nunca acredita em mim?

— Uma coisa que não existe não pode coçar.

— Coça pra caramba, e você não sabe de nada — gritou Adela, e se afastou correndo até sua casa, chorando, sem deixar que ele visse seu rosto. Gaspar

esteve prestes a segui-la, mas deixou-a ir embora. Estava cansado, com fome e ia demorar um bocado até esquentar o bife à milanesa no forno. Não sabia se tinha pão para fazer um sanduíche. Devia ter aceitado o convite para comer, mas queria voltar para casa, ficar um pouco sozinho e ver seu pai.

Entrou lentamente na fria escuridão da casa e, antes de ir para a cozinha, espiou o quarto do térreo, onde seu pai dormia.

O abajur no chão, um copo vazio na mesa de cabeceira e seu pai sem camisa sentado na cama; já não dormia deitado. Não conseguia saber se ele estava dormindo ou não, podia ver apenas que seus olhos estavam fechados.

Gaspar acendeu a luz da cozinha, praticamente o único lugar da casa onde estava autorizado a ligar a lâmpada principal, além do banheiro. Encontrou dois bifés à milanesa na geladeira. Cheirou-os: salsinha e pão e um pouco de limão e o aroma metálico da carne crua. Untou com óleo uma das assadeiras do forno e o acendeu. Era preciso pressionar o botão por um bom tempo, quase um minuto, para que a chama do forno permanecesse acesa. Se ele soltasse o botão antes do tempo e o semicírculo de fogo azul se apagasse, precisaria esperar mais de dez minutos para tentar novamente. Não se atreveu a fritar naquela noite, por conta do barulho faiscante do óleo; não queria acordar o pai, e além disso as frituras, às vezes, quando ia dormir sem fazer a digestão direito, provocavam um dos pesadelos que ele mais odiava, o do homem que flutuava sobre sua cabeça e de cujas mãos pingavam gotinhas quentes de algo que ele carregava nos braços, algo vivo e pequeno que estava morrendo, isso ficava muito claro no sonho; ele não conseguia distinguir se era uma pessoa ou um animal, porque não o via, só via os pés do homem flutuante e um pouco de suas pernas pálidas como ossos, logo acima de sua cabeça. Portanto, milanesa no forno. E um tomate cortado ao meio, com um pouco de azeite e orégano.

Ele gostava de cozinhar. Gostaria de cozinhar mais para seu pai, que ultimamente comia pouco e sem vontade. Gaspar sabia que ele estava muito

doente, sempre soube disso, mas agora sentia algo pior em que não queria pensar: sentia que ele ia morrer em breve. Estava sempre tão cansado, tão zangado, tão fraco, tão estranhamente delicado, justo seu pai, altíssimo, poderoso, com mãos tão grandes que, quando o acariciavam, podiam envolver sua cabeça inteira e, quando batiam nele, eram como luvas de boxe sem a proteção de tecido e espuma, pura fúria de ossos na palma pesada e o dorso brutal.

Tirou os tênis e as meias, que estavam molhadas, e procurou meias secas no varal da cozinha. Estava sem sono, então, depois de comer o bife à milanesa com tomate, colocou ao lado do prato o mapa político da Ásia que precisava completar. Olhou as linhas que demarcavam os países e, apesar de ser permitido usar a enciclopédia para o dever de casa, tentou se lembrar dos nomes sem consultá-la: a prova seria assim. China, Pequim. Quase de piada pintou o enorme país de amarelo. A ilha lá em cima era o Japão. Tóquio. Seria vermelha. Ele gostava de geografia. Não gostava de matemática e menos ainda de geometria, mas para isso tinha Belém, sua colega que queria ser engenheira e com quem ele trocava resoluções de problemas e desenhos com o transferidor pela tarefa de inglês e espanhol. O intercâmbio era perfeito, exceto pelo fato de ele gostar de Belém. Também gostava de outras garotas, mas nenhuma era tão linda quanto ela nem o deixava tão nervoso e alegre ao mesmo tempo. O fato de Belém querer estudar engenharia o fazia gostar ainda mais dela: era diferente de todas.

Ele ainda não tinha coragem de chamá-la para sair ou de pedi-la em namoro. Sabia que as outras garotas debochavam da dupla Belém e Gaspar: o lugar de nascimento de Jesus e um dos três reis magos. Era uma piada. Seu nome e o da garota de quem ele mais gostava, juntos, eram uma piada. E ela era arrogante, tão bonita com sua boca grande e seus olhos escuros, a pele tão fina que parecia transparente, dava para ver todas as veias azuis em suas

bochechas; para Gaspar aquilo também parecia uma espécie de mapa. E as meias brancas que ela usava, logo abaixo dos joelhos, e o anel prateado no dedo mindinho.

Não se lembrava agora qual era a capital do Irã. Teerã ou Bagdá? Teerã, se decidiu, e pintou o país de roxo. Faltavam vários outros países, os que ele sempre confundia: lembrava-se dos nomes — Malásia, Indonésia, Camboja —, mas não conseguia distinguir seus limites no mapa. Não estava com vontade de subir agora para buscar uma enciclopédia: poderia procurar no dia seguinte.

Foi descalço até o seu quarto: dava para a rua, ou melhor, para o pátio da frente, que era estreito e tinha vários canteiros secos. A janela estava fechada, e as persianas, abaixadas, e Gaspar não as abriu. Conferiu o que havia para ler na mesa de cabeceira, mas não estava com vontade de ler nenhum daqueles livros, nem os de poesia, dos quais mais gostava apesar de não os entender, porque às vezes ao ler duas palavras em voz alta, quando provocavam um efeito bonito, sentia vontade de chorar. Também não queria ouvir música no walkman novo que seu tio havia enviado do Brasil como presente de Natal. Tampouco podia assistir a um filme porque havia emprestado o videocassete para Pablo. Tinha que dormir. Tirou a calça, mas ficou de camiseta; jogou o moletom na cadeira. Os machucados nos joelhos já estavam secos, iriam coçar no dia seguinte e então ele arrancaria a casquinha e demorariam um tempão para sarar; fazia sempre a mesma coisa.

Antes de se cobrir, depois de ajeitar o travesseiro dobrado ao meio, tirou da gaveta o fascículo da coleção de história da arte indígena e popular que sua mãe havia escrito e que tinha sua foto. Havia outros artigos escritos por ela em diferentes livros da casa, alguns em inglês. Gaspar se lembrava do título de todos. “O mundo tupi-guarani às vésperas da conquista”, “Se Deus fosse jaguar: canibalismo e cristianismo entre os guaranis”, “Sociocultural dimension of epilepsy: an anthropological study among Guarani communities in

Argentina” e muito mais, também sobre outros temas, mas nenhum desses capítulos ou livretos trazia sua foto. Este fascículo, sim. A coleção completa tinha dez volumes, dissera seu pai, mas havia apenas cinco na casa. Sua mãe estava orgulhosa e muito brava porque ela era a única mulher da coleção, ele havia contado. Brava por quê?, também perguntara Gaspar. Por muitas coisas, porque havia poucas antropólogas, porque as poucas que existiam não eram convidadas para debates e congressos, porque estava cansada de trabalhar apenas com homens.

O fascículo fazia parte de uma coleção publicada pelo Centro de Artes Visuais do Museu do Barro, Paraguai, conforme estava indicado na primeira página. O título era “Arte indígena e arte mestiça dos grupos indígenas guaranis”. Começava com um texto de quatro páginas sem imagens muito difícil, ao menos para Gaspar, que explicava as “famílias linguísticas” indígenas, definia o que era “popular”... ele achava chato. Mas as dez páginas seguintes tinham fotos coloridas que ele adorava: uma escultura de madeira da cabeça de um Cristo ensanguentado do século XVII, outro Cristo de corpo inteiro que se chamava “da coluna”, todo castigado e com as mãos atadas a um pau que chegava até a cintura; uma Virgem estranhíssima, uma espécie de torso sem pernas que tinha o coração, de metal, atravessado por espadas e do lado de fora do peito, chamava-se “Dolorosa”; depois, uma pintura em que um anjo recolhia com uma taça dourada, como se fosse um balde, o sangue que jorrava do peito de um Cristo crucificado. A segunda parte do fascículo se intitulava “Santeria popular” e era sua favorita. Havia vários esqueletos chamados São Morte: todos diferentes, em quatro fotos. Em uma, o esqueleto era muito alto, carregava uma foice na mão esquerda e uma vassoura na direita; em outra, o esqueleto era gordinho e atarracado, tinha uma boca sorridente desenhada e segurava uma foice curta que mais parecia uma faca: esse era engraçado. O seguinte não: o esqueleto em um caixão pintado de preto, sério e prestes a se

levantar. E o último era o mais estranho: a referência dizia que era esculpido em osso (não especificava se animal ou humano), que media apenas cinco centímetros e era um esqueleto sentado, com a cabeça entre as mãos, como se estivesse esperando em um banco. Depois vinha San Son, um homem vestido de vermelho com uma espada na mão, em cima de um jaguar: era de madeira. E então Santa Liberata, uma mulher crucificada. A seção final, de desenhos indígenas, era a mais sem-graça: pássaros e tatus e enormes teias de aranha entre árvores, peixes no rio, crocodilos, pessoas plantando grandes vegetais que pareciam abóboras.

Na contracapa havia uma foto de sua mãe e um resumo de sua vida e do que havia estudado. Dizia: “Rosario Reyes Bradford nasceu em Buenos Aires em 1949 e é a primeira mulher argentina doutora em Antropologia pela Universidade de Cambridge, Reino Unido. É especialista em antropologia simbólica, antropologia da religião e etnografia guarani. É professora e pesquisadora da Universidade de Buenos Aires. Publicou mais de vinte artigos na Argentina, no Paraguai, no Brasil, na Colômbia, no México, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França e na Bélgica. É autora do livro *Tekoporá: Explorações antropológicas sobre história, religião e ontologia guarani*.”

Ao lado da foto havia um texto assinado por sua mãe, onde ela agradecia a Cristino Escobar, diretor do Museu, e à editora, às comunidades mbyá de Misiones e do sul do Paraguai, a uma lista de pessoas, e então o que interessava a Gaspar. Dizia: “Agradeço a Tali, minha irmã, minha melhor amiga e minha colega de trabalho. Agradeço a Juan por seu amor incondicional e a Gaspar, o homem da minha vida, que enfrentou as ausências de sua mamãe com coragem e a recebeu em cada regresso com alegria e sem repreensões.” Gaspar havia perguntado ao pai por que ela se referia a Tali, uma amiga da família a quem ele via de vez em quando, como “sua irmã”, e Juan respondeu que era um

modo de dizer, porque elas se gostavam muito. Gaspar ficou decepcionado: esperava que ela fosse sua tia, queria um pouco mais de família.

Ele tentou recuperar todas as lembranças de sua mãe: ela descendo as escadas, colocando um lenço molhado em sua testa quando ele tinha dor de cabeça; ela dizendo que voltava já, para ele ficar sentado quietinho (se lembrava com muita clareza do “quietinho”) e indo embora depois por um corredor, mas onde estaria esse corredor. Também se lembrava de uma passarela ou um píer como os que havia no mar, mas, em vez de água, havia árvores embaixo. Copas de árvores. Ela o levava pela mão e tinha os cabelos escuros. Ela na cama ensinando a ele o significado das cartas. Ela beijando seu pai na ponta dos pés e ele inclinado, agarrando-a pela cintura.

Na foto que acompanhava os agradecimentos, sua mãe olhava para a câmera. O fascículo era de 1979, mas a foto, seu pai havia dito, era anterior e em preto e branco. Ela usava uma camisa branca de manga curta: seus braços, porém, eram muito finos, e Gaspar tinha um pouco de vergonha por pensar assim, mas ela era peituda. De fato, ela era muito bonita, e ele não gostava de pensar em sua mãe dessa forma, mas ela era muito atraente, com os cabelos soltos e um pouco bagunçados e os lábios grossos. Certa vez, seu pai lhe contou que ela sempre usava pouquíssima maquiagem e que isso era muito raro entre as mulheres da época. Peça a qualquer um dos seus amigos para te mostrar as fotos de suas mães de dez anos atrás e você vai ver. E Gaspar havia pedido, e era verdade: a mãe de Vicky estava com tanta sombra escura nos olhos que parecia o guaxinim dos desenhos animados e também estava com a boca coberta de vermelho e as bochechas manchadas de pó rosado. As sobrancelhas eram o pior. A mãe de Pablo, por exemplo, simplesmente não tinha sobrancelhas nas fotos de seu casamento, bá!, ela tinha sobrancelhas pintadas na pele, muito fininhas. Sua mãe, nessa foto e em outras, tinha sobrancelhas normais. Por que as mulheres tiram as sobrancelhas?, Gaspar quis saber, e seu pai, sorrindo,

respondeu que a mãe dele se fazia a mesma pergunta. Ela era louca por roupas e moda, ele havia dito, mas não se parecia com ninguém. Na foto ela usava um bracelete largo: quem observasse com atenção, poderia ver que era uma víbora com a boca entreaberta e uma língua bífida apoiada no pulso.

Fechou o fascículo e enxugou os olhos com o lençol. Do bolso do moletom despontava uma das fotocópias com a cara de Diana. As outras ele havia deixado na cozinha. Não fazia sentido colá-las agora, estava chovendo. Pensou na cachorra. Ela vivia deitada, brincando com uma bolinha de tênis. Por conta de um problema no quadril, tinha dificuldade para levantar: a princípio caminhava devagar, depois voltava ao normal, como se o quadril precisasse se exercitar um pouco antes de voltar a funcionar. Ela era boazinha e um pouco boba, por isso era tão estranho que tivesse fugido.

Gaspar havia lido em algum lugar — uma revista?, algum conto?, não se lembrava — que, quando se desejava muito alguma coisa, se a pessoa se concentrasse e fechasse os olhos e pedisse o que queria sinceramente, era possível conseguir. Ele pensou em Diana, em sua cabeça e no lombo ligeiramente afundado, em como ela às vezes parecia acordar, especialmente quando Electra, a cadela mais nova de Vicky, a provocava, e elas corriam juntas, com a língua para fora e aquela espécie de sorriso que às vezes os cachorros dão, pelos fundos da casa, uma pequena área cercada por canteiros, canteiros com flores, hortênsias e rosas e azaleias, explosões de violeta e vermelho contra os tijolos pintados de branco. Adormeceu pensando em Diana comendo os jasmims e na avó de Vicky gritando para ela não destruir as plantas que lhe davam tanto trabalho.

Primeiro acordou com frio e se deu conta de que, durante o sono, havia chutado o cobertor. Ele fazia isso com frequência. Vicky havia dito, nas últimas férias, que ele se mexia muito e que falava dormindo. O que eu falo, havia perguntado, e Vicky, muito séria, tinha respondido que não dava para entender

nada. Gaspar não havia acreditado. Precisava colocar o gravador alguma noite, para se ouvir.

Na segunda vez que acordou ficou em dúvida sobre onde estava: havia sonhado com Diana. Um sonho estranho: ele a encontrava na piscina do parque, boiando, certo de que ela tinha se afogado, porém, quando a chamava, a cachorra levantava a cabeça e se aproximava dele ofegante e alegre, mexendo as patas dianteiras com muito esforço. Ele não havia sido acordado pelo sonho: tinha sido acordado, justamente, pelas patas. Patas de cachorro que arranhavam a janela e os uivos de um animal que queria entrar.

— Diana! — disse ele em voz alta, e pensou em levá-la para Vicky imediatamente, no meio da noite. Gaspar se levantou rápido, abriu a janela e subiu a persiana. Não havia nada do lado de fora. Nada além das grades, a porta fechada e o pátio vazio; no piso, a chuva suave mas contínua que o tornava escorregadio e prateado sob a luz. O céu estava nublado e claro: era uma noite úmida e brilhante. Colocou a cabeça para fora da janela e disse Diana! em voz baixa, mas então sentiu um puxão violento nos cabelos, que o levou de volta ao quarto, e um empurrão que o arrancou da janela e o jogou contra a parede, embora não com força. Viu seu pai, nu, exceto pelas cuecas pretas, fechar a janela com uma porrada e baixar as persianas com uma velocidade que lhe pareceu estranha, urgente demais. Então olhou para ele. Não estava zangado, não totalmente, não estava furioso. Estava espantado.

— O que você está fazendo? — disse, não muito alto, não estava gritando. Gaspar relaxou os ombros, que havia encolhido em um movimento reflexo. — Por que está chamando os mortos?

— Era a cachorra da Vicky.

— Que cachorra? Do que você está falando?

— Vicky perdeu a cachorra, e eu acabei de ouvir a Diana arrANHAR a persiana!

Foi a vez de seu pai relaxar, abandonou a postura ameaçadora e passou a mão pelo cabelo. Sua sobrancelha esquerda estava levantada, uma expressão muito comum, de descrença, algumas vezes de desprezo, outras, menos frequentes, uma indicação de que achava alguma coisa engraçada. Ele se sentou na cama de Gaspar e cobriu os ombros com o cobertor.

— Vai lá e pega o que eu estava tomando, está na mesa de cabeceira. E os cigarros.

Gaspar não gostava que o pai fumasse em seu quarto, deixava um cheiro horrível; não gostava que ele fumasse de maneira geral, mas já havia pedido para ele parar e não fazia sentido insistir. Trouxe o copo de uísque e os cigarros. Seu pai acendeu um e o apagou em seguida, no chão.

— Vem cá. — E abriu espaço a seu lado para cobri-lo com o cobertor.

Depois de um gole de uísque e de passar a língua lentamente pelos lábios, disse:

— A cadela está morta. Essa não era a cadela de Vicky. Se é que era uma cadela.

Gaspar sentiu o medo secar sua boca. Seu pai o encarava: estava cheio de olheiras, com os lábios roxos, como os de um afogado.

— Tem certeza? Ela sumiu esta manhã...

— Tenho certeza.

Seu pai cheirava a álcool. Gaspar achava que ele estava um pouco bêbado, mas nunca dava para saber. Ele se acomodou melhor na cama e acidentalmente encostou no fascículo, que estava sobre o travesseiro. Pegou-o e o colocou na mesa de cabeceira.

— Você já tentou isso com ela, com a sua mãe?

— Isso o quê?

— O que você fez hoje à noite quando chamou a cadela da sua amiga.

— Eu não chamei a...

— Gaspar, nós dois sabemos perfeitamente do que estamos falando.

O que ele deveria responder? Sentia medo do pai sentado ali sob o cobertor, à luz do abajur, a chuva repentinamente mais forte — com o vento, as gotas batiam na persiana — e as patas do cachorro-fantasma arranhando em sua cabeça.

Tenho que dizer a verdade, pensou.

— Sim, já tentei, mas não aconteceu nada.

Seu pai respirou fundo e, quando soltou o ar, o fez de forma lenta e trêmula.

— Não se deve manter vivo o que está morto — disse. — Nunca mais faça isso.

— Eu não sabia que a cachorra estava morta.

— Não, claro que não. Mas não faça isso de novo. É muito perigoso.

— Eu nunca a chamaria, como é que eu vou chamar se ela está morta.

— Mas você chamou a sua mãe.

Gaspar hesitou.

— Não sabia que pensar nela e querer que ela volte era chamar.

Seu pai terminou o uísque de um gole só.

— Em geral, não é. Não quero que você faça isso de novo.

— Já entendi, papai.

— Os fantasmas são reais. E nem vêm os que a gente chama.

Seu pai acendeu mais um cigarro e desta vez o fumou no escuro. Às vezes, quando soltava a fumaça, ele tossia. Havia tirado o cobertor dos ombros, que agora tapava apenas suas pernas longas e finas, cobertas de penugem loira. O cigarro se apagou lentamente no uísque que restava no copo. Gaspar esperava que o pai fosse embora, mas ele se esticou na cama e Gaspar se sentou na beirada oposta, com as pernas dobradas contra o peito.

— Não consigo dormir — disse seu pai, a título de explicação.

Eles se entreolharam na semiescuridão. Do lado de fora a chuva balançava as árvores, e Gaspar pensou ter ouvido outra vez as patas de cachorro, agora correndo no pátio, mas tentou não prestar atenção.

— Posso perguntar uma coisa?

— Você também está sem sono.

— Não, eu até já dormi um pouco. Ontem eu estava conversando com a Adela, e ela disse que às vezes o braço que ela não tem coça. Eu falei que ela estava mentindo, porque é óbvio que ela estava mentindo pra mim, né?, mas ela saiu chorando e, sei lá, eu sei quando ela está mentindo, é muito mentirosa, e eu pensei que talvez ela estivesse dizendo a verdade.

Juan sorriu e se sentou na cama. Gaspar percebeu que para ele era mais difícil respirar recostado, sobretudo se iam conversar.

— Ela não estava mentindo pra você. Isso é muito comum quando alguém é amputado. Acho que o cérebro mantém uma área para esse membro perdido, por isso produz sensações que considera coerentes. Não sentimos com a pele, filho, sentimos com o cérebro. A dor está no cérebro.

— Sério mesmo?

— Vamos fazer um teste. Deixa eu ver: vai buscar uma daquelas luvas que usam para examinar. Nós temos, não? A enfermeira não deixou algumas?

— Sim, no banheiro.

— Bem. Uma luva, duas escovas de dentes, uma faca e uma colher. E preciso de um pedaço de madeira.

— A sua tábua de desenhar?

— Algo menor.

— Outro dia caiu a tampa da persiana da sala de estar. Está encostada na parede.

— Eu nem percebi.

— Depois eu arrumo; quando a senhora ou os moços do dinheiro vierem, peço para eles segurarem a cadeira pra mim.

— Essa tampa vai funcionar bem, é alta. Traz alguns dicionários da biblioteca para apoiá-la. Vá rápido, quero te mostrar uma coisa.

Gaspar saiu depressa do quarto, tentando esconder seu entusiasmo. Se o pai percebesse o quanto ficava feliz de brincar com ele, de passar um tempo com ele, poderia ir embora sem dar nenhuma explicação. Gaspar conhecia há algum tempo essas mudanças repentinas de humor, e não tentava mais entender por que elas aconteciam: simplesmente, se seu pai quisesse se divertir um momento com ele, precisava aproveitar, era assim que as coisas eram.

Pegou tudo e colocou sobre o colchão. Seu pai se ajoelhou de um lado da cama e fez um sinal para ele se acomodar do outro. Então pediu que ele vestisse o casaco de moletom e que, por favor, enchesse a luva de ar como se fosse um balão.

— Vamos ver se conseguimos amarrar para que ela fique inflada e pareça uma mão.

Gaspar conseguiu depois de duas tentativas. A luva era pequena e, inflada, parecia uma mãozinha quase sem palma, apenas dedos.

— Agora tira o braço da manga. O braço direito. Deixa a manga pendurada, vazia. E apoia a manga vazia na cama.

Juan colocou a luva inflada no lugar onde deveria estar a mão de Gaspar. E então pôs a tábua de pé na cama, como um biombo, e pediu para Gaspar colocar o braço verdadeiro do outro lado.

— Chamam isso de ilusão da mão de borracha — disse, e posicionou a mão verdadeira de Gaspar, que estava atrás da madeira, na mesma posição, com os dedos para cima, como uma aranha com as patas para o ar, e na mesma altura que a mão de borracha.

— Não olha para a sua mão de verdade. Olha para a luva e olha para a outra mão, aquela que não está atrás da madeira. E coloca ela na cama também, como se você tivesse três braços.

Então, Juan pegou a escova de dentes e acariciou delicadamente o dedo médio da mão de Gaspar que estava atrás da madeira e o dedo médio da mão de borracha também.

— Com sorte — continuou —, isto fará você sentir que a mão de borracha é sua.

Juan repetiu a carícia com as duas escovas de dentes ao mesmo tempo, e não disse nada. Gaspar estava prendendo a respiração. Depois do dedo médio, a escova acariciou simultaneamente os dois indicadores e os dois polegares.

— Não para de olhar para a mão de borracha — disse Juan. A madeira estava sustentada por quatro dicionários empilhados. As carícias continuaram; lá fora, a chuva havia diminuído, agora se ouvia apenas o vento e alguns carros.

— Quando eu passo a escova na luva, você sente que eu a estou passando pela sua mão?

— Passa de novo — pediu Gaspar, e fechou os olhos. Sim, era isso o que ele sentia, apesar de ver, nitidamente, a luva amarela dentro da manga de seu moletom azul. — Eu sinto, sim, como se fosse a minha mão.

— Bem. Abre os olhos — disse Juan, e rapidamente pegou a faca. Com um movimento certo e preciso, cravou-a no meio da luva. Gaspar viu a faca vindo e pensou não, não, vai me furar!, e sufocou um grito porque, quando se jogou para trás para evitar que fosse apunhalado, já tinha percebido o truque. Ele sentiu a faca apunhalar sua mão quando na verdade ela havia apenas esvaziado, com seu fio, a luva de borracha.

— Cacete! — disse. Juan sorriu para ele. — Você tinha que fazer isso nos aniversários! É melhor que os mágicos!

— Você pode fazer, agora que já aprendeu. Com uma mão de plástico, de um manequim, por exemplo, fica melhor. Você entendeu? Nós sentimos com o cérebro.

— Isso é muito legal. Quer que eu faça com você?

— Não.

— Onde você aprendeu isso?

De repente, Juan ficou sério.

— No hospital. Uma vez, quando eu estava internado, um médico me ensinou isso para me distrair.

Ele se cobriu novamente com o cobertor e subiu na cama. Gaspar pegou os livros e o pedaço de madeira e deixou tudo num canto. Seu pai não se importava que a casa estivesse bagunçada ou que ele deixasse as coisas em qualquer lugar.

— Então o que a Adela me disse é verdade.

— Não apenas é verdade, é muito comum. Estou surpreso que você ainda não soubesse isso ou que ela não tenha comentado antes.

— E o que eu faço agora?

— Você tem que pedir desculpas a ela.

Gaspar revirou os olhos.

— Você errou, e é isso que precisa fazer. Ela tem o direito de tirar sarro de você por um tempo.

Gaspar colocou a língua para fora. Depois se ajeitou na cama ao lado do pai, que dividiu o cobertor com ele.

— Papai, você pode descobrir onde a Diana está, se quiser?

Juan passou a mão pelos cabelos de Gaspar, tão finos e muito limpos, e coçou sua nuca.

— Não gosto e nem deveria fazer uma vidência por algo tão pequeno.

— Mas você poderia?

— Poderia. Você gostava da cachorra?

Gaspar pensou.

— Sim. Além disso eu gosto da Vicky e gosto da Electra, a outra cachorra. Ela está abalada. Passou a tarde toda chorando. Diana é como se fosse a mãe dela porque é mais velha, apesar de não ser a mãe de verdade. Electra sente falta dela.

— Sente a falta dela porque já sabe que está morta. Os animais têm uma percepção que nós perdemos.

Juan se levantou da cama e deixou o cobertor cobrir Gaspar completamente. Pegou a faca e a luva furada e disse:

— Vamos dormir.

* * *

Se fosse possível ver de cima aquela parte do bairro, sobrevoando os quarteirões como num sonho ou um helicóptero, se veriam casas com terraços, a maioria com um quintal no fundo, algumas, muito poucas, com piscina. Se veriam muitas árvores nas ruas, uma raridade na cidade, e algumas pequenas fábricas fechadas ou que funcionam poucas horas por dia. Uma avenida divide o bairro em duas metades idênticas e, embora seja uma avenida estreita, os que vivem de um lado geralmente ficam lá, fazem suas compras lá, têm seus amigos lá; não é que desconfiem ou se considerem diferentes dos do outro lado, é que a avenida funciona como um rio, como um limite natural.

Victoria, Gaspar, Pablo e Adela moram do lado esquerdo da avenida. A casa de Adela fica a vinte metros da avenida, na rua Villarreal. Faz fronteira à direita com o armazém de Turi, à esquerda com os fundos do quintal de dona María e dom Ramón, que têm árvores frutíferas e já tiveram um galinheiro, atualmente fechado.

A casa de Gaspar fica no mesmo quarteirão que a de Adela, mas na rua R. Pinedo, perpendicular à Villarreal. Fica a apenas meio quarteirão, quase na metade exata, e ocupa um quarto dele. É a única casa luxuosa, elegante, em todo o bairro, mas por descuido está suja e selvagem. Os fundos, com seus refinados caminhos de ladrilhos e os restos do que um dia deve ter sido uma fonte, estão completamente abandonados, a grama não cresce, há apenas um varal de roupa que mal gira quando venta. O terraço está coberto de vidro, milhares de cacos de garrafas verdes e transparentes, para evitar que alguém suba ou que algum animal pouse na casa.

É preciso atravessar a R. Pinedo e pegar de novo a Villarreal para chegar à casa de Victoria, que fica entre uma banca modesta e sempre animada e a casa dos italianos, que às vezes funciona como ferraria. A vizinha de trás é uma madeireira que funciona apenas dois dias na semana, mas que deixa no ar um cheiro fresco e vegetal de serragem, um aroma de coisa nova que ajuda a esquecer que a pequena empresa, com apenas dois funcionários, está para fechar.

A casa de Pablo é a mais chamativa da rua Mariano Moreno. Tem dois andares e um telhado de telhas. No jardim da frente há hortênsias e roseiras e amores-perfeitos. Sua mãe é professora de inglês. O pai trabalha como gerente de uma empresa de gás natural comprimido para automóveis; está abrindo sucursais e postos de abastecimento em toda a província. Muitos acreditam que será um fracasso, que as pessoas, por hábito, nunca abandonarão a gasolina, que têm medo do tanque de gás no porta-malas, porque temem uma explosão. Estão enganados. O negócio o fará rico. Ela quer ter outro filho porque se sente sozinha. Não se entende muito bem com Pablo. Não quer repetir o que o marido diz sobre seu filho mais velho. Ela também já percebeu. Se fosse uma boa mãe, o amaria da mesma forma, apesar de tudo, mas não é uma mãe tão boa assim e quer tentar novamente, quer ver se um novo menino se sai melhor.

O muro dos fundos faz divisa com o depósito da grande gráfica. É silencioso. Ao lado do depósito, que tem como entrada uma porta de enrolar pintada de verde, fica a casa abandonada, o número 504 da Villarreal, entre as ruas Moreno e Ortiz de Rosas. Muitos vizinhos, inconscientemente, apertam o passo na frente de seu portão enferrujado; querem deixá-la para trás o mais rápido possível, ainda que não percebam. Tentam, também, não olhar para ela.

Uma tarde, depois da escola, Victoria acompanhou sua mãe até o supermercado e percebeu que ela não apenas se apressava ao passar pela calçada da casa abandonada, como realmente corria por aqueles ladrilhos amarelos, velhos e quebrados. Victoria lhe perguntou por quê. Ela riu.

— Eu sou uma boba! Essa casa me dá medo, não ligue pra mim.

— Por quê?

— Por nada, porque está abandonada. Não ligue pra mim, já disse. Tenho medo de que alguém se esconda lá dentro, um ladrão, qualquer coisa, mas são coisas da minha cabeça.

Victoria continuou a interrogá-la, mas não conseguiu obter muita informação. Apenas que os donos, um casal de velhinhos, haviam morrido há uns quinze anos. Morreram juntos?, quis saber Victoria. Não, morreram um depois do outro. Isso é comum entre os casais de velhinhos: quando um morre, o outro se desliga em seguida. E desde então os filhos vêm brigando pela sucessão. O que é sucessão, quis saber Victoria. É a herança. Estão brigando para ver quem fica com a casa. Mas é uma casa bem caída, disse Victoria. É sim, mas talvez seja a única coisa que eles têm.

À primeira vista, a casa não tem nada de especial, mas, se fosse possível descer do céu e flutuar diante dela, apareceriam os detalhes. A porta, de ferro, pintada de marrom escuro. O jardim da frente tem a grama muito baixa e superseca. Está queimado, arrasado, nada é verde: nesse jardim a seca e o inverno convivem ao mesmo tempo. A casa às vezes parece sorrir. Os dois olhos

fechados, as janelas tapadas com tijolos, dão a ela um aspecto antropomórfico, mas além disso os meninos do bairro, que mexem na corrente e no cadeado em tentativas inúteis de abrir a porta da frente, às vezes os deixam pendurados de um jeito que parece uma boca em semicírculo, o sorriso entre os olhos-janela. Uma noite, a de Ano-Novo, com a rua cheia de gente, Victoria se aproximou da casa. Teve a impressão de que elas olhavam uma para a outra, que suas janelas tapadas eram dois olhos quadrados que lhe diziam eu estive enganando você, eu me fiz de boba todos esses anos quando você passava pela minha calçada, eu me escondi, mas agora quero que saiba, quero que conte que eu guardo algo aqui dentro. Victoria correu de volta para os pais, que tentavam em vão acender um apito de vara, e não disse nada. Lembrava-se de ter cruzado o olhar com Juan Peterson, que estranhamente estava na rua com um copo de cerveja na mão. Ele não disse nada apesar de estar muito sério. Hugo Peirano finalmente acendeu o pavio do pequeno fogo de artifício e Victoria tapou os ouvidos e fechou os olhos. Quando os abriu, Juan Peterson não estava mais entre as pessoas, e o copo de cerveja vazio tinha sido deixado no teto de um carro abandonado que estava enferrujando ao lado do meio-fio da calçada.

* * *

Gaspar acordou tarde: costumava acontecer aos domingos, porque nenhum barulho interrompia seu sono, principalmente se tivesse ido dormir tarde. Ele nunca se espreguiçava ou passava um tempo na cama, nem mesmo nas manhãs mais frias de inverno. Ficar muito tempo deitado o deixava apreensivo: fazia-o se lembrar da doença e do cansaço do pai. E, às vezes, tinha a sensação de que, se ficasse dormindo, coberto, respirando seu próprio cheiro, poderia não se levantar nunca mais, deixar-se levar por aquele estado vazio, tão similar ao de boiar com o cansaço de quem nadou demais.

Preparou o café da manhã pensando no que iria fazer: continuar procurando a cachorra, talvez se trancar no banheiro com uma revista pornô antes de sair — não queria que seu pai o encontrasse olhando aquelas páginas acetinadas; apesar de ter certeza de que ele não ficaria bravo, sentia um pouco de vergonha —, ouvir o jogo de futebol das quatro da tarde, comprar alguma coisa para comer porque, se ficasse muitas horas com o estômago vazio, sua cabeça doía. Enquanto esquentava o leite em uma leiteira e cortava o pão para comê-lo com doce de leite, espiou pela porta da cozinha para ver se o pai estava acordado. Ele havia fechado a porta do quarto e isso não significava necessariamente que estava dormindo, mas sim que não queria ser incomodado por ninguém. Era melhor sair logo. Mais tarde poderia almoçar no bar do parque Castelli.

Quando se sentou à mesa da cozinha para tomar o café da manhã, viu o bilhete. Seu pai havia escrito atrás de uma das cópias da foto de Diana. Dizia, com sua letra clara: “A cachorra está no estacionamento do Llaneza. Enterre-a antes que apodreça.” Entendeu na mesma hora ao que ele se referia: Llaneza era o supermercado que ficava depois do parque. Não duvidou nem por um segundo que a cachorra estivesse lá. Com a caneta, que havia ficado em cima da mesa, respondeu “obrigado” embaixo da mensagem e foi para a rua com a boca cheia de pão. Não estava chovendo, mas estava úmido e fazia um pouco de frio, por isso subiu o zíper do casaco até cobrir o pescoço.

A bicicletaria abria aos domingos porque, além de vender e consertar, alugava bicicletas para quem queria passear pelo parque no fim de semana. Gaspar retirou a dele, com a luz noturna nova, e pagou com o dinheiro que sempre levava enrolado no bolso da calça ou da jaqueta. Com a bicicleta arrumada e mais leve, porque o mecânico havia colocado óleo na corrente, dirigiu-se ao estacionamento do Llaneza. Freou bruscamente quando viu o rabo e as patas da cachorra. Estava indubitavelmente morta. Tinha a mesma

imobilidade das pombas esmagadas na rua, algo definitivo e distante, repulsivo por ser estranho. Não a olhou na cara e rapidamente deu meia-volta, sem se apoiar no selim nem parar de pedalar até a casa de Vicky. Sabia que, àquela hora, Hugo Peirano estaria lavando o carro na rua e certamente ouvindo algum dos jogos disputados ao meio-dia.

E assim foi. Hugo Peirano estava fumando enquanto molhava seu Taunus amarelo com a mangueira. Que cor ridícula para um carro, pensou Gaspar. Freou fazendo barulho perto do meio-fio e, sem descer da bicicleta, cumprimentou o pai de sua amiga. Deixou que ele falasse primeiro, do campeonato que começava em julho, do vento que havia derrubado as grelhas da churrasqueira na noite anterior, que precisava levar o carro ao mecânico.

Quando ele terminou, Gaspar disse:

— Encontrei a Diana.

Hugo ficou duro com a mangueira na mão. Nessa posição saía pouca água, mas o suficiente para molhar suas calças. Pela expressão de Gaspar, havia entendido que ter encontrado a cachorra não era necessariamente uma boa notícia.

— Está no estacionamento do Llaneza do parque.

— Tem certeza de que é ela?

— Sim, eu a vi quando fui buscar minha bicicleta.

— Puta que pariu — murmurou Hugo, e olhou para baixo, para que Gaspar não visse que ele entendia e que a morte da cadela o afetava. Gaspar também abaixou a cabeça, sabia que a maioria dos homens não gostavam de serem vistos chorando, ainda mais por outro homem e menos ainda por um menino.

— Poxa. Que desgraça, pobre animal. Contamos para a Vicky? Ou fingimos que ela se perdeu?

Ele estava perguntando de verdade ou era uma maneira de dizer? Pelo sim, pelo não, Gaspar foi totalmente sincero:

— Claro, não vamos esconder dela que a Diana morreu. Se ela descobrir, vai nos odiar.

— Você tem razão. Vem comigo, vamos lá — disse Hugo, e Gaspar colocou a bicicleta na garagem dos Peirano, fechou a porta e seguiu o pai de sua amiga pelo corredor. Ouvia-se as mulheres, as meninas, a avó, a mãe, jogando baralho perto da churrasqueira nos fundos da casa, como faziam todos os domingos antes do almoço.

* * *

— É naquela casa — apontou Adela. — Não é, mamãe?

— Não sei em que casa é. Também acho que não vai aparecer nenhum enforcado.

Gaspar olhou para Betty porque notou a ansiedade em sua voz. Ela usava uma echarpe azul em volta do pescoço que a deixava um tanto estranha, dava-lhe uma aparência de ave, acentuada por seu nariz. Gaspar às vezes pensava que era um pouco injusto chamá-la de Betty, porque uma mulher tão alta e de gestos tão delicados merecia o nome completo, Beatriz, e não um diminutivo.

Adela continuou a contar. As escavadeiras vieram para derrubar as casas e fazer a estrada. Esta que passa por cima da gente. Algumas pessoas não queriam entregar suas casas. Esse cara, quando vieram obrigá-lo a sair, se enforcou. Foi encontrado assim. Eles o tiraram e derrubaram a casa. E agora, em algumas noites, é possível ver a sombra, que balança. Eu a vi. Quando aparecer de novo, eu te mostro.

— É verdade que derrubaram as casas assim? — perguntou Gaspar a Betty.

— Sim, como alguém se defenderia? Não se discutia com a ditadura.

— Eles não protestaram? Eu li que as pessoas protestavam.

— Devem ter protestado um pouco, mas não havia muito o que fazer. A ditadura decidiu construir uma estrada aqui e obrigou as pessoas a irem embora. Não dava para negociar. Foram mandados para uns apartamentos mixurucas.

Os carros passavam sobre o teto do bar: havia negócios construídos debaixo de toda a extensão da estrada. Nos últimos anos, algumas quadras de tênis foram abertas e piscinas estavam sendo construídas, até mesmo colégios e uma ou outra praça com o cimento como teto. Gaspar gostava de observar as paredes do que antes haviam sido casas de dois andares ou apartamentos: os papéis de parede dos quartos das crianças, com macaquinhos e tartarugas; os chuveiros e as torneiras nos azulejos opacos; até mesmo uma parede que ainda tinha as marcas dos quadros que um dia foram pendurados.

— Eu juro que vejo. Ele tem as pernas separadas e as mãos muito grandes.

Betty suspirou.

— Eu acredito em você, filha — disse. Gaspar não conseguiu decifrar sua expressão: se ela de fato acreditava ou se dizia aquilo para que Adela esquecesse sua obsessão e comesse o sanduíche de presunto e queijo no pão de Viena. Gaspar havia pedido um misto-quente. Naquele dia, ele tinha ido fazer a lição de casa no bar porque seu pai estava inquieto, pisando forte pela casa, e era melhor evitá-lo quando não era possível adivinhar o que o incomodava ou por quê.

De repente, Betty perguntou:

— Você também vê coisas, Gaspar? Como a Adela?

Estaria buscando sua cumplicidade? Aquilo foi estranho. Os pais, em geral, preferiam que seus filhos não falassem de coisas como a sombra do enforcado na estrada. Betty continuava ansiosa e ajeitava a echarpe. Tinha os cabelos muito longos e sempre os usava soltos.

— Não — disse Gaspar. — Essas coisas não existem.

— Nunca viu nada, então.

— Você já, Betty?

Adela os interrompeu.

— Sabe o que seria demais? Ir ao cemitério de geladeiras. O pessoal chama assim. Fica perto da quadra de esporte do colégio.

— Não sei por que elas estão lá — disse Gaspar.

— Foram descartadas pela fábrica que as produzia quando fechou — explicou Betty. — É uma das muitas fábricas nacionais que fecharam. Não conseguiam vendê-las porque a produção tinha sido interrompida. É um lugar perigoso porque esse modelo de geladeira tem uma porta que trava e é fácil ficar trancado.

— É por isso — continuou Adela. — Me disseram que tem gente que deixa os cachorros dentro das geladeiras quando não quer mais os bichos.

— Que besteira — disse Gaspar, depois de tomar um gole de café com leite. — Por que as pessoas vão colocar os cachorros lá dentro se podem soltá-los por aí e pronto?

— Os cachorros voltam, se até ficam no hospital quando os tutores morrem ou vão dormir em cima do túmulo.

— De novo essa história dos cachorros que voltam, você está obcecada. Eles não são idiotas, se você der uma surra bem dada neles, eles não voltam. Não é preciso prendê-los em geladeiras. Você está inventando.

— Não estou. E dizem também que existem bebês de mulheres que não os quiseram. E mortos. Desaparecidos. Me leva, Gaspar.

Betty colocou açúcar em seu chá e não disse nada. Ela sabe que não vou levá-la, pensou Gaspar.

— Nem a pau. O mais provável é que não tenha nada disso, mas com certeza existe gente morando lá, porque fica perto da favela, é longe e não

sabemos quem pode estar escondido lá.

— Imagina se a gente encontra alguma coisa!

— Adela, chega — disse Betty. — Você fica obcecada e não para, Gaspar tem razão. Não está vendo que ele não quer te levar? Além disso, você não deve falar assim dos desaparecidos, eu já disse, é uma falta de respeito. Ninguém sabe onde estão os assassinados. Com certeza não estão em geladeiras perto do Riachuelo. Chega.

— Gaspar sempre diz não primeiro e depois amolece, não é?

Adela sorriu e inclinou a cabeça; estava de tranças, uma delas estava se desfazendo, e Betty começou a penteá-la de novo, com capricho. Suas tranças nunca duravam.

— Você não me respondeu, Betty — disse Gaspar. — Já viu alguma coisa?

Os olhos de Betty estavam chorosos, como se ela estivesse emocionada, ou ardessem. Lá fora escurecia, e os garçons do bar, que estava quase vazio, assistiam a uma partida de futebol na televisão.

— Outro dia eu te conto, agora com ela assim tão agitada eu prefiro ficar de boca fechada.

— Conta! Você nunca me conta nada — pediu Adela.

— Porque você fica doida — disse Betty, e a beijou na testa. — Pode ajudá-la com espanhol e literatura, Gaspar? Ela não está entendendo nada, pediram para analisar as orações. Busco vocês em uma hora. Está bem?

Gaspar disse que sim e Adela lhe entregou seu caderno, que era desleixado, as margens todas dobradas e a letra parecia a de uma menina muito mais nova, com o traço trêmulo dos dedos infantis.

* * *

Naquela tarde, Pablo iria visitar seus avós, com os pais, mas o passeio tinha sido cancelado. Antes de sair com o carro, seus pais brigaram. A mãe gritou que não queria ver aqueles velhos de merda, o pai respondeu é claro, ele também não queria que a vissem assim, suja e desgrenhada. Era verdade: sua mãe estava suja e fumava o tempo inteiro e chorava na frente da televisão. Ele a ouvira dizer, por telefone, que talvez ter mais um filho ajudasse, mas que “não podia passar” pela “experiência” de perder outro. Ele não queria que sua mãe ficasse grávida, não queria ter um irmão se seus pais não se davam bem: não acreditava que um bebê pudesse melhorar alguma coisa, tinha colegas na escola com irmãos pequenos e eles diziam que os pais brigavam, não conseguiam dormir porque o bebê chorava, estavam sempre cansados e de mau humor.

Quando sua mãe se enfiou no quarto chorando e seu pai saiu de carro a uma velocidade furiosa, Pablo decidiu ir atrás de Gaspar. Era sempre complicado porque não podia telefonar para ele. Podia, isso sim, bater em sua porta, mas às vezes — Pablo não sabia bem por quê — tinha medo de fazer isso. Juan Peterson raramente atendia quando estava: às vezes olhava através do vidro da janela de cima e, se via que era Pablo, talvez avisasse Gaspar, mas na maioria das vezes continuava o que estava fazendo e o ignorava. Não temia que o pai de Gaspar abrisse a porta, porque isso nunca acontecia. Ele não sabia definir o que lhe dava medo.

Estava frio, então Pablo vestiu um suéter e uma jaqueta acolchoada e correu até a casa de Gaspar para se aquecer. Não havia ninguém na rua, e as janelas fechadas mal deixavam passar o murmúrio das televisões ligadas, embora permitissem ver suas luzes, mais brilhantes se as telas eram coloridas.

Quando chegou, ficou fincado na calçada, surpreso. As duas portas estavam abertas, a do jardim superseco da entrada, e a principal, a da casa. O que será que tinha acontecido? Pablo se aproximou: a casa estava muito escura, parecia

vazia, mas isso era normal. Às vezes apenas o quarto de Gaspar, que dava para a rua, tinha luz.

Entrou sem fazer barulho; a porta, de madeira, o deixou passar em absoluto silêncio e não fez ruído quando se abriu um pouco mais. Porém, assim que pisou no amplo corredor de entrada (“vestíbulo”, Gaspar o chamara uma vez, uma palavra esquisita que certamente ele tinha copiado do pai), Pablo soube que algo estranho estava acontecendo. Ele não havia estado naquela casa tantas vezes assim para conhecer seus barulhos ou sua movimentação, mas percebeu que algo batia no piso de madeira do andar de cima e que todo o ar dentro da casa era sufocante, semelhante ao de uma piscina aquecida; mesmo aqueles poucos sons, as batidas no andar de cima, chegavam até ele como se atravessassem água, e ele não conseguia localizá-los. Talvez viessem dos quartos interligados, usados pelo pai de Gaspar, nos quais não se podia entrar, ou da enorme sala do primeiro andar que parecia um salão de festas vazio. Pablo caminhou primeiro pelo térreo parcamente iluminado pelas luzes da rua; uma das janelas da sala de estar estava com a persiana levantada, mais um descuido. Não havia ninguém. O quarto de Gaspar estava aberto e vazio, assim como a cozinha. E a sala de estar, que mudava de cor cada vez que um carro passava na rua, lhe deu medo. O melhor era ir embora, ele pensou. Gaspar devia estar na casa de Vicky ou na de algum outro amigo ou na rua. Se ele voltasse, acenderia a luz, Pablo a veria da rua e o chamaria como sempre, jogando uma pedrinha ou um galho no vidro na janela. Mas seu coração batia com força, ele estava morrendo de curiosidade e os barulhos no primeiro andar não pareciam ameaçadores. De tempos em tempos, ouvia vozes, distantes, filtradas por aquele misterioso tampão de água. Se deu conta de que estava suando: o calor da casa o fazia lembrar do vapor do banheiro depois de um banho muito quente ou o vapor que sua mãe usava para aliviar sua tosse quando ele ficava

doente. Mas não havia umidade no ar nem nas paredes, que Pablo tocou e estavam perfeitamente secas.

Subiu as escadas com as bochechas ardendo, sabia que elas estavam vermelhas, como ele odiava ficar vermelho. Cada degrau era mais difícil que o anterior, como quando tentava correr nos sonhos e as pernas não se mexiam. A escada era de madeira e sempre rangia, mas agora Pablo não conseguia ouvir nenhum barulho além da sua respiração, acelerada demais para tão pouco esforço. Quando chegou ao primeiro andar, encostou-se na parede para recuperar o fôlego. Ali os cômodos estavam distribuídos ao redor da sala central; os três últimos eram usados pelo pai de Gaspar. Havia também uma escada mais curta que levava a um corredor com duas salas que usavam como biblioteca; esse corredor tinha parapeito de madeira, uma espécie de sacada ou mirante de onde se via a sala com piso de madeira, fechada na parte de trás por uma enorme janela coberta por cortinas escuras, como as de um palco. Do outro lado havia uma varanda que dava para o jardim interno, que em algum dia deveria ter sido bonito e que agora estava tão seco como as plantas da entrada. Para se recuperar, Pablo se sentou nos degraus da pequena escada que levava à biblioteca. Não via ninguém e não ouvia mais as batidas. Ele ainda se sentia um tanto abobalhado e notou que seu pescoço estava ensopado de suor. Talvez a casa tivesse calefação central? Gaspar nunca havia comentado sobre isso. Pelo contrário: costumava reclamar da ausência de aquecedores.

Pablo se levantou para ir embora quando uma movimentação na sala vazia o deixou sem ar. Ele se encolheu na escada; apenas os olhos, o topo da cabeça, de fora. Havia um homem na sala abrindo as cortinas e as janelas. À luz da lua — o quintal dos fundos não estava iluminado —, Pablo viu que ele estava nu. Logo depois o pai de Gaspar saiu de um dos quartos. Ele também estava nu, e Pablo o achou imenso sob a luz prateada, muito alto e forte. O homem que havia aberto as janelas também era alto, não tanto; ele caminhou até um dos

cantos da sala, agachou-se e acendeu uma vela. Pablo, é claro, não as tinha visto, mas seguindo o movimento do homem nu — que era grisalho apesar de não ter cara de velho, nem um pouco, parecia ter a idade do seu pai ou um pouco mais — contou sete. Sete velas. E então viu que havia um desenho no chão da sala vazia: um círculo branco com alguma coisa traçada dentro que Pablo não conseguia distinguir completamente. Riscos, alguns círculos. O pai de Gaspar entrou no círculo como se atravessasse uma porta e, de joelhos, esperou o homem nu. Os dois ficaram frente a frente por um tempo, totalmente imóveis, até que o pai de Gaspar beijou o homem nu sem nenhuma delicadeza, não como os beijos que Pablo havia visto nos filmes ou os que as pessoas se davam na rua, e de repente não conseguia respirar direito porque nunca havia visto dois homens se beijarem, nunca imaginara que se pudesse fazer isso, não era proibido? Tipo isso. O pai de Gaspar se sentou no chão, e Pablo viu o homem nu fazer algo inacreditável, impossível: ele se sentou no pinto do pai de Gaspar e eles começaram a transar como nas revistas pornô, mas com movimento. Ele tinha visto aquilo, transar daquele jeito, nas revistas que Gaspar escondia na garagem, mas não entre dois homens: tinha visto um homem meter na bunda de uma mulher e tinha achado nojento. Mas agora não lhe parecia nojento. Sentia, isso sim, vergonha do que estava vendo e ao mesmo tempo não conseguia parar de olhar: o pai de Gaspar estava obrigando o outro homem a ficar de quatro no chão e, bem ereto, brilhando de suor como uma estátua molhada, colocava-se atrás dele e eles faziam como os cachorros, em completo silêncio exceto pelo bater dos corpos. Pablo temia que eles o vissem ali escondido, espiando, mas ao mesmo tempo era o melhor momento para escapar, porque eles estavam concentrados. Como atravessar aquele trecho entre a sala e a escada sem ser notado? Agora Pablo sentia que o suor estava secando, gelado, já não fazia calor na casa, mas algo pior estava acontecendo: os quartos pareciam ocupados. Ele ouvia até o murmúrio de

conversas em voz baixa e o abrir e fechar de maçanetas. Em cima e embaixo. Passos na escada. As sombras das velas que criavam figuras grandes demais sobre os corpos dos homens. Suas pernas estavam paralisadas de medo e ao mesmo tempo, quando olhava para os homens — que estavam de novo frente a frente —, sentia que ficava tonto, como se o sangue se tornasse leve, e tinha vontade de chorar, apesar de não estar triste ou assustado; não entendia o que os homens estavam fazendo dentro daquele círculo mas ele gostava, gostava dos braços fortes apoiados no chão, as costas molhadas de suor e saliva, a forma como eles agarravam o rosto e a nuca um do outro quando se beijavam e o cheiro metálico e doce que chegava até o seu nariz ali, escondido na escada. O que ele podia fazer? O pai de Gaspar estava de olhos fechados e parecia diferente, lindo, pensou Pablo, lindo, todos diziam que estava doente, como era possível? Os doentes não eram sempre feios? Sob a luz fraca das velas e da lua, Pablo podia ver o peito do pai de Gaspar e a cicatriz tão grande, mas parecia isso, uma cicatriz, não um sinal de fraqueza. Não o tornava menos bonito. O outro tinha cicatrizes nas costas, Pablo conseguiu ver. Pareciam cortados pela mesma faca ou separados como irmãos siameses.

Os barulhos no andar de baixo diminuíram de volume ou cessaram completamente, e Pablo hesitou outra vez entre sair ou não. Os homens deviam estar ouvindo sua respiração, não conseguia controlá-la, estava acelerada e barulhenta, como depois de correr. O pai de Gaspar estava ajoelhado com a cabeça torcida para o lado, uma posição estranha, solta, como se estivesse ouvindo alguma coisa, uma música que vinha da janela ou do teto. O homem grisalho se despreendeu de seu abraço e ficou de pé; quando estava caminhando sozinho até o quarto de onde haviam saído, ele se deteve, e Pablo soube que era porque havia notado sua presença. O homem grisalho se virou e o olhou direto nos olhos: os dele pareciam afundados, suas pálpebras eram pesadas, Pablo pôde ver esses detalhes à luz da lua e das velas enquanto o pai de

Gaspar estava parado no meio do círculo, distante e tenso, com as imensas mãos muito esticadas; as sombras as faziam parecer maiores que o normal. O homem grisalho não falou em voz alta, mas com os lábios disse, muito claramente, rua. Desse jeito, em vez de vai embora, como qualquer um teria dito, mas “rua”, como nas novelas mexicanas. Pablo disse que sim com a cabeça, e o homem grisalho continuou a encará-lo até ele chegar à escada. Desceu correndo e tentou ignorar as vozes que agora eram audíveis outra vez; havia uma mulher que falava de uma igreja em ruínas, outra que dizia está faltando fumaça e terra, um homem repetia uma frase num idioma que Pablo desconhecia e algo rastejava, ele podia ouvir, era o mesmo barulho que os tênis faziam quando pisavam folhas secas. Haveria pessoas nos outros quartos? Seria um disco? Pablo chegou exausto à porta, como se estivesse separado da saída por vários quarteirões em vez de alguns metros, e correu até sua casa pensando nos cabelos loiros do pai de Gaspar, em como ele umedecia os dedos enfiando-os na boca, na força de seus braços quando beijava o homem grisalho. O que ele havia visto parecia mentira agora, enquanto corria até sua própria casa; as vozes e o calor sufocante e o círculo desenhado no chão, tudo o fazia pensar em algo sombrio e mortal, em aranhas e cemitérios abandonados, no chão frio do banheiro à noite e no sangue que saía do meio das pernas de sua mãe e cheirava a metal e à carne, nas correntes que o vento sacudia à noite na fábrica vazia da avenida e na casa abandonada da rua Villarreal, no silêncio que se seguia a uma queda de energia e nos sonhos sobre mãos frias que se enfiavam entre os lençóis e acariciavam sua barriga até acordá-lo, e na mancha de umidade do teto que algumas noites parecia um gato gordo e em outras um animal com chifres.

* * *

Gaspar acordou mais cedo que Vicky e Adela e ouviu, do sofá, como Lidia Peirano falava em voz baixa para não o incomodar enquanto arrumava Virginia, sua filha mais nova, para ir à escola. A garotinha choramingava, ainda meio sonolenta. Apesar do frio, Gaspar não ficou encolhido embaixo da coberta; vestiu a calça e correu para o banheiro. Depois, foi até a cozinha e tomou café da manhã com Lidia e Virginia antes de sair para o colégio. A garotinha bocejava e choramingava; acho que ela está ficando resfriada, disse Lidia. Está muito chata.

Gaspar fechou o sofá-cama onde havia dormido, levou os lençóis até a máquina de lavar roupa e esperou que Vicky ou Adela se levantassem para dar bom dia, mas a porta do quarto onde as meninas dormiam estava fechada e não se ouvia nada além do silêncio. Ele dormia na casa de Vicky com bastante frequência: quando ficava tarde, eles sempre o convidavam. Às vezes forçava o convite se notava o pai muito mal-humorado ou se, como na noite anterior, Esteban o visitava. Preferia deixá-los a sós. Era mais incomum Adela passar a noite na casa de Vicky, mas sua mãe, supostamente, havia ido ao casamento de uma amiga; a festa era longe, numa quinta, ela voltaria tarde. Mas Adela não acreditava. Eu acho que ela tem um namorado, havia dito, chateada. Adela ainda esperava pela volta do pai.

Adela e Vicky não acordaram, e Gaspar foi embora sem se despedir. Estava cedo e podia chegar muito rápido andando, então passou antes pela porta de casa. O carro de Esteban não estava mais lá. Teria ido embora sozinho? Não tinha tempo para entrar e conferir. Gaspar tinha visto várias vezes como seu pai e Esteban se acariciavam distraidamente, certa vez até os flagrou dormindo juntos, pelados. Dessa vez ele se assustara: entendia, pelas coisas que tinha ouvido, que era ilegal ter um namorado homem, que eles poderiam ser presos. Conferiu e descobriu que não: as pessoas são muito preconceituosas, dissera a mãe de Vicky, não suportam que os outros vivam com liberdade. Não é ilegal.

Sabia que se ficassem sabendo no colégio ou no bairro seria maltratado e zombariam dele para sempre porque era filho do viado. Gaspar estava disposto a aguentar. Às vezes pensava que, se Esteban fosse morar com eles e mantivessem o assunto em segredo, as coisas poderiam melhorar. Esteban parecia capaz de lidar com seu pai, não de dominá-lo, mas pelo menos era alguém a quem ele escutava. Seu pai reagia de diferentes maneiras com Esteban; às vezes se acalmava, Gaspar percebia que até seus ombros ficavam relaxados e que dormia melhor, e, às vezes, principalmente depois que Esteban ia embora, ele se trancava ou ficava furioso, ou fazia coisas delirantes como cobrir o terraço com pedaços de vidro pontiagudos (ano passado) ou obrigá-lo a deixar as luzes sempre apagadas, incluindo as da cozinha e do banheiro (desde o último verão, e continuava assim); ou sumia por vários dias, deixando dinheiro na mesa e um bilhete curto, sem informações, que deixava Gaspar aterrorizado: o que ele faria se o pai não voltasse, se não o visse mais?

Gaspar saiu um pouco mais cedo da escola por conta de uma ameaça de bomba. Havia ameaças quase toda semana, e ele sabia que eram feitas pelos garotos do sétimo ano, mas a diretora não se atrevia a ignorá-las. Ela reuniu as turmas do sexto e do sétimo quando as ligações começaram e disse que a democracia havia se recuperado há pouco tempo e que poderiam perdê-la. Infelizmente, é preciso levar essas coisas a sério, porque passamos por tempos muito difíceis neste país. Muitos garotos se entreolharam durante o discurso, não entendiam ao que a diretora se referia. Gaspar, sim.

Voltou andando apesar do frio e de uma leve dor de cabeça que, ao que parecia, não iria se transformar em enxaqueca. Por via das dúvidas, passou na farmácia e comprou uma cartela de Cafiaspirinas. Já não faziam muito efeito nele, mas os médicos diziam, inclusive a mãe de Vicky, que ele ainda era jovem demais para tomar algo mais forte. No entanto, ele tomava coisas mais fortes: o pai lhe dava. Você não precisa sofrer, ele dizia. Gaspar achava que ele tinha

razão. Às vezes não conseguia ir nadar por causa da dor de cabeça; não passava nem mesmo depois de dormir, e recentemente havia sonhado que seus olhos eram arrancados com colheres, como se fossem pedaços de flan. Os olhos sempre doíam primeiro, e era difícil mexê-los: então vinha aquela espécie de capacete apertado e antes, às vezes, os desenhos escuros na vista, como flores que desabrochavam, especialmente quando ele olhava para cima: flores no céu. A aura, ele sabia que se chamava assim. Era um aviso.

Engoliu as aspirinas sem água e sentiu o gosto amargo grudar no céu da boca. Entrou em casa com a intenção de ir direto para a cozinha para beber água e engolir os restos de comprimido, mas parou quando encontrou o pai na sala de estar, sentado em seu sofá amarelo, em frente à televisão ligada que ele não estava assistindo.

— Vem cá, filho.

Gaspar se aproximou e viu que ao lado do pai havia uma caixa de papelão, bem alta, como a de um eletrodoméstico pequeno.

— Esteban foi embora?

— Hoje de manhã. Olha só o que eu tenho, Gaspar, olha isso.

Gaspar olhou primeiro para a cara dele. Ele sorria com uma sobrancelha arqueada e estava bêbado. Isso era um péssimo sinal. A cada respiração seu peito fazia um barulho. Que desastre completo, pensou Gaspar. É uma daquelas vezes: Esteban foi embora e deixou meu pai maluco. Teria que obedecê-lo se quisesse evitar as surras, os gritos ou um castigo pior.

— Coloca a mão.

Gaspar obedeceu com apreensão: sabia que não podia haver nada de bom naquela caixa. Sentiu as têmporas latejarem com força. Seus dedos encontraram na caixa o que ele pensou ser insetos secos: tinham uma textura quebradiça e faziam aquele som calcário; eram centenas de pequenas coisas que haviam estado vivas. Quando ele pegou um dos insetos para confirmar o que

eram — não sentiu medo nesse momento, parecia algo inofensivo, no máximo asqueroso —, percebeu que as coisas eram muito mais compactas que insetos, que todas eram do mesmo tamanho. Juntou três na palma da mão e se inclinou para enxergá-las melhor à luz da televisão. Então se deu conta de que aquilo, que ao primeiro toque havia parecido patinhas, eram cabelos. Não podia ser. Olhou mais de perto o que tinha nas mãos. Sim, eram cabelos. Cílios. Ele tinha pálpebras secas na palma da mão, com seus respectivos cílios.

A caixa inteira estava cheia de pálpebras. Jogou as pálpebras cortadas no chão e vomitou diante da televisão; respingou um pouco nas pernas do pai. Ele está maluco, pensou. Eu tenho que fugir. Também tenho que saber. E tenho que tomar outra aspirina antes que minha cabeça doa tanto que eu não consiga andar.

— De onde você tirou isso? De onde tirou os olhos?

— Não são olhos e não são meus, são um presente.

— Quem te deu de presente?

Seu pai afundou uma de suas enormes mãos na caixa de pálpebras e brincou com os restos de pele quase translúcida como se fossem moedas.

— Foi você que cortou? São de pessoas mortas?

— Algumas. As pessoas podem viver de várias maneiras. A sua amiga pode viver sem braço, por exemplo. Eu vivo quase sem coração. Tem gente que consegue viver sem os olhos. Ou sem as pálpebras. Alguns se deixam cortar.

Seu pai ficou de pé, com a caixa entre as mãos. Por um momento, Gaspar pensou que iria jogar as pálpebras em cima dele, como uma chuva de cílios mortos, e então ele iria gritar e gritar até ficar louco também. Mas não: estava indo para o andar de cima, provavelmente para seu quarto.

— Limpa isso.

— Limpa você.

— Vou ficar uns dias fora.

Gaspar ouviu aquela informação com alívio, com alegria até. Quando seu pai começou a subir a escada, correu até a cozinha e tomou mais duas aspirinas com muita água, direto da torneira. Pensou que ia vomitar de novo, mas aguentou até seus olhos ficarem molhados. E, uma vez molhados, se deixou levar, deitou-se no chão da cozinha e chorou até a dor de cabeça se tornar insuportável e sentiu a cabeça queimar por dentro, como se alguém tivesse escondido em seu cérebro uma faca que o apunhalava.

* * *

Se fosse possível percorrer as ruas do bairro à noite ou de madrugada, ouviriam-se os rádios dos que não conseguem dormir sem música ou sem vozes e alguns ventiladores, os pesadelos e os passeios dos insones. Em geral o bairro é muito silencioso e os barulhos começam pela manhã, quando aqueles que vão trabalhar longe saem das casas de carro ou a pé para esperar o ônibus na avenida.

A madrugada é a hora mais silenciosa.

E em algumas madrugadas seria possível ver Juan Peterson sair de sua casa, fechar a porta sem passar a chave e caminhar dois quarteirões, completamente sozinho, até a casa tapada da rua Villarreal; o vento frio da noite mexe seus cabelos e revela uma ferida em seu couro cabeludo, uma ferida recente, o sangue escorre pelo pescoço, para em seu ombro. A porta da casa tem um cadeado e a fechadura está bloqueada com cimento, mas, quando Juan pisa na grama queimada do jardim abandonado, assim que ele avança pelo caminho de ladrilhos amarelos, ajoelha-se, toca a ferida e deixa seu sangue na porta, a porta vibra e se abre para ele; a casa o espera.

Juan adentra sem olhar para trás; do lado de dentro — se alguém pudesse vê-lo e ninguém o vê, ninguém o segue — sai uma luz tênue. A porta se fecha

atrás dele e, se alguém tentasse empurrá-la, seria inútil. Não é o cadeado nem o cimento o que a mantém selada.

Não é possível ver o interior da casa. As janelas estão tapadas com tijolos. Se os tijolos pudessem ser derrubados, se veria apenas escuridão.

É possível ouvir, um pouco, do lado de fora. A vibração é o que se escuta primeiro, a casa treme: parece um inseto preso em um quarto, o zumbido cresce quando se aproxima do ouvido que escuta, distancia-se quando o inseto para em um canto, voa a uma velocidade mais lenta ou pousa na parede. Juan sai antes que as primeiras luzes se acendam e volta para casa cambaleando; se alguém o visse, pensaria que está bêbado, mas ninguém o vê, a casa o protege, pelo menos até que chegue a sua casa onde geralmente desaba ao abrir a porta. Nem sempre ele volta destroçado, ofegante, da casa abandonada. Às vezes volta andando com tranquilidade, sem agitação, e se tranca em seu quarto.

Gaspar tentou segui-lo, uma vez. Ouvia-o entrar e sair à noite e ficava curioso para saber aonde ia. Tinha uns 8 anos, e a noite estava fria. Saiu até a calçada, olhou para os dois lados e ficou surpreso ao não ver mais o pai, que acabara de sair de casa. Pensou que talvez um carro o estivesse esperando, às vezes um motorista vinha buscá-lo, mas, quando olhou melhor, viu que simplesmente ele estava encostado na porta da casa ao lado, escondido, pronto para flagrá-lo fazendo algo errado. Gaspar não teve dúvidas e saiu correndo para dentro de casa. Antes de começar a subir as escadas, sentiu o pai agarrá-lo pelos tornozelos e, com um único movimento, bater à porta com tanta força que, Gaspar pensou, talvez os vizinhos acordem. De um golpe só, seu pai o virou e, quando Gaspar tentou se levantar, ele pressionou seus braços contra o chão. Era como se estivesse preso por algemas de metal. Ainda se lembrava de seu rosto tão próximo, os lábios pálidos e os olhos furiosos: as mãos que o esmagavam no chão tremiam de raiva, e Gaspar ficou mudo de terror. Não entendia por que era tão grave segui-lo, mas no chão, com seu pai em cima

dele como um animal selvagem que o farejava — lembrava-se de haver pensado que era um lobo, que ia comer sua garganta —, compreendeu que era pior do que imaginava, que podia ser imperdoável.

Seu pai falou. Disse que ideia é essa de me seguir. E então colocou as mãos em volta do pescoço dele e apertou. Não muito, mas Gaspar estava com tanto medo que não conseguia respirar. Às vezes, agora, anos depois, ele acordava se sentindo sufocado e precisava levantar da cama e respirar fundo enquanto andava pelo quarto. O apertão não durou muito. Seu pai soltou seu pescoço, ergueu-o nos braços — Gaspar tentou chutá-lo e recebeu um tapão que fez seu nariz sangrar: não podia brigar com o pai — e o carregou pelas escadas, segurando-lhe as pernas para que não as mexesse. Quando chegaram em cima, seu pai abriu um dos quartos que já nessa época estavam fechados, as paredes manchadas de umidade e o piso de madeira queimado em algumas partes. Um quarto completamente vazio e com as persianas caídas, quebradas. Você fica aqui, disse. Gaspar olhou para ele do chão de madeira. Havia batido com a cabeça, mas por puro medo não sentia dor.

Gaspar não sabe quantas horas ficou lá. Sabe que dormiu no chão, que sentiu fome, que fez xixi no escuro contra a parede e que o cheiro, no confinamento, lhe deu nojo, mas se acostumou. Sabe que sonhou com o colégio: as paredes de sua sala de aula desmoronavam aos poucos, e ele corria, mas a rachadura nas paredes parecia persegui-lo. Sabe que chorou no escuro e pediu para sair e bateu na porta e chamou os vizinhos e sua mãe até que se sentou com as costas coladas à parede e esperou imaginando jogadas de futebol, um gol olímpico, o melhor escanteio do mundo ou um cruzamento, e ele dando uma cabeçada certa no ângulo, mas o cheiro de suor e grama não alcançava aquele quarto abafado que agora apestava a xixi e lágrimas. Quando seu pai abriu a porta, ele não sabia se um dia ou dois depois ou apenas horas, Gaspar correu para o banheiro aos tropeções, porque suas pernas estavam

semidormentes e os olhos acostumados ao escuro, correu até o banheiro porque precisava fazer cocô e lá, em pé em frente ao vaso, sentiu a inconfundível sensação que vinha antes da dor de cabeça, aquelas flores negras que flutuavam no ar e se abriam, e depois a pontada no olho. Enquanto procurava os comprimidos no armário de remédios do banheiro, agradeceu por só doer agora que poderia ir para cama, apesar de saber que a dor não passaria se não comesse algo antes, mas seu pai não lhe daria nada para comer, e ele nessa época mal sabia cozinhar algumas coisas, e certamente não havia nada para cozinhar na casa. Tremendo, por causa do medo, das pernas bambas, porque ouvia seu pai andando pela casa com seus passos poderosos, obviamente ainda zangado, desceu as escadas, procurou um pano de prato na cozinha, abriu a geladeira, pegou algumas pedras de gelo, envolveu-as no pano e o colocou em cima do olho e viu as horas: eram duas. Da tarde, porque estava de dia. Na geladeira havia uma garrafa de vidro com água. Com o pano de prato cheio de gelo no olho, foi para a rua, não fazia frio, e andou devagar até a casa de Vicky porque, se corresse, a dor voltaria como marteladas. E, quando chegou lá, mentiu. Vicky continuava no colégio, mas sua mãe estava em casa: estranho, porque trabalhava todos os dias. Ela disse alguma coisa, Gaspar se lembrava, sobre tirar folga, ele não entendeu o que folga queria dizer, entre as ondas de dor mentiu, disse que seu pai não se sentia bem, que estava de cama e não tinha coragem de acordá-lo, que sua cabeça estava doendo e que por favor precisava comer, que, se comesse, a dor diminuiria um pouco, que ele podia cozinhar mas não com aquela dor, que o mercado estava fechado para comprar alguma coisa, ele podia pagar ou podiam ir comprar em outro lugar que estivesse aberto, ele não conhecia nenhum e a mãe de Vicky se agachou para olhá-lo. Ela disse não chora que vai doer mais. Ela disse eu vou fazer um bife e uma salada pra você. Disse que sorte que você me encontrou em casa. Disse depois eu dou uma passada na sua casa para ver como seu pai está, e Gaspar

quis dizer a ela não, não passa, mas não disse nada, comeu e depois se deitou na cama beliche e, quando acordou, sua cabeça latejava suavemente, embora suas mãos ainda tremessem, a porta do quarto estava fechada para que ele pudesse descansar, a cachorra Diana dormia a seus pés, e ele nunca soube se a mãe de Vicky havia ido ou não até sua casa, se tinha visto seu pai, não perguntou e eles não lhe disseram, mas naquela noite ele dormiu lá, foi uma das primeiras vezes, e não conseguia se lembrar quando havia voltado para casa nem nada mais, as horas no escuro e os dias que se seguiram foram desaparecendo. Mas nunca mais se atreveu a seguir seu pai quando ele saía de madrugada.

* * *

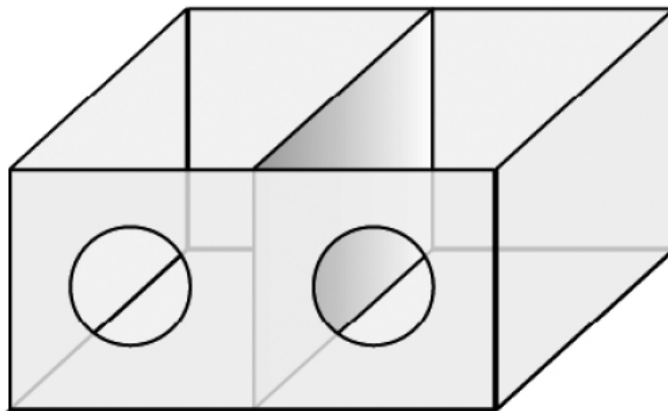
Gaspar pedalou até a madeireira. Embora ficasse a dois quarteirões, estava com vontade de usar a bicicleta. Não tinha visto o pai naquela manhã. Continuava assustado e com raiva dele. Acontecia sempre o mesmo quando ele via, acidentalmente ou não, algum fragmento do mundo secreto onde seu pai vivia. Por que ele lhe mostrava aquelas coisas? Depois parecia arrependido. Ou pior: Gaspar tinha a sensação de que era como nos filmes de possuídos, como se alguma coisa entrasse nele e o transformasse em outro; quem lhe mostrara a caixa não era seu pai. Não sabia explicar aquilo. A caixa com as pálpebras tinha sido um dos souvenirs mais horríveis que seu pai o deixara ver, mas, como outros, estava se transformando em sonho, a lembrança passava a uma região onde era difícil resgatá-la, onde perdia força. Gaspar percebia que isso também era estranho, apesar de, ao mesmo tempo, aquele esquecimento e aquele adormecimento o confortarem. Ele não havia sonhado, estava claro, mas sentia como um sonho; assim era mais suportável. Da mesma forma, quase havia esquecido as marcas vermelhas de mãos nas paredes do andar de cima. Ou

aquela voz que ecoou em sua cabeça uma noite, tão poderosa que ele subiu correndo as escadas e bateu na porta do quarto de seu pai até que ele a abriu, despenteado e com os olhos cobertos como se por uma película de óleo. Ou quando havia encontrado seu pai caminhando pela casa feito um sonâmbulo, com algo escrito na parte interna dos braços, duas palavras que não conseguia esquecer: *Solve* e *Coagula*. Ele as procurara no dicionário, mas não eram em castelhano: eram em latim. Havia um dicionário de latim na biblioteca da escola, mas estava sempre emprestado. E às vezes preferia não saber. Seu pai havia desaparecido por uma semana depois de lhe mostrar a caixa de pálpebras. Agora estava de volta, mas eles mal se cruzavam.

Gaspar precisava buscar o presente para Adela na madeireira. Ele havia encontrado o diagrama num livro de sua biblioteca, arrancara a página e a entregara ao carpinteiro para que ele copiasse o desenho. A madeireira estava aberta, mas não havia ninguém no balcão; Gaspar bateu palmas e o barulho de suas mãos ecoou pelo galpão. Imediatamente ouviu uma porta, e quando *don* Sixto o viu, gritou: ah, espera um pouquinho, querido. E então voltou dos fundos com a folha e a caixa.

— Vamos ver se ficou como você queria — disse.

Gaspar olhou primeiro o diagrama, para confirmar se estava ao menos parecido.



Estava. O espelho no meio, separando os dois compartimentos furados de um lado. Colocou o próprio braço no buraco da direita: entrava confortavelmente. A caixa era bastante grande, mas *don* Sixto havia escolhido uma madeira leve, e Gaspar conseguia levantá-la sem esforço. O espelho sempre pesa, disse, mas a madeira de pínus não pesa nada. Era isso o que você queria?

Sim, respondeu Gaspar, e olhou para o próprio braço no espelho. A caixa era perfeita.

* * *

O aniversário de Adela foi em sua própria casa. Os Peirano, é claro, haviam oferecido a deles, mas Adela tinha dito não, obrigada, e depois confessou a Gaspar que não queria usar aquele quintal tão grande para sua festa, que teria tão poucos convidados. Vai ficar mais na cara que não veio ninguém, disse, e Gaspar entendeu. Era melhor fazer algo simples na pequena mas agradável casa de Adela e Betty, porque uma ausência sempre era sentida: a de seu pai, que ninguém conhecia. Uma vez Vicky havia perguntado a sua mãe, enquanto lavava os pratos, se era verdade que o pai de Adela tinha sido levado, e Gaspar, que secava os talheres, tinha escutado a resposta: a verdade, Vicky, é que eu já conheci a Betty sozinha. Não sei quem é o pai de Adela e nunca perguntei a ela, essas coisas não se perguntam se a pessoa não conta.

Betty tinha arrumado a casa muito bem. O corredor estava todo decorado com enfeites e bandeirinhas até a última porta, a do quarto de Adela, que tinha um pôster de Sarah Kay que dizia “Feliz aniversário!” ao lado do desenho de uma garotinha que cheirava uma rosa. Quando Gaspar chegou, já estavam os avós de Adela, Vicky, Virginia com seu brinquedinho de água que ela não largava, Lucrecia, uma colega do colégio que era muito amiga das garotas, e

mais ninguém. Esperavam apenas por Pablo, que sempre chegava atrasado. Apareceu com um quebra-cabeças de mil peças de um castelo alemão com um nome impronunciável; Adela agradeceu com um abraço: ela gostava de quebra-cabeças, mas gostava ainda mais de castelos. Betty parecia contente e emocionada; os avós, por outro lado, bebiam refrigerante em silêncio. Eram silenciosos, nada carinhosos, muito pouco avós. Apareciam apenas nos aniversários e, quando falavam, se dirigiam apenas a Betty. Adela, no entanto, garantia que se divertia muito com eles todos os verões, quando passava as férias em sua quinta em San Isidro. O bolo estava muito gostoso: um pão de ló recheado com doce de leite e creme, com uma cobertura de chocolate decorada com bolinhas prateadas. Gaspar comeu um pedaço depois de bater palmas durante os parabéns — ele nunca cantava em voz alta em público — e se sentiu cheio, havia comido muitos enroladinhos de salsicha. Os avós pediram a Adela para experimentar o vestido, seu presente de aniversário; era branco, parecia de primeira comunhão, e ela o desfilou com um sorriso falso porque era óbvio que não tinha gostado, mas não queria fazer uma desfeita. Eles foram embora pouco depois. As crianças se despediram deles e depois, já sozinhas, ficaram aliviadas. Os avós tinham algo que as incomodava: pareciam estar lá por obrigação, cumprindo ordens. Lucrecia também tinha saído: precisava ir embora cedo. Adela se esparramou, teatralmente, no sofá. Pablo, que estava terminando de comer um pedaço de bolo, ofereceu-se para cortar mais um pedaço, e ela aceitou. Então, com os lábios sujos de doce de leite — não era tão fácil segurar o guardanapo sem se sujar com uma única mão —, ela disse a Gaspar:

— Quero meu presente!

A sacola com a caixa estava num canto, ao lado da mesa. Gaspar foi pegá-la e se aproximou de Adela para dizer:

— Mas só posso mostrar a você, não posso te dar na frente de ninguém.

— Por que não? — perguntou Adela, limpando a boca e encarando-o com seus olhos escuros de cílios curtos.

— Porque eu não sei se funciona.

Betty disse quanto segredo com um sorriso, mas seu olhar estava sério. Adela agiu rápido, puxou Gaspar pela mão e o arrastou até seu quarto. Quando eles entraram, fechou a porta.

— E aí? Me mostra.

Gaspar foi até a cama de Adela e apoiou a caixa na manta azul-turquesa.

— Vem cá — disse.

Ela se aproximou, desconfiada.

— O que é isso?

Gaspar coçou o nariz, estava um pouco nervoso.

— Se chama caixa de, espera que não estou lembrando o nome. Ramachandran. Isso. Caixa de espelhos de Ramachandran.

— É de mágica?

— Não. Mais ou menos. Pelo nome parece, né? Bem, espero que seja. Coloca o braço aqui — disse, e apontou um dos buracos. Adela se abaixou para fazer o que ele havia pedido, obediente. — Agora coloca o outro braço no outro buraco.

Adela olhou para ele chateada, com um princípio de raiva.

— Você sabe o que eu quero dizer. Você me disse que sente o braço, certo? Então enfia ele.

Agora ela olhava para ele com os olhos cheios de lágrimas. Gaspar sentiu pena ao vê-la ali ajoelhada, no chão do quarto, com seu vestido vermelho, duas tranças no cabelo, uma menina que não queria ser diferente. Sentiu-se mais velho que ela.

— Ade, eu não sei se vai dar certo — disse, e precisou limpar a garganta. — Eu tirei de um livro. Mas juro que não é uma piada. Eu nunca faria uma

sacanagem dessas com você. Nunca. Vamos testar.

Ela hesitou por um segundo, disse sim e, com os olhos fechados, fez um pequeno movimento com o coto.

— Pronto — disse.

— Ótimo. — Gaspar se ajoelhou a seu lado. — Agora olha para o espelho, está vendo? Ali parece que você tem dois braços. Me diz onde dói.

— Hoje não está doendo. Está coçando.

— Dá na mesma. Onde. Mas não olha para mim, não olha para o seu braço de verdade, olha apenas para o reflexo. Aponta pra mim.

A caixa era aberta em cima, não tinha tampa. Gaspar enfiou sua própria mão e seguiu as indicações de Adela. Na lateral do cotovelo. Não, um pouco mais pra baixo. Não, um pouco mais pra cima.

— Às vezes demora — disse Gaspar, e em vez de continuar procurando o lugar da coceira acariciou a mão de Adela, os dedos, o braço, mexeu nas pulseiras, por um bom tempo, em silêncio, até que ela disse estou sentindo o braço! E ele, então, voltou a seguir suas instruções e encontrou o foco da coceira, a coceira fantasma que tinha sido impossível esquecer até agora, até aquele décimo segundo aniversário em cima da cama turquesa.

— Ai! — disse Adela em voz baixa, e Gaspar coçou suavemente, com suas unhas curtas, enquanto ela olhava com uma expressão de estranhamento o braço refletido. Ele continuou até que Adela disse chega, e ela mesma tirou o braço da caixa e, sentada no chão, cobriu o rosto com a mão. Não estava chorando. Gaspar não sabia o que ela tinha. Queria perguntar se ela não estava feliz, por que não estava feliz, se havia funcionado ou não, mas sabia que devia ficar de boca fechada por um momento. Adela quebrou o silêncio. Do lado de fora, na cozinha, ouvia-se a conversa de Vicky e Pablo e também o barulho de louça na cozinha: Betty lavando os restos da festa.

— Por quê? — perguntou Adela, e Gaspar percebeu que ela estava brava. Tentou então explicar que tivera a ideia depois de uma conversa sobre o membro fantasma com seu pai, que tinha dito que existia um diagrama num livro da biblioteca, mas ela o interrompeu.

— Não, para, não estou perguntando a você. Quero dizer: por que o médico nunca fez isso comigo? Ou minha mãe? Por que nunca me disseram que tinha solução quando o meu braço dói ou coça?

Gaspar abriu a boca, mas não disse nada e deu de ombros.

— Eles não sabiam? São tão burros assim? Eu vou matá-los.

Agora sim ela chorava, e seu lábio tremia de pura raiva. Gaspar ficou de cócoras diante dela.

— Vai ver eles não sabiam.

Ela continuava brava, e Gaspar a deixou. Deixou que levantasse, não insistiu perguntando se ela tinha gostado do presente, deixou que ela abrisse a porta com um empurrão e corresse até a cozinha e, quando ouviu o barulho dos pratos quebrando no chão, Gaspar disse aos surpresos Vicky e Pablo é melhor a gente ir, e os empurrou até o corredor; a porta estava aberta. Ouviam-se os gritos, de Adela e de sua mãe, e era impossível entender o que diziam porque uma gritava por cima da outra e as duas estavam chorando.

— Que cagada você aprontou? — perguntou Vicky, meio correndo pelo corredor enquanto Pablo suspirava de alívio ao ver que a porta da rua não estava fechada à chave. Gaspar não soube o que responder. Precisava falar com eles para entender o que havia feito de errado.

— Vamos até a banca — disse, e revistou o bolso de trás para conferir se tinha dinheiro suficiente para uma Coca-Cola.

* * *

Gaspar não quis voltar para a casa de Adela, como Vicky e Pablo sugeriram e, quando terminou o refrigerante, vestiu a jaqueta e se despediu. Isso vai passar, disse Vicky, e Gaspar não respondeu. Voltou para casa. Quando fechou a porta, antes que pudesse dar um passo rumo ao seu quarto, ouviu a voz do pai, chamando-o do andar de cima.

Não havia ameaça em seu tom de voz, e Gaspar fez um esforço para ignorá-lo, para continuar andando, para fingir que não o havia escutado, mas respondeu. O que você quer, gritou. Que você suba aqui um pouquinho, disse ele em voz alta mas sem gritar, sem violência, sem provocação. Gaspar obedeceu. A escada de madeira rangia muito; em algum momento, ele se lembrava, houve um tapete para abafar os passos, mas não havia mais. Talvez tenha sido arrancado por seu pai, provavelmente serviu de combustível para uma de suas fogueiras periódicas. Ele não sabia e, de fato, acabava de se lembrar da existência daquele tapete, enquanto subia rapidamente.

A porta da biblioteca-ateliê de seu pai estava aberta, e Gaspar entrou com tranquilidade quando o viu recostado na poltrona, com um livro a seu lado. Não se sentou: apoiado na escrivaninha, olhou os livros fora de ordem, um desenho inacabado, o caderno de capa escura fechado.

— Como você está?

Gaspar deu de ombros e ouviu o pai se levantar; não olhou para ele até o sentir muito próximo.

— Você pode ficar bravo comigo para sempre, mas não sei se faz muito sentido.

Os olhos de seu pai brilhavam no cômodo iluminado apenas pelo abajur que ele usava para ler. Vestia uma camiseta cinza de manga comprida que ficava pequena nele e revelava o quanto estava magro. Gaspar respirou fundo antes de falar.

— Por que você me fez tocar o que tinha na caixa?

Estava quente naquela biblioteca, que cheirava a pó; seu pai, recém-saído do banho, com os cabelos ainda molhados, cheirava a sabão.

— Às vezes não sou eu mesmo. Te peço desculpas.

Gaspar sentiu um calafrio.

— E o que isso quer dizer, que não é você mesmo?

— Quer dizer exatamente o que eu disse: que às vezes não sou eu mesmo.

Gaspar apoiou os cotovelos na escrivaninha e, distraído, ergueu o desenho que o pai ainda não tinha terminado. Parecia uma cidade pequena, algumas poucas casas numa planície, e no céu um sol preto ou talvez um rabisco, mas muito grande e centralizado.

— Por que você nunca me diz o que faz, o que é tudo isso? — E Gaspar apontou para os livros, a porta fechada, os cantos escuros.

— O pai da sua amiga Vicky diz a ela o que faz, por exemplo?

— Sim. Ele é farmacêutico.

— E o que mais ela sabe, além de ele ser farmacêutico? Ela sabe quantos antibióticos ele vende por semana? Sabe como os preços mudam? Sabe se a insulina é gratuita? Sabe se ele gostaria de ter uma seção especializada em homeopatia?

Gaspar apertou os dentes.

— De repente, sim.

— É claro que ela não sabe. O que o pai do Pablo faz?

— Alguma coisa com gás?

— O que ele faz com o gás?

— Não sei! Coloca nos carros.

— Para que ele coloca o gás nos carros? Acha que o Pablo sabe mais que você?

Gaspar se resignou.

— Não tem nada a ver. O que você faz é mais estranho.

— Quantas vezes nós tivemos essa conversa antes? É chato, Gaspar.

— Eu só quero saber.

Seu pai se abaixou até ficar na sua altura. Suas olheiras estavam inchadas como se tivesse levado um murro, mas ele parecia melhor do que em outros dias, menos cansado.

— Escolhe o livro que quiser. Lê o que quiser.

— Sêrio?

— Sêrio.

Gaspar se aproximou da estante na ponta dos pés. Havia tanto para escolher! Acima de tudo, dentro de uma caixa de madeira, na prateleira mais próxima do teto, estavam as cinzas de sua mãe. Gaspar pedira ao pai uma vez para abrir a caixa, queria vê-las. Não tinha ficado impressionado: parecia mais terra do que cinzas. Ele chorou porque sua mãe era apenas isso, um monte de pó em uma caixa, mas não sentiu medo. Aquela caixa num canto não o perturbava. Seu pai lhe disse que, quando chegasse a hora, jogaria as cinzas no rio. Mas os anos se passavam e elas continuavam lá.

Agora ele vasculhava as estantes, os livros amontoados, virava os que estavam com a lombada para a parede. Alguns eram em inglês. Dion Fortune, ele leu, *e Training and Work of an Initiate*. Havia livros em espanhol. Juan Carlos Onetti, *El pozo*, Thomas Hardy, *Jude el oscuro*, Françoise Sagan, *Buenos días, tristeza*. García Lorca, Keats, Yeats, Blake, Eliot, Neruda: os de poesia que Gaspar sempre pegava emprestado porque gostava deles. Passou a outra prateleira, mais alta: *Babylonian Magic & Sorcery*, Leonard M. King. *e Magical Revival*, Kenneth Grant. Por fim, numa ponta e um tanto caída, encontrou a lombada do que pareceu ser o escolhido: *Dogma e ritual da Alta Magia*, de Éliphas Lévi. Era um livro de capa comum, cinza, muito gasto. Ele o pegou e o mostrou ao pai, que assentiu com a cabeça.

— Lê o que quiser.

Gaspar abriu em uma página qualquer. A página 40 tinha um desenho de uma estrela de seis pontas, parecida mas diferente da estrela judaica. Leu: “Os elementos materiais análogos aos elementos divinos se concebem como quatro, explicam-se como dois e, finalmente, existem somente como três. A revelação é o binário: todo verbo é duplo e supõe, por conseguinte, dois.” Não entendo nada, pensou. Abriu o capítulo “A magia negra” e ficou desapontado por ter apenas uma página. Dizia que aqueles que tivessem medo podiam fechar o livro, mas a advertência não foi suficiente para ele. O capítulo também não. O que dizia era muito menos aterrorizante do que as coisas que ele havia visto em vários filmes. Olhou para o pai com curiosidade, que sorriu para ele mais uma vez sem deboche, com certa tristeza.

— É chato ou não é?

— Posso pegar outro?

— Não. Não são tão diferentes. Gaspar, é isso o que eu faço.

— Isso o quê?

— Estudar o que esses livros dizem.

— Só isso? Existe um lugar onde se estuda isso?

Gaspar viu o pai se recostar novamente na poltrona e jogar uma almofada no chão, perto dele.

— Eu sou um autodidata. Estou velho demais e doente para ir à universidade. Senta aqui.

— Você não está velho. Quantos anos tem? Você já deu aula alguma vez, como a mamãe?

— Não. Tenho 34, mas me sinto com duzentos anos.

Gaspar se sentou na almofada e quase derrubou uma garrafa com o joelho. Seu pai a segurou para que não derramasse e depois a tirou do chão e tomou um longo gole. Como não havia sentido o cheiro de álcool no hálito dele?

Agora Gaspar entendia por que estava recebendo tanta informação: seu pai estava bêbado. De novo.

— Você estuda isso porque sempre adivinhou as coisas ou é o contrário? Estudou isso para adivinhar as coisas? Você sempre viu pessoas?

— Sim, mas elas não me incomodam. Existe uma técnica para não vê-las, à vontade, e eu a uso muito bem.

— Nunca falha?

— Tudo falha, mas não tenho medo delas. São ecos. Manifestações. Elas não podem nos tocar. Só é desconcertante.

— O que quer dizer desconcertante?

— Algo que te surpreende, que te pega desprevenido. Que vocabulário eles ensinam nesse colégio que você frequenta?

— Eles não ensinam mal, eu é que não uso muito o dicionário.

— Está bem.

— Papai, eu vou ver essas coisas, esses ecos?

— Não. E, se você os visse, perceberia, sem dúvida nenhuma.

Gaspar ficou pensando. Mais um longo gole. O livro que seu pai estava lendo caiu no chão, e Gaspar viu o título de relance: *Selected Poems*, John Keats. Então ele o pegou, abriu e leu: “Season of mists and mellow fruitfulness.” Estação de névoas. Temporada de névoas.

— Posso levar?

— É difícil. Use o dicionário. Você vai gostar de Keats. Ele morreu muito jovem, sabia? Aos 24. E o que mais você anda fazendo, filho? Quero saber que coisas normais você está fazendo. Me conta.

Gaspar apoiou a cabeça nas pernas do pai e decidiu que o episódio da caixa de pálpebras não era importante, fazia parte de um pesadelo, estava perdoado, esquecido. Sentiu a mão do pai acariciando seus cabelos e contou a ele que Adela não tinha gostado da caixa de espelhos.

As pessoas doentes são diferentes, disse-lhe o pai. Ela não está doente, discordou Gaspar. Eu sei, mas, de qualquer maneira, nós que temos problemas físicos somos todos iguais e diferentes dos que são saudáveis. Se, por exemplo, você me desse uma cadeira de rodas, eu não agradeceria. Você precisa de uma? Não, ainda não. Mas se me dessem uma cadeira de rodas eu colocaria fogo nela. Você não precisa entender, precisa apenas saber. A raiva dela vai passar? Talvez sim, ter um defeito é diferente de estar moribundo. Não fala assim, papai. Como você quer que eu fale? O que mais. Você tem namorada? Ouvi você falando com uma garota no telefone. Ouviu? Você estava trancado aqui, pensei que não ouvisse nada. Eu tinha, mas ela me deixou. O nome dela é Belém. Te deixou? Sim, mandou uma carta pra mim dizendo que não queria mais ser minha namorada. E o que você fez? Nada. Pablo me disse que, se eu escrevesse pedindo para a gente continuar namorando, ela diria sim, porque é isso o que as garotas fazem. Mas não senti vontade. Você não gosta dela? Eu gosto dela, mas não sei sobre o que conversar com ela, ela não fala muito.

Gaspar ouviu o riso suave de seu pai. Nisso eu não posso ajudar, não entendo nada de mulheres.

Ficaram em silêncio por um tempo. Gaspar fechou os olhos. Não havia um único barulho na casa. Sentiu o pai fazer carinho em seus cabelos, lentamente, com uma delicadeza quase feminina. Não havia contado a ele que a carta de Belém, curta e toda escrita em maiúsculas, o fizera socar os azulejos do banheiro. Não por ela, que o entediava um pouco, a não ser quando o deixava beijá-la e tocá-la; por ele, por não ter sabido como mantê-la. Ele se ajeitou na almofada com as pernas esticadas e deslizou a cabeça até apoiá-la no flanco do pai, e se lembrou de como era dormir ao lado dele quando era pequeno, perto daquele corpo imenso e do coração que batia de modo violento e irregular.

— Gaspar, sua amiga está na porta.

— Que amiga?

— Adela, acho.

— Como você sabe?

— Ela estava te chamando. Jogou alguma coisa, uma pedra, na sua janela. Você estava dormindo.

— Prefiro ficar com você.

— E eu prefiro que você vá. Ela está te esperando, anda.

Gaspar se levantou de mau humor; havia dormido, era verdade, podia sentir o gosto de sono na boca. Ele pegou o livro de Keats e ficou olhando para o pai da porta. Ia dizer algo a ele (o quê?, que o amava?), mas ele já tinha dado outro gole na garrafa e estava fechando os olhos.

* * *

Adela estava esperando na rua: àquela hora, nos fins de semana, já de noite, não havia muito trânsito, e os faróis de qualquer veículo, até o barulho, podiam ser vistos e ouvidos com tanta antecedência que não havia perigo, e as crianças e os adultos tinham se acostumado a andar pelas calçadas e ruas sem distinção. Ela esperava com as pernas cruzadas e olhando para o chão; Gaspar percebeu que tinha trocado de roupa, estava com os sapatos Kickers azul-claros, a calça de ginástica vinho da escola e uma camiseta com babados na cintura e estampa de flores, bem miudinhas. Gaspar sentiu o silêncio da rua de uma forma tão avassaladora que se aproximou de Adela e com um gesto de cabeça pediu que ela andasse ao lado dele, na calçada, em direção à avenida. Como ela não falava, apenas tentava acompanhá-lo e também não erguia o olhar, Gaspar decidiu começar. Ele não gostava nem nunca tinha gostado de ficar calado, nem dos olhares esquivos e dos silêncios desconfortáveis, da maneira, principalmente dos adultos, de se entreolhar e engolir as palavras, a forma como seu pai lhe dizia isto é tudo o que eu vou dizer e você não saberá

nada mais. Sentia que, se o deixassem perguntar e falar, não pararia nunca, que a curiosidade o invadia como as formigas invadem uma geleia aberta e esquecida na cozinha.

— Desculpa se você não gostou da caixa — disse Gaspar. — Pensei que talvez ajudasse.

Adela inesperadamente o agarrou pelo cotovelo, com muita força. Às vezes Gaspar esquecia a força daquela única mão.

— É o melhor presente que já ganhei em toda minha vida — disse. Tinha as bochechas irritadas de chorar.

— Então por que você ficou brava? Me fala. Não suporto quando me dizem não sei. Estou cheio.

Ela começou a andar de novo. Estavam chegando perto da casa da rua Villarreal, e Gaspar, instintivamente, dobrou a esquina que os desviou e os levou até o pequeno fliperama, que ficava aberto até tarde aos domingos.

— Porque fiquei brava com a minha mãe. Por que ela não pensou nisso? Por que não perguntou ao médico? Ela nunca acreditou que o meu braço doía ou coçava. Eu não fiquei brava com você. Mas, também, vocês foram embora, me deixaram sozinha.

— A gente ficou sem jeito, pensei que estava brava comigo.

— Nada a ver. Você é o melhor de todos. Já vi os meninos e disse a eles que eram uns cagões por terem ido embora.

Gaspar sentiu suas orelhas arderem. Ele tinha gostado de ouvir você é o melhor. Então afastou os cabelos que cobriam sua testa e disse:

— Quando precisar, eu te ajudo a se coçar ou massagear, não sei. Mas nem sempre eu vou estar, vai ter que pedir a sua mãe.

— Minha mãe que vá à merda. Eu já pedi ajuda a Pablo e a Vicky. Se você me ajudar também, está resolvido.

Gaspar tinha conseguido afastar Adela da casa da rua Villarreal, em um desvio que os levou à porta da sua própria casa. Como todo mundo no bairro, ele desconfiava da casa abandonada e já tinha ouvido Adela sugerir que, de repente, eles poderiam entrar. Uma excursão, uma visita à casa mal-assombrada do bairro. Gaspar não via nenhuma graça nisso. Estava com fome, mas não podia convidar Adela para jantar: era proibido levar pessoas de surpresa. A bicicleta presa às grades do pátio lhe deu uma ideia.

— Você já comeu?

Adela disse que não estava com muita fome, depois do bolo e dos sanduichinhos. As meninas são assim, pensou Gaspar, não gostam de comer: estranhíssimo. Ele sempre tinha fome, e seus amigos meninos também.

— Bom, se não quiser comer, pode me fazer companhia. Vamos à La Curva, está bem?

— Eu bem que comeria uma fatia de pizza — disse Adela.

— Sobe aí.

Gaspar apertou o cinto: tinha emagrecido, e as calças estavam caindo.

— Por que você não compra um do seu tamanho? — perguntou Adela, rindo, e Gaspar respondeu que sempre se esquecia.

— É do meu pai, por isso é tão grande. Fica muito ridículo?

— Não — respondeu ela. — Não sei por quê, mas fica ótimo em você.

Adela subiu nos apoios que ficavam nas laterais da roda traseira. Dessa forma podia ficar de pé, segurando os ombros de Gaspar. Pediu que ele andasse rápido, que pedalasse com força e, como não havia ninguém na rua, Gaspar fez a vontade dela e deu uma grande volta até a pizzaria para que ela pudesse aproveitar mais a velocidade e o vento nos cabelos.

* * *

Havia muitas histórias sobre a casa da rua Villarreal. Nem todas eram contadas, no entanto. Certa tarde Haydée, a mulher de Turi, o dono da mercearia, contou às suas clientes sobre os proprietários, segundo ela uns velhinhos que viviam sozinhos sem ajuda de ninguém, sem enfermeiros, sem filhos; enlouqueceram lá dentro. Loucos de velhice: demência senil. Quando alguém passava, a velha ia até a janela e abria a boca como se estivesse gritando, mas não gritava. Depois saía correndo. Às vezes estava pelada. O velho era muito mais calmo, mas se recusava a tirar o lixo, e uma vez alguém tinha vindo — um parente ou um assistente social — e levado sacos de coisas, principalmente de comida estragada, enquanto o velho chorava sentado no jardim, que nessa época ainda tinha alguma planta, e dizia agora, sim, o encontrariam, agora, sim.

Turi, o dono da mercearia, dizia que não conhecia aquela história, mas sabia que, quando a velha morreu, foi encontrada na cama com dois esqueletos de gato a seu lado, um no lençol, o outro no travesseiro. O dono do bar do parque corroborou a história, mas garantiu que os esqueletos dos gatos estavam em volta da geladeira, cheia de fungos, pacotes de frios e de pão de forma fechados.

O estranho era que nenhum dos velhos do bairro, nenhuma das avós e nenhum dos avôs, lembrava-se dos donos da casa quando jovens. Como se eles sempre tivessem sido anciãos. Ou tivessem sido imaginados. A avó de Vicky tinha dito uma vez: quando mudamos para cá com o seu avô, os donos, que já eram velhos... Vicky a interrompera quase gritando. Mas quando você se casou era jovem, eles já moravam aqui? E eram velhos? Impossível, você está dizendo besteira. A avó hesitou e disse que achava que sim, que já eram velhos, sim, talvez fossem polacos. O que isso tem a ver com eles serem polacos? As pessoas loiras envelhecem mal, respondeu a avó. Não como você, Vicky, que é uma linda morena *criolla*, *mi negra*. Vicky se soltou do abraço, e mais tarde, quando mencionou a conversa à mesa — a avó já tinha ido dormir —, Hugo Peirano

limpou os lábios com o guardanapo e disse bem, ela está ficando velhinha, os velhos se confundem.

Dessa vez Vicky ficou em silêncio e tirou os pratos, que eram de vidro verde; os copos eram marrons. A mesa-floresta, era como ela chamava. Tinha comido pouco. Adela também estava comendo pouco. As duas passavam pela mesma coisa. Sentiam medo. O medo era difuso, e Vicky não conseguia determinar claramente a razão, mas tinha começado há menos de um mês, em frente à televisão. Estava no sofá da sala da sua casa, assistindo ao jornal das oito, que a entediava — notícias sobre como os radicais tinham ganhado as eleições legislativas, sobre as ameaças de bomba nas escolas e o estado de sítio, que deixava sua mãe histérica — quando viu uma notícia que chamou sua atenção: um vulcão tinha entrado em erupção na Colômbia. Vicky gostava e sentia medo dos vulcões, tinha ficado obcecada por Pompeia e Herculano durante um tempo. Naquela noite foi apenas a erupção, mas no dia seguinte Vicky se sentou para ver se continuavam falando do vulcão e se deparou com algo que a deixou muda e tremendo, tanto que apertou a mão de Gaspar, que estava jogado no sofá, a seu lado. A lava do vulcão tinha arrastado gelo e lama; todo esse material desembocara nos rios, que ficaram quatro vezes mais cheios e inundaram os povoados próximos.

— Ai, eu tenho pavor de enchente — disse a avó, e Vicky fez com que ela se calasse.

Num povoado chamado Armero pessoas ficaram presas em suas casas, esperando o resgate. Mas todas as câmeras, numa transmissão meio tremida e de cores estranhas, estavam focadas em uma menina de 13 anos, Omaira — que nome mais esquisito, pensou Vicky —, que estava meio afundada entre escombros e lama; não conseguia se mexer, mas conseguia falar e, quando puseram o microfone diante dela, lá na Colômbia (onde fica a Colômbia?, perguntou Vicky a Gaspar, e ele disse no Caribe, mas não é uma ilha, é ao lado

da Venezuela), a menina disse algo que fez Vicky ter vontade de sair correndo: ela apertou o braço de Gaspar até arrancar um ei, para!, o que vindo dele era muito, nunca sentia dor. A menina, Omaira, disse: meus pés estão tocando a cabeça da minha tia no fundo. Sua tia morta afogada, é claro, pensou Vicky, e imaginou os pés escorregadios apoiados numa cabeça morta e mecanicamente puxou os cadarços dos tênis.

Por três dias continuaram mostrando Omaira, não apenas no noticiário da noite: no do meio-dia também. Vicky a via quando voltava da escola e à tarde, quando voltava das aulas de ginástica. A menina sabia que não podiam removê-la, mas Vicky não entendia por quê, e sua mãe, com seu jeito bruto de médica, tinha dito que a única maneira era amputar a perna dela e lá, na lama, não existiam “as condições de higiene adequadas”. Omaira dizia quero que ajudem minha mãe porque ela vai ficar sozinha. Ela queria ir à escola. Tinha medo porque não sabia nadar e, se a água a cobrisse, se afogaria. Tinha cantado. Queria estudar para uma prova de matemática. Chamava a mãe — que estava longe, em Bogotá — e pedia que rezasse para que eu possa andar e essas pessoas me ajudem. Dizia que a amava, dizia que tomara que a ouvisse, e dizia também que amava o pai. A avó de Vicky disse eu não posso ver isto, que dignidade tem essa criança, não deviam mostrá-la, e saiu e nunca mais quis se sentar novamente na frente da televisão para ver Omaira morrer.

Numa das tardes, enquanto assistia à agonia televisionada de Omaira, Lidia Peirano entrou com Juan Peterson, que ficou um tempinho para tomar um chá — nunca bebia café —, e Vicky o observou atentamente porque o pai de Gaspar quase nunca vinha a sua casa. Sua mãe gostava dele, sempre insistia que era um bom sujeito e fascinante. Dizia assim: “fascinante”. Vicky sabia que ele e Gaspar brigavam muito, e sentia raiva quando via seu amigo triste e, por vezes demais, com marcas de quem tinha apanhado. Naquela tarde, no entanto, Gaspar estava sentado ao lado do pai e conversavam em voz baixa, de

tempos em tempos, como se estivessem sozinhos. Não se pareciam fisicamente, mas tinham gestos idênticos: a maneira de tirar o cabelo do rosto, a forma como se recostavam no sofá, o torso sempre ereto.

— Quer comer alguma coisa, Juan?

— Obrigado, mas estou sem fome nenhuma.

Lidia insistiu com uma torta que tinha comprado na padaria, mas o pai de Gaspar voltou a recusar. Lidia disse:

— Esses meninos estão obcecados pela criança colombiana, é de uma morbidez assustadora. Adela, a filha da Betty, também só fala disso. Eu deixo que vejam porque, se proibir, eles irão ver em outra casa.

Juan não disse nada. Todos ficaram de boca fechada, de qualquer maneira, porque, na Colômbia, um médico anunciava que tinham tentado drenar a lama em volta de Omaira mas, lamentavelmente, a gangrena avançara demais nas pernas. Acabou, coitadinha, disse Lidia. Ela vai morrer, filha, é isso. Não olhe mais, é muito triste.

Mas Vicky queria assistir e viu o médico chorando, chorava e dizia: não é justo, depois do tanto que lutamos e que ela suportou. E sua mãe perguntou ao pai de Gaspar: Juan, você se lembra que anos atrás houve um caso parecido com um garoto italiano?, e ele respondeu que sim com a cabeça, sério demais, e não disse mais nada e passou a mão pelo ombro de Gaspar, que agora também estava hipnotizado diante da televisão porque o que estava acontecendo era que iriam vê-la morrer ao vivo e transmitiriam a morte, não deixariam que ela passasse por esse momento sozinha. Omaira estava em toda a tela da televisão colorida e podia ser vista com nitidez, sem fantasmas, sem chuva: seus olhos estavam completamente pretos, como se não tivesse íris nem branco do olho; as pálpebras, inchadas; as mãos, agarradas a um pedaço de madeira, eram desproporcionalmente grandes e muito brancas, brancas demais, já mortas, não a pele do rosto, que continuava lindo e moreninho, as mãos pareciam cobertas

de cera, é por estar tempo demais debaixo d'água, pensou Vicky, ficaram assim, enrugadas e esbranquiçadas, mas de qualquer modo eram estranhas. Por que os olhos dela estão todos pretos?, perguntou Vicky à mãe, mas ela apenas respondeu eu vou desligar, hein, é uma barbaridade que estejam mostrando isso na televisão. Mas não desligou e ela também se virou e ficou olhando a menina que agonizava em sua tumba de lama e sujeira, com as pernas presas e os pés apoiados na cabeça da tia.

Foi Juan, que nunca falava com ela, quem respondeu à pergunta sobre os olhos. É sangue, disse ele de uma vez. Os olhos dela estão cheios de sangue. Não circula mais pelo corpo e se acumulou ali. Vicky olhou para a mãe para confirmar, e ela disse sim, mais ou menos isso. Se as pupilas estivessem dilatadas, ela não estaria agarrada, não teria mais forças. E então cumpriu a promessa: desligou a televisão. Chega. Não vão tirar essa imagem da cabeça nunca mais se continuarem a ver.

Vicky protestou e se enfiou no quarto com Gaspar e o telefone, que tinha um cabo longuíssimo e podia ser levado de um lado para o outro. Ligou para Adela: ela também estava vendo a menina morrer. Pablo estava com ela porque não o tinham deixado ver em sua casa. Por que a sua mãe deixa?, quis saber Vicky, e Adela, do outro lado, respondeu: é que ela não está, deu uma saída. Senão era capaz de não me deixar ver. Querem vir pra cá?

— Você quer ir? — perguntou Vicky a Gaspar, e ele, depois de pensar, disse que não.

— Vai você se quiser.

— É claro que eu vou. Por que você não quer ir?

Gaspar ficou calado um instante e depois disse:

— Você viu a parte que ela disse, bá, pediu que eles fossem descansar e depois voltassem para tirá-la? Já estava meio alucinando, acho, mas foi como pedir que a deixassem em paz, não?

— Mas ela não consegue ver a gente, estamos longe à beça, não a incomodamos.

— Como você sabe que não a incomodamos?

— Você é tão esquisito.

E Vicky foi correndo para a casa de Adela apesar das ameaças de sua mãe, para ver a agonia com precisão e detalhes. Ela, Pablo e Adela choraram juntos, de mãos dadas, diante da televisão. Betty nunca chegou para interrompê-los. Adela disse depois que o pior tinha sido os barulhos do final, aqueles rancos dolorosos, como gemidos de cachorro, é assim que as pessoas morrem?, perguntou, mas eles não souberam responder. Pablo disse que não ia esquecer nunca das mãos, que eram cinza e pareciam de um pássaro; também tinha sentido medo dos olhos cheios de sangue preto. Para Vicky eram os pés, os pés morrendo e tocando a cabeça morta na lama, deixar de sentir os pés, mas saber que continuam apoiados sobre algo que está apodrecendo. Nunca mais conseguiu dormir com os pés para fora da cama, nunca mais conseguiu dormir sem meias, e nas noites em que caía exausta, depois de muito estudo ou muito estresse, costumava sonhar com Omaira na água, agarrada a um galho, mostrando-lhe a língua tão preta quanto seus olhos enquanto morria na lama.

* * *

Hugo Peirano conseguiu terminar a piscina que havia prometido a suas filhas a tempo para o Natal. Não puderam usá-la na noite de 24 de dezembro porque precisavam esperar a tinta secar antes de enchê-la e confirmar que o filtro estava funcionando direito, mas puderam festejar o Ano-novo na água: Hugo levou uma taça de champagne para a piscina enquanto as meninas entravam e saíam mergulhando, comiam nozes e esperavam os fogos de artifício. Vicky não queria entrar descalça: tinha comprado sandálias de plástico porque o fundo da

piscina às vezes era escorregadio e a fazia se lembrar de Omaira de pé sobre a cabeça de sua tia e toda aquela lama da morte na Colômbia.

Gaspar, Pablo e Adela vieram à estreia da piscina no Ano-novo, de madrugada, depois dos brindes. Gaspar e Pablo nadaram, Adela só se atreveu a entrar na parte mais rasa, Vicky preferiu boiar. Depois de estourarem apitos de vara na rua, apenas Gaspar e Pablo ficaram na água, brincando de afogar um ao outro, de prender a respiração debaixo d'água e, principalmente, brincando de luta até as cachorras latirem. Vicky não entendia por que eles estavam com aquela mania de brincar de luta o tempo inteiro, ainda mais no calor. Gaspar ela entendia melhor, porque ele tinha força, era bruto e quase sempre ganhava; ela já sabia que os garotos queriam vencer. Mas Pablo, que era igualmente magro e alto, não tinha tanta força, e às vezes ela percebia que ele sofria quando Gaspar se sentava em suas costas no chão ou torcia seu braço. Enfim: não entendia por que se batiam sem raiva, eles claramente não estavam brigados; pelo contrário, se davam melhor do que nunca.

Aquele verão foi estranho para ela. Sentia medo e não sabia por quê. Tinha contado à mãe: às vezes sentia tanto medo que, quando queria respirar fundo, sentia que os pulmões não se enchiam de ar completamente. Tinha sido um erro dizer isso à mãe, que a auscultou, depois a levou ao hospital para respirar numa espécie de apito — eles chamavam de “espirômetro” —, e, quando tudo deu normal, houve uma longa discussão sobre se ela deveria ir ou não ao psicólogo, e ficou decidido que, por enquanto, “era preciso esperar” e que “são coisas da idade”. Vicky sabia que não tinha nada a ver com a idade. Não conseguia explicar o que lhe parecia tão ameaçador e ao mesmo tempo a obcecava. Era um pouco Omaira, mas não só isso. Tinha medo de encontrá-la na escuridão, mas ia além da garota de olhos pretos. Quando sentia vontade de fazer xixi à noite, não se atrevia a levantar da cama, mas ao mesmo tempo podia passar horas ouvindo cada barulho da casa e esperando por aquele

barulho diferente, que acabaria com as dúvidas de que havia uma presença, uma mão que bagunçava propositalmente os livros e a louça, algo sombrio que flutuava em direção ao teto e podia descer para lhe mostrar a cara.

E havia também o zumbido, tão forte em algumas noites. A princípio pensou que fossem as luzes da rua, que piscavam, ou mesmo o tubo fluorescente da garagem ou alguma coisa elétrica nova no bairro, mas se tornava mais profundo e mais intenso com o calor e parecia vir do chão. Ela perguntou ao pai se o metrô passava por lá, mas ele disse que não, que, apesar de haver uma estação a seis quarteirões, o trem se desviava para o outro lado no parque, não passava nem perto deles, e era impossível ou muito raro sentir uma vibração. Além do mais, que estúpida, pensou Vicky, o metrô não passa à noite. Numa noite de calor, para confirmar se a vibração vinha do chão, como ela achava, Vicky foi para a rua tocar o asfalto. Seus pais e sua avó estavam sentados na garagem depois de jantar; ali a casa estava quase fresca, talvez porque o teto fosse mais alto, talvez porque não pegasse sol metade do dia. Estavam sentados em cadeiras em volta de um ventilador de pé, o avesso de uma fogueira, e conversavam entediados. Não vinha dali. Ela voltou a mencionar o assunto com o pai, depois de a teoria do metrô ter sido descartada; ele disse deve ser o autódromo. Como você é sensível, filha! Victoria conhecia o zumbido do autódromo, que só se ouvia aos domingos pela manhã e era distante, vinha em ondas. A vibração noturna não tinha nada a ver com as corridas. Tampouco havia corridas à noite. Não voltou a falar do assunto com sua família. Quando a viam sair da calçada e ficar de cócoras no meio da rua, olhavam para ela com uma curiosidade preguiçosa, vez ou outra a avó dizia cuidado, por causa dos carros.

Adela a encontrou uma vez na rua, quando voltava da pizzaria com Betty. Vicky não tinha falado do zumbido com seus amigos, ainda não: sentia medo de nomeá-lo, era como admitir que existia de verdade. Por fim ela contou e

Adela se pôs a olhar para todos os lados, como se o zumbido pudesse ser visto, como se fosse uma sombra no ar. Betty a obrigou a ir para casa, comer a pizza, mas depois deixou que ela encontrasse Vicky de novo. Era verão. Naqueles meses, ficava mais permissiva.

— Eu acho que vem da casa — disse Adela. — A casa ali da esquina, a da Villarreal.

Vicky se viu refletida nas pupilas de Adela, e o medo que já sentia, que nunca ia embora, se intensificou como se tivesse sido injetado em suas veias.

— Você já tinha percebido — disse Adela, triunfante. — Vamos ver se vem de lá.

E a agarrou pelo braço. Vicky pensou: não a conheço. Não sei quem é essa garota.

— Não. Eu tenho medo. Me solta!

Não precisou brigar. Adela a soltou imediatamente. Sua testa estava suada. Não era incomum, com aquele calor.

— A casa dá medo, viu? Você sabe o que dizem, né? Se você entrar e ficar para dormir, parece que tem um monte de quadros ao redor. Retratos. Você pensa, que estranho, mas como está escuro porque não tem luz, não dá para ver bem. Além disso a casa dá sono. Uma vez minha mãe me levou a uma curandeira e dava sono também.

— Ela te levou a uma curandeira? Por quê?

— Não me lembro bem, mas acho que não conseguia dormir à noite, então essa senhora me fez dormir. Mas o negócio é que você dorme na casa e, quando acorda com a luz do dia, vê que não tem retratos em volta.

— E?

— E, se não eram retratos, as caras eram de gente doente. Gente que fica te olhando enquanto você dorme!

Vicky teve vontade de chorar, e Adela pareceu perceber, mas não parou. Como se estivesse brava, como se a estivesse castigando.

— Você nunca viu, quando passa na frente, a velha com a boca aberta na janela?

— Não mora ninguém na casa — disse Vicky, em voz baixa.

— Vai ver a velha entra lá, não? E como você sabe que não mora ninguém? Tem gente que mora em casas abandonadas. Mendigos. No cemitério de geladeiras também mora gente. Gaspar não quer me levar, você acha que ele vai me levar à casa da Villarreal? É o que eu mais quero na vida.

— Não sei — respondeu Vicky, e disse a Adela que agora ela tinha que ir jantar. Correu para casa enquanto sentia o nó na garganta e, no entanto, a ideia daquela casa abandonada crescia em algum lugar em sua cabeça, a ideia de seguir aquele zumbido e comprovar que vinha de lá, uma colônia de insetos, um formigueiro, as moscas que esfregam as patas como se planejassem um ataque antes de se lançarem sobre a carne podre.

* * *

Haviam se passado dois dias do Ano-novo, a maior parte do comércio do bairro e da avenida estava fechada para férias, e Gaspar sabia que nesse verão não viajaria com Vicky. Os Peirano partiriam em dez dias, de carro, e ficariam até o início de fevereiro em uma chalé nos arredores de Esquel. O incomum é que Betty e Adela os acompanhariam, não passariam o verão na quinta dos avós, como sempre. Tinham alugado uma kombi adaptada para irem todos juntos. Eles tinham falado da Patagônia, as florestas, o deserto, os lagos, e Gaspar sentiu uma pontada de inveja, mas seu pai havia pedido — não tinha ordenado nem o obrigado: tinha pedido — que ficasse com ele. Gaspar entendeu imediatamente. Seu pai mal dormia e mal comia, tinha dificuldade

de andar até o banheiro, precisava parar várias vezes para recuperar o fôlego enquanto andava. Depois passava muito tempo na banheira e deixava Gaspar falar com ele enquanto descansava na água morna, com a porta entreaberta. Naqueles dias de calor e doença, eles se entendiam muito mal e muito bem. Gaspar ouvira a médica dizer, em uma das visitas, que ele precisava ser internado, que era uma loucura ficar em casa, e seu pai tinha percebido que estava ouvindo porque em seguida veio a porrada da porta e depois, quando ela foi embora, uma bofetada que fez seus lábios sangrarem e a advertência de que nunca, nunca mais fique me ouvindo escondido. Dormia com oxigênio todas as noites e deixava a barba crescer e quase nunca soltava seu caderno, onde desenhava símbolos que Gaspar também não ousava espiar. Uma manhã ele o encontrou no banheiro tentando fazer a barba, com as mãos trêmulas e um corte no queixo, que sangrava, e Gaspar sentiu com convicção e força que aqueles eram os últimos dias de seu pai. Em vez de se assustar e chorar — era isso que ele queria fazer, pedir por favor que se curasse, dizer a ele que não sabia como ficar sozinho —, entrou no banheiro, tirou o barbeador da mão dele e limpou-lhe o queixo primeiro com uma toalha úmida, depois com álcool.

— Ficou pela metade — disse. — Não sei fazer barba, mas se você quiser eu tento.

Seu pai disse que não se importava, mas Gaspar insistiu: você está com barba na metade do rosto, um horror. E o ajudou a levantar e chegar até a cama.

Recostado nos travesseiros, seu pai disse:

— Seu tio Luis vai chegar por estes meses.

Gaspar tinha falado por telefone com o tio em seu aniversário e também no Ano-novo: recentemente tinham chegado seus presentes de todos os anos, sempre dois: uma caixa com quatro carrinhos da coleção Chevrolet Bel Air

1957 e um relógio-robô; nenhum presente superaria o Scalextric de dois anos antes que estava na garagem. A notícia o surpreendeu.

— Ele não me disse nada.

— Ele decidiu faz pouco tempo. Se separou da mulher. Sempre foi seu plano voltar quando a ditadura acabasse.

— Está um pouco atrasado.

Seu pai sorriu.

— Queria voltar com a mulher, mas não a convenceu. Vai voltar sozinho.

— Vem nos visitar?

— Ele vai ficar aqui. É preciso começar os trâmites para ele te adotar quando eu morrer.

— Não quero que ele me adote, você não vai morrer.

— Filho, não fala bobagem. Acorda.

Gaspar cruzou os braços, um pouco ofendido, mas decidiu ficar calado. Vou fazer alguma coisa para comer, disse. O pai respondeu fechando os olhos. Gaspar deu uma olhada para checar se ele tinha oxigênio e foi para a cozinha. Minutos depois, quando abriu a geladeira, sentiu o chamado de seu pai por todo o corpo. Nunca seria capaz de explicar como se sentia, era algo parecido a quando alguém se dá conta de que perdeu a carteira ou que a professora descobriu a cola, um alarme debaixo da pele e na garganta. Voltou correndo e encontrou o pai sentado na cama, pálido e brilhando de suor. Estava tentando respirar, mas Gaspar podia ouvir o ronco em seus pulmões, um som sibilante e sufocado. Sabia o que estava acontecendo com ele, já tinha acontecido antes e era uma das circunstâncias em que devia agir rápido, com todo o plano de emergência que ele, seu pai e a médica haviam preparado, uma série de passos a serem seguidos na ordem e sem perder a calma. Primeiro, foi até o pai e segurou o rosto dele entre as mãos.

— Fica tranquilo — disse. E lhe entregou o oxigênio. Não tinha conseguido se levantar para pegá-lo? Isso era muito preocupante. Seu pai obedeceu e colocou a máscara. Gaspar correu até o banheiro para buscar uma toalha e enxugar um pouco o suor, principalmente no peito e na testa. Logo depois deu prosseguimento ao plano. Primeiro, ligar para a doutora Biedma. Ela sempre atendia imediatamente, como se pudesse adivinhar de onde vinha a ligação, e chegava, se preciso, em minutos. Morava perto, mas Gaspar nunca a tinha visto na vizinhança. Talvez trabalhasse o dia todo. Em seguida, ligar para os advogados: devia avisar que seu pai estava tendo uma crise. Então ligar para Esteban. Para Gaspar essa ligação era muito mais difícil porque seu pai havia dito uma vez: ele é o único que sabe o que fazer com você e comigo se eu morrer. Esteban demorava um pouco mais que os outros a atender.

— Ele consegue falar? — perguntou.

Gaspar olhou para o pai, sentado, com os olhos fechados e aquele som desesperador da respiração que soava molhada.

— Não — respondeu.

— Espero na clínica, então.

E desligou. Gaspar se sentou ao lado do pai e segurou a mão dele, que tremia. Não havia nada que ele pudesse fazer além de ficar ali e impedi-lo de se deitar, porque, caso se deitasse, seria pior, ficaria completamente sem ar. As pontas de seus dedos já estavam azuis. Gaspar se concentrou em distinguir o barulho do motor da ambulância, que chegava sempre em poucos minutos, a espera nunca demorava mais que cinco. Tudo estava bem organizado. A doutora Biedma dizia que eles precisavam ter uma enfermeira permanente, e Gaspar concordava, mas tinha escutado seu pai dizer, calmamente, se trouxerem uma enfermeira, sabe do que sou capaz.

Sabia como seriam os próximos dias: os quinze minutos ao meio-dia e os quinze minutos à tarde de visita na UTI, esperar que o transferissem para um

quarto comum, a recuperação lenta e o mau humor; Gaspar se sentiria vivendo dentro de uma bolha de plástico, isolado, capaz de ouvir e ver tudo, mas flutuando, como se pisasse na ponta dos pés e seu corpo fosse mais leve e precisasse se esforçar para não perder o equilíbrio. Acariciou as costas do pai. A garganta de Gaspar doía como se ele estivesse tentando engolir uma noz inteira, e então ouviu o motor da ambulância: nunca vinha com a sirene ligada.

— Volto já — disse, e desceu correndo para abrir a porta para a médica e os enfermeiros. Eles subiram as escadas rapidamente, e Gaspar esperou na rua. Não queria ouvir nem ver mais nada. Seria suficiente acompanhá-lo na ambulância, os cabos, as máquinas, as explicações dos médicos que o tratavam como idiota, as corridas e as desconfortáveis cadeiras da clínica.

Chegaram muito rápido porque era de noite e a clínica também ficava próxima. Gaspar foi sentado na frente, ao lado do motorista; não permitiram que ele acompanhasse o pai, e ele não discutiu. Saltou assim que chegaram, mas a maca entrou veloz e as portas da emergência bateram na sua cara; teve que empurrá-las para entrar e se viu sozinho, não sabia por qual corredor seu pai tinha sido levado nem se o tinham enfiado no elevador; sem perceber, quase cobriu os olhos com as mãos, a luz fluorescente lhe doía, os canteiros com flores de plástico o incomodavam, o piso plastificado, o cheiro de desinfetante, as pessoas com gestos exaustos naquela madrugada de calor. Ninguém se aproximou dele até que ouviu a voz tranquilizadora de Esteban, muito próxima:

— Gaspar, estou aqui. Temos que esperar no terceiro andar.

Subiram no elevador em silêncio. Esteban estava despenteado e com a camisa amassada. Chegaram à pequena sala de espera da UTI e durante horas Gaspar viu enfermeiras e enfermeiros vestidos de verde entrarem e saírem até a doutora Biedma aparecer, com seu cabelo bem curto e uniforme branco.

Parecia tranquila e, antes de olhar para Gaspar, disse que sim com a cabeça para Esteban. Gaspar falou primeiro.

— Posso entrar para vê-lo?

— Agora não. Amanhã. Ele está sedado, descansando. Gaspar, seu pai teve um edema agudo no pulmão, sabe o que isso quer dizer ou quer que eu explique?

— Já sei o que é, ele teve isso antes, e você me explicou. Eu não me esqueço das coisas.

E então ela se dirigiu a Esteban e disse que o estado de Juan era muito grave, que felizmente — Gaspar estimava aquele “felizmente” — tinha sido causado por uma arritmia, que iriam testar novos medicamentos e que a insuficiência cardíaca estava descompensada. Depois, com uma intimidade — conheciam-se tão bem assim? — que surpreendeu Gaspar, colocou uma das mãos no ombro dele e disse: vocês não precisam ficar aqui, mas vão para algum lugar que tenha telefone. Esteban respondeu que estariam na casa de Juan. Antes de voltar para a UTI, ela disse a Gaspar: você se saiu muito bem, querido. Muito calmo e, acima de tudo, muito rápido.

— Você acabou de dizer que o estado dele é grave.

— O estado do seu pai é muito grave, Gaspar, mas ele poderia já estar morto.

Gaspar tinha cruzado os braços e estava olhando para a médica com uma irritação que ele não entendia de onde vinha, uma raiva que mal podia conter; não quis continuar conversando. Seguiu Esteban até seu carro, uma Mercedes cinza. O estacionamento da clínica era muito grande, e o barulho das chaves fazia eco. Esteban mal havia falado com ele na sala de espera, apesar de terem passado horas lá. Nunca falava muito com ele. Gaspar se acomodou no banco do carona e pensou no pouco que sabia sobre o melhor amigo de seu pai. Trabalhava no consulado da Espanha; certa vez havia lhe explicado que era

como uma embaixada, mas menos importante. Tinham se conhecido na Europa, quando sua mãe estudava na Inglaterra. Não tinha família, não era casado. E isso era quase tudo o que Gaspar sabia sobre ele.

— Por que não vamos para a sua casa? — perguntou.

Esteban ligou o carro, depois acendeu um cigarro e disse:

— Porque teu pai não quer que tu saibas onde eu moro.

A sinceridade da resposta surpreendeu Gaspar; ficou olhando para Esteban, que fumava sem pressa de dar partida no carro.

— Sério?

— E por acaso tu achas estranho? Vamos lá, para a tua casa, então.

Já havia amanhecido, e Gaspar colocou a mão sobre os olhos, à guisa de viseira, para evitar o sol: ele não comia há horas, o que poderia provocar uma dor de cabeça. Disse isso a Esteban, que, rapidamente, estacionou em frente a um bar para tomarem café da manhã. Não sabe o que fazer comigo, pensou Gaspar, e está muito preocupado. Apesar de estar com fome, teve dificuldade para engolir a *medialuna*. Tomara que morra, pensou. Tomara que o papai morra de uma vez e tudo isso acabe e eu possa viver com o tio ou com Vicky ou sozinho em casa e não precise mais pensar em quartos trancados, vozes na cabeça, sonhos de corredores e mortos, famílias fantasmas, pálpebras em caixas, sangue no chão, aonde ele vai quando sai, de onde ele vem quando volta, quem dera eu pudesse parar de amá-lo, esquecê-lo, tomara que morra. A *medialuna* desceu pela garganta com dor. Esteban tomou seu café preto de um gole só e voltou a fumar. Pagou sem chamar o garçom, deixou o dinheiro sobre a mesa e fez um sinal para que Gaspar entrasse no carro e o esperasse: precisava fazer uma ligação do telefone público do bar. Deve ser para seu trabalho, pensou Gaspar, mas e se ele estivesse avisando alguém sobre seu pai? Não teve tempo de conferir: Esteban voltou ao carro muito rápido, a conversa tinha durado poucos minutos. Com a mesma rapidez chegaram a sua casa: havia pouco

trânsito, mas além disso Esteban dirigia com precisão e certa brutalidade arriscada que encantou Gaspar. Continuaram sem se falar. Mas quando entraram na casa, Esteban disse:

— Durma um pouco, eu te acordo se alguém telefonar.

— Por que você não fala como argentino? — perguntou Gaspar, enquanto tirava os tênis. Estava sem sono.

— Nunca consegui me acostumar direito. Ainda me perco em algumas estruturas, ou melhor, elas se misturam. Tu e eu nunca conversamos muito.

— Por quê?

— Porque tu és uma criança. Não me dou bem com crianças.

Gaspar assentiu e depois:

— Não acredito em você. Bem, talvez você não se dê bem com crianças, mas eu não sou criança. Ele não quer que você fale comigo. Eu sei. Não entendo a razão, mas eu percebo.

Esteban não pareceu se incomodar. Gaspar chutou os tênis e atravessou correndo a sala de estar até seu quarto. Sentou-se na cama. Não conseguiria dormir. Não sabia o que fazer. Esteban apareceu na porta do quarto: o havia seguido.

— Tu tens muitos discos — disse.

— Comprei um aparelho de som no Natal e alguns discos são meus, mas a maioria era da minha mãe.

— Queres ouvir música?

Gaspar tentou permanecer ofendido, mas Esteban também parecia desconfortável e estava tentando ser gentil. Não é culpa dele, pensou Gaspar. É culpa do papai e de sua loucura.

— Ainda não testei as caixas de som porque papai se incomoda com a música, ele não gosta, sei lá. Ele sempre foi assim?

Esteban se sentou no chão e pegou metade da pilha de discos. Apoiou-os sobre as pernas cruzadas. É muito mais jovem do que parece, pensou Gaspar.

— Quando éramos mais novos, tua mãe e eu escutávamos muita música. Era ela quem comprava os discos e ia aos concertos. Ele sempre preferiu o silêncio e, desde que ela se foi, bem, a música o faz lembrar dela, suponho. Sabes quais eram as canções favoritas de tua mãe?

— Ela marcou algumas. Papai não me diz nada.

Esteban vasculhou a pilha de discos e colocou alguns escolhidos a seu lado. Gaspar apontou para o *Ziggy Stardust*.

— Eu amo esse. Ela fez várias anotações nele.

— Este artista era amigo da tua mãe. Amigos, bem, do jeito que podíamos ser naqueles anos, mas eles se conheciam. Ele ficou famoso logo, e eles pararam de se ver.

— Acho que ele não é conhecido aqui.

Esteban colocou um disco do Led Zeppelin.

— Quando a tua mãe gostava muito de uma canção, e ela gostava muito desta, ouvia várias vezes até nos deixar malucos.

Gaspar olhou a anotação ao lado do título. Havia uns dez pontos de exclamação, em vermelho.

— Eu não faço isso — disse Gaspar. — Não sei se gosto tanto de música. É esquisito? Gosto mais de filmes. Ou de livros. E você?

— De música? Nem tanto.

— E do que você gosta?

Esteban pensou.

— De casas — disse. — De arquitetura.

— Como o meu tio.

— Ah, este disco. Enviei para a tua mãe de Barcelona quando foi lançado. Tu devias ter menos de um ano. Não sei como chegou são e salvo.

— Você mandou por correio?

— Com algumas outras coisas.

— A mãe da minha amiga Vicky gosta muito de Serrat.

— E tu não?

— É um pouco chato.

— É muito chato. No entanto aqui há uma canção bem bonita, uma das preferidas da tua mãe. Se achares chato colocamos outro.

Stephen se deteve em várias capas, mas se surpreendeu quando chegou a *Space Oddity*.

— Esse foi todo marcado pela mamãe. Olha, ela anotou umas coisas ao lado do título de cada canção.

— Já sabes ler inglês?

— Sim, mas essa letra é difícil.

— O garoto dos olhos selvagens de Freecloud. Vamos ver. “A aldeia não detectada pelas estrelas”. Vamos escutá-la.

Gaspar tentou entender a história, mas era difícil mesmo com a ajuda de Esteban. Um jovem enforcado, que ia para o cadafalso sorrindo. “É a loucura em seus olhos”. Um dia que terminava para alguns, uma noite que começava para um. Viu como Esteban sacudia a cabeça e virava o disco para colocar outra canção. “A Letter to Hermione”.

— Esta é para a namorada dele?

— Isso mesmo, e é uma namorada de verdade, também. Uma garota belíssima. Tu já tens namorada, Gaspar?

— Tinha, mas não me apaixonei nem nada.

— E como é isso?

— Não fico triste quando penso nela, como na canção. Esta canção é bonita, mas os instrumentos são feios.

— Muitos deveriam regravar a discografia inteira. Não envelheceu bem. É sempre triste se apaixonar.

— E você?

— Não estou namorando, não.

— Você quer?

— Não, é complicado demais.

— É complicado por conta dos que as pessoas falam e tal? Tratam você mal? Papai diz que são todos preconceituosos e que as pessoas são estúpidas.

— Eu não me importo com o que as pessoas falam, mas se apaixonar é uma confusão terrível, Gaspar. Nisso tens razão.

— Você não está apaixonado pelo meu pai?

Esteban sorriu. Não parecia surpreso. Tinha sido duro para Gaspar fazer aquela pergunta, tanto que estava com os punhos fechados e olhava pela janela.

— Que estás dizendo? Não.

— Mas tem alguma coisa. Eu gostaria que ele, não sei, não gosto que ele esteja sozinho.

Esteban olhou para ele com franqueza, mas não disse nada.

— A mamãe gostava muito dessa canção?

— Também gostava de coisas mais alegres. Vamos ver o que temos aqui.

Escutaram música durante duas horas. Rolling Stones, Beatles — que para Gaspar parecia música de criança, e disse assim mesmo a Esteban, que assentiu e disse passemos então a coisas mais sérias —, Donovan, Leonard Cohen, Bob Dylan, Pink Floyd, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Led Zeppelin, Caetano Veloso, Maria Bethânia. Gaspar foi para a cama vestido enquanto Esteban colocava canções e, num dado momento, pediu que ele baixasse um pouco o volume porque começara a bocejar. Gaspar fechou os olhos ouvindo uma mulher que cantava em português: *Para além dos braços de Iemanjá / Adeus, adeus...*

* * *

Os dias se passaram como costumavam passar quando seu pai estava internado; Gaspar se sentia livre e preocupado, sensações que, intuía, não deviam andar juntas. As breves visitas, o pai semissentado e adormecido, alguns pacientes reclamando ao redor, lavar as mãos antes de entrar, ouvir a médica antes, depois dizer o de sempre: as primeiras 24 horas são as mais importantes, estamos testando uma medicação nova. Depois da primeira visita, Esteban o deixou na casa de Vicky. O que vai acontecer quando eles saírem de férias, perguntou. Eles viajam dentro de dez dias mais ou menos. Adela e Betty vão com eles. Como vai ser se o papai não tiver saído da clínica. Sairá, disse Esteban. Gaspar não discutiu. Passava o dia com Vicky e Virginia, que tinha ganhado de Natal um presente simples, um brinquedo de plástico em forma de lupa mas sem vidro que, acompanhado por um baldinho de água com sabão, servia para fazer bolhas. E ela passava o tempo todo fazendo bolhas de sabão, sob o olhar curioso das cachorras.

Gaspar ia à clínica todos os dias: às vezes Esteban passava para buscá-lo, às vezes a mãe de Vicky o levava, às vezes o motorista de seu pai o pegava. Ele queria ir sozinho, mas não o deixavam, pelo menos até que seu pai estivesse melhor. Esteban tinha sido bem claro: estás sob minha responsabilidade e não te deixarei sozinho pela rua. Não me importa que sejas o rei da bicicleta.

Ao quinto dia, a médica decidiu que seu pai podia ir para o quarto, e Gaspar se preparou para a insistência em deixar a clínica. Seu pai odiava as camas, pequenas demais para sua estatura, odiava o desconforto e os horários e os barulhos, e ficava tão nervoso que muitas vezes tinham decidido dar alta para ele somente porque o estresse impedia a sua recuperação. Mas a doutora Biedma era disciplinada e surda aos caprichos. Você vai ficar porque não é você

quem decide, disse a ele uma tarde, enquanto Gaspar fingia olhar pela janela para que seu pai não visse que estava sorrindo.

Gaspar respeitava o horário de visita, o horário da tarde, porque passar mais tempo na clínica o entediava. Esteban tinha se encarregado de levar para Juan as roupas, os livros e os cadernos que ele queria e dos quais precisava, de maneira que a Gaspar só restava esperar.

— Não precisa vir todos os dias — disse seu pai em uma visita. — Fica na casa da sua amiga, brinca com ela. Eles têm uma piscina, não têm?

— Já fui à piscina hoje. O sol está muito forte, me deu dor de cabeça. Posso deitar um pouquinho aqui?

Como sempre, seu pai não dividia o quarto; havia outra cama, vazia mas feita. Esteban dormia nela algumas noites. Às vezes, uma enfermeira contratada para não o deixar sozinho ou mesmo a doutora Biedma, que, em momentos de crise, se dedicava exclusivamente a seu pai, também usavam a cama. Deviam pagar uma fortuna a ela.

Seu pai mudou de atitude e com a mão pediu que ele se aproximasse.

— Por que você não me disse antes?

— Acabou de começar, é só um incômodo no olho, se eu dormir, passa.

Tocou a campainha a seu lado, acima do travesseiro, para chamar a enfermeira. A mulher, vestida de azul-claro, chegou imediatamente. Meu filho está com enxaqueca, disse, e pediu alguma coisa para aliviar a dor; ela saiu novamente e voltou com um copo de água e um comprimido. Entregou a ele também um lenço úmido e muito frio para colocar na testa. Gaspar o usou como capuz, sobre a cabeça, e a enfermeira sorriu antes de sair.

— Já para a cama.

Gaspar não obedeceu e se sentou no colchão da cama do pai. Acariciou a mão dele com cuidado. Dessa vez estava com cabos de soro ou medicação fincados nos dois braços, a pele coberta de hematomas, alguns já esverdeados.

Gaspar ajeitou o lenço frio na cabeça e estudou o rosto do pai. Parecia mais cansado do que nunca; notou que o plástico duro do tubo de oxigênio estava machucando a pele delicada do nariz. Ficou surpreso quando a mão que ele acariciava se soltou da sua e, segurando-o pela nuca, gentilmente, o obrigou a se deitar. Gaspar descansou no ombro do pai. Não se levantou quando Esteban entrou; com a extrema sensibilidade que acompanhava suas enxaquecas, sentiu o leve cheiro de cigarro. O analgésico o fez dormir um pouco e acordou apenas quando Esteban o carregou nos braços e o deitou na outra cama, no colchão duro, a cabeça apoiada no travesseiro frio.

Não adormeceu imediatamente: queria aproveitar o frescor do travesseiro. E ouviu, como em um sonho, Esteban e seu pai conversando.

Já consegui o que preciso e também já sei qual é o sacrifício necessário.

O esforço quase te matou.

Eu consegui, finalmente me deram. Espero completar o signo sozinho por estes dias.

— Que sacrifício? — perguntou Gaspar de repente, e os dois homens olharam para ele boquiabertos, com uma surpresa que os fez parecer muito jovens e muito distantes do cansaço, do oxigênio, da clínica ao entardecer. Havia um assombro quase cômico em seus rostos.

— Ouviste? — perguntou Esteban.

— Não estou dormindo — disse Gaspar, rindo.

— Merda — disse Juan.

— Tu sabias disso? — perguntou Esteban.

— Você está de brincadeira? É claro que não. Dê um jeito.

— É fácil falar. Dê um jeito. Está bem.

— Do que vocês estão falando? Que sacrifício?

Esteban se levantou e se aproximou de Gaspar. Instintivamente procurou um cigarro no bolso de sua camisa e estalou a língua quando lembrou que não

podia fumar no quarto.

— É que o idiota do teu pai está falando bobagens sobre como o teu tio terá que cuidar de ti quando ele passar desta para melhor, o sacrifício que será para ele. Escuta, eu o conheço há vinte anos, e ele está morrendo desde aquela época, de maneira que o sacrifício será nosso, porque teremos que continuar a aguentá-lo.

Gaspar riu. O analgésico o tinha dopado um pouco.

— Devemos ter mais cuidado por alguns dias — disse Esteban. — Porra.

* * *

Gaspar mergulhou na piscina de Vicky e, em cinco braçadas, chegou ao final. Era ótima para se refrescar, mas não servia para nadar. Precisava esperar que a do clube abrisse, em março, para voltar a nadar de verdade. Estavam os quatro na piscina. Pablo submerso até o pescoço, Vicky em cima de uma boia com suas sandálias de plástico, Adela andando pela parte rasa, com um maiô fúcsia.

— Ela estava superassustada, mas eu a levei do mesmo jeito, de dia a casa é diferente. E eu juro que o zumbido vem de lá.

— Vai ver é um gerador, cai muito a luz — disse Gaspar.

— O que é um gerador?

— É como um motor que gera eletricidade, alguns comércios têm gerador para que a mercadoria não estrague quando há apagões. Como a casa está abandonada, talvez tenham colocado um gerador no pátio.

Pablo enfiou a cabeça embaixo d'água para molhar o cabelo e penteá-lo para trás. Estava grande e muito enrolado.

— Se vocês querem tanto entrar lá, por que não entram e pronto? — perguntou.

— Temos medo de ir sozinhas — disse Vicky.

Gaspar suspirou.

— Vocês encheram a cabeça com as coisas que as pessoas do bairro dizem sobre a casa.

— Você não tem medo dela? — perguntou Adela. — Minha mãe diz que é estranho você não ter medo.

— Tenho um pouco de medo — disse. — Eu também estou sugestionado.

— Você sabe de alguma história? — quis saber Vicky.

— Existem muitas — disse Pablo. — Minha mãe diz que os donos taparam a casa porque não queriam que ninguém entrasse, porque aconteceram coisas horríveis com eles lá. Não quis me dizer quais eram as coisas horríveis.

— Adela não ouve o zumbido — disse Vicky. — Mas é mau. De verdade, é mau. Não é um gerador. É algo vivo. Às vezes eu acho que canta. Nenhum de vocês ouviu?

Pablo e Gaspar responderam, sinceramente, que não. Gaspar pensou também que, se tivesse ouvido alguma coisa, não contaria na frente de Adela. Não queria entusiasmá-la ainda mais.

Gaspar saiu da piscina e não aceitou a toalha que Pablo lhe ofereceu. Preferia se secar ao sol.

— Eu levo vocês — disse. — Quando meu pai sair da clínica.

Adela começou a pular na água, tão insanamente feliz como se dissessem que ela tinha ganhado um lindo prêmio. Como se lhe tivessem anunciado que, graças a uma descoberta científica até então desconhecida, ela poderia recuperar o braço.

— Nós vamos viajar daqui a alguns dias — disse Vicky. — Seu pai vai sair logo?

— Não sei. Se ele não sair, fazemos isso quando vocês voltarem.

— Eu vou com vocês — disse Pablo.

— Você tem medo.

— Todos nós temos medo — suspirou Pablo. — Acho que, se a gente entrar na casa, o medo vai passar.

* * *

Estava internado há dez dias e tinha se recuperado mais rápido do que a doutora esperava, foi o que uma enfermeira lhe disse. Já estava louco para ir embora e tinha dito a Gaspar que este ano eles passariam uns dias numa quinta. Na quinta de quem, quis saber Gaspar. Tecnicamente, da sua mãe. Ou, melhor dizendo: tecnicamente sua. Da sua família materna. Vocês não se dão supermal?, perguntou Gaspar, e seu pai disse que sim, que se davam supermal, por isso nunca os vemos, mas não irão me negar um lugar para me recuperar. Esteban iria acompanhá-los e talvez Tali, se pudesse vir. Gaspar não via Tali há muito tempo; ela telefonava com frequência, mas seu pai sempre se trancava para falar com ela. A doutora Biedma o visitaria diariamente, e haveria uma enfermeira o dia inteiro. Tem piscina, disse seu pai, e cavalos também, o caseiro pode te ensinar a cavalgar. Gaspar gostou da ideia. Seu pai já tinha superado o momento afetuoso do dia da dor de cabeça e estava tratando todo mundo mal. Gaspar estava acostumado, mas preferia não ficar perto dele. Como odiava aqueles filmes e novelas com doentes heroicos que aguentam o sofrimento calados e encorajam os demais. Ele conhecia os hospitais e doenças o suficiente para saber que a maioria dos doentes eram mandões e mal-humorados, e que tentavam fazer com que os outros se sentissem tão mal quanto eles.

Sua última lembrança antes de partir para a quinta era o carro. Entrar no carro com o motorista, com a doutora e com Esteban. Tinha perguntado pelo pai, que viajava em outro carro, apenas com a enfermeira, para ficar mais confortável. Achou estranho, mas Gaspar sabia aceitar o estranho. Quis saber

quanto tempo faltava para Chascomús, e lhe disseram menos de duas horas. E quando deixaram a cidade, adormeceu.

Agora ele acordava em uma cama desconhecida, uma cama de casal, num quarto muito grande que, quando ele tentou examinar melhor, virando a cabeça, tudo começou a rodar; a tontura o deixou imóvel, de barriga para cima. A dor era diferente: não era uma enxaqueca, vinha de fora, como se dois ganchos de ferro repuxassem suas têmporas, e se deu conta de que estava nu debaixo da coberta e dos lençóis. Uma coberta em pleno verão? Eles não iam para Chascomús? Não era longe, o clima não mudava. Levantou as cobertas e tentou se concentrar: não era uma tontura comum, parecia a vez em que ele e Pablo encheram a cara de licor de café. Daquela vez ele vomitou, e Pablo riu, chorou e acabou vomitando também. Era melhor não mexer a cabeça: tinha aprendido isso. A dor era forte, mas de maneira alguma pior do que aquilo que ele já sabia aguentar.

Seus braços estavam cheios de roxos. De todos os tamanhos, mas, entre os ombros e os cotovelos, os roxos sem dúvida tinham sido provocados por mãos: alguém o agarrara. Alguém o tinha segurado.

no chão, não, numa mesa, uma mesa escura, diversas mãos enquanto ele lutava, o que queriam fazer com ele?, não conseguia se lembrar, mas das mãos, sim

Um dos hematomas em forma de mão se parecia muito à marca, à queimadura, que seu pai tinha no braço. Era quase no mesmo lugar. É a mão dele, pensou Gaspar, são dedos dele, eu os conheço.

não só os conheço, eu os sinto, é a mão dele, ele também tentou me segurar, por que queria que eu ficasse parado, para onde eu queria fugir

Quase gritou quando viu o resto do corpo, o peito, a barriga. Estava cheio de arranhões e hematomas; não compreendia o que o teria machucado assim. Não estava sangrando porque alguém tinha curado as feridas e, além disso, elas não eram muito profundas. Arranhões. Unhas? Ficou preso em algum lugar, e

esses machucados foram feitos na hora de puxá-lo? E as pancadas no peito e nas costelas?

Tenho que fugir, pensou. Estou pelado porque não querem que eu fuja, mas eu não me importo em passar vergonha, tenho que ir. Sequestrado, talvez. Não reconhecia nada no quarto, suas roupas não estavam lá. Mas tampouco estava amarrado. Saiu da cama e, ao pisar no chão, a porta se abriu — ouviu a chave — e seu pai entrou, seguido pela doutora Biedma.

E então a certeza ficou tão clara quanto saber que tinha cinco dedos em cada mão ou que os dentes eram usados para mastigar ou que a sombra era mais fresca que o sol. Bastou olhar para o pai para saber que ele era o responsável, para saber que ele o atacara. Não tinha sido sequestrado por desconhecidos. Não conseguia se lembrar por quê, não conseguia imaginar por quê, mas era a verdade: ele o tinha machucado. Viu o pai satisfeito. Fazia tempo que não via aquela expressão nele, a boca relaxada e sorridente.

Primeiro, tratou de voltar para a cama; não sentiu vergonha de que a médica o visse nu. A janela estava próxima, mas tinha grades. Se quisesse fugir, teria que sair pela porta e passar entre seu pai e a médica. Pensou que deveria tentar uma fuga inteligente, conversar com eles, enganá-los e, uma vez do lado de fora, correr, mas algo básico lhe gritava que estava em perigo e todo seu corpo se tensionava de medo e antecipação.

Pulou da cama, mas foi um movimento inútil, e ele sabia disso, iriam bloquear sua passagem. Precisava tentar ainda que fosse preciso lutar a dentadas. Não conseguiu ficar de pé: a dor em um dos pés o deixou de joelhos. Só então viu que o tornozelo estava inchado como uma bola de tênis. Era uma entorse, sabia identificar porque tinha visto isso acontecer com colegas do futebol e, além disso, se estivesse quebrado, estaria engessado. Ouviu a médica dizer está assustado; ela tentou colocá-lo na cama, e Gaspar resistiu como um gato, tirou-a de cima com um empurrão e a atacou diretamente no rosto; ela

teve que usar toda sua força, que, Gaspar notou, não era pouca, para sentá-lo. Fica quieto ou vou ter que fazer você dormir, disse. E então ela começou a explicar o que havia acontecido — fazia isso calma e pausadamente, procurando os olhos dele —, mas Gaspar não olhava para ela, olhava para o pai, que estava de braços cruzados com uma tranquilidade assustadora. Por que ele não se aproximava? Por que não a fazia parar? A doutora continuou falando, e Gaspar agora sim escutava, porque era melhor saber, sempre é melhor saber. Ela disse, pacientemente, que ele estava machucado porque tinha sofrido um acidente. Um acidente de carro, dois dias atrás, quando estavam vindo da clínica para esta quinta. Estamos numa quinta, explicou. A quinta para onde estávamos indo encontrar seu pai: o carro bateu na estrada. Esteban também está machucado, mas não tanto como você. Eu não tive nada por puro acaso. De qualquer forma, você não tem nenhuma fratura nem sofreu uma pancada grave, embora tenha batido a cabeça, e por isso tivemos que deixá-lo em observação no hospital.

Não estive em hospital nenhum, disse Gaspar. Ela insistiu: esteve sim. Você não se lembra do acidente nem da internação. É comum ter períodos de amnésia após uma concussão, mesmo que tenha sido leve. É possível que você vá se lembrando aos poucos ou que nunca se lembre.

Gaspar olhou fixamente para a médica e depois para o pai, que não parecia desconfortável. Agora ele sentia a humilhação encher seu rosto de sangue.

Estão dizendo que eu tenho amnésia como nas novelas. Me tratam como idiota. Então apontou o dedo para o pai, que permanecia impassível. Foi você, gritou. Você me machucou.

Seu pai finalmente falou. Devagar, como a médica. Os hematomas são de quando tiramos você do carro. As pancadas, da batida. Eu não estava dirigindo, não machuquei você.

Mentira, disse Gaspar, e voltou a sair da cama. Era horrível apoiar o pé, mas ele tentou. Deu três passos: a médica, seguindo um comando mínimo de seu pai, apenas um gesto com a mão, permitiu que ele se movesse. Gaspar chegou até a porta pulando: do lado de fora, no corredor, estava Esteban, com um curativo no pescoço e o braço esquerdo — vestia uma camiseta escura de manga curta — repleto de arranhões ensanguentados. Quando o viu, Gaspar hesitou: e se o acidente fosse verdade? Não. Amnésia, eles tinham dito. Não podiam mentir daquele jeito para ele, eram ridículos. Agiu rápido: de um lado, o corredor levava a outros quartos, mas à direita havia luz, um pátio? Correu. Agora não doía pisar. Seu professor de educação física sempre dizia que não se devia correr lesionado, que não se sentia dor por causa da adrenalina, mas ele não ligou. Não era um pátio: era uma sala iluminada, com uma enorme janela com dois tipos de vidro, um translúcido, o outro mostarda, na forma de um tabuleiro de damas; o piso do lugar, ele chegou a ver enquanto corria, era de cerâmica e formava desenhos como os de um caleidoscópio. A porta estava aberta e dava para um parque. Antes de acelerar tudo o que podia — estava mancando, não conseguia correr —, Gaspar ouviu o pai gritar deixe-o! e pensou que o grito certamente era dirigido a Esteban, que, ele achava, o estava seguindo. Do lado de fora, seguiu por um caminho de concreto até uma mesa com cadeiras, todas feitas de pedra, decoradas com azulejos quebrados, e depois uma árvore com uma rede e depois o limite do parque, cercado por um arame que, apesar de machucado, ele não teve dificuldade de abrir e atravessar. Então, campo aberto, um descampado, melhor dizendo, e Gaspar correu tudo o que pôde, que não era muito, o pé o fazia gritar, enquanto corria, ele se lembrava, *estava sobre uma mesa, e seu pai em outra e havia gente, não muita, parecia algo médico, uma operação, seu pai parecia estar dormindo, ele tentava acordar mas não conseguia, não enxergava direito os rostos das pessoas, ou estavam longe demais?*

Lembrou que alguém o segurava pelos braços, com força, como se os dedos fossem de metal, dedos que se fechavam em seus braços. Talvez estivesse no carro?

Não, a história do carro era mentira. Ainda se sentia sujo sob a pele, não conseguia explicar, haviam injetado óleo nele? Olhou para os braços. Tinha marcas de agulha. Correu. Torceu o pé novamente e caiu, e quando tentou se levantar não conseguiu, a dor agora o paralisava. Não fazia sentido rastejar. Tinha caído de boca, os lábios estavam sangrando, se virou. Olhou para o céu. Estava cinza-escuro, uma massa compacta sem nuvens que parecia muito próxima, prestes a esmagá-lo. Apenas uma vez tinha visto um céu assim, na cidade, e daquela escuridão baixa tinha caído um forte granizo, pedaços de gelo, alguns tão grandes como bolas de golfe ou ciriguelas. Todo o seu corpo doía e ainda mais por causa da queda e o pé queimava mas ele tentou se levantar novamente quando o rosto de seu pai surgiu, seus olhos transparentes e mimetizados com o cinza do céu. Gaspar gemeu ao tentar se levantar e caiu de novo, de costas. Queria acreditar na história do acidente e da amnésia, mas, com uma certeza que reconheceu e que não pretendia deixar de lado, sabia que seu pai o tinha machucado. Profundamente e de uma maneira inimaginável, uma maneira da qual os roxos e os machucados e o galo na cabeça eram um rastro mínimo e superficial.

Não conseguiu se levantar: a dor no pé o fez perder o equilíbrio. E então seu pai, com uma força surpreendente — não estava morrendo?, não deveria estar fraco? — o segurou no chão, na grama, apoiando a mão imensa sobre seu peito, uma pata de elefante, a roda de um caminhão.

— Gaspar, não vou discutir o que você está sentindo. Mas eu não te machuquei. Estou protegendo você o melhor que posso e até onde sei.

— Está me protegendo do quê?

Gaspar sentiu a mão de seu pai soltá-lo, ir embora, aliviar a pressão sobre seu peito, mas não fugiu. Sentou. Estava chorando e acabava de se dar conta

disso: as lágrimas encharcavam seu pescoço. Seu pai parecia calmo e frio, como antes.

— Não acredito em você — disse Gaspar.

— Tudo bem. Eu também não acreditaria em algo que não entendo. Mas preciso que confie em mim. O que eu preciso fazer para que você confie? Quando eu morrer, deixarei você protegido. É a última coisa que vou fazer, e sei que chegarei a tempo.

Gaspar viu Esteban de pé ao lado de seu pai. Olhava para cima, farejando a tempestade. Estava mudo, mas a tensão endurecia seu rosto. Tinha tirado o curativo do pescoço e a ferida — a ferida do suposto acidente — era feia, escura, com as bordas muito vermelhas. Parecia uma mordida.

— Prova, então. Se eu estive no hospital e fizeram radiografias minhas, quero vê-las.

— Está bem. Agora vamos.

Gaspar observou o pai se levantar. Esteban se aproximou, e Gaspar não aceitou seu ombro para se apoiar. A quinta ficava a meia quadra, tinha corrido muito pouco. Quis deixá-los para trás, para que não tivessem vantagem. Caiu duas vezes durante a corrida: a eletricidade da tempestade, a umidade e a pancada na cabeça o deixavam tonto. Esteban e seu pai deixaram que a vantagem fosse sua.

* * *

Esteban o levou até o quarto para que se vestisse: suas roupas ainda estavam em uma bolsa, ninguém as havia tirado ou colocado nas gavetas, que estavam vazias, e depois o ajudou a sentar no banco da frente do carro. Não desconfiava tanto de Esteban, pelo menos não tanto quanto de seu pai. A ferida em seu

pescoço de alguma forma fazia Gaspar sentir que, talvez, o tivesse defendido. Seu pai não tinha nenhum arranhão.

As mãos dele tinham crescido, as mãos imensas, tinha essa imagem, essa lembrança, de onde vinha essa imagem? Seu pai com dedos muito longos, como os de um animal? Com unhas douradas? Não quis ver. Agora o céu estava escuro, e a doutora Biedma disse o óbvio, que uma tempestade estava chegando, que deviam se apressar. Ela e o pai iam no banco de trás. Seu pai acariciava a barba curta que tinha deixado crescer. Como ele podia estar tão calmo? Gaspar se ajoelhou no banco, abraçou o encosto e espichou a cabeça: assim ficava alinhado ao rosto do pai.

— O que você fez comigo? Me diz o que você fez comigo.

Seu pai estava perdendo a paciência, e Gaspar percebeu o bafo quente do carro e o perigo no ar, a eletricidade da tempestade que arrepiava os pelos do seu braço, e por um segundo pensou em abrir a porta e se jogar na rua.

— Eu não te fiz nada. Você está enganado e é um estúpido.

— Não me chama de estúpido.

— Está se comportando como um estúpido.

— Então me ajuda.

— Eu tirei você do carro. E você se lembra.

— Mentira. Não me lembro.

Esteban pegou Gaspar pelos ombros, com força, e o obrigou a se virar e se sentar. Basta, disse. Chegamos.

Gaspar se surpreendeu, o hospital devia estar a menos de quatro quarteirões da quinta. Que perto, disse em voz baixa, e a doutora Biedma respondeu que, se não fosse assim, não o teriam levado para a quinta. E seu pai também não escolheria descansar em um lugar longe de um centro de saúde. Falou assim: “centro de saúde”. Gaspar decidiu que podia acreditar nela, e a história sobre o hospital estar próximo também lhe pareceu plausível, mas, se isso fosse

verdade, toda a história poderia ser verdadeira, então eles teriam razão; e não queria ouvir ou pensar em nada razoável, seu corpo ainda apestava a perigo e sentia que se cortasse a pele do braço apareceria uma película preta gelatinosa, sentia-se infectado, com um rio negro correndo nas veias. Levantou a camiseta para ver os machucados. O sangue, seco, ainda estava vermelho.

Esteban foi quem novamente o ajudou a subir pulando as escadas da entrada do hospital. Seu pai nem sequer tentou se aproximar, e a doutora Biedma tomou a iniciativa, mas Gaspar podia ver todos seus movimentos e escutá-la, nunca estivera tão alerta. Hospital de Agudos Pedro Galíndez, dizia uma placa, mas não informava onde ficava, onde estavam. A doutora Biedma perguntou na recepção por outra médica, uma neurologista, e, quando disse seu próprio nome, pediram que ela aguardasse cinco minutos. Gaspar continuava de pé apoiado em uma perna e em Esteban. Seu pai tinha sentado em um banco comprido, de madeira, e parecia exausto, mas Gaspar não se preocupou, sentia que tudo era uma farsa, até os lábios levemente azulados do pai e aquele hospital tão sólido e velho, uma encenação, é tudo uma encenação, pensou.

De repente ouviu batidas de martelo que rapidamente se transformaram em um tiroteio: finalmente a tempestade tinha despencado e chovia granizo, uma tempestade de verão tão forte que da porta aberta do hospital se viam os galhos das árvores arrastados pelo vento, como se fossem sugados por uma boca gigante.

A neurologista chegou muito rápido. Seus cabelos eram curtos e grisalhos. Ouviu o que a doutora Biedma tinha a dizer: está confuso, está assustado, e pediu que a acompanhassem. O consultório ficava no primeiro andar, da janela viam-se os raios e o céu negro, era noite em pleno dia. Gaspar entrou sozinho com a doutora Biedma: seu pai e Esteban esperaram do lado de fora. Nas paredes havia pôsteres de cérebros e os diplomas da doutora, que, quando

Gaspar se sentou — obrigou-o a apoiar o pé sobre outra cadeira —, disse normal, normal, normal. Gaspar pulou até as radiografias que brilhavam na parede, iluminadas por trás. Verificou se tinham seu nome e a data. Gaspar Peterson. 17/1/1986. Eram dele ou conseguiam falsificar isso tão rápido?

A neurologista explicou a ele que as pancadas na cabeça provocavam amnésias temporárias, que era a coisa mais normal do mundo. Outra vez a novela, disse Gaspar, e a médica, para sua surpresa, riu. Usam muito isso nas novelas, não é? Mas não é algo incomum. É possível que você nunca se lembre do acidente.

— Também não me lembro de ter estado aqui.

— Uma vez eu tratei um jogador de futebol que bateu a cabeça na final de um campeonato e se esqueceu do jogo. Um pouco pior do que esquecer um acidente.

Gaspar sentiu que estava relaxando um pouco, mas resistiu.

— Não é só isso — disse.

A doutora Biedma interveio:

— Ele acha que nós o machucamos.

Gaspar não disse nada. Preferia não revelar a extensão de sua desconfiança. A neurologista disse que entendia que o que ele sentia era real para ele. Explicou que às vezes as pancadas mais leves produziam efeitos que podiam ser muito assustadores. Ontem você não lembrava de nada, nem quem eram as pessoas que o acompanhavam. Então pensei que, como a lesão é organicamente insignificante, era melhor que, em vez de ficar no hospital, você fosse para um lugar conhecido.

— A quinta não é um lugar conhecido, é a primeira vez que vou lá — disse Gaspar.

Um lugar familiar, continuou a médica. Com uma cama normal e um quarto normal e um parque. Me disseram que tem piscina, certo? Que sorte,

neste calor. Os hospitais às vezes confundem mais porque são lugares desconhecidos demais para as pessoas. E eu estava certa porque, apesar de você ter reagido de forma alterada, já se lembra quem são todos, não?

Gaspar não respondeu.

— Quem é ela?

— A médica do meu pai.

— E quem é o homem de cabelos grisalhos lá fora?

— Esteban, o melhor amigo do meu pai.

— E o homem loiro?

— Meu pai.

— Você estava com ele no carro na hora do acidente?

— Não sei, não me lembro.

— Do que você lembra.

— Saímos do centro em dois carros. Eu com Esteban e ela — apontou para a doutora — e um motorista. Depois acordei na quinta.

— Sabe quando isso aconteceu?

— Não.

— Anteontem. Esta tomografia é de ontem.

A médica pegou as chapas e as posicionou em frente às placas de luz. Gaspar, ainda apoiado em um pé só, viu a data. 19/1.

— Não vão fazer mais hoje?

A médica explicou que o exame não havia detectado nada de anormal. Por isso tinha dado alta para ele. Não havia necessidade de fazer mais uma tomografia. Repetiu que ele tinha sido sedado naqueles dias porque, quando diminuía a sedação, ele se agitava.

— Como agora. Muito mais, na verdade, mas isso é comum. Vamos ver o traumatologista.

Gaspar se deixou levar. Ouviu gelo, imóvel, gesso não. Viu o pai dizer à doutora Biedma que estava de saída e ela protestar e ele, como sempre, ignorar a reclamação e ir embora sozinho, provavelmente andando.

No corredor, encontrou Esteban.

— Quero ver o carro — pediu Gaspar.

— És pior que teu pai — disse Esteban.

— Em quê?

— Em ser turrão.

— O que é turrão?

— É fazer o que tu estás fazendo agora. E chega de pular, que isso me deixa nervoso. Não sei onde o carro está, vamos voltar para a casa. Ou pensas que isso tudo é uma encenação? Já chega de disparates.

Esteban o levantou; Gaspar percebeu como ele era forte, seus braços eram musculosos.

— Como você fez esse machucado no pescoço?

— Com a janela que quebrou.

— E por que eu sei que o papai quis fazer alguma coisa comigo?

Esteban se agachou. Sob a chuva, Gaspar viu que tinha os pelos do braço muito longos e muito escuros. Era grisalho apenas na cabeça.

— Acho que pensas assim porque teu pai te tirou do carro e, ao puxá-lo, te machucou um pouco.

— Por que me machucou?

— Porque te tirou de forma brusca. Ficou com medo de o carro explodir. Tua mãe morreu em um acidente, e a mente prega peças. Vamos para a casa, tens que descansar esse maldito pé.

Gaspar se apoiou no carro e deixou que a chuva escorresse pelo seu rosto.

— Não quero ficar com ele.

— Então vais ficar comigo ou com Tali. Tu não tens medo de nós dois?

— Não. Não sei por quê.

— É bom ouvir isso.

— Você não mentiria para mim, mentiria?

Esteban sorriu.

— Gaspar, é claro que eu mentiria para ti se fosse preciso, mas não há por que mentir. O que achas que aconteceu?

Gaspar encharcou o banco. O céu voltava a escurecer, e um trovão ressoou no carro; voltaram para a chácara às cegas, ensurdecidos pelo aguaceiro, bem devagar. Na porta, embaixo de um enorme guarda-chuva, Tali estava esperando por eles. Gaspar sentiu um alívio físico quando entrou na casa e não ouviu nem viu o pai; estava na chácara, ele podia sentir, mas por ora preferia se esconder dele.

* * *

Gaspar entrou na casa nos braços de Esteban, que em seguida o deixou sentado em um dos sofás daquela sala de estar com janelas de vidro colorido. Avisou que ia trocar de roupa. Do corredor surgiu uma mulher alta e de cabelos longos e escuros. Vestia jeans e uma regata preta e por um momento Gaspar esqueceu sua confusão, o medo que sentia do pai e o vazio daqueles dois dias que não conseguia recordar; esqueceu suas suspeitas. A mulher, apesar de ser mais velha, era bonita, não usava nenhuma maquiagem — Gaspar não gostava da aparência da maquiagem, principalmente do batom — e estava descalça.

Lembra de mim?, perguntou ela. E Gaspar falou de uma viagem e de uma festa à beira do rio, de uma árvore e de um gato e de sua casa. Você veio recentemente também, mas estava de saída quando eu cheguei da escola, só falamos oi. Você é a Tali. Sim, essa sou eu, disse a mulher. Vamos ver se colocamos gelo nesse pé.

Tali foi até a geladeira, que tinha congelador, colocou cubinhos em um saco plástico e, com um pequeno martelo que encontrou em uma gaveta, quebrou-os. Ela disse assim ficam feito *curubica*, e Gaspar sorriu porque não conhecia aquela palavra, que parecia estranha e boba. Era a primeira vez que sorria em todo o dia. Ele mesmo levantou o pé: o tornozelo estava inchado e roxo. Ela o envolveu delicadamente com o saco e amarrou usando as pontas. Depois ligou a televisão e lhe entregou o controle remoto. Não tem muitos canais, lamentou, mas tem futebol.

— Não quero ver o meu pai — disse Gaspar.

Tali não respondeu. Ajeitou o gelo no pé dele e depois disse: seu pai está na cama agora. Vocês vão se ver quando quiserem se ver, a casa é grande. Sorriu para ele, e Gaspar sentiu que o pé e a cabeça latejavam e precisou umedecer os lábios. Ela tinha dentes muito brancos, e os olhos eram tão escuros quanto os cabelos.

Ficaram sentados um ao lado do outro, em silêncio. Gaspar não conseguia ouvir nada do que acontecia na casa. As paredes eram grossas. Lá fora chovia e corriam pequenos rios de lama. Esteban apareceu, seco, e abriu uma cerveja. Tali trocou o saco quando o gelo derreteu — e derreteu rápido — e depois saiu. Vai ficar com o papai, pensou Gaspar, e, apesar de ainda estar doente de apreensão e de ser capaz de ir embora de novo sem se importar com seu pé ou com a chuva, sentiu um pouco de ciúmes.

Os dias passados na quinta foram chatos e estranhos. O pé desinchava aos poucos; surpreendentemente, conseguia dormir à noite, talvez porque houvesse algum sedativo entre os remédios que a doutora Biedma lhe dava. Seu pai era uma sombra que escrevia no parque, debaixo de uma árvore, e mal cruzava com ele pela casa porque passava a maior parte do tempo na cama. O estranho era que os guarda-costas estavam na quinta e, quando Gaspar perguntou por quê, Esteban disse que acreditavam que o acidente talvez tivesse sido uma

tentativa de sequestro. Tu tens muito dinheiro. Teu pai, embora se rebele, é viúvo de uma mulher muito rica e herdeiro dela. Não sabes que os ricos são sequestrados neste país? Gaspar sabia, e seu pai já tinha explicado isso, mas eles eram tão milionários assim? Os sequestrados de quem ele ouvira falar eram banqueiros ou empresários. Sim, disse Esteban, tu não vives como um esnobe porque teu pai tem ideias éticas. O que é um esnobe? Um metido, mas não tem nada a ver com meter. Um mauricinho, como dizem aqui. Mas é mais do que isso. Um filho de ricos, vamos. Tu entendeste.

A doutora Biedma o levou ao hospital mais uma vez: disseram que, por causa da pancada na cabeça, ele precisava ser avaliado e fazer fisioterapia. Poderia começar no hospital local ou em Buenos Aires. Começou no hospital da cidadezinha. Não faziam muita coisa com ele. Envolviam seu pé em gelo protegido por plástico e o colocavam dentro de um cilindro que, ligado na tomada, enviava ondas de ultrassom. Depois, o fisioterapeuta passava um aparelho lubrificado com gel sobre o inchaço. Para as longas e entediadas sessões, Gaspar levava livros que tinha encontrado em um dos quartos da quinta. Suspeitava que fossem de seu pai, porque a maioria era de poesia, além de alguns romances. Mas não conseguia ler. A única coisa que fazia era tentar se lembrar, olhando para o teto, do acidente. E o que vinha, quando ele adormecia, nos sonhos inquietantes da manhã, na concentração de observar a mancha de mofo no teto do consultório de fisioterapia até que ficasse borrada, era diferente de uma batida de carro. Lembrava-se do pai, mas na lembrança ele tinha umas mãos imensas e unhas longas. Lembrava-se de ter ficado de barriga para cima, como agora, entorpecido e apalpado. Lembrava-se de haver mais gente, ao longe. Atinou: se era verdade que seu pai o havia tirado de maneira brusca do carro, era possível que, com a confusão da pancada e do acidente, ele se lembrasse de mãos de fera. Estar de barriga para cima e entorpecido: isso era idêntico a estar internado. Sentir-se apalpado também: ele

nunca tinha sido hospitalizado, mas, graças a seu pai, conhecia os procedimentos de cor, as enfermeiras tirando sangue, os curativos, os que entravam para medir a pressão e colocar e tirar soros, remédios, até mesmo para dar banho, era normal que se lembrasse de uma apalpação não apenas sobre a pele, mas também sob a pele, que era muito mais nojento. E as pessoas distantes podiam ser médicos com máscaras ou os que sempre se aglomeram em torno de um acidente.

Depois da fisioterapia, ele comia o que Tali preparava. Esteban também cozinhava às vezes. Ensinou-o a fazer ovos mexidos, que eram muito mais gostosos que os fritos, e a fritar bacon até ficar duro, como caramelo. A câmara de ar de um pneu preto apareceu na piscina, para Gaspar usar como boia. Algumas tardes Esteban nadava um pouco. Na primeira vez, Gaspar viu suas costas marcadas por duas grandes cicatrizes paralelas. O que foi isso, quis saber. Eu caí de umas pedras, disse Esteban. Estava pulando para mergulhar no mar, eu passava algumas tardes de verão assim, quando era jovem. As pedras geralmente são muito escorregadias.

— Parecem marcas de uma operação, como as do meu pai.

— Mas não são, se bem que as pedras podem cortar como bisturis. Passei o resto daquele verão deitado de barriga para baixo. Foi mais chato que este teu verão.

— Quantos anos você tem?

Esteban se secou com a toalha antes de responder. Gaspar se deu conta de que sempre fazia isso, nunca deixava o sol secar sua pele. Mal saía da água, passava a toalha e depois vestia uma camisa.

— Trinta e nove.

— Só? Mas seu cabelo é todo branco.

— Muita gente fica grisalha cedo.

— Eu não conheço ninguém.

— Talvez não conheças tanta gente assim.

Gaspar empurrou a água com as mãos para chegar à borda da piscina. Esteban estava acendendo um cigarro, e Gaspar queria fumar. Pediu um trago, e Esteban o surpreendeu oferecendo-lhe o maço. Os dois fumaram em silêncio, jogando as cinzas na água.

O telefone da quinta andava ruim desde a tempestade, e Gaspar tentou ligar para seus amigos da central da Entel no povoado, mas ninguém atendeu. Certamente ainda estavam viajando. Pablo tinha ido para Mar del Plata com os pais; sua mãe estava gravidíssima. Vicky e Adela ainda não tinham voltado do sul. Não saía muito além disso e não podia aprender a andar a cavalo. Como mal podia andar, passava o dia em frente à televisão. Não havia crianças por perto: quando se aproximava da entrada, notava que a quinta ficava bastante isolada ou, em todo caso, que o parque era muito grande. Em frente, atravessando uma rua de terra, havia um campo, algumas vacas pastavam entediadas e os cavalos estavam muito quietos, suas patas eram largas e eles eram muito feios, alguns brancos e gordos. Tinha estudado um pouco o terreno pensando em fugir, mas toda noite o plano de fuga se dissipava. Tinha medo. Seu pai o encontraria em seguida. Seus ferimentos não eram nada comparados ao que ele poderia fazer se fugisse.

Tali dormia no quarto de seu pai e, tentando não fazer barulho, Gaspar se sentou uma noite atrás da porta fechada para ouvir a conversa deles. Chegavam fragmentos, palavras soltas ou frases inteiras de pouca importância. Ela era namorada dele agora? O que Esteban pensaria disso? Estaria com ciúmes? Ficou sabendo que Esteban não iria ficar mais muitos dias. Tali queria saber quem iria cuidar dele “em Buenos Aires”, e Gaspar não ouviu a resposta. Ela estava andando pelo quarto: aqueles passos leves não podiam ser de seu pai. Gaspar fechou os olhos e a viu, os cabelos escuros presos em um rabo de cavalo muito alto, não usava sutiã. Sentiu uma vertigem ao perceber que ela se parecia

um pouco à sua mãe, mas era muito, muito mais bonita, pelo menos de acordo com as fotos. Escutou alguém, Tali, com certeza, servindo água. Agora estavam falando da “próxima tentativa”. “Seis meses é bastante tempo”, dizia Tali. “Já comprovaram que o corpo não ficou lesionado.” Agora sim os passos do seu pai se aproximavam, e foi ele quem abriu a porta, e Gaspar quis fugir, mas não fazia sentido. Fechou os olhos com força e levantou as mãos para amortecer o tapa; sentado no chão esperou pelo castigo, que não veio.

— Quantas vezes eu falei que não quero que você fique me espionando?

Gaspar não respondeu.

— Entra se quiser.

Obedeceu pulando; o pé tinha desinchado completamente, mas doía e, acima de tudo, estava rígido: seria difícil recuperar “a mobilidade”, dissera o fisioterapeuta. Tali estava sentada na cama, com um short jeans, a pele bronzeada e uma camiseta listrada, de marinheiro. Seus cabelos estavam soltos, e as bochechas, avermelhadas. Seu pai se manteve distante, como vinha fazendo naqueles dias. Não tinha feito a barba nem cortado o cabelo, e parecia desgrehado, sujo. Ele voltou para a cama em seguida, e Gaspar ficou parado ao lado da porta.

— Então? — perguntou seu pai.

— Quê?

— O que você ouviu, o que quer saber.

Gaspar sabia que, se não respondesse, viria um tapa e não queria apanhar do pai, muito menos na frente de Tali.

— O que vai acontecer daqui a seis meses?

Gaspar estudou a reação do pai. Não houve nenhuma. Seus olhos estavam tão afundados no rosto que até pareciam escuros.

— Graciela quer que eu faça outra cirurgia. Desta vez seria mais complexa: preciso de um transplante. Essa operação é feita na Argentina, mas por

enquanto os resultados não são bons, e ela quer que eu vá para os Estados Unidos. Havia um candidato: por isso estávamos falando que meu corpo, o restante dos meus órgãos, digamos, está em boas condições. Mas o candidato se mostrou incompatível comigo. Não estou a fim de explicar o que é a incompatibilidade. Procura no seu dicionário. Ela acredita que daqui a seis meses será o momento ideal para tentar e quer que eu viaje para os Estados Unidos em breve.

— Você vai fazer um transplante?

— Não, porque não vai dar certo e não quero fazer. Quero morrer. É o melhor para todos.

— Juan — interveio Tali. — Não fala assim.

Seu pai parecia furioso e fraco.

— Quando eu morrer, vou te liberar e talvez você tenha uma vida. Agora some daqui. Não suporto ver você.

Gaspar abriu a porta e ouviu que Tali o seguia, mas não se virou até que ela o chamou pelo nome e lhe ofereceu o braço para que se apoiasse e não arrastasse o pé. Foram para o parque. A noite estava fresca e pareciam estar sozinhos na chácara, apesar de a luz do quarto de Esteban estar acesa e de uma música baixa vir de sua janela. Sentaram-se nos bancos de pedra decorados com azulejos, e Gaspar apoiou os cotovelos na mesa. Estava cansado.

— Vem com a gente. Venham os dois — disse a Tali. — Não me deixe sozinho com ele.

— Não posso, meu rei — respondeu ela.

— Esteban diz a mesma coisa. Vocês dois dizem que o amam, também. Por que o deixam sozinho?

A música que vinha do quarto de Esteban parou, e o parque ficou em silêncio, acariciado apenas pelo chapinhar de insetos noturnos na piscina e o ronronar distante de um ventilador. Tali disse simplesmente seu pai quer estar

com você, quer que você o acompanhe e mais ninguém. Gaspar sentiu a rebelião endurecer seu estômago, que morra sozinho, pensou. Alguém estava andando pelo parque. Esteban. Gaspar se virou para vê-lo chegar: seus cabelos brancos brilhavam sob a lua.

— Não quero ficar com ele — disse Gaspar. — Por favor.

— Olha — disse Esteban. — A única coisa que teu pai fez por ti, desde que os conheço, é te proteger. Inclusive da tua família, que são gente ruim. O jeito dele, filho, eu também questiono, mas tu vais embora daqui com ele. Não há nada a temer. Teu tio virá em breve. Não vais ficar sozinho com teu pai. E Luis é tua família, tua verdadeira família.

— Ele sempre diz que meus avós e meus tios não são bons e que não querem me ver, é verdade então?

— É a mais pura verdade — disse Esteban. — São o pior deste país, quer dizer, são o pior e ponto. Não são tua família, embora carregues o sangue deles.

— E vocês, são o quê?

Tali e Esteban se entreolharam, e Gaspar os viu sorrir, mas não entendeu por quê. Ela disse nós somos amigos. E Esteban acrescentou, enquanto acendia um cigarro, amigos que, espero, nunca precisem.

* * *

O rio verde de Los Alerces não era tão verde como diziam. Estava mais para um azul-turquesa esverdeado. Mas ela não ficou desapontada, principalmente porque Adela estava tão contente passeando pela beira do rio, pedindo fotos aos gritos. A viagem com Adela e Betty tinha sido muito divertida, e olha que as viagens com sua família eram sempre animadas. Elas participavam quando todos cantavam na kombi-trailer, que tinha um toca-fitas, e as duas gostavam das churrascarias da beira da estrada. Vicky, além disso, notou algo em Betty

que havia passado despercebido. Ela era elegante e tinha algo a dizer em todas as conversas, e seu estranho rosto — o nariz comprido e os lábios finos — era belo, ou interessante, como dizia sua avó. Ela sempre usava saias longas e belos anéis que pareciam caros. E suas opiniões políticas eram mais fortes que as de sua mãe. Quando foram parados na estrada para mostrar os documentos do trailer, por exemplo, Betty se debruçou na janela e disse ao policial que sim, podia pedir a carteira de motorista e o documento, mas de forma alguma sua identidade. Os milicos não estão mais no poder, hein, gritou, com desdém. Vicky viu o pai pedir, com um gesto, para ela calar a boca e ela se sentou novamente. Estava furiosa. Os lábios finos tinham virado duas linhas pálidas sobre os dentes afiados. Quando ela acendeu um cigarro, suas mãos tremiam.

Vai ver aquilo sobre o pai de Adela, aquela história de que ele era um desaparecido, era verdade.

Agora, no camping, Adela e ela dividiam uma barraca. Os adultos dormiam no trailer. Adela estava feliz de não ter ido para a quinta. Eu gosto, mas é sempre a mesma coisa. Tem cavalos, mas são feios, com patas gordas, nada a ver com os cavalos árabes. A piscina, sim, é legal. E não há nada por perto, as outras casas ficam longe. Conversavam sobre tudo antes de dormir. Adela confessou a Vicky que gostava de Gaspar. Já tinha percebido, respondeu Vicky, não sei por que não me contou antes. E Adela, que iluminava o rosto com uma lanterna, disse porque ele nunca vai me dar bola, não vai querer sair comigo, sou deformada. Ele é tão lindo, Vicky. Ele não é lindo?

Tinham permissão para se afastar um pouco do camping e se embrenhar entre as árvores, e também para molhar os pés no rio, mas não podiam nadar; seria impossível, de qualquer forma, porque a água era fria demais. Betty as ensinou a enterrar o papel higiênico depois de usá-lo — havia gente porca que deixava o papel pendurado nos galhos, e fedia —; também as ensinou a se defender das mutucas, que eram grandes e zumbiam. À noite, Betty e seu pais

cantavam músicas ao violão e bebiam vinho: Vicky gostava de uma muito triste que dizia “y en las multitudes el hombre que yo amo”. Ficou surpresa porque Betty sabia um monte de canções e até tocava violão. Uma noite, ela e sua mãe se revezaram cantando músicas de Violeta Parra. Betty cantava muito bem: na brisa da noite, seu vestido de seda verde se mexia como o rio, e Vicky a imaginou com uma escopeta em meio às pastagens. Algum dia tomaria coragem e perguntaria sobre sua vida, mas, por enquanto, Betty a intimidava. Além do mais, bebia muito vinho todas as noites. Tinham comprado algumas garrafas de vinho chileno, que, aparentemente, era melhor que o argentino.

À noite, Vicky e Adela se enfiavam na floresta para contar histórias. Não entravam muito: de onde estavam, podiam ouvir as conversas do camping, até nos chuveiros se alguém tomasse banho tarde. Não chamavam outras crianças: não tinham conseguido fazer amizade com ninguém. Sentavam-se uma em frente a outra e iam revezando a lanterna, que posicionavam abaixo do queixo para que a luz as deformasse. Contaram histórias de assassinos com machados e de espíritos canibais. Adela falou novamente do cachorro preto que tinha arrancado seu braço e da sombra do enforcado que aparecia no bairro em Buenos Aires e algumas de suas outras histórias clássicas de terror. Vicky tolerou as histórias até que Adela, uma noite, disse olha só o que eu achei. Alguém deixou isto no refeitório, estava com alguns guias do parque e uns livros de fotos e mapas da Patagônia. São mitos e lendas daqui. Quase todas são meio chatas, mas escuta essa. Adela abriu o livro e leu. Era uma história sobre a ilha de Chiloé, no sul do Chile. Lá havia uma seita, a *Brujería*. Tinham outras duas sedes, uma em Buenos Aires e outra em Santiago. Reuniam-se numa caverna subterrânea, numa floresta parecida com aquela onde elas estavam. Os fiéis são chamados de noviços e são iniciados, é assim que eles falam. Para ingressar na seita precisam matar seu melhor amigo e esfolá-lo: com a pele faziam um colete que brilhava no escuro. Imagina, eu ia ter que esfolar você,

Adela riu, mas Vicky sentiu medo daquela risada. Calçou os tênis sobre as meias e, quando fechou os olhos, viu as mãos cinzentas de Omaira, agarradas a um galho, Omaira na lama. São muito maus, parece. Dá para identificar as vítimas da seita porque elas têm cicatrizes deixadas pelos bruxos. Isso aqui é o pior, disse Adela. Eles têm um guardião da caverna onde fica a *Brujería*, se chama *imbunche*. É uma criança que tem entre seis meses e um ano que os bruxos sequestram e deformam, quebram as pernas dela, as mãos e os pés. Depois de quebrá-la toda, giram a sua cabeça como um torniquete até ela ficar virada para as costas, como no *Exorcista*. No final fazem um corte muito profundo nas costas, abaixo da escápula, e enfiam o braço direito nesse buraco. Quando a ferida sara e o braço está dentro, o *imbunche* está completo. Eles o alimentam com leite humano e, mais tarde, quando está pronto, com carne humana também. Deve andar como um inseto meio pisoteado.

Tiveram um sobressalto quando Betty as interrompeu. Do que vocês estão falando, perguntou, irritada, bêbada. Adela tentou acalmá-la mostrando o livro, e Betty o pegou furiosa e o pressionou contra o peito. Vão dormir agora mesmo, e chega de falar sobre essas besteiras. Tremia. Adela sussurrou você encheu a cara, e Betty deu as costas para elas e saiu correndo: com surpresa, as garotas a viram arremessar o livro de mitos e lendas em uma fogueira.

Naquela noite, Vicky e Adela dormiram abraçadas. Vicky não sonhou com Omaira. Sonhou com um garoto com a cabeça virada e o braço enfiado num buraco do peito, não nas costas. Um garoto que tinha uma cicatriz igual à do pai de Gaspar, mas, em vez de estar seca, sangrava. Adela depois contou que ela também tinha sonhado com o *imbunche*. Sabe onde ele estava?, e Vicky adivinhou a resposta. Na casa, disse. Adela assentiu. Era o guardião da casa, no meu sonho.

Dois dias depois voltaram para Esquel. À noite fazia frio, apesar de ser verão, e podiam acender a lareira. Havia muita lenha, já cortada, na lateral da

casa, protegida por um telhadinho para que não se molhasse. Numa manhã foi preciso cortar mais, e Betty se encarregou disso: suava sob a jaqueta, e seus cabelos grudavam nas têmporas. Em Esquel, Betty comprou um uísque, por causa do frio, ela disse, e Adela ficou brava mas em silêncio, porque, conforme disse a Vicky depois, sentia vergonha que os outros a vissem bêbada. Bebia o uísque sem gelo, e às vezes ficava olhando para o fogo. Foram todos juntos a uma colina, La Hoya, que era uma estação de esqui e, embora não pudessem esquiar porque não tinham grana para pagar o equipamento nem o instrutor, tiraram fotos e beberam chocolate quente em uma bela confeitaria. Betty disse, de passagem, que ela esquiava quando era criança, mas nunca gostou porque se machucava muito. Onde, perguntou Vicky. Em Mendoza, respondeu Betty, tem uma estação chamada Las Leñas. É lá que os famosos vão, disse Vicky, não é caro? Meus pais podiam pagar, disse Betty. Os pais dela, aqueles velhos tristes que iam aos aniversários de Adela? Eles eram ricos? As pessoas são muito estranhas, pensou Vicky.

* * *

A volta do sul no trailer tinha sido bastante chata, todos dormiam muito, e, Vicky desconfiava, Betty bebia escondido, porque sempre se recusava a dirigir. Ela não chegou cansada, como os adultos, que foram direto dormir. Depois de comer alguma coisa e se despedir de Adela, foi visitar Pablo. Ele tinha ido para a Costa e disse que as férias foram horríveis. Os pais brigando, a mãe chorando porque ia perder o bebê, muita chuva e frio. Ele só tinha gostado do hotel. Seus pais tinham reservado uma suíte, e isso queria dizer que ele tinha uma espécie de apartamento próprio. Uau, disse Vicky, vocês têm grana agora? Pablo teve que admitir que sim. Seu quarto próprio tinha uma televisão e, quando chovia, podia ficar lá. Isso e comer no porto: as únicas coisas boas. Que

pena, disse Vicky, nós nos divertimos muito. Gaspar já voltou? Não faço ideia, Pablo teve que admitir. Quando passei na casa dele, estava tudo fechado e eu não quis bater. Não fui hoje.

Vamos então, disse ela.

Vicky tentou atirar uma pedra, pequena, na janela do quarto de Gaspar: a persiana estava fechada, mas, e isto era simplesmente inédito, ouvia-se música. Não muito alta, mas o suficiente para ser ouvida da rua. Deve estar sozinho, pensou Vicky. Era inimaginável que o pai de Gaspar permitisse música tão alta assim naquela casa em que mal se podia falar sem incomodá-lo. Convencida de que a música abafava o barulho das pedras e de que ele estava sozinho em casa, Vicky tocou a campainha. A música não baixou de volume, e Pablo se esticou para bater na persiana com o punho. Quando a porta se abriu, Vicky estava preparada para encontrar Gaspar. Mas não: Juan Peterson a abriu, e ela recuou um pouco; Pablo, atrás dela, respirou fundo. Ele também tinha medo do pai de Gaspar.

Juan Peterson não gritou nem se irritou. Olhou para eles com certa indiferença e disse entrem. Seus cabelos estavam muito grandes para um homem, e a barba o deixava menos pálido, embora estivesse magérrimo, as calças ficavam grandes, as maçãs do rosto salientes. Vicky e Pablo entraram, mas ficaram perto da porta e observaram o pai de Gaspar adentrar a casa; ouviram o barulho de uma porta se abrindo, de repente a música ficou mais alta e não entenderam direito, mas pensaram ouvir “é para você”. E depois nada por um tempo. A música mais baixa e nenhum outro som, nem passos nem alguém vindo fechar a porta, por exemplo.

A música permaneceu muito baixa, e então Vicky ouviu passos, mas deformados, lentos, um pé arrastado. Gaspar apareceu muito sério vestindo seu short de futebol, descalço, sem camisa. Então viram que ele estava mancando e tinha ferimentos cicatrizando nos ombros, no braço, no peito.

Vicky teve um pensamento repentino e horrível que a manteve longe de Gaspar, sem vontade de ir abraçá-lo, como teria feito em outro momento. Trocaram de lugar, pensou. Está parecendo o pai. Tem a mesma maneira de olhar.

Pablo, sim, reagiu. Aproximou-se dele e o abraçou, dando-lhe tapinhas nas costas; Gaspar apoiava apenas um dos pés e não retribuiu o abraço.

— O que aconteceu? — perguntou Pablo.

— Batemos de carro, e eu me machuquei um pouco, bati a cabeça também. Isso no pé é uma entorse, eu torci.

— Você bateu a cabeça?

— Sim. Fui para o hospital. É o que dizem, porque eu não me lembro.

— Como assim não se lembra?

Gaspar perdeu a paciência, se irritou. Apesar de estar bronzado, as olheiras estavam marcadas sob os olhos. E além do mais ele nunca se irritava assim com eles, nunca gritava como estava gritando agora.

— Não me lembro! O que você quer que eu faça? O que vocês querem, por que vieram?

— O que é que você tem? — disse Vicky. Não estava brava: estava preocupada.

— Eu não tenho nada — disse Gaspar. — Nada! Quero que me deixem em paz.

E com isso voltou para o seu quarto, mancando, mas bem rápido; parecia doente, estava despenteado, um pouco sujo. Vicky agarrou Pablo pelo braço, para impedir que o seguisse, e os dois deixaram a casa, fechando a porta com cuidado para não fazer barulho.

Naquela noite, Pablo e Vicky se reuniram com Adela. Assistiram a filmes no videocassete que Gaspar emprestara e não tinha pegado de volta. Os três decidiram que o vestido da ruiva em *A garota de rosa-shocking* era horrível,

estavam esperando algo tão lindo! O filme inteiro foi montado para aquele vestido aparecer! Ficaram surpresos quando Lidia chegou do hospital. Você não tinha plantão hoje?, perguntou Vicky, e sua mãe disse que sim, mas que estava naqueles dias e sentia cólicas e tinha trocado o turno com um colega, na semana seguinte compensaria as horas dele. Lidia foi até a cozinha fazer um chá e depois se sentou com eles.

— O que vocês têm que estão tão sérios?

Os garotos se entreolharam, e Vicky disse:

— Nada, vimos um filme.

— Alguma coisa aconteceu, conheço vocês.

Então Pablo tomou coragem:

— É que fomos na casa do Gaspar, e ele está esquisito, não quis vir com a gente.

Lidia tomou um gole do chá, apoiou os pés na mesa de centro em frente ao sofá e então disse:

— Vocês vão ter que dar um tempo para ele. Sofreu um acidente e não está processando bem.

— Como você sabe?

— Porque visitei Juan, tomamos umas bebidas ontem. Precisam ser pacientes com Gaspar, crianças. Ele teve uma concussão cerebral leve, mas reagiu muito mal, ficou confuso por alguns dias. Lembrem que a mãe dele morreu num acidente, ele está revivendo coisas ruins. E o estado de Juan é muito, muito grave. Vocês vão ter que ajudar seu amigo, porque ele vai ficar sem pai.

— Sério? — perguntou Vicky.

— Morro de pena. Eu sei que vocês não vão com a cara do Juan, que ele deixa vocês impressionados, não sei, mas é um bom sujeito. Um sujeito especial, não é?, mas é gente boa.

Vicky pensou como é que você pode dizer isso se ele bate no Gaspar e é um louco, mas não queria discutir.

— E quem vai cuidar do Gaspar?

— O tio dele, já deram entrada nos trâmites para que seja seu tutor, depois irá adotá-lo.

— Então ele vai morrer logo?

— Filha, ninguém sabe exatamente quando ele vai morrer.

— Mas como podemos ajudá-lo se Gaspar nem quer sair de casa — disse Adela.

— É preciso dar um tempo a ele — disse Lidia, e terminou de beber o chá.

* * *

Gaspar descobriu que a maneira mais simples de se distrair era ver futebol e ler o *Gráfico* até a última linha. Era um pouco chato ler sobre o River e ter que aguentar seu time imbatível, apesar de ter que admitir que queria jogar como Francescoli, que não gostava de nenhum jogador como de Francescoli, nem mesmo os do San Lorenzo. Odiava o River porque ele tinha Francescoli e zagueiros animais, que batiam por qualquer coisa; isso está certo, dizia Hugo Peirano, não dá pra ficar de viagem. Viram o River ser campeão juntos, 3 a 0 contra o Vélez. Era como estar num filme. Quando acabava, a realidade era seu pai acamado, às vezes em casa, cada vez mais no hospital; às vezes até saía sozinho por aí, Gaspar não sabia aonde ia e, quando voltava, estava bravo ou tão cansado que não conseguia nem falar. Gaspar via os remédios se amontoarem sobre a mesa e a casa se encher de papéis, rabiscos, anotações sem sentido. Não estava tomando os comprimidos? O que eram aqueles desenhos? Por tudo isso era melhor estar no filme do futebol, até mesmo estudar para o colégio escutando música, assim não tinha que ouvir os passos do pai no andar

de cima nem o ver carregando o tubo de oxigênio. Não conseguia ler poesia nem contos nem as coisas de que gostava em geral: não o distraíam o suficiente e, às vezes, algumas até o faziam chorar. Tinha retirado do quarto do pai um livro de uma poeta inglesa, Elizabeth Barret Browning, e, quando o abriu, o poema dizia: “ENOUGH! we’re tired, my heart and I. / We sit beside the headstone thus, / And wish that name were carved for us.” Parecia de propósito. Ainda por cima, a tradução era péssima. Não suportava ler coisas bonitas nem coisas tristes. Preferia aprender as frações. Ainda não conseguia nadar, por causa do pé, mas aguardava ansiosamente o dia de voltar à piscina. Debaixo d’água era fácil pensar em outra coisa.

Estava acabando de ler o capítulo sobre o sistema solar na apostila do colégio quando seu pai apareceu na cozinha — Gaspar estudava na cozinha: em seu quarto não havia escrivaninha ou mesa, e na cama ficava desconfortável. — Não estava usando o oxigênio. Há tempos Gaspar perdera o medo dos dias posteriores ao acidente: até tinha ido à biblioteca do bairro e à da escola para pesquisar nos livros de medicina o que podia acontecer após uma pancada na cabeça e estava convencido de que, sim, talvez estivesse sugestionado. Mas com seu pai era preciso se manter alerta. Não era possível saber quando iria atacar, assim como um animal ferido.

— O que você está lendo?

Gaspar mostrou as páginas com os planetas. Então percebeu que a camiseta do pai, azul-clara, tinha manchas de sangue e que as manchas cresciam na barriga.

— Você se machucou?

— Um pouco, não é nada.

— Passou água oxigenada?

— Fiz tudo o que tenho que fazer. Você gosta de ler sobre o universo?

— Tenho que desenhar os planetas.

— Isso é fácil.

Seu pai se serviu de água e bebeu em dois goles.

— O que eu não entendo — disse Gaspar, quando percebeu que poderia conversar com ele naquela noite, algo impossível há meses — é por que o céu é escuro à noite se com todas essas estrelas deveria haver mais luz.

— Isso tem até um nome: o paradoxo de não sei quem, não me lembro. Você está se fazendo uma pergunta que ainda não tem resposta, acho. Ou talvez já tenham descoberto e eu não sei. Existe algo chamado matéria escura, que empurra as estrelas, por isso elas estão cada vez mais distantes. Três quartos do universo são escuridão. Há muito mais escuridão do que luz sobre nós.

Houve um silêncio, e Gaspar viu o sangue se espalhar pela camiseta do pai.

— Deixe eu ver. Você se machucou muito? Com o quê?

— Não se preocupa. Quero que venha comigo. Já liguei para o motorista. Quero que venha comigo jogar as cinzas da sua mãe.

Gaspar sentiu o coração disparar no peito e não conseguiu falar. O pai segurou sua mão por cima da mesa.

— Não preciso mais dela em casa. Consegui libertá-la. Esta noite é muito boa, a melhor em anos, e ela merece esta noite e que você se despeça dela antes de eu morrer.

Gaspar deixou que o pai acariciasse sua mão. O que ele tinha dito sobre libertação era estranho, mas certamente se tratava de uma metáfora. Pela janela viu as luzes do carro que vinha buscá-los.

* * *

A viagem foi curta. Até a Costanera Sur, linda à noite, com cheiro de chuva e lama, o rio oculto e silencioso atrás da balaustrada de pedra, por que a cidade parecia tão distante do rio, era estranho, um rio sem praias que batia contra as

muralhas de pedra, grande como um mar, sem margem oposta e marrom durante o dia, mas prateado à noite. A Costanera Sur com suas escadas e postes, os coretos, totalmente vazia, as carrocinhas de sanduíche de linguiça fechadas, três da manhã em Buenos Aires e andar pela grama e tocar as folhas das árvores com a ponta dos dedos, pouca luz exceto pela lua, três quartos do universo são escuridão, dissera seu pai, e Gaspar entendia, o universo era noite, mas nem todas as noites eram assim, frescas e belas, o motorista no carro ouvindo rádio, um tango triste, todos os tangos eram tristes, e caminhar até a balaustrada, não até a margem, por que não havia margens, por que não se podia tocar a água, Gaspar se lembrou dos rios de sua infância e a vontade de nadar à noite acariciou sua pele. Na escuridão não se via o sangue na camiseta de seu pai; quando chegaram ao rio, uma brisa suave soprou seus cabelos, e Gaspar recebeu a caixa com as cinzas de sua mãe, era pequena, como se carregasse uma joia, do tamanho de um caderno, era assim há anos, mas Gaspar se lembrava dela cálida, agora tão distante, agora terra, cinzas, fria como a pedra da balaustrada. Aqui não, disse seu pai de repente. Vamos até a Reserva. Tem medo? E Gaspar disse que não, nunca sentia medo com o pai, podia ter medo dele, mas não com ele; apesar de saber que estava doente, achava-o invencível e perigoso, às vezes os animais feridos eram assim, muito mais fortes do que quando estão saudáveis. É permitido entrar na Reserva à noite?, quis saber Gaspar. Tinha ido várias vezes, de dia, com Vicky e sua família. Ainda estava sendo construída, ou não, não exatamente, como se podia construir algo natural, um pântano de lagoas e pastagens, cheio de animais e estradas de terra, que terminava no rio, de onde se podia chegar ao rio. Estava sendo transformado em um local protegido, para passear, mas também para que os animais vivessem, e era fechado à noite, era o que Gaspar achava, com grades altas. Vamos ver, disse seu pai, e quando chegaram às grades, fechadas com cadeado, ele disse entra filho, entra se conseguir, e Gaspar, confuso,

devolveu a caixa onde estava sua mãe e, quando tentou empurrar o portão, percebeu que não precisava de uma chave, que se quisesse abri-lo simplesmente o abriria e como isso era possível não havia maneira de entender, mas de repente o portão estava aberto e ele mal o tocara — e tinha pensado, sim, tinha pensado que podia abri-lo —, e seu pai o seguiu sem dizer nada, como se fosse a coisa mais normal do mundo, e do outro lado, entre matos altos e sobre uma estrada lamacenta, as poças brilhando como espelhos sob a lua, segurou o rosto dele entre as mãos, agachou-se para olhá-lo nos olhos e acariciou seus cabelos, a caixa estava no chão, entre os dois, e ele disse você tem algo meu, deixei algo meu em você, espero que não seja amaldiçoado, não sei se posso te deixar algo que não esteja sujo, que não seja escuro, nossa parte de noite. Gosto disso, disse Gaspar, e seu pai respondeu claro que gosta, porque agora nada pode machucá-lo. Nada? No momento, nada. Caminharam sem desviar das poças porque era impossível evitá-las, encharcando os pés, as calças enlameadas, Gaspar parava de vez em quando para que o pai recuperasse o fôlego, conseguia caminhar tão pouco agora, vou sentir saudade dele, pensou, ficarei feliz quando ele se for porque vai ser mais fácil parar de ficar triste sem ele, mas vou sentir saudade. Andaram dois ou três quarteirões: o rio não estava tão longe, e chegaram à água afastando o mato alto. Havia barulho de animais, Gaspar sabia que ali havia cobras, mas não eram cobras venenosas, e além do mais ele se lembrava das palavras do pai, agora nada pode machucá-lo, quanto tempo durava o agora, quanto tempo dura o presente. Na margem por fim havia areia e pedras e seu pai disse que antes, quando ele era criança, as pessoas nadavam na água, que à época não era tão poluída. Gaspar ficou parado e cheirou a noite, a água, tão imensa que parecia incrível que não fosse salgada, e tirou os tênis, arregaçou as mangas e entrou no rio. Vem comigo, papai, disse, e o pai o seguiu, e os dois ficaram de pé, Gaspar com água nos tornozelos. Agora era seu pai quem segurava a caixa e a abriu. Ajoelhou-se para esvaziá-la na água, e as

cinzas flutuaram brevemente antes de afundar, e ainda restava um pouco no fundo, e então Gaspar viu o pai tirar a camiseta e apanhar as cinzas com os dedos e passá-las na ferida, que já estava suja, ele andou esfregando as cinzas no machucado antes? Gaspar não sentiu medo: aproximou-se para ver a ferida e percebeu que era um corte não muito profundo e que tinha um formato, parecia uma espécie de mira telescópica, semelhante aos rabiscos que o pai desenhava nos papéis espalhados pela casa, e percebeu que ele falava em voz baixa enquanto acariciava a ferida com as cinzas. Gaspar também pegou um pouco, mas apenas as espalhou nas mãos e as beijou, tinham um gosto antigo, rançoso, e no entanto não era desagradável. Te amo, disse Gaspar em voz alta, e lavou as mãos na água e depois afundou a caixa inteira, que o pai havia devolvido a ele. Os mortos viajam rápido, ele lembrou, essa frase que o assustara ao lê-la, mas que agora não assustava mais, espero que chegue rápido aonde precisa ir, mamãe. Vamos deixar a caixa? Vamos enterrá-la, disse seu pai, mas antes se pôs a revolver a água com suas mãos imensas, com seus braços longos, e quando uma nuvem cobriu a lua e a escuridão foi quase total, Gaspar achou que as mãos ficaram ainda maiores, mãos garras na água, um animal que chapinhava. A lua voltou, e Gaspar não pôde mais ver as cinzas de sua mãe na água negra e prateada, um pouco como o piche nas avenidas do bairro quando consertavam o asfalto.

Seu pai voltou para a margem e cavou com as mãos, mais animal do que nunca. Tinha deixado a camiseta boiando na água, e Gaspar a pegou. Estava encharcada, iria vesti-la assim? Ajudou-o a cavar, seu pai estava suando, sibilava ao respirar, mas conseguiu abrir um buraco fundo o bastante para a caixinha. Os dois cobriram o buraco, e seu pai desenhava algo sobre o túmulo do caixão de cinzas vazio, algo que Gaspar não conseguiu identificar, ou talvez fosse apenas uma despedida final, uma espécie de carícia com o dedo. Sentaram-se cada um de um lado do montinho de terra e riram quando disseram, ao

mesmo tempo, que estavam com vontade de fumar. Ah, até que enfim, disse seu pai. Parecia feliz. Gaspar tentou não pensar no que tinha feito com as cinzas ou no que ele havia feito, eram canibais sob a lua, enlameados, cheios do cheiro do rio.

A volta foi como um sonho, mais lenta, mas sem tantas pausas. Quando chegaram às grades, que estavam fechadas novamente, o pai olhou para ele: seus olhos estavam quase amarelos, como ficavam às vezes, e não tinha vestido a camiseta molhada, de maneira que as feridas sujas pareciam uma pintura estranha em seu peito, um desenho tosco. Gaspar obedeceu ao olhar: quando colocou as mãos no portão gradeado para empurrá-lo, sentiu o sangue percorrer seu corpo a uma velocidade assustadora, latejando na cabeça, no estômago, nos pulsos, e quando o portão se abriu, ele se acalmou, mas estava pingando de suor como se tivesse chegado ao final de uma corrida, como depois das partidas de futebol no verão.

Com moderação, disse seu pai. Gaspar ousou perguntar, encorajado pelas cinzas e pela lua, se aquelas coisas o deixaram doente. Aquele tipo de esforço. Abrir portas dessa maneira. A mim?, perguntou seu pai. Não, a doença em todo caso me deteve. Agradeço-a por isso. Eu sou seu pai porque estou doente. Saudável, não sei o que teria acontecido.

O motorista, quando os viu sujos de lama, ensanguentados, molhados, não disse nada. Nem ficou surpreso. Está acostumado, pensou Gaspar, e quando o carro arrancou, o portão e a lua e o rio e as cinzas ficaram distantes, e ali, trancado no carro com seu pai seminu, com o peito cheio de sangue e cinzas, precisou conter o tremor das pernas, a sensação de que acabava de acordar e que naquele momento em outro lugar ele estava muito longe, ficava muito longe, e era bonito como um jardim secreto atrás de um muro de cimento, cheio de flores violeta e de plantas que comiam moscas.

* * *

Gaspar saiu da piscina correndo, e, quando estava se enrolando na toalha, o professor de natação disse descalço não! Se você escorregar, morre. Seguiu o conselho e calçou os chinelos. Seus olhos ardiam: cloro de mais na água. A natação o tinha relaxado. O esforço dos braços, o barulho dos respingos e a estranha mudez debaixo da água o distraíam. Também o distraía pensar na Copa do Mundo. Faltava pouco para que começasse, e tudo cheirava a futebol. Hugo Peirano dizia que eles não tinham chance com aquele time de pernas de pau, mas Gaspar acreditava neles sem muita explicação.

Pensar na Copa era a melhor maneira de se distrair. Porque havia outras preocupações. Seu tio. Quando iria chegar. Seu pai não telefonava para ele e, se não aparecesse a tempo, acabaria em um orfanato ou em uma instituição para menores ou algo do tipo. Ou poderia ficar com os Peirano nesse meio-tempo? Pensar era uma tortura. Tinha que ligar para o Brasil, perguntar à ex-mulher do tio onde ele estava agora e se tinha telefone na Argentina. Tinha dito isso ao pai, tinha pedido a ele por favor durante uma noite em claro, seu pai encurvado pela dor no peito e suando tanto que foi preciso virar o colchão. Em um momento de calma, Gaspar recebeu uma resposta insuportável: falta pouco, e por ora precisamos ficar sozinhos. De que diabos você está falando, disse Gaspar, mas continuou ajudando como podia até o pai adormecer de manhãzinha com uma respiração estranha, irregular. Gaspar temeu que ele morresse naquela manhã, mas horas depois estava acordado e aceitou beber um suco de laranja. Você não vai chamar uma enfermeira?, Gaspar quis saber. Em breve, respondeu seu pai. Nem pense em falar com o seu tio, disse ele mais tarde, e Gaspar saiu de casa batendo a porta. Na banca, comprou o *Gráfico* e dois jornais. Guardava os suplementos esportivos e estudava cada nota, cada entrevista com Bilardo e os jogadores. Era bom poder pensar tão intensamente

em outra coisa, mergulhar em conversas sobre se a Argentina tinha jogado bem contra o Napoli e ouvir repetidamente que o time não aparece, não aparece, como dizia Hugo Peirano aflito enquanto tomava mate com desespero. Ficam lá atrás, me deixa louco isso de eles ficarem lá atrás.

Em sua casa vivia-se em outro tempo. Seu pai ia e voltava da clínica, e Gaspar não o visitava quando estava internado. Não podia e não queria. A Copa o ajudava a esquecê-lo, mas à noite, enquanto folheava suas revistas e às vezes esperava o carro que trazia seu pai de volta, sentia o estômago revirar. Com quem ele ficaria se o pai morresse? Os avós apareceriam? Por que não podia ligar para o tio? Ele faria isso mesmo que lhe custasse uma surra infernal ou uma punição pior, era capaz de suportar, muito mais do que a incerteza. Depois da Copa, dizia a si mesmo, depois da Copa eu ligo pra ele. Você não deveria ficar mais tempo internado?, perguntou ao pai enquanto a doutora Biedma tirava seu sangue. Sim, disse ele. Em breve. Antes tenho que terminar uma coisa aqui.

A doutora Biedma encheu um tubo de ensaio com o sangue e olhou para Gaspar de um jeito que ele não conseguiu decifrar. Ela o obedece, pensou mais tarde, na piscina, enquanto tomava um banho de água quente. Ela sabe que ele não pode ficar em casa e permite, mas por quê? O que ele precisa terminar? Algo a ver com os desenhos. Gaspar fechou o chuveiro e se enrolou na toalha que trouxera de casa, que era velha e pinicava, mas o secava bem.

A Copa continuou com uma vitória sobre a Inglaterra que fez homens feitos desmaiarem e deixou outros chorando no chão, enrolados em bandeiras. Agora os poucos jogos que restavam eram importantes. Todos satisfeitos porque a Argentina jogaria contra a Bélgica na semifinal e não com a Espanha. A semifinal foi menos tensa do que o jogo contra a Inglaterra e dava para ver o triunfo final, o inevitável, o 2-0 de um Maradona iluminado, tão elegante que Hugo Peirano disse esse filho da puta me faz chorar. Não foi uma boa notícia a

França perder para a Alemanha, todos sabiam que a Alemanha era um perigo total e os dias anteriores ao jogo foram uma espécie de sonho. Para que o tempo passasse mais rápido, Gaspar resolveu aprender a fazer tortilha seguindo o passo a passo de um livro de receitas. Quando terminou e conseguiu virá-la sem deformá-la muito e sem queimá-la, descobriu que estava tão gostosa que era uma pena comer sozinho. Nesse dia não tinha checado em que parte da casa seu pai estava e ficou surpreso ao encontrá-lo acordado, no quarto de baixo, com a cama tomada por seus cadernos de desenhos e anotações e vários livros.

— Quer comer, papai?

— Você fez sozinho? Não consigo levantar, filho, você vai ter que trazer pra mim.

— Como assim não consegue?

Gaspar se aproximou da cama do pai e, quando estava perto — fazia dias que não o olhava com atenção —, viu que tinha perdido ainda mais peso. E não ligou para o tio, pensou. Quando a Copa acabar, assim que acabar, eu ligo pra ele. Comeram juntos, calados, vendo televisão, mais uma mesa-redonda sobre futebol. Gaspar percebeu que o pai não estava interessado, mas isso era de se esperar. Comeu devagar e deixou a metade, mas disse é porque estou me sentindo mal, está deliciosa. Gaspar perguntou se ele precisava do oxigênio e o ajudou a conectar o cabo com o novo sistema, não usava mais máscara em casa, mas um tubo na boca, como um bigode, duas pequenas cânulas que ele enfiava no nariz.

Na final, o 2 a 0 a favor os deixou tão loucos que Hugo Peirano quebrou um copo e as garotas gritaram tão alto que foi preciso calá-las aos gritos também. Estão ensandecidos, disse Lidia. Parece até que viram um disco voador. Os alemães jogavam bem e empataram com dois gols de escanteio praticamente idênticos. O silêncio após o empate foi total. Aos 84 minutos,

Lothar Matthaus, o 10 da Alemanha, ficou distante de Maradona, a quem vinha marcando. Não foi muito óbvio, foi um segundo, mas bastou para que Diego lançasse, de primeira e de canhota, para Burruchaga. Que passe mais difícil, pensou Gaspar. E então ele soube. É gol, disse em voz alta. Cala a boca, cala a boca, disse Hugo Peirano, que também percebeu mas não queria se iludir. Quem apareceu foi Burruchaga, que chutou cruzado, suave, e entrou.

Gaspar não viu o que aconteceu depois. Pulou e abraçou Pablo e todos os outros, e os seis minutos que restavam, ele sabia, seriam disputados, mas inúteis para Alemanha; eram campeões e era como voar, como se não existisse nada além daquele momento, um momento que era para sempre e que era alegre e muito triste porque não podia durar. Era preciso ir para a rua, não se podia ficar sozinho. As ruas estavam cheias de buzinas e bonecos cacheados do camisa 10 e bandeiras e papéis picados *mire mire qué locura mire mire qué emoción* as pessoas cantavam, alguns levaram o telefone para a rua para que seus parentes que viviam em outros países ouvissem os gritos, a bebedeira, e eles choravam de lá, do Canadá e dos Estados Unidos e do Brasil e do México e da Espanha e da França, exilados pela ditadura, trabalhando longe porque na Argentina nunca havia emprego, alguns tinham visto o jogo em bares, outros tinham ouvido no rádio, todos queriam voltar para estar lá, até em algumas províncias em que chovia e festejavam ensopados, as camisetas grudadas no corpo. No parque, levaram alto-falantes para as ruas e teve dança e sanduíche de linguiça e vinho, a casa de empanadas cozinhou para as pessoas e acabaram todos jogados na grama à noite, exaustos de chorar e comer e gritar, afônicos, vestidos de azul-celeste e branco da cabeça aos pés.

Gaspar se lembraria desse dia e dessa noite como o último dia feliz em muitos, muitos anos.

* * *

Pablo foi até ele imediatamente: viu Gaspar assim que saiu do colégio. Era estranho que ele o esperasse na saída. Gaspar se ofereceu para levá-lo de bicicleta. Pablo disse que preferia ir a pé. Então o convidou a comer no bar do parque. Ou estão te esperando em casa?

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Pablo.

— Preciso de um favor. Que você me empreste o telefone da sua casa para eu ligar para o Brasil.

— Isso é caro, seu tonto. Você tem telefone.

— Dinheiro não é problema, eu pago para os seus coroas. Adiantado, antes que a conta chegue.

— Mas você pede pra eles. Quer falar com o seu tio? Ele já não tinha voltado?

Gaspar colocou a mão na testa, como fazia quando hesitava, quando ficava nervoso. Pablo notou que suas calças estavam caindo porque tinha emagrecido. O cinto comprido que ele usava pendia como se levasse uma cobra na cintura.

— Parece que ele voltou. Mas não sei onde está. E lá deve estar a ex-mulher dele, de repente ela pode me dar o número novo. Talvez ela não tenha, mas não custa nada tentar.

— E você não pode ligar para ele da sua casa?

— Meu pai não quer que eu fale com ele. Disse que vai cuidar disso na hora certa. Mas, amigo, eu não sei se ele está bem da cabeça.

Pablo ficou calado. Gaspar continuou.

— Não posso ligar da minha casa. Ele vai descobrir. Não quero que fique nervoso.

— E o que você quer falar com o seu tio?

— Não sei direito. Vou falar do papai, vou dizer que ele precisa vir, ele tinha dito que nos faria companhia. Ou vou ter que entrar em contato com os meus avós, e aí sim meu pai vai ficar louco, porque ele os odeia. Eu não sei o que

fazer. Ele que tem que planejar. A outra opção é me mandarem para um orfanato.

— Isso não vai acontecer.

— Claro que vai, é assim que funciona, Pablo.

— Minha mãe está em casa agora. Pedimos permissão a ela.

— Tenho o dinheiro.

— De repente não te cobram nada.

— Quero pagar.

A conversa por telefone foi muito estranha. A situação toda, na verdade. A mãe de Pablo recebeu prontamente o pagamento pela chamada e Gaspar a achou bastante grosseira: esperava um “não, por favor” primeiro, depois sua insistência, depois um “está bem” resignado. A maioria das pessoas se comportava assim. Não gostava daquela mulher. Estava com uma gravidez bastante avançada, mas não prestes a parir, e se movimentava com uma lentidão exagerada, que Gaspar considerava pouco verdadeira.

Na casa de seu tio, no Brasil, uma mulher atendeu. Gaspar sabia que ele não morava mais lá e esperava que a ex tirasse o fone do gancho, mas até aquele momento pensava que a mulher era brasileira. Ele até aprendeu a dizer “alô” e algumas outras palavras em português com um dicionário que tinha consultado na biblioteca. Mas a mulher falava espanhol. Um espanhol estranho, com um sotaque que ele não conhecia: usava o tu, pronunciava os erres arrastados. Tratou-o bem, no entanto. Disse que seu tio ainda não tinha telefone no lugar para onde havia se mudado, mas poderia lhe dar o endereço. Ela deu. A mulher contou, além disso, que seu tio ligava para ela — chamava-o pelo nome, Luis — e disse que pediria que ele o contactasse. Gaspar agradeceu e se arrependeu na mesma hora, mas, ao mesmo tempo, pensou, seu tio ligava de vez em quando, não seria tão estranho, não tinha por que dizer que havia recebido um recado de sua ex-mulher. Pensou em pedir à mulher que não

disse ao tio que ele havia ligado, mas achou que seria complicado demais, e ela claramente já queria desligar. Era gentil mas ficava em silêncio depois de responder as perguntas. Gaspar desligou depois de agradecer e olhou o endereço que havia anotado rapidamente.

— Sabe onde fica Villa Elisa? — perguntou a Pablo, que fez que não com a cabeça, mas se abaixou para procurar a lista telefônica com mapa no final que seu pai usava. Os dois a folhearam juntos e logo encontraram o lugar: ficava perto de La Plata, a capital da província, e as ruas eram indicadas por números, tal como a mulher havia explicado. Gaspar sentiu que o nó que há dias tinha na garganta começava a afrouxar: agora pelo menos tinha para onde ir. Podia até visitá-lo se quisesse: no mapa da lista telefônica estava escrito que era possível chegar lá com o trem que saía de Constitución.

* * *

O frio era bom para sair para passear com a nova cachorra de Vicky, Ariadna, que ainda era filhote e puxava a coleira feito uma desesperada. Depois do que tinha acontecido com Diana, Vicky não a deixava solta na rua nem por um minuto. Gaspar gostava de acompanhá-la no passeio pelo bairro depois da escola, quando estava escurecendo; a coleira era vermelha, igual ao elástico que Vicky usava para prender o cabelo e o suéter de lã trançada que Adela usava, com uma das mangas cortadas. Adela não se incomodava mais com o braço fantasma, contava a todo o mundo, e mostrava a caixa que Gaspar tinha lhe dado, a caixa mágica, dizia ela. Havia confrontado a mãe e o fisioterapeuta sobre a questão da caixa, e nenhum dos dois tinha dado respostas. Estão todos mentindo, insistia.

Certa tarde, depois da Copa do Mundo, Adela pediu uma reunião com Vicky e Gaspar. Tinha dito desse jeito. Quero uma reunião. Com Pablo não,

porque ele se comporta feito idiota. E na reunião, realizada no quarto de Vicky, contou: na viagem ao sul, uma noite sua mãe se embebedou.

— Esse porre foi diferente — contou Adela. — Ela começou a chorar pelo meu pai. Eu aproveitei e tirei informações dela, porque ela nunca me fala dele. Ela me disse que ele foi assassinado, que é um desaparecido.

Vicky e Gaspar respiraram fundo, mas trocaram um olhar: e se fosse uma invenção como a do braço e a do dobermann?

Então, continuou Adela, sua mãe não quis contar mais nada e se enfiou no banheiro.

— Eu nem percebi isso — disse Vicky.

— Foi em Esquel, quando estávamos na cabana. Eu não contei porque não tive coragem, não sei. Além disso ela me disse uma coisa superimportante: que ela sonha com o papai frequentemente e sempre sonha que ele está na casa da rua Villarreal. Perguntei se ele tinha se escondido lá, e ela disse que sim, mas não sei se é verdade, porque já estava meio grogue. Quando está bêbada, uma parte dela fica meio delirante e fala qualquer coisa, diz que sim só para fugir do assunto, por exemplo. Talvez ele tenha se escondido lá, não?

— Você perguntou de novo? — disse Vicky.

— Agora ela nega tudo, como sempre, mas foi superclara sobre a casa.

— Por favor, Adela — suspirou Gaspar. — Não inventa besteira. Eu sei que você quer entrar lá, mas assim não.

— E do que você sabe? — gritou. — Estão todos mentindo. Quero entrar, sim, quero ver se encontro coisas do meu pai lá dentro.

Gaspar foi embora da reunião transtornado, mas sua raiva logo passou. Estava preocupado demais com seu próprio pai para manter o mau humor pelo desaparecimento imaginário do pai de Adela.

Vicky correu arrastada por Ariadna e virou a esquina da Villarreal, mas instintivamente atravessou a rua para não passar pela porta da casa. Gaspar a

seguiu, mas Adela não, e se aproximou do portão de ferro. Entrou no jardim. Gaspar e Vicky esperaram por ela na calçada da frente.

— Faz tempo que não escuto — disse Vicky.

— O zumbido?

— Sim, aquele barulho de insetos que eu ouvia sumiu. Capaz de voltar no verão.

— Talvez fosse um gerador.

— Você sabe que não.

— Eu não sei nada.

— Não briga comigo.

— Não estou brigando. O que ela está fazendo?

— Quer ver se consegue abrir a porta. Mesmo que ela quebre, o cadeado está trancado.

— Não dá para abrir. Eu trago vocês quando quiserem entrar.

— Ela quer subir pelo telhado.

— Não tem onde segurar. Não tem nem uma árvore, está tudo seco, parece a minha casa.

E quando disse isso, quando disse “parece a minha casa”, Gaspar sentiu um calafrio percorrer todo seu corpo.

— Adela, vamos embora, a cachorra está maluca — gritou Vicky. E então disse a Gaspar: — Agora ela acredita que o pai foi um guerrilheiro e está lendo livros e revistas sobre a ditadura.

Gaspar ficou calado. Adela atravessou a rua correndo.

— Quando você vai me ajudar a entrar? — perguntou a Gaspar. — Você disse depois da Copa.

— Na primavera nós entramos.

Gaspar olhou para a casa. As duas janelas tapadas, a grama amarela, as paredes cinza. Não conseguia explicar por quê, mas sentia que a casa o

desafiava. Vamos ver se consegue entrar, dizia ela. Estaria maluco? Pablo tinha dito que precisou tapar a boca de Adela para que ela parasse de falar da casa, mas não só porque estava cansado: porque sentia medo. Ariadna viu outro vizinho vindo com seu cachorro e arrastou Vicky, que teve que se esforçar para se distanciar. E assim eles deixaram a casa para trás, mas Adela olhou para Gaspar com um de seus olhares definitivos: seria em setembro, e agora ninguém conseguiria tirar aquela data, aquele objetivo, da cabeça dela.

Já eram as férias de inverno, e Gaspar passava o dia na piscina do clube, com sua água aquecida. Também ficava muito em casa, esperando a ligação do tio. Depois da Copa, tinha perdido a vontade de ver futebol e a única coisa que queria era ouvir o telefone. Mas quando ficou sabendo que seu tio finalmente havia telefonado, a notícia o pegou de surpresa. Seu pai lhe informou sobre a ligação, tranquilamente, enquanto tomava um chá no jardim superseco dos fundos. Fazia dias que se sentia melhor.

— Por que você ligou para o seu tio sem me avisar, filho? — perguntou. Juan terminou o chá de um gole só. — Não tente mentir pra mim.

Juan deixou a xícara no pátio e entrou em casa. Gaspar o seguiu, irado.

— Porque você não vai ligar pra ele! — gritou. — Vai me deixar sei lá com quem ou sozinho, capaz de querer me deixar sozinho.

— Você não sabe de nada, filho.

Gaspar viu que o pai estava entrando em casa. Se ele fosse para o quarto de cima, iria escapar. E não queria que ele se escondesse. Queria dizer a ele o que sentia. Agarrou-o pelo braço na escada e sentiu os olhos arderem de raiva. Conseguiu fazer com que ele parasse de subir e se virasse. Parecia altíssimo ali, dois degraus acima, olhando-o com seus olhos meio verdes meio amarelos, ao lado da janela da escada, que dava para o pátio.

— Gaspar, seu tio virá quando eu pedir.

Gaspar sorriu e apertou as têmporas.

— Eu não quero ficar com você — disse. — Talvez eu vá embora antes, não pode me impedir. Tenho o endereço do tio. Ou então procuro os meus avós. Talvez eles queiram me ver. Talvez o problema seja você. Eu sei que está doente, mas sei lá, os seus amigos que cuidem de você. Eu não aguento mais.

Seu pai olhou para ele de um jeito tão diferente, tão profundamente decepcionado e furioso que Gaspar ficou assustado. Tinha visto o pai zangado milhares de vezes, mas agora se sentia em perigo, o mesmo tipo de perigo que tinha sentido na quinta de Chascomús. Ele se virou para descer a escada, para abandonar o confronto, mas não conseguiu se mexer. Seu pai o havia agarrado pela cintura. Gaspar pensou que iria apanhar e se encolheu; o soco que esperava foi dar no vidro da janela, que se quebrou deixando arestas pontiagudas. E então, rápida e inesperadamente, seu pai o girou na direção dele. Aterrorizado, mas também surpreso, Gaspar o viu puxar seu braço na direção da janela e cravá-lo nos vidros quebrados; cortava a pele com precisão, com crueldade e precisão, como se estivesse traçando um desenho. Gaspar gritou; a dor era gelada e insuportável, cegava-o, e quando ouviu o vidro roçar contra o osso, a tontura o forçou a gemer. Sentiu a umidade quente nas calças: estava se urinando e, quando olhou para o pai para que o deixasse em paz, viu que estava concentrado na ferida, estudando-a. A dor deixou seu corpo bambo e pendurado, impedido de rolar pela escada apenas pelo braço machucado que seu pai estava segurando e gritou novamente quando o pai apoiou os lábios sobre a ferida e a lambeu, chupou-a, enchendo a boca de sangue. Sem soltá-lo, ele também cortou o próprio braço com um caco de vidro. Com brutalidade, apertou sua própria ferida contra os lábios de Gaspar.

— Engole! — gritou. Gaspar, com a força que lhe restava, mordeu. Mas seu pai não tirou a mão, nem mesmo quando os dentes abriram a carne. Agora Gaspar também estava com a boca cheia de sangue e o engoliu.

Quando o soltou, Gaspar fechou os olhos, mas um tapa na cara o acordou do desmaio. Seu pai, agora de joelhos, olhava para ele com os olhos transparentes e sem foco. Seu queixo estava cheio de sangue, e os lábios, vermelhos. Não parecia estar sozinho. Parecia que, atrás dele, havia pessoas se movendo nas sombras.

— Vai embora. Corre!

Gaspar não entendeu, e seu pai o arrastou pela escada puxando-o pelo braço bom e o empurrou até a porta. Abriu-a e o deixou do lado de fora e fechou-a a chave, sem dizer uma palavra. Por favor, papai, disse Gaspar em voz baixa, e então viu as calças, mijadas e cheias de sangue, o antebraço destroçado. Levantou-se e pensou rápido. Um táxi, pedir ajuda a alguém, que horas são? Pablo poderia levá-lo à emergência, a um hospital.

Ergueu o braço para que não sangrasse tanto — tinham ensinado isso a ele uma vez, quando cortou o dedo com um estilete no colégio —, mas não estava adiantando, e ele deixava um rastro vermelho por toda a parte. No quarteirão até a casa de Pablo não cruzou com ninguém. Era inacreditável, mas o bairro estava vazio.

* * *

A campainha tocou sem parar, como se estivesse travada. Já vai, gritou Pablo, mas o zumbido sem fim o perturbou. Quem estaria tocando assim, por quê? Estava sozinho em casa. Sua mãe tinha ido ao hospital fazer exames de rotina da gravidez, faltavam apenas algumas semanas, e seu pai trabalhava o dia todo. Olhou pela janela antes de abrir e reconheceu os tênis de Gaspar.

Ia dizer por que você está tocando assim, está doido, mas ficou mudo ao ver o braço, a ferida do braço: no sangue do corte, tão vermelho, a pele e o músculo se desprendiam como algo comestível, como a carne sob a luz do

frigorífico no açougue; dava para ver o branco do osso. A pele do rosto de Gaspar estava cinza, suada, e ele se apoiava na campainha porque não conseguia ficar de pé. O que aconteceu com você, entra, disse Pablo, e Gaspar negou com a cabeça. Não. Me leva para o hospital de moto agora.

Entra, disse Pablo, e empurrou Gaspar até a sala de estar; correu até o banheiro para pegar toalhas e envolveu o ferimento. Ao fazer isso, Gaspar gritou. Sua mãe nunca usava a moto; era do pai, para os fins de semana. Ele mal sabia dirigi-la: tinha aprendido um pouco, mas só o deixavam dar uma volta no quarteirão e às vezes ir até o parque aos domingos, quando não havia muito trânsito. Mas o hospital ficava a não mais que dez quarteirões de distância e ele tinha coragem de ir direto por uma rua que não fosse a avenida.

— Quero vomitar — disse Gaspar.

— Aguenta aí que já vamos. Apoia em mim.

Gaspar se levantou e jogou todo o peso de seu lado bom sobre o ombro de Pablo. As toalhas ainda não estavam manchadas. Não sangrava tanto. Mas suas calças estavam ensopadas, e na calçada Pablo chegou a ver uma pequena poça onde Gaspar esperou até ele atender a campainha.

Pablo abriu a garagem e tirou a Zanella branca o mais rápido que pôde. Gaspar tinha sentado no chão para vomitar quase em silêncio. Conseguiria levá-lo? Levou a moto para a rua, e Gaspar andou como pôde e subiu no banco de trás, mas seu corpo caía para os lados, para a frente, não conseguia controlar a tontura. Vai desmaiar, pensou Pablo, e teve uma ideia.

— Vamos fazer o seguinte — disse e, rapidamente, usou o descanso da moto para mantê-la em pé, levantou a camiseta ensanguentada de Gaspar e tirou seu cinto da calça jeans. Sabia que estaria usando um dos cintos enormes de seu pai. Pablo se sentou na frente, pediu para Gaspar o abraçar com força usando o braço bom e se aproximar o máximo possível — Gaspar obedeceu mecanicamente, como se ouvisse ordens em um sonho — e testou se o cinto

chegava a envolver o corpo dos dois, se era grande o suficiente para servir de atadura, para sustentar o corpo de Gaspar contra o dele. Servia. Por um triz. Ficou muito apertado, e foi difícil, um pouco porque suas mãos tremiam, usar o último furo, fechar a presilha, verificar se seu amigo estava mais ou menos firme sentado na parte de trás. Me abraça e não desmaia, disse. Pablo sentiu a cabeça de Gaspar em seu ombro, o cabelo macio que lhe provocava calafrios na nuca. Deu a partida.

Os dez quarteirões até o hospital pareceram quarenta e o minuto do sinal vermelho no cruzamento da avenida com a Zuviría pareceu tão longo que pensou que o semáforo estava quebrado. Sentia a respiração de Gaspar em seu pescoço e, cada vez que o braço do amigo afrouxava, ajeitava-o novamente. Agradeceu por não passarem ônibus naquela rua. Várias vezes perguntou a Gaspar o que havia acontecido, sobretudo para ouvir sua voz, e Gaspar respondeu tropecei na escada e caí na janela, você lembra da janela da escada. Pablo se lembrava. Não entendia como aquele acidente poderia ter acontecido, mas não disse nada.

Quando chegaram ao hospital, Pablo deixou a moto entre dois carros e não colocou a corrente nem travou as rodas. Gaspar estava mais aprumado e precisou de menos ajuda para chegar na emergência; pelo caminho ele mesmo tirou as toalhas que faziam as vezes de ataduras. Tirou-as, respirando fundo, os olhos secos, quase não tremia, Pablo pensou que ele nunca teria sido capaz de se virar sozinho com um ferimento daqueles, que chamaria os pais, que certamente estaria chorando e assustado. Gaspar estava assustado, isso dava para ver, mas também se controlava de um jeito que para ele parecia inacreditável.

Assim que entraram, algumas pessoas que esperavam sentadas no banco comprido da emergência — Pablo viu uma senhora que fazia carinho na cabeça de uma garotinha de tranças, um casal de velhos, um homem da idade de seu

pai, só que mais gordo, com o pé descalço e inchado — se levantaram, cederam um lugar a Gaspar, e uma mulher alta e gorda bateu na porta atrás da qual os médicos atendiam gritando emergência, emergência. Surgiu uma médica de cabelo preso e algumas mechas grisalhas, o rosto sério, acostumada a pacientes ansiosos. Mas, ao ver Gaspar, deixou a porta aberta e disse entra, vem, enquanto o acompanhava arrastando-o pelo ombro. Pablo os seguiu, carregando as toalhas.

— Estão sozinhos? E os pais de vocês?

— Não somos irmãos — disse Pablo. — Estão todos trabalhando.

É claro, Pablo ignorava o que Juan Peterson, que não trabalhava, estava fazendo. Ou por que não estava acompanhando seu filho. Estaria internado? Ultimamente ele vinha passando muitos dias internado. Não naquele hospital: em uma clínica caríssima, exclusiva, dizia sua mãe, quem dera eu pudesse dar à luz o seu irmão num lugar assim, um lugar fino.

A médica sentou Gaspar na maca e apoiou o braço dele em uma mesa de alumínio coberta por lençóis brancos. Colocou os óculos para ver o ferimento.

— Vai precisar operar — disse. — Não posso só dar uns pontos, é muito profundo.

Gaspar assentiu com a cabeça.

— O que aconteceu?

Pablo interveio e explicou o acidente tal qual Gaspar havia explicado para ele. A médica não questionou nada e voltou a estudar o ferimento. Com luvas e uma pinça, levantou uma das bordas inchadas e deixou o osso à mostra. Gaspar abafou um grito, e aí sim seus olhos se encheram de lágrimas, mas ele as secou violentamente com o braço bom.

— Agora você vai para a sala de cirurgia.

E saiu pela porta dos fundos após injetar analgésico em Gaspar. Muito rápido, antes que Gaspar e Pablo pudessem conversar, outro médico apareceu,

desta vez um homem, e repetiu as perguntas, a análise do ferimento, a insistência de que teria que ser operado. Falou sobre o tipo de sutura, perguntou pelos pais. Preciso de um adulto responsável, disse. Pablo, de repente, se lembrou do óbvio. Era inacreditável que não tivesse se dado conta antes.

— A doutora Lidia Peirano trabalha aqui, não sei se a conhece. A filha dela é nossa melhor amiga, nossa vizinha. É amiga do pai dele.

— Ah, Lidia. Ela está aqui hoje, eu a vi no corredor.

O médico pegou o telefone e falou. Então, preparou mais uma injeção, baixou só um pouco as calças de Gaspar e injetou. Também sorriu, pela primeira vez. Você vai ficar bem, disse. Você se cortou feio, estava correndo pela escada, vocês estavam brincando? Estava sozinho, disse Gaspar, e sim, desci correndo. É preciso ter cuidado, disse o médico, e sorriu novamente, mas Gaspar não sorriu de volta. Não era apenas a dor, Pablo percebeu. Nem era por estar assustado.

Ele estava mentindo.

Lidia Peirano apareceu desgrenhada e falando alto. Ai, meu amor, o que você fez. Outra vez a história da queda na escada. Estavam juntos? Não, disse Pablo, ele veio me procurar assim. Nós viemos de moto. Lidia olhou para eles espantada. Depois me contem isso direito, agora temos que te costurar. Já dei a antitetânica, um antibiótico e um analgésico, disse o médico, que estava medindo a pulsação de Gaspar. Não estava mais falando com eles, dirigia-se a Lidia. Está com taquicardia, perdeu bastante sangue. Lidia também olhou o ferimento e fez um sinal negativo com a cabeça. Deita, disse a Gaspar, colocando travesseiros sob seus pés. Assim vai te dar menos tontura. Depois disse ao médico: o pai é doente cardíaco; até onde eu sei ele não tem problemas, mas avise isso e monitore, peça um eletro já. E então: como você conseguiu fazer um corte tão profundo? Fiquei com o braço preso no vidro e

puxei para tirá-lo, disse Gaspar. Mas, minha vida, era só ter quebrado o vidro com a outra mão. Não pensei, disse Gaspar, estava doendo muito.

O olhar que ele cruzou com Pablo tinha algo de feroz. Cala a boca, diziam seus olhos de pupilas dilatadas, olhos azul-escuros na sala de emergência mal iluminada.

A gente conversa depois, respondeu Pablo apenas mexendo os lábios, e Gaspar concordou com a cabeça.

O médico mediu a pressão de Gaspar, e ele fechou os olhos. Um pouco baixa, disse o médico. Vamos levá-lo. Miller está plantão na cirurgia, o garoto tem sorte. Você tem sorte!, o médico sorriu para Gaspar e depois disse algo a Lidia sobre nervos e tendões. E sobre como o ferimento era estranho: não havia nenhum arranhão na parte posterior do braço, muito mais delicada.

— Você vai esperar lá fora. — Lidia acompanhou Pablo até a sala de espera. — Eu dou notícias. E Juan? É preciso avisá-lo. — Deu a ele duas fichas. — No corredor tem um telefone público, ligue para ele. Se ele não atender, ligue para a minha casa, avise a Vicky e diga para ela continuar tentando.

Pablo hesitou e quis dizer alguma coisa, mas Lidia o interrompeu. Eu sei que ele é uma pessoa estranha e que vocês não se dão muito, mas é o pai. E esse ferimento é muito, muito feio. Faça o que eu estou falando.

Na casa de Gaspar, o telefone tocou e ninguém atendeu, mas Pablo imaginou Juan Peterson sentado em sua poltrona amarela, ouvindo aqueles timbres como gritos até pararem de soar.

* * *

Pablo ouviu o homem do pé inchado contar que, quando era jovem, tinha se cortado com uma lâmina na fábrica e que a antitetânica o tinha ferrado mais que o corte. Ele mostrou a cicatriz, na mão. Pensei que isso ia afetar meus

dedos, mas não. Depois a fábrica fechou, mas isso é outra história. Seu irmão vai ficar ótimo.

Ele não é meu irmão, repetiu Pablo. Por que eles se confundiam? Não eram nada parecidos. Ligou para Vicky. Contou o que tinha acontecido, ela perguntou várias vezes, mas ele está bem?, até deixá-lo irritado e finalmente disse:

— Eu não vou à casa do Gaspar, e muito menos sozinha.

— Sua mãe não disse pra você ir, disse pra telefonar.

— Quero ir ao hospital, levo fichas e ligo daí.

A ligação caiu quando Vicky disse que iria atrás da mãe de Adela: já deveria ter chegado, ela que se encarregasse de falar com o pai de Gaspar, de procurá-lo se não estivesse em casa. E Pablo voltou para o banco na sala de espera. Ainda carregava as toalhas ensanguentadas nas mãos. De repente se lembrou da moto e saiu para prendê-la. Ninguém a levava, mas ele tinha esquecido o cadeado. Correu para ligar para Victoria de novo com uma ficha que encontrou no fundo do bolso e pediu que ela o trouxesse, avisou também que tinha deixado a porta da garagem aberta. Depois se sentou no banco de fora da emergência, sob um pequeno telhado, em frente a um canteiro.

Brigaram, e ele o machucou, o pai dele o machucou. Tinha certeza, embora fosse inacreditável e não tivesse outras provas além da atitude de Gaspar. Lembrou-se da janela. Era grande e ficava exatamente na curva da escada. Ele tinha encostado nela naquela noite, quando entrou na casa de Gaspar e viu Juan com seu amigo, com seu namorado, aquela noite com a qual Pablo sonhava e acordava suando, úmido entre as pernas; às vezes precisava se trancar no banheiro, entrar na banheira, fechar os olhos e lembrar das costas de Juan, lisas e pálidas à luz da lua, e as costas do amigo, marcadas por duas linhas pintadas, ou seriam cicatrizes? Tentou pensar com calma, esquecer o círculo no chão, o cheiro, seus próprios dedos melados entre os lençóis toda vez que

sonhava com eles ou que pensava neles antes de dormir. Não era difícil cair em cima daquele vidro se você escorregasse ou tropeçasse: ficava num local perigoso. No entanto, conhecia Gaspar o suficiente para saber quando estava mentindo. E o que ele deveria fazer? Se Juan era capaz de algo assim, era preciso tirar Gaspar daquela casa. Ele não tinha mais fichas, mas encontrou dinheiro e atravessou correndo até a banca para fazer outra ligação.

— Você não acredita — disse Vicky. — Meu pai teve que sair porque aconteceu sei lá o que na farmácia, chegou um pedido, e estou presa aqui com Virginia, não posso deixá-la com minha avó, que está se sentindo mal. A mãe de Adela foi à casa de Gaspar. Disse que ela cuidaria disso.

Pablo comprou uma Coca-Cola e não conseguiu engolir, as bolhas de gás eram grandes demais, e ele voltou ao hospital. Sentou-se ao lado de um paciente recém-chegado, que apertava o braço contra o peito e dizia que tinha caído feito um tonto na rua. Pablo sentiu o bafo de álcool. Precisava ligar para sua mãe? Olhou o relógio: quatro da tarde. Estaria de volta? Às vezes demorava muito no médico. Precisava ligar para ela porque ficaria assustada, havia sangue na entrada de casa, na calçada, no sofá, na garagem, e as toalhas do banheiro tinham sumido. A moto também tinha sumido, embora Vicky tivesse tido tempo de ir correndo e fechar a porta da garagem. Isso não era um problema. O sangue, sim. Vai pensar que é meu e vai se assustar, é muito sangue, talvez Gaspar precise de uma transfusão, e se derem a ele um sangue que não é do seu tipo sanguíneo? Você morre se fazem isso. Apesar de que aqui no hospital eles têm que saber. Qual é o tipo sanguíneo dele? Eu sou doador universal, me disseram, posso doar se for preciso.

Lidia apareceu surpreendendo-o, com seu uniforme branco e o estetoscópio pendurado no pescoço, pouquíssimas vezes a viu vestida de outra maneira, nem mesmo nos fins de semana, porque sempre trabalhava no sábado ou no domingo.

— Está tudo em andamento, estão suturando ele. Vai ficar perfeito. Avisaram o Juan?

— Betty foi avisar.

Pablo abaixou a cabeça e apertou as toalhas. Onde eu deixei o cinto? Voltou a sentir a respiração de Gaspar em sua nuca, na moto, quente no ar frio da tarde de inverno; talvez a gente possa dormir juntos, usar a colcha nova que meu pai trouxe e que é superquentinha, de plumas. Isso se ele não morrer, pensou.

— Já volto — disse Lidia, e Pablo ficou na emergência, uma garota da sua idade não conseguia respirar, a mãe gritava que ela tinha asma, e a garota ficava cada vez mais nervosa até que uma médica fez a garota sufocada entrar e fechou a porta na cara da mãe, e Pablo pensou em Gaspar, que estava sozinho enquanto o costuravam. E Juan? Talvez estivesse escondido em algum dos cômodos daquela casa grande e escura, talvez estivesse com seu amigo de cabelos brancos, que gemia como se doesse, será que dói muito?, desde que os vira, pensava sempre o mesmo, se doía.

Tomara que eu esteja errado, pensou, e apertou as toalhas. Tomara que Juan esteja internado e Gaspar esteja dizendo a verdade.

Lidia voltou com várias notícias: você já pode entrar para ver o Gaspar, daqui a pouco ele pode ir embora, mas prefiro que fique algumas horas até Juan aparecer. Se não aparecer, eu o levo para minha casa. Que desgraça, essa criança. Não faz nem dois meses que ele bateu a cabeça.

Gaspar não estava sozinho. Havia um médico a seu lado, um novo.

— Seu amigo é um campeão! — disse. — Sem nenhuma viadagem, nada. Vai ficar fenomenal.

Depois levou Lidia para um canto, e Pablo não conseguiu ouvir direito, falou alguma coisa sobre curativos e antibióticos. Quando voltaram — Gaspar não havia olhado para ele durante todo o tempo, olhava para a atadura —,

disseram qualquer coisa sobre vocês batem na porta da emergência e nós viremos buscá-los.

Gaspar se sentou na maca e olhou Pablo nos olhos quando os médicos fecharam a porta.

— Você não disse nada, disse?

— Sobre o quê?

— Se você disse alguma coisa, eu te mato.

— Mas sobre o que eu vou falar, idiota!

Gaspar baixou a voz e encurvou as costas: parecia um animal.

— Nós brigamos, e ele me cortou. Você percebeu. Se contar pra alguém, eu te mato.

Gaspar o estava ameaçando, estava raivoso, parecia até que queria bater nele. Pablo, no entanto, não conseguiu ficar bravo. A revelação o tinha deixado esgotado, com falta de ar. Aproximou-se de Gaspar apesar de ele ter estendido a mão num gesto claro de me deixa em paz; continuou a se aproximar e se sentou a seu lado na maca e viu que Gaspar tentava não olhar para ele, explorava com os olhos a parede pintada de verde, um pouco descascada, o pôster com ossos humanos detalhados, um papel grudado com durex que indicava horários para tirar radiografias, frascos e seringas de vidro. Pablo fez um carinho na mão de Gaspar, e ele deixou e deixou também que colocasse o braço em volta de seus ombros, mas não aceitou mais consolo. Você vai me contar o que aconteceu, perguntou Pablo em voz baixa, e Gaspar assentiu; quando olhou para seu amigo, com os olhos secos, disse agora não posso, e Pablo respondeu que tudo bem.

— Obrigado — disse Gaspar, depois de um tempo, depois de respirar fundo várias vezes, estava tentando não chorar ou se acalmar? Pablo não entendia, não conseguia entender como alguém que tinha sido maltratado

daquele jeito pelo próprio pai poderia se sentir. — De verdade. Se eu não tivesse te encontrado, não sei o que teria acontecido.

— Você pegaria um táxi.

— Talvez. A ideia do cinto foi genial.

Disse isso sem sorrir. Pablo pensou que nunca mais o veria sorrir.

— Ou você ia cair feio. Ainda está tonto?

— Um pouco.

Lidia entrou de novo, quase batendo a porta. Vejamos, vejamos, disse, e mediu a pulsação de Gaspar. Vamos para a sua casa, Betty disse que seu pai chegou há pouco. O braço para cima, não o deixe pendurado, já te explicaram.

Antes de seguir Lidia, Pablo deteve Gaspar apoiando a mão em seu ombro bom.

— Tem certeza sobre ir para sua casa?

— Não tenho medo dele.

— Como não?

— Isso é entre ele e eu. Pablo: se você disser alguma coisa, não vou te matar, mas nunca mais vou falar com você na vida.

E com essa frase ele saiu da sala, o braço erguido, o cinto no lugar e as calças já secas, manchadas de sangue.

* * *

Gaspar ficou um pouco tonto com o vaivém do carro, mas não disse nada para Lidia. Pablo tinha ido embora de moto. Depois a gente se vê, prometera a ele, mas não tinha certeza se haveria um depois, não conseguia explicar, mas não sabia se realmente voltaria a ver Pablo, se sairia de casa novamente. Agora não havia possibilidade de fugir. Mas queria fugir. Queria ver o pai.

A porta estava entreaberta. Quando o carro parou, Beatriz, mãe de Adela, saiu. Sempre tão magra e ossuda. Era estranho vê-la ali. Ela tinha conhecido sua mãe. Sobre o que aqueles dois teriam conversado? Parecia um pouco nervosa. Gaspar sentiu as pernas bambearem ao ver o pai em pé no corredor, com a falsa cara de preocupação. Teve que encostar na parede, Lidia notou sua tontura e o levou devagar até a sala de estar, onde estava a poltrona. No térreo, exceto pelas três cadeiras da cozinha, não havia nenhum outro lugar para sentar que não fosse o chão. Betty foi embora e fechou a porta. Essa mulher esconde alguma coisa, pensou Gaspar. Por que percebo algo tão óbvio justo agora. Vai ver Adela tem razão sobre seu pai. Os pais não deveriam existir, deveríamos ser todos órfãos, crescer sozinhos, alguém te ensinaria a fazer a comida e a tomar banho desde a infância, e nada mais.

Lidia se aproximou de seu pai, e Gaspar não conseguiu entender o que ela dizia a ele. Seu pai fingia escutar e dizia obrigado, isso ele percebeu pelo movimento dos lábios, fazia que sim com a cabeça enquanto recebia caixas de remédios, desinfetante e até gaze. Os cabelos do pai estavam muito limpos e, como estavam um pouco grandes, ele tentava colocar os fios de uma mecha loira atrás da orelha. Lidia pôs a mão no ombro dele — quase tinha que esticar o braço completamente para fazer isso —, e Gaspar ouviu qualquer coisa que precisar, sabe muito bem que estamos à sua disposição, e ele tão falso dizendo que tinha encontrado a janela quebrada e visto o sangue e não tinha entendido até Beatriz chegar.

— Eu estava na clínica. Parece uma piada de mau gosto, tudo isso. Quando eu estava indo para o hospital, vocês já estavam vindo para cá.

— Qualquer coisa que precisar, Juan, de verdade.

— Não haverá problema. A enfermeira vai nos ajudar.

Continuaram conversando assim por um tempo. A tontura tinha passado, mas Gaspar não estava mais interessado no que eles falavam. Sentiu a

palpitação da dor no braço; não era muito forte, tinha tomado muitos analgésicos, mas ardia. Ia piorar.

Quando fechou a porta, seu pai apenas grunhiu. Em vez de ir até Gaspar, foi para seu quarto: no caminho, jogou no chão o saco com os remédios, a gaze, o desinfetante.

Gaspar não iria deixar que ele se trancasse. Não iria deixar que o abandonasse na sala de estar, sozinho e com dor.

— Vem aqui! — gritou, e sentiu que não tinha mais dor nem calmantes no corpo, apenas a raiva que o fazia tremer. Poderia matá-lo agora. Queria que o pai se desse conta. — Diz alguma coisa, filho da puta!

Gaspar ficou de pé na sala de estar e esperou pelo pai, que veio andando lentamente. Sentiu o impulso de ir até ele e esmagar sua cabeça contra a parede. Quando o encarou, a raiva se diluiu e teve vontade de se deitar no chão e parar de respirar.

— Onde você está, papai? Você não é meu pai. Ele me amava. Quem é você?

O silêncio foi tão absoluto que Gaspar pensou que aquele homem não podia ser seu pai, devia ter ido embora.

— Estou vazio.

— Não. Não. Quero que me diga onde está o meu pai.

— Está aqui. Ainda está aqui.

Gaspar ouviu os passos que se aproximavam e estendeu o braço bom. Não me machuca mais, por favor, disse. Seu pai se sentou no chão, a seu lado. Gaspar sentiu seu cheiro, reconheceu-o.

— Você é o que eu mais amo na vida, Gaspar.

— Então o que é que você tem. Me mata, papai, por favor, não tenho medo.

Gaspar olhou nos olhos do pai e viu uma cobiça terrível, um desejo completamente novo para ele, como uma cor desconhecida.

— Não me peça isso.

— É o que você quer.

— Não. Não é o que eu quero.

Gaspar sentiu raiva novamente. Mentiroso, pensou. Estava atuando. Nem sequer perguntou como seu braço estava.

— Não perguntei porque sei que está bem.

— Sai da minha cabeça — grunhiu Gaspar.

— Estou sempre na sua cabeça, mesmo que você não perceba. Não se feche. Se você se fechar, vai doer. Chega de dor, Gaspar.

E então Gaspar sentiu algo de que se lembraria anos depois, mas que não sabia nomear: uma transfusão de sangue, água quente nas veias, imagens que não se enxergavam com os olhos. Se viu dormindo com seu pai em uma cama com lençóis brancos, com um ventilador. Antes, muito pequeno, ainda bebê, deitado no peito do pai, que lia um livro num ângulo impossível para não o acordar. O banco de trás de um carro. O barulho das cataratas. Nadar. Seus pais dançando ao lado de um toca-discos. Uma luz negra na noite, uma mulher sem lábios, sua mãe com uma camiseta alaranjada brincando com ele em um jardim, seu pai falando em um quarto escuro, os desenhos geométricos nos cadernos e a lembrança de uma casa úmida com gente ao redor, o teto manchado e o pai ao lado fazendo sinal negativo com a cabeça. Cheiro de gasolina e risadas na água. E principalmente, junto com as imagens, aquele calor em todo o corpo que o fez se jogar sobre o pai, socá-lo com os punhos. Seu pai não tentou impedi-lo, e Gaspar se pôs a afundar os olhos dele, arranhar suas bochechas, até que se cansou. E quando se cansou, deixou-se cair no chão e olhou para o teto, a lâmpada que balançava como se houvesse alguma

corrente de ar vinda de uma janela aberta. Quem dera tivesse sido diferente, ouviu.

— As pessoas que se amam não se fazem mal — disse Gaspar.

— Isso não é verdade — respondeu Juan. — Eu machuquei você para salvá-lo.

— Você está louco?

— É possível que, para você, eu esteja louco, mas é tarde demais para você entender, e eu não quero que entenda, filho. Estou preparado para que me odeie. Gostaria de morrer e deixar uma boa lembrança minha, mas isso não é possível, e acho que é melhor assim.

— Eu não te odeio — suspirou Gaspar. — Mas você me dá medo. Por que me machucou? Diz a verdade. Você me fez chupar sangue, papai.

— Era necessário. Cada passo foi necessário para você ficar protegido.

— De quem, papai? Se é só de você que eu preciso me proteger! E se eu contar pra alguém? Você pode ir pra cadeia por me machucar assim, não é igual a me dar um tapão.

— Também estou preparado para você me denunciar.

— Acabou de mentir pra Lúcia.

— Eu poderia dizer a verdade a eles. Não me importa.

Gaspar se sentou. Há quanto tempo estava assim, no chão, ao lado do pai? Horas? O braço doía terrivelmente.

— Nós sempre cuidamos um do outro, eu cuidei de você nesse tempo. Não precisava fazer isso comigo.

— Eu vou continuar cuidando de você. Espera — disse Juan, e, com delicadeza, roçou a mão no braço ferido. — Não tenha medo de mim, não precisa mais ter medo.

Juan encostou a mão no curativo, e Gaspar teve um sobressalto, mas então, imediatamente, a dor desapareceu. Não foi embora aos poucos: desapareceu

como se nunca tivesse estado ali. Seu pai o encarou. Seus olhos estavam ensanguentados. Parecia morto. Está morto, pensou Gaspar.

— A ferida continua aí. Cuida dela como se doesse, mas ela não vai mais doer. Não toma os analgésicos, não precisa. Toma os antibióticos.

— Para onde foi a dor?

— Isso você pode imaginar, filho.

Gaspar se deitou no chão. Queria dormir sem sonhos, queria dormir por anos.

* * *

Estava sentado no degrau da porta de casa quando viu seu tio chegar. Reconheceu-o imediatamente: os traços familiares eram indiscutíveis, embora Luis não fosse tão grandão quanto seu pai e tivesse alguns cabelos brancos. Era mais velho, Gaspar sabia disso, devia ter uns quarenta anos. Seu tio acenou e correu até ele. Vestia uma jaqueta acolchoada preta sobre uma camisa de flanela e trazia uma bolsa pendurada no ombro. E, quando chegou perto, Gaspar percebeu que estava bronzeado, era esquisito o contraste com os cabelos loiros, mais claros ainda por conta dos fios grisalhos; também tinha muitas rugas. Ficaram se olhando por alguns segundos até que seu tio sorriu e o abraçou, bagunçou seus cabelos, disse você está enorme, contou que a última foto que tinha recebido fazia mais de três anos. A voz de Gaspar saiu tremida quando falou:

— Tem café de hoje cedo. Você toma café?

Seu tio disse que sim, mas antes parou para olhar a casa. Que maravilha, comentou, apontando para a porta de madeira, as persianas de ferro pintadas de verde-escuro e finalmente a assinatura gravada ao lado da porta: O'Farrell e Del Pozo.

— São dois arquitetos famosos — explicou. — Você vive numa casa fantástica.

Gaspar sentiu um pouco de vergonha quando seu tio entrou, porque ela não era fantástica por dentro. Parecia um lugar inabitado. Luis não disse nada, embora tenha olhado em volta, um tanto surpreso. Nenhum quadro nas paredes, nem móveis para guardar coisas, apenas aquela poltrona amarela. Gaspar agradeceu o seu silêncio. A cozinha era mais aconchegante, e Gaspar pôs o café para esquentar.

— E seu pai?

— Acho que está dormindo.

— Eu vou ficar por um tempo, *negrito*, vocês não podem ficar sozinhos.

Gaspar respirou fundo antes de perguntar:

— Por que você não veio antes?

Seu tio sorriu.

— Fiquei sabendo que você ligou para a Mônica no Brasil. Seu pai me pediu para não vir até que ele pedisse. Você sabe que seu pai não é uma pessoa fácil. Também não é fácil se separar.

— Imagino — disse Gaspar. A voz de seu tio o tranquilizava. Era a mesma voz que ele ouvira tantas vezes por telefone e que o cumprimentara nos aniversários, no Natal, às vezes no dia de Reis, todos os anos, desde que ele tinha memória. Não era um desconhecido, ainda que só o tivesse visto em fotos. Não tinha telefonado durante a Copa, isso era estranho. Perguntou sobre isso.

— Eu liguei! — disse seu tio, e riu com a risada que Gaspar também reconheceu, uma gargalhada curta e bastante alta, um pouco gritada. — Mas nunca tinha ninguém aqui durante os jogos.

— Papai estava, acho, mas não iria atender você. Eu vi os jogos na casa de uma amiga, por superstição.

— Que pena, eu teria gostado de falar com você.

Gaspar derramou um pouco de leite ao colocá-lo em seu café. Ele achou esquisito o tio beber café sem açúcar, mas não disse nada.

— Você quebrou o braço?

Gaspar estava esperando a pergunta, porque ainda estava com o braço semi-imobilizado. Faltava pouco para tirar os pontos. Não queria falar sobre isso com seu tio. De tanto repetir a mentira, talvez algum dia acabasse acreditando nela.

— Eu me cortei feio porque caí da escada. Depois te mostro, a escada tem uma janela e me desequilibrei e meti o braço no vidro. Fui operado e tudo.

— Sêrio? Seu coroa não me disse nada.

É claro que não, pensou Gaspar. A cicatriz coçava, repuxava; Gaspar coçou com cuidado por cima do curativo. Seu tio tomava um gole de café: ele não desconfiava, tinha acreditado no acidente. Como iria suspeitar? Na dúvida, continuou falando. Contou que na segunda-feira seguinte voltaria à escola e que ainda não tinha permissão para jogar futebol, embora ele não entendesse por quê, se havia jogadores que jogavam infiltrados e com coisas piores.

Não conseguiu terminar de contar nem receber resposta, porque ouviu os passos inconfundíveis de seu pai na sala de estar e, com surpresa, o viu entrar na cozinha. Era raro ele se levantar da cama. E com mais surpresa ainda viu o abraço, os olhos emocionados de seu tio, o corpo alto de seu pai que, naquele gesto de afeição, parecia frágil. Os dois saíram da cozinha; seu tio sinalizou com um gesto que voltaria logo, seu pai sequer o olhou. Gaspar se pôs a lavar as xícaras com apenas uma das mãos porque não podia molhar o braço machucado.

* * *

Vicky ficou surpresa ao voltar da escola e ver, na bagunçada sala de estar de sua casa, Luis, o tio de Gaspar, tomando mate com sua mãe, que estava de folga do hospital naquele dia e no seguinte. Sua mãe a apresentou como “uma das melhores amigas de Gaspar”, e Luis disse que tinha ouvido falar dela. Vicky pensou que ele era como uma versão mais velha e mais agradável do pai de Gaspar. A conversa importante já tinha terminado, Vicky percebeu, porque agora falavam da vida de Luis no Brasil. Um bairro chamado Gamboa, perto de Santa Teresa. Que lindo, disse sua mãe, e Luis respondeu: mais ou menos, talvez eu já não achasse tão lindo porque dá saudade. Falavam do exílio, Luis disse que sentia falta dos cheiros, da comida, que o Rio era uma cidade maravilhosa, mas também muito melancólica. E essa volta também é triste, disse, e então os dois olharam para Vicky, mas ela pegou um canudinho de doce de leite e não se mexeu.

— Ficaria muito mais confortável em um hospital — disse Lidia, de repente.

— É o que me falam, mas ele prefere ficar em sua casa enquanto puder. Irão interná-lo logo, logo.

A casa de Gaspar já era como um hospital. Vicky tinha estado lá uma única vez, mas percebera a mudança. Estava quentinha, com os aquecedores ligados. Tinham comprado uma cama nova para Juan, mais confortável para cuidarem dele, alta, com grades, com uma manivela para levantar a cabeceira e, pela espiada que deu no quarto, viu que todos os remédios estavam sobre uma mesinha, organizados. A enfermeira dormia lá, a médica quase sempre. Nos dias em que não trabalhava no hospital, sua mãe também ajudava. Vicky achava bom, mas percebia que, enquanto isso, ninguém dava muita atenção a Gaspar, que andava pela rua, de bicicleta, ou ia nadar, ou ia ao cinema e via um filme atrás do outro e parecia tão triste, magro, não ficava contente nem mesmo quando assistia a um jogo de futebol, e faltava na escola.

— Gaspar está supermal — disse Vicky.

Luis olhou para ela, com a bomba entre os lábios e os olhos azul-turquesa muito atentos. Apoiou a cuia de mate na mesa, cevou a erva e o passou para Vicky.

— Está um caco. É o pai dele. E para completar teve dois acidentes nos últimos meses, que azar, coitado.

— E eles também não se dão bem.

— Meu irmão nunca foi um cara fácil, e me parece que é difícil para o Gaspar aceitar que terá que se despedir de seu pai.

— O senhor vai adotá-lo?

— Me chama de você.

Vicky estava impressionada com aquele homem, que falava com ela seriamente, como se fosse adulta, que a olhava com franqueza e cevava o mate de um jeito genial.

— Já terminei os primeiros trâmites, agora sou o tutor de Gaspar.

— O que é isso?

— Que sou o adulto responsável por ele.

— Então talvez você devesse prestar um pouco de atenção, porque não estão cuidando muito dele.

Luis entrelaçou as mãos sobre as pernas e pensou antes de responder.

— Olha, Vicky. O que você está dizendo é verdade. Eu também gostaria que Gaspar me ouvisse mais, que passasse mais tempo em casa. Porque ele ainda é um garoto. Cada um lida com a morte do pai ou da mãe como pode. Minha mãe morreu quando era só um pouco mais velho que Gaspar. Foi uma doença muito feia, e eu também fiquei meio rebelde. Tenho certeza de que vocês, como amigos, podem ajudá-lo melhor do que eu, porque o conhecem mais.

Vicky cruzou as pernas sobre o sofá; vestia o moletom de ginástica.

— Não sei como ajudar — disse.

— Entende o que eu estou dizendo? — disse Luis. — Ninguém sabe.

* * *

Gaspar voltou para casa tarde. Seu pai já estava internado, e a casa era tão tranquila sem ele, sem a movimentação das enfermeiras, sem a necessidade de fazer silêncio. Não sabia se seu tio, que dividia o tempo entre a clínica e tentar ficar com ele, estava em casa. Havia pizza no forno, e apesar de já estar fria — e com vários pedaços faltando —, ele a comeu na mesa da cozinha. Uma sorte: o bar do parque tinha fechado sem aviso, e ele estava com muita fome depois de passar a tarde no cinema. A porta do quarto de seu pai estava entreaberta, e por um momento ele pensou ter visto a figura dele na cama, mas era um movimento de sombras.

Ouviu a porta, as chaves. Os passos que vieram depois do barulho eram de seu tio: decididos, rápidos, de tênis. Encaminharam-se direto para a cozinha e, quando Gaspar viu seu rosto, cansado e com o cenho franzido, uma expressão entre preocupado e triste, pensou: lá vem conversa. A conversa, pensou Gaspar.

Seu tio se sentou em uma das cadeiras da cozinha e pediu a ele, por favor, um copo de alguma coisa gelada. Gaspar serviu-lhe suco de maçã com gelo. Talvez quisesse vinho? Se tivesse dito.

— Quer ir na clínica comigo? Você ainda não foi desde que internaram o seu coroa.

— Para quê? Alguma coisa mudou?

— Como você está bravo, filho.

Luis mexeu o gelo no copo, como se fosse uísque, e disse:

— Algo mudou, sim. Seu pai não está mais consciente. Teve um derrame cerebral nesta manhã. Sabe o que é isso?

— Não.

— Eles me explicaram mais ou menos, eu também não entendo muito. Resumindo, o que isso quer dizer é que não sabem se ele vai acordar.

Gaspar sentiu os joelhos bambearem e ao mesmo tempo o alívio era tão grande que não sabia como reagir.

— Seria bom você se despedir, eu acho. Não sabem se ele escuta ou não. Dizem que é imprevisível, seu pai.

— Para que você quer que eu me despeça se ele nem vai saber, você está mentindo — disse Gaspar, e não quis ouvir mais nada. Foi para o quarto e fechou a porta com chave para que o tio não o incomodasse. Como era capaz de bater na porta, Gaspar se deitou de barriga para cima, colocou os fones de ouvido e um disco de *Depeche Mode* e *Cure* — o que estava no aparelho de som: virava sozinho — e na escuridão chorou tentando não fazer barulho, até que adormeceu com a música na cabeça e sonhou com seu pai, que falava com ele segurando uma enorme faca nas mãos, como a de um caçador, falava sentado em sua cama de moribundo e tinha cortado as próprias pálpebras, com a faca talvez, embora Gaspar não visse sangue no sonho, somente os olhos amarelos de seu pai abertos e sobre os lençóis os cílios loiros grudados a restos de pele seca.

Não conseguia entender o que ele estava dizendo, e isso era o que mais o angustiava no sonho, porque parecia importante.

* * *

Aquele sábado era o dia prometido. Combinaram de se encontrar direto na casa da rua Villarreal, no jardim seco da entrada, depois do lanche. Gaspar disse que preferia entrar com luz, às seis da tarde já estava escuro, mas eles o ignoraram e ele não insistiu. Fazia dois dias que seu pai não acordava.

Finalmente tinha ido vê-lo na clínica; seu tio parou de insistir, mas ele se decidiu. Estava sozinho em um quarto especial de UTI, exclusivo para ele. Gaspar se sentou na cama. Seu pai estava com os olhos fechados. Ele os abriu. A pupila direita estava fixa e preta, como um escaravelho. A outra estava normal. Tocar seu corpo era como tocar argila. Não podia acreditar que tivesse se desligado assim. Não estava morto, tampouco estava totalmente vivo e, apesar de ainda estar com raiva, Gaspar teria gostado de conversar um pouco com ele, quem sabe pela última vez, dizer que não o perdoava mas que o amava, iria morrer sem falar com ele novamente? Havia se acabado assim tão repentinamente? Quando seu pai fez um movimento mínimo, Gaspar se aproximou aliviado, ainda não estava morto. Respirava de um modo tão estranho que por isso parecia estar se mexendo: passava quase um minuto sem respirar nada e de repente inspirava como se lembrasse que precisava fazer isso, e então o fazia rápido, agitado, e parava de respirar de novo. Não abria os olhos, mas conseguia ouvi-lo? Inclinou-se para sussurrar em seu ouvido e disse: lembra, papai. Deu a mão para ele, mas não teve nenhuma resposta. Quando saiu do quarto, seu tio o esperava do lado de fora, e Gaspar perguntou se ele tinha percebido como o pai estava respirando. O tio disse que sim e colocou a mão em seus ombros, mas Gaspar o afastou. Não queria ser tocado. Onde estavam Esteban e Tali, se eram tão amigos, por que o tinham deixado sozinho? Na sexta-feira pela manhã, antes de ir à escola, Gaspar passou pelo quarto e pensou ter visto o pai morto na cama, tão imóvel, o sol entrando pelas frestas, e ficou na porta até a imagem se dissipar. Sim, ele iria morar com o tio, de quem gostava, que era tão diferente e tão parecido aos pais de seus amigos, mas se sentiu expulso de sua verdadeira casa, uma casa que não conhecia completamente ou aquela onde tinha permissão para entrar apenas em alguns cômodos, uma casa secreta que era completamente sua. Sentiu como se

batessem a porta em sua cara, como se o enviassem a um mundo diferente, onde seria criado por um desconhecido, como em *Guerra nas estrelas*.

Ele tinha chegado cedo demais ao encontro na casa da rua Villarreal. Pelo caminho, viu alguns garotos jogando bola e um grupo de meninas brincando de pular elástico. Era sábado à tardinha, o tempo já começava a esquentar, e o céu parecia pintado, sem nuvens, estava escurecendo até o azul antes do preto da noite. Gaspar levava na mochila um ferro grande para usar como pé-de-cabra, que ele tinha pedido na borracharia. Pablo estava encarregado de levar a lanterna, Adela, as chaves para o cadeado, e Vicky não levava nada porque de repente era contra entrar na casa. Tinha dito isso de forma bem clara: tenho medo, há alguma coisa dentro da casa e não sei se tem a ver com o pai da Adela, mas não me importa. Se você não quiser, não entra, dissera Gaspar. Não vou deixar vocês sozinhos, Vicky tinha respondido, mas tomara que a porta não abra.

A porta iria abrir, Gaspar sabia disso.

Sentou-se na calçada para esperar os outros e acendeu um cigarro. De onde estava não conseguia ver a casa nem a porta, mas podia imaginá-las.

Lembrou-se de como, na Costanera, seu pai tinha pedido para ele abrir o portão de ferro para ir até a praia, quando levaram as cinzas de sua mãe. O que ele tinha feito? Apenas obedecer. Achava que poderia fazer outra vez sem ele. Seu pai também seria cremado. Ninguém era cremado. Por que seus pais sim? Tinha perguntado isso a seu tio, que, visivelmente desconfortável, dissera que a cremação lhe parecia um costume saudável, embora ele preferisse a terra, a sepultura. Também era caro cremar, mas isso não era um problema. Perguntou se eles iriam ficar com as cinzas, e seu tio disse que poderiam fazer o que quisessem. Que seu pai lhe dissera: quando for jogá-las fora, jogue-as no rio. Mas enquanto estiverem na mesma casa que Gaspar, ele é quem decide. Outra

vez a caixinha de cinzas em uma estante. Ser órfão era isso: ter caixinhas de cinzas e não saber o que fazer com elas.

Adela chegou primeiro, como ele esperava. Trazia as chaves. Sentou-se ao lado de Gaspar, na calçada: vestia uma calça jeans que ficava um pouco grande e um moletom rosa antigo com mangas largas. Pablo chegou depois, com Vicky. Gaspar percebeu que ela estava assustada, de todos era a que mais tinha medo. É claro que ela tinha sido a única a ouvir aquele zumbido da casa; Gaspar tinha tentado ouvir também, mas para ele a casa estava em silêncio.

— Não vamos entrar. Por favor — disse Vicky.

— Se você não quer, não vem — irritou-se Adela, e se aproximou do portão com a chave do cadeado na mão. Gaspar deixou que ela tentasse abri-lo, deixou-a manusear o cadeado e usar a chave durante um tempo, apesar de saber que, mesmo que fosse possível abri-la, ela não conseguiria com uma mão só. Deixou que ela tentasse até que sentiu pena demais. Pensou em seu pai, em como estava morrendo sozinho na cama do hospital, respirando de tempos em tempos, e disse a si mesmo vamos, vamos entrar nesta casa, o que pode nos acontecer; se Adela acha que aqui dentro há alguma pista, vamos ver se ela está certa; descobrir que zumbido é esse, por que as pessoas têm tanto medo dessa casinha de merda, o que se esconde aqui, eu posso abri-la, eu posso entrar no oculto, pensou, e repetiu, eu posso entrar no oculto, sempre pude, mas não sei se quero viver assim, meu pai viveu assim?

Afastou Adela com delicadeza e cobriu com seu próprio corpo as mãos e o cadeado, tapou a visão dos demais para que não percebessem que ele sequer o manuseava, simplesmente o segurou entre os dedos, e a porta se abriu com uma pressão mínima.

— Você estava certa — disse a Adela, tentando disfarçar as gotas de suor que se formavam em sua testa e escorriam pelas costas. Seu corpo não tinha feito nenhum esforço, mas se comportava como se estivesse exausto depois de

uma corrida: o coração estava batendo forte e muito rápido. — Esta chave abre tudo. Agora vamos ver qual é a dessa porta. Me passa a mochila.

Adela entregou a ele: Gaspar tentou evitar os olhos dela. Tinha um olhar apaixonado. Ela o olhava com o mesmo olhar de quando ele a presenteou com a caixa para melhorar o desconforto em seu braço fantasma. Por que ele fazia coisas por Adela? Gostava dela, era sua amiga, não era por pena. Era como se devesse um favor a ela. Colocou o pé-de-cabra na porta. Era de ferro, não parecia ser a original, certamente tinham tirado a de madeira para fechar a casa com esta, mais firme.

— Quer ajuda? — perguntou Pablo. — Seu braço não está doendo?

— Um pouco, mas estou bem — mentiu Gaspar. O braço estava curado. Não tinha sensibilidade em alguns dedos, mas iria recuperá-la, conseguia mexê-los, sentia-os menos que os outros. Eram dedos fantasmas. Dedos fantasmas no braço direito, o que faltava à Adela.

Gaspar fingiu fazer força, apertou os dentes, simulou a alavanca. Na verdade, não estava fazendo nada além de apoiar o ferro na junção da porta. Ela já estava aberta. Chutou com força para parecer que o movimento tinha sido o mesmo, que o chute acompanhava o esforço dos braços e da alavanca. Quando se abriu, todos recuaram. Gaspar teve que se agachar para respirar e tentar se acalmar: mais uma vez não tinha se esforçado fisicamente, mas seu corpo reagia como se tivesse carregado algo muito pesado. Durante aqueles minutos de recuperação, não viu o que tinha feito os outros recuarem.

Havia luz dentro da casa.

Adela entrou, decidida. Gaspar a seguiu e percebeu que os outros dois estavam atrás dele. Vicky agarrou a mão dele e a apertou. O que eles viam era impossível porque a luminosidade parecia elétrica, mas não havia lâmpadas penduradas no teto: havia buracos com cabos velhos que despontavam como galhos secos. Também cheirava a desinfetante. Tinha algo de hospital, pensou

Gaspar, e não disse nada. Junto à porta, do lado de dentro, havia um telefone preto, antigo. Estava desligado, o fio arrancado estava à vista, mas Vicky falou no ouvido de Gaspar: ai, espero que não toque. Pablo, um pouco mais distante, girava olhando ao redor.

— É grande demais — disse sem olhar para eles. — A casa. É maior por dentro do que por fora.

Ele tinha razão. A sala de estar, ou o hall de entrada, ou seja lá o que fosse aquele primeiro ambiente, parecia um salão vazio e tinha três janelas, embora só duas fossem visíveis do lado fora. Só havia duas. Gaspar sentiu Vicky cravar as unhas em seu braço, o braço bom, ela era cuidadosa, nunca dissera a ela que não doía, tampouco a Pablo, apesar de Pablo saber o que tinha acontecido. Depois disse em voz alta:

— Vamos sair. Está zumbindo.

Agora Gaspar também ouvia, embora muito tênue, em uma frequência muito baixa, semelhante a quando o aparelho de som fica ligado e vibra quase imperceptivelmente. Era como se atrás das paredes vivessem colônias de insetos escondidos sob a tinta. Pequenos insetos, talvez alados. Borboletas noturnas. Escaravelhos pretos. Pensou que a qualquer momento a tinta, de um amarelo bem clarinho, se desprenderia e deixaria que os insetos saíssem voando, imaginava muitas mariposas, aqueles animais que quando pegamos se transformam em cinzas.

Ser órfão era carregar cinzas.

Adela se adiantava, entusiasmada, sem medo, entrava na casa iluminada por seu sol particular, a casa que era outra por dentro. Pablo disse a ela espera, espera; mas ela o ignorou. A vibração a atraía. A luz, que não era elétrica, pelo menos não vinha de nenhuma lâmpada no teto, fazia com que parecesse dourada.

Eles a seguiram até a sala seguinte, que tinha móveis. Poltronas sujas, de cor mostarda, acinzentadas pela poeira. Prateleiras de vidro empilhavam-se contra a parede. Estavam muito limpas e cheias de pequenos enfeites. Adela se aproximou para ver o que eram: chegavam quase ao teto. Na prateleira inferior havia objetos de um branco amarelado, com formato semicircular. Alguns eram arredondados, outros mais pontiagudos. Gaspar ousou tocar em um deles e o soltou imediatamente, com nojo.

— São unhas — disse.

Vicky se pôs a chorar. Pablo e Adela continuavam olhando. Gaspar os observou. Estavam esquisitos. Fascinados, mas como se tivessem acabado de acordar, sonolentos. Ele e Vicky não, eles estavam alertas. A sensação de que algo horrível iria acontecer era claríssima, ao menos para ele, mas se entregou. A casa os buscara e agora os tinha ali, entre seus dedos, entre suas unhas. A segunda prateleira estava decorada com dentes. Molares com chumbo preto no meio, arrumados; depois os caninos, que lhe ensinaram no colégio, se chamavam incisivos. Dentes de leite, pequenos. Gaspar adivinhou o que havia na terceira prateleira antes de vê-la, era óbvio. Havia pálpebras. Posicionadas como borboletas, tão delicadas quanto. Cílios curtos, escuros e longos, algumas sem cílios.

— Temos que pegá-los — disse Adela, excitada. — Talvez algum seja do meu pai!

Gaspar a deteve. Segurou a mão dela antes que pudesse tocar os delicados restos humanos nas prateleiras. E então uma porta bateu dentro da casa. Gaspar se lembraria daquele som por anos, com muita nitidez. Uma pancada firme, não uma batida de vento. Uma batida de porta sem rangido. Um som seco e definitivo. De que parte da casa ele vinha? Era impossível identificá-lo lá de onde estavam. Vicky ficou histérica e quis correr, mas não soube para onde. Pablo a agarrou pela cintura, mudo. Gaspar olhou para ele com admiração e se

encarregou de Adela. Ele olhou nos olhos dela — olhos escuros e ofuscados — e disse, de forma bem clara:

— Agora vamos tentar sair. Tem alguém aqui.

— Não fala em voz alta — sussurrou Vicky, e Gaspar pensou as coisas precisam estar claras porque agora temos que nos salvar. Sentia-se frio e determinado. Levava o ferro na mão e sabia que seria capaz de usá-lo.

— Vicky, já sabem que estamos na casa.

— Nunca deveríamos ter entrado — disse Pablo, e nessa hora Adela saiu correndo até outro cômodo. Gaspar tentou agarrá-la, mas ela conseguiu escapulir. Eles a seguiram. Era um pouco difícil correr dentro da casa, como se ela estivesse mal ventilada, como se faltasse oxigênio. Nenhum deles gritou para ela parar, mas tampouco a deixaram sozinha. O cômodo seguinte era uma espécie de copa: ao fundo viam-se os restos de um fogão enferrujado. Não havia mesa. E o que de fato havia não fazia sentido. Um livro de medicina, de folhas acetinadas, aberto no chão. Um espelho pendurado perto do teto, quem poderia se refletir lá? Uma pilha de roupas brancas, aparentemente limpas, bem dobradas. Lençóis. Adela quis pegar um deles, e Gaspar a deteve com firmeza, prestes a dar um tapa nela. Não se deve tocar em nada, pensou. É como se tudo fosse radioativo. É como Chernobyl. Se tocarmos a casa, ela nunca nos deixará sair, irá nos grudar. Disse isso em voz alta. Temia que a presença na casa ouvisse sua voz, mas ele não tinha escolha. Era impossível se esconder.

— Não toquem em nada. Estou falando sério.

Só tenho que tirá-la daqui, pensou. Se for preciso arrastá-la, eu arrasto. Ele também sentia, embora em menor grau que Adela, a atração: precisavam ir embora e não queriam ou algo os estava segurando.

— E por quê? — perguntou ela. — Pode haver coisas do meu pai!

— Você não conhece seu pai.

— Aqueles dentes podiam ser dele. Talvez eles prendessem muita gente aqui dentro. Muita gente. Você e eu lemos que os militares usavam casas comuns para torturar. Talvez tenham usado esta, e ninguém sabia. Aqui há partes de muita gente.

Adela disse isso em um tom que assustou Gaspar. Lembrou-se de Omaira na lama e seus olhos como baratas; lembrou-se das pupilas fixas de seu pai, pensou num mundo de cristais pretos e brilhantes. Aqui há partes de muita gente. Isso não tinha sido dito por Adela, embora alguém tivesse usado sua voz. Quem estava falando através dela?

— Temos que sair — disse Gaspar.

Adela tremeu sob aquela luz artificial. Gaspar sentiu que estavam em um teatro: soube que estava sendo observado. E, quando ela saiu correndo e entrou em um corredor que ficava bem ao lado do fogão enferrujado naquela casa que por dentro parecia não ter fim, ele a deteve. Jogou-a no chão e ouviu como o queixo ressoava contra piso. Ela se contorceu sob seu peso e com uma força inexplicável conseguiu tirar o único braço e enfiar os dedos nos olhos de Gaspar. Em um segundo ela havia se soltado. Gaspar não podia acreditar. Ele devia ter pelo menos quinze quilos a mais que Adela e era forte, nadava, sabia lutar. No entanto, não podia com ela.

Porque não estava lutando com ela, pensou, estava lutando com a casa. Ou com o dono da voz.

Vicky também tentou pará-la e tampouco conseguiu. Pablo simplesmente correu atrás dela, ofegante. E então os três a seguiram por um corredor extenso que tinha várias portas de cada lado, um corredor impossivelmente extenso, era impossível que existisse naquela casinha, metros e metros, com o chão de madeira um tanto sujo, mas não abandonado, e as paredes com um papel com flores-de-lis. Os três viram Adela abrir uma porta que devia levar a outro cômodo. Parecia um corredor de hotel, Gaspar disse a si mesmo. Antes de

entrar, ela se virou e acenou com sua única mão. Ninguém a deteve, porque planejavam segui-la. Não podiam imaginar que depois do aceno ela iria fechar a porta. Ou que alguém iria fechar a porta.

Gaspar soube então, quando viu seus cabelos amarelos desaparecerem na escuridão — o quarto em que tinha entrado estava escuro —, que aquela porta sim ele não poderia abrir. Que estava fora de seu alcance. Sentia isso no corpo e na mente com uma clareza luminosa. Primeiro Vicky quis abri-la: a maçaneta se mexeu, mas foi só isso. Ninguém tinha ouvido barulho de chaves. Depois foi Gaspar quem tentou, apesar de já saber que seria inútil. Tentaram os três, sem pensar na presença, naquele alguém mais que poderia estar na casa. Usaram o ferro, chutaram, correram e se jogaram contra a porta como tinham visto nos filmes. Não havia forma de abri-la.

— Temos que buscar ajuda — disse Pablo, e nesse exato instante, como se tivesse dado uma ordem, a luz se apagou.

Vicky gritou e depois começou a chorar muito alto e Gaspar se deu conta de que o choro vinha de baixo; tinha sentado ou caído, não era fácil distinguir na escuridão, que era total.

— Me dá a lanterna — pediu, e Pablo bateu suas costas até encontrar o braço, e Gaspar a pegou e a acendeu. A luz era pouca, mas teria que servir. Pablo também estava chorando: reconheceu aquele choro contido e baixo. Ele não estava com vontade de chorar. Ele tinha que tirá-los dali, porque sozinhos não conseguiriam.

— Vicky — disse —, levanta e segura na minha cintura. Pablo, você segura a dela, assim não nos perdemos.

— E por que vamos nos perder? — disse Vicky, e em sua voz havia uma nota de garotinha, de terror tão paralisante que Gaspar apertou um dos seus braços e o segurou com a mão que tinha livre enquanto tentava sustentar a lanterna. Ele tinha colocado o ferro no bolso, que devia estar à mostra, apesar

de não ser possível vê-lo na escuridão. Não respondeu a Vicky. Era óbvio por que poderiam se perder: as paredes do corredor não estavam mais lá. Aquilo não era mais um corredor. A ideia de atravessar novamente a sala das prateleiras (o que haveria nas de cima?, corações, pulmões, cérebros, cabeças quem sabe?) lhe dava medo, mas sabia que não deveriam continuar a adentrar a casa. O que existia mais além estava muito distante da rua, de suas casas, do bairro, de seus pais. Se Pablo percebeu que eles não estavam mais em um corredor, não disse nada. Ouvia-o fungar na escuridão. Ele ouvia seu próprio coração, acelerado demais, pulando algumas batidas. Levou a lanterna até a altura do pescoço e iluminou o que não era mais um corredor. Sentia o hálito de Vicky em seu ouvido e a ouviu dizer:

— Acende a lanterna, por favor, por favor.

Ficou surpreso. Estaria de olhos fechados?

— Está acesa — disse.

— Para de mentir, seu maluco! Eu não estou enxergando nada.

Pensa rápido, pensa rápido, Gaspar disse a si mesmo. Se ela souber que a lanterna está acesa e que ainda assim não enxerga, vai pensar que ficou cega. Se fingir que estava sem pilhas ou que não funcionava, ela vai ficar brava com o Pablo. Se Pablo estivesse enxergando, talvez entendesse o suficiente para ficar calado. Isso era melhor. Vicky furiosa era melhor que Vicky aterrorizada.

— Eu também não estou enxergando nada — disse Pablo. Não estava mais chorando. Gaspar sentiu confiança nele, sentiu que não precisava cuidar dele. Não podia explicar por que seus amigos não enxergavam. A lanterna iluminava uma área pequena, mas muito bem. Dava para ver que as pilhas eram novas. Era um detalhe que Pablo nunca deixaria passar.

— É que ela apagou. Vicky, não se preocupa, eu estou enxergando alguma coisa.

Ela nunca se comportava como uma menininha. Por isso era tão fácil ser amigo dela. No entanto, agora estava histérica. E começou a dizer em voz alta, bem na orelha de Gaspar:

— É que eu não aguento mais o zumbido e ainda por cima agora eles estão falando! Vocês não estão ouvindo alguém falar?

Por isso ela estava se comportando assim, pensou Gaspar. Vicky não se descontrolava tão facilmente: estava ouvindo coisas, estava acontecendo com ela algo diferente do que com Pablo e ele. Estava trancada na casa, e em sua cabeça também. Gaspar não ouvia absolutamente nada. Nem o zumbido — que ele ouvira, sim, ao entrar e agora tinha desaparecido — e obviamente não ouvia nenhuma voz. Gritou na escuridão:

— Pablo, você está bem?

— Sim — disse Pablo, hesitante — E também não ouço nada.

— Bom. Segura a Vicky, e andem. Eu guio, vocês andam. Não se soltem.

E não vou mais escutá-los, pensou Gaspar. Porque tinha iluminado as laterais e visto as paredes cobertas por trepadeiras e musgo. E, quando iluminou melhor, havia coisinhas brancas entre as plantas. Ossos. Alguns muito pequenos. De animais, disse a si mesmo. De frango. Pelo menos agora se parecia mais a uma casa abandonada. Mexeu a lanterna e viu um piano preto e, próximo a ele, o que pareciam ser manequins pendurados no teto. O piso estava cheio de velas queimadas, e ele disse em voz alta:

— Cuidado que está escorregando.

Vicky e Pablo não perguntaram por quê; talvez tenham imaginado algo horrível, mas Gaspar não pôde tranquilizá-los dizendo que era cera porque a lanterna iluminou uma janela, e o que havia do outro lado era impossível. Gaspar não queria parar para ver, mas parou: do outro lado do vidro sujo via-se a lua acima das árvores, muitas árvores, um bosque tranquilo, como se a casa estivesse em uma colina, em um local mais alto que permitisse ver aquela

paisagem, aquele panorama. O bosque não lhe pareceu bonito. Poderia ser também uma pintura muito detalhada, pensou. Uma pintura de uma janela que dava para um bosque. Era isso. A pintura também tinha algo de desagradável, parecia uma armadilha. A casa inteira era uma armadilha.

Não iluminou mais as paredes. Nem o chão. Continuou iluminando à frente, às vezes certo de que, se houvesse alguém na casa, chegaria o momento em que a lanterna seria arrancada de sua mão, em que receberia (eles receberiam) uma pancada e seriam arrastados para algum daqueles quartos escuros, como o que tinha escolhido Adela. Por que ela os cumprimentou daquele jeito? Foi um gesto tão pequeno, uma despedida.

E se quem tivesse fechado uma porta em algum lugar da casa fosse o pai de Adela? E se ele ainda estivesse vivo? E se não fosse um desaparecido, mas um assassino em série? Pablo deu um gritinho na escuridão e Gaspar perguntou o que foi, o que foi.

— Alguma coisa tocou em mim. Nas costas — disse Pablo.

— Chega — disse Gaspar. — Vamos sair. Não se vire.

Vicky não disse nada. Teria ouvido Pablo? Era impossível que não.

A lanterna iluminou uma escada de madeira com um lindo corrimão: levava a outro andar, em cima. O problema, claro, era que a casa da rua Villarreal não tinha segundo andar.

— Está vendo a porta? — disse Vicky. Tinha o hálito muito quente e com cheiro de moedas. Mas ela já não soava tão assustada. Suas mãos o apertavam com tanta força que doía um pouco.

— Estamos chegando — respondeu Gaspar, e pensou: Adela ficou presa nesta casa, Pablo está prestes a ter um irmão, e Vicky é muito amada. Chega, pensou. Papai, me dá a porta. Temos que sair.

— Vicky, está ouvindo alguma coisa?

— O zumbido, mas menos.

Gaspar repetiu sem mexer os lábios papai, me dá a porta, e sentiu o suor umedecer a nuca, as costas, e continuou a andar.

A lanterna iluminou a porta, totalmente aberta. Eles a tinham deixado assim, escancarada? Não importava. Por via das dúvidas, correu sem dizer nada e sentiu o alívio de Vicky quando ela também viu as luzes da rua, a noite lá fora, e soltou sua cintura e saiu correndo para a calçada, a salvo. Pablo fez o mesmo, instintivamente. Gaspar apagou a lanterna e olhou para a casa. Continuava igual, do lado de fora. Pequena, feia, cinza, as janelas tapadas. Escura. Deu a lanterna a Pablo. Não conseguia falar. Vicky estava diferente agora: os cabelos longos, despenteados, davam a ela um ar adulto. Abraçou-o rápido mas com força, e disse você está todo suado, e então, obrigada, obrigada. Do lado de fora, ela era determinada de novo.

— Vamos para a minha casa. Que chamem a polícia, têm que tirar Adela aí de dentro.

E com isso Vicky saiu correndo, direto para casa; Pablo e Gaspar a seguiram. Tem certeza que tocaram em você?, Gaspar quis saber, e Pablo, correndo mas olhando para o rosto dele, disse que sim e que não. Talvez tivesse imaginado. Você vai dizer a verdade?, perguntou Pablo, e Gaspar disse que sim. Contaria o que tinha visto até Adela entrar no quarto. Não falaria sobre a luz da lanterna que os outros não tinham conseguido ver, nem sobre a escada grandiosa e sobre o piano ou que ele mesmo tinha aberto a porta sem fazer força, como se a porta o obedecesse, como se o estivesse esperando.

Ele tinha levado Adela até lá. Tinha certeza. Entregou-a à casa. Não tinha sido capaz de detê-la quando ela correu, uma menina leve como um brinquedo, uma menina sem braço, e ele, que já era grandinho, não tinha conseguido pará-la porque ela tinha enfiado um dedo no olho dele! Agora a culpa retorcia seu peito por dentro, agora sabia que a única pessoa que poderia

lhe dizer onde Adela estava e quem a tinha levado era seu pai, e seu pai nunca mais falaria com ele.

* * *

Tudo o que aconteceu depois, para Gaspar, aconteceu por trás de uma espécie de névoa. Como se ele tivesse esfregado os olhos até deixá-los meio cegos. E como se essa cegueira parcial, essa névoa cinzenta, tivesse se espalhado por todo seu corpo. Uma distância entre ele e os outros, entre o que os outros diziam e faziam, como se assistisse a um filme com volume baixo atrás da fumaça.

Seu tio irritado por terem entrado na casa. E por ter que acompanhá-lo para falar com policiais, com o juiz de menores, com mais gente que Gaspar já não distinguia. Betty tinha desmaiado com a notícia do desaparecimento de Adela: quis entrar na casa, bateu a cabeça contra as paredes e a porta, arranhou os tijolos que tapavam as janelas. Alguém disse a Gaspar que a porta estava trancada novamente. E que Betty estava colocando a culpa nele, que ela tinha gritado é culpa do filho de Juan, ele a trouxe, ele a entregou. Não estranhou: Betty estava certa. Mas ele não conseguia mais responder. Com os policiais e as pessoas do juizado, que vieram muito mais tarde, de madrugada, ele falou, ainda que pouco.

Viu seu pai entre uma coisa e outra. Permanecia imóvel. Quantos dias tinham se passado? A doutora Biedma disse que ele estava em coma, que era definitivo, que não iria acordar. Gaspar não soube o que responder. Precisava falar com seu pai. Deixaram que se aproximasse dele. Estava completamente imóvel a não ser pela respiração, que continuava estranha, espaçada. Disse no ouvido dele: se estiver me escutando, me diz onde ela está. Por que não consegui abrir aquela porta se posso abrir outras?, quem a levou? Como a tiramos de lá. Por que eu a levei até lá. E esperou sinceramente que isso o

despertasse, mas esperou em vão. Os lábios de seu pai estavam secos e ensanguentados, quase roxos. Os dedos também estavam azulados. Tinha os braços cobertos por hematomas, assim como o peito, hematomas grandes, e parte da pele estava queimada. Tinham tentado reanimá-lo.

Não quero ir ao colégio, disse Gaspar a seu tio, e ele respondeu: tudo bem. Sentia o corpo de Adela embaixo dele, como ela tinha se contorcido, quase de borracha, e os dedos dela em seu olho, mas ele sabia, sabia, que com um pouco mais de esforço ela não teria escapado. Tinha escapado dele. Quando não era chamado para falar com algum policial ou com alguma outra pessoa em um escritório (era a juíza?, era uma psicóloga?), Gaspar estava em uma cama ao lado do pai. Eles o deixavam ficar lá. O barulho do monitor cardíaco não o deixava dormir, mas não queria se mexer dali. Seu tio precisava insistir para que tomasse banho e comesse alguma coisa. Em uma das saídas da clínica, soube que Betty tinha ido embora, não aparecia, como era possível que fosse embora justamente quando a filha tinha desaparecido, e Gaspar fechou os olhos. Talvez Betty tivesse ido procurar Adela. Ele precisava voltar para junto do pai porque, se ele despertasse por um segundo, dois segundos, diria onde Adela estava ou como encontrá-la. Tinha olhado os olhos dele de novo. Agora os dois estavam completamente pretos, como se refletissem o céu noturno. Como os de Omaira, a garota com quem Vicky continuava sonhando.

Seu tio se sentou a seu lado enquanto ele devorava algumas empanadas no restaurante da clínica, que era tão bonito e tinha um menu tão bom quanto um restaurante comum. Era evidente que não sabia o que dizer, mas primeiro pediu desculpas por ter se irritado, disse que “entendia”, que estavam fazendo “travessuras”, que era normal ele tentar “escapar” do que estava acontecendo. Tio, disse Gaspar, Adela escapou de mim. Tentei segurá-la na casa, e ela se soltou. Eu a deixei ir. Ela quis entrar, e eu a levei, e isso foi errado, mas ainda por cima eu a deixei ir. A culpa não é sua, não faça isso com você mesmo, disse

seu tio. Alguém a levou. Por minha culpa, disse Gaspar. De quem mais seria a culpa?

Voltou para o lado do pai. Se não morre é porque quer falar comigo, pensou. Inclinado, insistiu: você sabe onde ela está. Você sabe como posso encontrá-la. Você me ajudou a encontrar a cachorra. É a última coisa que eu te peço. Você me deve essa. Abra os olhos. Eu consegui abrir a porta, a primeira, a segunda não. Por que consigo abrir algumas e outras não? Você tem que falar comigo.

Pablo foi vê-lo. Por Pablo ele deixou o quarto do pai e se sentou no restaurante. Pediram café com leite. Pablo contou que a polícia tinha entrado em umas vinte casas. Que também tinha entrado na dele. Busca e apreensão. Depois disse que a polícia não tinha encontrado portas na casa nem nada. E que ninguém acreditava neles. Dizem que o que vimos lá dentro foi uma ilusão de ótica. Uma coisa do choque. Não acreditam naquilo dos dentes. Parece que encontraram roupa na casa, roupas novas, e acham que pode ser do cara que levou Adela. Dizem que o cara pode ter colocado luz na casa para nos atrair. Dizem que Adela foi sequestrada por alguém. Foi o cara que estava dentro da casa?

— Não sabemos se tinha alguém na casa — disse Gaspar. — Aquela casa é uma armadilha. Ela passou um filme para a gente. Vou voltar para o meu pai.

— Espera — disse Pablo, e continuou contando. — Um canal de televisão veio até o bairro, entrevistou os vizinhos, incluindo o Hugo. Entrevistaram a Vicky depois que ela depôs no juizado. Estão passando a história da Adela na TV — disse. — Você não viu?

— Não estou vendo TV.

— Querem te entrevistar porque eu disse que você nos tirou de lá.

— Eu não vou falar com ninguém.

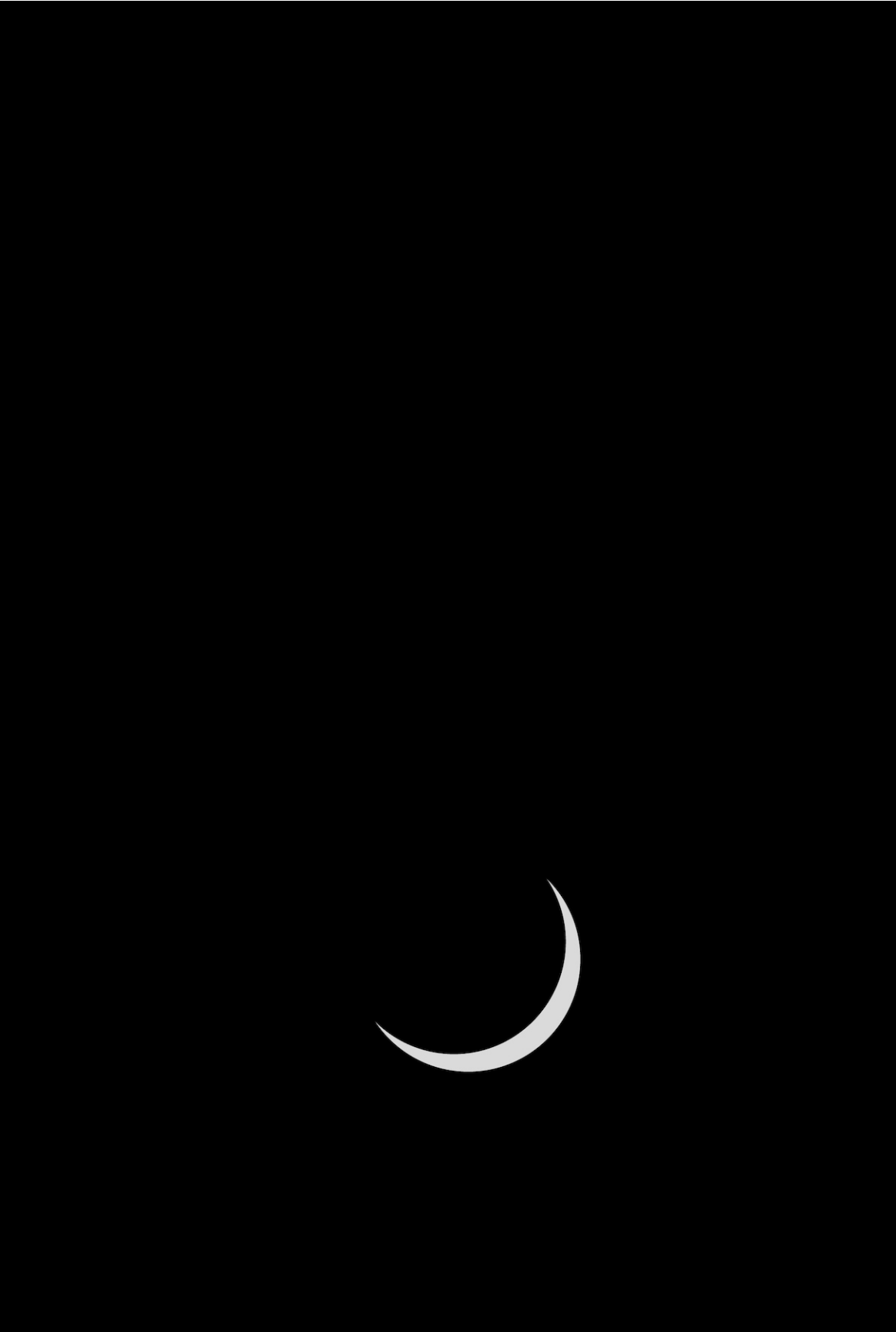
Gaspar se levantou, não tinha tocado em suas *medialunas*. Olhou para Pablo, que abaixava a cabeça, e de repente se sentiu sozinho e, sem pensar, empurrou a mesa para ficar perto de seu amigo, que, espantado, ficou de pé. Gaspar o abraçou com força e sem chorar. Tenho que voltar para o meu pai, disse. Sinto falta de vocês. De Vicky também, mas tenho que ficar com ele.

No quarto, sentado na cama, ouviu alguém dizer a seu tio: o garoto está em choque, está estressado, está deprimido. Gaspar tinha se enfiado debaixo da cama e, do chão, observava o que acontecia no quarto. Não saía nem mesmo quando uma enfermeira vinha “higienizar” seu pai, como diziam. Ligaram para ele do juizado mais uma vez, e seu tio disse que ele não podia ir, que estava doente, e o liberaram. Um advogado da família interveio com um ofício para que não pudessem intimá-lo, ele descobriu mais tarde. Uma psicóloga o avaliou e determinou que não estava em condições de prestar mais depoimentos.

Gaspar se sentia doente e cansado, porque dormir era sonhar com Adela, ela escapava dele, como um peixinho, eles tinham estado em um aquário, grandes olhos tinham visto tudo, olhos de quem?, somente seu pai sabia, e ele estava tão longe, com seus próprios olhos pretos e opacos. Gaspar falava com ele todos os dias, seu tio olhava para eles e fungava um pouco.

Juan morreu de madrugada, e Gaspar sentiu. Primeiro o silêncio: não havia mais respiração. Depois, mais nenhum batimento registrado, apenas um som contínuo, um alarme. E depois sentiu a dor, tão forte que o obrigou a ficar em posição fetal, embora isso não aliviasse. Levantou-se para olhá-lo, no entanto, depois de um tempo. Não estava sozinho no quarto: estavam também seu tio e a doutora Biedma. Em outras ocasiões, sobretudo no hospital, Gaspar tinha visto a doutora comandar equipes tentando reviver seu pai. Ele até a viu subir em cima do pai, socando-o no peito. Ela tinha feito isso dias antes. Agora não fazia nada, porque já não tinha sentido. Gaspar se aproximou da cabeceira da

cama ainda encurvado: a dor que sentia era como se mãos invisíveis de unhas feito facas cortassem seu corpo. Viu que os olhos do pai estavam pretos e abertos. Não entendeu. Ele os abriu para morrer? Quando ia perguntar, a doutora Biedma também se aproximou e fechou os olhos estáticos, duas pedras brilhantes, e então Gaspar começou a chorar e chorou de pé junto à cama — não se atrevia a tocá-lo, não conseguia tocá-lo — e depois sentado na cama onde tinha dormido as últimas noites, e seu tio teve que carregá-lo nos braços para fora do quarto porque ele não queria sair. Gaspar fechou os olhos e foi como apagar a luz. Só sonhava. Sonhos em que abria a porta e encontrava Adela. Sonhos em que ela não escapava dele e ele a carregava no ombro como um saco de batatas e a tirava da casa. Sonhos em que o pai lhe explicava como fazer isso. Ou em que ele despertava e dizia como procurá-la. Sonhos em que Gaspar se levantava do colchão, seu pai já morto, já cinza sobre a cama, e ele ia até a cozinha e cortava o pescoço com uma faca, o sangue jorrando, encharcando as paredes, as calças, seu rosto, suas mãos, até ver tudo vermelho e se deixar morrer de uma vez por todas. Podia ter, ele também, os olhos pretos.



Círculos de giz,
1960-1976

Deuses sempre se comportam como as pessoas que os criam.

ZORA NEALE HURSTON

Minha mãe tem cabelos grisalhos e finos; o couro cabeludo fica à mostra. Na testa, quase não há cabelo, e há tempos ela não se preocupa em cobrir o vazio com mechas. Na família de minha mãe perde-se o cabelo muito cedo, e eles também ficam grisalhos muito jovens, como se padecessem de uma velhice precoce. Comigo isso não aconteceu, e meu pai garante que ele me salvou graças a seu sangue crioulo; quando diz isso ergue o punho para o céu, mas nunca os olhos.

Nasci em Buenos Aires, no edifício da família na Avenida Libertador. Nós três, porque não tenho irmãos, ficamos com o quarto andar. Minha tia materna herdou o quinto, e meu tio, o terceiro. Os dois primeiros andares eram destinados a festas e jantares e outras situações sociais pouco habituais, de maneira que quase sempre estavam vazios mas impecáveis, o chão polido, a prataria brilhante. Nunca gostei daquele edifício solene com seus móveis pesados e escuros, o piso de madeira tão cara que nunca podíamos usar sapatos para não danificá-lo e a coleção de arte do meu pai que não deixava um único espaço em branco nas paredes.

Gostava um pouco mais da casa de campo, em Chascomús. Nunca íamos às outras estâncias, mais confortáveis, algumas magníficas, porque minha mãe preferia aquela quinta modesta, a primeira que sua família ocupou ao chegar à Argentina vindos da Inglaterra, duzentos anos atrás. Perto da casa fica o cemitério que no povoado é chamado de “dos ingleses”, embora o grosso dos túmulos seja de escoceses. É pequeno e muito bem cuidado. Minha avó está enterrada lá: morreu muito jovem, e eu gostava de visitá-la com meu vestido preto e os sapatos de verniz. O cemitério é nosso, de certa maneira, porque

minha família é quem paga as despesas da paróquia, sempre vazia, e da limpeza, e de alguns, muito poucos, turistas que se interessam por aquela curiosidade pampiana de cruzeiros celtas e musgo verde-escuro que impregna nas roupas.

Quando eu era pequena, Florence Mathers se hospedava no apartamento da Libertador apenas o tempo suficiente para se recuperar da viagem e depois aceitava nosso convite para ir à casa de Chascomús. Não sei quantas propriedades ela tem nos pampas, certamente muitas: cria cavalos e gado. Ela gosta do campo argentino, do vazio e da tristeza dos fins de tarde, do eterno cheiro de queimado das folhas no outono e de fumaça dos churrascos noite e dia.

Nossas famílias estão ligadas pela história e por uma amizade de centenas de anos, mas a dela dirige a Ordem. Muitas vezes perguntei ao meu avô por que eles têm esse privilégio. Segundo ele, na Europa eles foram muito mais comprometidos com o Culto da Sombra do que nós. Além disso, a Argentina fica muito longe. Longe do quê?, eu perguntava. É o cu do mundo, ele respondia. Não podemos participar da organização da mesma maneira que eles. Apesar de que, nos momentos-chave, um Bradford sempre esteve presente. Somos importantes ainda que, às vezes, secundários. O dinheiro é um país onde há cidades mais prósperas que outras, embora todas sejam ricas, ele dizia.

O que aprendi, com os anos, é que a pátria da fortuna é monótona. As propriedades, os campos, as empresas que outros administram para nós, as velhas casas escuras, as novas casas iluminadas, as peles encarquilhadas das mulheres que passam os verões no sul da França ou da Espanha ou da Itália, a prataria, os gobelinos, as pinturas, as coleções de arte, os jardins, as pessoas que trabalham para nós e sobre quem nada sabemos. Não importa que seja Buenos Aires ou Londres. Não importa, tampouco, que nossas famílias sejam as

fundadoras da Ordem. Ser rico nos iguala a todos os ricos. Sermos fundadores da Ordem nos diferencia do mundo inteiro.

Meu avô ficou encarregado de me contar a história da Ordem. Os descendentes das famílias originais são chamados de filhos do sangue e todos nós aprendemos nossa história graças aos relatos dos mais velhos. Meu avô, Santiago Bradford, sentou minha prima Betty e eu, suas duas netas, no pátio de Puerto Reyes; de todas as nossas propriedades é a minha favorita, minha amada casa de Misiones, desconfortável e quente e belíssima. A casa que minha mãe odeia, porque odeia e quer destruir tudo o que é belo; essa é sua verdadeira fé e sua natureza.

Ouvimos a primeira história perto do jardim das orquídeas, iluminados por uma luz que dava aos olhos escuros dele um reflexo amarelado. Meu avô, Santiago Bradford, nasceu na Argentina e herdou os campos e as plantações de erva-mate e as serrarias e os barcos da família, que fez fortuna no século XIX. Como eles ficaram ricos? O de sempre: saques, sociedades com outros poderosos, entender de qual lado ficar durante as guerras civis e se aliar a políticos poderosos. Os primeiros Bradford chegaram a Buenos Aires em 1830 ou 1835, há duas versões diferentes, mas essa data não é a que importa. Nosso Ano Zero é 1752. Meu tataravô, William Bradford, era livreiro e dono de uma gráfica, e seu melhor amigo, Thomas Mathers, era terratenente. A diferença social entre os dois era significativa — acredito que essa origem segue marcando as posições de nossas famílias —, mas se tornaram amigos porque compartilhavam a paixão pelo folclore e pelo ocultismo. Em seu tempo livre percorriam o país juntos comprando livros e recopilando as histórias que os interessavam. Eram homens instruídos, pesquisadores e colecionadores de relatos e de testemunhos de pessoas com dons, *gifted or cursed*.

Eles encontraram a Escuridão e o primeiro médium na Escócia. Não esbarraram com ele; não iam às cegas. Tinham lido referências oblíquas acerca

de um espírito que se manifestava como uma luz negra e que tinha poder de adivinhação e profecia. As referências, muito breves, garantiam que certas pessoas podiam contactá-lo e fazê-lo falar. Nas palavras havia conhecimento, e no contato, a possibilidade de obter sua ajuda. É claro que, dizia meu avô, eles não estavam procurando a Escuridão de forma específica, mas por alguma razão aquilo chamou sua atenção, talvez pela menção de que aqueles capazes de entrar em contato sofriam metamorfoses físicas em diferentes partes do corpo, mas sobretudo na língua ou nas mãos.

O médium era filho de um camponês: previa o futuro usando a escápula de uma ovelha, detalhe que sempre me fazia rir pela precisão na escolha do osso. O garoto alertava sobre coisas úteis para sua comunidade, como deveriam cuidar do gado, quanto dinheiro ganhariam ou perderiam na colheita seguinte, se uma tempestade estava chegando, se corriam perigo em uma época de violência política. Eu gostava do nome do método e de como meu avô o pronunciava: *silinnenath*.

Em que lugar da Escócia?, Beatriz sempre perguntava. Perto de Inverness, dizia meu avô. Muito ao norte. O vilarejo se chamava Tarradale, mas se procurá-lo no mapa, aparecerá como Muir of Ord, porque mudaram seu nome. Era um vilarejo isolado por dois rios: custaram a chegar lá, mas felizmente conseguiram, porque queriam conhecer o vidente.

Os dois amigos assustaram o jovem, que era fraco, magro, com olhos que, nos diários, eles descreveram como “de bacalhau”. Eles o convenceram a acompanhá-los a Londres. Era época de rebeliões na Escócia, e insistiram que morreria em um confronto porque, por sua complexão física e sua condição de doente, não conseguiria lutar. Ofereceram-lhe proteção. Não foi difícil levá-lo do vilarejo: seus pais confiaram nos elegantes senhores ingleses. E os vizinhos, apesar de apreciarem sua clarividência, também o temiam. Os mais religiosos acreditavam que o dom tinha sido dado a ele pelo diabo.

Eles o levaram à casa de Thomas Mathers e não precisaram esperar muito tempo pela primeira manifestação. O jovem mostrou a eles a luz negra em um campo próximo. À época, o ritual era feito de forma diferente. O jovem devia estar deitado no solo ao invocar a luz que então, naquela época, não machucava. Era menos selvagem ou estava adormecida. “Nós a tocamos, e ela é fria ao tato e úmida, como a chuva”, escreveu Thomas Mathers em seu diário. “O jovem é o cristal negro de Dee. É um médium, como Kelly.”

Por causa dessas palavras, chamamos médiuns aqueles que trazem a Escuridão, embora tecnicamente deveriam ser chamados de outra forma, talvez sacerdotes ou xamãs. O jovem, como Juan, sofria uma metamorfose nas mãos.

Thomas Mathers descreveu unhas como de gato. O jovem falava durante o transe, dizia as palavras da Escuridão. Agora também é diferente: a Escuridão fala, mas não através da voz do médium.

Certa vez, quando o avô estava nos contando a história — ele a repetia com frequência, para que não a esquecêssemos: até nos interrogava sobre os detalhes —, perguntei como o jovem se chamava. Eu devia ter oito anos. Meu vô teve que admitir que não tinham registrado o nome. Nos diários eles o chamavam apenas de “o jovem escocês”. Isso também é ser rico, pensei então: esse desprezo pelo precioso e a incapacidade de oferecer a dignidade de nomear.

Os transe do jovem escocês aconteciam quase diariamente e sempre no campo. Flutuava num halo escuro e falava com os olhos fechados. Em dois meses, de acordo com o médico que o atendeu e com a terminologia da época, ele teve uma apoplexia. Ou seja: um derrame cerebral. Sobreviveu, mas teve outra crise da qual não acordou dias depois, e morreu sem recuperar a consciência. Tinha sido obrigado a invocar quase diariamente, às vezes em duas ocasiões no mesmo dia. Após um dos transe, o jovem tinha ameaçado matá-los e, certa noite, conseguiu sair do quarto e morder Thomas Mathers no pescoço. Não o feriu com gravidade: naqueles tempos e sem antibióticos, a

sujeira dental de uma mordida podia ser fatal. Amarraram-no. A imobilidade provavelmente causou o coágulo que o matou. Não tinha ficado louco, como dizia o diário: eles o tinham enlouquecido. Em suas palavras havia instruções, muito complexas, para invocar a Escuridão sem um médium. Também outros métodos, cruéis e perigosos, para pedir favores a ela.

Os filhos de William Bradford emigraram para a América em busca de melhores oportunidades de negócios. O que se estabeleceu nos Estados Unidos teve uma gráfica, como seu pai, e morreu jovem. O que veio para a Argentina participou da Campanha do Deserto e recebeu terras do governo como recompensa por suas ações militares. As terras mais férteis do mundo. Além de um assassino de indígenas muito eficiente, ele também era um pesquisador do ocultismo e nunca se cansou de procurar a Escuridão nos pampas. Não a encontrou, não soube como invocá-la, embora fosse capaz de tentar os métodos mais cruéis sem remorsos. Morreu gritando seu fracasso na quinta de Chascomús, onde hoje descansamos e cavalgamos.

Eu sou antropóloga por causa dessas histórias. Meu caderno, minhas anotações, minhas gravações, tudo tem origem em minha infância. Comecei a compilar contos e mitos antes de saber que poderia estudá-los. Sei ouvir, perguntar, seguir os dedos que apontam e indicam a casa de uma curandeira ou a lápide de um morto milagroso, reconheço o medo nos olhos dos que fazem o sinal da cruz, gosto de esperar a noite para ver os fogos-fátuos nas sepulturas. Agradeço por ter nascido nesta família, mas não a idealizo, ao menos não tento. Todas as fortunas são construídas sobre o sofrimento alheio, e a construção da nossa, apesar de ter características únicas e insólitas, não é uma exceção.

* * *

Tenho os cabelos escuros e os olhos castanhos do meu pai, mas me faltam sua elegância, o corpo esbelto e a beleza. Ele me disse, quando eu era muito pequena, que, se eu quisesse ser uma mulher bonita, deveria fazer um esforço. Isso me fez chorar, mas o agradei. Ser rica pode substituir ser bela, mas não completamente. Não sou como minha mãe, que encontra a autoridade em seu aspecto repulsivo. Aprendi, sem esforço, quais cores fazem a minha pele brilhar mais; que meias ficam bem em minhas pernas e por que devo sempre usar acessórios: o colar longo, para que o pescoço pareça mais fino; os brincos de esmeralda, para contrastar com o cabelo castanho; os anéis em vários dedos, para que os outros percebam que tenho personalidade. Beatriz, minha prima, também não é bonita e herdou os traços felinos da família inglesa, o nariz grande, os lábios finos. Ela sempre teve um rosto duro e uma expressão cruel. Algo de leopardo e algo de pássaro. Eu me lembro dela nas escadas da nossa casa. Eram usadas apenas pelas empregadas, os motoristas e o resto dos empregados. Nossos pais e tio Jorge usavam somente o elevador. Em Buenos Aires a eletricidade acabava com muita frequência, mas nunca fomos atingidos: tínhamos um gerador. A primeira lenda que anotei em meu caderno é do folclore urbano do bairro. Em uma das propriedades próximas, a família saiu de férias para a Europa e desligou a energia quando o último deles entrou no carro. Esqueceram que a empregada, que ficaria cuidando da casa, estava no elevador. Ninguém a ouviu gritar e morreu trancada, de fome; o elevador era do tipo gaiola, de maneira que havia oxigênio, o que prolongou sua agonia.

Por um tempo, Beatriz e eu não usamos o elevador e nos encontrávamos nas escadas, nosso lugar secreto. Uma noite nas escadas, antes do jantar, ela me perguntou se eu realmente acreditava nas histórias do nosso avô e na Ordem. Lembro-me dela com seus dentes pequenos e seu nariz grande, dona de uma verdade que jogaria em minha cara. É tudo lorota. Meu pai me disse e não quer mais que eu escute essas invenções. As lágrimas arderam meus olhos e quis

bater nela, mas, em vez disso, perguntei por que então eles mentiriam para a gente. A inglesa controla todos eles, respondeu. Não me lembro o que mais ela disse, mas tinha a ver com os negócios compartilhados das famílias. Naquela mesma noite, Beatriz anunciou que iriam se mudar para a casa de seu pai, em San Isidro. Não queremos mais participar dessa farsa, insisti, uma expressão que tinha copiado do pai, palavra por palavra, porque ela não falava assim. E eles vão deixar vocês irem?, perguntei. Por que não?, respondeu, desafiadora. Nessa época soube que era comum na Ordem deixar os membros irem embora sem tentar detê-los. Minha mãe diz que é preciso deixá-los partir porque sempre voltam, voltam chorando, com o rabo entre as pernas, porque a Escuridão é um deus com garras que fareja, a Escuridão te alcança, a Escuridão deixa você brincar, como os gatos deixam suas presas brincarem por um tempo, só para ver até onde elas vão.

Continuei a ver Beatriz, mas apenas no colégio, que agora ficava perto para ela. Eu, que morava no centro de Buenos Aires, ia e voltava com o motorista. No mesmo ano em que Beatriz foi embora do edifício com toda sua família, tio Jorge trouxe Juan para morar com ele. Eles não tinham por que me avisar sobre nada, mas eu tinha tanta curiosidade e perguntava tanto sobre aquele garoto que me contaram parte da verdade. É um paciente do seu tio, ele o operou. Tem uma malformação cardíaca gravíssima, e seus pais, que são muito pobres, não podem cuidar dele. Vai morar com ele. Eu era menina mas já sabia que minha família e meu tio, em especial, eram incapazes de uma generosidade desse tipo. Meu avô acrescentou: é um caso que pode mudar a carreira de Jorge, porque ninguém, no mundo inteiro, levou a cabo com sucesso as cirurgias de que essa criança precisa.

Às vezes me pergunto se afinal Jorge não queria ter um filho. Jamais soube que tivesse uma mulher, mas também não era homossexual; está claro que não podia se reproduzir. As famílias da Ordem não têm muitos filhos: é um castigo,

acho, ou uma marca. O que fazer com os jovens da Ordem é uma questão difícil de resolver precisamente pela escassez. Treinar os jovens deveria ser uma prioridade, mas, como também é perigoso, por que arriscar o futuro?

Pedi para ver o garoto e me deram permissão depois de alguns dias. Deram a ele um dos quartos principais, o que eu estranhei, porque supus que ficaria no quarto de empregada. Entrei na ponta dos pés, lembro. Tinham me falado para ter cuidado porque sobressaltos poderiam matá-lo. Mas assim que o vi, soube que aquele garoto não seria fácil de matar. Tinha uma dureza no olhar que parecia um pouco com a dos garotos que trabalhavam no campo, mas também certa altivez. Cumprimentei-o, lembro, e não me respondeu. Fala quando quer, disse Jorge, com ele nada é fácil. Seus lábios eram escuros, azulados; as pontas dos dedos também, apoiados nos lençóis brancos. As olheiras manchavam sua tez pálida, e tinham cortado demais seus cabelos, tão loiros que pareciam brancos. Você é como um fantasma, disse a ele, e seu olhar me perfurou e me fez rir um pouco. Naquela mesma noite visitei-o novamente; a enfermeira tinha ordens para não deixar ninguém entrar, mas não iria impedir a filha de Mercedes Bradford. Minha mãe inspirava um terror incomparável.

— Não ri de mim — disse Juan, ao me ver entrar. — Não sou um fantasma. Os fantasmas existem. Eu os vejo quando quero e, se não quero, não os vejo.

Assim começou nosso costume de conversar todas as noites. Juan não apenas substituiu minha amizade com Betty: ele se tornou meu irmão e meu confidente. Havia coisas que ele não entendia, por exemplo, quando eu voltava xingando por algo da escola ou pelos maus-tratos de Mercedes ou de alguma colega, mas, mesmo tão novo, queria me ajudar. Às vezes eu ficava para dormir com ele: a cama era muito grande, e ele tinha que dormir sentado, apoiado em travesseiros, porque se sufocava quando estava deitado. Eu o adorei desde o

princípio. Sempre quis protegê-lo, mas também sempre o respeitei e, de certa forma, tinha um pouco de medo dele e respeitava a distância que impunha. Ele não ia à escola, e eu adorava reforçar as lições de suas professoras particulares lendo poesia para ele, que ele adorava desde pequeno, ou mitologias, ou até ensinando-o a ouvir música, algo que nunca aprendeu completamente. Não tínhamos permissão para correr ou fazer qualquer brincadeira brusca, mas ele me mostrou suas cicatrizes, na cama, à noite, iluminados pela lua. Você é um Frankenstein, eu disse, e lembro que ele não entendeu e prometi ler o romance para ele. Fizemos isso durante meses.

A não ser pelas minhas visitas e as de seu irmão mais velho, Luis, Juan vivia praticamente sozinho no escuro apartamento de meu tio Jorge. Sua mãe vinha vê-lo, mas morreu muito cedo. Lembro bem dela: usava seu uniforme da fábrica e às vezes tinha as unhas sujas. Ela até se ofereceu para trabalhar no serviço da casa e ficar mais perto do filho. Parecia tão triste. Usava o cabelo curto e arrumado. Seu tamanho impressionava; o do pai também, a quem vi uma única vez. Eles eram imigrantes suecos, que vinham de Misiones, trabalhadores das plantações de erva-mate que deixaram para trás um vilarejo onde não havia como tratar medicamente alguém tão doente como Juan. O pai se conformou com o arranjo do meu tio e entregou-lhe Juan por uma grande quantia de dinheiro, mas a mãe não se rendia e, a cada visita, pedia por favor quando a deixariam voltar a viver com seu filho. Eu a ouvia chorar e sentia pena, mas não queria que ela levasse Juan. Pedi a meu tio que por favor não o devolvesse, e ele me disse: fique tranquila.

De qualquer maneira, nunca imaginei o que Mercedes, minha mãe, faria. Já estou cansada dessa daí, disse ela um dia, e pouco depois ficamos sabendo da doença da mãe de Juan: morreu em semanas de um câncer fulminante. Luis, o irmão de Juan, nos avisou sobre a doença e a morte da mãe. Àquela altura, o pai já tinha se desligado de seu filho. Aquele homem queria se desvencilhar de

seu filho doente porque era um filho caro. Luis, ao contrário, vinha visitá-lo todos os fins de semana e, quando podia, levava-o para passear, para nadar, ouvia com atenção as instruções de meu tio sobre o que podia e o que não podia fazer. Minha mãe costumava fazê-lo esperar no patamar da escada e às vezes, quando chovia, também pedia para o porteiro não o deixar entrar. Certa vez Luis lançou para minha mãe um olhar assassino, carregado de um ódio de gerações, e então eu o amei para sempre. Eu vou ajudar vocês, prometi, quando ele trouxe Juan de volta naquele dia, não vou permitir que ela os separe. Disse aquilo por dizer, nunca tive nem terei nenhum poder sobre minha mãe. Se ela não matou Luis, foi porque não quis ou porque a entediava ou porque não lhe pareceu um perigo.

Juan mudou um pouco quando sua mãe morreu. Sentava-se no chão de madeira, junto à janela, e eu sentia que, às vezes, estávamos num lugar desolado. Da sacada podíamos ver os jacarandás na avenida. Ele estava triste e muito distante: eu pensava o dia inteiro em como distraí-lo, quais seriam as histórias que satisfariam o jovem rajá. Quando compreendi que minha família tinha tirado de cena os pais de Juan para ficar com ele, quis saber mais. Aquilo não se tratava, apenas, da carreira do tio Jorge. Confrontei meu avô: tenho o direito de saber, disse. E ele me contou sem muitos rodeios. Acreditamos que o garoto pode ser o médium que a Ordem procura. Seu tio teve uma revelação quando o operou, que não voltou a se repetir. Por isso às vezes, quando o levamos ao hospital, visitamos a sala de cirurgia, para ver se ele se manifesta novamente. Ainda não aconteceu, acredito que é preciso dar tempo a ele, é jovem demais.

É uma sorte que ele tenha me contado. Caso contrário, quando Juan se manifestou, teria corrido perigo. Naquela tarde, meu avô me salvou da Escuridão.

* * *

Naquele ano Tali, minha meia-irmã, veio estudar em Buenos Aires. Foi uma fase violenta e difícil. Tali não suportava a cidade e chorava, pedia pela mãe, arrancava os cabelos. Mercedes batia nela; se eu me intrometesse, castigava-a também. Tentamos fugir uma vez, com Juan. Descobriram nosso plano e ficamos um mês sem jantar.

Mercedes odiava Tali porque odiava sua mãe, Leandra. Nunca se importou que meu pai tivesse amantes, e, além disso, esse tipo de ciúme possessivo era e é considerado vergonhoso na Ordem. Mas a mãe de Tali disputava algo diferente da atenção erótica de meu pai. Era curandeira e tinha seu próprio templo de São Morte em Corrientes. E ela era uma beleza, não sei se alguma vez vi uma mulher tão naturalmente magnífica e gostosa. Meu pai passava muito tempo com Leandra, no norte e, quando podia, me levava com ele. Tali e eu corríamos por estradas de terra e sacudíamos os limoeiros para que chovessem flores brancas. Leandra recebia fiéis em seu templo; Tali e eu limpávamos os São Morte enquanto escutávamos o choro dos promesseiros. O calor era extenuante: Tali sempre usava o cabelo solto e, quando suava muito, se jogava no rio. Nunca aprendi a nadar como ela. O Paraná tem redemoinhos: dizem que são os mortos que vivem embaixo da água e buscam companhia, então produzem essas trombas d'água que matam e afogam os nadadores. Leandra nos ensinava a evitá-los e beijava meu pai na praia. Entendi por que Tali não queria ficar em Buenos Aires: eu também não teria ficado. A cidade e principalmente nosso apartamento eram um ópio. A única parte ruim era que meu tio não permitia que Juan viajasse, dizia que não estava em condições de ir tão longe. Juan, no entanto, ouvia nossas aventuras com entusiasmo.

Quando chegou à casa a notícia de que Leandra estava com câncer, minha mãe aplaudiu e comemorou com aquela sua dancinha típica que ela sempre faz

quando está eufórica, uma das mãos na barriga e a outra no ar, como num tango. Depois se jogou numa poltrona e nos disse, a mim e a meu pai: são uns cagões, nunca têm coragem de tirar do caminho o que os incomoda. Eu já tirei do caminho a mãe desse garoto por quem Jorge está encantado.

Em que a Leandra te incomoda, diga, disse papai.

A mim aquela índia não incomoda nada, respondeu minha mãe. Meu pai me mandou para o quarto, mas Mercedes disse deixe a Rosario ouvir, precisa aprender, vocês só ensinam historinhas e bobagens. Sua amante índia, Adolfo, é indiferente para mim. Mas para você ela importa. Eu posso permitir que você se deite com todas as putas do país, mas não posso permitir que se importe com alguma delas. Quer saber, filha, como deixei a Leandra doente? Quer saber como deixei doente a mãe do seu amiguinho moribundo? Venha me visitar hoje à noite, e eu contarei. Já está na hora de você aprender quem realmente é. Esses daí te protegem demais, são uns maricas.

Nunca fui ao quarto dela para descobrir como havia adoecido Leandra. Minha mãe, quando cansou de me esperar, saiu: pintou os lábios, calçou os sapatos de salto anabela e foi até a confeitaria do hotel de que gostava, para comemorar com champagne. Não permitiu que eu fosse visitar Tali em Corrientes, e ela nunca mais voltou a Buenos Aires. Meu pai desistiu de dar a ela uma educação na capital e respondeu as minhas súplicas com uma explicação dissuasiva: se a sua mãe cismar com a Tali, já sabe o que pode acontecer.

Naquele verão, Mercedes me mandou sozinha para a casa de campo de Chascomús. Compreendi que era um castigo, mas não entendi bem como poderia ser. Eu gostava do campo, dos cavalos, correr com os cachorros, as noites em volta da fogueira, todas as histórias que podia anotar em meu caderno, o pôr do sol com cheiro de fumaça. Implorei a ela por companhia, Juan ou Tali ou alguma colega do colégio, até mesmo Betty, mas ela negou e

me bateu na cara com sua mão cheia de anéis até minhas bochechas sangrarem. Faça amizade com os pretinhos que trabalham lá, disse. Você se dá bem com essa gente, sua idiota.

Ela mesma me levou, de carro, até Chascomús. E me deu as instruções. Deveria alimentar todos os dias os enjaulados. Minha mãe não é o único membro da Ordem que procura um médium ou tenta invocar a Escuridão por conta própria, mas, até onde sei, é a única que usa esse método. Enfiou-me no rancho onde as jaulas estavam e foi embora. O cheiro me fez vomitar e estraguei meus sapatos boneca vermelhos, os meus favoritos. Saí correndo. Mas no dia seguinte entrei: um dos empregados deixava a comida na porta do meu quarto e tinha ordens de me obrigar a cumprir a tarefa. Caso contrário, minha mãe voltaria. Essa possibilidade era pior do que entrar no rancho. Estava fechado com cadeado, e lá dentro a escuridão era completa. Eu deixava as bandejas nas jaulas. O cheiro de merda e urina e sangue me fazia vomitar todas as vezes. Durante todo o verão, levei pratos de comida, muitas vezes estragada, aos enjaulados. Andava com as mãos esticadas e, se percebia que estavam muito quietos, os tateava para confirmar qual deles estava vivo e qual tinha morrido. Se houvesse algum morto, também deveria me encarregar de seu corpo. Enterrei dois deles debaixo das pereiras, onde minha mãe indicou, por telefone. Não pareciam humanos, e o menor não tinha olhos. Uma tarde ouvi gemidos tão intensos num canto que, apesar das instruções que tinham me dado, fui buscar a lanterna. A luz fez todos os outros gritarem, e durante um minuto pensei estar rodeada por demônios alados, mas respirei fundo e endureci. Sempre soube endurecer. Reconheci a cara do que gritava: era procurado no povoado com um retrato falado, havia cartazes com aquele desenho tosco por todas as partes, na mercearia, nos postes de luz, na delegacia. Alguém o queria de volta, alguém o amava. O pano que cobria seus olhos estava tão sujo que tinha vermes. Aguentei por vários dias aquela sujeira e a dor dele até não poder

mais e tirei sua venda. Limpei-o o melhor que pude, mas certamente perdeu os olhos antes de Mercedes decidir que não servia para nada e o descartar, como os outros. Chamava-se Francisco e tinha quatro anos. O retrato falado dizia que tinha cabelos escuros, mas na prisão de minha mãe estava completamente careca.

Minha mãe tinha ido àquele rancho para fazer os rituais que lhe permitiram tirar Leandra e a mãe de Juan de seu caminho. Existem outras maneiras de se livrar dos inimigos sem envolver a Escuridão. Métodos mais clássicos, menos desgastantes, que todos da Ordem conhecemos. Mas ela prefere este. Os enjaulados, ou alguns deles, conseguem, durante o transe de sofrimento, fazer o deus aparecer, e então é preciso pedir. A aparição é breve, mas funciona implorar. Obviamente, não se trata apenas de mantê-los aprisionados, mas de praticar com eles as invocações que eu, até então, tinha me recusado a aprender, e por isso o castigo. Agora as conheço, mas não as exerço. Meu avô e alguns membros mais velhos acreditam que aquilo que vem não é a Escuridão de modo algum, mas um figmento que se parece com ela, uma sombra, embora às vezes um quarto inteiro fique escuro. Não é a mesma Escuridão indomável trazida pelo médium, que fala e corta e pega. É uma cópia, o outro lado de um espelho: é falsa. Mas é muito eficaz em destruir, implacável e impiedosa. Em Misiones, a empresa de erva-mate de meu pai tinha uma concorrente, outra família muito rica, que também cultivava chá. Não havia lugar para as duas. Minha mãe se encarregou de pedir à Escuridão para tirá-la do caminho. A outra família de barões do mate tinha uma bela casa, com colunas brancas neoclássicas, em frente a uma lagoa: fomos vê-la quando a destruição foi concluída. O céu estava rosado, e as palmeiras projetavam uma sombra espichada na água. Não ficamos com a casa: quando algo é tocado por esse tipo de desgraça, é melhor abandoná-lo. O filho mais velho, que herdaria tudo, afogou-se na lagoa, diante de seu palácio na selva.

Vi Juan chegar da janela do meu quarto em Chascomús. Meu tio e meu avô o trouxeram. Era perto de Buenos Aires e por isso o permitiram viajar. Eu tinha 11 anos naquele verão; ele tinha 8. Ele desceu do carro e subiu as escadas devagar, fazia tudo devagar quando era menino. Nisso ele mudou completamente. Esperei por ele sentada na cama. Da porta, ele disse: não vou te deixar sozinha. Eu me pus a chorar e estendi as mãos, pedi para ele entrar. Apoiou a cabeça em meus joelhos nus, para que eu lhe fizesse cafuné. Choramos juntos. Ele sabia sobre os enjaulados. Minha mãe havia contado a ele, sem nenhuma necessidade, é claro, apenas para assustá-lo. Desde que chegou, fizemos o trabalho juntos. O tio ficou para cuidar dele, e Juan entrou comigo no rancho todos os dias. Com ele era mais fácil porque se orientava na escuridão e me levava pela mão até cada uma das jaulas. Nenhum deles morreu enquanto Juan estava lá.

Apesar dos enjaulados, como estávamos juntos conseguíamos nos divertir: éramos crianças. À tarde brincávamos com os vidros coloridos das janelas da entrada. Uma mão azul, um olho verde, um pé amarelo. Fazíamos movimentos para que a luz nos pintasse. Muitos anos depois me lembrei dessas brincadeiras quando, ao mover as mãos, o LSD criou um arco-íris entre meus dedos.

De volta a Buenos Aires, minha mãe gritou: se esse fedelho de merda não nos servir logo, vou jogá-lo na rua. Eu disse a ela para jogar nós dois, e ela bateu com sua bengala em minhas costas. Durante dias tive dificuldade para respirar. Era possível que tivesse fraturado uma costela, mas ela proibiu que meu tio fizesse uma radiografia. Naquela mesma noite descí as escadas e desde então passei a viver sob o mesmo teto que Juan. E apesar de depois termos passado alguns anos separados, na verdade nenhum dos dois jamais saiu do lado um do outro.

* * *

Eu gostaria de dizer que me apaixonei por Juan antes de me apaixonar por qualquer outro homem, que o amava desde a infância, mas a verdade é que meu primeiro amor foi George Mathers, o homem que encontrou a médium Olanna. Eu tinha até uma foto dele e a guardava em minha carteira infantil: uma vez pedi a Florence, e ela me enviou uma cópia por carta, de Londres. George Mathers tinha o rosto de um herói romântico, com as maçãs do rosto salientes e os olhos redondos, ingênuos; a mandíbula dura, hominídea, o fazia parecer forte e viril. Era perfeito.

George Mathers era tio-avô de Florence, a atual líder da Ordem. Ele encontrou Olanna quando a National African Company, a companhia para a qual trabalhava, estabeleceu-se em Ibadan, um protetorado britânico que no futuro se tornaria a Nigéria. Toda sua história é contada em detalhes em seus diários: vi os originais quando fui a Londres, com suas belas ilustrações a lápis, preservadas pelos especialistas protecionistas da Ordem, mas, quando criança, li a edição fac-similar que todos os Iniciados recebem. Era meu livro favorito. George amava a região, a beleza dos nativos altos e esbeltos, as roupas brancas, o bosque e até a comida que os demais britânicos detestavam. Era ele quem mais e melhor se comunicava com os nativos e rapidamente foi escolhido para negociar com os chefes. Em poucos meses recebeu convites para banquetes e presenciou danças locais; estava interessado na religião e nos ritos dos nativos, enxergava em sua sofisticada simplicidade algo profundo, algo que na Inglaterra e nos salões, onde os membros da Ordem se vestiam com túnicas e usavam espadas e redomas, era inimaginável.

Em uma das cerimônias das quais participou permitiram-no ver Olanna, sobrinha distante do rei sacerdote de Nri. A família real era descendente, acreditava-se, de um ser celestial. O reino não existia mais: pouco antes, em 1911, tropas do Império tinham forçado o rei a renunciar a seu poder ritual e político. Olanna havia escapado para Ibadan, ajudada por sacerdotes. Tinha 15

anos, era frágil, com a testa marcada por cicatrizes, um labirinto de pele inflamada para sempre. George Mathers se apaixonou por ela, mas não podia falar com ela, não podiam se comunicar; e ela, Olanna, de família nobre, sacerdotisa, jamais tocaria em um homem branco. O retrato que George fez de Olanna, muito delicado e retocado várias vezes — notam-se as linhas erráticas, depois delineadas com esmero —, mostra uma adolescente de olhar cansado.

A chamavam de Aquela Que Traz a Noite. Também de A Serpente da Lua. Entre o escasso inglês falado por seus guias e chefes amigos, com o pouco que ele próprio compreendia do idioma nativo e mais algumas frases em dialeto, George Mathers entendeu que Olanna não era apenas uma sacerdotisa possuída por espíritos. Era quem se comunicava com os deuses ocultos, os que dormiam sob a terra, no leito dos rios e entre as estrelas. O que sua família, integrante da Ordem, chamava de médium. No primeiro ritual que o deixaram presenciar, em uma clareira do bosque, à noite, bêbado de vinho de palma, viu o corpo de Olanna se mover com uma fluidez impossível sob as mãos do sacerdote, e como sangrava. Também sangravam as mulheres participantes, que, ao contrário de Olanna, estavam vestidas. O cheiro metálico e carnívoro enchia o bosque de uma maneira que o deixava tonto e o excitava. Após os rituais, Olanna era retirada pelos curandeiros locais e levada para sua espaçosa cabana: ardia em febre e às vezes se recusava a beber, o que piorava seu estado. Quando se recuperava, permitia que George segurasse sua mão e contava a ele sobre muitos outros deuses, e sobre um bosque secreto. George Mathers aprendia, anotava, às vezes até rejeitava a mulher que lhe designavam como companheira noturna para escrever sozinho em sua cama, protegido pelo mosquiteiro branco. Os sacerdotes contaram a ele sobre Champana, o deus disforme da doença, que surgia como mosquitos e moscas; não compreendiam como George estava a salvo dele. Todos seus companheiros tinham sofrido alguma forma de doença, muitos tinham morrido de malária. Ele apenas estava

um pouco mais magro e mais moreno do que quando deixara Londres. Dava pouca importância aos negócios da National African Company, mas ninguém exigia que fosse à empresa. Ia aos escritórios todos os dias, mesmo que estivesse muito cansado. Ouvia os companheiros falarem do rio Níger, das tribos rebeldes, da riqueza do país, dos parentes e amigos mortos na Europa, na Grande Guerra.

Era 1919. Numa noite de setembro, no bosque, George finalmente viu Olanna trazer a Escuridão. A luminosidade prateada, reflexo da lua em sua pele suada, era tomada pouco a pouco por uma escuridão que vinha dela, que lhe escapava pelos poros. As mulheres e os sacerdotes gritavam: os tambores sufocavam a noite, e George Mathers viu uma língua bífida pender da boca de Olanna e viu cada borboleta noturna que se aproximava cair morta assim que a luz negra a tocava.

Depois desse ritual particularmente intenso, George Mathers recebeu na porta de sua casa uma pequena estátua de argila que representava um homem sentado, com as mãos nos joelhos, nu e com um longo falo estendido. O grande deus Pan, pensou, em Ibadan, nos bosques da África? Teve medo e decidiu voltar para a Inglaterra. Mas não queria voltar sozinho: queria levar Olanna e dar um médium à Ordem. Ela tinha vindo até ele, para ele: tinha certeza.

Levá-la foi muito simples para um homem de sua posição. É sempre fácil, para nós, conseguir o que queremos.

A viagem por terra e mar foi exaustiva para a jovem, que ainda por cima era observada e apontada; George Mathers percebeu então que sua fraqueza não se era apenas efeito do ritual, Olanna estava doente. Perdia a consciência com frequência. O balanço do navio a enjoava a ponto de não conseguir sair da cama. Mas na penumbra da cabine, necessária para aliviar suas constantes dores de cabeça, aprendia inglês com uma rapidez espantosa. Ele contava a ela sobre

Londres, sobre sua esposa, Lily, que o esperava, embora ele estivesse ausente há mais de um ano. Falou sobre o mar frio e a neve. Olanna ouvia, séria: George notava que ela aprendia, mas, ao mesmo tempo, não considerava nada daquilo uma maravilha. Era simplesmente diferente do que ela conhecia. Ela também falava e, quando não conseguia se fazer entender, desenhava no ar, com as mãos. Contou sobre um bosque onde viviam milhares de demônios, mas reinava apenas um, que costumava se pendurar nas árvores e tinha os pés virados para trás, de maneira que suas pegadas nunca revelavam para onde estava indo. Falou sobre as esculturas de madeira que seu tio fazia e sobre a riqueza e a honra de seu pai. Sentia falta de suas joias. Contou sobre os bosques de ossos, sobre as caveiras que rolavam entre as árvores. Uma noite, quando o navio balançava suavemente, disse a ele que certos seres se conformavam com vinho e flores, mas que os deuses verdadeiros exigiam sangue.

Quando chegaram a Londres, ela magra e com olheiras, ele saudável como se a viagem não tivesse durado meses, Olanna de Nri falava inglês e George Mathers a amava, mas não se permitia tocá-la. Em Londres, os membros da Ordem esperavam por eles e pareceram decepcionados ao vê-la descer do *Vauxhall*. Esperavam, conforme George contou mais tarde, uma mulher alta e magra, mais parecida às das fotografias da África Oriental, com seus pescoços longos; não esperavam aquela menina miúda, com o rosto marcado por cicatrizes e a cabeça redonda. Mas a trataram com reverência. Ela parecia impressionada com a cidade, mas de forma alguma intimidada. Quero ver o trem debaixo da terra, disse a George. E ele a levou para passear no *underground*, para caminhar pelo Hyde Park, para admirar Kensington. Olanna chegou muito cansada ao Palácio e estava com frio; ele a cobriu com seu paletó e teve o impulso de carregá-la nos braços até a casa de seu pai em St. John's Wood.

Seu pai, Christopher Mathers, líder da Ordem naquela época, e os principais integrantes do culto os esperavam no salão principal da casa, nas poltronas vermelhas, embaixo do candelabro. Olanna observava a decoração piscando, e George estudava a rigidez de sua mãe, a inveja nos olhos das mulheres e de seu irmão mais novo. Soube que não seria capaz de salvar Olanna e compreendeu: a Ordem vinha em primeiro lugar. Eles acumulavam anos de frustrações e, embora suas práticas os tivessem tornado ricos e poderosos, precisavam de algo mais. Papai sempre acreditou que a Ordem e os rituais ajudam a manter a riqueza, mas é preciso ajudá-la com heranças ou bons negócios. Ele está certo. Andei lendo Ramon Llull, e ele diz exatamente o mesmo sobre a alquimia: para fazer ouro é preciso, primeiro, ter ouro. Nada é feito do nada. A riqueza, naqueles tempos, não era mais suficiente para eles. Agora queriam evitar a morte e acreditavam que a Escuridão lhes daria esse dom. É a mesma coisa em que acreditamos agora, por sinal. Christopher Mathers sabia que, para construir uma crença, é necessária uma promessa imensurável.

A mãe de George marcou o Cerimonial. Era uma mulher amarga, escreveu ele, que passava horas em frente à lareira, chorando de raiva porque tinha perdido seu filho preferido, o mais velho, naquela Grande Guerra que julgava estúpida e desnecessária. Seu lindo filho que tinha morrido de tifo em uma trincheira e que voluntariamente tinha ido àquele massacre, desobedecendo-a e desobedecendo à Ordem. O único da família, além disso, que tinha o dom. Não era um dom extraordinário, mas era mais que a nulidade de George e de Charles, o jovem e ambicioso Charles, que estudava oito horas por dia e podia explicar durante horas o significado do Sephirot, mas era incapaz de um mínimo lampejo de magia natural. Ou que a incapacidade de George, que preferia viajar e fazer anotações, mas era sempre o receptor encantado da magia alheia.

O Cerimonial foi marcado para 31 de outubro de 1919. Seria realizado na sala especialmente preparada da casa de St. John's Wood. É a mesma sala usada atualmente, onde eu mesma tracei círculos de giz e me ensinaram a mais sofisticada caligrafia para melhorar meus selos. George Mathers prometeu estar presente e voltou para sua casa e sua esposa, Lily, que enfeitava os cabelos com fitas douradas e cuidava do jardim por horas. Lily, que escrevia poemas de amor violentos e românticos. Abraçou-a contra o portão de ferro e lamentou que não pudesse dar a ela um filho, uma criança sorridente que lhe fizesse companhia durante suas ausências. Os outros, seus pais, até os médicos, acreditavam que Lily era estéril, mas ele sabia a verdade porque tinha estado com muitas mulheres, não tanto por prazer, mas como teste, e nenhuma tinha engravidado. Os Mathers extinguíam-se, e só restava Charles, tão jovem.

Abriu a mala com os presentes que trouxera para Lily: máscaras entalhadas, os extraordinários tecidos da África Ocidental, os perfumes que tinha comprado em Paris — ela gostava dos frascos de cores inusitadas —, litografias de Alphonse Mucha, um ilustrador que já era considerado um tanto datado mas que Lily amava. Na mala estava também a estatueta de argila que alguém havia deixado na porta da casa de Ibadán, provavelmente como advertência. Quando Lily a segurou, George tirou-a de suas mãos com firmeza. O Grande Deus Pan também vive tão longe, disse ela. Lily era uma devota desorganizada, incapaz de nomear as constelações ou de traçar um selo, mas acreditava. E queria saber se a médium realmente era poderosa. Irá vê-la em breve, disse George, e mostrou a ela um colar, o último presente, que a fez sorrir. O vento abriu uma das janelas, e Lily a fechou, mas não conseguiu impedir que uma onda de folhas secas entrasse na sala.

A estátua, agora, está protegida por vários vidros, na biblioteca da Ordem, em Londres. Ela me lembra o São Morte, a não ser pelo falo. Há algo na postura sentada, um gesto idêntico a uma representação específica do Santo

Esqueleto a que chamamos Senhor da Paciência, porque parece estar esperando. Eu estudo para encontrar essas correspondências e similaridades, mas elas sempre me dão um pouco de vertigem. A estatueta parece seguir com os olhos quem a observa e é repulsiva de uma maneira inexplicável.

Os Iniciados chegaram na hora marcada. Muitos preferiam usar máscaras, a maioria venezianas, algumas de animais: queriam ser conhecidos apenas pelos chefes da Ordem.

Olanna aguardava, nua e de bruços, no altar. A única luz era a das velas. Tudo aconteceu muito rápido. Os cânticos começaram, e imediatamente as mulheres, algumas com um grito, outras com expressões sufocadas, sentiram o sangue jorrar entre as pernas. Olanna se mexia sobre a mesa como um ofídio: o aroma do sêmen e do sangue expandia suas narinas. Logo se jogou no chão. A Serpente estava fora de controle. Não deveriam tocá-la quando se iluminasse de luz negra e não o fizeram.

Estão ouvindo?, gritava Christopher Mathers, o chefe. Estão ouvindo? Muitos assentiram, e Mathers quebrou todas as regras e protocolos e saiu do círculo de proteção. Foi buscar papel e lápis e os entregou aos que conseguiam ouvir. A Serpente falava, e eles transcreviam aquelas palavras que eram murmuradas nos espaços entre as estrelas, entre a vida e a morte. Cada um usava seu sistema de escrita preferido, e cada um escrevia no idioma que ouvia. É assim que é feito até hoje, embora o Cerimonial seja muito diferente, porque ninguém sangra — pelo menos não o sangue menstrual —, porque não é mais sexual e porque continua até o amanhecer, quando o médium se retira. As transcrições, como agora, eram muito diferentes, e algumas, incompreensíveis. Não importa, dizia Christopher Mathers, alvoroçado: a Serpente Escura fala conosco e diz mais do que podemos compreender, mas o pouco que somos capazes de aprender será suficiente.

Christopher Mathers chamou essa etapa de “a fase do oráculo”. Quando terminou, Olanna estava inconsciente em uma poça de seu próprio sangue; a língua bífida pendia de seus lábios entreabertos. Mulheres e homens choravam abraçados, nus; alguns não conseguiam encará-la, outros deixavam suas máscaras caírem. Somente George reagiu e, quando a aura negra abandonou Olanna, ele se aproximou dela e a carregou nos braços. Não tinham preparado um quarto para ela, apesar de George ter explicado a eles o procedimento. Deitou-a na primeira cama que encontrou, e imediatamente os lençóis ficaram encharcados. A febre a sacudia. Soube que ela iria morrer. Não naquela noite, mas em breve. Nenhum corpo conseguia suportar a intensidade da visita da Escuridão. E seu pai a usaria com frequência. Se possível, diariamente. Tinha visto sua ambição. Todos o apoiariam: Olanna era a médium, mas também era uma selvagem, nenhum dos Iniciados a considerava inteiramente humana.

Lily irrompeu no quarto, cobriu Olanna e mandou buscar gelo, água gelada e jasmims. No outro cômodo ouvia-se Christopher Mathers explicar aos Iniciados homens que eles deveriam conter o sêmen e bater nos que tinham ejaculado. Ele também perguntava sobre as visões extáticas que eles tinham tido. Olanna ardeu em febre por duas noites. Christopher Mathers não quis chamar um médico, disse que a química poderia arruinar o fluxo da energia, falou de apanga e bindu e da pureza das secreções. Estava preocupado, contudo. No terceiro dia, Olanna saiu do estado de semiconsciência e aceitou uma sopa que Lily tinha mandado preparar. Nessa mesma noite foi convocado mais um Cerimonial.

Olanna sobreviveu por dois meses. A noite do último ritual não foi diferente em quase nada, a não ser pelo fato de a Escuridão que rodeava Olanna ter saltado, não havia outra maneira de explicar o que tinha acontecido, segundo o diário de George, e quando ela roçou uma das Iniciadas, uma mulher jovem com o rosto coberto, abriu um corte profundo em seu

braço esquerdo. Ela não se deu conta da dor, submersa no êxtase, mas depois quase perdeu o braço, que demandou diversas cirurgias. Depois do salto da Escuridão, Olanna ficou imóvel, como sempre, prateada e vermelha, mas agora assustadoramente magra, com os dentes sobressaindo, o crânio perfeito sob a pele, os olhos fundos. Não colocava mais a língua para fora. George se surpreendeu ao carregá-la nos braços: estava fria. Não tinha febre. Não lhe pareceu um bom sinal. Em seu último delírio, Olanna chorou. Lily secou suas lágrimas: seu sogro tinha ordenado que ela as coletasse com pequenos recipientes que pareciam tubos de ensaio, mas ela só fez isso uma vez e depois disse ao marido que não obedeceria àquele homem cruel, ele não via que as costelas de Olanna pareciam querer rasgar sua pele, que sua linda cor estava ficando cinza, que as cicatrizes do rosto pareciam brancas. Olanna, não é sua obrigação, lhe tinha dito Lily, nua exceto pela faixa dourada de melindrosa em sua testa que mantinha os cabelos curtos no lugar. Em menos de uma hora, a princesa de Nri e médium da Escuridão parou de respirar. Lily chorou com as mãos mergulhadas em uma bacia cheia de gelo.

Lily e George se encarregaram do enterro de Olanna em Highgate, o cemitério mais bonito de Londres, embora estivesse em declínio à época. Lily mandou construir uma esfinge de pedra e ordenou que fosse colocada embaixo de um carvalho. O túmulo não tinha nome nem data: o enterro de uma adolescente africana em estado de desnutrição chamou a atenção das autoridades, mas o dinheiro dos Mathers podia silenciar qualquer escândalo. Christopher preferia conservar o corpo ou usar as cinzas em rituais, mas George se impôs. Não tire a dignidade dela, pediu. Ela nos deu muito. Seu pai permitiu o túmulo.

Anos mais tarde, no entanto, seria profanado. Poucos sabem disso, mas o crânio de Olanna, adornado com joias, é usado pelas mulheres da Ordem em reuniões secretas, em danças e invocações. Eu assisti a pelo menos duas, em

Londres. Digo pelo menos duas porque Florence me permitia usar drogas psicodélicas em certos rituais e, às vezes, em sonhos, lembro da caveira com a testa brilhando em vermelho — tem rubis incrustados — e lembro de uma mulher que levanta a saia e deixa à mostra, entre as pernas, o que parece ser uma longa cauda.

Foi Lily quem quis acompanhar o marido à África: George precisava voltar para controlar os negócios da família, desta vez em postos comerciais no rio Níger. Na longa e feliz viagem de ida, Lily ficou grávida. Mas não voltaram atrás: o bebê nasceria em terras quentes e, com sorte, seria um grande mestre, poderoso e compassivo. Uma criança que viria para mudar a Ordem e sua exploração dos médiuns.

George Mathers, que nunca havia adoecido na África, nem mesmo um mal-estar estomacal, foi atacado pela malária durante sua primeira semana perto do Níger. Morreu sem recuperar a consciência. Lily perdeu o filho, e ela mesma sofreu com febres — os médicos ocidentais não sabiam precisar que doença ela tinha, parecia malária, mas poderia ser qualquer coisa — e sobreviveu, mas apenas por alguns meses.

As notícias logo chegaram a Londres. Christopher Mathers entregou o controle da Ordem a seu filho mais novo, Charles. Já tinha perdido dois filhos e se sentia exausto e velho.

Seria a filha de Charles Mathers, Florence, quem confirmaria a chegada do médium mais poderoso que a Ordem já encontrara, na Argentina, numa noite de inverno de 1962, o garoto loiro e frágil que lhe trouxe a Escuridão, desta vez na casa da outra família do sangue, os Bradford. Mais uma vez na selva e no calor. Ela confirmou a chegada, mas eu o encontrei. O médium se manifestou diante de mim e para mim.

* * *

O que a Escuridão dita para a Ordem são instruções sobre como obter a sobrevivência da consciência. Chamá-las de “instruções” é inapropriado, mas é o termo mais simples para ajudar a entender o que acontece. Toda vez que ela fala e se comunica através do médium, dita as etapas necessárias para essa transição. Era isso que a Escuridão ditava quando veio com Olanna; também durante os transe do jovem escocês, embora naquelas primeiras sessões não tenham conseguido decifrar todo o significado das palavras. Ela dita o método de maneira muito lenta, espaçada e enigmática. Tudo é anotado em um Livro. O que nós acreditamos e o que a Escuridão — e, portanto, a Ordem — oferecem é a possibilidade de manter para sempre a existência neste plano. Mas a Escuridão é caprichosa. Às vezes ela fala e é impossível encontrar um sentido em suas palavras. Às vezes só diz palavras soltas. Às vezes dita métodos para outros fins, em geral daninhos, porque um deus assim só pode ser cruel. Frequentemente narra pequenas histórias sobre sua existência solitária em um deserto vazio: nos convida a visitá-lo, mas não diz como, porque sua natureza é o capricho.

Apenas os médiuns podem fazer vir essa Escuridão que fala e que nos ajudará a viver para sempre, a caminhar como deuses. Os mortais são o passado, Florence me disse uma vez. O método de sobrevivência demorou muito a se revelar e é, obviamente, repugnante. Devo acrescentar que, até o momento, além de repugnante, se mostrou um fracasso retumbante. A fé, no entanto, não se discute. E é impossível não crer quando a Escuridão vem. Então confiamos e seguimos. Pelo menos muitos de nós nos comportamos dessa forma. Outros, estamos doentes de dúvidas.

Antes de 1962, passei dois anos morando no apartamento de meu tio, com Juan. Passava a metade do dia no colégio, onde encontrava Betty como se nossas famílias não tivessem optado por uma separação que à época parecia definitiva ou, ao menos, extraordinariamente longa. Nunca mais pisei no

campo de Chascomús, apesar de sentir falta de lá: o monte de curupíás, as acácias, as coroas-de-cristo, principalmente os cachorros. Entendo e sempre entendi que a Ordem tem que chegar aos extremos para obter conhecimento e que, em muitos casos, isso implica esquecer o afeto ou abraçar a loucura, implica crueldades difíceis de entender, mesmo para os Iniciados. Mas, quando tive que alimentar os enjaulados, soube que aquele era o meu limite ou um dos meus limites.

Meu avô me ensinou a traçar os círculos de giz; dizia que eram magníficos. Não me deixavam invocar, ainda: naquela época, os mais jovens da Ordem eram preservados até a adolescência. (Florence quebrou essa regra com seu filho mais novo, mas ninguém soube disso até que o estrago não pôde mais ser ocultado.) Meu avô, no entanto, me permitia conhecimentos que ele considerava menores. O Tarô. Os desenhos. Alguns ritos locais que divertiam a mim e a Tali e nos davam nojo, como crucificar sapos no centro de um círculo de sal, para evitar as tempestades. Ele também me deixava ajudar Juan, que, quando se sentia muito mal, perdia as defesas que o mantinham distante de aparições e desencarnados. Então eu deixava um signo ao lado de sua porta ou um amuleto embaixo de seu travesseiro. Sempre precisou dessas pequenas ajudas em certos momentos de sua vida, apesar de na maior parte do tempo conseguir evitar sozinho qualquer intromissão. Uma vez ele me explicou que, quando conseguiu dominar com naturalidade o método que meu tio havia lhe ensinado, achou aquilo absolutamente normal, como não urinar na cama.

Aqueles dois anos foram minha formação mais aprazível, longe da minha mãe, a quem nunca mais chamei de mãe e passei a chamar de Mercedes. Longe dela e perto dos homens da minha família, fracassados e alcoólatras, caçadores, colecionadores, que me faziam lembrar dos fundadores da Ordem e de George Mathers, meu primeiro amor.

Comecei a fazer listas em Puerto Reyes. Sempre gostei de anotar tudo: receitas e instruções, catálogos e indicações, dicionários e índices. Quando Juan se revelou, eu estava fazendo um dicionário elementar de todos os seres que habitavam a área de Puerto Reyes. Conversava com as pessoas, colhia testemunhos, levava cadernos. Meu avô me disse que eu poderia estudar religiões e culturas se quisesse; que poderia cursar Antropologia em Oxford ou em Cambridge ou na universidade que eu escolhesse. A Ordem sempre manteve seu perfil de pesquisa e estudo: a Escuridão devia ser interpretada, não apenas louvada cegamente. Era difícil manter o equilíbrio, mas isso era alcançado ao incorporar outras tradições esotéricas e sistemas de magia; assim, havia especialistas em cabala e na doutrina mística do judaísmo, em sufismo, espiritualismo, necromancia, alquimia. A Ordem congregava os mais renomados estudiosos da tradição do mistério e reunia até médicos, especialmente neurologistas, porque a epilepsia, a esquizofrenia, a hipéria, o êxtase místico, tudo era pensado e pesquisado. Eu queria fazer parte daquela tradição que, obviamente, também implicava práticas. Saber, ousar, querer e calar: a definição de Eliphas Lévi, um charlatão, como dizia meu avô, mas um charlatão que escrevia muito bem.

Lembro perfeitamente o dia e a noite da revelação: até porque, ao longo dos anos, tive que relatá-la a diferentes Iniciados. Eu estava cansada de nadar e do sol; também um pouco enjoada do barco. Tali tivera uma insolação alguns dias antes e estava com Marcelina, a mulher que cuidava de nós e da casa. Apenas por essa casualidade ela não esteve presente naquela noite. Escondi dela a revelação até que meu pai decidiu que era a hora de iniciá-la. Tali não é do sangue, para ela os tempos foram distintos. Ela nunca me repreendeu.

Naquele inverno, meu tio aceitou que Juan viajasse para o norte pela primeira vez. Foi ele quem o trouxe, de avião. Passamos o dia juntos, e eu o acompanhei até o seu quarto naquela noite: não estava muito cansado depois

de navegar um dia inteiro, ou talvez as novidades o excitassem tanto que tinha perdido o sono. Eu disse a ele para de sacanagem e fecha os olhos, se nos encontrarem acordados conversando, eles nos matam.

Subi para o meu quarto, liguei o ventilador e me deitei com o caderno azul e a camisola de seda que meu avô tinha trazido de Paris para mim, linda, fresca, com detalhes delicados nas alças. Lembro que escrevi com uma caneta-tinteiro Parker com a tampa banhada a ouro, outro presente de meu avô, que já perdi. Meu pai também me trazia presentes lindos: todo ano, por exemplo, uma joia com uma pedra diferente. Naquele ano ele tinha me dado um anel de Lalique. Os anéis mais desejados pelas minhas colegas de escola eram os Vendôme, mas eu preferia os que meu pai escolhia, muito mais diferentes e caros, peças de museu.

Abri o caderno e anotei dois novos seres. O Guachu Ja Eté. Escrevi: dizem que ele é “o dono dos veados” e que assobia. Ele também transforma os que roubam em veados. Isso foi o que Marcelina me disse, mas não sei que forma tinha esse assobiador. Existem muito assobiadores e gritadores. O gritador mais impressionante, idêntico à banshee irlandesa, é o Mbogua. Quando grita, anuncia uma tragédia, mas só quem irá sofrê-la é capaz de ouvir. Sinalizei a correspondência com uma seta: banshee, e keening, o nome do lamento. Marcelina estava me ensinando um pouco de guarani. Eu sonhava em fazer livros sobre os mitos locais, iguais aos que eu lia em inglês sobre os seres das ilhas britânicas.

Como estava sem sono, guardei o caderno e saí do quarto para pegar um copo de água. A casa estava em silêncio. Meu avô e meu pai já estavam dormindo, tinham se deitado cedo. Meu tio também dormia. Precisava passar pela porta do quarto de Juan no térreo para ir ao banheiro, e lembro que andei na ponta dos pés, para não o acordar. Reyes, à noite, é uma bela casa. Mercedes nunca ia, por isso também a casa era um santuário para mim. Em Reyes estava

longe de sua fúria. Continuava a me bater com frequência, apesar de não morar mais com ela. Costumava pedir que eu subisse para jantar e depois se alterava se eu dissesse algo inconveniente — e eu sempre dizia algo que ela não gostava. Os tapas de Mercedes nunca me fizeram chorar, e, se alguma vez meus olhos se umedeceram, mais de raiva do que de dor, eu não deixei ninguém ver. Somente Juan.

Descer as escadas sem fazer barulho era fácil, porque eram acarpetadas, mas os corredores tinham piso de madeira e rangiam. Meu pai costumava dizer que deveriam ter sido feitos de mármore ou lajota, que era uma loucura usar madeira com aquele calor, mas sem dúvida ficava mais bonito. Puxei a minha camisola para baixo, ela não era curta, mas não queria cruzar com alguém à noite, com algum homem, que espiasse minhas pernas. Não eram muito longas mas eram lindas, pelo menos naquela época, meu corpo mudou muito com a gravidez. Quando secavam ao sol, na praia do rio, ficavam com uma cor muito suave, parecida ao verniz.

Quando cheguei na ponta dos pés à porta do quarto de Juan, encontrei-a aberta. Não era incomum: meu tio o obrigava a mantê-la assim. Tive um pressentimento, no entanto, e espiei. Não estava em sua cama. Supus que tivesse ido ao banheiro e esperei. Dez minutos, quinze minutos, até que fiquei preocupada. E se estivesse passando mal? Fui procurá-lo no banheiro. Estava vazio. Então fui para o jardim e o chamei. Só tive a resposta dos pássaros noturnos, que ficaram em silêncio, e dos cães da casa, que se aproximaram de mim. Havia muito silêncio, o que me alarmou, porque a selva atordoa de tão barulhenta. Quando se cala é porque está alerta. Acaricieei o lombo de Osman, o cão mais novo, um filhote de pastor alemão muito dócil que precisava receber sinais constantes de tranquilidade ou se colocava em guarda.

Não quis, eu me lembro, que o desaparecimento fosse culpa minha. Entrei na casa novamente, ainda descalça, e bati na porta do quarto de meu tio, que se

levantou muito rápido, com a camisa desabotoada e as calças abertas.

Juan foi embora, anunciei. Não tinha certeza se ele tinha ido embora, é claro, mas foi assim que saiu, aos borbotões. As batidas na porta acordaram meu pai. Filho da mãe, que diabos está acontecendo?, disse ele, e eu expliquei a situação. Meu tio contorceu as mãos, e eu senti uma onda de asco.

Os homens se organizaram para procurá-lo e ordenaram que eu ficasse em casa, mas não os obedeci, eu não dava a mínima para suas instruções de bêbados. Saíram os três, meio despidos; meu avô carregava um lampião, os outros, lanternas. Foram acompanhados pelos cães, que latiam. Gritavam o nome de Juan. Fui atrás deles, de camisola e botas.

Não sei por que tínhamos tanta certeza de que Juan não estava escondido na casa, mas nenhum de nós questionou a intuição. Osman deixou os homens e recuou, para me acompanhar. Fiz um carinho em sua cabeça e levantei a lanterna até a altura da minha cabeça. Pensei em Juan afogado no rio. Pensei em Juan caído em algum poço, inalcançável. Pensei em Juan atacado por um animal. Então vi a roupa no chão, ou melhor, pisei nela. Apontei a lanterna e percebi que era a roupa que ele havia usado para dormir, um camisão de mangas curtas, de listras azuis e brancas. Estava pelado na selva? Gritei seu nome, gritei sou eu, Rosario, onde você está, e corri por entre as árvores, arranhando as pernas na grama já alta. Depois imitei uma coisa que tinha visto em um filme: fiz Osman cheirar a roupa de Juan. O cachorro não entendeu e ganiu.

Corri até entrar na selva e parei em uma clareira, entre várias árvores. A lanterna piscava um pouco, mas a sacudi e a luz ficou firme de novo. Dali não conseguia mais enxergar a casa e pensei que não poderia adentrar mais sem me perder na mata. Iluminei as árvores e então vi Juan. Osman, que estava ao meu lado, gemia como se estivesse sendo torturado. Não o mandei ficar quieto porque o susto me deixou muda. Juan estava totalmente nu e andava entre as

árvores como um sonâmbulo; não percebia nossa presença nem a luz da lanterna, e tropeçava. Seus olhos estavam cobertos por uma película amarelada, como a segunda pálpebra de um animal, e estava exausto: bateu de cara em um tronco e, apesar de não cair, ficou agitado, suando. Mexi a lanterna e iluminei suas mãos. Não eram mais as de uma criança. Eram grandes demais e tinham unhas muito longas, douradas, como as de um animal de bronze. Duvidei, pensei que aquele garoto não era Juan, mas vi no peito a cicatriz da cirurgia. Ele voltou a andar em círculos, de quatro, as mãos imensas cavando a terra do chão, as árvores, sua própria pele. Estava procurando alguma coisa, desesperadamente, e não respondia quando eu dizia seu nome. Entendi o que estava acontecendo. Esperei a luz negra. Lembro que o orgulho deixou as minhas pernas bambas. Também sentia medo. Meu deus, disse, e pela primeira vez na vida não disse isso como uma interjeição ou uma frase feita, e sim como um reconhecimento.

Ele ficou de pé. O corpo magro e alto demais de Juan estava cercado do que pareciam ser insetos, muitos besouros ou borboletas negras, zumbindo, mais escuros que a escuridão da floresta. Ele fez algo muito simples quando a negridão começou a envolvê-lo: estendeu os braços e uniu as mãos, palma com palma, na altura do peito, como se estivesse prestes a mergulhar na água. O silêncio era absoluto: Osman ficou mudo, nem um inseto, nem uma folha, nem o vento, nem o rio ao longe, nada, o silêncio e aquela película escura que recortava Juan, uma linha de sombra a seu redor, tudo me fez saber que algo estava mudando e que a mudança era terrível e maravilhosa.

Seu corpo ficou sozinho flutuando na negridão e então eu recuei, porque sabia que a Escuridão podia saltar, cortar, machucar.

Os homens chegaram nessa hora com o calor de seus bafos e o clarão de suas lanternas. Meu avô ergueu o lampião, e vimos que a Escuridão cobria todas as árvores como uma cortina pesada e de aparência impenetrável. Ele caiu

de joelhos e retrocedeu, como um promesheiro cristão. O silêncio foi quebrado pelo barulho da Escuridão, que era marinho e voraz, era um barulho de água. Não tinha cheiro. Nunca senti seu cheiro. Algumas pessoas sentem o cheiro de decomposição; outras, de frescor. É diferente para todos. Meu pai estava boquiaberto, como um idiota, mas meu tio estava chorando e se aproximava rápido de Juan, lançava-se em sua direção com os braços estendidos, gritava, não lembro o que ou não entendi o quê; meu avô tentou detê-lo e conseguiu, mas não antes que sua mão esquerda tocasse a Escuridão aberta. Depois caiu no chão, com a mão ensanguentada: faltavam vários dedos. Ele gritava, mas nós não prestávamos atenção. Olhávamos para Juan, cuja cabeça estava caída, tinha os cabelos no rosto e parecia morto. Continuou suspenso por mais alguns instantes até que a Escuridão pareceu reingressar em seu corpo. (Eu sigo acreditando que é isso o que acontece: ele põe a Escuridão para fora e depois a recupera.) Quando levantou a cabeça, não reconheci seus olhos. Ainda não eram os seus. Caminhou seguro e ereto, deixou o espaço entre as árvores, a sombra ainda o envolvia como fumaça, e se agachou ao lado de meu tio, que parou de se lamentar quando o viu. Juan roçou o machucado com suas mãos enormes, e a ferida se cauterizou. Antes, o sangue manchou seu corpo nu.

Então o lampião do meu avô se apagou, e os homens cercaram meu tio. Deixaram de prestar atenção em Juan, que se afastava deles andando de quatro, nu. Não sei por que não o viram ou não seguiram, talvez porque a Escuridão desejasse que ele e eu estivéssemos sozinhos. Juan não podia ir muito longe, não tinha força para isso, pingava de suor, tocava com a mão o peito, que doía. Parecia um recém-nascido grandão, molhado, meio sufocado. Sentei no gramado e o chamei como se chama um cachorro, porque ele não entenderia outra coisa. Veio até mim se arrastando, e eu o abracei, peguei-o em meus braços, estava tão molhado que escorregava, mas olhava para mim, e eu lhe disse para ficar calmo, que estava comigo. Então o beijei. Um beijo muito

infantil, com a boca fechada, mas longo e inadequado. Por que fiz aquilo? Ainda me pergunto. Estava louca. Ele envolveu meu pescoço com os braços, e eu comecei a chorar, a única coisa que eu sentia era seu corpo molhando a minha roupa, as mãos quentes, a respiração que queimava minhas bochechas, as batidas irregulares de seu coração.

Os homens vieram buscá-lo, e eu resisti, não queria entregá-lo, mas é claro que não podia brigar com eles. Comecei a menstruar nessa hora, o sangue manchava a camisola, eu sentia como ele umedecia a grama. Eles o levaram para casa correndo, para cuidar dele. Enquanto os seguia, com as pernas ensanguentadas, pensava o tempo inteiro eu o encontrei, é meu, não irão tirá-lo de mim.

Creio que fiquei louca naqueles minutos, tocada pela Escuridão. Se papai não tivesse me dado o sopapo bem dado que me deu quando cheguei à casa, não teria saído da histeria. Meu pai sempre diz que na Ordem, ao final, todos ficam loucos; eu o entendi naquele instante. Uma vez papai entrou para me dar oi com seu uísque no dia depois de um Cerimonial e eu perguntei: como podemos seguir depois disso, como vocês conseguem, o mundo é estúpido, as pessoas que ignoram tudo são desprezíveis. E ele me respondeu algo que às vezes repito em voz alta, de tão certo que é. É que depois disso não acontece nada, filha. No dia seguinte sentimos fome e comemos, queremos tomar sol e nadamos, temos que fazer a barba, que receber os contadores e visitar as plantações porque queremos continuar a ter dinheiro. O que acontece é real, mas a vida também é.

* * *

Quiseram afastá-lo de mim nos primeiros dias, que foram de correria e carros que saíam à toda velocidade levantando terra vermelha. Mercedes veio. Tentei

entrar no quarto de Juan em um momento de distração, e ela me arrastou pelos cabelos, e fui parar no chão. Cheirava a perfume de rosas, uma fragrância barata, nojenta, podia comprar qualquer frasco, mas preferia aquele, porque gostava de feder. Tali tinha sido levada de volta a Corrientes, onde era cuidada pela tia.

Eu não conseguia dormir nem pensar, nem escrever, e batiam as portas na minha cara, mas eu conseguia escutar. Meu tio falava dos dedos que perdeu. Dizia que tinha sentido frio nas mãos de Juan. Dizia isso chorando. Também se lamentava porque nunca mais poderia operar. Estava arrasado e ao mesmo tempo satisfeito, como meu avô. A única intacta era Mercedes. Andava pela casa e pelos jardins de camisa branca e uma calça bege de cintura alta. Se fosse outra mulher, com os cabelos pelos ombros, um chapeuzinho para cobrir as falhas na cabeça e os óculos escuros que usava dentro de casa, diria que estava linda, que ao menos mantinha certa elegância em meio ao caos e à correria, mas eu apenas conseguia ver satisfação e arrogância. Caminhava com superioridade, debochava dos homens, debochava de mim. Gritava: nenhum de vocês tem pulso para lidar com isso, cambada de capados! Capados: assim eram chamados os touros castrados da fazenda.

Aguntei dois dias sem ver Juan e fui atrás de meu avô. Encontrei-o sentado em uma de suas poltronas de ferro, fumando. A pele dos seus braços estava muito irritada. Quando me viu, fez um sinal para que eu me sentasse a seu lado. Lá embaixo, no rio, a bordo de uma lancha enferrujada, um homem e uma mulher jogavam flores brancas na água. Pedi a ele permissão para ver Juan. Eu o encontrei, disse. Tenho o direito e, além disso, ele precisa de mim.

Meu avô negou com a cabeça e acrescentou: amanhã Florence Mathers chega. Ela irá nos explicar o que fazer. E irá explicar a você também, porque terá que cuidar dele, você é a guardiã. Como George era de Olanna. A responsabilidade primeira é sua.

Ela vai levá-lo?, perguntei, e a reação de meu avô foi surpreendente. Ele me pegou pelos ombros, e vi que seus olhos estavam diferentes, mexiam-se muito, como se estivesse esperando que alguém viesse capturá-lo. Não, disse ele. Não vão levá-lo. Ele veio até nós. Ele nos procurou. Poderia ter morrido criança, mas aguentou. Esperamos, e ele cumpriu. Então começou a murmurar sem muita coerência, dizia que honra, a porta estava aqui, está aqui, para onde o levariam? Não quis mais ficar com ele e corri em direção à plataforma. Eu não tinha tanta certeza. Se o levarem, vou junto, pensei. Nunca irão nos separar, o vovô acaba de dizer. Os homens não o teriam encontrado. Sem mim, pensei, o médium não teria aparecido.

Vomitei durante todo o voo. As aeromoças pensavam que eu estava nervosa ou enjoada: não paravam de me dar sacos, guardanapos e até uma toalha. Me mudaram de lugar para que eu parasse de incomodar e enojar o passageiro a meu lado: viajava na primeira classe e havia várias poltronas livres. O avião balançava, e as turbulências não cessavam, mas eu não dava a mínima para isso, não tinha medo, como os demais passageiros. Ir estudar e viver na Inglaterra, deixar Juan por alguns anos, era a coisa mais decisiva que havia feito em minha vida, e, embora estivesse convicta, não conseguia deixar de repassar a despedida, que tinha sido longa e desesperada e raivosa. Juan fez tudo o que pôde para me deter. Jurou que iria se suicidar se eu o abandonasse. Que não invocaria mais no Cerimonial. Que não falaria mais comigo. Eu o ouvi todas as vezes com os braços cruzados na sala de estar do apartamento do meu tio, e todas as noites deixei que ele me beijasse encharcado de lágrimas, e repeti sempre o mesmo: precisava ficar longe dele, queria ser alguém sem ele. Havia pensado muito sobre isso. Ele tinha quem o acompanhasse no Cerimonial: Stephen, o filho mais velho de Florence. Meu papel no ritual poderia ser substituído por um tempo. Não queria me jogar em uma existência dedicada a Juan sem ter tido a possibilidade de conhecer como era possível viver sem aquele vínculo obsessivo e devocional. Estava exausta de todas as maneiras possíveis, e assustada, porque percebia que ele e eu iríamos ficar juntos, iríamos ser o casal, os herdeiros, e naquele momento eu queria fugir dessa certeza. Eu sentia que, se não aproveitasse o tempo, toda minha vida consistiria em acompanhá-lo. Isso o enfureceu: qual era o problema, ele precisava da minha companhia, ele tinha se revelado para mim porque eu deveria ser sua

companheira e estávamos apaixonados, algo que ele repetia sem saber, porque tinha só 15 anos e nunca tinha conhecido outra garota, nem sequer tinha gostado de outra, e eu não queria isso para ele nem para mim. Não sabia se minha partida seria a solução, mas minha presença certamente não ajudava. Você pode me visitar, disse, o que era uma crueldade porque não permitiam que ele viajasse de avião, pelo menos não naquela época: estava descompensado e, em breve, teria que ser operado novamente. Durante as discussões, ele também me culpou por sua recaída, e acho que estava certo. Entre os Cerimoniais, bastante frequentes, quatro por ano naquela época, e a angústia, os sintomas da sua insuficiência cardíaca tinham se acentuado. Apesar de sua deterioração e fraqueza, pensei que ele seria capaz de me bater em alguma discussão. Era tão alto e devastador em seu tamanho, e eu, tão pequena e desajeitada; ele me desejava com a raiva de um adolescente e a arrogância de um semideus. Apenas uma vez ele não quis se soltar do abraço depois dos beijos e tive que empurrá-lo bruscamente, tirá-lo de cima de mim e acusá-lo de macho violento e idiota. Você pode abusar do seu poder com todos os outros, gritei, mas comigo não. Passou a noite do outro lado da porta do meu quarto, pedindo perdão. É o que todos os homens violentos fazem, disse a ele, pedir perdão. Foi a única coisa, em toda a nossa horrível despedida, que serviu para algo.

Juan não foi o primeiro homem com quem fiz sexo. Quando ele soube disso, antes de eu ir embora, pegou uma das escopetas de meu avô e atirou nas taças de cristal e na louça francesa de Mercedes. A polícia apareceu porque os vizinhos denunciaram os tiros. Faltavam poucos dias para o Natal, e mentimos dizendo que os fogos de artifício guardados para os festejos tinham explodido com o calor. Eles acreditaram parcialmente. Meu primeiro amante foi um maratonista que conheci no clube Regatas. Me senti atraída por ele porque parecia entender meu sentimento de pressa, de falta de tempo. Ele tinha me

dito que, por ser atleta, sua noção de tempo era diferente. O maratonista não era muito atraente e nunca mais o vi, mas penso nele com frequência porque me falou da importância dos segundos, de que nada era mais complicado que lutar contra eles, dois ou três segundos faziam toda a diferença, e ao mesmo tempo era tão estúpido, tão fútil, brigar todos os dias contra milésimos, contra aquilo que os relógios mal registravam, contra algo que quase ninguém mais percebe.

Meu avô disse porra, o Juancito sabe atirar, por essa eu não esperava, e isso foi tudo. Já estava muito deprimido naquela época e se matou poucos anos depois. Sinto saudades do meu avô todos os dias, embora esse seja um destino previsível para os membros da Ordem e nos ensinam a aceitá-lo. A casa cheirou à pólvora durante semanas, e Juan as passou trancado. Eu disse a ele, quando saiu de seu quarto, que ele também podia procurar alguém, e ele gritou quem é que vai me querer. Ah, qualquer um vai querer você, pode escolher. Desdenhou das minhas palavras com um gesto de derrota. Nunca entendeu o desconcerto e a fascinação que provoca nos outros. Eu estava falando a verdade. Aos quinze, Juan não parecia um adolescente e, apesar de delicado e pálido, tinha toda a aparência de homem, os ombros largos, os braços com as veias salientes, uma expressão triste e arrogante no olhar.

Parti à noite e o deixei chorando: o motorista esperava por mim, as malas já estavam no carro. A viagem até Ezeiza foi longa mas hipnótica, e eu não me senti mal até pisar no avião. Não sabia o quanto sentiria a falta dele nem como sua ausência seria insuportável, mas me sentia livre e longe e sozinha. Era o que eu queria. Vomitar durante toda a viagem foi uma limpeza.

Stephen esperava por mim no aeroporto. O vento o despenteava, e sua mecha de cabelo branco cobria seus olhos. Os cabelos grisalhos tinham aparecido no dia seguinte a seu primeiro Cerimonial: Juan o marcou nas costas com as unhas douradas. Foi um momento inesquecível, porque Stephen era

muito jovem, era o filho de Florence e porque as feridas foram profundas e grandes, começavam abaixo da escápula e iam até a cintura. Todos os presentes gritaram: pensaram que o havia matado. A cura foi tão categórica, imediata e perfeita como quando cauterizou a mutilação da mão do meu tio. As duas linhas elegantes, Stephen, costumavam dizer agora, provavam que ele era um anjo caído e faziam muito sucesso com seus amantes. No entanto, quando ele as recebeu, o trauma o deixou mudo e com aqueles cabelos grisalhos repentinos. A marca também indicava que ele seria o companheiro do médium se quisesse. Nunca senti ciúmes: ao contrário, foi um alívio ter com quem dividir a tarefa.

Nós nos abraçamos feito namorados: ele me levantou e me girou entre os viajantes e turistas, os carregadores de malas, a voz que anunciava os próximos voos. Eu adorava Stephen, ele tinha toda a alegria e rebeldia que me faltavam, pelo menos naquela época. Carregou as malas até o carro que nos levaria à casa central da Ordem, a de sua mãe, em St. John's Wood. Embora a minha família tivesse casas em Londres e também pudessem alugar uma para mim, Florence preferiu que, a princípio, eu fosse sua hóspede. Quer entender por que estás abandonando Juan, Stephen me dissera. Mas eu não o estava abandonando. Era tão difícil de explicar? Fazia seis anos que minha vida era dedicada a ele. Queria sentir sua falta e voltar para ele com desejo verdadeiro. Queria que se transformasse em um homem. Eu compreendo perfeitamente, minha amiga. Tomara que Juan entenda também. Ele entenderá e, caso contrário, eu lhe explicarei aos pontapés. Eu ri e beijei Stephen na bochecha. Ele também estava apaixonado por Juan, mas nunca interferiu na nossa relação, e eu sempre quis tê-lo por perto, como o outro esposo, o pacificador.

A casa de St. John's Wood, que não podia ser vista da rua porque estava cercada por um muro de tijolos. Eu já a conhecia: visitara-a alguns anos antes, durante uma breve viagem. Tinha um jardim lindo mas triste, com uma fonte

de pedra, rosas vermelhas e amarelas, e caminhos de cascalho. O verde muito intenso da grama obrigava a fechar um pouco os olhos. A casa abrigava a biblioteca principal da Ordem. Um grupo de especialistas cuidava de mais de três mil livros; havia também dois ambientes dedicados a edições contemporâneas. E no lugar mais vigiado, o livro escrito com as palavras da Escuridão, o texto sagrado da Ordem, ao qual Juan tinha dado as melhores e mais extensas páginas. Essa contribuição crucial pesou para que fosse concedida a ele uma vida normal, com cerimoniais espaçados e um método completamente distinto ao de usá-lo até o esgotamento, como foi feito com todos os seus antecessores. Florence se orgulhava de ter tomado essa decisão, porque os resultados eram evidentes: nunca a Escuridão tinha dado tanta informação, embora às vezes errática e confusa. É nossa tarefa interpretá-la, dizia, devemos aprender a ter paciência.

Ela nos recebeu com um abraço: estava sozinha, exceto pelos empregados e por Eddie, seu filho mais novo, que vivia com ela porque não havia instituição que conseguisse contê-lo. A primeira coisa que fez foi me perguntar se queria tomar um banho antes de comer, porque devia estar exausta depois do voo noturno. Eu estava exausta e faminta: não sentia mais náuseas nem nojo. Subi com Florence até o quarto de hóspedes, e um dos empregados deixou minha mala sobre o móvel destinado à bagagem. O papel de parede era de rosas com espinhos, como as do jardim. Da janela via-se a rua úmida e as pessoas que andavam rápido, geladas no frio de fevereiro. A banheira, para minha surpresa, já estava cheia. Florence tinha esses cuidados que, em minha casa, minha mãe jamais tinha aprendido a organizar. Saí da água quando senti frio e coloquei um vestido preto simples, longo, solto e mocassins abotinados. A casa era bem aquecida e não havia necessidade de vestir casaco.

Tivemos um almoço um tanto desconfortável, nós três. Florence ouviu meus planos de estudar em Warburg e Cambridge; disse apenas que estava

tudo acertado, que poderia começar a fazer cursos em duas semanas e, quando fosse apropriado, começar o ciclo normal. Não falamos de Juan, mas sim de Eddie. Enquanto comíamos, ele estava preso a sua cama, porque tentava se morder e já tinha conseguido destruir os punhos com os dentes. Florence mantinha em segredo o que tinha feito ao filho mais novo, mas contava o relato básico porque, acreditava, a aparição de Juan tinha sido um *wake up call* para sua arrogância, uma maneira de indicar que nem ela nem ninguém podiam quebrar as decisões da Escuridão. Ao treinar o filho para ser médium, tinha destruído sua psique. Eddie estava louco e era perigoso, para ele e para os outros. Ela lamentava muito e era sincera em sua dor, porque amava Eddie desesperadamente.

Stephen não me deixou descansar depois de comer. Quando os pratos foram retirados e Florence pediu o chá, ele me disse vamos sair hoje mesmo, tens que conhecer a cidade, é maravilhosa. O resto do país não vale nada, mas Londres é o centro do mundo.

Florence não nos impediu. Ela não gostava da companhia dos jovens. Nós a fazíamos lembrar do que tinha perdido na adolescência, quando teve que assumir a Ordem. Para ela, nós não tínhamos responsabilidades. Na porta da casa, debaixo do guarda-chuva, Stephen me beijou e, com a ponta da língua, colocou um ácido no meu céu da boca. É só um quarto, me disse, vai que tens uma onda ruim, na primeira vez é melhor voar baixo. E subimos em seu Lotus Elan verde-musgo, que podia ser usado como conversível, apesar de que, dizia ele, nesta maldita ilha só se pode usar sem a capota três dias por ano. Estava exagerando, claro, mas não muito.

* * *

Antes de Florence, o chefe da Ordem era Charles Mathers, o avô que Stephen nunca conheceu. Charles estava decidido a encontrar um médium para sua geração, como seu irmão mais velho, George, fizera com Olanna. Mas não conseguia, apesar de sua busca frenética. Ele expandiu a Ordem pelo mundo inteiro com a promessa que a Escuridão tinha dado: que os membros teriam a possibilidade de perpetuar a consciência neste plano, ou seja, uma forma de imortalidade na Terra. Encontrou, de fato, muitos médiuns, em vários lugares do mundo, mas não conseguiu manter nenhum deles com vida por muito tempo nem conseguiu avanços significativos. Está tudo no livro. Uma jovem que morreu durante o Cerimonial. Um adolescente que se suicidou depois de apenas um mês como médium da Ordem. Um homem jovem, nos Estados Unidos, que tentou enforcar vários Iniciados antes de morrer de derrame cerebral. Charles entendeu como era difícil manter com vida e lucidez aquelas crianças tenebrosas, mas não sabia como evitar. Florence foi a primeira a entender isso.

A notícia sobre Encarnación, a adolescente encontrada em Figueras, na Catalunha, chegou depois dos bombardeios do inverno de 1939. Charles não teve medo de viajar para um país em guerra nem de entrar em uma região tão conflituosa naquele momento. Entrou pela França. Viu a menina ainda traumatizada, louca de luto e horror: tinha perdido toda sua família no ataque franquista. Levou a menina para a França com a ajuda dos Margarall, uma família aristocrática que fazia parte da Ordem; a cidade escolhida foi Perpignan.

A menina foi estuprada várias vezes, e eu digo estupro, apesar de a Ordem chamar de magia sexual. O Cerimonial não exige nenhum tipo de magia sexual, e Charles sabia disso. Deixou-se levar pela ambição, cedeu à perversão de integrantes da Ordem que disputavam o poder e caiu na voragem demente da guerra. Depois de meses aprisionada, Encarnación saiu por uma das janelas

do térreo e voltou para a casa, onde quase todos estavam dormindo, com uma escopeta roubada de um sítio próximo. Matou todos. Charles estava com seus filhos, os irmãos de Florence — ela, por orientação do pai, tinha ficado em Londres, o que salvou sua vida —; estavam presentes os Margarall; estavam as famílias mais importantes da Ordem, ao menos as que tinham ousado atravessar a Europa. Além de matar todos os homens da Ordem, ela também destruiu seus genitais com uma faca. Encarnación tinha 14 anos e estava grávida. Stephen me mostrou uma foto sua: era uma menina magra, com uma faixa para que o cabelo escuro não caísse no rosto. Stephen diz que é preciso cortar o ciclo, parar a roda. E insiste que cada médium corresponde a seu tempo. Um camponês na revolução industrial, uma mulher negra nas colônias britânicas antes da descolonização, uma adolescente pobre na guerra cuja carnificina passa despercebida na carnificina geral. Nós somos isso, diz ele, e é possível que a Escuridão se alimente dessa dor e dessa exploração. Não quero que seja assim, disse a ele uma vez, e me respondeu que teria uma chance de tentar mudar se quisesse liderar. Mas eu sei que ele não acredita que isso seja possível.

Depois de matar e mutilar todos, Encarnación se jogou da janela do andar mais alto da casa. Morreu na hora.

O pai de Stephen, Pedro Margarall, encontrou o corpo. Ele tinha saído da casa por uma bobagem: fazia frio, não havia álcool para acender o fogo nem lâmpadas, porque queimavam com frequência, e precisavam de velas por conta das quedas de eletricidade, algumas relacionadas à fonte de energia que falhava graças à guerra, outras às forças liberadas pelo Cerimonial. Encontrou a médium morta sobre o cascalho, os cães enlouquecidos e a Ordem assassinada. Pedro Margarall tinha 20 anos, era estudante de filosofia e religião, e filho de um marquês: não sabia resolver absolutamente nada. Portanto fez as malas, tirou algumas fotos para que acreditassem nele e cruzou a fronteira antes que o

levassem preso. Chegou a Londres com as anotações dos escribas, porque era um Iniciado dedicado mesmo antes do desastre. Florence e sua mãe pediram que ficasse com elas.

Pedro e Florence reconstruíram a Ordem durante e depois da guerra. Ela convocou uma reunião à qual compareceram menos de dez Iniciados e anunciou que era a nova líder. Muitos a desprezaram, mas outros se deram conta de sua valentia. Era preciso expurgar, disse a eles, meu pai não estava obedecendo à Escuridão, mas sim à sua ambição, e nos arrastou a perversões desnecessárias. Florence fez tudo, a ajuda de Pedro foi consistente, mas mínima. Até se encarregou pessoalmente dos negócios na Inglaterra, na Argentina, na África do Sul e na Austrália. Stephen diz que seu pai, que é um sujeito totalmente diferente de Florence, *un scholar*, uma pessoa suave, delicada, se apaixonou pela determinação de Florence. E ela o escolheu não apenas porque era a única testemunha do massacre, mas porque ele era, e ainda é, a pessoa mais bem formada intelectualmente da Ordem. Pedro Margarall está vivo: deveria chamá-lo como corresponde, Marquês de Margarall. Está recluso em sua casa de Cadaqués. Recebe apenas Stephen e Florence. Cometeu um erro com Eddie e não consegue se perdoar. Aquela determinação, que o encantou, acabou destruindo-o.

* * *

Meu ano zero, 1967. Os bengalis que vendiam estolas com signos mágicos nas ruas, músicos de rua vestidos com fantasias elizabetanas, braceletes plásticos da Biba, os sáris indianos que nunca ficavam bem em mim e eu acabava enviando por correio para Tali, que estava namorando Juan e eu não me importava, me dava um pouco de ciúme mas eu entendia: ele e eu precisávamos de uma vida separados para voltarmos a nos encontrar. As boutiques de Walton Street, as

botas até as coxas com minissaias, que eu tinha dificuldade de usar porque é preciso ter pernas muito finas para que fiquem bem. Em Carnaby Street, uma estilista me explicou qual era a melhor opção para meu corpo e meu estilo: saias longas ou calças boca de sino com saltos altos, boás, argolas de bronze, os cabelos armados com laquê, se não fosse possível mantê-los lisos por conta da umidade. Comprei de uma garota argolas em formato de pentagrama, bem grandes, pretas. Eu tinha aprendido a traçar com perfeição os selos da chave de Salomão. Comecei a fazê-los quando era muito nova, mas em Londres a Ordem me aperfeiçoou. Não usava os materiais tradicionais: fazia-os com giz. Às vezes com sangue. O tempo parecia infinito. Com meu Mustang, ia a Cambridge, assistia às aulas, conseguia conciliá-las com as de Warburg, e sobravam horas para a magia e as roupas e os passeios. O tempo, de repente, tinha espichado. Sabia que seria assim: era em busca disso que eu partira. A massa do Alvaro's quando tínhamos muita fome. Baghdad House, o restaurante onde as pessoas fumavam haxixe abertamente e ouviam música *maqam*. Acompanhar Stephen até a King's Road, onde ficava seu alfaiate favorito. O clube Seven and a Half onde vi Jimi Hendrix, um sótão enfumaçado e tão opressivo que o ácido fechou minha garganta e me fez chorar. Os shows incríveis no Marquee. Planejávamos nossas viagens de ácido para destinos previsíveis: o Cavalo Branco de Berkshire, que observávamos de longe por horas, sua figura estilizada de giz, de um minimalismo incrível; os círculos de pedra neolítica de Avebury; Glastonbury e Stonehenge, onde sempre encontrávamos hippies e viajantes e centenas de neopagãos e místicos que povoavam o país: uma vez topamos com uma cerimônia "druídica" e Laura, minha colega, que estava numa trip e bêbada, riu tanto que fomos expulsos. *You don't know anything*, ela gritava para eles, *if only*, e Stephen tapava sua boca porque, se Florence soubesse que andávamos por aí insinuando nosso segredo, o castigo poderia ser grave. Eu gostava de ir a Stonehenge: muitos

músicos visitavam o círculo, e não havia nada que eu gostasse mais do que a música. Alguns levavam violões e era lindo cantar com eles envolta por um casaco de couro afegão, fumando haxixe. Quase sempre incluíamos nos passeios a casa de Edward James em West Sussex, a mansão dos surrealistas com seu bosque e sua tapada de caça. Anos depois, Tali me perguntava sempre como fazíamos para dirigir drogados. Como eu fazia para estudar naquelas condições. A verdade é que é possível funcionar sob os efeitos das drogas muito mais do que se imagina e, além disso, eu era tão jovem que podia me arrastar de ácido o dia inteiro e no seguinte assistir a várias aulas e estudar as horas que precisasse. Nós tínhamos uma resistência invejável.

Quando digo nós, estou me referindo a Stephen e a nossos amigos, a maioria filhos de membros da Ordem: Sandy, que estudava história do Oriente Médio em Cambridge; Tara, o amante mais estável de Stephen, herdeiro de uma companhia naval; Robert, que nos levava aos melhores shows da cidade e participava da organização de alguns festivais livres; Lucie, que queria ser fotógrafa, mas trabalhava como modelo e morria de inveja de Penelope Tree. Mas, principalmente, quando digo nós me refiro ao trio que eu formava com Stephen e Laura. Não era um requisito, mas a Ordem nos encorajava a viver sob a premissa do andrógino mágico, ou seja, podíamos escolher amantes do mesmo sexo para os rituais e para a vida, para que aquela energia nos abraçasse e nos fosse útil nos trabalhos dos mistérios. Stephen tinha 19 anos; eu, 18; Laura, 22. Éramos jovens e ousados: nunca hesitamos em aceitar a sugestão porque, além do mais, quase todas as pessoas da nossa idade e do nosso círculo social viviam assim. O ácido é uma droga muito sexual e, sob seus efeitos, a ideia de que os sexos se relacionem exclusivamente com seus opostos se torna absurda.

O mundo se parece com a Ordem, dizia Stephen, e, obviamente, não estava se referindo ao mundo em sua totalidade, mas sim ao nosso, o da juventude

boêmia e herdeira, libertina e poderosa, que tinha inventado a cena de Londres nos anos sessenta. Posições políticas radicais, hedonismo, promiscuidade sexual, roupas estranhas, garotos com dinheiro demais: isso era *parecido* à Ordem. Mas o espírito da época, o cânone hippie, isso sim era idêntico. Nunca foi tão fácil se camuflar, dizia Florence, e por isso, em parte, permitia que os Iniciados jovens participassem do ambientalismo esotérico. Nas festas falava-se da polícia do pensamento, de William Blake e Hölderlin, liam-se Castañeda e Blavatsky, olhavam-se quadros de Escher para estimular as viagens, discutia-se sobre óvnis e fadas no campo. Era comum fumar haxixe e, enquanto o cachimbo circulava, folhear *Le mystère des cathédrales* ou discutir se o melhor Tarô era o de Crowley ou o de Waite (ou, como Laura e eu insistíamos, o de Frieda Harris ou o de Pamela Colman). Consultava-se o I Ching; usava-se o tabuleiro de ouija; ia-se a Primrose Hill, onde nascem as linhas Ley, o mapa do território mágico das ilhas com seus megálitos isolados; procurava-se ver o sol espiritual que Blake tinha avistado. Uma manhã, Sandy acreditou ver uma luz negra, os corvos do deus Bran, em Tower Hill. Ficamos alertas, mas nada aconteceu. Tara, com sua enorme fortuna, trazia objetos para nós, tapetes e roupas do Marrocos, seu lugar favorito no mundo, que não consegui conhecer.

Nosso epicentro era a casa de Stephen em Cheyne Walk, perto do rio, em Chelsea. Stephen a escolheu porque tinha uma escada projetada nos anos trinta por Sir Edwin Lutyens, com um corrimão de ferro maravilhoso e, embaixo, porque fazia uma curva de serpente, uma pequena mesa sobre mosaicos de estilo art déco levemente arcano. Fui morar com ele dois meses depois de chegar a Londres. Ficava longe de St. John's Wood e de Florence, mas isso me ajudava a conhecer um pouco a cidade. Minha cama estava sempre coberta por livros e discos, como as camas de todos que eu conhecia: era o lugar de reunião, algo normal entre quem passava do Mandrax para o haxixe, toda aquela languidez e lentidão em que vivíamos. Às vezes não entendíamos o que

Robert dizia, e ele precisava escrever as datas e os horários dos shows porque sua língua travava. Incenso, *tiger balm* e sono.

Laura era a única que não levava essa vida. Ela se deitava a meu lado, fumava cigarro e tirava as calças que usava, retas e masculinas; eu admirava suas pernas finas e firmes, e ela me perguntava sobre Juan. Nunca tinha assistido a um Cerimonial, por isso não o conhecia. Laura era a filha adotiva de Anne Clarke, a tia de Florence. Não tinha o olho esquerdo e se vestia de tal maneira que era impossível adivinhar o formato de seu corpo: suas roupas não eram apenas de homem, eram também muitos números maior. Usava os cabelos longos, no entanto, sempre oleosos, e bebia de um jeito atroz, tanto que costumava se perder e Stephen precisava sair para procurá-la pela cidade. Ele a encontrava dormindo em parques e cemitérios, seus lugares favoritos, porque Laura era, de todos nós, quem melhor estudara a comunicação com os mortos ou, como eram chamados na Ordem, os desencarnados. Suas mãos costumavam ter cheiro de terra e às vezes de sangue; se não tomasse banho, poderiam cheirar à decomposição. Eu me encarregava de limpá-la, às vezes: esfregava sua pele com uma esponja e percorria as cicatrizes que ela mesma fazia quando ficava bêbada demais. Líamos *A deusa branca* em voz alta até a água esfriar e depois, quando nos secávamos, fazíamos cosquinhas uma na outra e ela mordida minha bunda. Ela ainda tinha a pálpebra do olho, mas se recusava a usar uma prótese de vidro: preferia um tapa-olho de couro. Eu a achava linda. Nós nos conhecemos num ritual na casa de Florence e sua ferocidade me impressionou: a forma como ela usou uma faca para fazer um corte no próprio braço, a maneira como fez a mulher que chiava se calar quando teve que cortá-la também, seu jeito de pronunciar as palavras, com autoridade e sem hesitação, a maneira como ela me estimulou até que a energia sexual se transformou em algo palpável em meu círculo de giz, a forma como ela se dirigiu à entidade invocada, com uma familiaridade surpreendente. Laura

era infalível e se fazia respeitar: não comparecia a todos os rituais nem aceitava trabalhos menores. Costumávamos percorrer Highgate e nos acariciávamos sobre os túmulos. Confessei a ela que George Mathers tinha sido meu primeiro amor; ela lamentou que a Ordem não tivesse recuperado seu corpo, que estava enterrado na Nigéria.

Na cama de Cheyne Walk, Laura queria saber sobre Juan. Você sabe o que ele pensa sobre o que a Escuridão dita?, disse a ela uma vez. Juan acreditava que o ditado era apenas sugestão dos escribas. Ou que, em todo caso, o que a Escuridão dizia não podia ser interpretado neste plano. Laura rolava na cama e, de sua camisa branca desabotoada, despontava um peito tatuado; ela mesma se tatuava quando conseguia ou pedia a uma amiga sua que mal conheci, uma criadora de raposas que lia vísceras como sistema de adivinhação e me odiava porque queria ser a única amante de Laura.

He's right, ela me disse, e a fumaça de seu cigarro ganhou o cheiro do perigo, porque o que estávamos dizendo era como abalar as estruturas da Ordem: questionar o Livro. Ela seguiu com seu falatório alcoólico e eu coloquei um disco para que não nos ouvissem no lado de fora. O Livro contém fragmentos que não valem nada, disse. Existem passagens, teoricamente ditadas pela Escuridão, que são idênticas a fragmentos de grimórios que estão na biblioteca da Ordem. Ou até reproduzem de maneira mais ou menos fiel textos mais modernos, de ocultistas deste século. Há fragmentos da *Clavicula Salomonis*! “Ars Paulina” está inteira. É tosco. E por acaso a Florence não sabe disso?, eu perguntei. Ela repetiu: Florence é uma das escribas, pelo menos quando ela quer. É uma grande mulher, mas não é a primeira vez que se engana e, se reconhecer uma fraude, terá também que reconhecer que o método ditado pela Escuridão para preservar a consciência pode ser falso. E isso ela não pode admitir, porque perderia seu poder.

Quando Laura me dizia isso, eu ficava angustiada. Minha garganta fechava, o peito doía. Tudo mentira. A possibilidade de viver para sempre, ou ao menos uma vida muito longa, uma mentira. Ela me beijava na boca e, enquanto batia seus dentes contra os meus, dizia *I can be wrong, baby*. Um culto que não oferece benefícios para sempre, ou ao menos durante um tempo extraordinariamente longo, não edifica uma fé. E crença não se discute. Florence acreditava. Precisava acreditar, não apenas por seu próprio poder, mas porque tinha destruído seu filho no processo. Hermes é o deus da escrita, mas também é o deus das falsificações, pensei, e não disse isso a Laura: preferi desembaraçar seus cabelos, que estavam prestes a virar os rastas que os antilhanos de Brixton usavam.

Do lado de fora do quarto, de meus livros, discos e minha companheira, o apartamento de Stephen era magnífico. Tara andava pelado entre as roupas, os jornais e revistas, as almofadas, os tapetes. Vivíamos no chão, até para comer; Sandy pintava os lábios de branco porque queria ficar parecida com a Juliette Greco e ouvia *chansons* enquanto lia Camus. Lucie tirava fotos nossas sem avisar. Cheyne Walk era uma mistura estranha de veludos, William Morris e certa extravagância vitoriana com suas pinturas obscenas, que Stephen colecionava, junto à decoração hippie clássica de pashminas sobre as lâmpadas para suavizar a luz, pandeiros marroquinos, máscaras africanas, fotos de Rimbaud e livros de arquitetura. Stephen costumava dizer que o *tailoring* da época era o mais requintado desde a Restauração, e eu tinha que dar razão a ele, especialmente quando David nos visitava, um músico amigo de Lucie, que eu achava extraordinário, com seus longos cabelos loiros e camisas femininas, desenhadas por Michael Fish. Era como uma boneca de dentes estranhos, tão atraente que sentia um pouco de medo do sexo com ele, não queria me apaixonar por aquele garoto. Uma vez escrevi o nome dele em suas costas, com cinzas, em cima da coluna vertebral; David tinha algo de réptil, até em sua

boca de dentes ingleses, que desgraça nacional. Naquela ocasião ele começou a falar do espelho, de seu medo de espelhos. Conteí a ele o relato de Borges sobre a guerra do espelho, como um dia o azougue se rebelaria e deixaria de nos refletir, desobedeceria e pararia de replicar nossos movimentos enquanto nós olharíamos, espantados e mortos de medo. E como a primeira coisa que apareceria, no fundo do espelho, seria uma cor desconhecida; então, o rumor das armas e a conquista. David se sentou em frente ao espelho e procurou a cor, e acho que a encontrou: estava cheio de ácido, como sempre e como todos. Teve medo. Conhecer, ousar, desejar e calar, disse, para acalmá-lo. E ele se acalmou, dormiu em uma das mantas douradas de Tara, a manta destinada a Juan. Estamos armando sua corte, dizia Stephen, a corte do deus dourado. Quando ele vier a Londres, pensava, vou envolvê-lo com essa manta que cheira a pêssegos. Sentia muito a falta dele e nunca dizia. Secretamente o chamava de minha Perséfone, como tirar você do inferno, não consigo, sou uma das donas do inferno, mas ele tem rincões, e podemos reinar neles, reinar e não obedecer. O vovô lia Milton para nós no jardim das orquídeas, mas Juan gostava mais de Blake, quando chegar a Londres o levarei para ver os Blakes da Tate Britain e todas as casas dos poetas de que ele gosta.

Nessa época, na primavera de 1967, enquanto acompanhávamos pelos jornais e pela televisão o julgamento de Mick Jagger, Keith Richards e seus amigos, que tinham sido pegos com drogas em uma casa de campo de Sussex, voltei a falar por telefone com Juan. E começamos a nos comunicar todos os dias. A qualquer hora. Ele estava, geralmente, no apartamento da Libertador; quando ia a Reyes, me avisava. Às vezes, apesar do barulho na linha, eu percebia que ele estava agitado, e toda vez que falava com ele imaginava cabos debaixo d'água, tocando o fundo do oceano, mordidos por peixes cegos de dentes enormes. Jorge tinha dito a ele que sua cirurgia seria feita em Londres. Sentia medo de morrer. Tali o ajudava com seus terrores noturnos, mas

ninguém o ajudava como eu. Estava desolado porque Florence tinha dito que, quando morriam, os médiuns eram requisitados pela Escuridão, que passavam a eternidade lá, como no mito cristão. Uma noite chorou até adormecer e não desligou até o amanhecer, ou alguém desligou para ele, provavelmente meu tio. Ele não conversava sobre essas coisas com Tali, o que me deixava vagamente orgulhosa.

Eles são uns merdas, falei para Stephen. Por que o assustam assim, falando de uma eternidade com os deuses. Porque vão fazer de tudo para que ele não os abandone, respondeu Stephen. Um professor de Warburg tinha me explicado que a alquimia nunca foi uma técnica para multiplicar a riqueza. Era e é um exercício místico. A busca por ouro é a tentativa de encontrar a substância da imortalidade. Juan estava abrindo o caminho rumo a essa substância. Nunca o deixariam em paz, nunca diriam já chega, seu corpo não aguenta mais.

* * *

Ainda sonho com o papel de parede do meu quarto se transformando em aranhas e bailarinas; ainda lembro como minha mão era envolvida por um arco-íris se a estendesse na direção do sol. Lembro também dos rituais onde dançávamos até nossos corpos se decomporem em partículas de luz e de como Laura abria a barriga de uma lebre em meu círculo de giz na casa de Florence. Por telefone, Juan misturava Tali com meu avô, a quem às vezes era preciso buscar na floresta, onde se escondia nu e bêbado, aterrorizado. Na floresta, debaixo de uma árvore, finalmente atirou em si mesmo. Eu ainda estava em Londres e não fui a seu funeral. Uma noite ele me falou de portas que conseguia abrir e de casas que, por fora, tinham uma aparência, mas, por dentro, eram completamente diferentes. O que você está fazendo, sussurrei. Nada, ele respondeu, simplesmente aconteceu. Passei pela porta de uma casa

que me pareceu estranha e, quando a abri, encontrei algo que absolutamente não era uma casa. Não diga isso a ninguém e não entre, adverti-o. Falei com Laura sobre essas portas: eu pensava em liminares, ela sugeriu que não mencionássemos mais as portas por telefone, para que ninguém escutasse, pois era quase certeza que faziam isso. Se um novo caminho fosse aberto, teria que proteger Juan. Era uma manhã horrível em Londres, o céu parecia de açúcar molhado e as pessoas, em geral acostumadas, corriam pelas ruas debaixo de guarda-chuvas, tentando evitar a chuva gelada. É preciso protegê-lo, Laura me disse. Tenho um mau pressentimento, disse ela, e eu nunca erro.

Costumávamos ir a uma boate no Soho chamada Colmena. Ficava ao lado de um edifício em ruínas que não tinha sido reconstruído desde a Blitz. Era um lugar para homossexuais, para queers, que foi fechado no início de 1969. David tocou uma vez lá, e muitos de nossos amigos músicos também. Para entrar era preciso bater em uma pequena porta marcada de verde em uma rua curta, e alguém do outro lado do olho mágico perguntava se éramos membros, embora não houvesse associação, a Colmena não era a White's, tratava-se de um método para evitar a polícia. O espelho sujo na parede, os boás de penas, os tacos baratos, os homens altíssimos em plataformas e a melhor música da cidade. Durante um tempo joguei Tarô em uma mesinha perto do bar. Uma noite, eu estava bêbada, um garoto de olhos azuis pediu que eu tirasse as cartas. Era tão magro que parecia tuberculoso, e tão bonito que parecia uma garota da Carnaby Street. De fato, demorei a definir se era homem ou mulher. Sem conseguir me conter, descrevi para ele a teoria do andrógino mágico: *solve et coagula* e por que Baphomet tem torso de homem e seios de mulher. Expliquei sobre o número 11, o da magia homoerótica, que representa o falo duplo. Ensinei a ele que todos os instrumentos mágicos devem ser duplos, duas espadas, duas varinhas, dois cálices, dois pentagramas, e por que os ocultistas deviam ser todos homossexuais. Ele riu. Não se interessava pelo que eu dizia.

Ele me ouvia como se ouvisse uma louca. O garoto falava *polari* com uma facilidade espantosa, e eu disse a Stephen que por favor saísse com ele, que por favor me deixasse vê-los juntos, mas Stephen gostava dos homens masculinos e tive que me conformar em observá-lo até que foi embora. Pare de recrutar, me disse Stephen, mal-humorado.

Na Colmena, Stephen fazia piadas pesadas, grosseiras, e conhecia meio mundo, porque tinha dormido com metade da clientela e ido ao colégio com a outra. Uma vez fui de mãos dadas com Laura até o banheiro e acabamos gritando, eu agarrada à pia, ela de joelhos, fizemos tanto escândalo que umas *queens* que estavam se drogando num canto aplaudiram e pediram bis. Costumávamos perder Stephen e Tara, que iam ao Regent's com seus amantes ocasionais ou voltavam com eles para Cheyne Walk. Mas Laura e eu caminhávamos até o amanhecer, fazíamos caminhos diferentes. Chegávamos à igreja de Hawksmoor, em Spitafields, o local dos crimes do Estripador. Quando conheceu Juan, Laura passou horas explicando a ele as igrejas de Hawksmoor: ele tirou fotos para seu irmão Luis e as enviou com uma longa carta. Laura elaborava cartografias alternativas. Linhas em mapas que são um texto subterrâneo capaz de adivinhação e profecia. Era preciso percorrer esses caminhos alternativos sem pensar, traçar selos a pé, e finalmente se revelariam. Como na alquimia, eu disse a ela: parecem passeios, mas são um processo. O sentido é o tempo destinado a esse processo, não o resultado: a disciplina da repetição. *Enlightened boredom.* *at's it*, ela me respondeu. Uma noite contei a ela como Mercedes me obrigava a alimentar as crianças que ela prendia em jaulas, como Juan tinha aliviado a tarefa para mim, como Mercedes me batia todos os dias para que eu soubesse que eu tinha encontrado Juan, mas que a chefe era ela; como Juan me deixava dormir a seu lado depois das surras e prometia que iria matar minha mãe, mas não tinha feito isso: para me defender, no entanto, disse a Mercedes que, se encostasse novamente em mim,

ele injetaria em si mesmo uma dose excessiva de sua medicação. Morrer é muito fácil para mim, gritou para ela, e você vai perder tudo. Mercedes nunca mais me bateu.

Ele é fiel, ela disse. Eu o amo muito, respondi, e sinto sua falta. Sentamos na grama e ouvi os esquilos correndo pelos troncos. Laura me passou uma garrafa de vinho que tinha comprado na Colmena. Quem arrancou o seu olho?, perguntei-lhe ao pé do ouvido. Gostava do cheiro de oleosidade de seu cabelo, e também da cor, que brilhava quando estava muito sujo. A sua mãe, ela disse. Fez isso na casa de Florence. Fizeram isso sem anestesia, mas não desmaiei de dor. *You're strong*, eu disse. *No, I was just surprised*.

Algum dia iremos eliminá-la, garanti. Se não for Juan, será algum outro.

Juan chegou a Londres no inverno de 1969. Depois do Cerimonial daquele ano, sua saúde se deteriorou. A cirurgia, que, de toda maneira, estava programada — a da infância tinha sido paliativa ou, em todo caso, tinha se tornado obsoleta com o crescimento —, foi marcada para o mês de julho no National Heart Hospital, onde meu tio tinha estudado e de onde recebia convites para dar aulas que ele raramente aceitava, porque para ele era insuportável ficar longe de Juan. Obviamente não iria operá-lo, porque a Escuridão tinha levado seus dedos, embora fosse até mais lendário depois da mutilação ou graças a ela, atribuída publicamente a um acidente de caça. Seria uma cirurgia longa e arriscada.

Foi difícil manter a calma quando os portões de desembarque foram abertos. Vi Juan exaurido, fraco, não levava nem uma bolsa e precisava se apoiar em Graciela Biedma, a médica que o acompanharia a partir de então. Meu tio já estava em Londres, preparando a equipe de cirurgiões. Os Oxford marrons, a camisa branca e os cabelos loiros quase até os ombros; já tinha chegado a dois metros de altura e não era nada desajeitado como outros grandalhões, era elegante e lento, *regal*, diriam os ingleses, tinha algo de gato

imenso. Ele se soltou da médica para me abraçar: com uma mão conseguia segurar meu rosto inteiro, os dedos entrelaçados aos cabelos, a palma sobre a bochecha, o pulso no queixo. Tinha perdido todos os vestígios da adolescência, era só pômulos agressivos, o queixo dividido que parecia machucado, os olhos escurecidos. Nem mesmo o sorriso de reconhecimento era o mesmo: Juan costumava sorrir com alguma timidez e agora tinha um gesto seco, enviesado, só reconhecível como alegre ou aliviado por mim, porque eu o conhecia muito bem. Afundei a cabeça em seu peito, cheirei sua camisa suada, não sei se estava com febre, suponho que sim, e senti como ele respirava com dificuldade, o coração batendo rápido e irregular, sempre o mesmo, tantas noites dormindo a seu lado, junto àquele corpo. Ele se inclinou para me beijar e eu envolvi seu pescoço com os braços e recebi seu hálito pesado pelas horas de confinamento e o desgosto de voar, os lábios suaves e a agressividade da barba que já crescia como a de um homem. Estava prestes a completar 18 anos: parecia ter, pelo menos, 25. Acaricieei sua testa com os polegares para que parasse de franzir o cenho: estava com dor de cabeça. Ele passou a mão pelas minhas costas por debaixo da camisa; fechei os olhos, a mão de Juan em minhas costas me lembrou uma garra; me obriguei a separar o abraço porque caso contrário alguém mais teria feito isso por nós, provavelmente meu tio ou Florence, que esperavam ansiosos.

Fomos para a casa de St. John's Wood de carro. Juan esperaria lá para ser operado, e lá ele se recuperaria até receber alta. Os médicos o atenderam no quarto, e eu esperei do lado de fora. Meu tio saiu contrariado, esfregando as mãos.

— O cirurgião que vai operá-lo está resfriado, e teremos que adiar até que ele se recupere. É uma péssima notícia.

— Quanto tempo?

— Não sei. Esta semana Juan precisa ir ao instituto todas as manhãs para exames. Não vou interná-lo, não quero que se estresse. Teve um voo complicado e precisa dormir, mas quer te ver. Entre antes que o calmante faça efeito. Depois temos que conversar sobre o seu comportamento no aeroporto. Você foi marcar seu território, como uma gata. Como uma puta.

Senti os meus olhos se encherem de lágrimas diante do insulto e do desprezo, mas não disse nada. Entre nós havia uma guerra surda. Lá fora tinha começado a chover intensamente, tanto que não parecia ser pouco mais do que meio-dia, o céu cinza-escuro, uma árvore batendo na janela. Juan estava com as pernas cobertas por uma manta verde. O quarto tinha calefação; ele agora vestia apenas uma camiseta branca de algodão. Apesar da palidez e das pálpebras pesadas, parecia poderoso sobre os travesseiros. Ele era frágil apenas porque estava doente. Frágil como as relíquias, as ruínas antigas, os ossos sagrados que precisavam ser cuidados e protegidos porque eram incalculavelmente valiosos, porque sua destruição era irreparável.

A recuperação foi muito lenta. Permitiam que eu o visitasse no hospital, mas minha presença não adiantava para ele. Estava inconsciente, respirando com a ajuda de aparelhos, irreconhecível. Estava perdendo peso, e não havia lugar nos braços para mais tubos. Quando pudesse deixar o hospital, terminaria de se recuperar na casa de Florence, comigo. Stephen tinha brigado com a mãe por achar errado que Juan tivesse que passar a convalescência sob o mesmo teto que seu irmão Eddie. Ele o odeia, acha que usurpou seu lugar, disse Stephen a ela, e é capaz de qualquer coisa. E ele tem o dom de fugir. Esqueceste que, ainda criança, ele conseguia entrar em qualquer casa e, à noite, mudava os objetos de lugar, sujava as camas, despertava os que dormiam mordendo suas pernas? Anne o encontrou arrastando-se como uma enguia há pouco. Pode entrar no quarto de Juan se quiser.

Ela discordava. Não o conhece, não sabe de sua existência, dizia ela. Eddie não fala, mãe, mas não é idiota: ouve, entende e percebe muito mais que qualquer um de nós. E sabes muito bem o que ele quer: morrer e matar quem usurpou seu lugar. Florence negava com a cabeça e insistia que Juan estaria em perfeita segurança: Eddie vivia na ala oeste da casa, vigiado por um pequeno exército. Stephen abandonou a discussão e veio até mim. Está cega, explicou. Sabes como meu irmão fugiu da clínica psiquiátrica? Conversou com os enfermeiros e os convenceu a injetar em si mesmos uma dose excessiva de tranquilizantes. Ela o treinou e sabe do que é capaz, é ridículo que ela pense ter o controle. É dona de dezenas de casas em Londres, e Juan pode ir a qualquer uma delas. Porra, quanta onipotência. Quer ter os dois na mesma casa sabe-se lá por quê.

Eu não via Eddie há meses. Da última vez percebi que lhe faltava um dedo, o mindinho. Ele mesmo o havia arrancado, com os dentes. Eddie se mutilava progressivamente. A dor o aliviava, segundo Stephen. Era ruivo, como sua mãe, e tinha os olhos muito claros, de um cinza transparente: era daltônico. Às vezes, quando andava pelo jardim, ele me via pela janela e acenava, sorrindo. Seus dentes me assustavam. Tinham sido afiados e eram pontiagudos e amarelados.

* * *

Sempre precisei estar bem-vestida para ter conversas sérias. Com a roupa adequada, toda minha insegurança desaparece. Chamei Sandy e Lucie para fazer compras. Juan ia receber alta em questão de dias, a não ser que houvesse alguma complicação. Eu estava com dor nas costas por dormir em uma cama de hospital a seu lado. Ele já conseguia andar sozinho; suas pernas não tremiam e não sentia dor; lidar com a dor tinha sido o mais difícil porque ele só tolerava

os analgésicos leves. Além do mais, me faria bem sair do hospital, estava há dias entre aquelas paredes esverdeadas, ouvindo gemidos e prantos.

Sandy estava louca, há anos, pelas calças de chiffon de Ossie Clark, mas esse nunca foi meu estilo, por isso deixei que ela experimentasse a roupa e esperei. Tudo ficava bem nela. Eu precisava ser mais cautelosa. Era louca pelos tecidos de Ken Scott, um estilista italiano que eu conhecera em uma viagem fugaz a Roma com Stephen: Lucie tirou fotos minhas com um vestido estampado feito por ele, com caras de corujas, tão psicodélico que costumavam me pedir para vesti-lo e dançar quando tomavam um ácido forte. Tinha visto um vestido maravilhoso perto da nossa casa, nas Fulham Road Clothes Shops; preto, longo e amplo, de seda e lã, com um decote em V do qual pendiam fios com contas vermelhas, amarelas e verdes. Tinha algo de túnica, algo de cerimônia, algo africano. Com umas botas altas da Biba, verdes, de camurça, ficaria perfeito. Não precisava de mais nada. Ir à Biba, em Kensington, sempre me dava uma alegria eufórica: era uma loja escura, com uma iluminação tênue e dourada, e tinha espelhos e penas de pavão em todos os cantos. Suas modelos davam voltas pelos salões: a própria Biba dizia que elas tinham ficado desnutridas no pós-guerra e por isso agora eram belas e magras. Eu tinha sido criada como uma milionária da América do Sul, pura proteína e laticínios, e não parecia com aqueles garotos que perambulavam pela loja e às vezes conversavam com os atores e as celebridades. A fofoca, naqueles dias, era que Anita Pallenberg, a mulher de Keith Richards — agora: antes tinha sido namorada de Brian Jones; era tão bonita que dava desgosto vê-la —, tinha uma Mão da Glória. Não sei o que entendiam as garotas que fofocavam sobre isso: sabiam apenas que tinha algo a ver com magia negra. Eu morria de vontade de ter uma e havia pedido a Laura várias vezes; a Ordem guardava as suas na biblioteca, perto da estatueta do deus africano de George Mathers. Usavam-nas com frequência, embora fossem relíquias preciosas: a mão esquerda de um enforcado, cortada do

cadáver quando ainda estava pendurado. A mão, então, era preparada com cera para ser transformada em vela. Como Anita podia ter uma? Ela não tinha nenhuma relação com a Ordem, apesar de flertar com ocultistas, como todos os jovens ricos de Londres. Uma Mão da Glória, quando bem usada, podia conseguir muitas coisas: a que mais me interessava era a capacidade de abrir portas. Já tínhamos conversado muitas vezes com Juan sobre sua descoberta na Argentina, sobre aquelas portas que ele conseguia abrir. Não entrei lá, ele nos disse, porque no corredor o ar parecia viciado e eu não me sentia bem. Quando me recuperar, ele pediu, temos que procurar essas passagens. Eu o beijei: seus lábios não estavam mais machucados, embora o nariz continuasse sangrando, porque o material plástico das sondas machucava as mucosas delicadas. Ele tinha feito aniversário no hospital, semiconsciente e com dor. Toda minha determinação, então, estava voltada para que ele pudesse ficar comigo, conosco, compartilhar nossa vida. Tinha certeza de que era possível.

Precisava convencer Florence. Sempre esqueço, porque não acreditei na época e nem acredito agora, que ela estava convencida de que outros membros da Ordem conspiravam para tirar Juan dela — ou deveria dizer tirá-lo de nós? E outros cultos secretos também, que se autodenominavam cultos da sombra ou do caminho da mão esquerda. Em seu esquema, os guarda-costas eram necessários constantemente para evitar esse sequestro e como garantia de que o médium não se machucaria ou tentaria fugir, situação altamente improvável.

Não estava chovendo, então deixei Sandy em Warburg e Lucie na Biba e fui andando para a casa de Florence. A cidade vai ficando mais cinza e mais verde ao mesmo tempo, conforme se entra nos bairros mais elegantes. No entanto, eu sentia falta das flores lilases dos jacarandás, que as glicínias não podiam substituir, embora também fossem belas: uma planta frondosa crescia ao lado de nossa casa de Cheyne Walk. Precisava dizer toda a verdade a Florence e expor um plano simples. Juan e eu estávamos juntos e apaixonados. Isso ela

sabia e desaprovava. Para ela, o amor é uma impureza. Eu, ao contrário, tive tão pouco amor que me parece uma joia delicada e tenho pavor de perdê-la. Não apenas medo de que se extravie como um brinco em uma noite de sexo ou de dança suada, mas que se evapore como o álcool.

Esperei por ela semideitada na *chaise longue* diante da lareira. Trouxeram-me chá. Escutava passos o tempo todo, apesar de estar sozinha. Naquela casa, os sons enganavam, havia correntes de ar frio em todos os cantos. Sentei ereta e ajeitei os cabelos quando Florence chegou. Ouviu com atenção. O pedido soou razoável. Juan passaria os primeiros dias fora do hospital naquela casa, mas depois, por favor Flo, não o mande de volta para a Argentina, quero que conheça a cidade e também seria bom, sobretudo para ele, passar um tempo sozinho, comigo.

Não gostou da ideia, mas não o suficiente para negar. Primeiro devemos falar com o seu tio, e quero também ouvir o que Juan tem a dizer. Por acaso não confia em mim?

É claro que confia, mas está muito cansado. Queremos ficar juntos, Florence. Aceitamos a vigilância, aceitamos que montem um hospital no quarto ao lado se for necessário. Para ele é mais fácil se comunicar através de mim, por enquanto. Não o estou manipulando, jamais ousaria. Não houve nenhum médium como ele, e isso se deve, em parte, a ter sido menos pressionado. Estou te pedindo um tempo de calma.

Florence me olhou de uma maneira que nunca esquecerei, e pela primeira vez senti medo dela. Seu poder estava se diluindo; eu estava calma e segura, e em meu tom de voz havia uma ameaça velada, ainda que, obviamente, eu também estivesse em perigo. Eu não podia me transformar em um estorvo, porque eles me eliminariam.

Continuaremos essa conversa quando ele estiver fora do hospital.

Por ora, aquilo era tudo que eu precisava.

* * *

Stephen se sentou na cama com uma alegria que eu nunca havia visto nele e abraçou Juan com a ternura que eles compartilhavam. Reprimi uma inesperada onda de ciúmes que amargou a boca. De qualquer forma, me excitava muito vê-los se beijar sem pudor, com aquele desconforto dos beijos entre homens que a princípio parece briga e depois transborda até uma emoção que eu não compreendia, uma fraternidade perdida e recuperada.

Você está gelado, Juan disse a ele. Nesta cidade faz um frio de cripta, Stephen respondeu, e sei a que ele estava se referindo: o frio úmido que gruda na pele e não sai mais, aquela história de que toca até os ossos é bobagem, o problema é que forma uma segunda pele, como a de um animal preparado para um mar quente. Stephen se levantou para pegar os discos que tinha trazido: os americanos que eu pedira, e Byrds e Leonard Cohen e e Velvet Underground. Nem ele nem Juan entendiam a música. Juan um pouco mais, porque gostava de poesia. Stephen preferia as estruturas, os edifícios, a noite.

Colocou muito açúcar em seu chá para, como sempre dizia, esquecer-se de que era chá. Por que não fazem café neste país: morrerei com essa pergunta entre os lábios. Terão que tocar os discos à noite para evitar os gritos de meu irmão. Não o escutem. Deveriam ter algo além disso para se protegerem dele.

Quando grita, seu irmão fala de mãos, disse Juan de repente. Stephen e eu nos olhamos, surpresos. Juan tinha passado apenas uma noite em St. John's Wood. Não dormiste? Disse que sim, com a cabeça um pouco de lado, como se ouvisse alguma coisa naquele exato momento. Os gritos me acordaram. Existem mãos que o tocam. Não podem ajudá-lo? Eu posso, senti o mesmo várias vezes. Sei como fazê-las irem embora.

Meu irmão fala de mãos e estupros, disse Stephen, e abaixou a cabeça. Não podes ajudar meu irmão, ninguém pode, nem tu. Não penses em meu irmão,

porra.

Juan insistiu. Perguntou se Eddie também tinha ficado preso em uma jaula, e Stephen disse que não sabia os detalhes sobre o que haviam feito com seu irmão. Meu pai me confessou algumas práticas, mas não todas. O que ele fez é seu segredo sujo, e isso o envergonha. O que eles buscaram com Eddie é o estado de hiperia, isto é, ligar um número excessivo de neurônios em seu sistema nervoso. Juan nos olhou. Me disseram que ele foi estuprado com restos humanos. Quem te disse isso?, perguntei horrorizada. Mercedes, respondeu Juan, e Stephen engoliu em seco. Não sei, mas, se Mercedes disse, é possível. Por que ela te contaria isso durante tua convalescência? Porque ela é uma merda, eu disse. Enfim, eles conseguiram o estado de hiperia em meu irmão, e por isso está louco. O estado de clarividência, quando é permanente, é loucura.

Dessa vez, Juan não voltou a perguntar sobre Eddie. Stephen tirou de uma imensa bolsa um casaco afegão muito comprido, de camurça e couro de cabra: era grande o suficiente para Juan. Com isto ficarás agasalhado, garantiu. Naquela tarde visitamos Kew Gardens, e nos dias seguintes, de chuva, os museus. Na Tate estão os favoritos de Juan, Turner e Waterhouse. Disse a ele que gostaria de tirar uma foto minha como a da mulher de *e Magic Circle*: ir ao campo, reproduzi-la, fotografar-me assim, os corvos, o caldeirão e o vestido sensacional de bruxa, ela fazendo o círculo sem olhar, como se estivesse se apoiando na vara. Lucie poderia me ajudar. Juan passou meia hora em frente a seu Blake favorito, o monstro amarelo, a Pulga. Algumas garotas da escola de arte olhavam para ele descaradamente, riam de nervoso. Se soubessem a verdade, no entanto, teriam morrido de medo.

De volta a St. John's Wood, Stephen decidiu ir à Colmena; segundo ele, Laura estava bêbada há três dias. Tem medo de me conhecer, Juan reconheceu. Logo virá, quando puder, disse Stephen, sem dar muita importância. Em nosso quarto, Juan abriu a janela porque havia uma brisa perfeita, e eu o abracei por

trás. Ele me perguntou se eu queria saber a verdade sobre Eddie. Eu disse que tinha muita curiosidade. Posso averiguar se nos aproximarmos dele. O andar inteiro está sendo vigiado, não querem que você chegue perto dele, e irei obedecê-los, porque eles estão certos. O filho de Florence não é capaz de me controlar, sussurrou, mas os guardas, sim. Ele se desprendeu do meu abraço e bufou, mal-humorado. Traz algo dele para mim. Qualquer coisa. Cabelo, por exemplo. Ou eles também não te deixam entrar? Por que ele está preso? Você tem mais curiosidade que eu, disse, e ele murmurou: quero saber do que foram capazes.

Naquela noite não consegui ir à parte da casa ocupada por Eddie, tampouco nos dias seguintes, mas tratei de estudar os movimentos dos guardas. Consegui entrar no quarto de Eddie quando seus cuidadores o levaram para passear no jardim. Eles sempre o acompanhavam, e Eddie erguia o rosto para o sol. Quando ele descia, a vigilância na ala esquerda era relaxada, pois estava ali apenas para impedi-lo de fugir. Por isso pude entrar em seu quarto. Fiquei observando por um tempo. Eles o mantinham organizado, mas era impossível não ver as manchas de sangue seco nos lençóis, nas frestas da janela e os desenhos de Eddie nas paredes. Os lápis e têmperas estavam esparramados pelo chão. Acima da cabeceira da cama, na parede, como um mural, tinha pintado uma enorme lápide negra, sem nome. E em outras partes, arcanos do Tarô, mas acima de tudo, e de uma forma opressora, o Enforcado. Não parecia o quarto de um louco, mas sim o de um místico. Um monge em luta com Satanás. Fui até o travesseiro e recolhi fios de cabelo eriçados, quase um punhado: seu cabelo estava caindo, já tinha notado há meses, na última vez que o vi de perto. Ou talvez os arrancasse. Levei-os para Juan sem cruzar com ninguém, mas sobressaltada pelos constantes rangidos e lamúrias daquela casa.

Coloquei os cabelos em suas mãos, e ele se levantou. O quarto pareceu maior e tive uma vertigem: Juan me segurou, agarrou meus braços com força e

então transbordou, não sei como explicar, embora ele viesse a fazer isso comigo muitas outras vezes no futuro. Talvez a palavra não seja transbordar: talvez seja transfusão. Uma invasão sanguínea de imagens: membros cortados, o sangue coagulado em unhas douradas, um lago negro de onde saía uma mão como se fosse uma boia no Paraná, penhascos no horizonte, homens nus pendurados em uma lâmpada como móveis gigantes, um corpo muito seco e bonito acariciado por uma mulher magra com o rosto coberto por um lenço escuro, uma represa rodeada de juncos, um charco, um pântano de onde saíam mãos desesperadas para agarrar alguma coisa, tateando o ar, um enforcado imóvel em um galho. E então, com uma qualidade imensa, um solavanco que me derrubou no chão e uma voz que contava:

outro filho, disse ela, e o galho queimou no deserto. O resto era frio e a escuridão no céu. O fogo não permitia ver as estrelas. Agora mesmo, que venham os demônios do pó. Um filho que consiga abrir as portas para nós. O cheiro de haxixe e de fumaça, e Pedro despiu Florence na areia enquanto ela dizia as palavras exigidas e alguém na penumbra traçava o círculo de proteção com um galho em chamas. Não era proteção suficiente. Ela gritou que não importava, que a deixassem sem o sangue da lua, não era importante, nada era importante a não ser o filho do deserto que teria os cabelos de fogo e os olhos sem cor.

Se fechassem o círculo de giz em volta da casa, não poderiam sair até o ritual terminar. Ficariam presos pelo tempo que durasse o ritual, e alguns duravam meses. O livro dizia claramente que não se podia usar uma criança ou confiar em sua escrita ou em suas palavras. Mas Florence acreditava que a criança era especial, ela o vira no parque, com os olhos fechados e as mãos estendidas, brincando, rindo. O menino aprendia e repetia as palavras indicadas como se fossem suas. São sua linguagem, dizia Florence. Foi concebido quando devia e como devia. Pedro fechou a casa. Havia provisões ali dentro para meses. O menino estava de banho tomado um quarto de hora antes do amanhecer, vestido de branco, uma camisa muito

folgada. Seu rosto sardento olhava a janela por onde o sol nasceria. Dariam pouca comida a ele nos dias seguintes, e todas as manhãs estaria naquele quarto. Dariam a ele gotas do alucinógeno experimental que o levaria mais longe do que eles poderiam ir. Era imprudente usar isso em uma criança, mas eles deviam ser imprudentes, o caminho da mão esquerda era a imprudência. As mulheres traçavam o símbolo no chão, com giz. Eddie repetia com Pedro as palavras diante do oratório. Seis luas. O pai cobriu os cabelos do menino de cinzas. Seis luas.

Se uma palavra fosse pronunciada incorretamente, os espíritos se voltavam contra a pessoa. Também se a pessoa dissesse as palavras com má intenção ou com escárnio. Eddie as tinha pronunciado direito e, no entanto, todos tinham visto as sombras puxarem sua mão e o arrancarem do quarto. Portas batendo e correria. Uma porta trancada e atrás dela a voz de Eddie chamando pela mãe e depois seus pés correndo no andar de cima, as claríssimas pisadas de seus pequenos pés. Florence atrás de uma porta trancada, os joelhos machucados de se arrastar por debaixo dos móveis porque via ali os olhos de Eddie, o filho perdido na casa, levado pela Escuridão, e não adiantava sua tia gritar que deveriam voltar para o oratório, proteger a lâmpada, que a criança voltaria se continuassem o ritual. Pedro voltou ao oratório. Anne também. Eles dois continuaram. Florence relutava a abandonar seu filho com as sombras, ama-o demais, disse Anne enquanto acendia a lâmpada, e o amor é impuro.

Florence voltou e pediu para ser lavada. Anne a despiu e usou água fria. O menino só voltou ao amanhecer. Dizia que estava cego e chorava. Seus olhos estavam em branco.

O menino escolheu a forma que os espíritos teriam na Invocação. Escolheu bocas. Rezava olhando para o Leste e invocava olhando para o Oeste sem que fosse preciso indicar.

Foram necessários dias de fome e de frio para conseguir afastar os espíritos. Eddie não os deixava partir. A batalha de vontades adoeceu Pedro, que ficou de cama

durante meses, o corpo carcomido por erupções que não o deixavam dormir. Sugado por centenas de pequenas bocas. O corpo inteiro queimando mordiscado.

O menino não conseguia reter os símbolos, não conseguia recordá-los e, conseqüentemente, não era capaz de localizá-los embaixo de travesseiros e camas, em soleiras e portas, nos locais necessários. Que sinta apenas a noite, Florence ouviu. É o único jeito de ele pensar apenas nos símbolos. Colocou Eddie no pequeno sótão. Antes, traçou os símbolos no ar e ordenou que ele os decorasse. Deixou uma bacia de água para ele. Deixou-o gritar dia e noite. O menino não gritou de medo, gritou de fome e raiva, o menino não teve medo, não sentiu medo ao caminhar cegamente e com as mãos atadas, não sentiu medo ao ser oferecido aos homens e aos mortos para que desfrutassem dele. Chorou depois, mas porque o feriram no Oferecimento, tinha chorado de dor. Também não sentiria medo quando o levassem para perto da morte. Ela sim ficaria com medo. O amor é impuro, dizia sua irmã, mas Florence acreditava que o amor era inevitável e também que podia ser deixado de lado. Esse era o signo de verdadeira fortaleza. Deixar de lado o amor. Quando saísse da escuridão, sujo e esfomeado, o menino se lembraria dos símbolos, e ela poderia ignorar que aquela criança, quando estava sozinha, feria-se com as próprias unhas e amanhecia com os lábios ensanguentados de tanto apertar os dentes e mastigar as bochechas. Começou a conversar com ele, a explicar que ele seria a porta, que seria o sangue que trazia a noite, que seria o médium, que ficariam de joelhos diante dele e que agora doía mas quando fosse tocado então tudo valeria a pena e ninguém iria substituí-lo nunca, ela o havia escolhido, seria o único, não podia duvidar disso. Seria como um deus. O Oferecimento final.

Tentei me mover. Não queria ver mais. Juan soltou minhas mãos e abri os olhos, embora já estivessem abertos. Abri-os de novo, abri-os para esta realidade.

Não posso mais, disse. Precisava processar o que havia visto e escutado.

Juan deu um nó nos cabelos de Eddie e os guardou no bolso de seu casaco. Depois me estendeu a mão para me ajudar. Eu me sentei no chão. O que você fez?, perguntei. Não conseguia fazer isso antes. Juan deu de ombros. Aprendi a fazer muitas coisas durante esses anos. Algumas eu quis te contar por telefone, mas você me pediu para não falar sobre isso, e eu obedeci. Outras eu guardei para mim. Ninguém me ensinou a mostrar desse jeito. Pratiquei isso com Tali. Ela odeia. Nas primeiras vezes eu me cansei, agora não tanto. Mas não sei se isso faz bem. Aos outros. Vou guardar isto, e apontou para o bolso, para quando você quiser saber mais sobre Eddie.

Eu me sentei com as pernas cruzadas, e uma sombra de preocupação atravessou o rosto de Juan. Eu te dou medo? Nunca, disse a ele. Estou surpresa. E com frio.

Isso costuma acontecer, disse ele.

* * *

Florence nos convidou para almoçar para nos despedirmos. Eu tinha aula nesse dia, mas desmarquei, porque me pareceu um almoço importante. Juan estava há três semanas em Londres e já tinha passado a fase crítica de sua recuperação. Na verdade, vivia andando pela cidade com Laura enquanto eu estudava. Tinham se tornado amigos quando ela conseguiu quebrar sua resistência em conhecê-lo, aquele respeito sagrado que ela sentia por ele, e às vezes voltavam tarde, o que irritava Florence.

Comemos e bebemos cerveja, e Florence falou sobre o Livro, os progressos, e me presenteou com duas obras de uma antropóloga que admiro, *e Palm Wine Drunkard* e *Tell my Horse*. Foi muito gentil apesar da ansiedade, porque o que ela mais desejava era o retorno de Juan a Misiones e a continuidade dos Cerimoniais. Mas concordou em nos dar uma espécie de férias. É que, dizia

ela, a Revelação está muito próxima, e isso me urge, mas compreendi que uma pausa também poder ser benéfica.

Como eu estava um pouco bêbada, perguntei por que ela acreditava que a Escuridão nos daria essa revelação. E a troco de quê. Quais eram os termos da troca. Nos Cerimoniais os alimentamos, eu disse: todos os deuses, em todas as culturas, pedem e recebem oferendas de comida. Mas isso vale a imortalidade? Me parece que entregamos pouco.

Ela ficou desconfortável e disse que não era a hora de ter aquela conversa. Sabia que iria fugir do questionamento e que evitaria as explicações. De qualquer forma, era embaraçoso falar sobre tudo isso na frente de Juan, porque sempre se está falando dele, porque a Ordem depende de seu corpo doente para a Revelação. Ele não pode fugir. Se o fizer, é possível que voltem ao método tradicional, o que Mercedes apoia: usá-lo com maior frequência, tratá-lo apenas como um mensageiro ou um escravo, e que viva o que seu corpo aguentar, que não será muito.

Preciso que esteja feliz, Juan, disse ela de repente, e ele ficou surpreso, mas apenas por um segundo. Tem a inexpressividade de uma estátua, quando quer. Florence segurou as mãos dele. Tudo isso é seu. Nada seria possível sem a sua ajuda. Às vezes temos disputas, às vezes você se sente como um prisioneiro. É normal. A sua situação é única. O mundo será para sempre e para nós, Juan. Os mortais são o passado, costume dizer, e assim acredito. Nunca poderei te agradecer. Nem aos outros, os anteriores, que sofreram tanto. Quero que a sua vida seja diferente. Não deixarei que um médium sofra assim nunca mais. Eu mesma caí nessa armadilha, a do sofrimento, com meu próprio filho. Você gosta da sua vida, Juan? É a que eu posso te dar.

Juan não soltou as mãos dela e tampouco abaixou a cabeça. Depois falou mais do que já o ouvi falar com Florence em toda a minha vida. Vou te dizer o que eu quero, disse. Quero viver com ela perto do mar. Aqui ou em outro

lugar, melhor se a água for quente, assim posso nadar. Quero esperar por Rosario quando ela voltar das aulas ou do trabalho, quero aprender a cozinhar. Quero chegar a ser velho. Se ela me acompanhar, quero ter um filho. Não acho que você entenda o que é não ser dono de nada: um filho seria meu, a única coisa minha. E quero poder abrir a Escuridão quando tiver vontade, sem datas, sem obrigações, sem ter medo de morrer todas as vezes. Não quero guarda-costas, não quero vigilância. Não pode me dar isso, e eu entendo, mas não me pergunte se eu gosto da minha vida ou se sou feliz. Sou pobre e estou doente. Não tenho instrução, não tenho família, não tenho dinheiro. Não acho que sou capaz de trabalhar. Preciso da ajuda que vocês me oferecem. Sou um servo.

Logo depois soltou as mãos dela.

Eu não soube o que dizer imediatamente. Juan se levantou e pediu desculpas antes de sair. Eu também pedi desculpas a Florence e o segui.

Stephen e Laura estavam esperando por nós no quarto. Cruzamos no corredor com Genesis e Crimson, o casal que usava nomes sem gênero e tinha iniciado as mudanças cirúrgicas de sexo para levar a ideia dos andróginos mágicos o mais longe possível. Crimson já tem peitos, Stephen me disse, acabou de me mostrar, vocês perderam. Ficaram bem bonitos.

As cirurgias são realizadas no mesmo hospital onde operaram Juan. Se os cidadãos britânicos soubessem que o National Heart Hospital e muitos outros centros de saúde pública estão infiltrados pela Ordem, seria um escândalo.

Sobre o que a minha mãe falou, perguntou Stephen, e colocou um disco. *Beggar's Banquet*. O que proclamou? Aquela história de que somos o futuro e os mortais são o passado? Algo que o monstro de Frankenstein poderia dizer se o monstro fosse capaz de pensar, é claro.

Algo assim, respondeu Juan, e o empurrou para que abrisse espaço para ele na cama. Permitiu que eu more na sua casa por um tempo.

Tenho uma história sobre uma mulher que viveu para sempre, disse Laura, empolgada. Ficou de pé em cima da cama e abriu os braços, para declamar, como em uma peça de teatro. Uma dama comia e bebia alegremente, e tinha tudo o que seu coração almejava e desejou viver para sempre. Nos primeiros cem anos correu tudo bem, mas depois começou a encolher e enrugar, até que não pôde mais andar, nem ficar de pé, nem comer nem beber. Mas também não podia morrer. A princípio a alimentaram como se fosse uma criancinha, mas ficou tão diminuta que a enfiaram em uma garrafa de vidro e a penduraram em uma igreja. Ainda está lá. É do tamanho de uma rata e uma vez ao ano se move.

Pela maneira como riu da história, que era muito mais macabra do que engraçada, percebi que Stephen tinha tomado ácido. Uma vez ao ano se move, repetia. E então acendeu seu cachimbo de maconha. Enquanto falavam e riam, pensei que, se a imortalidade fosse possível, gostaria de compartilhá-la com eles. Não com os velhos. Tomara que Juan possa controlar a Escuridão para se desfazer dos demais.

* * *

As primeiras semanas foram maravilhosas. Stephen partiu, para nos deixar a sós; Juan e eu não nos separávamos nem para tomar café da manhã. Juntos na cama e na banheira e no belo jardim de inverno, conversando em voz baixa. Comprar frutas e chocolates, a surpresa de descobrir que ele conseguia dormir uma noite inteira sem acordar tossindo; a cirurgia o ajudou muito, principalmente quanto à dispneia, não estava mais cianótico, seus dedos não estavam azuis, ele os observava espantado e também analisava os lábios no espelho todas as manhãs, como se esperasse a volta da cor da morte. Eu o via dormir com as pernas enroladas nos lençóis em nosso quarto, que cheirava a

sexo e sal. Passávamos dias inteiros na cama, e eu o acariciava em silêncio, a penugem dourada das pernas, o peito largo e maltratado, o ventre afundado, as cicatrizes, as veias cinza-escuro dos braços sob a pele clara, os cabelos muito longos que não lhe davam a aparência de viking nem de roqueiro nem de hippie, mas sim de algo que estava apenas de visita no presente, algo selvagem e desolado.

Graciela, a médica, dois guarda-costas e alguns assistentes tinham se mudado para a casa ao lado: os vizinhos, que a alugavam, cederam-na no ato, mediante uma oferta exorbitante de dinheiro. No entanto, conseguíamos ignorar sua proximidade. Meu tio também nos visitava. Os amigos não viriam enquanto não fossem convidados. Nada interrompeu nossos dias de passeios e leituras, de dançar pelados na cozinha iluminados pela luz da geladeira ou de contarmos segredos sem medo de sermos ouvidos. Pensei que tinha engravidado durante aquelas semanas e chorei quando encontrei o sangue nos lençóis. Juan virou o colchão, que também estava manchado.

Depois das duas primeiras semanas, começaram as mudanças sutis. Stephen ainda não tinha voltado: acho que tinha ido a Atenas, um de seus destinos favoritos, buscava o calor como um cachorrinho de colo. O primeiro sinal aconteceu à noite, quando Juan se levantou e não voltou para a cama. Eu ainda não tinha adormecido, estava lendo com o abajur ligado, e o esperei, certa de que tinha ido ao banheiro. Quando ele não voltou, tive um *déjà vu* da noite de sua Manifestação em Puerto Reyes. A princípio tive a esperança, leve, de que ele estava se sentindo mal. Apesar da medicação, tinha arritmias prolongadas e não havíamos informado isso aos médicos: ele me pediu, e eu obedeci porque entendi que também precisava de uma pausa nos constantes exames e manipulações de seu corpo. Encontrei-o no corredor do primeiro andar, olhando em volta e na direção da escada, a escada de ferro que tinha encantado Stephen. Ouviu alguma coisa?, perguntei. Ele e eu sabíamos que a

possibilidade de um intruso era remota, tendo em vista que um dos guarda-costas permanecia acordado toda a noite e que a casa não tinha muitas entradas, apenas a principal e uma de emergência. Ele fez que sim com a cabeça: seus olhos brilhavam. Consegue abrir a porta? Ele a apontou. Era de um dos quartos menores. Minhas mãos tremiam quando segurei a maçaneta, mas atrás da porta havia apenas uma cama estreita iluminada pela lua, uma pequena poltrona e dois quadros de Forrest Bess que Stephen tinha comprado de uma galerista nova-iorquina.

Voltou para a cama mudo. Achou que era uma daquelas portas que você conseguiu abrir na Argentina? Ele me abraçou e fez que sim com a cabeça, mas não se levantou novamente naquela noite. De manhã, mal falou durante o café. Tem algo lá, ele disse, depois de brincar com as torradas que não conseguia comer. Não é uma aparição nem um desencarnado, é muito mais poderoso. Não posso explorá-lo sozinho. Somos dois. Não é suficiente. Por que Stephen escolheu esta casa? Vocês nunca perceberam? Nem mesmo Laura?

Juan sempre foi muito desconfiado, muito mais do que eu.

Vamos entrar, eu disse.

Não. Para isso, preciso de Laura e Stephen. Com você não é suficiente.

Fui caminhar sozinha, frustrada. Queria ser sua companheira nisso também, segui-lo rumo ao desconhecido, nunca tive medo. Mas só posso ajudá-lo em questões menores, minhas estúpidas proteções, ele odeia que eu as chame de estúpidas porque me ama e me respeita, mas elas são. Todos os pequenos feitiços deste mundo são pó, são nada, são terra no sangue de alguém como ele.

Quando voltei do passeio, liguei para Laura, que chegou em menos de meia hora. Pela cara que tinha quando eu abri a porta, ela pensava que tinha sido convidada para jantar ou para algumas das noites divertidas de Cheyne Walk. Percebeu seu equívoco quando viu Juan. Sentaram-se nos tapetes, e ele contou o que sentia. Ela negou ter percebido alguma porta antes — eu acreditei, e

acredito — e, para minha surpresa, se recusou a acompanhá-lo. A desculpa que ela deu me fez bufar de espanto.

O Livro não diz nada sobre abrir portas, sussurrou. E que importância isso tem?, perguntou Juan. Ele se levantou do chão onde estava conversando e, com calma e as mãos entrelaçadas, aproximou-se dela, que parecia tão miúda, batia nos joelhos dele. Por que você está falando do Livro? Laura tremia um pouco: eu a abracei pelos ombros. Nas transcrições não há nada sobre nenhuma porta nem nenhuma casa, repetiu. Juan se irritou e disse: não tenho dúvida de que existe algo importante e repulsivo atrás daquela porta, e eu não acredito nas transcrições, e você também não. Por que está com tanto medo? Olhou para ela, e seus olhos estavam verde-escuro.

Porque te seguir é desobedecer, disse.

Com o dedo indicador, Juan tocou, apenas, o tapa-olho de Laura.

Quem arrancou o seu olho? Rosario não me contou nada. Ela guarda esse tipo de segredo cruel. Na Ordem dizem que foi seu pai quem o arrancou e que por isso Anne te adotou. Essa é a mentira que sustentam. Um pai brutal que esvaziou sua órbita para evitar ter uma filha com segunda vista. Seu pai era cigano? Traveler? Isso sim é verdade? Certamente quem fez isso foi Mercedes, com suas próprias mãos. Embora Florence também seja capaz. Acreditam na dor mais do que em qualquer outra coisa, mentem quando dizem que esses métodos ficaram para trás. Se, como diz Rosario, os deuses se parecem a seus devotos, então esse deus cruel é o que quer e permite que te mutilem. Não vou enumerar o que fizeram comigo, com Eddie ou com todos os outros. Seu pai também vendeu você, como o meu? Somos os servos dessa gente, somos a carne que torturam. Os que carregam as senhoritas na Índia, eu sou o lenhador que come a filha do fazendeiro. Terá que desobedecê-los se quiser me seguir. Tem algo atrás daquela porta, e eu preciso de você. Não seja covarde.

Laura se esgueirou e passou entre nós. Saiu da casa, mas ficou sentadas nos degraus da entrada. Estava chorando.

Juan subiu a escada. Segui-o com raiva. Disse que ele não tinha por que tratá-la assim. Mas não estava furioso: estava desolado. Perguntei se estava passando mal, e ele negou com a cabeça, mas medi sua pulsação e estava tão rápida que o obriguei a se deitar. Ele mesmo colocou a minha mão sobre seu peito, para controlarmos juntos a taquicardia. Não gosto de falar assim com ela, mas preciso dela. Se ela me seguir, terá que guardar o segredo e ficar contra eles. Você vai me seguir e não se importa em traí-los. Mas ela é diferente.

Colocou um travesseiro embaixo da cabeça e desabotoou a calça. Naquele verão usava umas calças muito escuras, que o faziam parecer ainda mais alto. Vem, disse, e eu subi nele. Por que Laura tem aquele cheiro, perguntou. Nunca limpa direito o sangue que sobra quando faz seus trabalhos, expliquei. Fede a açougueiro, ele sorriu para mim, e eu acrescentei que às vezes também fede a morte. Quando me penetrou, senti uma vertigem, uma sensibilidade no útero que me deu medo. Fiquei calada olhando para sua cara gloriosa sobre o travesseiro, ele é glorioso, seu corpo, sua frieza fingida, sua transpiração que cheira a química. Não destrua Laura, pedi, e ele me disse que buscava o extremo oposto. Fechei os olhos e imaginei nós três nos círculos de giz, ele pode partir Laura ao meio, tão pequena. Vivo dizendo, da boca pra fora, que gosto dos homens delicados, duas semanas atrás discuti, em sala de aula, sobre o autoritarismo e o supermasculino no cristianismo, disse que estava farta do falocentrismo e do eucentrismo, mas quando Juan domina e manda, arfo como um animal de estimação submisso. Ele se sentou e brincou com minhas argolas, os pentagramas pretos enormes e leves que sempre reponho quando quebram.

Juan me disse que gostaria de comprar aquela casa. Eu o guiei pela mão para que me acariciasse do jeito que eu gosto. Pensei em tomar um ácido, Stephen

tinha trazido uma boa quantidade que guardei em minha gaveta. Disse a ele que a casa seria sua, que tudo seria seu, porque vamos nos casar. Eu tinha ficado pensando na última conversa com Florence. Não pode ser que você não tenha nada. A Ordem te deve tudo. Pedi para ele morder minha barriga e envolvi seu pescoço com as mãos para sentir sua pulsação irregular na ponta dos meus dedos. Sempre gostei de ver em seus olhos que não tem medo de morrer ou, ao menos, que não se importa se morrer comigo.

* * *

Quando Juan pegou no sono, saí para procurar Laura. Encontrei-a sentada olhando o rio. Estava quente, e ela tinha desabotoado a camisa. Suas tatuagens pareciam insetos sobre a pele.

Se fosse de noite, disse, teríamos que nos despir e olhar as estrelas daqui. Podemos fazer isso quando quiser, ela me respondeu. No inverno é melhor. O vento do rio chegar a doer. Ela tinha tirado o tapa-olho e a pálpebra, afundada e frouxa, tremia. Toda vez que ela falava, o ar se enchia de cheiro de álcool. Se ele estiver certo sobre haver algo na casa, tal como ele descreve, é uma passagem, disse. Quer que o ajude a atravessar o umbral e que não informe a Ordem sobre nada. Está me pedindo muito. Não sei por que te tratou tão mal, disse. Eu sei, respondeu. *He wants to know how broken I am.* Vou ajudá-lo, mas tenho medo, porque, se descobrirem, serão implacáveis. E ele também me dá medo. Disse a ela que não havia por que temer Juan, e ela gargalhou, riu tanto que pensei que iria cair na água: algumas luzes nas casas próximas foram acesas, em protesto.

Perguntei, em voz baixa, o que nos seria pedido em troca da mudança da consciência a outro corpo. Ela pensou, com as pernas cruzadas, e me pediu um cigarro. O sol, que caía sobre nós antes da hora azul, não nos incomodava. Não

sei, disse ela finalmente, mas será algo obsceno: eu decidi que não quero. Sua resposta me surpreendeu. Quem não deseja manter sua consciência viva? Quem se nega a ser praticamente imortal? Perguntei se ela sabia que, antes de compreender para que servia, os chineses pensavam que a pólvora podia ser o componente de um elixir da imortalidade. Como souberam que estavam errados, ela perguntou. Da maneira mais lógica: explodiu na cara deles e desde então a usam para fogos de artifício. E a verdade é que eu, quando vejo fogos de artifício particularmente bonitos, me sinto imortal. Somos diferentes, ela respondeu.

Apagou o cigarro e voltamos juntas.

* * *

Para adentrar a porta, esperamos por Stephen. Ele considerou que ninguém mais deveria saber, nem Tara, nem Sandy, nem nenhum de nossos amigos. Ao menos não por enquanto. Assim como tinha feito comigo, Juan pediu a Stephen para abrir a porta. Ele o fez, e vimos um quarto normal, com a cama, as cortinas azul-turquesa, os quadros. Uma pia perto da janela que levava a um pequeno banheiro. Os ingleses são absurdos, disse Stephen, que tipo de gentinha coloca tapetes de pano no chão do banheiro, é claro que não o usam, me diga se estou mentindo, e Juan quase sorriu. Saímos, e Juan fechou a porta. Quando foi ele quem a abriu, do outro lado não havia mais um quarto. Nem cama nem quadros nem pia. Havia um túnel escuro, parecido aos chamados *underpass*, uma passagem subterrânea que é muito comum nas estações de trem. Algo o iluminava, mas não parecia luz elétrica. Pensei imediatamente em Arnold van Gennep e Turner e nos espaços limiares, nos umbrais, internos ou externos. Encruzilhadas, pontes, margens. Não disse nada. Laura ficou de cócoras.

Atrás da porta, imediatamente faltava ar. Detive Juan ao me sentir sufocada, tive medo por ele e coloquei a mão sobre seu peito: o coração batia muito rápido, com força demais, mas de modo regular. Laura estava agitada, sem fôlego. O que se sente é igual ao mal de altitude, é como nas montanhas, ela disse. Assenti. Me fez lembrar de La Paz. Quando fomos com papai, eu não tinha conseguido caminhar e me assustei. Pensei: é assim que Juan se sente o tempo todo, e chorei em uma esquina que cheirava a urina enquanto papai gritava porque chegaríamos tarde a uma reunião com o embaixador.

O encanamento ou a passagem subterrânea terminava em uma estrada de montanha muito larga. Corria água perto dali. Um rio não muito caudaloso. Era noite atrás da porta, embora não estivesse escuro. Não foi preciso usar a lanterna que levamos. Laura e eu ficamos exaustas depois de trezentos metros, Juan nem tanto. Aproximou-se da beira, nós o seguimos e vimos que não era uma sacada para o nada. Havia uma trilha entre as árvores por onde se podia descer sem muita vertigem ou dificuldade aparente. Vimos os reflexos prateados de um rio lá embaixo.

O silêncio era poderoso e horrível. Um lugar assim, um bosque com um rio, não pode ser tão silencioso. Os animais, os pássaros, as folhas que se partem? Talvez a altura entupisse os ouvidos. Também não fazia frio ou calor. O lugar estava quieto em todos os sentidos. Laura disse que lhe lembrava as montanhas do País de Gales, mas uma cópia imprecisa delas. Um esboço. Nas montanhas faz frio, há neve, disse, e as cores estão erradas.

Tudo está errado, disse Juan. É um cenário. Foi em frente. O caminho depois da curva se alargava outra vez e se abria a uma passarela ladeada por árvores. Laura apontou o dedo para os galhos, e Juan se aproximou. Os galhos e o chão estavam cheios de ossos. A maioria roídos, limpíssimos e velhos. Nas árvores foram montadas estranhas decorações, ornamentos de falanges e fêmures entrelaçados, unidos por galhos finos, formas delicadas, geometrias de

carnívoro. Juan tocou em alguns, tentou memorizá-los. Parecem uma escritura, Laura disse a ele. No chão, os ossos estavam esparramados sem objetivo claro. Alguém viria, mais tarde, se divertir montando aqueles pingentes? Juan tocou uma das decorações, que se soltou e caiu em sua mão aberta, como uma fruta madura. Nós a observamos. Formava um signo, um selo. Juan deixou a mão aberta e outras três caíram. Ele agradeceu e as guardou no bolso.

O caminho estava coberto por ossos até onde a vista alcançava. Havia ossos de todas as partes do corpo e de todos os tamanhos. Seriam restos de banquetes de séculos? Traziam pessoas para morrer aqui? Ou apenas transportaram os ossos para fazer este caminho mortuário? Não havia cheiro. Eram ossos antigos ou tinham sido degustados até que não sobrasse nenhum resto de carne neles.

Descer até o rio foi mais fácil do que eu esperava. O ar continuava superseco, apesar da proximidade da umidade. Estive prestes a tocar a água, mas Juan me deteve, com bastante violência, como se me arrancasse de um estado de hipnose. Ele tem razão, todos sabemos o que o acontece se roubamos algo da *faery*. Mas este não é o país das fadas. As regras, no entanto, não têm por que serem diferentes. As regras quase nunca são diferentes. As formas podem variar, as regras não.

Alguém está dormindo no Outro Lugar. É assim que Juan o chama. Por isso há silêncio. É para proteger o sono. E os ossos são um templo. Respirou fundo. Não tem absolutamente nada aqui, disse. O rio não tem peixes. Nem um inseto. Quanto mais teremos que percorrer este lugar para encontrar alguma coisa?

Laura pediu a ele paciência. *It's our first time.*

Ele olhou para as mãos e falou. Nós o escutamos porque, pelo seu tom de voz, adivinhamos que estava contando um segredo. Quando invoco a Escuridão, ou quando sou tomado pela Escuridão, vocês escolham o termo, não consigo ver o que acontece. No transe, fico cego. Sei que a Escuridão corta

e que carrega os Iniciados porque me contam. Uma vez Florence me mostrou uma filmagem do Cerimonial, que queimou. Eu não sei o que acontece até voltar e curar as feridas, e marcar quem devo marcar com cicatrizes. Mas, durante o transe, não estou inconsciente. Vou a um lugar ou, melhor dizendo, vejo cenas. Pensei que fossem alucinações, como as que sofrem quem entra em coma ou em parada cardíaca.

Elas se parecem com este lugar?, Laura quis saber.

Sim e não. Vejo um corredor pelo qual não ousa caminhar. Há pessoas, ou seres, pendendo de lâmpadas. Vi um piano. E há uma janela de onde se vê um bosque; esse bosque, sim, se parece a este.

Todos os bosques são parecidos, eu o interrompi.

Eu sei, mas são idênticos. Vi essa janela muitas vezes, em todos os Cerimoniais. Às vezes está mais próxima. E este lugar, poderia distingui-lo entre milhares de imagens semelhantes.

Laura lhe deu a mão, e ele a segurou. Entrelaçaram os dedos. Vamos continuar, disse ele.

Do outro lado do rio havia mais bosque e uma colina suave que mal se via na escuridão. Voltamos ao caminho de ossos e aos ornamentos: os fêmures organizados em formas intrincadas, as caveiras penduradas como em aldravas, imóveis, os pequenos ossos de mãos e pés montados como joias delicadas, e no chão ossos pisoteados, quantos metros haveria, em quanto tempo os ossos tinham virado terra, alguns margeavam o caminho como sentinelas, caixas torácicas erguidas, e havia delicados caminhos de colunas vertebrais, algumas inteiras, com o rabinho final de animais aquáticos.

Então algo estranho aconteceu. Senti nojo. Minha boca se encheu de um sabor amargo e tive ânsia de vômito. Estamos profanando este lugar, disse a Juan, e ele apoiou as mãos na minha barriga e conseguiu me acalmar para que

não vomitasse ali, sobre os ossos. A ânsia de vômito me tirou todo o ar que me restava e procuramos a saída.

* * *

Do outro lado, Laura e eu nos jogamos no corredor para nos recuperarmos. Stephen só deu atenção a Juan, que apertava os olhos, cego de dor de cabeça, uma enxaqueca monstruosa. Levou-o para cama. Eu os segui. Stephen me pediu para buscar gelo e água. Não quis ouvir sobre a expedição, não naquele momento, precisamos cuidar dele, me disse, e eu descii a escada, cerrando os punhos. Deixei a água e o gelo na mesa de cabeceira e saí com Laura, inexplicavelmente ofuscada. Ela e eu não descansaríamos nem conseguiríamos dormir, estávamos excitadas. Tivemos que passar azeite nos lábios, estavam secos, o Lugar deixa a pele áspera, o ar raspa no nariz, se ficássemos mais tempo poderia sangrar. Debatesmos se seria conveniente abrir a porta de novo ou se tínhamos que esperar para voltar. Falei para ela sobre o São Morte e os ossos dos guaranis, e que era tão óbvio que procuravam por Juan que tinham vindo até aqui para buscá-lo. Laura desenhou, no chão, o percurso: lembrava detalhes incríveis, eu estava mais distraída do que pensava. Não olhei para o céu, por exemplo, não levantei a cabeça. Laura, sim, e viu um céu negro, sem estrelas ou lua. Sinto que estou divulgando um segredo, traçando o mapa de uma terra proibida, ela disse. Temos que documentar tudo, respondi. E copiou o plano do chão em um papel que tinha trazido, porque ela sempre desenhava mapas e planos alternativos. O bom é que ninguém que vir o mapa pensará nada de ruim. Pode ser um plano da Terra Média, disse a ela, rindo.

Me senti imensa nessa primeira vez, porque aquele lugar era nosso. Com isto podemos tomar o controle, pensei. Voltei para o nosso quarto, para checar como Juan estava, e o encontrei bem, tranquilo, nos braços de Stephen.

* * *

Fizemos uma segunda expedição quando Juan resolveu que faria uma oferenda ao lugar e pediria a ele algo em troca. O quê? Ter meus segredos, respondeu. Achei tão estranho. Por que não pedir para te curar. Precisa que eu esteja doente, disse, apontando para a porta. Só consegue me encontrar porque estou perto da morte.

Havia mais ossos no caminho nessa expedição. Uma quantidade maior. O número de ornamentos pendurados nos galhos também tinha aumentado. Juan tirou a camiseta, ajoelhou-se sobre os ossos e afundou as mãos nos restos. Suas costas, nuas, se expandiram; o barulho dos joelhos quebrando ossadas antigas. O rio soava mais caudaloso. Cresce porque come. Juan é sua boca, e os deuses sempre têm fome.

Passar muito tempo atrás da porta é o mesmo que perder horas olhando por um telescópio. De tanto olhar as estrelas, você se sente perdido, fora do mundo. No espaço, a vida humana não tem significado. Neste lugar também não. Juan esmigalhou os ossos com os dedos. Estava sangrando e deixava seu sangue como oferenda. Laura raspou uma parte do couro cabeludo de Juan, acima da orelha esquerda. Tentei não olhar porque acreditava que levar ferro ao Outro Lugar era um erro, disse isso a eles, mas não me deram ouvidos. Juan usou o fio de um osso para traçar um desenho em seu couro cabeludo. Apenas mordeu o lábio por causa da dor. Não sei como foi capaz de fazer isso sem espelho, mas o desenho ficou perfeito.

Essa comunhão era perigosa mas necessária. Precisávamos que Laura decifrasse os traços dos ornamentos. Precisamos manter esses percursos, este lugar, em segredo. Para isso, é necessário que Juan entregue algo. Quando terminou de traçar o desenho em seu crânio e deixou o osso sobre os demais, um ornamento caiu na frente dele de um galho comprido de uma árvore; um

enfeite pequeno. Ele olhou em volta, e creio que havia agradecimento em seus olhos.

Havia um novo caminho, próximo ao de ossos, da cor cinza da noite e o verde de uma estranha vegetação, musgos e líquens nas árvores. O chão era semelhante ao de uma floresta de pinheiros. Senti que o silêncio seria quebrado muito antes de ouvir um som distante, não posso chamá-lo de música, os sons desarticulados e toscos de um instrumento de sopro, e esporádicos, como se o flautista ficasse sem ar. Durou menos de um minuto. Havia alguém, mas muito distante de nós.

Não sei se é um instrumento, disse Juan. Talvez seja um animal. A boca de algo ou de alguém. Um canto. Eu me apoiei em seu ombro, e ele passou o polegar ensanguentado pelos meus lábios. Seu sangue é delicioso. O que aconteceria se fizéssemos sexo aqui, sob o céu sem lua? Que filho poderíamos conceber?

Seguimos caminhando. Havia mais oxigênio também. Os troncos das árvores ficaram mais finos. Laura notou antes que nós o que havia nos troncos: não era fácil identificar a olho nu. Tinham mãos que os abraçavam. Muitas: umas sobre as outras. Mãos cortadas, soltas, presas ao tronco, a palma inteira dobrada, dedos arqueados, mãos humanas, rígidas e em posição de garra. O bosque inteiro era assim naquele trecho. Troncos e troncos com mãos mortas. Alguém as encaixava quando o *rigor mortis* chegava. O primeiro tronco que vimos tinha doze mãos. Alguns tinham mais. Outros apenas uma. Pensei na Mão da Glória que tanto desejava.

É um colecionador, disse. Um artista. Ou vários. À direita do Bosque das Mãos, assim o batizamos, estava o que mais tarde Juan marcaria no mapa como o Vale dos Torsos. Parecem pedras eretas ou lápides; um cemitério de soldados, por sua simetria. Mas eram torsos humanos. Sem os braços, sem a cabeça, sem as pernas. Torsos com a pele manchada de um homem idoso, torsos com belos

seios de juvenzinha, torsos de crianças, de homens gordos, de homens magros, torsos de pele escura e torsos de pele muito pálida, ventres afundados, grandes panças de obesos, torsos de mulheres que tinham amamentado. Reconheci costas com marcas de unhas, como as que Juan deixa no Cerimonial, como as que Stephen tem nas costas.

Nunca nos deixe sozinhas neste lugar, disse Laura. Não conseguiríamos sobreviver longe de você. Isto é uma boca. Talvez esteja adormecida, talvez coma em outro lugar, mas só nos respeita porque estamos em sua companhia.

Nesse momento, Juan nos disse que era suficiente, que devíamos voltar. Sua cabeça estava doendo outra vez. Seus olhos estavam irritados, e parecia prestes a chorar.

* * *

Laura decifrou o significado dos ornamentos no dia seguinte. Surpresa, ela nos disse que tinha se distraído com outras possibilidades em vez de considerar a mais óbvia, talvez por ser a mais próxima dela. Fiquei procurando símbolos diferentes, selos, e não conseguia encontrar um sentido. É que são letras. Levei em conta os detalhes, as imperfeições do ornamento de ossos, há entalhes, querem se comunicar com precisão e rigor. É uma única palavra, ela disse, e um número.

Colocou seus desenhos sobre a mesa, a progressão de como os tinha decifrado, seus erros em busca de um significado mais complexo.

HUNGRY, dizia.

Juan se apoiou no batente da porta da cozinha e me pediu um cigarro com a mão.

Está com fome? Qual é o número?

O 4, respondeu Laura. Não entendo, a não ser que se refira à casa ao lado, onde vivem os guarda-costas e a sua médica.

Olhei para Juan, que tinha fechado os olhos.

Eu sei reconhecer um Lugar de Poder. O meu ficou em Misiones.

Não tem por que ser assim, insistiu Laura. O dogma não diz que o Lugar de Poder é sempre óbvio para o médium. Às vezes precisa procurá-lo. As mulheres o carregam consigo e podem invocá-lo. Os homens devem encontrá-lo.

E já não teria percebido isso?

Não necessariamente. Você esteve alguma vez na casa ao lado?

Nunca, reconheceu Juan, ela ou seu assistente sempre vêm aqui.

Podemos fazer uma visita.

* * *

A casa do número 4 era extraordinária, mais ampla que a nossa e mais antiquada: Graciela não havia mudado os móveis e, além disso, ela não era uma hippie nem tinha outros interesses além de ser a melhor discípula possível de Jorge Bradford. Juan não queria fazer mal a ela, então decidiu explorar a casa no horário em que Graciela tinha aulas ou práticas no hospital, eu nunca soube direito quais eram suas atividades em Londres, ela não conversava comigo. No número 4 da Cheyne Walk estavam os guarda-costas e o assistente de Graciela, um estudante de Medicina muito jovem que sempre nos cumprimentava com um sorriso sincero. Ele nos ofereceu algo para beber e pediu desculpas pela ausência de Graciela. Juan pediu licença para dar uma volta pela casa, então: não a conheço, explicou. O assistente, não lembro seu nome, disse que era uma casa muito bonita. Juan assentiu e entrou, determinado. Os guarda-costas ficaram do lado de fora.

A descoberta foi tão incrivelmente rápida que, até hoje, não consigo explicá-la, não compreendo como ele não o encontrou antes, como pôde passar despercebido por tantos dias. Quando Juan chegou ao centro da sala, nós o ouvimos respirar fundo e falar em voz baixa, muito rápido, palavras de reconhecimento e de alívio. Ele estava de costas para nós. Quando se virou, quase não o reconhecemos. Estendeu os braços em um gesto claro: pedia para não avançarmos mais. Vi a transformação antes que os outros, nas mãos. Gritei, não pude me conter, e o grito foi tão agudo e tão histérico que um dos guarda-costas abriu a porta. Stephen reagiu. Pediu a ele que entrasse e chamasse seu colega. Entendi. Juan abriria a Escuridão, e a Escuridão viria para comer. O assistente de Graciela perguntava o que estava acontecendo, e ninguém lhe dava atenção.

Juan tirou a roupa. Devia estar sempre nu diante da Escuridão. Era necessário, fazia parte do ritual. Os rituais não se discutem porque os rituais protegem. Os guarda-costas certamente pensaram, naqueles segundos antes de a Escuridão invadir a casa, que estávamos no meio de uma orgia e que eles tinham sido convidados. Não acho que tiveram tempo de imaginar muito mais. Juan parou no lugar indicado e tocou o chão com suas mãos de fera. Algo lhe respondeu, e todos conseguimos sentir. Quando ficou de pé, uma linha escura contornou seu corpo e foi se expandindo, como se ele a irradiasse. A Escuridão é diferente quando se abre sob o teto, num lugar fechado. Trancada, ela ruge. É um estrondo contínuo de vibrações baixas. Recuei o máximo que pude, mas era mais difícil escapar daquilo.

O corpo de Juan se elevou apenas alguns centímetros na Escuridão: não havia lugar suficiente, mas ficou suspenso em uma mancha negra que crescia. Laura avançou alguns passos, e Stephen correu para detê-la, jogou-a no chão, eu a ouvi se debater contra o piso.

A Escuridão ficou tão grande e pulsante que já não se viam as paredes nem a escada, nem nada. Estava faminta, senti isso em meu corpo. Foi Stephen quem guiou os guarda-costas. Como estavam perplexos, ficaram muito perto de Juan, e Stephen lhes disse *c'mon, go*, e eles obedeceram, é claro, porque não pertenciam mais a este mundo e nunca lhes ocorreu escapar. Receberam a patada. A Escuridão se esticou como um chicote para carregar o que queria. Não tiveram tempo nem de gritar. Em um instante não estavam mais lá, engolidos numa mordida só. O assistente marchou sozinho até o abraço da negrura, atraído por uma força que não seria capaz de explicar. O rosto de Juan não mostrava nenhuma mudança. Eu implorei que fosse o fim porque, se a Escuridão quisesse mais, nada teria poder para detê-la nem poderíamos escapar. Não se distinguia mais a porta da rua. A Escuridão se conformou com a isca. Depois de alguns instantes de dúvida, voltou lentamente a se transformar em um contorno ao redor de Juan e o deixou no chão, de pé, mas ainda envolto pelo halo negro. Stephen se aproximou antes de mim e o deitou no piso com segurança e delicadeza. Por algum motivo Juan lhe deu, há muitos anos, sua marca e sua confiança. Com sua própria roupa, secou suavemente o suor do peito e do pescoço de Juan. Depois se sentou a seu lado. Se não acordasse logo, seria preciso sair à procura de Graciela. Medi sua pulsação e me surpreendi: estava muito rápida, mas muito regular; ele respirava com ansiedade, mas sem desespero. Quando Laura finalmente tomou coragem de se aproximar, Juan estava quase calmo, mas ainda inconsciente. Também não estava febril. Não foi preciso levá-lo ao hospital nem ir atrás da doutora. Nós três o tiramos dali e voltamos para nossa casa.

Laura nos contou, depois, que tinha ouvido a voz da Escuridão. Abriu um uísque e o tomou do gargalo para acrescentar que não entendera nada, em nenhuma língua, que lhe parecera um idioma completamente desconhecido. Ninguém a entende, amiga, disse Juan, que descansava com os olhos fechados,

mas perfeitamente lúcido. A questão não é se é possível entendê-la. A questão é se ela fala conosco ou apenas em seu abismo, se o que fala é a fome sobre o vazio. Se tem algo além da inteligência da tempestade ou da terra quando treme. Se é algo além de mais uma cegueira, que só nos parece iluminada porque não a conhecemos.

Nesse mesmo dia ficamos sabendo, através de uma ligação de Florence, que Eddie tinha fugido. Ela queria saber se estava conosco. O desaparecimento de Eddie e o aparecimento do Lugar de Poder sem dúvida estavam relacionados, mas não ousamos conjecturar como.

* * *

Acordei sozinha na cama e encontrei Juan sentado, em uma poltrona, olhando pela janela. Lá fora o céu estava muito azul, e havia pássaros nas árvores da calçada em frente. Eu me sentei em suas pernas: ele tinha chorado e fiquei preocupada, porque Juan quase nunca chorava. Tirei sua camiseta e me apoiei nua sobre ele: precisava fazê-lo sentir meu corpo.

— Sinto muito — disse. — Queria que este lugar fosse diferente para você. Não sabe todas as coisas que eu imaginei. Pegar o trem, irmos a Brighton, você não imagina como os peixes de lá são saborosos, apesar dos pássaros superabusados que os afanam. Aqui se come peixe na praia, como nós comemos os churros. Pensava em pedir a papai para comprar uma casa para a gente perto do mar. Também imaginei que poderíamos dar festas nesta casa, com os garotos, ninguém reclama da música alta. Pensei em encher este quarto de discos e livros, cuidar de você, adiar a volta, eles deixariam. E aconteceu isso, primeiro a porta, e o Outro Lugar: a princípio eu gostei, somos como exploradores, pensei, você sabe que as expedições me fascinam, eu invejo as mulheres que abriram as pirâmides, invejo. Mas todas as vezes que voltamos do

outro lugar pensei que injusto, é injusto. Não te deixa em paz. Eu queria outra vida para nós, um tempo. Um respiro. E agora isso. Um Lugar de Poder a metros de distância. Eu te trouxe para uma armadilha.

— As armadilhas me encontram. Por isso você foi embora de perto mim, não foi? — perguntou, beijando meu rosto com delicadeza. Seus lábios estavam supersecos. — Porque sabia, no fundo, que essa vida era impossível comigo e queria experimentá-la sozinha; porque sabia que, comigo, os deuses sempre estarão em primeiro lugar.

— Você vai me perdoar?

— Nunca houve nada a perdoar. Fico feliz que você tenha feito isso.

Eu me aninhei nele. Peguei suas mãos, coloquei-as em meu pescoço, em minha barriga, queria que ele sentisse o movimento do meu ventre e minha respiração. Seus olhos estavam mortos demais.

— Vai embora, meu amor. Me deixa. Eu não posso ir, mas você, sim, pode fugir de mim, deles. Não existe nada, Rosario, são campos de morte e loucura, não existe nada, e eu sou a porta para esse nada e não poderei fechá-la. Não há nada a procurar, nada a entender.

— Nunca vou te deixar. Me pede outra coisa.

— Se você não vai, então não me deixe sozinho. Nem que você morra. Persiga-me como um fantasma, *haunt me*.

— É claro — respondi. — Faria qualquer coisa por você.

* * *

Florence pediu que o Cerimonial fosse realizado logo e Juan concordou: entendia que ela precisava ver para crer. Quase desmaiou quando dissemos que havia um lugar de poder em Cheyne Walk. Não é possível, repetia. Em Chelsea? Você deveria ter sentido. Ele o procurou e o encontrou, eu disse a ela.

Jamais dissemos como e por que exatamente ele o havia encontrado. Proibimos uns aos outros de falar sobre o Outro Lugar. Era nosso. Para que, ainda não sabíamos, mas ele nos pertencia.

Os Iniciados acenderam as velas. Parecia muito uma vigília cristã: tinha a mesma beleza tênue e sinistra, as ruas iluminadas pela luz âmbar, as igrejas do interior e os sussurros dos fiéis. Era perigoso, em Londres, argumentou Florence, e por isso pediu a todos que se vestissem como se fossem a uma festa. Chegaram com máscaras e vestidos de seda; com peitilhos de camisa sofisticados e saltos vertiginosos. Alguns permaneceram vestidos. Outros, como Stephen, aguardaram nus. Invejei as cicatrizes em suas costas. Eu também as desejava, mas naquela noite não seria possível. Juan me pediu para não participar. Os escribas se posicionaram na lateral, como sempre. Não havia lugar para muitos Iniciados. Graciela foi transferida para outra casa próxima. Por ser a médica do médium, não tinha permissão para comparecer ao Cerimonial. Meu tio não perdia nenhum. Uma imprudência, mas ele era o sangue.

Juan ergueu as mãos no quarto que escolhemos para prepará-lo. Desceria as escadas para presidir o Cerimonial. Eu pensei em Laura e pedi: oxalá esta noite seja ela quem receba suas cicatrizes, suas medalhas, ela as merece. Eu o vesti, cobri-o com a bela túnica de renda negra que tapava seu rosto e caía sobre o peito. Minha mãe estava presente entre os Iniciados, com seu couro cabeludo à vista entre os escassos cabelos brancos, quase careca, seu corpo horrível, seco, com a pouca gordura em todos os lugares errados. Peguei Juan pelo pescoço, sem delicadeza, não era preciso, senti sua pulsação na palma das mãos. Não morra hoje, ordenei, e olhei em seus olhos um pouco verdes e um pouco amarelos. Não morra hoje e, se puder, leve minha mãe.

Já preparado, pegou minha mão e a apoiou sobre sua cicatriz do braço, aquela outra mão marcada, queimada, a mão esquerda da Escuridão. Não

morra hoje à noite, repeti, embora ele não me escutasse mais. Eu o vi sair, o corredor, a escada, e acariciei a pena de caburé que Juan me entregou antes de ir embora, o amuleto que lhe dei há muito tempo e que ele nunca leva para os Cerimoniais onde os pequenos feitiços deste mundo não são nada. Sozinha, escutando os gritos dos Iniciados que eram mutilados e comidos, aprisionados pela Escuridão implacável, entendi cada vez mais o poder do secreto. Alguém que caminha entre os demais sem fazer parte deles. Alguns, suponho que Florence, por exemplo, devem sentir que caminham sobre os demais, mas eu não. Eu sinto que caminho por passadiços coloridos que ninguém mais conhece, sinto que os outros estão iluminados por uma lâmpada fraquinha enquanto eu sou iluminada por uma luz deslumbrante. É estranho que eu pense em luz, porque sempre me explicaram que existimos para a escuridão.

* * *

Depois do Cerimonial, que segundo os padrões de Florence tinha sido um sucesso, Juan decidiu que passaríamos alguns meses sem ir ao Outro Lugar e que o outono seria dedicado ao início da minha tese. Já tinha o título: *O culto aos ossos na etnia mbyá. Origem e resignificação urbanomigratória: a figura do São Morte na cultura crioula do Litoral*. Faltava ainda, é claro, grande parte do trabalho de campo, as entrevistas, o território. Planejava uma visita a Misiones exclusivamente para colher testemunhos: Tali havia prometido me ajudar e já tinha me colocado em contato com um antropólogo paraguaio que sabia mais do que ninguém sobre religiosidade guarani. Juan queria estudar, com Laura, e ela estava fascinada. A casa se encheu de círculos, e eles pareciam crianças, trancados no quarto ou passeando pelos cemitérios de Londres, como se lidar com espíritos fosse uma piada. Stephen e Juan eram perfeitos como andróginos mágicos: a dupla corrente, como chamavam o encontro sexual ritual,

funcionava perfeitamente entre eles. Eles me deixavam sem fôlego: eram capazes de invocar várias entidades em um único dia, e faziam isso de forma tão descuidada e desenfreada que minha meticulosidade inata resistia a acompanhá-los. Eu era a garota dos livros e das listas: apesar de me arriscar, também gostava da ordem. Um dia me recusei a traçar o círculo e o selo porque, disse a eles, para vocês isso é bagunça e estou farta. Juan me ergueu pelos braços e, rindo, prometeu que, quando soubesse de algum suicida, conseguiria para mim a Mão da Glória pela qual estava tão obcecada. E que eu parasse de ser tão séria. Justo ele.

Nessa época, além disso, Laura e Stephen e Juan tinham conseguido se comunicar em segredo. Laura o chamava de *pishogue*. Não podiam usá-lo com muita frequência e muito menos sem Juan, porque irradiava dele: era consequência do selo que tinha sido traçado em seu couro cabeludo no Outro Lugar, quando pediu a habilidade do segredo. Tratava-se de alterar a percepção dos demais, que, conseqüentemente, viam e ouviam o que eles queriam. Uma piscadela na realidade. Eles falavam, e os demais entendiam outra coisa. Faziam isso na minha frente, sem nenhuma consideração, e era desesperador. Juan tinha me ensinado o método detalhadamente e não funcionava, apesar de termos tentado muitas vezes, durante horas, até que cansei e me tranquei no banheiro para chorar. Não conseguia fazer o método e também não conseguia engravidar e garantir a continuidade do sangue. Stephen não podia ter filhos, e Eddie continuava ausente. Eu não conseguia ou não sabia como adquirir alguma habilidade fora dos mecânicos de círculos de giz. Não tinha vontade de estudar. Só queria ir ao Outro Lugar e pegar uma das mãos mortas que agarravam os troncos no bosque. Mas Juan se recusava a me acompanhar. Estava frustrada e furiosa. Até disse a ele: e se for você quem não pode ter filhos?, mas não se ofendeu nem um pouco. É possível, disse. Temos que pedir a Jorge para nos examinar.

É que, amiga querida, não é como andar de bicicleta, disse Stephen. É como tocar piano. Tire Juan dessa conversa, porque ele é diferente de nós. Se não aprendes certas coisas quando criança, nunca mais atingirás o nível necessário. Laura e eu recebemos instrução desde pequenos. Tu também, mas de outro tipo. Deverias agradecer ao teu pai, porque não é certo usar as crianças desse jeito. Mercedes sempre me acusou de ser nula e estéril, e tinha razão. Tua mãe nunca tem razão. Serás a mãe do filho dele, Rosario. E ele te ama. Eu tenho minhas cicatrizes, mas não tenho mais nada.

Para me relaxar, Stephen propôs uma viagem. Podemos buscar Tara e os outros e irmos juntos para a Espanha, Itália, Grécia. Viajaríamos com os guarda-costas, com Graciela e toda a comitiva, mas não seríamos tão diferentes de outros jovens milionários. Afinal não era assim que viajavam os herdeiros da Getty e os Rolling Stones? E nos afastaríamos da Escuridão, desta ilha e da obsessão por encontrar Eddie, que estava enlouquecendo Florence. Havia detetives por toda a Grã-Bretanha procurando pistas do filho caçula e, é claro, a polícia também o procurava. Imaginei o sol sobre o mar e as casas brancas de Cadaqués e disse sim na mesma hora, e fiquei tão contente que quase comecei a fazer as malas, precisava comprar um biquíni, óculos de sol mais bonitos, sandálias para caminhar por Roma. Levaria meus livros. Seria a primeira doutora em antropologia argentina graduada em Cambridge e sentia um orgulho ridículo. Alguém precisava sentir, porque, à exceção de Juan, ninguém mais se importava. Tinha que revisar *Purity and Danger*, de Mary Douglas, e *Les structures*, de Lévi-Strauss. Isso poderia levar um mês. Laura também aceitou viajar: ela mal havia saído da Inglaterra. Custamos a convencer Juan, mas não muito. Ele estava preocupado com Eddie. Dizia que era um fio solto e estava convencido de que, enquanto estivesse ausente, não estaríamos a salvo.

A fuga de Eddie tinha sido muito violenta. Fugiu pela manhã, e ninguém ouviu o ataque aos guardas que o vigiavam, embora certamente eles tenham

gritado, porque Eddie comeu os olhos deles com seus dentes afiados, os dentes que foram serrados quando ele era criança. Tinha conseguido imobilizá-los ou adormecê-los, ninguém sabia os detalhes, os homens não se lembravam do que tinha acontecido, acordaram do transe cegos e loucos de dor. Eddie levou roupa e dinheiro, sinais claros de que não estava tão louco como acreditavam. Eu lamentava nunca ter conversado com ele. Florence teria permitido. Stephen disse que uma relação com Eddie sempre terminava da mesma forma e enumerou os animais que ele maltratou, os colegas de colégio que levou ao suicídio, os diversos cuidadores que acabaram mortos ou mutilados. Juan estava ouvindo. Precisam encontrá-lo, repetiu. Por que o deixaram viver?

Também te deixam viver, respondeu uma vez Stephen.

E talvez estejam errados, disse Juan em voz baixa.

Na noite anterior à viagem, Tara e Sandy nos fizeram uma visita. Vieram com outros amigos, todos integrantes da Ordem, filhos de altos Iniciados. Navid, que era amante de Sandy; Lucian, um dos filhos de Anne e irmão adotivo de Laura — o outro filho era um verdadeiro *old etonian*, com seus ternos e seus sapatos engraxados: queria ser o membro mais jovem do Parlamento. Susie, que vivia na Escócia e sempre nos convidava a sua casa à beira-mar, em Portobello. Lucie, com sua câmera. Os gêmeos Crimson e Genesis. Com todos presentes, quase pudemos reproduzir a vida em Cheyne Walk antes da chegada de Juan. Colocamos *Blonde on Blonde* e Otis Redding e Velvet Underground, tomamos ácido e dançamos até pararmos de ver nossos corpos, desintegrados em partículas brilhantes. Laura gritava que ninguém devia sair da casa, que a viagem não devia ser interrompida, que o grupo deveria permanecer unido. É verdade que é estranho quando alguém abandona a trip: algo é perturbado. Juan não dançava, mas Sandy sentou em seu colo e o beijou. Deixei que ela fizesse isso. Lembro que ela tinha uma boá de penas brilhante, vermelho, que parecia um jato de sangue falso. Tive um

pressentimento horrível e, para espantar meu medo, coloquei o novo disco de David e me deitei ao lado da caixa de som. A primeira canção me fez chorar e rir, porque falava sobre ir à Lua, e só então me dei conta de que tínhamos perdido a alunagem, alguns meses antes. Pior, tínhamos esquecido! Não a vimos. Nunca tínhamos ligado a televisão. Onde estávamos naquela tarde? Observando os torsos? As mãos? Caminhando sobre ossos?

Acho que dormi por um tempo e, quando acordei, todos estavam sentados em círculo. Pensei que estavam olhando as aquarelas do Outro Lugar e quase fiz um escândalo, os loucos da Laura e do Stephen, drogados, mostrando o segredo a nossos amigos, com quem não podíamos compartilhar aquele tipo de coisa. Quando vi que Juan estava escutando com muito interesse, soube que ele jamais permitiria algo assim e que, portanto, devia se tratar de outra coisa.

Tara estava lendo uma carta. Sandy me disse que a tinham passado por debaixo da porta, mas não sabiam quando. O tempo, com o ácido, era impossível delimitar. Eles a tinham visto quando me afastei deles, mas não sabiam há quanto tempo esperava que alguém a abrisse.

Era uma carta de Eddie.

Vocês têm certeza?, gritei, e Stephen disse que sim, reconhecia a letra de seu irmão.

Eu me lembrei da lápide que Eddie tinha desenhado acima de sua cama, os desenhos dos enforcados nas paredes, e olhei para Stephen e Laura: estavam pálidos de medo. Ouvi com atenção a voz de Tara. *Trancado nunca mais, existem mãos na escuridão e não me deixam em paz. Você não se importa que me doa, mãe, muito menos a velha, ela afiou os meus dentes, ela quer que eu a morda. Ninguém ajuda.*

A velha. Mercedes, disse. As crianças da jaula tinham dentes afiados. Precisava evitar que me mordessem porque, ela tinha advertido, podiam transmitir raiva, e eu morreria entre espasmos e me dariam um tiro como

fazem com os cachorros no campo. Será que ele deixou uma carta para Florence também? Não sei, disse Stephen. Minha mãe não está na Inglaterra. Viajou ontem. Foi visitar meu pai.

Ninguém ajuda. Quero ir para as montanhas, posso me deixar cair e as pedras irão bater em todo meu corpo, e então terei os roxos para tocar e sentir a dor. Estou na escuridão e na dor. O usurpador também? Ele não é o médium. A grávida me disse. Vocês pensam que não, mas eu o conheço. Parece um leão. Eu sou como uma raposa e me movo melhor do que ele.

A lucidez paranoica do ácido, que não era mais uma placidez colorida, mas um alerta em todo o corpo, os pelos arrepiados, costurados por arames, forçou-me a romper o círculo e pegar Stephen pelos ombros. Seu irmão está procurando por ele. Temos que ir embora agora mesmo.

A sem olho também é uma usurpadora, como o leão. Eles não merecem nada, não são o sangue. Mãe, você arrancou o olho dela com os dentes. Ou foi a velha. Ela também esteve na Escuridão? Nunca se sabe quem é real e quem não é, todos são reais, não faz sentido tentar distingui-los. Não sei se as mãos são reais. Não me deixam dormir. Mãe, você também não me deixava dormir, é preciso mantê-lo acordado, você dizia, eu te escutava, estava de pé. Sempre acham que não escuto porque não falo. Vocês são inteligentes porque machucar com simplicidade é ser inteligente. Eu também sou inteligente.

Stephen perguntou a Juan se Eddie o havia visto alguma vez. Não sei, respondeu Juan. Eu me recuperei na casa da sua mãe, e ele vivia lá. Passei as noites com Rosario, mas ela saía durante o dia e eu ficava sozinho. Não lembro de sentir a presença de alguém no quarto, mas os remédios para dor são bastante fortes e eu passava horas dormindo.

Sabes por que estou te perguntando isso. Desde criança, meu irmão faz essa brincadeira tão simples, entra nos quartos, nas casas, e, à noite, muda os objetos de lugar. Ou faz outras bobagens, deixa alguma marca nas paredes, um

desenho. Se há jardim, pisoteia um canteiro com flores. De manhã, o dono da casa vê as mudanças e os modestos vandalismos, mas não consegue entender a razão. Chama-os de *creepy crawlers*. Antes de minha mãe trancá-lo, ele fez coisas com uns amigos que tinha contratado em Mayfair, uns dementes, agora eles estão viajando pela Califórnia. Acho que ele te viu. De alguma forma, te conhece.

Olhei para Juan. Nós tínhamos roubado cabelos de Eddie para saber sua história. Talvez tivesse percebido. Juan devolveu meu olhar e compreendi a ordem em seus olhos: não diga nada. Tentei me acalmar, mas não conseguia parar de pensar que as portas da casa não estavam trancadas a chave.

O que ele pode fazer, exatamente?, perguntou Tara ao final. Eddie não consegue ter poder sobre nada nem ninguém, não tem controle sobre seus atos. Isso não é verdade, disse Juan.

Não irão me encontrar. Sempre há maneiras de mudar como uma pessoa se sente, só tenho que encontrar as palavras. Posso anotá-las em minha pele. O leão tem cicatrizes? Todos os filhos têm cicatrizes. Nunca quis morrer porque não há tanta diferença entre a morte e a vida, mãe, você me ensinou isso nesta casa e me ensinaram os poços, algo vivo estava morrendo e não era tão diferente. A grávida sabe, por isso me visita. Ensinaram-lhe errado. Vocês não ensinam direito. Devem parar de nos ensinar assim, com as mãos, com a noite e com a dor.

A grávida é Encarnación, disse Laura, mas nem todos prestaram atenção. É que muitos dos Iniciados não sabem que a médium estava grávida quando se matou. Sabem apenas do suicídio e do massacre. Sandy se levantou: tinha sido contagiada por minha inquietação. É preciso revirar a casa, disse. Todos entendemos. Era preciso procurar se Eddie estava escondido. Juan me segurou pela cintura e em voz baixa, ao ouvido, sussurrou: não se preocupe se abrirem a porta. Eles só conseguem ver um quarto. A chave para o Outro Lugar é minha.

Esta casa não é mais segura, disse Stephen. Temos que sair o mais rápido possível. Temos os carros, os passaportes. Temos os guarda-costas. A agulha saiu do disco e ficamos em silêncio. Nos dividimos em grupos para vasculhar a casa. A cozinha, cada gaveta e os aparadores. Escutei alguém levantar as tábuas da escada que estavam soltas: era Laura, a única que conhecia esse defeito. Não sei quanto tempo passamos assim, drogados, sobressaltados, vasculhando inutilmente cada canto, às vezes morrendo de rir, às vezes gritando de medo porque, no fundo de uma gaveta, sentíamos o apertão de uma mão fantasma. Fizemos um ritual para encontrá-lo, mas não conseguimos nos concentrar, e Laura o anulou. Também não lembro com clareza. Eu tracei o círculo, como sempre.

Dormimos na casa trancada com todas as chaves que encontramos, certos de que não havia ninguém dentro, mas ainda com medo. Não sei por que não fomos embora. Estávamos drogados demais para manter uma decisão. Todos nós dividimos camas: lembro que em uma cama se acomodaram cinco de nossos amigos. Stephen conseguiu falar com Florence de madrugada. Já estava em Cadaqués. Leu a carta para ela, e ela ordenou que partíssemos imediatamente. Eddie não podia sair da Inglaterra, não tinha passaporte e havia um mandado de busca nas fronteiras. Nós ignoramos Florence.

* * *

Fico repassando, mas nunca chego a reconstituir por que exatamente não fomos embora no dia seguinte. O ácido é a desculpa, mas não é suficiente. Sandy estava se sentindo mal, isso é certo: para ela caía muito mal misturar ácido com álcool, e tinha feito isso a noite inteira. Mas Sandy não importava: quem precisava deixar o país éramos Juan, Stephen, Laura e eu. A busca frenética na casa tinha durado muito mais tempo do que pensávamos: até Juan

se levantou depois de meio-dia. Não tínhamos feito as malas. Os guarda-costas nos acalmaram: não havia ninguém na propriedade nem qualquer perigo. Aquela era uma das ruas mais elegantes de Londres, vivíamos cercados por vizinhos ricos e célebres, com sua própria segurança particular. Um intruso teria sido detectado. Estávamos com fome, então Susie e Tara improvisaram um espagete e de alguma forma os ânimos mudaram. Éramos jovens. A noite anterior começou a ser lembrada como uma viagem ruim, o fantasma do filho perdido da Ordem, aquele que nós, de alguma maneira, tínhamos evitado ser. Embora Eddie dissesse em sua carta: todos os filhos têm suas cicatrizes.

Passamos a tarde sobre almofadas e tapetes, como sempre, tomando vinho para nos acalmar porque a maconha podia nos deixar paranoicos de novo. Não fizemos nada além de descansar pela casa, ouvindo a tempestade, sobressaltados pelos trovões. Fizemos as malas com uma lentidão anormal, ao menos é assim que me lembro. Eu passei horas escolhendo se levava um ou dois sáris, por exemplo, e nunca usava sáris. Genesis fez chá e comemos um doce de groselhas que a cozinheira tinha preparado. A tempestade estava muito forte e nos convencemos de que seria impossível pegar a estrada assim; tínhamos certeza, além do mais, de que o ferry não poderia partir. Nenhum de nossos amigos foi embora, tampouco. Como se algo os impedisse.

Genesis e Crimson se abraçaram, cobertos por uma manta, e foram os primeiros a dormir. Os demais foram se retirando aos poucos: bocejavam, espreguiçavam-se, diziam que o estresse da noite anterior os havia deixado exaustos. Stephen disse podemos ir assim mesmo, nós quatro, deixá-los aqui, mas não parecia entusiasmado. Fui eu quem deu a última palavra: é melhor sairmos quando parar de chover. Amanhã de manhã. Cedo, ele me disse. Bem cedo, respondi. Vou colocar o despertador para as seis.

Deixei Juan me abraçar, cheirando a vinho e terra nas mãos e no hálito. Beije-o, mas não fizemos sexo nessa noite. Adormecemos sob a manta afegã

branca que não consigo esquecer, com a qual ainda sonho.

* * *

O tiro partiu a noite: um trovão que desperta do sono, uma pedra que quebra um vidro, um lago congelado que racha. Juan se sentou na cama, e eu dei um pulo. Não era a tempestade, não era um móvel caído, não era um fenômeno mágico ou sobrenatural: era o disparo de uma arma. Conhecia aquele som seco, meu avô e meu pai tinham me ensinado a atirar. Aquela arma era grande, de caça, e eu também a reconheci, porque meu pai caçou a vida inteira e porque, bêbado, costumava atirar dentro de Puerto Reyes.

O segundo disparo chegou acompanhado por gritos masculinos indecifráveis. Juan também saiu da cama, descalço. Por um pudor insólito vestiu as calças rápido. Quando tentei espiar o corredor, ele me agarrou pelo braço com força, mas me desvencilhei para olhar pela janela. Do nosso quarto podíamos ver os guarda-costas. Não estavam em sua posição. Ouvi Genesis, sua voz inconfundível, o sotaque escocês, pedindo por favor. Disse o nome de Eddie. Houve uma correria. Corpos caindo no chão. Mais gritos. A porta se abriu minutos depois. Gritei, não pude me conter. Era Stephen. Estava seminu, pálido e furioso, como sempre que sentia medo. É meu irmão, disse. Veio atrás de ti.

Mais um grito, de mulher, junto com um novo disparo. Laura. Mais gritos e móveis caindo. Outros três disparos. A sucessão era lenta. Eddie precisava recarregar a escopeta, mas estava matando todos. Depois dos tiros, um uivo.

Estava aqui, então, disse Juan.

Mas nós o procuramos por todos os cantos!, gritei.

Estava no Outro Lugar, Rosario, murmurou Juan.

Compreendi, mas era tarde. Juan também tinha compreendido tarde demais. Sou uma raposa, pensei, e sei me mover melhor do que ele.

Não devemos correr, sussurrou Stephen. Eu tinha me coberto com a manta branca, porque estava nua. O objetivo era alcançar a escada de serviço, ao final do corredor, que levava à cozinha. Ouvimos mais disparos e portas se fechando. O corre-corre não ia muito longe. Nós também não. Mais dois tiros, e Eddie saiu do quarto da esquina, se virou e nos viu. Sua cara e suas roupas estavam manchadas de sangue. A luz do corredor não estava acesa, mas era possível vê-lo bem. Em seu rosto muito jovem, sardento, de olhos pálidos e cabelos tão vermelhos como os de sua mãe, apareceu uma expressão de alívio. Tinha encontrado quem estava procurando. E apontou. Incrivelmente, não acertou Juan. Errou por pouco. Ele não tem um dedo, pensei. Não consegue usar a arma totalmente direito. A bala passou de raspão pelo meu ombro, que sangrou e manchou a manta. Era um ferimento sem importância, mas foi o suficiente para enfurecer Juan: quando Eddie tentou recarregar a arma, desajeitadamente, porque uma escopeta de caça tem dois cartuchos, Juan se lançou sobre ele e, com um único gesto, tirou a escopeta de suas mãos e a jogou por cima do corrimão. Caiu no chão do andar de baixo. Não sei como ele ousou fazer isso: a manobra exigia reflexos de animal. Não tive medo por ele, lembro. Sempre intuí que ganharia aquela briga. Queria ajudá-lo, disso também me lembro, mas não sabia como. Não era minha história, penso agora. Eram os dois que precisavam resolvê-la. Juan agarrou Eddie pelo pescoço e o arrastou até a porta que levava ao Outro Lugar. Abriu-a. Eu os segui. Meu ombro ardia como se estivesse em chamas. Com um pontapé, fez Eddie entrar no Outro Lugar e o levou arrastado até o final da passagem. Eu corri atrás deles em silêncio. Juan sabia o que estava fazendo. Caminhava com a segurança de um predador.

Foi Stephen quem fechou a porta, eu soube depois. Não quis presenciar o destino de seu irmão.

Eddie tentou se levantar, mas Juan colocou um pé sobre seu peito. Deviam ter a mesma idade, mas Eddie parecia um adolescente e até uma criança. Tentava resistir, mas estava muito magro, e Juan tinha uma vantagem impossível: o Outro Lugar estava do seu lado.

Quando você se enfiou aqui, gritou Juan. Eddie mordeu a perna dele e recebeu um chute na cara que quebrou seu nariz e o afogou em sangue. A temperatura tinha subido no Outro Lugar. Era um calor semelhante ao do bafo da respiração. Finalmente entendi por que Laura dizia que era uma boca. Juan soltou Eddie, que tentou se levantar de novo e não conseguiu: desabou de barriga para cima, agonizando. Juan se aproximou dele com calma e se sentou sobre seus quadris raquíticos. O filho de Florence: o que haviam treinado para ser médium como se isso fosse possível, como se todos os experimentos tentados durante muitos anos não tivessem demonstrado fartamente que a Escuridão encontra o médium, e não o contrário. Por que você quer me matar, perguntou Juan, aproximando a boca à de Eddie. Era uma cena de amor. As lágrimas não me deixavam vê-los direito. Eram belos brigando sob o céu sem estrelas, envoltos pela respiração pesada do Outro Lugar.

— Disse que você estava no primeiro, mas não era verdade. Estúpida, estúpida.

Ele se referia ao primeiro quarto, no andar de baixo, onde começou a atirar.

— Quem te disse isso?

— A garota grávida. Ela não enxerga direito! Queimaram seus olhos.

— Você conhecia este lugar?

— Esta porta não, mas estive aqui antes. Em outro lado. Não tem limites. Não se deve abri-lo. Ela me indicou a porta. A garota grávida. Não se deve abri-la.

Não sei em que idioma falavam, mas eu ouvi a conversa com clareza. Eddie fazia um esforço para se erguer e abria a boca: os dentes de garoto-raposa eram tudo o que lhe restava contra Juan. *It has to end*, entendi, num momento, e a voz que disse isso era a de Eddie, cheia de calma, convincente.

— Vocês têm razão — respondeu Juan. — Não se deve abri-la. Precisa acabar. Mas eu não posso fazer isso, porque esta é minha terra.

Eddie continuou lutando e dando dentadas no ar. Acho que não sentia medo porque sabia onde estava. O Outro Lugar acompanhava as mordidas de Eddie com baforadas fétidas: agora tudo fedia como uma boca com fome. Juan deu um soco nele e ouvi, no silêncio do vale, o estalo do pômulo se quebrando. Eddie não sabia lutar, só era teimoso e não sentia dor.

— Por quê? — gritou Juan. Com um golpe deslocou o ombro de Eddie. O Outro Lugar pareceu aplaudir, acompanhar o estalo da articulação.

Eddie finalmente respondeu. Porque você é um impostor. Porque tudo isso deveria ser meu, eles me prometeram. Não podia ser de mais ninguém. A garota grávida tinha dito a ele que precisava acabar com a descendência, não poderia haver mais filhos, as portas tinham que ser fechadas.

Eddie já não resistia. Reclamava. Não é a dor, disse, a dor não me importa, o que dói é perder e perder e perder.

— Me ajuda — disse-me Juan, sem olhar para mim.

Eu me aproximei e, quando estava a seu lado, ficou de pé e quebrou o esterno de Eddie com um chute. O garoto gritou e desmaiou. Por que estava tão fraco? Tinha brigado, e o ar no Outro Lugar o deixava sem fôlego, mas senti que não havia resistido o suficiente. Do lado de fora, tinha matado. Dentro, rendia-se. Eddie começou a tossir sangue, e sangrar pelo nariz. Reagi e entreguei a manta de pele branca a Juan. Estar nua no Outro Lugar fez com que eu me sentisse vulnerável de uma maneira nova e obscena. Esperava uma garra, uma mão entre as pernas, alguém que me levasse até o vale dos torsos

para usar meu corpo como decoração. Mas eu estava com Juan, e ele era o guardião; iria me proteger.

Juan colocou Eddie sobre a manta e fez um sinal para que eu a levantasse do lado dos pés. Ele a ergueu na outra extremidade. Nós o carregamos como se fosse um soldado retirado do campo de batalha em uma maca improvisada. Machuquei os pés descalços com os ossos e senti diretamente sobre a pele a respiração do Outro Lugar. Eddie pesava muito pouco, mas eu estava sem ar. Juan olhou para mim uma única vez, para confirmar se eu era capaz de fazer aquilo, e eu disse que sim.

Não sabia para onde íamos, mas o caminho de ossos que estávamos seguindo tinha se alargado. Agora, era uma avenida. Encontramos uma passagem estreita no sentido oposto ao que levava ao Vale dos Torsos. Descemos com dificuldade até chegar a uma clareira similar às outras, mas com árvores muito espaçadas, algumas eram simplesmente troncos, outras tinham copas altas. Pedi a Juan uma pausa para descansar, e ele me concedeu. Eddie gemia. Quando consegui focar na clareira e em suas árvores, vi as figuras penduradas nos galhos. Eram pessoas. Juan tirou Eddie da manta e empurrou o corpo para que rolasse colina abaixo. Depois descemos, sozinhos, com mais facilidade. Juan carregou a manta e me deu a mão: estava gelada, diferente da minha, que queimava. É porque você está viva, disse ele, e eu não respondi. Ia pendurar Eddie junto aos outros. Era um ato mecânico, um trabalho antigo e repetido. Havia várias árvores vazias, e escolheu uma com a copa relativamente baixa, os galhos a seu alcance.

Não o penduraria vivo, no entanto. Debaixo da árvore, segurou o pescoço de Eddie com as mãos e o apertou. Olhei para ele fascinada. Juan matava com seriedade e segurança, como se tivesse feito isso muitas vezes antes. Era o sacrifício que o Outro Lugar queria. Quase dava para ouvi-lo saborear aquele momento. Ouviam-se estalos por todo o vale, e não eram os galhos, era a

satisfação de uma língua imensa. Senti pena de Eddie, mas vê-lo morrer me fascinava. Não havia decepção pior do que acreditar ser o escolhido e não o ser. Penso, até hoje, que aceitou seu fim. Talvez até o tenha procurado. Os olhos de Eddie estavam vermelhos, a boca azul, tinha sangue nos lábios, o pescoço, o esterno afundado. Estava destroçado. Havia cortado a língua com os dentes. Juan ficou de pé. O ar do Outro Lugar apestava. Tantas vezes eu tinha me perguntado por que um lugar decorado com restos humanos não cheirava absolutamente a nada e, agora me dava conta, era uma questão de percepção, de reconhecimento de território. O lugar entregava aos poucos: como se acendesse as luzes de cantos escuros e revelasse novos cenários, portas ocultas, horizontes que até então pareciam pinturas.

Ao lado de cada árvore havia cordas: estava tudo preparado. Juan não sabia dar nós, mas eu sim. Meu pai tinha me ensinado no barco. Mostrei a ele como atá-los. Era ele quem precisava pendurá-lo, mas eu podia oferecer meus conselhos. Antes me aproximei dos que estavam pendurados em volta, para entender o procedimento. Era muito simples. Estavam de cabeça para baixo. Juan devia amarrar o pé direito de Eddie a um galho e deixá-lo cair.

Quando o levantou, teve dificuldade para içá-lo: Juan já estava cansado. O preço que pagaria pelo esforço era incalculável. Para que Eddie não caísse, sustentou-o com a força do próprio corpo, mas escorregou várias vezes para o chão. Quis ajudá-lo, mas me deteve com um gesto de mão. Eu não devia profanar o sacrifício. Eddie estava de olhos abertos e, do chão, de barriga para cima, parecia olhar para o céu sem estrelas. Conseguiu pendurá-lo na terceira tentativa. Dobrou a perna esquerda de Eddie de modo que ficasse atrás da que estava pendurada. Então o amarrou à árvore pela cintura com a corda; usou o restante para amarrar as mãos atrás do tronco. Algumas versões do Tarô deixam as mãos soltas, mas lá, no Outro Lugar, parecia apropriado respeitar a versão tradicional.

Quando ficou pronta, contemplei sua obra. O Arcano 12. Eddie o havia pintado em seu quarto. Essa história era antiga. Nos afastamos de Eddie para visitar os pendurados mais próximos. Alguns nós eram profissionais, outros pareciam laços: não era realmente a corda que os sustentava. Havia homens e mulheres, e seus corpos estavam conservados; nenhum tinha sinais de putrefação nem, aparentemente, de violência, embora, é claro, todos tivessem sido assassinados de uma maneira ou de outra. Não havia mais nada a fazer, mas algo nos detinha, e Juan compreendeu. Poderia levar alguma coisa, como acontecia sempre que oferecia um sacrifício: o Lugar queria recompensá-lo. Olhei para as mãos dele. Estavam envoltas por luz negra. Obrigado, disse Juan em voz alta. Com um toque certo, porque agora ele era fio e arma, cortou uma das mãos de Eddie. Para minha mulher, disse. A Mão da Glória, que tanto deseja. Ofereceu-a a mim e chorei, consternada e grata.

Voltamos para a casa. Stephen estava esperando por nós. Não chamaria a polícia: a Ordem se encarregaria do desastre. A arma que seu irmão tinha usado permanecia no andar de baixo, a evidência de que precisávamos para não sermos acusados, agora que Eddie jamais voltaria a ser encontrado neste mundo.

Os mortos estavam mortos, e era culpa desta vida escolhida ou condenada, de acordo com o ponto de vista. O sacrifício de Eddie tinha sido necessário, assim como a purgação. Apenas sobrevivemos Stephen, Juan e eu. Me irritava que Juan não pudesse entender isso e acreditasse, com um desespero sombrio e, na minha opinião, exagerado, que tudo era culpa sua. O monstro está sempre à espreita no labirinto, e aquele que nele ingressa sabe que, se não está na primeira curva, estará na seguinte. Alguns sabem como esticar um fio e escapar. Quem chega longe demais, chega sabendo o preço. Juan acreditava que o tiro de Eddie poderia ter me atingido e se culpava. Mas eu não queria que ele

cuidasse de mim. Havia dito isso tantas vezes. Como poderia cuidar de alguém, ele, que estava destinado a viver no abismo.

Viajamos para Cadaqués, como estava previsto. Na bela casa dos Margarall acompanhamos as notícias do massacre de Cheyne Walk, que se misturou a outras terríveis chacinas de 1969. Eddie Mathers, Charles Manson, Hells Angels, a bomba na Piazza Fontana, o artigo sobre My Lai. Eddie foi considerado o responsável: suas digitais estavam na arma e por toda a casa também. Dissemos à polícia que ele tinha fugido; eu, ferida, não consegui ir atrás dele, Juan precisou abandonar a perseguição por conta de sua saúde, e Stephen chegou mais longe, mas o perdeu. Também contamos essa história a Florence e Pedro, e eles acreditaram: como não acreditariam se eles haviam se conhecido graças a uma purgação semelhante. Florence ficou surpresa por Eddie não ter se suicidado; ela tinha suas próprias e imprecisas dúvidas. Procuraram seu corpo no rio, sem sucesso. A outra testemunha viva era Graciela, a médica: quando ouviu os tiros, quis chamar a polícia, mas o telefone estava mudo. Eddie havia cortados os cabos.

No terraço, olhando o mar tão azul, o balanço dos barcos, as casas brancas, tive tempo para pensar. Encarnación, morta e grávida, suicida, estuprada por homens da Ordem. Eddie, o filho destroçado. Os dois queriam deter a linhagem e os dois quase tinham acabado com a Ordem de diferentes maneiras: Encarnación acabou com os velhos, Eddie com os filhos. Não com todos, é claro. Estavam certos, dizia Juan, mas agora, mais do que nunca, eu queria um filho. Meu filho não seria entregue nem maltratado. E seria o primeiro filho de um médium. Teria uma família com Juan e, quando chegasse o momento de liderar a Ordem ou quando chegasse a interpretação correta de como manter a consciência viva, não seriam Florence, Mercedes e Anne quem dariam as ordens. Ou, ao menos, teriam que negociar comigo.

Lidar com a depressão de Juan foi o mais difícil. Nos dias em Cadaqués, ele não saiu de seu quarto. Não suportava estar na casa dos pais de Eddie e estava sempre prestes a confessar o crime. Não se suicidou apenas porque eu estava sempre vigiando. Não me dava atenção. Não queria ver Stephen. Eu compreendia que precisava esperar e tinha certeza, além disso, de que um filho o reanimaria. Precisava cuidar de alguém indefeso e seu. Esquecer de si mesmo.

A depressão de Juan não estava relacionada apenas às mortes pelas quais se julgava responsável. Nem ao sacrifício de Eddie. Depois do massacre, passamos um dia prestando depoimento. E o dia seguinte na casa de Florence. Não tínhamos por que retornar a Cheyne Walk: se precisássemos de roupas ou documentos, um assistente poderia buscá-los. Juan quis voltar porque tinha uma cisma, e Stephen o acompanhou. A passagem ao Outro Lugar havia sido fechada. Agora, quando Juan abria a porta, encontrava apenas a cama, os quadros, a janela. Insistiu várias vezes. Pediu por favor, apoiado contra a madeira. O Outro Lugar tinha ido embora depois de receber o sacrifício. Pássaro que comeu, voou, como diziam na Argentina. Eddie estava perdido naquele mundo morto. Obviamente, o Lugar de Poder também havia secado. Florence recebeu a notícia com um grito. Não sabia como interpretá-la. Relacionava-a, é claro, à purgação que Eddie executara, mas faltavam-lhe dados para compreender totalmente o que havia acontecido. Apenas um Cerimonial em Londres, me disse. Que desperdício.

Juan se sentiu livre e ao mesmo tempo desesperado quando descobriu que seus centros de poder tinham desaparecido. Pensei em ir embora. Caminhar até a estação de trem mais próxima, descer em uma cidadezinha, beber uma cerveja em um pub, ocupar algum dos sítios abandonados, morrer nas ruínas de algum castelo à beira da estrada.

Por que não fez isso?, perguntei. Sempre dizem que podem te encontrar, mas, se você é a ponta solta, aquele que pode escapar? Estávamos na penumbra

do quarto de Cadaqués, e eu podia sentir seu coração bater, arritmico e desenfreado, contra meu próprio peito.

Não quero morrer afogado em um hotel de interior com os pulmões cheios de fluidos e metade do corpo paralisado. Não sei trabalhar. Não sei me orientar com um mapa. É fácil falar sobre abandonar, deixar, morrer, mudar, quando deixar tudo não significa nada. Sentir o poder em todo o corpo, rasgar costas, minha parte como companheiro do deus da noite, isso significa alguma coisa. Isso é meu.

E eu, disse em voz baixa.

E você, ele respondeu.

* * *

Voltar para a Argentina, para Juan, era um fracasso, e para mim era a língua recuperada, as mãos que se soltavam, o sangue limpo de drogas, terminar de estudar em minha casa, procurar o meu filho lá onde iria encontrá-lo. Puerto Reyes, as tempestades de verão, tomar um trago no barco do meu pai, ir com Tali à selva e às reservas, viajar ao Paraguai morrendo de rir. Ter um casamento burguês, meu marido frágil e belo esperando na arcada, lendo poesia. Era uma vida de jovens milionários esperando o herdeiro. Embora já não fôssemos jovens, depois do massacre. Antes de voltar para a Argentina pude, por fim, visitar o túmulo de Laura. Também queria partir para esquecê-la. Toda a cidade me fazia lembrar dela. Cada rua tinha um significado em seus mapas alternativos. Havíamos caminhado por cada parque e cada cemitério. Ela foi colocada perto da médium Olanna, em Highgate. Pés de morango cresciam sobre os túmulos. Stephen me dissera que, em sua primeira visita, tinha visto uma raposa. Deitei sobre o túmulo de Laura, lembrei de seu corpo sujo e tatuado e lhe disse adeus e prometi pensar nela, mas quando me levantei e senti

o ombro repuxar, a dor surda do tiro inofensivo que, no entanto, às vezes doía, pensei que aquele era o meu momento e o de Juan e que aquela morte e as outras deveriam ser deixadas para trás, assim como, em seu momento, Florence as havia deixado.

O Outro Lugar também tinha me transformado. Caminhar nua com seu bafo em minha pele me deixou uma espécie de couraça. E, ainda que tenha sido difícil, Juan e eu conseguimos recuperar a intimidade. Agora compartilhávamos um segredo. Agora nós dois estávamos marcados. Fazíamos sexo com ternura e frenesi, e mais do que nunca. Eu tinha abortos espontâneos e não contava para ele. Ficava olhando o sangue espesso e fora de hora que fluía na água do vaso sanitário ou da banheira. A hora chegaria. Meu filho seria concebido em Puerto Reyes. Lá, também, acabaria a depressão sombria de Juan, que seria substituída por uma raiva permanente: nunca consegui arrancá-la. Ele temia por nosso filho. Temia não poder ou não saber protegê-lo, morrer antes de conhecê-lo; amá-lo demais ou ser indiferente a ele. Não sei o que irei sentir, ele me disse uma vez.

Você vai sentir o que for preciso, respondi.

— Acho que a Marcelina enterrou a minha faquinha. Não aguento mais essa mania dela.

Tali passou a mão pelos longos cabelos. Estava quente, mas o vento, que anunciava chuva, balançava as árvores e refrescava o pátio dos fundos de Puerto Reyes, logo antes do jardim e mais para lá o parque, a casa de hóspedes, o resto da propriedade que se fundia com a selva. Depois de se acomodar nas almofadas, serviu o mate e passou para mim. Não tomávamos mate frio nem mesmo no verão. Juan ainda se recuperava do Cerimonial no quarto-hospital e nós estávamos perto dele, mas fora: ficar naquele quarto era insuportável, com os médicos, as máquinas barulhentas, a espera. A maioria dos Iniciados tinha voltado a seus lugares de origem e apenas a família ficara em Puerto Reyes. Meu pai, passando sua bebedeira na praia. As três mulheres, trancadas com os escribas há dias. Stephen, sim, ficava acompanhando Juan, o mais fiel, inclusive muito mais fiel desde a morte de Eddie. Aos meus pés estava Gaspar, engatinhando e tentando comer folhas, flores, insetos.

— Levou a criança até ele? Isso lhe faz bem.

— A ele faz, mas a Gaspar não. Hoje percebeu que Juan estava sofrendo e levei horas para acalmá-lo.

— *Angá*, você não me disse nada.

— Foi hoje de manhã.

Tali tirou uma flor de jacarandá da boca de Gaspar. Era louco por aquelas flores e as comia como se fossem balas.

— Eu gostava muito daquela faquinha.

— Pergunta para ela onde está e ela te dará. Os guaranis adoram enterrar, ela herdou esse costume da avó.

— Quando o pai se recuperar, teremos que voltar para Assunção. Podemos levar o bebê. Podemos ir os quatro.

Estávamos colaborando com a montagem da sala de artesanatos do Museu Regional de Assunção e tínhamos conseguido que o diretor nos deixasse ocupar uma sala inteira com a coleção de estatuetas de São Morte. Meu pai tinha reclamado, mas ele não tinha nenhuma autoridade: na maior parte do tempo estava tão bêbado que era incapaz de lembrar o que queria. Obviamente, não era uma doação: a coleção estava emprestada por tempo indeterminado. E as estatuetas mais importantes ficavam no templo de Tali, em Corrientes. Ela nunca se separaria das poderosas.

Terminei minha tese em Puerto Reyes e viajei sozinha para defendê-la em Cambridge. Fiquei apenas uma semana na Inglaterra e fui visitar o túmulo de Laura todos os dias. Depois, publiquei a tese em revistas de antropologia de vários países. Logo começaria a dar aulas na Universidade de Buenos Aires e precisava de uma casa na capital que não fosse no edifício de minha família, ao qual não queria voltar. Juan, enquanto isso, dedicava-se a cuidar de Gaspar, a estudar e ler e, junto com Stephen, a procurar uma porta, uma passagem até o Outro Lugar. Ainda não tinham encontrado nada: Juan acreditava que Puerto Reyes podia abrigar um portal, mas não estava a seu alcance, apenas o pressentia. Onde procurar, então? Stephen tinha uma ideia: perto do hospital onde Jorge o operou e onde pela primeira vez Juan foi alcançado pela Escuridão. Viajavam frequentemente para Buenos Aires com uma desculpa qualquer, embora já não lhes pedissem tantas explicações. Na nova fase da Ordem, depois do desaparecimento de Eddie e do massacre, muitas coisas tinham mudado.

Outras não mudaram nada. Depois de grandes discussões, Florence aceitou monitorar Gaspar em um ritual consentido, simples e efetivo, proposto por mim. Duas vezes por ano deveria ser levado ao Lugar de Poder de Juan, e as mulheres traçariam com sangue um círculo ao seu redor. Sangue arterial, que é o que busca e encontra, como ensinava Laura, sangue que os próprios Iniciados ofereciam. Usavam, também, a caveira de Olanna com seus rubis encrustados. Aos dois anos, Gaspar já tinha estado no círculo várias vezes, e em todas havia engatinhado e olhado para os membros espectadores da Ordem com uma mistura de curiosidade e preocupação, nunca com medo. Não dava um único sinal de compreender o que estava acontecendo ou de estar em contato com alguma energia que surgisse do Lugar de Poder. Juan e eu sempre estávamos presentes. Gaspar era um bebê normal, talvez mais agarrado ao pai do que era comum em sua idade. Dormia muito, chorava pouco e às vezes ficava olhando algum inseto ou a televisão com concentração excessiva.

Juan e eu brigávamos muito a respeito de Gaspar. Muito e diariamente.

— Se ele se manifestar, sei como posso evitar — dizia ele. — Existem muitas formas de anular isso, e você as conhece.

Isso me incomodava.

— Gaspar tem direito de fazer parte da Ordem se quiser. Eu também tenho poder. Não vão fazer nada contra ele.

— Confio em você, mas não confio neles. Também posso evitar que ele faça parte da Ordem se eu quiser.

Não gostava de discutir, mas, se não fosse com ele, não teria ninguém com quem falar sobre meu filho e o que o esperava. Antes dele nascer, eu desejava que acontecesse o improvável: que herdasse as habilidades do pai. Realmente acreditava que isso podia acontecer e que Gaspar seria um médium diferente. Eu o tinha concebido na data indicada e com os signos indicados. Juan não se opôs, ao menos não ativamente. A gestação tinha sido incrivelmente simples.

Só tive enjoos e mal-estar no primeiro mês. Depois, foi como se tivessem injetado luz em mim. Trabalhei todos os dias, estava cheia de energia. Ideias, escrita, entrevistas na floresta, até brigas com meu pai sobre a plantação de erva-mate. Junto com Tali e Betty, que estava totalmente dedicada à política e às vezes nos visitava — seu companheiro, Eduardo, era um militante de esquerda e sentia um enorme desprezo por nossa família —, tinha praticamente obrigado a empresa a legalizar os trabalhadores das plantações. Agora recebiam uma miséria, mas recebiam alguma coisa. E assim foi quase todos os dias, desde então: nem mesmo ficava com sono, apenas uma fome feroz. Estava gorda e chorava por estar gorda, o que fazia Juan rir. Mas nunca fui infeliz: a excitação me impedia.

Juan fumava, agora. Isso deixava meu tio desesperado, mas ninguém conseguia convencê-lo a mudar hábito nenhum. Fumava mais quando discutíamos aos gritos. A Escuridão tinha ditado como perpetuar a consciência: tínhamos que transferi-la de um corpo a outro. Transmigrar, diriam outras tradições. Eu dizia ocupar, porque era disso que se tratava: roubar um corpo. Era um método repulsivo, porque significava se apropriar de outra vida e de outra identidade. O que ainda não se sabia eram os detalhes do método: quem seriam os receptores da consciência, se podiam ser escolhidos ou deviam ser marcados, ou determinados. A Escuridão devia ditar os passos seguintes e, como de costume, era hermética e caprichosa. Segundo Juan, não havia nada verdadeiro no ditado: jamais conseguirão transportar a consciência porque estavam interpretando errado ou simplesmente inventando, sugestionados. A discussão começava porque eu não concordava com essa afirmação. Eu não desconfiava do ditado como ele ou como Laura tinha feito. Eu acreditava. A Escuridão não saía de Juan e cortava? Suas mãos não se transformavam em garras, isso não era impossível também? As opiniões divergentes, no entanto, não nos distanciavam. Passávamos as noites acordados, conversando, e

nenhuma briga era totalmente amarga, ainda que terminasse com portas batendo e aos gritos. Era impossível ter certeza e era impossível descrever, porque existiam as provas físicas. Era impossível confiar, porque tudo era nebuloso. E lá estávamos nós, em um lugar que parecia o fim do mundo, cheios de segredos e dúvidas.

— Para que você quer a faquinha, irmã?

— Para algumas plantas. Já sei que tem um jardineiro, não precisa me dizer, mas estas plantas são minhas. Gosto de trabalhar nelas.

A antecipação da tempestade era sufocante: até Gaspar tinha se deitado na manta e contemplava o céu. Isso era normal?, eu me perguntava. A atenção que presta nas coisas? Eu o distraí, e Gaspar, que raramente se irritava, ficou a ponto de chorar. Osman, o cachorro velho, estava ofegando perto de nós. Era cruel que tivesse que passar seus últimos dias no calor de Misiones.

Vi Stephen chegar vindo da casa. Entrou no pequeno jardim, tão pálido que me assustou. Juan está bem, acordado e alerta, disse, e relaxei os ombros. É sobre a minha mãe. Precisa falar contigo a sós.

— Não pode ser nada de bom com você com essa cara.

Gaspar abraçou a perna de Stephen, que o pegou no colo.

— Venha, vamos ver teu pai. — E acrescentou: — Não precisa mais de oxigênio, não se assustará.

Esperavam por mim na sala do primeiro andar, onde sempre se reuniam. A escada de madeira rangia, e o tapete estava muito molhado. Enrolei um pouco, para não chegar nervosa, olhando os quadros do meu pai. O de Cândido López, tão lindo, estava começando a rachar. Devia levá-lo comigo algum dia, roubá-lo, entregá-lo a um museu. Ele não notaria. Entrei um pouco desconfiada no cômodo onde Florence, Anne e minha mãe me esperavam. Sempre se devia desconfiar delas quando estavam juntas. Como dizia mesmo o poema que Juan havia lido para mim alguns dias antes? Uma é uma puta, a

outra uma menina que nunca olhou com desejo para um homem, e a outra pode ser uma rainha.

Florence me cumprimentou com um beijo e ajeitou meus cabelos. Suas mãos cheiravam a *tiger balm*, e as pulseiras tilintavam em seus punhos. Mercedes olhou para mim de cima a baixo: possessividade misturada com zombaria. A maneira habitual de me olhar, desde sempre.

— Querida, este é um dia maravilhoso — disse Florence, e abriu uma garrafa de vinho. Um Leroy. O aroma do borgonha encheu a sala. A alegria desmedida de Florence costumava ser um presságio de notícias ruins. Me incomodou especialmente que estivesse celebrando seja lá o que fosse enquanto Juan, no andar de baixo, sofria em seu corpo os estragos do Cerimonial.

— Não podia esperar, querida. Juan deveria estar aqui, eu sei, mas não é conveniente dar a notícia a ele em seu estado, *it might upset him*. Esperarei até que esteja forte. Devemos tanto a ele, devemos tudo. Minha filha, já sabemos como manter a consciência viva. *e words were so clear. I heard them too*. Os deuses ditaram o Rito para o médium e seu recipiente. O médium transferirá sua consciência ao corpo de seu filho. A continuidade da vida será dada a eles primeiro, e logo chegará a nossa vez. O que queremos dizer, *I'm so excited*, é difícil encontrar as palavras, é que o Rito está completo. Os detalhes da execução nos foram dados. Primeiro para eles dois, logo para os demais. Você pode consultá-los.

Eu me aproximei das páginas abertas sobre a mesa, junto à janela. Não conseguia ler porque estava tonta, mas fingi que estava lendo. É claro que não se tratava do Livro, cuja versão física era guardada em Londres. Havia cópias que ninguém na Ordem, nem mesmo eu, sabia onde estavam. Li signos traçados pela elegante mão de Anne.

Quando terminei de passar as páginas e me virei para elas, as três brindaram. Tinha deixado minha taça sobre a mesa e me obriguei a tomá-la.

Senti o sangue invadir minha cabeça e o meu corpo esfriar, e a tontura me fez tropeçar. Isso era tudo? Era assim que acontecia? Não haveria trovões nem um sinal no céu? Nem grandes discursos para os Iniciados de um púlpito na selva? Não se reuniriam para uma festa que duraria dias em Londres, ou na fazenda pampiana, ou à beira do Mediterrâneo? Apenas aquela celebração de velhas em uma sala quente? Teria que passar a vida eterna com elas?

Eu queria isso?

— Ah, está impressionada — disse Florence. E acendeu um cigarro como um homem festejando o nascimento de seu primogênito.

Estavam eufóricas, com os rostos vulgares avermelhados pelo vinho. Minha mãe, com o cabelo grisalho cada vez mais escasso, falou.

— Se Gaspar não é um médium capaz de continuar o trabalho de seu pai, não importa mais. Não interessa se não herdou o dom. Porque de alguma maneira ele é! A Escuridão disse que a consciência é conservada transferindo-a a outro corpo. Isso nós sabíamos. Agora ela nos disse que o médium poderá continuar indefinidamente. É o que a Escuridão deseja, é claro. E seu filho será o Recipiente.

— Já entendi, Mercedes. — Tentei deixar clara a irritação em minha voz, mas também não queria insultá-la. Detestava, isso sim, que ela sempre repetisse o que Florence explicava, como se seus esclarecimentos fossem necessários. O Recipiente. Era assim que elas chamavam. Como se fosse um balde. O corpo que receberia a consciência de Juan seria o de Gaspar. Já sabiam como fazer isso. Tentei não chorar, não na frente delas. Falei, e minha voz não saiu embargada.

— E quando essa transferência poderá ser feita? Quando Juan deverá deixar seu corpo para se transferir ao de nosso filho?

Florence franziu o cenho. Não gostou que eu dissesse Juan e nosso filho. Isso lhe provocava dúvidas. Por acaso ela espera que eu não resista?, pensei.

Que deixe ir meu bebê tão facilmente e que perca meu homem também? Porque, obviamente, eu não seria a parceira de quem ocupar o corpo do meu filho, mesmo que seja Juan! Mas elas não suportariam uma conversa nesses termos. Nessas conversas formais, exigia-se distanciamento e precisão nos termos. Sabia que deveria ter dito “o médium e o recipiente”, mas não me importava que intuíssem meu mal-estar. O amor é impuro, diziam os olhos de Anne. E era verdade. Contamina e torna você possessiva, selvagem, destrutiva. Florence me disse uma vez: amamos nossos filhos e nossos companheiros até que precisamos deixá-los ir. O sacrifício por algo maior requer nosso desprendimento.

— Não imediatamente, *we'll have to wait*. A criança deve ter 12 anos. Essa é a idade indicada pela Escuridão.

— Irão tentar com outros antes?

— Não nos proibiu de tentar.

— Não faltarão candidatos — disse.

Seu filho é a continuidade, repetiram. Poderão continuar a levar a vida normal que prometemos a vocês até a hora chegar. O Rito será em dez anos. O médium e o Recipiente devem ser preservados com vida durante dez anos.

— Quero que exijam menos do médium, então. Se querem que ele chegue a viver dez anos, será preciso espaçar os Cerimoniais ainda mais. Ontem tiveram que reanimá-lo. Jorge planeja mais cirurgias. Não irá suportar esse ritmo por tantos anos. Já conversamos sobre isso muitas vezes.

— Tenho um acordo com o médium que pode ser renegociado. Os Cerimoniais já são feitos *when he wants to do them*. Não vou entrar em guerra quando há notícias tão boas. Estamos todas agitadas. O importante é que *we can go on*. Alegre-se, filha. Sua família irá trazer o futuro.

Bebi o vinho em vários goles e pedi licença para sair e pensar. É claro, disse Florence. Nós entendemos. É tanta responsabilidade! Ninguém é mais

importante que você, hoje, neste mundo. Claro que precisa ficar sozinha.

Quando ela fechou a porta, caminhei o mais devagar que pude até ter certeza de que não podiam me escutar. Então corri até o rio. Desci as escadas tão rápido que, quando cheguei à praia, estava agitada. Sentei, sequei o suor com a saia e furei a areia com o dedão do pé. Tinha chegado à praia pela outra ponta da casa, a da entrada. Ainda não podia voltar para Gaspar e Juan, tampouco para Tali e Stephen. Precisava me recompor, precisava saber o que pensava depois da primeira reação.

Tinha parido um substituto para o corpo de Juan. Talvez eu tivesse intuído.

Olhei para a água marrom, furta-cor em algumas partes por causa do óleo dos barcos. A circularidade do processo me seduzia. Era um encerramento. Eu tinha visto o médium invocar a Escuridão pela primeira vez, na selva: eu o encontrei. Nós nos apaixonamos. Isso era inevitável. Dei a ele um filho no mesmo lugar onde ele tinha se revelado para mim. Finalmente, oferecia a ele esse corpo para que permanecesse vivo. A Escuridão tinha me guiado pela mão em cada passo. Eu era a verdadeira sacerdotisa. Não aquelas três velhas.

Mas Juan jamais aceitaria isso. Era capaz de se matar e me matar. E estava certo. Eu aceitava seus argumentos. Nunca dar a eles um filho para a Escuridão, repetia. Não continuar com a escravidão. Rebelei-me contra essa ideia, diante do rio. Não precisava ser assim. Gaspar já era o sangue, Gaspar não era um escravo. Pensei em meu filho. Não o amei instantaneamente, não senti aquele amor transbordante que as mulheres descrevem. Eu o havia protegido e alimentado sozinha, quase sem ajuda, a não ser a de Juan. Nunca quis babás. E eu o observei dormir todas as noites para tentar me apaixonar por ele. Era alcançada apenas por uma onda de ternura que não reconhecia como amor. Até que numa madrugada, quando cuidava dele porque estava um pouco resfriado, pensei que tivesse parado de respirar; por um efeito da luz fraca do

corredor, ele pareceu imóvel. O que ele herdou foi a doença do pai, pensei então. Seu coração fraco parou de bater enquanto o observo.

Corri até o berço e, durante o curto percurso, até pegar Gaspar nos braços, me urinei. Encharquei as pernas nuas, deixei uma poça no chão de madeira. Assim era o medo frente à certeza da morte de um filho. Compreendi. Isso era o amor. Só havia morte depois da morte de um filho. Uma negridão sem futuro.

Brinquei com a areia e vi, na camada umedecida, um cabo de madeira. Desenterrei-o. Uma pequena faca. Devia ser a de Tali. Guardei-a no bolso da saia e assim, armada, subi as escadas: entre a praia e a casa havia menos de duzentos metros, mas senti que estava percorrendo quilômetros, porque me dirigia a uma briga sem fim e eu era minha principal inimiga. Tinha fantasiado com orgulho, com soberba e com alegria a possibilidade de entregar um filho aos deuses cruéis, porque Gaspar era o sangue, e Gaspar merecia a possibilidade de um principado e o domínio que um filho poderoso poderia me dar. Eu, que nunca tivera dons, que invejava Olanna, Laura, e até Tali, me imaginei coroada de sombras.

Voltaria a me imaginar assim. Sempre fui capaz de trair. Mas, quando hesitava, me agarrava à lembrança daquela noite, quando achei que meu filho estava morto. E à felicidade desmedida de quando o ouvi chorar.

* * *

Foi a nossa pior briga, a que pareceu definitiva, e tive medo até por antecipação. Era a primeira vez que Juan desconfiava de mim. Eu tinha visto aquele olhar e seu fundo escuro de decepção, mas jamais o havia dirigido a mim.

— Há quanto tempo eles sabem e escondem isso de mim? Por que você armou essa farsa do filho se o estava criando para a morte?

Eu havia pedido a Tali que levasse Gaspar de Puerto Reyes: estava em Corrientes com ela. Acreditava que Juan, em sua fúria, era capaz de nos matar. Além do mais, em Puerto Reyes, perto do Lugar de Poder, poderia fazer isso com grande facilidade. Acabar com tudo onde havia começado. Esse seria seu encerramento.

— Podem me chantagear como quiserem, podem, sei lá, torturar e matar todos vocês, Tali, Stephen. Não vou ocupar o corpo de Gaspar.

Tentei ponderar com ele, mas foi inútil. Nunca se tratou apenas de ser impensável para ele tomar o corpo de seu filho. Juan se identificava com Eddie e com Encarnación, com o jovem escocês, com Olanna: essa era sua linhagem, a dos médiuns usados contra sua vontade. Sua linhagem não era a Ordem, seus exploradores. Ao mesmo tempo, sua posição no Culto tinha mudado: agora, com Gaspar, era parte da família. Consegui fazê-lo acreditar que eu ignorava o Rito. Era verdade, e Juan nunca foi estúpido. Ele desconfiava era da minha recusa em levar o Rito a cabo, e quanto a isso ele não estava errado. As dúvidas me faziam gritar, a ambivalência não me deixava dormir. Nós dois estávamos desesperados, e ele resolveu ir embora. Sumiu por vários dias, acompanhado por Stephen. Eram capazes de fugir juntos. Minha mãe me insultou, me bateu como quando eu era criança, não consegue manter o mínimo, é a única coisa que precisa fazer, deter o médium, mais nada. Mandou buscar Gaspar e me advertiu que, se o garoto fosse entregue a mais alguém sem sua autorização, haveria consequências. É o corpo do médium, disse. É valioso. Muito mais do que você. Florence foi mais piedosa. Podemos encontrá-los com facilidade, não irão fugir, temos empregados que podem fazer isso e a polícia também. No entanto, me olhou com desprezo. Eu era descartável. Havia parido o herdeiro e achavam que podiam prescindir de mim. Suspeitavam que Juan seria reativo ao

Rito porque conheciam seu temperamento, mas tinham a convicção de que, ao final, dobrariam sua vontade. Não precisavam de mim. Eu estava sozinha. Algumas noites dormi com Osman no quarto: o cachorro, quase agonizante, ainda me acompanhava. Morreu uma madrugada, antes de Juan voltar, e chorei com toda a angústia da nossa separação, do futuro incerto de meu filho, de minhas próprias dúvidas.

Juan chegou sem Stephen, fedendo a sexo e cigarro. Desde então, toda vez que ele sai, quando volta, a primeira coisa que faço é abrir sua camisa, desabotoar os botões, levantar a camiseta: preciso tocar sua pele. Os dias sem ele são fisicamente dolorosos para mim. Recuperá-lo depois daquela ausência fez com que eu me sentisse insegura pela primeira vez. Ele também não precisava de mim e era capaz de me deixar. Eu nunca havia imaginado essa possibilidade antes. Assim era minha onipotência. Quando voltou, Juan me disse sinto sua falta, preciso de você, te perdoo, eu te mataria, não posso ficar longe de você nem de Gaspar. Senti seu amor endurecido e sua exigência.

Naquela noite, a do regresso, dormimos juntos, com Gaspar entre nós dois. Ou melhor dizendo: Gaspar dormiu, porque nós colocamos um disco com volume alto o suficiente para que não pudessem nos escutar. Naquele quarto enorme costumávamos dançar com Tali e Stephen enquanto Gaspar aplaudia: eu comprava discos no Brasil, e Stephen sempre trazia da Europa. Os três podiam falar em segredo, mas não faziam isso na minha frente. Eu nunca consegui aprender. Como ele conseguia fazer isso com Tali, que nunca tinha sido treinada? Cada vez mais eu me sentia, e estava, mais sozinha.

Juan pegou o braço de Gaspar com delicadeza e desenhou em seu pulso uma linha fantasma com o dedo indicador. Uma linha grande, que quase chegava ao cotovelo, do lado de fora do braço. Depois tocou a cicatriz que tinha embaixo do cabelo.

— Preciso de um selo específico para manter Gaspar longe da Ordem quando completar doze anos. Um signo que os impeça de encontrá-lo. Tenho que pedir à Escuridão: o que sabemos não será suficiente.

— Em que você está pensando?

— Não vou viver mais dez anos e não quero que Gaspar fique na Ordem. Se eu puder marcá-lo com um selo que os impeça de encontrá-lo, eu o farei. Muitas coisas precisam dar certo. Tenho que encontrar o Outro Lugar e conseguir que ele me ofereça o signo. Certamente exigirão outro sacrifício. Obviamente, eu lhe darei. Um signo no braço, visível, que os desorienta. Se quiserem encontrá-lo, irão se perder. Não poderão investigar onde está, e se o fizerem, não conseguirão chegar. Um signo, uma marca, para escondê-lo.

— E eu? Se não quiser me separar de meu filho, irá escondê-lo de mim?

Ele continuou a traçar o selo fantasma no braço de Gaspar. Só poderia marcá-lo com violência: deveria ser uma ferida profunda e dolorosa, inesquecível, ele me disse. Precisaria machucá-lo.

— Sim, também ficaria oculto para você, mesmo que você saia da Ordem. Mas pretendo que o selo funcione de uma única maneira. Manterá a Ordem longe de Gaspar. É isso o que faz, e apenas isso. Gaspar poderia se aproximar da Ordem se quisesse. Se quiser ver você de novo, ele poderá. Ele merece essa liberdade terrível, e você também, imagino. Espero não estar vivo se ele quiser voltar. A marca irá afastá-lo do seu lado e do meu. Eu estou disposto a esse sacrifício, e você também deveria estar para salvar a vida dele. Viverá com meu irmão. É o único que não está contaminado. Já está decidido, Rosario, e você não poderá impedir. Se não vai me acompanhar, terá que tomar sua própria decisão.

— Vai afastar nosso filho de nós, e chama isso de amor.

— É claro. Ou é amor roubar o corpo dele?

O mais incrível era que não discutíamos. Até o volume de nossas vozes era baixo, para que a música cobrisse a conversa.

— E o Rito, Juan? Vai marcá-lo antes disso? Gaspar é o recipiente de sua consciência...

— Gaspar não é o recipiente de nada. Vou marcá-lo quando me for dado o selo. Também posso fazer com que o Rito fracasse ou fingir que não posso fazê-lo. Você precisa descobrir as regras. Você ou Stephen. Assim posso elaborar meu plano, a encenação do fracasso.

Gaspar se virou, sonhando, e apoiou as mãos no peito de Juan. Costumava fazer esse movimento quando estava dormindo. Os ciúmes me fizeram chorar. Chorava também porque não queria decidir, mas tinha que fazê-lo. O ventilador de teto distribuía a luz do abajur em intervalos exatos; olhei os olhos amarelados de Juan. Ele também iria me deixar para trás. Não respondi imediatamente.

— Como pode pensar em entregar nosso filho? — me perguntou.

— Fui educada para obedecer — disse.

— Esse conforto acabou. Tenho que salvar Gaspar sozinho? Talvez não devesse te contar meus planos. Não posso fazer você mudar?

— Sim — respondi. — Posso mudar. Sim.

* * *

A praia ainda estava limpa, embora a água marrom já deixasse gravetos, flores mortas, camalotes perdidos e até animais. Acontecia sempre o mesmo depois de uma enchente: o rio rouba, afoga, suja e espalha. Olhei para Gaspar, que brincava na beira da água. Era muito diferente do pai, fisicamente. Tinha os cabelos escuros, os olhos azuis, uma energia avassaladora. Já tinha personalidade e não havia completado três anos. Raramente fazia birra. Eu só

via angústia em seus olhos quando saía com Tali para passar um dia inteiro em Assunção ou para dar aulas em Buenos Aires. Mas quando voltava, sempre descobria que tinha ficado tranquilo durante minha ausência, com Juan, os dois sozinhos no mundo silencioso que dividiam.

Desde que soubemos da informação sobre o Rito, Juan, Stephen, Tali e eu não nos separamos. Concordamos em salvar Gaspar, interromper o ciclo. A discussão tinha sido superada. Eu não duvidava mais de que era a decisão certa, mas às vezes, a possibilidade de continuar, de Juan continuar vivo em Gaspar, ainda me parecia uma maravilha atroz que valia a pena tentar.

Juan estava em Buenos Aires porque tinha encontrado um portal. Stephen o acompanhava. Essa viagem era para confirmar que a porta continuava aberta, que era de fato uma passagem para o Outro Lugar e que voltaria a se abrir para ele. Finalmente, depois de tantos anos, o Outro Lugar apareceu.

Também havia aparecido algo inesperado, com o que a Ordem não sabia lidar e que eu deveria resolver porque, em parte, a culpa era minha.

Betty era o novo problema, minha prima, afastada da Ordem há tantos anos. Por que havia sentido compaixão por ela? Alguns dias antes tínhamos ouvido juntas, no rádio, o anúncio do golpe de Estado. Ela chorou; felizmente meus pais estavam em um quarto distante, porque certamente comemorariam. Meu pai tinha me dito, no entanto, que era preciso ter cuidado com aqueles que tinham tomado o poder. Dizia o mesmo dos militares de Stroessner toda vez que eu ia ao Paraguai. Meu pai concordava ideologicamente com eles, mas eram monstros, insistia. Eu sabia me cuidar. Se depois de tantos anos na Ordem fosse incapaz de me proteger de uns militares imbecis, então tudo era inútil. Sem contar que eu era dona de uma Mão da Glória. Nunca tinha me acontecido nada. Nem olhavam para mim. Na fronteira, eles me cumprimentavam com respeito.

Betty desceu até a praia com sua filha e sentou-a ao lado de Gaspar. Eles gostavam de brincar juntos. Gaspar não parecia notar que Adela não tinha um braço. Obviamente, Gaspar não sabia que Juan o havia cortado, certamente contra a vontade da bebê e a de sua mãe. Não Juan, claro. A Escuridão. A menina tinha sido escolhida. Betty tinha ignorado minha ordem de não sair da casa durante os dias do Cerimonial, e a Escuridão tinha visto a bebê, Adela, tão pequena, mais nova e mais miúda que Gaspar. A mutilação, em um corpo tão pequeno, era impressionante.

Quando chegou, não pude me negar a recebê-la. Era minha prima, minha amiga de infância, e a Ordem a queria de volta. Apareceu com sua filha no meio da noite, picada de insetos e com arranhões de galhos, em pânico, desidratada. Tinha corrido pela selva com a bebê, fugindo. Eu sabia que estava instalada perto, na selva, com a organização da qual fazia parte, e sempre intuí que esse plano terminaria mal, mas Betty não me deu ouvidos porque ela tinha confiança. Ela e seus companheiros eram treinados, eram donos de um arsenal. Quando se anunciou aos guardas da entrada de Puerto Reyes, sozinha e derrotada, dei-lhe abrigo. Falei com Florence, com minha mãe, com meu pai. É claro que é bem-vinda, disseram. É da família, é uma Bradford. O Cerimonial seria realizado dentro de poucos dias. Deveria permanecer trancada até que fosse concluído, porque Betty não era uma Iniciada. Depois decidiriam o que fazer com ela e seu retorno, tão esperado.

Betty, no entanto, fugiu do confinamento, apesar das minhas ordens e súplicas. Era desobediente, não rebelde. Podia ser corajosa, isso eu não discuto, mas não entendia os limites. Por que ela tinha saído? Por que não a tranquei à chave? Era culpa minha. Seu momento de curiosidade tinha desencadeado outro peso para Juan, que agora também teria que carregar Betty e sua filha. Como foi difícil acalmá-la depois de assistir inesperadamente ao Cerimonial. Não fazia ideia do que tinha visto, não entendia. Em choque durante semanas,

falava de uma luz negra que tinha levado sua filha, embora isso não tivesse acontecido, apenas lhe cortou o braço, e depois o homem, gritava, o homem tinha curado a ferida com as mãos. Com as mãos, repetia. A luz negra e as mãos. Gritava a noite inteira. Estava enlouquecendo. Eu cuidava da filha dela, mas não o tempo inteiro. Felizmente Marcelina e Tali estavam lá, porque eu perdia a paciência com Adela, que era nervosa e chorona. Além do mais, eu não gostava de crianças. Só gostava do meu filho, e não o tempo todo. Tinha dito a Betty que o homem das mãos era Juan, mas ela não conseguia acreditar. Isso me irritava muito.

Como se alegraram Mercedes, Florence e Anne com o que consideravam um presente, um milagre negro. Assim o chamavam: tinha aparecido a criança mais nova já tocada pela Escuridão, e era da família! Betty era um presente para a Ordem. Jogue-as ao rio, Stephen me disse. Teria feito isso com prazer, mas haveria consequências e eu ainda estava em perigo, porque era descartável. Via isso nos olhos de Mercedes. Você nunca mereceu a honra de parir esse filho, dizia. À essa altura, meu romance com Puerto Reyes estava terminado. O trabalho no museu estava chegando ao fim, e eu queria viver na cidade, voltar a Buenos Aires, tinha propostas não apenas da universidade, mas de instituições estrangeiras que tinham filiais na capital.

— Onde está Juan? — perguntou Betty. Olhei para ela de perfil: tinha o nariz comprido dos Bradford e os olhos muito separados.

— Volta amanhã — respondi.

Não podia ser específica. Betty não estava autorizada a saber o que Juan fazia. Talvez algum dia. Do seu jeito, Betty poderia chegar a ser uma boa Iniciada. Tinha presenciado o Cerimonial da maneira mais brutal possível, sem nenhuma preparação ou precaução ou explicação. E não ficou louca, afinal. O pertencimento estava nos genes. Sua mãe, tia Marta, era uma Bradford e tinha retornado timidamente à Ordem nos últimos anos, aterrorizada porque sua

filha era uma militante revolucionária. Isso era pior que a Ordem? Para ela, sim. A Ordem não estava enganada em sua certeza sobre o retorno dos dissidentes: lá estava Betty, com o retorno mais espetacular já registrado. Apesar de seus esforços para ficar longe de sua família de burgueses exploradores, o acaso e a violência, a noite e o terror, conduziram-na ao coração da Ordem.

Adela, o milagre negro. Agora mesmo Gaspar enfiava o dedo cheio de terra em sua boca, como se quisesse dar de comer a ela, e Betty sorria. Se alguém tivesse nos observado do Paraná, teria visto uma cena afetuosa. Duas jovens mães com suas crianças. Estava para chover, como sempre.

— Vamos ficar muito tempo aqui, não?

— É mais seguro para todos — respondi.

Betty ajeitou o cabelo atrás das orelhas.

— Mataram todos os meus companheiros aqui perto. Vocês me dizem que é seguro, mas não sei se devo confiar.

— Vamos te proteger. Eles estão maravilhados com Adela. Você vai viver perto da gente em Buenos Aires quando encontrarmos uma casa.

— Vão deixar a gente ter uma vida normal?

— É uma das condições de Juan. Querem que Adela esteja perto dele. Estaremos vigiados, como sempre, mas para você isso vem a calhar.

Betty riu com um tom amargo e irônico que me irritou.

— Se não quer nossa proteção, pode ir embora, Betty — disse.

— Não sei se quero — respondeu ela. — Quero voltar no tempo, quero ficar com Eduardo, quero esquecer tudo.

Pegou a filha no colo, e Gaspar resmungou como costumava fazer quando algo o incomodava, com um chororô que logo passava. Uma brisa leve trouxe o perfume dos jasmims até a praia e vi Marcelina chegar com tereré, gelo e laranjas.

— Há prisões piores do que esta — disse eu a Betty.

Ela não me respondeu e correu para ajudar Marcelina, que equilibrava os copos, a garrafa térmica e a sacola com as frutas. Atrás de Marcelina, vi Juan. Chegava mais cedo de Buenos Aires. Não estava sozinho, mas não era Stephen quem o acompanhava: vinha com outro homem loiro, mais baixo do que ele, mas também imponente. Não o via desde a adolescência, mas o reconheci, surpresa pela audácia da visita. Era Luis, o irmão mais velho de Juan. Parecia exausto, os olhos cor de turquesa afundados no rosto. Tinham vindo juntos de Buenos Aires.

— Por favor, Marcelina — disse Juan —, pode levar as bebidas para dentro? Para a sala do vitral se não for incômodo. Acabamos de chegar de uma longa viagem.

Fui até Juan e recebi junto com o beijo o cheiro de gasolina e suor. Acariciei suas costas molhadas. Betty seguiu Marcelina: não queria que ela e sua filha fossem vistas por desconhecidos. Protegia muito Adela dos olhares alheios que se concentravam no coto com verdadeira grosseria, e também protegia a si mesma. Toda precaução era pouca e não conhecia o homem que acompanhava Juan.

Nós três subimos até a casa. Juan carregava Gaspar nos braços. Antes de entrar, Luis parou um instante.

— Que maravilha — disse. Da passarela via-se quase toda a casa. Lembrei que Luis era arquiteto.

— Foi desenhada por Von Plessen. É muito quente, não serve para este clima. O mais bonito são os jardins.

— Devem ser de Blanchard.

Juan entrou sem nos dar muita atenção, e eu acompanhei Luis. As mãos grandes, de dedos longos; rugas ao lado dos impressionantes olhos que não pareciam piscar, de uma cor compacta, artificial, parecidos aos de Gaspar; os

jeans com a boca levemente aberta. Se Juan tinha 24 anos, seu irmão deveria ter 30 e parecia até mais velho que isso. Era cortês, apesar de estar assustado.

Juan se sentou na poltrona que dava para o vitral e o jardim das orquídeas. Marcelina serviu água fresca para todos, gelo, deixou as laranjas no centro da mesa e foi buscar chá gelado. Na casa, Juan tirou a camisa e sentou Gaspar sobre uma de suas pernas.

— Luis está aqui porque precisa ir para o Brasil. Não pode fazer isso sozinho e precisamos da sua ajuda.

— Mas que grosseria — disse Luis.

— Quantas vezes você quer dar?

— Voltas não — disse Luis. — Mas estou pedindo um favor. Me deixa falar por mim.

Juan ergueu as mãos num gesto de “me rendo”.

— Fica calmo — disse a ele. E então me dirigi a Luis: — Quando seu irmão está exausto, fica assim. Já deve saber que ele não anda bem de saúde.

Luis olhou para as mãos. Usava um anel largo, dourado, mas não era uma aliança de casamento.

— Viajaram de Buenos Aires até aqui sem trocar uma palavra — adivinhei.

— Nos revezamos para dormir — disse Luis, e olhou para Juan com certa reprovação.

— Bom. Está bastante descompensado, imagino, se foi procurar você em Buenos Aires, deve ter sido por um motivo importante.

— Não fui procurá-lo — disse Juan. — Fui fazer o que precisava fazer e nos encontramos. Ele me contou que precisa ir embora. Então lhe ofereci ajuda.

Gaspar se apoiou sobre o peito nu de seu pai e bocejou. As olheiras de Juan pareciam socos. A volta de carro o tinha destruído. Eu estava um pouco desconfortável com seu mau humor, mas o conhecia o suficiente para saber

que, quando demonstrava afeto, se comportava como se o mundo fosse um porco-espinho e ele não conseguisse encontrar um lugar para se sentar.

Luis bebeu um gole de água e explicou. Foi preciso: agradei por não me subestimar.

— Trabalho como arquiteto, e até o ano passado também tinha um cargo em uma fábrica de cerâmicas. Meu compromisso na fábrica era, ou é, político. Também tinha compromissos territoriais. No último ano tudo se complicou: o secretário do sindicato, um grande amigo, foi assassinado. Forjaram um acidente de carro. Continuei com meu escritório de arquitetura, mas há duas semanas um sujeito me encurralou na porta e disse só não te mato porque tem um filho doente. Ele se confundiu: quem tem um moleque com problemas é meu sócio. Não vão demorar muito a me localizar. Minha companheira já aterrissou no Rio. Quero me encontrar com ela, já sei que estão na minha cola. Desde o dia 24 não estou mais a salvo aqui.

— Sua mulher não conseguiu te tirar?

— Ela acha que eu sou um cagão porque não concordo com a luta armada. Foi embora sozinha. Se eu me encontrar com ela, veremos o que acontece, não sei se irá me aceitar, espero que sim.

— E você é? Um covarde?

— Agora que estão nos matando, isso não tem importância. Para ela sou um covarde, mas continuo acreditando que está errada.

— Você não tem filhos, Luis?

— Minha companheira tem duas filhas, e eu as criei como se fossem minhas. Não tenho filhos meus, ainda.

— Podemos falar sobre como vamos fazer? — disse Juan. Eu o ignorei.

— Quer se refrescar, Luis? Nesta casa a água quente é um tormento, mas, se não se importar que esteja morna, pode tomar uma ducha ou um banho de banheira, o que preferir. Depois vemos os detalhes. Vou ao Paraguai uma vez

por semana, para trabalhar, às vezes com minha irmã. Costumamos atravessar para o Brasil porque há um bar muito bonito na fronteira. Podemos fazer isso hoje mesmo. Ou amanhã de manhã. Os milicos me conhecem.

— A coisa mudou — disse Luis.

— Tenho certeza de que não mudou tanto assim. Vão nos deixar atravessar sem problemas. Conhece a fronteira? É bastante precária, e aqui há sobrenomes que pesam. Como o meu.

Luis se levantou para agradecer e me abraçou com sinceridade.

— Obrigado — disse no meu ouvido. — Mal nos conhecemos. Uma vez você prometeu me ajudar, eu não me esqueço.

— Eu também não — disse. E era verdade. Juan amava aquele homem, e eu também. Tinha sido sempre incondicional, até quando escondiam seu irmão atrás de ameaças e mentiras. Sem ele, Juan não teria sido alguém capaz de lealdade e afeto. Lembrei dele, anos atrás, insistente, obstinado, esperando seu irmão na praça se a crueldade de Mercedes o impedia de entrar no apartamento. Não o havia abandonado nunca. Juan também não. Da Inglaterra, enviara a ele pelo correio um livro lindo sobre o arquiteto que tinha desenhado o Big Ben, não me lembro o seu nome, mas, sim, que morreu louco aos 40 anos. Me pareceu tão brutal aquela vida, aqueles monumentos, aquelas igrejas imaginadas pela insistência febril de um jovem que queria estar perto de Deus e tinha encontrado a demência. E não era sempre assim?

Luis se desculpou pelo abraço suado e disse que aceitava a ducha. Não tinha nada mais que uma muda de roupa porque não podia fugir com uma mala, deveria parecer uma viagem curta. Chamei Marcelina para que lhe desse uma camisa limpa. Quando Luis saiu da sala, fechei a porta e me aproximei de Juan. Ele também precisava de um banho. Peguei Gaspar pelos braços e o coloquei no chão, onde havia um carrinho que logo iria voar contra o vidro da janela.

— Como você fez para evitar os guarda-costas e vir de carro?

Juan tocou a lateral da cabeça para lembrar da marca.

— São muitas horas para sustentar o segredo. Por isso você está destruído.

Molhei os dedos na água e refresquei a testa dele. Como sempre, meu marido se excedia, conseguia o que desejava e, como consequência, se excederia ainda mais na próxima vez.

— Me conta.

— O portal continua aberto, me obedece, posso entrar e sair. É o Outro Lugar sem dúvida. Stephen está se encarregando agora mesmo de conseguir uma casa próxima para nós. Não deveríamos falar do Outro Lugar, não posso sustentar o segredo com você, e agora não podemos ir longe para que não nos escutem, porque não consigo me levantar desta poltrona, honestamente. Vai levar meu irmão? Foi impossível te avisar antes de que vínhamos os dois.

Me afastei para ver sua cara. Estava dizendo a verdade sobre o portal. Quando se sentisse melhor, deveríamos ir a nosso local privado perto da praia, onde tínhamos nossas conversas secretas. Tive um momento de histeria. O Outro Lugar havia voltado. Era nosso. Poderíamos pedir, pedir pela saúde de Juan, pedir sabedoria para conduzir politicamente a Ordem, pedir finalmente a morte de Mercedes e minha entrada no poder das Três. Obviamente, também podíamos pedir o selo para marcar nosso filho e salvá-lo de seu destino.

— Claro que posso levá-lo — disse, e sequei minhas lágrimas. — Os milicos nos conhecem. Mas vou dizer a ele que não pode falar sobre isso com seus companheiros. Não podemos ser um porto de saída nem colocar este lugar em perigo. Já corre risco com Betty, na minha opinião. Ela também não pode ficar sabendo. Iria implorar para que a tirássemos, e isso é impossível. Há planos para a menina. Stephen está sabendo?

— Está procurando casa para elas também.

Juan massageou as têmporas, e reconheci os sinais da enxaqueca, os olhos avermelhados, o lado direito do rosto um pouco paralisado. Medi sua pulsação.

Estava fraca e perigosamente rápida. Era uma arritmia severa.

— Posso acompanhá-los. Quando estiver tudo pronto, temos que dar nosso endereço para Luis. Não podemos perder contato com ele. Seus pais não vão entender por que queremos viver naquele bairro e não quero que suspeitem. É longe da Libertador e perto do hospital, como havíamos intuído.

— Vão pensar que queremos contrariá-los e só. Sabe por que eles querem que Beatriz e Adela vivam perto de nós, não sabe? Meteram na cabeça que a garota irá se potencializar ao seu lado e de Gaspar. Não é o melhor momento para ir a Buenos Aires agora, mas não espero mais que algo seja fácil e não aguento mais esta casa, preciso trabalhar.

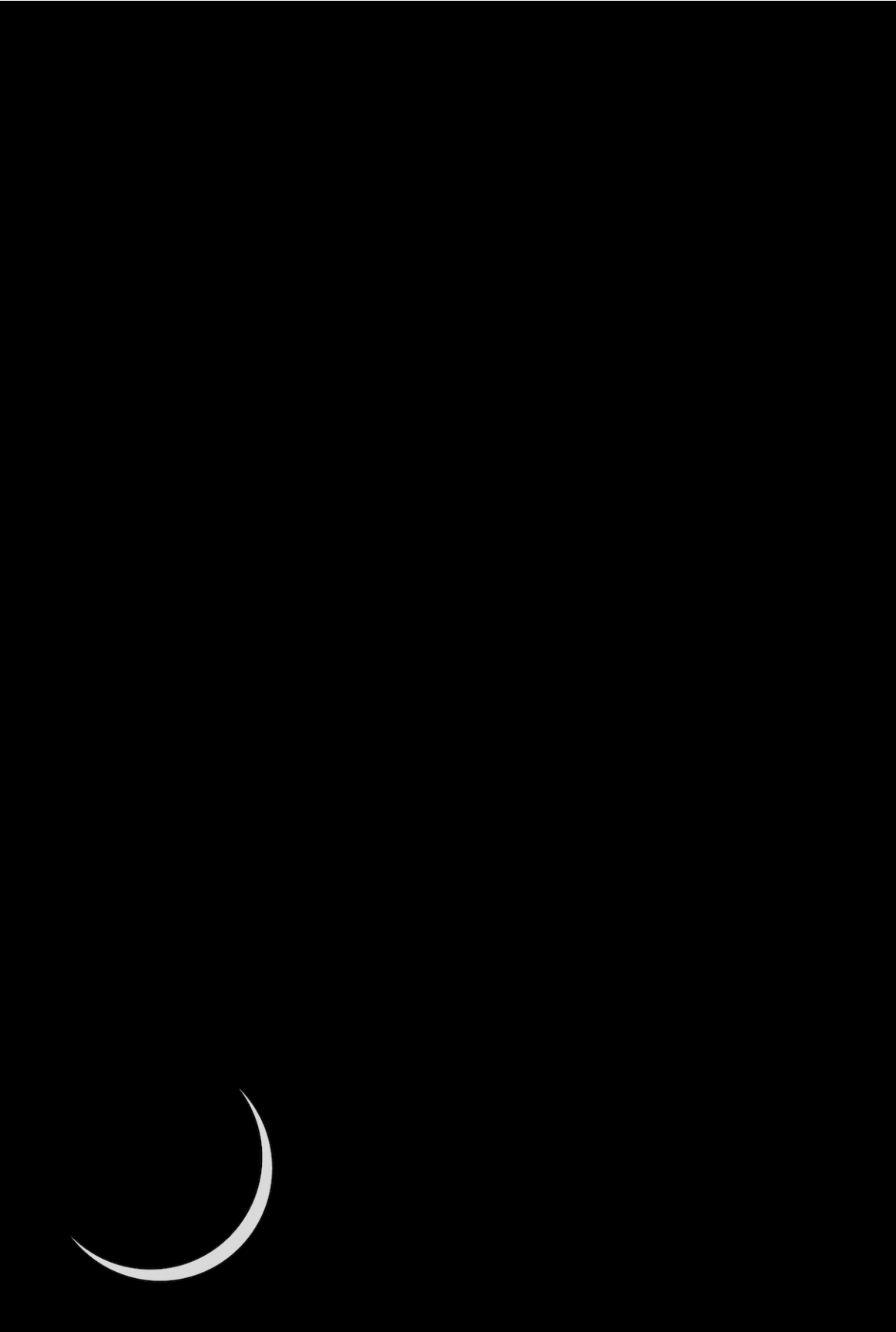
Tirei Gaspar de debaixo da mesa, para que não se machucasse, e o levantei. Estava com sono.

— Não precisa vir comigo. De qualquer forma, os milicos vão confundir você com seu irmão. Não te conhecem tão bem para diferenciá-los. Sabem que meu marido é um homem alto e loiro, e isso é suficiente. Você precisa descansar.

— Eu sei — respondeu.

Embaixo, o jardineiro se preparava para regar as plantas. Era melhor sair no dia seguinte. Os guarda-costas não me seguiam até a fronteira quando não levava Gaspar. Tínhamos tempo. Viajaríamos até Assunção, como todas as semanas. Antes, faria um pequeno desvio até Foz. Eles me deixariam passar. A filha do barão do mate. A filha dos poderosos. Os guardas da fronteira tinham acordos com meu pai. Em Foz, Luis poderia pegar qualquer transporte ou alugar um carro. Uma vez no Brasil, estaria seguro. Poderia chegar ao Rio em dois dias.

Todos iríamos sobreviver. Eu pressentia. Meu filho, Juan, Luis, Betty, Adela. Por algum tempo, ao menos. A Escuridão estava aberta, e a noite não estava fechada.



O poço de Zañartú,
por Olga Gallardo, 1993

— Aqui nós sabíamos — disse a mulher, com os olhos devastados pelas cataratas e uma pele lisa demais para alguém que se aproxima dos cem anos de idade. — Colocaram os corpinhos lá.

Aponta a direção exata da vala comum, como se não estivesse cega.

— Mas o que nós poderíamos dizer, moça? Minha irmã os ouvia suplicar à noite.

— Quem?

— As alminhas. *Angá*. Há centenas!

Ela, Margarita Gómez, é guarani, vive em uma casa de troncos e barro que está caindo aos pedaços, teve dez filhos dos quais cinco morreram, seus netinhos “estão barrigudos”. No entanto, ainda trança os longos cabelos grisalhos. Ainda coloca uma flor atrás da orelha quando termina de trançá-los e as pétalas vermelhas iluminam os fios brancos. Ela se lembra da guerra. Assim a chama. Se lembra dos garotinhos metralhados em plena luz do dia. Lembra-se deles com pena, mas sem horror, porque Margarita Gómez já viu muito. Viu os filhos morrerem, viu os filhos sobreviventes chorarem de fome, viu seus vizinhos espancados e com as costas marcadas pelas chicotadas dos capatazes das plantações. Sente pena dos garotinhos, mas não é a primeira nem a única desgraça que viu em seu povoado. Por isso prefere regar as plantas e oferecer tereré antes de continuar a conversar comigo.

Estou cansada, embora a viagem não seja exaustiva: de Posadas ao povoado não se leva mais de duas horas. O calor, a vegetação densa, uma umidade que faz crescer brânquias, tudo transmite preguiça e, depois de conversar com Margarita, minha primeira entrevistada no povoado de Zañartú, a quinze quilômetros de Puerto Iguazú, em Misiones, o sono me derruba na cama da modesta hospedaria onde um punhado de jornalistas estamos alojados. Viemos

pelo mesmo motivo: a Justiça, finalmente, ordenou escavações nos terrenos nas imediações da Casinha de Zañartú, o destacamento da subprefeitura que foi utilizado como centro clandestino de detenção na região. Foi, além disso, o centro de operações desde que foi lançado o Operativo Itatí, talvez o menos ressonante de todos os ensaios repressivos para o genocídio antes do golpe de março de 1976. E nas escavações encontraram uma vala comum inédita: um poço de 25 metros de profundidade dos quais, até o momento, foram escavados apenas dez e, no entanto, já foram retirados trinta corpos desse trecho. A identificação dos *Nomen Nescio* é complexa: em Misiones os antropólogos forenses não contam com a tecnologia necessária, então os restos são enviados para Corrientes — o trabalho é feito lá, no necrotério do hospital central, com ajuda da universidade. Nesse primeiro trecho, um grupo de jornalistas foi convocado para assistir aos procedimentos. Somos surpreendentemente poucos para a dimensão da descoberta. Na hospedaria, enquanto me conformo que terei que dormir sobressaltada por insetos de tamanho sobrenatural, listo os veículos que aceitaram o convite do governo de Misiones e me espanto. A maioria são independentes. Por enquanto, o poço de Zañartú não é um assunto que venda jornais.

É que, diferentemente de outras operações de preparação para o genocídio — notadamente A Independência em Tucumán —, o confronto entre o EL (Exército de Liberação) e o Exército argentino quase não ecoou fora do âmbito local, por muitas razões; sobretudo, pela curta duração das ações de ambos. O Exército de Liberação se instalou em Zañartú e arredores e tentou abarcar demais: por um lado tentaram conscientizar os historicamente explorados e maltratados trabalhadores da erva-mate e, por outro, melhorar as condições de vida da população aborígene mbyá-guarani. Conseguiram pregar um pouco entre os tareferos da província (enquanto esta reportagem é escrita, quase 70% vive de trabalho informal que em muitos casos pode ser considerado escravo,

mora em casas precárias, não tem acesso a serviços básicos e registram-se altos índices de trabalho infantil), a maioria empregados da empresa Isondú, de propriedade da poderosa família Reyes Bradford, e em menor quantidade da Obereña, de propriedade da família Larraquy. A extrema concentração de terras fez com que o Exército, muito presente na região de fronteira e em convivência com as empresas — com as quais sempre se relacionou e a quem inclusive presta serviços de segurança —, atacasse os guerrilheiros com rapidez embora sem eficácia. Os jovens eram treinados, o que surpreendeu os militares, e resistiram na selva durante quase uma semana. Ao final, quase todos foram abatidos e, com exceção dos sobreviventes, Agustín Pérez Rossi (22 anos, de Béccar, Buenos Aires) e Mónica Lynch (23 anos, de Martínez, Buenos Aires; quase nenhum era oriundo das províncias do norte), todos permanecem desaparecidos. Pérez Rossi e Lynch, que me falaram do exílio — vivem em Paris e mantêm a amizade —, estão convencidos de que seus companheiros jazem naquela vala comum que acaba de ser divulgada. Nenhum dos dois quer voltar à Argentina; farão isso, apenas como visita, quando os corpos começarem a ser identificados.

O que nem Lynch nem Pérez Rossi mencionam, e eu também não, porque às vezes é difícil nomear o horror, é que a guerrilha do EL tinha 22 membros na selva. E que, se já foram desenterrados mais de trinta cadáveres da vala, significa que o exército a usava como cemitério de todas as suas operações clandestinas na fronteira. Ou seja: existem muito mais mortos lá do que os que caíram durante a Operação Itatí.

OSSOS NA SELVA

Nossa Senhora de Itatí é a igreja mais importante do Litoral. Fica na província de Corrientes, mas a devoção à Virgem de Itatí é uniforme na região e se mistura a outras crenças populares. Alguém colocou, fora do perímetro que a Justiça demarcou para os trabalhos no poço, uma imagem da Virgem embaixo de uma árvore, um ipê. No maior bar do povoado — há somente dois para cerca de setecentos habitantes —, o povo bebe aguardente de arruda macho e todos comentam sobre a quem se deve pedir o payé (amuleto) mais eficaz. Eles temem os ossos. Não todos, claro. O senhor Segundo, dono do bar, diz que em sua casa sempre houve devoção ao São Morte e que os ossos não o impressionam.

“O impressionante foi”, ele conta, “ver aqueles garotos de Buenos Aires se instalarem aqui, satisfeitos. Como é que foram imaginar que poderiam colocar o povo do lado deles. Aqui as pessoas são muito de abaixar a cabeça e deixam tudo por isso mesmo.” Tento defendê-los, os militantes, mas percebo que o senhor Segundo não os está atacando. Simplesmente se lembra com certo assombro o que aconteceu há mais de vinte anos. E insiste que estavam bem preparados militarmente, apesar de sua ingenuidade. Tinham alugado algumas casinhas. Se mudaram com móveis. Um casal até teve uma criança. Não é o primeiro que me fala sobre uma criança (ninguém diz bebê). É a filha de Liliana Falco, desaparecida, provavelmente caçada pela operação. Estarão mãe e filha na vala comum? Não se sabe a identidade dos restos mortais, mas por ora trata-se de ossos de adultos.

Pérez Rossi e Lynch me falaram da menina há meses. Nenhum dos dois sabe se foi assassinada ou se foi tirada da mãe e entregue a uma família apropriadora. “A menina era loira”, me disse Mónica Lynch. “Ideal para que

alguém a comprasse ou a quisesse.” Pérez Rossi se recordou da mãe, Liliana Falco. “Era a típica garota da zona norte, como todos nós. Sempre estranhei não a ter conhecido antes, mas andava em outros círculos, tinha fugido de casa. Ela veio com Eduardo, seu companheiro, da zona sul. Já viviam juntos, e ela estava grávida. Levá-la grávida a Misiones pode parecer uma loucura agora, mas naquela época achávamos que, como revolucionários, tínhamos a obrigação de não nos moldarmos às normas da família burguesa. Além disso, não tivemos como deixá-la para trás. Liliana quis ir a Zañartú, e não nos pareceu um problema de segurança. Nós queríamos crianças revolucionárias.” O fato é que, segundo contam, a menina nasceu no hospital de Puerto Iguazú e tinha mais de um ano quando o Operativo Itatí arrancou os militantes de suas casas a pontapés e tiros. Pérez Rossi e Lynch não acreditam que a mãe tenha sobrevivido. Da morte do pai eles têm certeza, porque o viram ser metralhado pelas costas na segunda manhã de resistência na selva.

Os sobreviventes não sabem por que tiveram a vida poupada. Foi muito fácil detê-los: os dois ficaram sem munição e simplesmente fugiram correndo até que não conseguiram mais correr. Pérez Rossi passou seis anos preso na Unidade II de Oberá; durante os primeiros anos, viu outros prisioneiros serem torturados e levados, prisioneiros de paradeiro desconhecido. Mónica Lynch foi transferida para a prisão feminina Nuestra Señora del Rosario de Corrientes, e sua família abastada conseguiu uma anistia depois de um ano. Ambos dizem que nunca conseguiram superar a culpa e a pergunta “por quê?”. Por que todos foram assassinados e desapareceram e eles tiveram o privilégio de sobreviver. “É uma forma refinada de tortura”, diz Pérez Rossi, e se arrepende de ter dito o que disse. “Na verdade, não quero comparar. Nós não sofremos nada.”

O trabalho de recuperação dos restos mortais não é lento, mas, sim, minucioso. No segundo dia deixam a imprensa entrar. O poço está coberto por um telhado de palha, uma espécie de barraca para proteger os que descem em

direção ao calor brutal — do lado de fora é abafado; no poço, dizem os antropólogos, é um inferno. Com roupas brancas, descem os dez metros com uma plataforma que funciona como um elevador. Há escadas presas à parede, caso a plataforma quebre. Tiram os ossos com as mãos. Os corpos, dizem, estão misturados. Como se tivessem sido jogados de um caminhão de lixo. Talvez de fato tenham feito isso. No povoado não se sabe qual veículo foi utilizado: aquela região estava isolada por um posto de controle militar. Lembram, isso sim, que as luzes da Casinha ficavam acesas a noite inteira e que chegavam caminhões vindos da rodovia, nos dois sentidos.

O senhor Segundo conta que na noite do ataque sua obsessão (disse assim: obsessão) era procurar a criança. “Eles moravam logo ali, no povoado mesmo, a Liliana e o Eduardo. Liliana era fina mas feiosa, coitada. Eu achava que era muito louvável o que eles queriam fazer, dar educação ao povo e tal. Aqui o povo é analfabeto. Quando descobri que estavam armados, aí sim me aborreci. Mesmo assim quis salvar a criança, corri até a casa. Estavam aos tiros. Nem consegui chegar.”

A maioria dos ossos está agrupada por tipo. Fêmures com fêmures, quadris com quadris, vértebras com vértebras. Apenas em alguns casos podem ser reunidos como pertencentes ao mesmo corpo: a posição os delata. Em outros, é impossível determinar. Pergunto a um antropólogo por que, pouco mais de dez anos enterrados, estão assim, descarnados. Ele me explica que isso se deve à umidade. Não está autorizado a nos dizer muito mais. Respondem às perguntas técnicas, que são as menos importantes, embora possam causar um fascínio mórbido. Existe um poço com ossos a metros de um centro clandestino de detenção. Não há nem haverá nenhum detido, porque no país vigoram as leis de perdão às Forças Armadas. As vítimas terão identificação, mas não terão justiça.

O promotor responsável pelo caso, doutor Germán Ríos, convoca uma coletiva de imprensa a metros da vala comum. É uma locação inquietante, mais uma tenda branca, mais adequada a um coquetel do que à instância de informar sobre a descoberta e a identificação dos restos. Ríos confirma 32 corpos, todos de adultos. A equipe de Antropologia está trabalhando nas identificações, mas, ao contrário dos bancos de dados de Buenos Aires, no norte do país a população não se aproximou para fornecer informações genéticas para os exames de DNA e não entende muito bem do que se trata esse processo que, por sua vez, não é divulgado. As organizações de direitos humanos lançaram sua própria campanha e esperam obter resultados. Em geral, suas campanhas são bem-sucedidas.

— Muitos dos militantes aqui enterrados, no entanto, são de Buenos Aires — intervenho.

— É verdade — responde o promotor. — Suspeitamos que a vala foi usada também para enterrar os desaparecidos de Corrientes, Misiones e Formosa. Até mesmo trabalhadores do tabaco e *tareferos* que participavam de reivindicações sindicais. Até agora tínhamos denúncias, mas nenhum dado sobre seus corpos, mas sim sobre onde haviam sido detidos e as datas. Num raio de sessenta quilômetros foram registrados três centros clandestinos de detenção confirmados. Acreditamos que os três usavam esta vala comum para enterrar os restos.

A selva está em silêncio. Descubro, nesses dias, que a selva é muito mais silenciosa do que eu pensava. Imaginava um pandemônio de pássaros e outros animais, pensava até que era possível ouvir as plantas crescendo, que, de fato, parecem crescer muitos centímetros todos os dias, com uma vitalidade anormal, estimulada. Há vida por toda parte, mas a quietude chama atenção. À noite a luz costuma ser cortada na hospedaria, e alguns colegas ficam nervosos. Por causa do calor e da umidade que atravessam as paredes e fazem os colchões

federem, e por saberem que estamos em um território de massacres e segredos. A selva está em silêncio, e os habitantes de Zañartú também. Depois dos primeiros dias, quando contaram as lembranças no bar, se retiraram para suas tarefas e ninguém mais menciona as luzes dos caminhões à noite nem os *tareferos* detidos, muito conhecidos no povoado, incluindo paroquianos.

Passar mais uma tarde ao lado do poço me parece sem sentido. Sonho com ossos. Não entendo o que mais posso fazer. Talvez ir a Corrientes, onde são feitas as identificações. Já assisti ao processo em Buenos Aires: é triste e minucioso. Quero conhecer sobre a vida dos trabalhadores detidos e desaparecidos. Quero saber o que os vizinhos lembram sobre a invasão dos jovens do EL, mas tenho dificuldade em conseguir testemunhas. O filho de dona Margarita Gómez me diz que ela está cansada e não pode falar, mas a mãe sai do rancho, me oferece uma chipa meio dura e uma laranja e se senta comigo no pátio. Uma garota, talvez uma neta, limpa o chão com uma vassoura feita de folhas de palmeira. Dona Margarita diz que eles sempre foram caladinhos, caladinhos e talvez tenha que ser assim mesmo, porque só quem grita é Deus. É possível que seu filho, trabalhador da erva, esteja no poço. Ela não diz isso dessa forma.

— Era um homem orgulhoso, e o orgulho o deixava doente. A bebida também. Mas eu amava meu filho, amo todos os meus filhos.

— Ele era um dos dirigentes. Falava sobre isso com a senhora?

— Eram maltratados, ele reclamava muito. Que não tinha nada para comer nem roupa para as crianças. Sempre foi assim.

Sempre foi assim. Margarita tem razão. O Poço quebra o cotidiano de resignação com sua monstruosidade, tão distante deste povoado parado no tempo com suas geladeiras barulhentas e as marcas de refrigerantes importados do Paraguai. Os antropólogos limpam os ossos com cuidado. É preciso tirar a lama, mas sem quebrá-los nem danificá-los diante da possibilidade de que

conservem alguma evidência. Um tiro, por exemplo. Vou ao poço de todo jeito, apesar de minha resistência, no segundo horário de visita, o da tarde. Um dos antropólogos nos mostra um crânio sem mandíbula, com um furo no parietal esquerdo. Perguntamos a ele se é um tiro, e ele, como bom profissional, responde que não pode garantir, mas o aspecto é de uma lesão compatível com arma de fogo.

Naquela noite jantamos em silêncio. Partimos no dia seguinte. A sensação é de derrota. Há uma cova, há crimes, não haverá investigação sobre os responsáveis. Frente a essa aflição, decidi fazer uma pequena excursão antes de voltar a Buenos Aires. Há um vilarejo próximo, de turismo local, organizado em torno de uma lagoa chamada Totorá. Muita gente prefere a tranquilidade da pesca na lagoa, o pôr do sol sobre os campos do que o rio, mais imprevisível. Na lagoa as lanchas a motor são proibidas e não há *palometas*, a versão local e menos temível das piranhas. Não vou em busca de tranquilidade, embora talvez possa escrever um pouco: tem hotéis melhores que a hospedaria — na realidade, a hospedaria não foi projetada para alojar pessoas por mais de uma noite ou talvez algumas horas — e dizem que lá se reúnem familiares dos desaparecidos-assassinados que poderiam estar no poço. Como se precisassem estar perto, velá-los. Por que não vêm ao povoado?, eu me pergunto. E me dou conta de que é uma pergunta que deveria fazer a eles, se é que é verdade que tenham ocupado o vilarejo da lagoa com seu luto suspenso.

O ESCURO ENTARDECER

O vilarejo da lagoa Totorá se chama San Cosme del Palmar e recebeu o nome de um santo muito venerado localmente e de um palmeiral próximo, que se avista da margem, ao longe. Ele me surpreende, derruba meus preconceitos. Um dos hotéis é simples, mas francamente confortável e bonito, com os quartos arejados, os móveis de vime, cheirando a madeira e laranjeira. A gerente é a dona, uma mulher de aproximadamente 60 anos, proprietária desde a década de oitenta. A casa, diz, estava bastante abandonada e era uma das propriedades de fim de semana de uma família de dinheiro da região, que caiu na miséria por várias tragédias. Não enumera as tragédias, como se contá-las pudesse contaminar o ambiente diáfano de seu adorável hotel. Depois de me dar as instruções, o horário do café da manhã, a direção do balneário, o lugar onde posso comprar protetor solar caso não tenha, os poucos mas, garante, bons restaurantes — “você tem que provar o pacu, eles o fazem empanado em erva-mate, não parece muito gostoso mas é uma delícia, não vai se arrepender” —, ela me acompanha até meu quarto, o único livre. Na porta, enquanto me explica que a chave tem um pequeno macete (“mas o quarto fica bem fechado, além do mais aqui é totalmente seguro”), pergunto a ela se os familiares dos mortos do poço de Zañartú se hospedam no hotel. Pergunto assim, sem rodeios, porque há dias o silêncio me deprime e paralisa. A mulher se endireita e diz, sinceramente, que não pergunta aos hóspedes por que eles vêm e que não cabe a ela contar isso a mim. Que os donos de hotéis, como os barmen, têm algo de psicólogos, escutam confissões e o segredo está implícito. “Você pode perguntar a eles”, ela me diz e acende a luz. Não é necessário: o quarto é muito iluminado e dá para um pátio com limoeiros e grama recém-cortada.

O pacu empanado com erva-mate é, de fato, delicioso. E me surpreende que quase não haja mesas vazias no restaurante. O pequeno cais, pelo qual caminhei, está lotado de barcos. A esta hora, depois do meio-dia, não há pescadores, eles chegam no crepúsculo. Perto do hotel há uma pequena orla e uma passarela com jacarandás: é possível ver os restos da casa de fim de semana que soube dominar aquela parte da lagoa. Eu me pergunto qual das famílias ricas da região terá sido a proprietária. O vilarejo tem um museu regional onde posso averiguar a história — a gerente do hotel exagera sua discrição —, mas está fechado e é possível que, como costuma acontecer nos vilarejos, não tenha funcionários ou talvez apenas um, que vai a seu escritório de vez em quando e organiza papéis velhos.

Depois de comer, muita gente vai dormir a sesta. Eu não consigo me acostumar, não fiz isso nem mesmo em Zañartú, onde o peso da umidade e do povoado anestesiado davam vontade de dormir por horas e sem sonhos. Prefiro me abastecer de água para o mate no hotel e me acomodar na orla, debaixo das árvores, em uma das poltronas de vime que são mais confortáveis do que parecem. Faço anotações em um caderno. De tempos em tempos leio. Há outros que se sentam na prainha ou que preferem a orla. De onde estou vejo um casal, homem e mulher, por volta dos 60 anos, e uma mulher jovem, muito magra, com um vestido longo e os braços pálidos. Vou até o casal e não demoro a perguntar o que quero saber. Eles se abrem imediatamente. Querem falar. Isso acontece com frequência e, no entanto, me surpreende. As pessoas sempre querem falar, querem contar sua história a um desconhecido, mesmo sabendo que esse desconhecido a publicará e certamente distorcerá o que foi dito, porque essa é a natureza do ofício.

São pai e mãe de um jovem correntino, dirigente estudantil na Universidade do Litoral. Foi levado em abril de 1976, logo depois do golpe. Morava com eles, em uma daquelas casas grandes de província, onde se vai construindo no

mesmo terreno para todos os integrantes da família: a loja dá para a rua; a construção principal é para os pais; a dos fundos, passando pelo pátio de azaleias, para os filhos. Eles foram amarrados e amordaçados. Não puderam defendê-lo. Foi levado sozinho, tinha namorada, mas não estava na casa.

— Ele não achava que seria levado. Dizia que essas coisas aconteciam na capital. Percebe? Nós também achávamos. Ele tinha companheiros que tinham ido para o Brasil e outros que estavam escondidos, clandestinos, a senhora sabe. Sinceramente, nós achávamos que viriam... Meu filho só militava na faculdade. Posso garantir, porque ele nos contava e dizia para não termos medo. Não estou justificando o que fizeram com os garotos que escolheram a luta armada, mas não era o caso do Gustavo.

A mulher participa da pequena associação de Mães de Desaparecidos da capital Corrientes. Eu teria adivinhado por sua maneira de se expressar. O homem fica em silêncio. Os pais das vítimas costumam ser companheiros silenciosos. Muitos morreram durante esses anos acompanhando em segundo plano suas esposas. A impotência e o amor os matam, não estão preparados para isso. As mulheres sabem lidar melhor com essas emoções.

Eles propõem me apresentar a outros pais, inclusive a algumas esposas. Não são muitos, afirmam, acham que são oito, há alguns que não falam ou têm vergonha. Eu quero saber por que estão na lagoa Totorá e, à noite, quando todos nós nos reunimos para jantar no restaurante que serve pacu à erva-mate — eu sou a única que o come —, todos me dão uma explicação diferente mas parecida. Não os deixam ficar perto do poço, e em Zañartú não há espaço para todos. Os vizinhos do povoado lhes recomendaram este lugar por ser confortável e próximo. Não vão ficar muito tempo. Começaram a vir há dois meses, quando se soube do poço. Todos vão a Zañartú diariamente, para ver se dão sorte, se os deixam entrar, se alguém fala com eles. Já entenderam que não há muito o que fazer.

— Talvez vocês deversem ir a Corrientes, onde é feita a identificação.

— É o mais lógico — acredita uma mãe de Castelar, província de Buenos Aires. Seu filho, Guillermo Blanco, codinome Piru, era um dos militantes do EL. É a única mãe de um membro do EL presente. Conto dos sobreviventes que entrevistei, mas a informação enche seus olhos de lágrimas e lhe endurece o semblante. Nunca conheceu seus nomes, seu filho nunca nomeou os companheiros. Não quer saber sobre os vivos: não consegue evitar a raiva.

— Ficaremos sabendo da identificação de qualquer forma: já entreguei a eles o material para o DNA, quando o identificarem ligarão para minha casa. Meu marido está lá esperando. Ele não pôde vir. Está mal de saúde. Estava brigado com Guille quando ele veio para cá. Eu não sabia que estava no norte. Meu outro filho, irmão dele, é que contou depois que tudo já tinha acontecido.

— Estar aqui é o mais parecido com um funeral — explica Sonia, a mãe do militante estudantil de Corrientes, Gustavo. — Queremos estar perto, velar os restos. São muitos quilômetros, mas eu sei que ele me sente. Colocamos flores para eles, aqui na lagoa e lá perto do poço, nas árvores. Viu a Itatí? Não nos deixam chegar tão perto. Deveriam, não acha? É um insulto.

— Este país insulta as vítimas — diz María Eugenia, cerca de 50 anos, a mulher de um capataz da plantação de erva-mate que apoiou uma tentativa de greve. Quando o mataram (é assim que ela diz, embora não haja corpo, sabe que o mataram), ela discordava dele.

— “Como você vai parar, o patrão vai te demitir, o que vamos dar de comer aos meninos.” Eu gritava assim manhã, tarde e noite. Ele me dizia que o povo sofria. Agora eu o entendo e não imagina como me arrependo.

— Para quem ele trabalhava?

— Para os Reyes, aqui mais da metade trabalha para eles. Eu conheci o dono, Adolfo Reyes. Até achava que era um bom sujeito. Não quis nem me receber quando meu marido desapareceu.

María Eugenia chora, e o garçom traz um chá Cachamay. Lá fora, a lua beija a lagoa e os insetos se chocam contra a lâmpada do restaurante. Há besouros. Penso que tenho medo de besouros, mas sei que, se um deles cair em cima de mim, eu o tirarei dos cabelos como se fosse apenas uma fivela. O medo muda, se redimensiona. Não quero me acostumar a isso. À noite não sonho com ossos, mas sim com uma enorme escuridão sobre a lagoa, uma tempestade grossa e carregada de granizo.

A MULHER MAGRA

No café da manhã me despeço de alguns familiares. Os que vão a Zañartú para deixar suas flores e ver se dão sorte, e os que estão indo embora. Alguns para Corrientes. Outros para Posadas. María Eugenia e a mãe de Castelar ficam mais alguns dias. À noite as vi juntas, à beira da lagoa, acendendo velas. É um ritual secreto o dessas famílias, íntimo, abrigado pela água e pelo calor, de grande delicadeza. Também cumprimento os novos hóspedes. Alguns vêm de Zañartú, é o que dizem na recepção, não encontraram hospedagem lá, foram enviados a San Cosme, a mesma história. Outros já sabem que devem ficar aqui, me conta María Eugenia. Principalmente, os que são da região.

Há uma mulher, chamo-a de a mulher magra, que não veio ao jantar da noite anterior e que toma café da manhã sozinha, fumando, em uma mesa do pátio. Tem um rosto extraordinário que, além disso, me é familiar. Talvez tenha a ver somente com a peculiaridade de suas feições: é um rosto tão anguloso que de frente é bonita, mas de perfil e com uma determinada luz se parece ao de uma das Demoiselles D'Avignon. Sei que ela também está aqui pelos ossos. Quero respeitar sua distância, mas ela me fascina, seus longos cabelos quase sem fios brancos, e os vestidos, sempre diferentes, que a cobrem até os pés.

Encontro uma oportunidade de falar com ela depois do café da manhã. É ela que vem até mim. Me pede fogo na orla. Eu dou. Ela fuma constantemente, e eu também. Agora que a vejo à luz inclemente do meio-dia, reconheço-a, mas não consigo acreditar no que vejo ou me nego a acreditar. Há uns dez anos, no limite entre os bairros Caballito e Parque Chacabuco, em Buenos Aires, sequestraram uma menina de doze anos. Uma menina que chamou a atenção da imprensa porque não tinha um braço, nunca se soube se era um defeito congênito ou fruto de um acidente. A situação tinha sido

consequência de uma brincadeira que se tornou macabra: a menina e seus amigos entraram em uma casa abandonada do bairro. Uma travessura. Algo aconteceu na casa, algo que os garotos não conseguiram ver direito, e a menina nunca saiu. Curiosamente, o desaparecimento, classificado como sequestro, ficou pouco tempo em destaque na mídia, embora tenham sido feitas muitas reportagens com a mãe da menina, que não se esquivava das câmeras de televisão. A hipótese era que o sequestrador era um homem misterioso, que nunca foi pego: a polícia encontrou roupas de adulto ensanguentadas no interior da casa, mas não foi possível estabelecer uma relação entre a roupa e nenhuma pessoa concreta, e a menina nunca apareceu. Quis entrevistar a mãe à época, mas meu editor não estava interessado. Recorri ao chefe de redação. Ele me disse que as pessoas não queriam ouvir uma história tão mórbida, que devíamos levar boas notícias. Nunca acreditei nele. Dizia isso de uma forma mecânica. Em outras circunstâncias, ele teria matado por uma história assim. É verdade que 1987 foi um ano terrível, com os levantes dos *carapintadas* e a profanação do corpo de Perón: ninguém conseguia acreditar que alguém tivesse cortado as mãos do cadáver mais vigiado da nação. A história do desaparecimento da garota sem braço tinha algo de tétrico, sim, e talvez por isso não tenha ganhado espaço. Essas coisas acontecem no jornalismo. A imaginação do público se encanta por certos horrores e é indiferente a outros. Quando tentei entrevistar a mãe de qualquer jeito, quem sabe para outro veículo, a mulher já tinha deixado sua casa e o bairro. Seu paradeiro era um mistério.

— Vim pelo meu companheiro — disse a mulher magra e, quando ela falou, não tive dúvidas. A voz costuma funcionar como um tranco na memória. Se não era a mãe da garota desaparecida, era uma irmã gêmea. Ou tinha uma semelhança sobrenatural. Era dia, e o calor poderia matar os

pássaros durante o voo, mas lembro que senti um calafrio. Tive medo. A coincidência parecia uma ficção sinistra.

Ela percebeu, mas demorou a dizer algo.

— Meu marido e eu éramos militantes do Exército de Liberação Maoísta Leninista. Esse era o nome completo, embora até os livros de história e todo o jornalismo diga EL. Eu sobrevivi.

Fiquei impressionada. Perguntei seu nome. Ela me disse. Beatriz Bradford. Olhei para ela fixamente. Eu tinha reconstituído o Operativo Itatí e não havia registro de que algum dos militantes tivesse esse nome. A garota desaparecida também não tinha esse sobrenome. Chamava-se Adela Álvarez. Eu lembrava agora, depois de anos sem sequer pensar nela.

— Tem razão em duvidar — disse. Sua voz era grossa e, percebi, tinha marcas no pescoço e nos braços. Pequenas cicatrizes de cortes superficiais e finos. Como se tivesse se coçado demais com unhas muito longas. — Meu nome de guerra era Liliana Falco. Só meu companheiro sabia minha verdadeira identidade e o nosso chefe operacional também, porque parte do plano, que fracassou, era sequestrar alguém da minha família para nos financiar. Minha família, a senhora deve saber, é imensamente rica. São também uns incríveis filhos da puta, cúmplices da ditadura, usaram seus meios e sua influência para ajudar a desaparecer com os corpos. Por isso não me aproximo das pessoas que vêm aqui. Minha família foi cúmplice dos crimes cometidos contra muitos de seus entes queridos. Eduardo queria me salvar deles, nunca soube quem estava enfrentando. Eu também não sabia totalmente.

Senti uma espécie de tontura. Se em sua militância usava o nome de Liliana Falco, então de fato era a mãe da menina talvez assassinada ou entregue a uma família. E se era mesmo membro da família Bradford, eu tinha diante de mim uma história monumental. E plausível, porque a lendária casa da família ficava

a apenas dez quilômetros rio acima. Como podia ser também a mãe da garota sem braço desaparecida em Caballito?

Procurei fazer uma pergunta certa. Temia que ela escapasse. Ela tinha algo de esquivo. Já nessa primeira conversa me dei conta de seu desequilíbrio, dos estragos que sua família e sua história tinham causado à sua psique.

— Companheiros seus me disseram que a senhora teve uma filha em Zañartú. Eles se perguntam qual terá sido o destino da menina.

— Adela não está no poço. Eduardo provavelmente está lá. Não sei por que demoram tanto para fazer a identificação. A mãe de Eduardo já doou sangue. Ela não gosta muito de mim, mas me confirmou a doação. Todas as noites eu falo com o Eduardo, digo que tentei salvar a menina. Os que vêm aqui não sabem como chegar perto do poço porque não estudam o terreno. É preciso estudar o terreno.

Eu já tinha ligado o gravador sem pedir a ela, vibrava em minha mão debaixo do livro que estava lendo. Ela disse:

— Não o esconda. Pode me gravar se quiser. Não tenho nada a perder. Além do mais, se eles não quiserem que esta conversa se torne pública, ela não se tornará. Controlam outras regras. Não estão mais nervosos. Já sabe que aqui perto fica a casa da minha tia, Mercedes Bradford. É minha tia, que fique claro, não quero aparecer como filha daquele monstro. Minha mãe e meu pai são muito diferentes dela, apesar de tudo.

— A senhora tem relação com eles?

— Com minha tia ou com meus pais?

— Com todos.

— Não falarei da minha tia. Não posso. Com meus pais faço o que posso, e eles também.

A partir daqui transcrevo a conversa. Seria muito difícil parafraseá-la. A conversa daquela tarde foi breve. Também foi curta a da noite, mas ambas me

pareceram longuíssimas, e lembro de ter olhado o gravador várias vezes para verificar se a fita cassete não tinha travado.

— Lembra da operação?

— Nos acordaram a tiros, e sabíamos que eram eles, então corremos. Melhor dizendo, eu corri, com minha filha. Sabia qual caminho fazer na selva para ficarmos a salvo. Tínhamos planejado, eu precisava chegar à casa de uma mulher que nos ajudava, a esposa de um *tarefero*. A única que nos ajudava naquele povoado de merda. Nunca teria os chamado de gente de merda na época, mas não consigo mais falar de consciência de classe ou das contradições, e nem tenho paciência para isso. Não me importam. Não encontrei a casa, estava desorientada. Então cheguei como pude à casa de minha tia. Precisava salvar minha filha e pensava em deixá-la lá, e voltar para buscar Eduardo. Estava cansada e aterrorizada. Minha família tem segurança particular. Prefiri ficar com a menina na casa. Deveríamos ter morrido naquela noite. Às vezes, enganar a morte é o pior que pode acontecer.

A voz de Beatriz, grossa, de fumante, não falhava nunca. Falava com a frieza de uma pessoa que não se importa em morrer ou que quer morrer, mas antes precisa resolver duas ou três coisas.

— Fiquei com eles na casa. Com minha prima Rosario e os outros. Não vou lhe contar minha vida. Quero dizer que o que intui é verdade: minha filha é Adela Álvarez, a garota desaparecida. Eu nunca ocultei meu nome: às câmeras disse que me chamava Beatriz Álvarez. Nunca me casei com Eduardo, mas adotei seu sobrenome. Adela foi registrada com seu nome real e não morreu na selva. Não a mataram na operação. Tentei salvá-la. Digo isso a Eduardo. Eu tentei, mas havia outros planos para nossa filha.

— A senhora é a mãe da menina desaparecida em Buenos Aires?

— Acabei de dizer isso. A menina que entrou na casa da rua Villarreal com seus amigos, perto do parque Castelli.

— Eu a reconheci da televisão. Sua família é muito rica. Pelo que eu me lembro, sua casa em Caballito era bastante modesta, me refiro à casa onde vivia com sua filha.

— A casa era boa. Era a que eu queria. Não vivia com eles nem como eles, se é a isso que está se referindo.

— Sua filha perdeu o braço na repressão?

— Minha filha saiu intacta da selva. Perdeu o braço na casa dos meus tios.

— Sofreu um acidente?

— A senhora sabe o que existe nesta selva? Eu também não. Nunca entendi totalmente. É grande e terrível. É voraz. Minha família o venera há centenas de anos. O que vive nesta selva, que agora está adormecido, levou o braço da minha filha e a marcou como sua. Ela deixou de ser minha. Eu sempre quis fugir dos Bradford e, quando me apaixonei por Eduardo, acreditei no que ele acreditava, porque era uma maneira de me afastar deles, uma maneira nobre ainda por cima. Conseguiram que eu voltasse e ficaram com a minha filha.

— Não a entendo.

— Melhor para a senhora.

Achei, então, que ela estava desequilibrada. Mas quando saiu e me deixou sozinha em silêncio, interrompido apenas pelo chapinhar dos animais na lagoa, senti uma apreensão irracional em relação à selva e a toda aquela paisagem bela e hostil, capaz de abrigar tanto sofrimento e tanta morte. A que ela se referia ao dizer que sua família “venerava” algo terrível naqueles montes? Era uma metáfora, era literal? Assim terminou a primeira parte da conversa. Fiquei perturbada pelo encontro, pela coincidência e por seu desequilíbrio, evidente na forma de mexer os olhos escuros, nos cabelos que, de perto, eram quebradiços e finos, nas unhas descuidadas. Era uma mulher elegante e despedaçada. Também fiquei perturbada com a insinuação daquele monstro voraz ao qual tinha se referido e ao qual relacionava o desaparecimento de sua

filha. Ela se foi a caminhar sob o sol, sem chapéu. Não a segui e voltei ao hotel, para transcrever a fita. Queria fazer mais perguntas a ela. Na lista de integrantes do Operativo Itatí consta Eduardo Álvarez (codinome Mono Álvez). Desaparecido e companheiro de (codinome) Liliana Falco. Não tinha mentido. As metáforas que ela usava para compreender a tragédia de sua vida me comoviam, mas também me faziam estremecer, especialmente aquela espécie de delírio místico sobre os poderes da selva. Apesar de entender por que poderia enlouquecer nesse sentido. Se alguém viaja de carro por uma estrada que atravessa o matagal, em Misiones, a selva é uma prisão com muros de ambos os lados, a terra vermelha é um rio de lava. Ali, perto da lagoa, a selva parecia mais distante. Talvez por isso os familiares tivessem escolhido aquele vilarejo, por sua abertura. Imaginei os corpos nos caminhões, atravessando estradas enlameadas, jogados em um poço, os pássaros noturnos calados pelo barulho dos motores. Tinha visto, mais cedo, um altar para São Morte. E no primeiro dia, quando chegávamos de carro vindo de Posadas, o de San Güesito, um menino morto e venerado, um *animita*, como dizem no Chile. Pensei nos ossos secos pelo calor, o calor que come a carne até não sobrar nada.

Encontrei Beatriz Bradford outra vez, naquela noite, no corredor do hotel. Seu quarto ficava na ponta que dava para o salão de café da manhã. Estava bêbada. Tanto que senti compaixão ou solidariedade e a enfiei em meu quarto. Fechei com chave, e ela se jogou na cama, de barriga para cima. Tive medo de que engasgasse em seu próprio vômito. Não a tinha visto comer e não acho que comia muito. Estava bêbada, mas bastante lúcida. Queria falar. Voltei a gravá-la.

— Ninguém se lembra da minha filha. A senhora lembra.

— Me chame de Olga.

— Olga. Que nome feio, como Beatriz. Rosario, não, ela tinha um nome bonito. Coitadinha, Rosario. Era uma piranha, mas queria nos salvar e se

salvar. Era uma piranha, mas tinha amor, sabe, Olga? Ela tinha amor.

— Quem é Rosario?

— Minha prima, a filha de Mercedes. Ela me deixou entrar naquela noite, e ela me disse Betty, não saia, Betty, esta noite não, vai chegar gente, vão fazer a cerimônia, você sabe que não pode participar da cerimônia, que não está autorizada. Fique aqui dentro, Betty. Mas eu saí. Que idiota.

Começou a arranhar os braços, a passar as unhas pelo pescoço, era assim que fazia as cicatrizes. Ela ficava tão desesperada que era terrível olhar. Afastei as mãos dela de seu corpo e lhe ofereci água, mas quis um cigarro. Obriguei-a a fumá-lo sentada, para que não pusesse fogo nos lençóis.

— Saí apesar de ela ter pedido: Betty, não. E aquilo cortou o braço da minha filha. Não me peça para explicar o que é aquilo, não tem nome. Cortou-a através de Juan, que já não era Juan, e a luz negra tocou a minha filha. Por que saí com a minha filha do quarto, Olga? Por que não dei ouvidos a Rosario? Ela sempre foi sensata. Juan era sombrio, mas ela o amava, sem o amor de Rosario não sei o que teria acontecido com ele. O que estou dizendo! Sei, sim. Ele entregou a minha filha. Me enganou, me disse que iria salvá-la, iria salvar seu filho e minha filha, esse era o pacto, e não o cumpriu. Eu devia ter percebido, se ele nem falava comigo! Agora não consigo me aproximar de seu filho. Gaspar é o nome dele, se chama Gaspar. É como ele, mas não sabe disso, alguém tem que contar a ele. Você quer contar, Olga? Minha tia quer que ele saiba. Faz muito tempo que não vejo minha tia. É possível escapar deles por um tempo, eles esperam, sabem que você volta. Ai, não sei se você vai conseguir se aproximar de Gaspar. Ele o marcou, também, e quando o marcou o afastou de nós para sempre. Não conseguem encontrá-lo, eu também não consigo encontrá-lo. Por causa da marca. A marca o afasta. Está protegido. Eles o odeiam, sabe, Olga, odeiam Juan porque ele ganhou deles, um pouco. É a única coisa que me alegra. Estou viva porque eles o odeiam e porque quero

enterrar Eduardo e dizer a seus ossos que eu cuidei da nossa filha, mas não consegui afastá-la da minha família. Você não é o seu sobrenome, ele me dizia. Não está condenada a ser a exploradora. A isso não, mas condenada eu estava. Ele não sabia. Ele também tinha amor.

Deu uma longa tragada no cigarro. Está na gravação. Soa como se o fumasse inteiro. Depois se recompôs na cama.

— Juan me traiu e trocou a minha filha pelo filho dele. Ele a entregou. O dele está salvo. Em troca da minha. Embora eu às vezes pense que ele também a salvou, de alguma forma. Quando ela se perdeu na casa, ele a salvou. Minha família não a terá mais nem irá usá-la. Eles o odeiam por isso também. Havia planos para Adela. Mas onde ela está! E seu filho vive tranquilo. É injusto, Olga. Posso te falar, Olga? É injusto.

— Sua filha foi sequestrada?

— Olga, não queira saber. Não queira saber! Você já está em perigo por minha culpa. Eu destruo tudo o que toco. Não soube protegê-la. Mas Eduardo precisa saber que eu quis salvá-la e não consegui, não consegui, mas é culpa deles e do deus negro que os guia. O deus negro, Olga, eles diziam o deus dourado, mas é negro. Juan tinha medo do deus. Era decente, ainda assim. Eu também teria entregado seu filho pela minha. Por isso guardava os planos, porque sabia como eu sou. Preferia fingir-se de louco. É uma boa, hein, se fazer de louco. Ele sabia que não era ninguém. O deus vive na sombra, cuidado, ele dorme, mas vive.

Foi embora correndo do meu quarto, correu até o seu e se trancou. Ouvia-a gritar e chorar, pedir perdão e, acho, se bater. Ouviam-se golpes secos de uma cabeça contra a parede. Depois, silêncio. A concierge resolveu entrar no quarto e confirmou que Beatriz estava adormecida. Bêbada, desmaiada.

— Não é a primeira vez — disse, e estalou a língua. — Coitada, fica maluca quando bebe. Não é a única, acontece com outros que se hospedam aqui

também. Ela come feito um passarinho.

— Ela já se hospedou aqui antes?

— Duas vezes. Acho que mora perto daqui, embora eu não pergunte. Uma vez a trouxeram para cá porque tinha chegado perto da vala, não sei como passou pelas barreiras. A polícia a trouxe. Ela foi embora, e pensei que não voltaria mais, mas voltou.

Quis contar à gerente quem era aquela mulher, o que havia acontecido com ela, mas fiquei calada. Nunca me pediu descrição nem sigilo, mas não quis espalhar sua história. Considerei que tinha permissão para escrevê-la, como faço agora.

Apesar de acreditar que não conseguiria conciliar o sono, dormi sem pesadelos naquela noite, que eu me lembre, e acordei suando muito. A luz tinha sido cortada e o ventilador de teto estava parado. Tomei um banho demorado. A água quente parou de cair rapidamente, mas a água fria, depois do primeiro sobressalto, me alegrou.

Cheguei tarde ao café da manhã. Beatriz Bradford não estava no salão. A gerente me disse que tinha ido embora de madrugada, em seu carro.

— Não acredito que ela volte nos próximos meses — disse. — Às vezes quando bebe muito e faz algum estrago, vai embora antes da hora. Fica com vergonha. É uma mulher fina.

Fiquei mais alguns segundos com a gerente. Não sei por que pensei que Beatriz poderia ter deixado algo para mim. Seu endereço, seu telefone, mas não tinha feito isso. Passei aquele dia conhecendo os familiares recém-chegados e à noite reservei um voo de Posadas a Buenos Aires. Não voltei a Zañartú nem ao poço.

A MENINA ESQUECIDA

Em Buenos Aires, escrevi a reportagem sobre o poço, a última de uma série sobre o Operativo Itatí e a repressão nas plantações de erva-mate do Litoral perto da fronteira. Este texto, no entanto, é diferente: pertence a uma escrita íntima, menos ligada à informação e à história. O encontro com Beatriz Bradford me impactou muitíssimo e, depois de cumprir com a entrega do artigo, tratei de confirmar sua identidade, saber se era de fato a mãe de Adela Álvarez.

Não havia mentido. Não existem muitas reportagens sobre o caso de Adela Álvarez, mas remeto os leitores à de Guillermo Triuso publicada em *Panorama* dois meses depois do desaparecimento (*Revista Panorama*, nº 139, “O desaparecimento de Adela”, 27 de novembro de 1986). É um documento único, porque cita os arquivos do caso, que, arquivados no subsolo de Tribunales, se perderam pouco depois, estranhamente porque era um caso ativo, na enchente de julho de 1987. Eram apenas dois volumes, nada extravagante. Não se deu muita atenção àquela garota e suas circunstâncias, assim como às declarações dos menores, Pablo Fonzi, Victoria Peirano e Gaspar Peterson, que não eram contraditórias, mas sim muito fantasiosas. Embora não exista processo judicial que contenha a declaração de Gaspar Peterson, seu depoimento para a polícia permanece na sede da 5ª delegacia de San José de Flores, onde constam seu nome completo e filiação. Beatriz Bradford não mentiu para mim: os pais do garoto eram Juan Peterson e Rosario Reyes Bradford. Ambos falecidos. Tinha sido adotado legalmente por seu tio, Luis Peterson. A declaração inclui uma descrição da cena ocorrida na noite do desaparecimento. De acordo com os garotos, eles passaram por volta de uma hora e meia dentro da casa. Adela entrou em um dos quartos cerca de quarenta

minutos depois de entrarem na casa: passaram o resto do tempo tentando abrir a porta atrás da qual a menina desapareceu, que ficou hermeticamente fechada. Depois de quase uma hora, deram-se por vencidos. Então, saíram e avisaram aos pais de Victoria Peirano, que fizeram a denúncia à polícia.

Os três disseram, em resumo, que no interior da casa havia luz, que era enorme, que tinha estantes com restos humanos dispostos como enfeites: dentes, ossos e unhas. Adela entrou em um quarto, fechou a porta atrás de si e não conseguiram abri-la outra vez. Victoria estava convencida, declarou o policial, de que alguém na casa tinha trancado aquela porta à chave. Os policiais demoraram mais de cinco horas para ir até a casa, já de madrugada. A partir daí, nada faz sentido. A juíza Carmen Molina ordenou uma série de buscas, nos dias seguintes, nas casas vizinhas, inclusive na de Adela Álvarez. Chama a atenção que não tenha ordenado que a casa de Gaspar Peterson fosse vasculhada. Até o dia de hoje não há suspeitos nem pistas sobre quem levou Adela Álvarez, se é que alguém a levou. Entre a denúncia e a chegada dos policiais na cena do crime, os sequestradores tiveram tempo de apagar qualquer indício. As declarações dos garotos são incríveis e constam, citadas, na investigação de meu colega para a *Panorama*: recomendo ao leitor que leia seu trabalho. Infelizmente, Guillermo Triuso deixou a Argentina no início de 1988 devido à situação econômica e atua como jornalista no México. Telefonei para ele para consultá-lo sobre alguns detalhes e foi gentil, mas a questão já estava resolvida para ele. O que ele apontou, na conversa telefônica, foi sua perplexidade diante das declarações dos garotos sobre as dimensões da casa. A casa da rua Villarreal nº 525 tem 40 metros quadrados, 44 para ser exata, com mais 10 metros quadrados extras divididos entre o pequeno jardim da entrada e um pátio nos fundos que inclui um galpão simples, segundo a planta original, disponível nos arquivos do município. A distribuição, além do mais, é muito simples: um ambiente de uso múltiplo na entrada, uma cozinha com

espaço para refeições diárias, um único quarto e um banheiro. Os garotos falam de ambientes muito amplos, corredores e vários quartos. Não há dúvida de que entraram naquela casa e não em outra. Ou seja: declararam que a casa era muito maior por dentro do que por fora, uma impossibilidade física. Além disso, quando os policiais entraram, viram que a parede que separava a cozinha do quarto tinha sido derrubada. Assim como as paredes do banheiro, que estava à mostra. As pilhas de entulhos permaneciam do lado de dentro e apenas uma parte estava acumulada no pequeno pátio dos fundos. A casa está à venda como terreno: está em ruínas. Não tinha eletricidade, embora os garotos garantissem que havia luz, e não tinha nenhuma porta: a do banheiro e a do quarto tinham sido retiradas. A casa estava à venda apesar de não ter placa: uma imobiliária a oferecia diretamente aos clientes e pertencia à família Ordóñez; o filho dos donos também prestou depoimento, mas suas declarações são irrelevantes: fazia anos que sequer passava por Buenos Aires; ele e sua irmã tinham migrado, por questões de negócios, para Córdoba. Depois da morte da mãe, tinham colocado a casa à venda. Não havia motivos para suspeitas, tinham um álibi imbatível.

A juíza confrontou os garotos com essa informação, segundo consta na matéria de Triuso para *Panorama*, e, apesar de demonstrarem surpresa, mantiveram suas declarações.

O GAROTO MARCADO

Um caso frio, dizem os criminalistas, e para os jornalistas é um assunto velho. Não podia voltar a procurar Beatriz Bradford, naquele momento. Questões de trabalho e pessoais me prendiam em Buenos Aires. Consegui falar com a mãe de Eduardo Álvarez, que me pediu discrição. Tinha doado uma amostra de DNA para identificar seu filho, mas não militava em nenhuma organização de direitos humanos. Estava com raiva de sua nora e de seu filho, e acreditava que o desaparecimento da neta, a quem via de vez em quando (“culpa de Beatriz, que é uma má pessoa”), podia estar relacionado à militância do filho. Não consegui tirar mais nada dela, exceto a promessa de uma entrevista que não se concretizou.

Não tive acesso à família de Beatriz. Depois de um telefonema ao escritório deles, imediatamente recebi a resposta de um advogado: se continuasse, seria denunciada por assédio. O advogado tinha um tom ameaçador. Seria possível que Beatriz morasse com a mãe? Algumas das minhas fontes a par dos rumores sobre a família Bradford me garantiram que é a mãe quem cuida dela. Insisti por outras vias, mas ter acesso aos Bradford provou-se extremamente complexo: a cada tentativa, recebia uma resposta de seus advogados. Os telefones eram sempre atendidos por secretários gélidos. As propriedades eram vigiadas. A família é um país dentro do país.

Enquanto isso, queria falar com algum dos garotos que haviam entrado na casa com Adela. Também não eram mais garotos. Não foi tão simples. Os pais de Victoria Peirano não quiseram me receber, e sua mãe me disse por telefone que havia custado muito a sua filha superar o ocorrido para que eu a fizesse lembrar disso tantos anos depois apenas por minha vaidade. Quis argumentar que não tinha nada a ver com minha vaidade, mas ela desligou. Obtive uma

resposta semelhante da família Fonzi, embora, insolitamente, tenham me dado o endereço de Gaspar Peterson, o terceiro garoto, que vivia com seu tio. Fizem isso com certa displicência, como se eles não se importassem. Não me deram o número de telefone, que também não constava nas páginas amarelas. Decidi lhe fazer uma visita. Morava em Villa Elisa, um subúrbio de classe média perto de La Plata.

Villa Elisa é uma localidade pequena na qual é difícil se perder. As ruas são numeradas: de norte a sul vão da rua 31 à 1, e de leste a oeste, da 32 à 60. Curiosamente, as avenidas e as ruas maiores são numeradas do 403 ao 426, mas essa aparente dificuldade fica muito clara em um mapa. Além disso, a prefeitura é eficiente e as ruas têm seu número em cada esquina. A casa de Luis Peterson ficava na 6 com 43, perto da estação de trens. Fui de carro e logo encontrei a direção que deveria seguir.

E aqui começa o que não compreendo e o que, afinal, me fez abandonar a investigação. O que me fez renunciar a este caso e a meu instinto jornalístico, e me faz suspeitar que me encontro no princípio de uma história que não quero conhecer. Porque o que aconteceu naquela tarde e na seguinte é impossível.

Não consegui encontrar a casa. Não estou querendo dizer que me perdi. Chegava ao cruzamento das ruas 6 e 43, dobrava na 6 e procurava o número, 147. O endereço era 6, nº 147. Não havia dúvida. Perguntei aos vizinhos. Todos conheciam o senhor Luis Peterson. Arquiteto, me informaram. Também conheciam Gaspar. Um amor de garoto, foi como o descreveram. Todos me indicavam o mesmo caminho, simples. Mas, quando eu pegava a rua 6, os números não coincidiam. Eram 451, 453, 455... e então, quando voltava, percebia que tinha virado em outra rua. Na 7, na maioria das vezes. Também na 8, na 43, na 44. Tentei ir com um taxista que ficou enjoado assim que entrou na rua e vomitou no volante. Pensei que estava bêbado e discuti com

ele, mas o homem me disse que nunca bebia em serviço e que tinha sentido uma dor de cabeça repentina que o assustou, “como um derrame cerebral”.

Abandonei a busca naquela tarde. Havia algo estranho no ar ou em minha cabeça: a sensação pantanosa daqueles pesadelos em que não se consegue gritar ou andar, os sonhos em que você tem certeza de que a casa da qual não consegue sair está ocupada por algo que se esconde.

Voltei no dia seguinte, enfrentando meus medos.

Nesta segunda oportunidade, testei pedir ajuda a um vizinho. Disse a ele a verdade, que não conseguia encontrar a casa. O homem se ofereceu para me ajudar e fomos juntos. Nos perdemos. Duas vezes. O homem se irritou um pouco, ficou contrariado: sentia, acho, aquela irrealidade de sonho. “A senhora se vire sozinha, que eu não tenho o dia todo.” Tentei mais algumas vezes, mas lembrei as palavras de Beatriz Bradford. Não vai conseguir encontrá-lo. Ele o marcou. Você não vai conseguir. Percebi com a lucidez da irracionalidade que estava vedado a mim chegar à casa das ruas 6 com 43. Não compreendo por quê. Passei algumas horas na esquina: achei que, se ficasse tempo suficiente, veria algum deles. Não foi o que aconteceu e, além disso, eu não sabia qual era sua aparência: aqueles a quem perguntei me indicaram que fosse à casa da 6 com a 43. Um deles me deu o telefone. Liguei do telefone público da rua. Deu ocupado no princípio. Em seguida, atendeu uma secretária eletrônica. Quando voltei à esquina, senti medo e impotência e decidi ir embora. Da próxima vez, disse a mim mesma, voltaria com um colega fotógrafo para documentar aquele estranho percurso, ou para encontrar, finalmente, a casa evasiva.

Não consegui chegar a essa terceira tentativa. Fui de trem até Villa Elisa. A linha Roca fazia jus à má fama que tinha: janelas sem vidro, muitos assentos destruídos, roubos frequentes em algumas estações das localidades empobrecidas e uma quantidade inusitada de vendedores ambulantes e artistas de rua. Na altura da estação Hudson, em geral uma das menos frequentadas, vi

um mendigo que percorria os vagões. Havia sempre tantos mendigos que não tinha por que aquele me chamar a atenção, mas não pude tirar os olhos dele. O homem não tinha um braço. A coincidência em relação à falta de braço de Adela me desconcertou. Tentei me acalmar. Existem muitos mendigos com amputações. Muitos. Nunca tinha sentido medo de nenhum e nem tinha razão para ficar assustada. As pessoas com mutilações, quando pobres, são muito mal inseridas na sociedade.

O homem vendia canetas. Ele as anunciava como as melhores do mercado a um preço insólito. As pessoas compravam: tinha algo de amável, simpático, desenvolto. Minha aversão crescia. E, quando se aproximou do meu assento — que eu não estava dividindo: a pessoa que estava a meu lado teve como destino a estação Pereyra —, o homem parou. Guardou as canetas que estava oferecendo em uma pequena bolsa pendurada em seu ombro. Percebi que estava bem-vestido: uma camisa de manga curta de qualidade, calças com as bainhas de couro ou courino para evitar a sujeira do chão e garantir a duração da peça, um relógio digital novo e os cabelos limpos, bem penteados. De perto, não parecia um vendedor ambulante. Com prótese, passaria por um funcionário de escritório.

— Todos queremos vê-lo. Mas não vai conseguir — disse.

— Quê? — respondi, e a adrenalina me fez agarrar seu ombro. Não queria que fosse embora. Ele não foi.

— Não faz sentido.

Olhamos um nos olhos do outro. Os dele eram castanhos, grandes. Os fios grisalhos estavam arrumados.

— Quem? — disse.

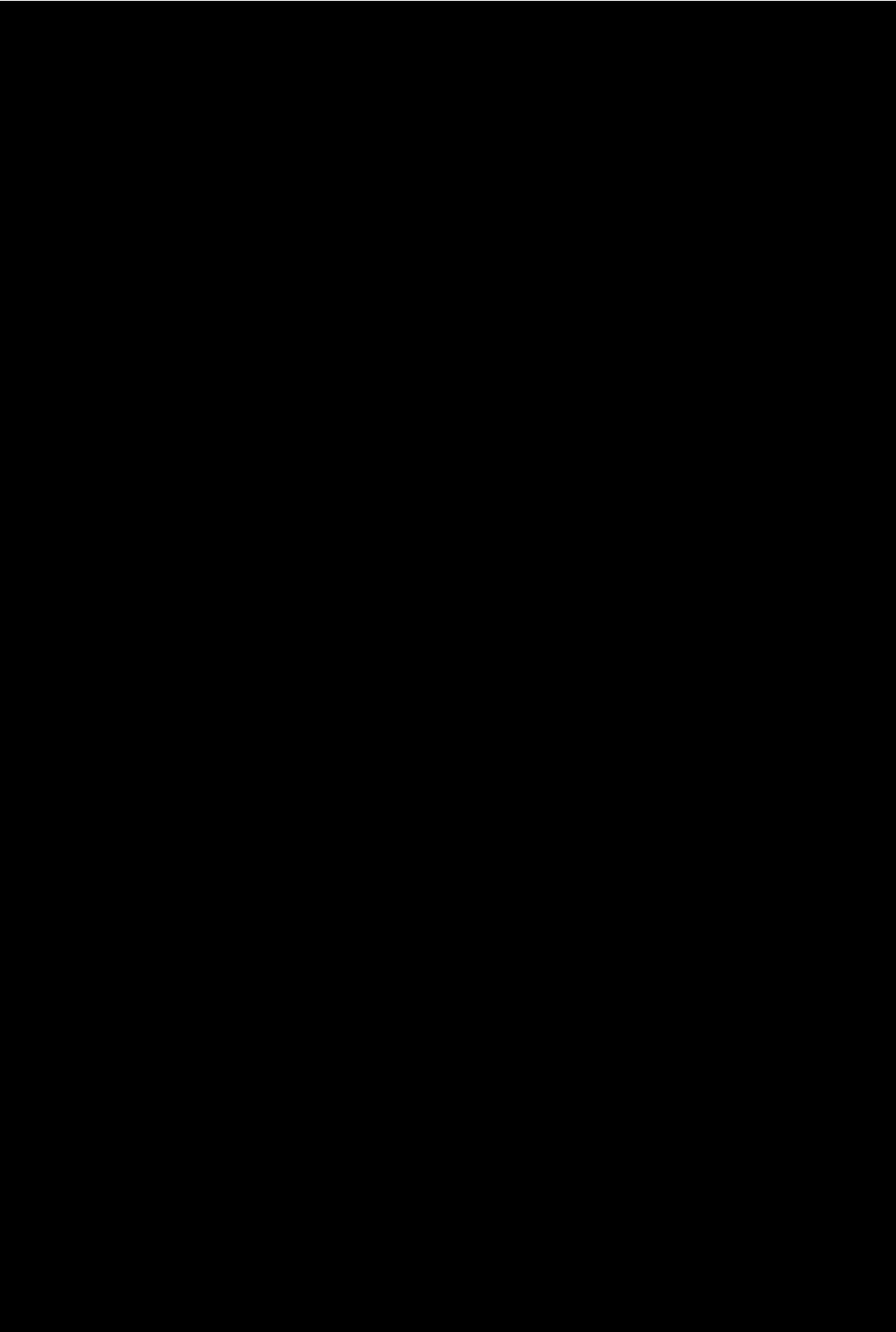
— A senhora sabe quem. Não chegará até ele. Deixe-o.

Olhou fixamente para mim, mas seu rosto não demonstrava nada. Era imperscrutável. Saltou do trem ainda em movimento, ainda que lento, e o vi se

afastar rapidamente pela plataforma. Desci do trem com a intenção de segui-lo. Não notei que os cadarços de um dos meus tênis estavam desamarrados. E caí lentamente entre o vagão e a plataforma, naquele espaço horrível tão próximo aos trilhos e às rodas do trem. O cheiro do metal quente encheu minha boca: eu gritei e meu grito foi ouvido apesar do chiado. Não é verdade que, quando se está à beira da morte, vê-se a vida passar. A única coisa que se sente é um medo atroz e pena, pena pelo que ficou por fazer, pelos filhos, pela própria estupidez, pelo desperdício, mas, acima de tudo, medo.

O trem parou justo antes de me machucar. A menos de um centímetro. O chefe da estação chamou uma ambulância e me tiraram da armadilha. Estava convencida de que o trem arrancaria de novo, mas não queria me mexer, pois o mais leve toque poderia aproximar a roda de metal do meu ventre. Quando conseguiram me tirar, e digo conseguiram porque bizarramente eu resisti, fiquei sentada na plataforma, chorando, enquanto os médicos me examinavam. Ilesa apesar de muito assustada, jurei que abandonaria esta investigação que havia começado junto a um poço de ossos.

Não sei quem era o homem do trem. Pensei em fazer uma denúncia, mas o que eu diria? Posso ter tido uma alucinação. Eu me pergunto se a impossibilidade de encontrar a casa e o encontro com aquele homem não fazem parte da mesma alucinação, ou se, ao contrário, trata-se de um plano com regras que desconheço. Mal consigo sair de casa sem olhar por cima do ombro. Temo inclusive que o homem sem braço leve minha filha, que tem a idade que Adela tinha quando desapareceu. Ponho um ponto final nesta crônica, com dúvidas quanto a sua publicação.



As flores negras que crescem no céu,
1987-1997

Não é preciso ser uma câmara — para ser assombrado.

EMILY DICKINSON

Luis Peterson se mudou para uma chácara em mau estado que ele havia comprado barata com o dinheiro que juntou no Brasil; uma casa em Villa Elisa, perto de La Plata, que estava caindo aos pedaços, mas era bonita e Luis queria restaurá-la, então se pôs a trabalhar obcecadamente na reconstrução da casa e na reconstrução de Gaspar.

O garoto estava com raiva e, quando não estava com raiva, estava deprimido, com uma depressão adulta que o derrubava na cama. Não conseguia ir ao colégio. Quase não comia, fazia lanches, remoendo um sanduíche de presunto cru (só queria comer isso: presunto cru e queijo no pão francês), e chorava lágrimas pesadas que deixavam pequenas poças na mesa de madeira, como as primeiras gotas grossas de uma chuva de verão.

O tratamento com a primeira psicóloga tinha sido um desastre. Ela recomendou um psiquiatra; disse a Luis que achava que Gaspar sofria de esquizofrenia. Foram ao psiquiatra, que confirmou o diagnóstico e receitou comprimidos. Gaspar os tomava às vezes; às vezes os vomitava. As dores de cabeça o faziam se contorcer na cama. Brigava com o psiquiatra e gritava para Luis que não queria mais vê-lo, que iriam interná-lo, que era óbvio que queriam se livrar dele. Por que eles dizem que não sei distinguir o que é real?, gritou uma noite, na cozinha, com gelo envolto em um lenço apoiado nas têmporas para atenuar a enxaqueca. O psiquiatra combinou uma entrevista com os peritos de Tribunales que mal examinaram Gaspar e aceitaram seu diagnóstico sem senões: a entrevista tinha durado cinco minutos. Enquanto continuasse a dizer que o interior da casa era diferente do exterior, não haveria muitas possibilidades de uma segunda opinião. O mesmo não acontecia com os outros garotos, e Luis adivinhava o porquê: Gaspar era aquele que vinha de

uma família estranha, o filho do viúvo, o garoto que se criou sozinho. O garoto esquisito. Os outros, a juíza lhe dissera, apenas foram na onda dele.

Na tarde em que Luis encontrou uma faca debaixo do colchão de Gaspar, ele quase concordou com os médicos e sentiu medo. Mas o chamou, colocou a faca na mesa, entre os dois, e perguntou por que ele a escondera. Gaspar suspirou, mas não chorou. Para me matar, disse. Estava pensando se é melhor cravá-la no pescoço, e indicou a jugular, ou aqui no peito. Mas acho que é mais difícil por causa do osso. Luis não o conhecia tão bem, mas percebeu que não estava mentindo, que não pretendia usar a faca para atacá-lo ou atacar outra pessoa. Naquela mesma tarde, depois de esconder a faca, decidiu falar com Julieta, a mulher que havia conhecido assim que chegou do Brasil, uma amante jovem e surpreendente, que era cercada de amigas psicólogas. Fazia meses que não a via, desde que precisara se mudar para a casa de Juan. Ela o entenderia, pensou. Deixou Gaspar com o Negro Sánchez, um companheiro de militância dos anos setenta, ex-líder sindical, como ele, que tinha sido um de seus melhores amigos antes do exílio e que agora morava por perto; ele o ajudara a encontrar aquela casa barata. Luis confiava no Negro Sánchez mais do que em qualquer outra pessoa no mundo.

Em um bar de La Plata contou tudo a Julieta. Que o juiz tinha dado a ele a guarda de Gaspar: agora era tecnicamente seu filho. Contou sobre a faca debaixo da cama e sobre como Gaspar disse que queria morrer, que não queria viver se estava louco. Foi diagnosticado com esquizofrenia. Ele insiste que não está louco. Me disseram que é normal que ele negue, que não distingue a realidade de suas próprias alucinações. Mas não sei por quê, Julieta, eu acredito nele. Já sei que é um disparate, ele é uma criança, como é que pode ter mais razão que os médicos. Acontece que ele é muito racional. Fala como um adulto.

Contou a ela o que sabia sobre os últimos anos de seu irmão. Contou sobre a morte de Rosario, sobre o psiquiatra e sobre como Gaspar não conseguia ir à escola porque os comprimidos lhe davam dor de cabeça e um cansaço brutal e lá estava ele, aos treze anos, sem fazer nada o dia inteiro, pensando em si mesmo, batendo com a cabeça na parede quando não aguentava mais a culpa por sua amiga Adela; é obsceno, disse Luis a Julieta, é um espetáculo obsceno para um garoto dessa idade.

O que você quer que eu faça, disse ela.

Quero que o conheça e que me ajude a procurar uma profissional que sirva para ele, não aquele filho da puta que só quer medicá-lo, interná-lo, sei lá que porra mais.

Vamos agora, disse ela, me leva. Vamos jantar todos juntos. Uma coisa normal. Não entendo como você o deixou com o Negro. O Negro é o mais leal do mundo, disse Luis. Com certeza, mas não sabe cuidar de um garoto com problemas. Ninguém sabe, disse Luis.

No caminho, falaram de política, para relaxar; por isso tinham se conhecido, ele tinha evitado falar de sua situação familiar nos primeiros encontros. Luis ainda estava amargurado porque Menem tinha ganhado as internas. Alfonsín vai antecipar as eleições, disse ela, e Menem vai ser presidente: você vai ter que engolir. Ela tinha apoiado o governador da Rioja nas eleições internas. O que vamos ter que engolir é o desastre desses meses; por sorte, tenho dólares e Gaspar recebe uma pensão, também em dólares.

A casa de Villa Elisa, com suas telhas vermelhas e paredes brancas, parecia e estava em ruínas. A reforma iria demorar muito se a economia não melhorasse, mas Luis tinha conseguido arrumar a cozinha. O quarto de Gaspar estava bom, embora o piso de taco precisasse ser trocado ou encerado e polido por meses. O mais difícil era a umidade, as infiltrações, mas por ora não tinha dinheiro e precisava se conformar. Depois de um ótimo contrato, graças ao qual tinha

conseguido comprar a casa, ele nunca mais tinha conseguido trabalho. Restavam-lhe algumas economias e finalmente tinha conseguido concluir os complicados trâmites para separar seu dinheiro do dinheiro de sua ex-mulher, no Brasil. Conseguir um emprego, em março de 1987, parecia impossível. Tanto quanto conseguir uma boa psicóloga. Todo mundo estava assustado, empobrecido, preocupado apenas consigo mesmo.

Gaspar e o Negro Sánchez estavam na cozinha, abrindo massas de pizza. Luis ficou visivelmente aliviado — relaxou os ombros, afrouxou os dedos da mão esquerda que sempre apertava inconscientemente cerrando o punho — ao ver Gaspar polvilhar farinha e erguer a cabeça ao vê-lo chegar. Era apenas uma onda de normalidade, disso ele já sabia; mas eram ondas tão limpas, tão frescas que o faziam fantasiar com Gaspar saudável ou sofrendo um pouco menos.

O Negro Sánchez cumprimentou Julieta e os observou com curiosidade; Luis fez um gesto com a cabeça para ele que poderia significar tenha paciência ou cala a boca. Foi com Julieta para o jardim, para lhe mostrar os avanços. Era um jardineiro amador, e muito bom.

São todos bonitos nesta família, disse ela. Esse moleque é um príncipe encantado.

Agarrou o rosto de Luis com as mãos e o beijou, mas não disse mais nada. Ele percebeu, no entanto, que ela não estava zangada, que agora entendia por que ele teve que parar de vê-la durante todo aquele tempo, entendia que os problemas o tinham sobrecarregado. Comeram pizza na cozinha: era março, mas já fazia um pouco de frio. Gaspar conseguiu engolir uma fatia e meia — Luis as contava obsessivamente — e fez muitas perguntas, daquele jeito, meio bruto, que ele às vezes tinha e que alternava com períodos de mudez.

— Você é a namorada do meu tio?

— Faz tempo que não nos vemos.

— E o que aconteceu? Foi culpa minha?

— Você não tem culpa de nada, Gaspar, por favor — disse Luis.

— É normal que ela não queira estar com você agora que é responsável por mim.

— Eu não sabia muito bem como era a história com você — explicou Julieta, sorrindo. — Seu tio me deixou antes de explicar. Fica tranquilo, os homens não sabem administrar duas crises ao mesmo tempo.

— Você trabalha com o quê? Você trabalha?

— Sou advogada. Mas não sou filha da puta.

— A maioria dos advogados são filhos da puta, não são?

— Lamentavelmente.

Então Gaspar ligou a televisão e parou de lhes dar atenção. Julieta tentou puxar outra conversa, mas agora as respostas já eram telegráficas.

— O que você está vendo?

— Nada.

— Você gosta de televisão?

— Não gosto de nada.

— Todo mundo gosta de alguma coisa.

— Eu não.

— Vamos lá, de alguma coisa você tem que gostar. Me diz ou não vou te deixar quieto.

Gaspar a encarou, e Julieta pensou que, dentro de alguns anos, se o estirão e a adolescência não o deformassem muito, aquele olhar iria enlouquecer as mulheres, ou os homens se o garoto preferisse homens. Ou a quem quer que fosse.

— Gosto de nadar. De correr também, de jogar futebol.

— Seu tio sabe?

— Não sei se disse a ele. Acho que não.

— E por que não nada se você gosta? Neste bairro há vários clubes com piscina.

— Porque fico cansado o dia inteiro.

E com isso deu por encerrada a conversa e aumentou o volume da televisão. Julieta foi até a cozinha, para ajudar. Naquela noite ela ficou e dormiu com Luis, que se levantou várias vezes durante a noite para fumar no pátio e, quando voltava para seu quarto, sempre parava alguns segundos na frente do de Gaspar.

* * *

Foi muito difícil convencer Gaspar a ir a outra psiquiatra. Segundo recomendação de Julieta, esta era especialista em crianças com muitos problemas — especialista em psicóticos, mas essa palavra não se mencionava —, era irmã de um pediatra famoso em La Plata, uma mulher de esquerda, muito engajada, muito doce. Luis foi conhecê-la antes de pedir uma entrevista para seu sobrinho: gostou de tudo, da casa com suas escadas de madeira, dos enfeites sóbrios em cima das mesas — artesanato, fotos de família —, dos gatos que mal abriam os olhos quando percebiam algum movimento e acima de tudo ele gostou dela, baixinha e meio encurvada, uma mulher de mais de 60 anos que o abraçou como se o conhecesse e pareceu entendê-lo instantaneamente: não foi preciso contar sobre as semanas de ressaca após o fracasso do primeiro tratamento, Gaspar gritando que via Adela pelos cantos da casa ou o pai a seu lado, na cama. Era assim que o garoto acordava, abria os olhos e via seu pai deitado, a cabeça no mesmo travesseiro, às vezes o via morto, às vezes vivo, mas sempre a primeira coisa que acontecia quando o dia começava eram aqueles gritos e em algumas ocasiões passava horas imóvel na cama com os olhos

abertos e as pupilas dilatadas. Luis falava com ele, e o garoto não dizia nada, não o escutava, piscava e franzia o cenho, estava em outro lugar.

— Outro psiquiatra me disse que as alucinações podem ser comuns depois de um trauma.

— Isso nós iremos avaliar, continue me contando. Ter estado presente quando a amiga desapareceu é algo bárbaro. Gaspar fala sobre morte?

— Diz que se está louco não há sentido viver.

— Você acabou de dizer que encontrou uma faca debaixo do colchão, e ele falou sobre suicídio.

— Tem 13 anos, não sei se o levo a sério.

— Os adolescentes se suicidam com frequência.

Conversaram também sobre como iniciar um tratamento e abandonar o outro psiquiatra. Deixe comigo, eu o conheço, todos nos conhecemos nessa profissão. É para o bem de Gaspar que seu médico esteja perto de onde mora e que não precise viajar para Buenos Aires várias vezes por semana. Uma relação ruim com o médico pode provocar crises desnecessárias. Eu me encarrego disso. Não haverá problemas legais, também conheço o sistema, já trabalhei em instituições.

— E a medicação? Gaspar diz que não faz diferença nenhuma e que se sente pior.

A psiquiatra hesitou.

— Vamos diminuir a dose — disse. — Não posso fazer um diagnóstico em um primeiro encontro, mas posso tentar outra abordagem. Também não quero que o obrigue a vir às sessões. Precisa vir, mas aja como se não o estivesse obrigando. Insista. Para que ele sinta que se preocupa. Insista todos os dias.

Insistiu tanto que ficou exausto: com o choro de Gaspar, com a violência de seus gritos. Isso não foi o pior, nem a terrível magreza de Gaspar, que, Luis pensava, não fosse o fato de o país ser um inferno de cortes de energia,

protestos, hiperinflação e eleições antecipadas, e porque ninguém do juizado os visitava (estariam em greve?), justificaria a intervenção urgente de uma assistente social. O pior tinha sido aquela tarde quando, depois de uma estranha discussão, quase silenciosa, Gaspar quis voltar para seu quarto — como fazia todos os dias, passava tempo demais deitado, na cama ou no sofá da sala — e ficou parado na porta, imóvel. Luis viu, do corredor, que os joelhos do garoto estavam bambos e correu para pegá-lo antes que caísse no chão. Ele não desmaiou, mas estava suado apesar de aquela tarde de outono estar bastante fria, e Luis, ao abraçá-lo, sentiu como seu corpo tremia.

— Papai está no quarto, não entre — disse o garoto.

Luis o pegou no colo. Pesa menos que uma cadeira, pensou, e o levou para o jardim porque não lhe ocorreu outra coisa; mas não pôde evitar uma espiada rápida no quarto, pela porta que tinha ficado aberta, e acreditou ver a estatura intimidante, inconfundível, de seu irmão caçula, um reflexo dos cabelos loiros e os ombros largos, os dedos muito compridos da mão, os braços pendendo nas laterais do corpo. Ninou o garoto no banco do jardim, assustado. Você vai ficar bem, repetia, você vai ficar bem, até que o garoto o interrompeu, inesperadamente:

— Não minta mais.

— Você vai ficar bem, Gaspar, vou te ajudar.

— Era ele. Prefiro que venha ele. Adela vem à noite. Me cumprimenta com a mão. Comeram a cara dela.

— Não há ninguém na casa, estamos somente nós dois.

O silêncio confirmou o que ele dizia. Ao longe, ouvia-se algum vizinho cortando a grama. Também o murmúrio de uma televisão, alguns pássaros. Ainda havia sol. Estava um dia lindo. As rosas amarelas se mexiam suavemente, com o vento: Luis tinha conseguido reviver a roseira do jardim. Para Luis parecia uma injustiça que Gaspar não pudesse aproveitar aquela tarde. E ele

disse isso. Falou da escola na qual pensava matriculá-lo, de como tinha imaginado que arrumariam a casa e o jardim juntos, da vontade que tinha de começar a trabalhar e de um clube que ficava ali perto onde ele poderia voltar a fazer algum esporte se quisesse. Não sabia se o garoto podia ouvi-lo, tampouco soube quando ele adormeceu, mas finalmente o levou para o sofá da sala e esperou, sentado, em silêncio, até que também adormeceu e sonhou com corredores e cercas e o mar. Quando acordou, Gaspar estava olhando para ele, na semiescuridão; as luzes do jardim estavam acesas, a casa estava cheia de sombras.

— Não está desconfortável aí?

— Amanhã vai doer tudo.

Gaspar se sentou, com o cobertor nos ombros.

— Essa doutora atende amanhã? — perguntou.

* * *

Luis se deu conta do quanto amava o sobrinho ao vê-lo entrar no consultório de Isabel, a psiquiatra; antes de fechar a porta, ele o olhou e Luis fez um aceno bobo, que Gaspar não retribuiu. Nunca tinha se sentido tão desamparado, nem quando teve que se exilar, nem quando ficava sabendo, em sua casa no Brasil, das prisões e assassinatos de seus companheiros e de seus amigos. Tudo isso tinha sido monstruoso, mas o olhar de Gaspar tinha sido pior. Havia imaginado várias noites que o encontrava morto na banheira, tivera sonhos em que ele aparecia coberto de sangue e outros em que simplesmente morria dormindo.

Gaspar saiu com o braço da psiquiatra em volta dos ombros. A consulta tinha durado bastante tempo, quase duas horas.

— Nos vemos sexta-feira? Gaspar e eu decidimos que temos que nos ver duas vezes por semana. Se for preciso, talvez acrescentemos uma terceira.

Luis esperou que a psiquiatra o convidasse a entrar, mas ela cumprimentou os dois com um beijo e disse na próxima vocês me pagam.

E isso foi tudo.

No carro, Gaspar disse apenas: acho que esta é melhor que o outro.

* * *

Sua mãe finalmente a tinha deixado telefonar para a casa onde agora Gaspar morava com seu tio. Por que ele o levou daquele jeito, sem avisar? Gaspar tem problemas, filha. Quê? Todos nós temos problemas. Adela desapareceu ou foi morta, eu sei lá, naquela maldita casa assombrada, e agora levaram Gaspar também.

E Victoria chorava e não conseguia dormir, e sua mãe entrou em contato com o tio de Gaspar e lhe contou a situação, e ele lhe contou a sua e ficaram conversando.

— O tio dele me prometeu que vamos ficar em contato. Eu ligo para ele uma vez por semana. Não tem problema. Gaspar está em tratamento.

— Tratamento de quê?

— Vicky, você também vai ao psicólogo, é a mesma coisa.

— Não é a mesma coisa se não posso vê-lo.

— Gaspar está pior que você.

— Não está louco.

— Logo vocês vão se ver, mas ele precisa estar melhor.

— Por que vocês pensam que vou fazer mal a ele?

E sua mãe a abraçava, mas não lhe explicava nada além disso. E Vicky via Adela pelo menos uma vez por semana, mas de relance, como uma sombra

colada às suas costas, e quando se virava, não havia ninguém. Contou isso a Pablo, e ele, depois de escutá-la na fresca sala de estar de sua casa, que Victoria achava tão silenciosa, foi até a biblioteca, pegou um livro fino de capa verde e leu para ela: “O Hidebehind está sempre por trás de alguma coisa. Por mais voltas que um homem desse, sempre o teria por trás, e por isso ninguém o viu, embora tenha matado e devorado muitos lenhadores.”

— Por que diabos você está lendo isso pra mim?

— Me fez lembrar. É do Borges.

Mostrou a ela a capa do livro.

— É um conto?

— Não, não é um conto, é uma lenda. Uma lenda dos Estados Unidos, diz aqui.

— Pablo, você é um mongol. Venho contar o que está acontecendo comigo, e você me aparece com Borges e a puta que te pariu.

Foi embora brava ignorando as desculpas de Pablo e pensando que ele também estava muito louco. Pensando que Gaspar, sim, a entenderia. Como eu posso fazer mal a ele, me diz, perguntou depois à mãe. Sou sua melhor amiga. Me dá o telefone, não seja filha da puta.

— Se você falar palavrão de novo, eu te arrebento.

— Você sempre diz o mesmo, a mesma merda, te arrebento, arrebenta nada. Me dá o telefone!

— Dá pra falar sem xingar nesta casa? — disse o pai de Victoria, que surgiu da cozinha, com uma xícara de café e o jornal debaixo do braço.

— Hugo, não se mete.

Ele fechou a porta da cozinha com uma porrada.

— Vou te dar o telefone, mas o Luis não vai passar para o Gaspar. Pode conversar com ele.

Arrancou o papel com o número da mão de sua mãe e ligou: seus dedos estavam tremendo, era difícil discar no telefone novo. Luis foi muito gentil com ela e explicou que Gaspar estava doente, que precisava de tempo.

— Tempo pra quê?

— Para se recuperar.

— Eu nunca vi o senhor com o Gaspar. Com seu irmão que parecia um louco e superdoente, ele sempre estava sozinho. Pablo e eu íamos buscá-lo. E o senhor? Quem pensa que é? O senhor eu não sei o que estava fazendo. Nós somos amigos. Eu sinto falta dele, ele tem que sentir falta de mim.

Silêncio do outro lado. Velho caduco, pensou Victoria.

— Você tem razão.

Veja só, pensou Victoria.

— Mas agora ele é minha responsabilidade. Eu estou cuidando dele, e a psicóloga que o atende diz que por enquanto, para protegê-lo, é melhor ele ficar afastado, não de vocês, de tudo o que o faça lembrar o que aconteceu.

— O senhor é um cretino.

— Menina, dê um tempo a ele. Vai melhorar.

Victoria desligou e se enfiou no quarto. No dia seguinte teria que voltar ao colégio, como faria isso ela não sabia, era o ensino médio, era diferente, felizmente não era mais uma escola de freiras, iria a um colégio normal, onde não conhecia ninguém, embora alguns iam saber que ela era a garota da casa de Adela e, se um soubesse, todos ficariam sabendo. Ligou para Pablo. Eu te perdoo e vem pra cá, mas não me venha com besteiras para me assustar, que já estou assustada demais. Você não está com medo, o que é que você tem?

Vou aí e te conto, disse Pablo.

O que ele tinha para contar era tão simples e tão terrível que Victoria sentiu vontade de chamar sua mãe e pedir que resolvesse alguma coisa; ela, que era adulta, tinha que conseguir mudar e melhorar as coisas. Pablo contou algo que

havia acontecido com ele apenas duas vezes, mas agora ele não saía de seu quarto até o sol aparecer. Se tivesse que mijar, segurava; tinha levado um balde por via das dúvidas. Sair à noite, nunca mais. Tinha ido fazer xixi, algo normal. No corredor, antes de chegar ao banheiro, havia sido agarrado pela mão. Não um aperto gentil; tinha sido um puxão forte, quase perdeu o equilíbrio, e a mão estava quente e seca, como se febril. Gritou pensando que realmente havia alguém, a casa estava totalmente escura, um ladrão podia ter entrado. Seu pai se levantou, mandou Pablo para o quarto, vasculhou, sua mãe gritou não banque o machão, pense no bebê, e por isso quis até chamar a polícia, mas no fim seu pai se recusou. Disse que não queria fazer um papelão. Disse que Pablo tinha ficado com medo do escuro. E mandou todo mundo ir dormir.

Aconteceu de novo, poucas noites depois. Queria segurar o xixi até de manhã, mas chegou uma hora que ficou impossível e se levantou. Resolveu acender a luz. A mão o agarrou quando ele tateava no escuro, quando andava às escuras com os braços esticados para não derrubar nada. Nesta segunda vez, a mão o segurou pelo ombro: estava atrás, na escuridão da sala de estar. E o jogou no chão. Não conseguiu ver nada. Não havia nada ou a mão fugia muito rápido. Ele também fugiu para o quarto e desde então não saía à noite. Tinha o balde se fosse preciso. Queria se mudar.

— Eu te mato se você for embora — disse Victoria. — Não contou para seu pai?

— Não. É a mesma mão de quando aconteceu o negócio da Adela. Eu fui tocado na casa, por trás.

— Sim, você me contou.

— É igual, a mesma sensação. E não vou contar nada para o meu pai, toda vez que digo que tenho medo ele me chama de bicha. E está certo, ainda por cima. Não quanto ao medo.

Victoria ficou calada. Era a primeira vez que Pablo dizia aquilo.

— Contou para mais alguém?

— Tá maluca? Gaspar sabe, percebeu. Mas, assim, ele não liga.

— Para ele é normal — disse Victoria.

— Sinto muita falta dele, tenho medo de que aconteça alguma coisa com ele.

— Você gosta dele?

— É claro, Vicky.

Ela suspirou e disse: escuta uma coisa. Temos que armar um plano para que não te chamem de bicha no colégio, porque vão pegar no seu pé e você não sabe brigar. Depois pensamos.

Naquela noite dormiram juntos, abraçados, na cama de solteiro de Victoria, e antes de dormir furaram o dedo com agulhas e misturaram o sangue e prometeram que nunca iriam se separar. Então, para dormir sem sonhos, tomaram os comprimidos que Victoria roubava todas as semanas da farmácia de seu pai.

* * *

Gaspar ia pontualmente às sessões e quase nunca parecia zangado com Isabel. Agora era Isabel, não “a doutora” ou “a psiquiatra”, só Isabel. Aos poucos ela retirou a medicação antipsicótica e deixou apenas ansiolíticos e antidepressivos que o ajudavam a comer. Mas continuava tendo aquelas ausências durante as quais ficava paralisado, com as pupilas dilatadas, esparramado na cama, surdo, sem resposta quando o tocavam.

Luis teve uma entrevista com a psiquiatra. Ela disse que acreditava que Gaspar tinha sido mal diagnosticado. Luis sentiu o alívio desfazer suas rugas. As ausências que Gaspar sofre, disse ela, são cenas retrospectivas: revive o trauma com as mesmas sensações e emoções. É estresse pós-traumático, as

cenar retrospectivas e as crises de ansiedade são sintomas claros. Quero que consulte um neurologista novamente, caso seja também um caso de epilepsia.

— Ele não tem convulsões. Que eu tenha visto.

— Nem todas as epilepsias têm crises tônico-clônicas, com convulsões. Existem algumas com ausências: o senhor as descreveu, Gaspar não se lembra delas. Existem episódios que se parecem a terrores noturnos. A epilepsia também pode ser acompanhada por alucinações visuais complexas. Em geral, as alucinações são muito simples, mas podemos estar diante de uma exceção.

— Tem cura? — quis saber Luis.

— Tem tratamento — disse ela. — Gaspar me falou de um acidente e que bateu a cabeça. Teve amnésia, ele conta. Fizeram exames e eu os pedi. Tenho um grande amigo neurologista, com quem costumo trabalhar. Achei estranho não terem pedido esses exames antes, mas Gaspar não falou sobre a batida nem sobre sua perda de memória aos outros médicos, e presumo que para você também não. Eu o entendo, não tem por que saber. Algumas epilepsias são consequência de lesões. É verdade que não parece haver sinais nos exames feitos até agora, mas, insisto, algumas epilepsias são difíceis de diagnosticar e todas são distintas.

— Eu não sei o que estava acontecendo com meu irmão. Gaspar me contou muito pouco, falou de um acidente de carro, mas não deu muita importância a isso.

— O que o senhor tiver que saber, ele lhe contará. O que ele me conta, o que acontece entre nós dois, é sigilo profissional. Eu não considero, ainda, que exista algo que o senhor deva saber por mim. Quando ele se lembra do passado, as lembranças autobiográficas são verbalmente acessíveis, isso significa que são algo que a pessoa consegue contar. No trauma, estão isoladas e não se pode acessá-las voluntariamente, por isso Gaspar as revive em pesadelos e em cenar retrospectivas. Não é apenas o desaparecimento de sua amiga. A morte de

seu pai o desestruturou: eram muito próximos. Meu trabalho é tentar fazer com que algumas dessas lembranças se tornem biográficas, que ele as integre, que possa contá-las.

— E isso é possível?

— Às vezes não. Vejo pacientes com anos de maus-tratos sofrerem apenas uma depressão leve. Outros desabam. Gaspar esteve muito vulnerável. Mas vamos tentar.

E lhe deu três orientações: uma rotina — as quatro refeições, horários, passeios, cinema —, controle da medicação e esporte. Luis quis saber se poderia voltar a ver seus amigos: os garotos tinham ligado para perguntar. Ainda não, disse a psiquiatra. Não podemos correr o risco de eles serem um gatilho. Quando ele pedir para vê-los, levaremos isso em consideração.

— Ele gosta de ler.

— Torne-o sócio de uma biblioteca. Assim ele sairá de casa e terá o compromisso de devolver os livros. Preciso que estabeleça laços, que tenha responsabilidades simples.

Durante toda a semana anterior, tinham visto, na televisão, os *carapintadas* tomarem o Campo de Mayo. Uma tentativa de golpe de Estado, mas desta vez o povo tinha ido às ruas para defender o governo democrático. Luis queria ir à manifestação, mas preferiu ficar com Gaspar. Negro Sánchez e Julieta foram a Buenos Aires e ficaram na Praça até que Alfonsín saiu na sacada e disse “feliz Páscoa”, a saudação que deu por encerrada a ocupação do quartel. Gaspar havia dito a ele: com isso da minha loucura, nem percebemos que o país estava indo para o ralo. Em vez de angustiá-lo, a piada deu esperanças a Luis. Quando Carlos Menem ganhou as eleições em meio a um desastre que mal ecoava na casa de Villa Elisa, houve fogos de artifício em uma unidade básica dos peronistas do outro quarteirão, e Luis levou Gaspar. Encontrou um conhecido

que lhe falou maravilhas do novo presidente. Gaspar tomou uma Coca-Cola, e Luis o perdeu de vista. Quando voltou, estava comendo um pão com linguiça.

— É um milagre peronista você estar com fome.

— Está uma delícia — disse Gaspar com a boca cheia. Naquela noite comeu um pão com linguiça e meio, mais do que tinha comido em toda a semana. Em dois meses, Luis percebeu que os flashbacks, aquelas ausências aterradoras, já não tinham uma frequência tão implacável. Lá para o final do ano, ocorriam tão de vez em quando que Gaspar até ousou dizer em voz alta, durante o café da manhã: agora tenho medo de ter um episódio porque eles são muito mais raros, né? Chamou-os assim, “episódios”, certamente um termo que ele aprendeu na terapia. Luis começou a convidar pessoas a sua casa, amigos seus, amigos de Julieta. Ficavam até tarde, falavam de política, bebiam cerveja e fumavam. Gaspar ficava desconfiado, quem você vai trazer, perguntava. Finalmente aceitou. E quando conseguiu confiar, ficava com eles, comia pizza, perguntava com curiosidade. No final do ano, Gaspar estava comendo quase normalmente, tanto que até pedia diferentes sabores de pizza e exigia a presença de Julieta para que os molhos não queimassem e chega de torta de abobrinha, é nojento. Também aceitou ir ao neurologista. Quando Luis assistia ao noticiário ou aos programas políticos e gritava com a televisão, Gaspar lhe dizia tio, para de ser doido, eles não te escutam, e os dois riam. Quis se matricular no clube para nadar e correr; só então Luis ficou sabendo que Gaspar jogava futebol mal, e não quis acreditar até que improvisaram uma pelada e acabaram rindo no chão, segurando as panças, porque os dois eram igualmente desajeitados.

— E qual é o seu time, seu palhaço, é uma falta de respeito o quanto você ri de mim.

— Não me chame de palhaço, sou um doente mental, precisa cuidar de mim. O San Lorenzo.

— Veja só. O meu também.

— Papai dizia que todos os homens da família torciam para o San Lorenzo.

— É verdade, seu avô também.

Ficaram em silêncio.

— Sabe, tio, papai não foi sempre mau comigo. Tinha épocas em que ele lia para mim todas as noites. Às vezes eu que lia.

— O que ele lia para você?

— Poesia. Mas não fala nada porque depois vão me chamar de bicha.

— Não é coisa de bicha ler poesia.

— Já sei, mas não estou a fim de ter esse problema, já sei que não tem nada de ruim nem com poesia nem com ser bicha, ele me ensinou tudo isso. Bom, era isso que eu queria dizer, que não era sempre mau, muitas vezes ele era bom à beça.

— Seu pai sofreu muito, e tem gente que se torna ressentida quando passa por coisas tão ruins.

Gaspar apoiou um cotovelo na grama e a cabeça na mão para olhar de frente seu tio, que estava sentado com as pernas cruzadas e a bola sobre um dos joelhos.

— Também. Mas não era só isso. Eu conto para a Isabel. Eu me lembro de um montão de coisas, mas é como se eu tivesse esquecido de algo importante. Lembro muito pouco de quando fomos juntos sozinhos para Misiones, por exemplo, para a casa dos meus avós. Mamãe tinha morrido há pouco tempo. E alguma coisa aconteceu lá.

— Como vocês foram?

— De carro.

— E ele dirigiu? Que maluco da porra. Podiam ter morrido. Você não se lembra dos seus avós?

— Pouco. Mas papai não queria que eu ficasse com eles, dizia que mamãe também não. Eles nunca me procuraram.

— Isso é verdade. Mas puta merda, como você ficou sozinho. Perdão por ter te abandonado, filho.

— Você não me abandonou.

Luis tentou abraçá-lo, mas Gaspar estendeu o braço para afastá-lo: queria falar.

— Quando formos à minha casa, temos que entrar no cômodo que ele usava para suas coisas, lá você vai ver os livros, também quero trazer alguns, eu gosto de ler. Às vezes ele ficava trancado lá por vários dias, eu não podia incomodar.

— E quem te dava comida?

— Eu sei cozinhar. Havia uma senhora que cozinhou para a gente. Ou então eu ia comer na casa do Pablo ou na da Vicky ou no bar do parque. Papai também saía. Às vezes ficava uma semana fora. Não sei para onde ia, nunca me disse. Eu sinto muita saudade dele.

Agora Gaspar estava sentado e tinha os olhos cheios de lágrimas. Luis teve medo de que acontecesse alguma coisa, uma crise de ansiedade, um episódio. Gaspar apenas disse:

— Eu gostaria de voltar a vê-los, o Pablo e a Vicky. Mas não sei se posso.

— E se a gente esperar até o ano que vem?

— Tá. Eles ligaram alguma vez?

— Parceiro, eles ligam direto. Sua amiga Victoria me esculhambou uma vez, é muito corajosa.

Agora Gaspar estava sorrindo, e seu rosto estava tão diferente que Luis não o reconheceu.

— Fala para eles me esperarem, porque acho que estou melhor.

— Viu? O que foi que eu te disse.

* * *

Naquele fim de ano, Luis deixou Gaspar tomar uma taça de champagne. No verão de 1988 foram com Julieta para uma casa em Mar del Tuyú: Gaspar foi pescar com Luis. Comeu peixe frito, nadou acompanhado por sua tia e, quando disputava corridas com os outros garotos na praia, deixava-os de joelhos ou meio mortos. Não foi preciso ligar para Isabel nem uma única vez por conta de alguma crise. Gaspar pediu a Julieta algum livro de poesia. Ela ficou surpresa, e Gaspar simplesmente lhe disse que seu pai tinha muitos livros, que os dois liam muito; que queria voltar à casa para buscar livros, seu tio havia trazido apenas os discos, e ele gostava, sim, de música, mas gostava mais de ler. Uma tarde, quando os homens dormiam a sesta e eles tomavam mate na praia, Gaspar disse a Julieta que queria saber coisas, que ficar doente o havia “deixado burro”. Que, quando estava com seus amigos, ouvia música, via filmes. Que sentia falta deles.

— Você nos diz e nós organizamos um encontro. Quer torradas?

— Quero com doce de leite, mas com esta areia de merda fica tudo grudado.

— Eu trouxe churros. Você está cheio de ficar só com os velhos, Gaspar?

— Cheio não. Acho que deveria ir à escola.

Gaspar começou o ensino médio em um colégio vespertino de La Plata; a exigência era menor, e os professores, acostumados a trabalhar com adultos e com alunos problemáticos, menos severos e mais compreensivos. Depois do primeiro dia, quando foi buscá-lo de carro, Luis lhe prometeu que agora ele iria procurar emprego. Isso vai ser mais difícil que a minha loucura, acho, disse Gaspar. Temos que ser otimistas, disse Luis, rindo.

O colégio ficava em frente a uma praça, e muitos dos colegas de Gaspar, a maioria mais velhos que ele, chegavam cedo e antes de entrar na aula se

sentavam na grama para fumar maconha e ouvir música. Nos primeiros dias, não lhe deram atenção, mas numa sexta-feira, quando foram avisados de que entrariam uma hora mais tarde porque a professora de história havia faltado, eles lhe ofereceram uma cerveja. Gaspar aceitou, mas bebeu apenas alguns goles e disse não ao baseado. Nem pense em beber ou se drogar, seu tio dissera recentemente, enquanto tentavam juntos consertar a porta do banheiro, que não estava fechando direito. Você sabe que não é uma questão de moralismo, estou cagando pra isso, eu não sou nenhum santo, mas você está tomando remédios. E o ano passado foi muito pesado. Por ora iria obedecê-lo. Os outros não zombaram dele, não disseram nada. Quiseram saber por que ele ia “à noturna”. Gaspar contou meias verdades, disse que tinha ficado se recuperando de um acidente quase o ano anterior inteiro. A cicatriz do braço, que era grande e muito evidente, o ajudava na mentira.

Tinha conversado muito com Isabel sobre como agir se o reconhecessem. Se alguém percebesse que era um dos garotos da Casa de Adela. Ela disse que, se perguntassem, ele não precisava responder. Que poderia dizer: não falo sobre isso. Para ele não era tão simples se recusar categoricamente a falar, mas tinha uma vantagem: as pessoas não conheciam sua cara. As câmeras, quando foram ao bairro, não o filmaram: ele tinha passado quase o tempo todo na clínica, acompanhando seu pai. Os rostos de Victoria, Pablo e Betty, sim, eram conhecidos. E o de Adela, graças às fotos divulgadas durante a busca inútil. As pessoas sabiam que ele existia, sabiam seu nome, mas não o tinham visto e os nomes não soavam da mesma maneira.

Além do mais, outras coisas estavam acontecendo. Os saques a supermercados, as pessoas que nas favelas eram tão pobres que comiam gatos, um caminhão de vacas que tinha batido e alguns vizinhos, sem vergonha alguma, tinham afanado os animais para recuperar os churrascos perdidos. A casa de Adela era uma notícia velha. Não para ele, que todas as vezes que

sonhava com ela acordava para vomitar e vomitava a noite toda, noites inteiras no banheiro, seu tio trazia um travesseiro para ele e se sentava ao lado da banheira, esperando que passasse. Pelo menos não a via mais quando estava acordado.

Não podia falar sobre isso com seus colegas.

Também não precisou. Os garotos da praça o tratavam bem e sempre o chamavam para jogar futebol. Gaspar dizia que ele era horrível, que ninguém iria querê-lo no time. Mas, se quisessem, ele iria. É só um campinho aqui perto, tem vários pernas-de-pau, disse o dono do som. Foi, como de costume, jogou muito mal, mas se divertiu muito e riu com as piadas dos colegas. O campinho ficava perto do colégio e de um clube de rúgbi que tinha piscina e uma pista de atletismo. Gaspar ficou sócio para voltar a correr e nadar. Se dava bem com as pessoas que frequentavam o clube. Corria ou nadava todos os dias, quando podia, se não chovesse; muitas vezes, depois da aula, antes de jantar, sozinho, acompanhado apenas pela luz do bufê do clube e do dono do bar, que ouvia música atrás do balcão. No clube, tarde, fumava cigarros sentado na grama; quando corria, deixava o maço na lateral da pista, com as chaves, a garrafa de água e o agasalho que colocava sobre o corpo suado. Seu tio e Julieta não sabiam que ele fumava. Isabel, sim: o deixava fumar durante a sessão, porém nunca mais de dois cigarros.

Quando a noite caía, fumava em silêncio e costumava olhar os vaga-lumes, que despontavam entre os eucaliptos e no caminho de terra que levava às piscinas e quadras de tênis e de rúgbi. Eram mais bonitos quando ainda havia um pouco de luz: ao entardecer pareciam faíscas saindo do sol. Mas, à noite, Gaspar não sabia direito se gostava deles ou não: o faziam pensar em olhos que piscavam, e de repente sumiam ou se aproximavam demais. E, no entanto, eram bonitos, misturados à grama alta e aos troncos.

* * *

A casa de Villa Elisa era tão diferente da casa que tinha dividido com seu pai que Gaspar sentia como se ela fosse profundamente estranha ao mesmo tempo em que desfrutava dela e a amava como se as paredes fossem uma pessoa cuidadosa que sempre pensa antes de falar. E nunca estava em silêncio: seu tio costumava deixar o rádio ligado e, se não, quando Julieta passava vários dias — cada vez estavam mais próximos de viver juntos —, ela ouvia música em um pequeno aparelho de som que tinha trazido ou aumentava o volume da TV, dizia que fazia companhia. Os dois se levantavam cedo, até quando viravam a noite — e viravam a noite com frequência, as garrafas de vinho vazias ficavam como enfeites de vidro verde em cima da mesa do pátio e da cozinha —, e abriam as persianas para o sol entrar. No começo Gaspar se incomodava com a luz, mas, depois que se acostumou, tomava café do lado de fora, na mesa do pátio, a não ser que estivesse muito frio.

Além disso, não havia nada na casa. Nada perigoso, nada mau. A casa estava limpa. O que ele via, as aparições de seu pai ou Adela, eram coisa sua: não do lugar. Ele as levaria aonde quer que fosse. Desde que seu pai o machucara, a cicatriz servia como uma espécie de alarme: palpitava e ardia quando passava perto de certas casas, algumas que por seu aspecto tinham um ar ameaçador, outras perfeitamente inocentes. Gaspar entendia que lhe indicava onde não deveria entrar, onde havia outros lugares como o que tinha engolido Adela. Isso ele também não podia dividir com ninguém. Só poderia contar isso a Vicky e a Pablo, mas ainda não tinha coragem de vê-los.

Essa sensação e o inexplicável horror que certos lugares lhe causavam podiam ser atribuídos a seja lá o que disputavam médicos e psiquiatras: sequelas do trauma, uma epilepsia derivada do acidente, algum tipo de transtorno mental. Gaspar fingia ignorância, mas os ouvia falar. E pensava que

talvez algum deles tivesse razão. Adela tinha quase sumido, mas ainda aparecia no canto do seu quarto e o olhava, acusando-o. Eu te amava, dizia sem mover os lábios, e você me traiu. No entanto, podia viver com essas sensações e com a culpa. Enquanto existisse a casa de Villa Elisa, seu tio discutindo com o rádio de manhã, o Negro Sánchez testando diferentes tipos de pizza e Julieta conseguindo livros de poesia para ele, poderia confiar que algum dia voltaria a ver seus amigos. E, se alguma lembrança impossível o deixava mudo e paralisado, já sabia que também era possível sair da imobilidade e se sentar ao sol com o chocolate que seu tio sempre guardava para ele na geladeira.

O jardim dos fundos da casa de Villa Elisa tinha sido a primeira parte a melhorar, e Luis só o fizera porque era a única coisa que Gaspar tinha mencionado. Sem muito entusiasmo, não foi um pedido, não pedia nada naqueles primeiros dias, disse que seria bom ter um jardim. Luis, surpreso, lembrou-se dos postais que seu irmão enviara quando esteve em Londres para ser operado e receber um tratamento de maior qualidade. Sempre mencionava jardins e flores e o verde inglês; mandava fotos de jardins escondidos e antigos, de parques públicos, também de edifícios e castelos e igrejas. Ele achava aqueles postais muito estranhos para um garoto que, apesar das limitações físicas, estava vivendo e se divertindo em uma das capitais do mundo. Decidiu não mostrar os postais a Gaspar, não por enquanto, mas aos poucos conseguiu o cimento, as lajotas, comprou terra, grama, desenterrou algumas ideias de um curso de paisagismo que tinha feito no Rio e passou tardes na estufa escolhendo plantas já crescidas. Pensou em acrescentar uma piscina, mas o dinheiro não dava. Uma piscina de montar seria o suficiente. Além do mais, preferia que Gaspar fosse à piscina do clube: era melhor que saísse de casa, era o que a psicóloga indicava também. Os dois se entretinham arrumando o jardim. Gaspar era muito bom em seguir instruções e gostava dos trabalhos

repetitivos. Luis acreditava que o ajudavam a colocar alguma ordem em si mesmo e compreendia isso porque ele também era assim.

Com a melhora de Gaspar, chegaram os ajustes. Luis tentava fazê-lo entender que, se quisesse dinheiro, tinha que pedir, mas Gaspar encarava essa orientação apenas como uma sugestão. Quando seu dinheiro da semana acabava, entrava no quarto de Luis e pegava o quanto queria na gaveta. E às vezes pegava demais. Não pedia ajuda para nada: se queria alcançar algo que estava muito alto, subia; se um botão caía, ele o pregava e no embalo ainda pregava os de Luis. Isso era bom, comovente. Mas se ia ao centro de La Plata e ficava tarde ou estava cansado, pegava um táxi para voltar: eram muitos quilômetros, o táxi era caríssimo, não podiam pagá-lo. Pior ainda: às vezes só voltava muito tarde, já de madrugada, e quando chegava e encontrava Luis acordado e preocupado, perguntava o que estava acontecendo, como se fosse a coisa mais normal do mundo passar a noite inteira na rua aos 14 anos e com uma doença mental. Se Luis o repreendia, dava de ombros não exatamente com rebeldia ou desinteresse, mas com desconhecimento. Não entendia por que não podia se atrasar e não entendia que isso angustiasse os outros. Cozinhas, coisas simples, mas as fazia bem: macarrão com molho, empanadas de presunto e queijo, às vezes se atrevia com muito esmero a uma torta de batatas, tortilhas, pão de ló, merluzas ao forno com queijo. Mas não limpava a cozinha nem trocava os lençóis nem tirava a mesa nem passava por sua cabeça dar uma ajuda nos fins de semana passando um pano. É filho de ricos, Julieta dizia a Luis quando ele se irritava.

Há meses, Julieta tinha reuniões com advogados da família da mãe de Gaspar. Tinha sido comunicada que os avós não pediriam a guarda de Gaspar nem visitas. Na verdade, não podiam intervir na questão da guarda, porque era um trâmite que o pai havia feito em vida, embora Julieta tivesse a sensação, peculiar mas concreta, de que Juan os havia engabelado ao dar seu filho para

Luis antes de morrer e de que isso os incomodava muitíssimo, por isso mencionavam a guarda sem motivo. Engabelado? O que você está querendo dizer?, perguntou Luis, e ela não sabia o que queria dizer. Era seu olfato. Os advogados pareciam conceder que o garoto não ficasse com seus avós como uma jogada perdida que não iriam disputar. As reuniões eram feitas em uma das imobiliárias da família materna de Gaspar, não na sede principal, mas em um pequeno escritório. A sala de reuniões era bizarra, achava Julieta. Além da lareira, que já estava fora de moda, com suas lenhas falsas cobrindo a tela de gás, havia uma salamandra e um samovar que parecia autêntico. Nunca fazia tanto frio em Buenos Aires para justificar tamanho investimento em calefação. As paredes estavam cobertas pelo que ela supunha ser troféus de caça, mas havia apenas os chifres de vários animais. Bois, cervos, conforme tinham explicado. Sem as cabeças. A mesa era de madeira de carvalho, muito grande, e sempre a faziam sentar em uma das cabeceiras. Os advogados, um homem e uma mulher, eram gentis e eloquentes, mas demoraram muito tempo, meses, para colocar às claras a herança de Gaspar, a lista de bens que pertenciam a ele. Sempre que saía de uma reunião, Julieta tinha a sensação de que não os veria de novo. Mas a quantia mensal que Gaspar recebia, que era alta, continuava aparecendo no banco pontualmente. Luis não queria tocar no dinheiro: queria que fosse uma poupança para Gaspar. Julieta discutia sobre isso. Tinha dito a ele, os dois fumando na cama, conversando em voz baixa para que Gaspar não escutasse, embora o garoto costumasse dormir com os fones no ouvido ou com o rádio ligado.

— É maduro, nós sempre dizemos isso. Vai dividir o dinheiro dele com prazer.

— Em outro momento. Não quero a grana deles. É uma história perversa, mas eu nunca soube ou nunca tive coragem de esmiuçá-la. Não sei do que

estou falando. Aquele sujeito, o médico, sequestrou meu irmão para seu benefício profissional e sabe-se lá para que mais.

Houve um silêncio, e Luis terminou seu cigarro em três pitadas.

— Você suspeita de alguma coisa?

— Suspeito, mas Juan nunca me deixou saber nada. Bradford era uma sumidade, o médico mais respeitado do país, puta que pariu, outro dia fui a La Plata e vi que colocaram o nome dele no prédio novo da Medicina. O cara era esquisito e, quando perdeu a mão, ficou pior ainda, era como o Narciso Ibáñez Menta, só que mais inglês. Como nos filmes dos sábados.

— Christopher Lee.

— O outro.

— Vincent Price. Luis, ele não parecia nem um pouco com Vincent Price, era um tipo físico totalmente diferente.

— Estou te falando do ar que ele tinha. Meio degenerado. Salvou a vida do meu irmão e até continuou tratando ele depois de perder os dedos. Teve uma morte muito estranha, um sujeito desses dirigir e não ter motorista, e ainda por cima todo queimado porque não chegaram a tempo de apagar o incêndio no carro, não sei.

— Eu acho estranho os seus coroas não terem brigado para ficar com ele. Com seu irmão.

— Mamãe tentou. Meu velho não queria esse problema, dizia que ele ficaria melhor com os ricos. Papai não era o melhor dos sujeitos. Quando fiquei sabendo que eles tinham pagado por Juan, aí eu briguei com meu velho e nunca mais falei com ele, nem sei se está vivo.

— Eles o pagaram, então.

— Aqueles filhos da puta compraram meu irmão. E, ainda por cima, com essa grana meu pai me bancou quando eu estava estudando. Eu também devo a eles. Você não sabe a bronca que eu tenho. Por isso não quero o dinheiro deles.

Eu sei que Gaspar o dividiria, não é isso. Ele é um amor, como sua mãe era, uma garota incrível, corajosa. Para mim foi um baque conhecê-la porque eu pensava que nada de bom podia sair daquela família. A mãe era fantástica, e não acredito que soubesse como meu irmão chegou até sua família.

— Gaspar sabe que ela te tirou do país?

— Não sei como falar disso com ele. Tenho medo de desestabilizá-lo.

— E por que isso o faria mal? É a mãe dele, tem o direito de saber. Bom, isso é assunto de vocês. Outra coisa: quando me derem a lista completa dos bens e soubermos quanto Gaspar irá herdar, você vai cair pra trás. Fiz uma pesquisa informal. Você não imagina. E pra completar eles não têm dívidas, parece. Gaspar é rico.

— Isso tinha que acontecer justo comigo.

— Até que não vai te cair mal.

Luis grunhiu no escuro.

— Meu irmão deixou muito claro que não queria que ele tivesse contato com seus avós. Eles continuam não pedindo para vê-lo?

— Mesmo que pedissem, você é o pai, eles não têm direito legal.

— Mas têm o dinheiro.

— Isso eles têm de sobra.

* * *

Naquele verão não saíram de férias, mas a ex-mulher de Luis veio do Brasil visitá-los, com suas duas filhas, uma mais velha que Gaspar, e a outra, mais nova. As garotas ignoraram um pouco Gaspar ou vai ver eram tímidas e falavam mais português que castelhano. Luis as tinha criado como se fossem suas filhas, sentia saudade delas, queria vê-las, e sua ex-mulher tinha aceitado

fazer uma visita. Durante uma semana, Luis levou as garotas para passear por toda parte, e Gaspar o agradeceu por não insistir que ele os acompanhasse.

Já estava acostumado ao desfile de pessoas na casa e quase nunca se sentia constrangido. As conversas o interessavam. A forma de falar dos homens. Principalmente o Negro e suas comparações futebolísticas. O que esse cara falou foi como um gol olímpico. O inferno é estar ganhando e o jogo virar em dois minutos. Ou suas sentenças: o férreo argumento defensivo do rival frente a nossa sólida demonstração de bom jogo. Ou suas acusações: você virou bilardista. Ele lembrava um pouco Hugo Peirano; cada vez sentia mais saudade de Vicky e Pablo, não tinha feito novos amigos; ao menos não amigos assim. Em uma dessas noites, o Negro, que tocava violão, dedicou uma canção à ex-mulher de seu tio, Mónica, uma canção que dizia coisas bonitas e terríveis, “e os traidores pagarão sua culpa”, cantava com a voz tremida, e todos choraram e gritaram um nome e depois “presente, agora e sempre”. Ele achava aquilo bonito. Era bonito seu tio abraçar as meninas e sua ex-mulher e Julieta ficar emocionada: eram como pessoas perfeitas, achava Gaspar. Havia sempre um momento em que colocavam música para dançar. E o Negro gritava um sapucay. E virava uma festa, copos quebravam, os homens suavam, as mulheres perdiam os sapatos e os brincos e a maquiagem escorria — das que se maquiavam, não eram muitas — e se abraçavam, diziam o quanto se amavam, assim, te amo, *negro de mierda*, e Gaspar sentia que ele não podia subir até aquele degrau. Tinha dito isso a Isabel. É como se subíssemos uma escada juntos e uma hora eu dissesse “cheguei até aqui”. E naquele degrau, mais acima, eles são felizes e eu os observo. Tinha sido sempre assim? Não era timidez ou retraimento ou adolescência, como pensavam os outros. Não iria passar. Podia dançar sozinho, podia se emocionar em seu quarto com um livro, mas, quando chegava a festa, ele se desligava, os outros se transformavam em um filme que ele podia ver e do qual não podia participar. Por isso ficava

invisível, o que não era difícil porque estavam todos bêbados. E recuava até o seu quarto. E sentia o mais puro alívio.

Uma vez, durante sua retirada, esbarrou com o Negro.

— Está se sentindo mal, campeão? — perguntou.

Gaspar respondeu que não. Depois ouviu o Negro dizer a seu tio “é um moleque triste”. E esperou a confirmação do tio, o sim, a decepção. Mas ele o surpreendeu. Não, disse ao Negro. Não é triste. É o temperamento dele. E se fosse triste, qual o problema? É como é. Nem todo mundo gosta de viver enchendo a cara e gritando. Nós fazemos barulho para preencher o buraco que temos.

Gaspar se jogou na cama naquela noite com os fones de ouvido e pensou que precisava voltar a sua casa, a casa em que tinha vivido com seu pai. Queria revistar tudo. Alguém teria levado as coisas? Seu tio dissera que tudo estava intacto. Por que Esteban não ligava? Preferia que ele não estivesse mais em sua vida, mas tinha curiosidade de saber o que teria acontecido com ele. E Tali. Tali também não estava interessada nele?

Naquela noite, pela primeira vez desde que estava em Villa Elisa, pensou sem medo — ou controlando o medo — em Adela e na casa. Lembrou-se dela. Lembrou-se da rua. Lembrou-se da caminhada na escuridão. Fechou os olhos e viu novamente a porta onde ela tinha desaparecido, acenando. As sombras atrás dela. A escuridão atrás dela. A lembrança de Adela o fez tremer. Não muito. E nem com enjoo.

Ao meio-dia, quando acordasse, pediria a seu tio o telefone para ligar para Vicky. Não queria fazer isso no meio da noite, para não assustar sua família. E queria que seu tio estivesse presente, caso ficasse mal.

Mas não iria ficar mal, tinha certeza.

* * *

Não tinha sobrado muito de sua casa porque, em primeiro lugar, não havia tanto assim. Seu tio tinha limpado os quartos para que, quando Gaspar encontrasse os livros, os objetos, a roupa, não se deparasse com o abandono. Entrar o deixou nervoso, mas não sentiu medo. Atravessar a porta do quarto de seu pai foi o mais difícil, mas, uma vez do lado de dentro, o cheiro de pó ocultou as lembranças.

O que ele de fato evitou foi passar pela rua Villarreal e ver a casa onde Adela tinha desaparecido. Para isso não estava preparado e achava que nunca estaria pronto.

Em sua casa teve um impulso supersticioso. Queimou as roupas no pátio, como tinha visto o pai queimar a roupa de sua mãe anos antes. Vicky e Pablo, enquanto isso, enfiavam os livros em cestas, e ele tocava o fogo com um pedaço de pau para controlar as chamas e lembrava daquelas calças, a camisa arregaçada, a camiseta branca com alguns furos de traça depois de anos guardada. Seu pai tinha sido cremado. Não sabia onde suas cinzas estavam: não quis perguntar. Achava justo queimar sua roupa.

Vicky e Pablo já estavam reincorporados a sua vida. Durante um tempo o contato com Vicky foi apenas por telefone, mas sempre torrencial e direto, sem rodeios, sem conversas cuidadosas. Vicky foi a primeira: interrogou-o, contou a ele que à noite dormia de meia porque sentia a cabeça de Omaira; que não evitava passar na frente da casa da rua Villarreal, mas tinha que fugir para vê-la, porque não a deixavam ir, que tinha mudado de escola e que, se seus colegas a identificaram, nunca disseram nada. Quero te ver, não vai te fazer mal, por alguma razão não podemos ter amigos novos, ou você tem? Gaspar reconheceu que não. Ela veio à casa de Villa Elisa feliz e ansiosa; Gaspar pensou, além disso, que estava muito diferente, alta e com os cabelos pesados de sempre agora longuíssimos, bem cuidados, e a pele tão fina que dava para ver as pequenas veias azuis em suas bochechas. O retorno de Pablo foi mais

cuidadoso. As ligações telefônicas eram desconfortáveis e nervosas, mas a primeira visita foi um alívio imenso, uma tarde fria debaixo de uma coberta no sofá, como chegar à margem e poder atracar e depois se esquecer do tempo ruim. As visitas eram sempre dos garotos à casa de Villa Elisa, nunca o contrário. As visitas de Pablo logo seriam mais frequentes: seu pai, que tinha ficado rico com a empresa de GNC, tinha um convênio com o Ministério de Produção da província e era mais conveniente se mudar para La Plata, a capital. Já alugava um apartamento no centro, que no momento usava como escritório, mas logo seria preciso uma casa para a família. Gaspar disse a Pablo que sentia que alguém os estava juntando. Pablo o ouviu, pensou na mão que às vezes o tocava no escuro e não disse nada. Vicky também queria se mudar, quando terminasse o ensino médio, para estudar Medicina na universidade da cidade. Luis tinha suas ressalvas quanto àquele reencontro: para ele a reunião dos garotos parecia a reconstituição do drama, preferia que eles mantivessem uma amizade de telefonemas, festas de aniversário, algum show. A maneira como eles se entendiam o inquietava. Falou sobre isso com Isabel e a psiquiatra o surpreendeu ao dizer que ela também não achava aquilo o mais conveniente. Mas eram adolescentes: obrigá-los a se separar não era mais uma opção. Sugerir que se distanciassem depois de mantê-los afastados por anos também poderia ser contraproducente.

Gaspar tinha pedido a Vicky para olhar as gavetas de seu pai, ele não tinha coragem. Não havia muita coisa. Algumas poucas fotos de sua mãe, que Gaspar guardou na mochila. Vários maços de cartas: também os levou. Jogou fora todos os remédios vencidos. Encontrou gavetas com velas e giz e panelinhas de alumínio manchadas de algo marrom que poderia ser ferrugem ou café. Levou também alguns cartões-postais da Europa e cadernos com anotações. Os livros foram parar em uma mala.

Pablo confessou, enquanto lavava as mãos no banheiro — Luis continuava pagando a luz e a água —, que tinha tentado entrar na casa algumas vezes. Não tinha chave, mas não parecia tão difícil levantar as persianas, tampouco subir pelo telhado aberto da garagem. E nunca consegui; era como se a casa não me quisesse, não me deixasse. Acabei ficando com medo. Sem contar que, da última vez que tentei entrar, nessa mesma noite, aquela mão que me tocava me agarrou pelo ombro no banheiro da minha casa. E ali acabou.

Gaspar lhe passou uma toalha e encostou na parede do banheiro com os braços cruzados.

— Tenho certeza que a casa te expulsou.

Disse isso e sentiu a ferida arder. Acariciou-a: na frente de Pablo não tinha pudor de escondê-la.

— Faz meses que não sinto a mão, que ela não me agarra. Quase um ano.

— Não foi embora, ou você acha que sim?

Pablo disse que não com a cabeça.

— Acho que ela está esperando. Eu também tinha medo de estar com você de novo, já te disse. Pensava que, se visse você, a mão iria me encontrar de vez, que não me soltaria. Aconteceu o contrário.

— Vamos — disse Gaspar. Tinha começado a sentir uma leve pontada no olho, o sinal de uma enxaqueca; precisava tomar algo antes que ela se instalasse e tinha comprimidos na mochila. Pablo o seguiu pelo corredor vazio; passaram na frente do quarto desocupado que um dia serviu como lugar de castigo, olharam o salão, que parecia esperar uma festa, convidados, gente rindo, tudo o que nunca tinha acontecido na casa. Ao descerem a escada, Gaspar viu que o vidro da janela que o machucara tinha sido consertado; não tinha percebido antes. Quem o teria trocado? Pablo o abraçou pela cintura assim que ele começou a tremer. Vamos descer juntos, sussurrou em seu ouvido, está tudo bem.

O cuidado, o cuidado constante; Gaspar estava farto daquela proteção, que lhe parecia exagerada, e entendia seu pai, sua recusa, o confronto com seus médicos e às vezes com ele ou com Esteban. No entanto, podia deixar que Pablo cuidasse dele. Se entendia com ele, confiava nele, embora Pablo tivesse mudado muito. Os três tinham mudado, mas a transformação de Pablo era mais significativa porque era homossexual (ele preferia ser chamado de gay e todos estavam se acostumando à palavra, muito mais simpática), não escondia isso e tinha seu grupo de amigas do colégio que saíam com ele, conversavam por telefone, serviam de companhia e escudo contra os machos cruéis. Além disso, queria estudar Belas Artes e fazia grafites. Tinha ido para a cama com vários colegas, dizia. Cuidado, advertia Vicky, tenha cuidado, você não sabe a quantidade de doentes que a mamãe recebe no hospital. Ai, não seja tonta, eu me cuido, respondia ele, além do mais, gente mais velha é que se contamina.

Gaspar voltou ao quarto de seu pai. Folheou os cadernos que iria levar na mochila. Tinha a sensação de que faltava algum: ele se lembrava de um caderno de desenhos, com muitos signos, que seu pai revisava e corrigia com muita atenção. Não eram rabiscos; não sabia o que significavam aquelas linhas geométricas, e seu pai sempre mentia dizendo que as fazia para se distrair. Você sempre pensou que eu acreditava nas suas mentiras, disse Gaspar em voz baixa enquanto abria a mochila. Mas eu também estava enfiado na sua cabeça. Não tanto, nunca consegui passar a barreira, mas sabia que havia uma barreira, papai, eu a sentia. Por que você teve que erguê-la?, isso é o que me pergunto.

Procurou o caderno em cada gaveta, até na cozinha. Não conseguiu encontrá-lo. Perguntou a seu tio, que lhe disse eu não toquei em nada. Não sei se o amigo do seu pai tinha chave, não sei se levou algo. Esteban: Gaspar podia imaginá-lo pegando as coisas especiais, aquelas que eles compartilhavam, os segredos que certamente guardavam. Os cadernos que ele estava levando, no entanto, tinham algumas anotações inquietantes. “Quando se chama o diabo

com as cerimônias exigidas, o diabo aparece e o vemos. Para não morrer de susto diante da sua presença, para não enlouquecer, é preciso estar louco. Lévi”, dizia uma. Então era isso que você fazia. Invocar o diabo. Ou talvez seu pai apenas se interessasse pelo tema por puro tédio. De passar a vida na cama sozinho, sem ninguém com quem falar. Mas não, havia algo mais, não era tédio. Os cortes, os que tinha feito nele e os que fazia em si mesmo. A noite em que tinham jogado as cinzas de sua mãe no rio. O fato de que ele adivinhava coisas. Seu pai conseguia encontrar o perdido. Seu pai sabia quando alguém ia morrer. Seu pai tinha lhe falado dos mortos que vinham com o vento. *e dead travel fast.*

* * *

No último ano do ensino médio, Gaspar descobriu, a duzentos metros de seu colégio, o centro cultural Princesa. A parede estava pintada de vermelho, e a pintura era recente, porque era impossível dissimular a cor, parecia que haviam derramado sangue na casa. Tinha, também, o nome do lugar escrito em grafite e em neon, para que pudesse ser visto à noite. Na primeira vez, às sete da noite, com o neon já aceso e a música que saía pela porta aberta, o lugar atraiu Gaspar o suficiente para que ele atravessasse a rua correndo e ignorasse as buzinas. Chovia um pouco, e ele molhou os tênis pretos.

Lá fora, debaixo da marquise da varanda que fazia as vezes de teto, uma garota fumava com a perna dobrada, o pé apoiado na parede. Usava short jeans rasgado, a pele morena, coturnos de policial, uma regata branca e muitas pulseiras nos dois pulsos; algumas brilhavam, pareciam de glitter, de menininha, outras eram de plástico preto. Tinha os cabelos curtos e escuros. Gaspar a achou linda como nenhuma outra garota que ele já vira. Aproximou-

se dela sem vergonha, atraído como se ele estivesse morrendo de calor e ela fosse um gelo derretendo, era preciso ser rápido, era preciso ser decidido.

— Está aberto? — perguntou, depois de cumprimentá-la.

De dentro vinha uma canção que falava de pele que voava por toda parte. Que letra estranha, pensou Gaspar. O violão preguiçoso era muito apropriado para aquela tarde de umidade e chuva.

— Agora você só pode tomar uma cerveja no bar, mas à noite tem recital de poesia. Depois uma banda vai tocar.

A garota olhava para ele com curiosidade.

— Não tinha visto esse lugar antes — disse Gaspar.

— Abriu há quase um ano, mas nós pintamos de vermelho para chamar atenção. Você está na escola?

— A Normal a dois quarteirões daqui. Estou atrasado. Estou no quinto, mas já tenho dezoito.

— Repetiu.

— Não — disse Gaspar, e não explicou mais.

Ela era mais velha, ele se deu conta. Não muito, alguns anos. Devia estar na faculdade. Não tinha estado com muitas garotas, algo que ele escondia e que lhe dava vergonha. Tinha beijado uma colega, Belém, no umbigo, no parque; ela ficou com cosquinhas, e ele, com uma ereção repentina e um tanto dolorosa quando ela mexeu as pernas e ele sentiu o cheiro da sua calcinha. Ele tentou deitar em cima dela e a beijou atrás da orelha, mas Belém se assustou, e ele imediatamente parou de insistir. Gosto muito de você, disse Belém, mas não quero. Ele sentiu a cabeça latejar, mas como ela estava prestes a chorar disse não tem problema, e desculpa, é que você é muito bonita. Vem, eu te acompanho até o ponto, você quer?, e ela disse que sim e depois de um tempo já estavam falando de outra coisa, Gaspar não se lembrava do que porque a ereção doía e quando estavam esperando o ônibus disse a ela que ia fazer xixi e

bateu uma punheta rápida e furiosa atrás de uma árvore, sob o olhar curioso de um gato branco e encardido que piscava. Quando voltou, mais calmo, o ônibus chegou e Belém falou sobre suas férias no Valle de la Luna e sobre como a paisagem lembrava *Guerra nas Estrelas*. Não a viu novamente. Tinha dormido com outras garotas, depois, mas todas as vezes tinham sido memoráveis e profundamente insatisfatórias; tinha convicção de que deveria haver algo mais, que não podia ser só aquela sensação desesperadora de urgência e alegria e depois o desconforto de não saber se a garota tinha gostado, se o que ele fazia era bom, se tinha colocado a camisinha do jeito certo, se pegava mal dormir depois, se tinha que parar ou era permitido pedir a elas mais uma, quando pedir e quando não pedir. Tinha perguntado isso a Vicky e ela havia respondido “é superóbvio, Gaspar”. Como podia ser tão óbvio se para ele era tão difícil?

— Tem um cigarro? — pediu a garota.

Gaspar procurou no bolso do agasalho e lhe estendeu o maço. Ela o olhou com desconfiança.

— Le Mans fracos?

— Fiquei sem dinheiro. São da mulher do meu tio. Ela não percebe quando eu os roubo. Ele, sim.

— Ele fuma algo melhor?

— Não. Jockey.

A garota deixou que ele acendesse o seu cigarro. Gaspar olhou as pernas delas. Tinha os músculos definidos. A luz do isqueiro iluminou seus olhos muito escuros, delineados de azul, como uma Cleópatra punk. Ela disse que se chamava Marita, e quando ele respondeu à apresentação com seu próprio nome, ela falou que achava Gaspar um nome incrível. Um rei mago.

— Era o que meu pai dizia, que por isso minha mãe tinha escolhido esse nome. Por causa do rei mago.

Marita olhou para ele através da fumaça do cigarro, e Gaspar se apressou em explicar porque não gostava das perguntas incômodas.

— Não tenho pai nem mãe. Eles morreram há muito tempo. Moro com meu tio.

No rosto dela não havia compaixão nem pena, apenas assentiu com a cabeça e murmurou que deprê. Ficou com o cigarro entre os lábios quando se agachou para amarrar os coturnos. E assim, fingindo não dar nenhuma importância, como se fosse algo tão casual quanto amarrar os longos cadarços, contou a ele que, do centro cultural, ela o via passar algumas noites, correr até o ponto do ônibus. Você mora longe? Não, respondeu Gaspar, em Villa Elisa. Às vezes fico por aqui à noite.

— Vem dançar quando quiser — disse Marita. — Fazemos festas aos sábados. Não imagino que goste de poesia.

— Eu não sei dançar, mas adoro poesia — respondeu Gaspar.

— Que estranho — disse ela. — Isso da poesia. Porque nenhum homem sabe dançar. A não ser os gays, é claro.

Marita lhe passou o cigarro para que ele o terminasse. O filtro estava pegajoso por causa do seu brilho labial, mas Gaspar não se importou. Ele gostava do mundo das garotas e das mulheres, embora não o entendesse completamente. Gostava de como as garotas riam às escondidas, como escreviam nas roupas e nos tênis e preferiam as coisas brilhantes e prateadas, como se preocupavam em combinar as cores e decorar as pastas com decalques de seus grupos preferidos, ou com fotos de atores protegidas por tiras de durex que as tornavam transparentes, adesivas e ao mesmo tempo menos frágeis. Ele gostava que elas chorassem e se preocupassem com os cheiros, os bons e os ruins, e a intensidade dos aromas, se aquela tinha passado perfume demais, se o importado que tinham comprado no free shop era incrível ou um gasto inútil, se a pele dos homens tinha cheiro e se era verdade que as calcinhas úmidas

cheiravam a pêsego ou a peixe. Gostava que Julieta xingasse mais que seu tio e que passasse horas no cabeleireiro, e ainda que não entendesse por que um corte de cabelo feio a fazia chorar, sentia pena ao vê-la triste por isso, não o irritava (como obviamente irritava seu tio, que resmungava não consigo entender essas besteiras). Gostava que Julieta percebesse que o fecho do seu casaco tinha quebrado e que soubesse consertá-lo; sabia que era melhor não discutir com ela quando se saía mal no tribunal. Gostava que Vicky telefonasse para ele e dissesse: já sei como fazer para evitar que peguem no nosso pé no colégio. É preciso ser bonito ou esquisito. Por isso não implicam com você: porque é bonito e esquisito.

Gaspar não ficou naquela noite no Princesa, mas decidiu que seria o seu lugar: gostava dele antes mesmo de conhecer suas paredes pintadas de vermelho para esconder as manchas de umidade, o palco que rangia, a cerveja que nunca estava totalmente gelada, a tábua sobre pernas de ferro onde eram vendidos fanzines, vinis usados, livros de arte com algumas folhas soltas.

* * *

Vicky apoiou a cabeça no volante do carro e suspirou. Estou tão cansada que nem consigo ter raiva, disse.

Gaspar acendeu um cigarro para ela.

— Ficamos no carro até ele pegar, não tenho nada pra fazer.

A mudança para La Plata estava se tornando tortuosa. O apartamento que Vicky tinha conseguido era escuro, não tinha varanda, e a cozinha era tão pequena que não cabia duas pessoas ao mesmo tempo. Ela se perguntava que tamanho de geladeira deveria comprar: a que seu pai oferecia, uma já velha, mas funcionando, era grande demais. Alugou-o assim mesmo: o preço era

baixo, adequado à sua aparência miserável. Na imobiliária, para consolá-la, a proprietária dissera que era bem localizado e que ficava perto da faculdade.

Ela só perguntou se no prédio ou no bairro havia cortes de luz. Se havia apagões. Gaspar, que tinha acompanhado o processo durante as férias — estava sozinho: Luis e Julieta tinham ido ao Brasil, ele preferiu ficar em Villa Elisa e passar o verão com Marita —, ergueu uma sobrancelha quando ouviu a pergunta e sentiu a ansiedade na voz trêmula de Vicky. A minha nunca foi cortada, garantiu a proprietária, a não ser durante os cortes programados do Alfonsín.

Agora, no carro, fumando, Gaspar quis saber por que ela tinha perguntado sobre a eletricidade.

— O que você diz não é verdade, então.

— O que é que eu digo, fala.

— Que superou o que aconteceu com Adela.

— Eu superei. Mas tenho essas sequelas. Tenho medo do escuro. Não suporto os apagões. Quando a lâmpada treme, entro em pânico. Não consigo lidar.

Gaspar bateu as cinzas do lado de fora da janela e coçou a cicatriz do braço. Fazia calor.

— Consegue dormir sem meia?

— E você continua vendo a Adela pelos cantos?

— Menos. Conteí tudo a Marita.

— E?

— Ela tem pena de mim, acho. Não me importa. Pelo menos não tem medo de mim.

Vicky se apoiou no ombro de Gaspar.

— Fico feliz, por você e Marita. Ela te ama, acho.

— Vamos ao Princesa esta noite. Você já tem casa e, se quiser, pode ficar com a gente. Pablo pendurou seus desenhos, e Marita me disse que Andrés Sigal foi vê-los.

— Quem é?

— Não seja tosca, é famoso. É um fotógrafo. Dirige a galeria de fotografia da Belas Artes e tem sua própria galeria, que é muito importante.

— Eu vou estudar Medicina, amigo. É outra história. Enfim, hoje à noite eu vou.

O carro pegou, e Gaspar pensou que nunca deveria deixar Vicky sozinha no escuro. Tinha que garantir que ela conseguisse uma linha de telefone logo, assim poderia ligar para ele, ou para Pablo, se faltasse luz. No verão costumava haver apagões na cidade: a proprietária do apartamento tinha mentido. Gaspar, além disso, tinha notado detalhes incômodos na mulher. As meias, por exemplo. Apareciam por baixo da saia plissada e aparentemente elegante e eram meias de homem, uma verde militar, a outra azul-marinho. A verde militar parecia estar cobrindo uma ferida, ele imaginou um corte que não tinha sido feito por um gato nem pela quina de uma mesa, acidentes que poderia imaginar para uma mulher daquela idade. Um arranhão de garras. Lembrou-se da mão que tocava Pablo. Não era fria como costumavam ser as mãos de fantasmas. Era febril, uma faca aquecida no fogo. Uma ferramenta para deixar marcas. A maquiagem da mulher era exagerada, como se precisasse cobrir a pele morta, especialmente debaixo dos olhos, ali onde as maçãs do rosto começam a cair a certa idade. E quando ela olhou para ele, Gaspar viu um desejo horrível, certa inveja: aquela mulher poderia mordê-lo. Isabel tinha dito a ele muitas vezes que aquelas sensações poderiam ser auras, manifestações da epilepsia, alucinações muito particulares. Apesar de confiar em Isabel, sobretudo em sua boa vontade, fazia tempo que, quando ela lhe explicava os sintomas, ele assentia sem acreditar. Não tinha mais certeza. Aquela mulher

intuía algo, escondia algo ou simplesmente ele havia provocado alguma coisa que estava adormecida nela, escondida.

E por isso Vicky não deveria ficar sozinha às escuras. Se ficasse sozinha, poderia ser agarrada. Levada, como tinham levado Adela. Não podia explicar aquela intuição nem nenhuma outra, assim como não podia explicar a aversão por certas casas, por certas esquinas, por matagais abandonados. Havia ficado muito impressionado com o fragmento de um poema de Neruda no caderno de seu pai. Julieta gostava de Neruda, lia poemas de amor e políticos, típico dela. Era um velho de merda, dizia a ele, um sujeito péssimo com as mulheres, mas que poeta. Gaspar lhe mostrou o trecho do poema copiado com a letra nervosa mas clara de seu pai, e ela identificou o livro onde poderia encontrá-lo. Agora ele estava em seu quarto, na enorme pilha da mesa de cabeceira. “E me empurra para certos lugares, para casas úmidas/ para hospitais onde os ossos saem pela janela, / para certas sapatarias com cheiro de vinagre, / para ruas horríveis como gretas. / Há pássaros de cor de enxofre e horríveis intestinos / pendurados nas portas das casas que odeio.”

As casas que odeio. Não havia sentido ódio no apartamento feio que Vicky alugara. Não achava que fosse perigoso, apesar da pele morta que sua proprietária tentava esconder. Iria visitá-lo com frequência para confirmar que se tratava de um lugar seguro. Não podia perder mais ninguém.

* * *

O cinema Moreno tinha esse nome ilustre, mas era o único pornô de La Plata, e qualquer um que soubesse mais ou menos alguma coisa sobre a rua e a noite entendia que não era um lugar para espectadores de filmes eróticos, nem para garotos irem se masturbar, ou um local para aventuras. Tinha sido até pouco tempo atrás. Em 1992, os que queriam ver filmes pornô tinham as

videolocadoras. E o cinema era o epicentro da pegação, o lugar onde os homens gays da cidade se encontravam para fazer sexo a qualquer hora, todos os dias da semana exceto às segundas-feiras, quando se fazia uma limpeza discreta, cuja prova era o cheiro de desinfetante barato.

— Eu me embichei lá — dizia Max, o DJ e responsável pelo som em geral do Princesa, enquanto limpava os dedos sujos de óleo; também estava a cargo da precária manutenção. — Não ponho mais os pés. É um hospital de infectadas.

— Eu quero ver como é o clima, mas eu me cuido — disse Pablo. — Você sabe que eu uso camisinha dupla.

— Olha só, Paul, se você está fanática, é problema seu. Eu não vou te levar e não me responsabilizo se derem uma batida no local. Não estou em condições psicofísicas de andar por aí tirando bichas de delegacias, já fiz muito isso. E ainda mais garotas menores de idade.

Gaspar recusou o mate que Max lhe ofereceu.

— Tenho curiosidade, é isso. E eu não sou menor, fiz 18 há meses, você está com demência senil.

— Que atrevida. Faz o que quiser, ninguém consegue parar uma pirralha no cio. Não vai sozinho, leva algum namoradinho com você. E você — disse, apontando para Gaspar — nem sonhe em acompanhá-lo para experimentar, que lindo desse jeito vai ser estuprado em massa.

— Nem a pau eu entro lá.

— É tão macho essa criança, com essa cara trágica, você me deixa louco.

Max estava terminando de colocar no lugar a porta do banheiro, que tinha caído várias noites antes. Queria que o lugar estivesse apresentável porque Andrés Sigal tinha vindo pela segunda vez e esperava, ao menos, que doasse dinheiro a eles. O viado eminente podia fazer uma vaquinha para nós, os viados pobres e vanguardistas, dizia. Os desenhos de Pablo agora dividiam

espaço com fotos de jovens travestis que moravam juntas em um hotel ocupado, perto da estação. Andrés, que era colecionador, tinha comprado uma: as garotas comemoravam um aniversário em volta de um bolo coberto de merengue e pareciam felizes. Era a única foto feliz. Andrés era rico porque fotografava pontos turísticos da Argentina, e seus livros eram vendidos em hotéis e aeroportos e lojas de souvenirs para turistas. Além dessas fotos comerciais, Andrés tinha percorrido o país várias vezes para retratar a vida de gays e travestis desde a ditadura até meados dos anos oitenta. Em sua última visita contou que estava pensando em fazer uma retrospectiva mista, com um pouco de tudo, as fotos da Argentina, as de gays, as de todas as pessoas que tinha conhecido em quase quinze anos de idas e vindas.

O centro cultural Princesa tinha se transformado em um polo de agitação em La Plata. Max e Marita, que eram muito amigos e tinham sido colegas de escola, administravam-no, com imensa flexibilidade. Os recitais de poesia explodiam de gente. Havia poetas locais que liam seus textos e outros que declamavam os de autores famosos; as noites de Pizarnik e Plath eram um sucesso. Também havia saído de lá a até então primeira e única marcha do orgulho gay, não muito cheia, mas intensa. Marita, além disso, tinha começado a gravar conversas com os amigos de Max infectados com HIV. Ela se interessava em saber como era a relação com os vizinhos, com os familiares, com os médicos; sobre as dificuldades para conseguir a medicação; se eram discriminados, se eles se sentiam representados pelos ativistas de Buenos Aires, se faziam ideia do que era Act Up. Pablo, às vezes, ficava para ouvir aquelas conversas e às vezes intervinha com perguntas. Marita aceitava contente sua presença. Ela queria algum dia, quando finalmente descobrissem a medicação adequada, ou a vacina — e tinha certeza que isso aconteceria —, escrever um livro com aqueles testemunhos ou simplesmente publicá-los. Estudava Jornalismo. Tinha milhares de planos. Uma noite, depois de se acariciarem no

sofá da casa vazia de Villa Elisa, Marita perguntou a Gaspar por que ele não se sentia desconfortável entre tantos gays. Gaspar, brincando com seus brincos de caveira, disse quase sem pensar: acho que meu pai era viado. Ou bissexual, porque sei que amava minha mãe e tinha amantes mulheres, uma pelo menos. Tali. Catalina.

— Sério? E fazia isso abertamente?

— Meu pai não fazia nada abertamente. Tinha um namorado, sim, um amante, eles se viam pouco.

— Você nunca mais o viu?

— Ele desapareceu, e acho ele tão cagão que não quero vê-lo de novo. Meu problema é com ele, enfim, não porque fosse namorado do meu pai. Ao contrário: eu queria que vivessem juntos.

— Por isso você fica confortável.

— Não sei por que eu teria que ficar desconfortável.

E não estava mentindo: para ele era uma companhia tão confortável quanto a do seu time de futebol de cinco. Às vezes Gaspar achava que, na verdade, não poderia se aproximar totalmente de ninguém, então para ele era mais fácil aceitar. Também no Princesa, quando as festas faziam as paredes transpirarem e todos dançavam com os copos de cerveja na mão e gritando, tinha que sair para o pátio. É o medo do descontrole, dizia Isabel. Durante muitos anos, por conta do caos em que você vivia, precisava de controle, estar alerta. A falta de freio poderia desestabilizá-lo, é isso o que você acha. Eu gostaria de mudar, dissera a Isabel, mas ela, como sempre que ele expressava algum desejo, ficava calada e sorria.

— Gaspar, minha vida, me faz um favor — disse Max quando terminou de limpar o polegar direito. — Trouxe as cartas, como eu pedi?

Marita, que era a responsável pela chaleira — a água para o mate era sua obsessão, acreditava que ninguém mais seria capaz de encontrar a temperatura

exata —, disse:

— Não fica perturbando com isso que ele não é muito chegado a jogar.

— Que superprotetora você é.

— Okay, sou: tenho um namorado meio esquisito e meu melhor amigo tem aids. Tá legal, sou superprotetora. Não fode.

— Isso porque você gosta dos malucos e anda com viados. Não dê uma de Florence Nightingale agora. Por favor. Não sei como você a aguenta. É bonita, mas o mundo está cheio de morenas como ela.

Gaspar pediu para eles não brigarem e pegou o baralho. Max teve que embaralhá-lo e dar as cartas. O maço não estava muito usado, a não ser por uma carta, o Enforcado, que tinha sido tão manuseada que parecia fazer parte de um baralho diferente. O que será que seu pai fazia acariciando com a ponta dos dedos essa carta, justo a mais esquisita, para Gaspar a mais temível?

Pablo limpou a mesa para que a superfície não umedecesse as cartas. Recebeu o baralho das mãos de Max e olhou para ele antes de tirar. Max estava sério. Talvez por estar com febre, seus olhos escuros brilhavam. Marita se deitou em uma das almofadas, e Gaspar sentiu a mão dela, os dedos cheios de anéis, acariciando suas costas.

— Você me diz ou eu pergunto?

— Você pergunta.

— Tenho perguntas pesadas.

Gaspar arqueou a sobrancelha esquerda. Era um gesto que tinha herdado de seu pai e tentava evitar sem sucesso.

— Todas as perguntas são. Pesadas, quero dizer. Não conheço ninguém que tire cartas e pergunte idiotices. Isso não existe.

E pensou consigo mesmo: o Tarô é uma linguagem velha. Tinha lido em um livro de seu pai, por alto, mas não esquecia, que as cartas guardam um segredo de algo que talvez se tenha esquecido. As cartas são esse segredo.

— Pergunta se eu vou morrer de aids.

— Ai, Max — disse Marita, e parou de fazer carinho nas costas de Gaspar, como se não quisesse distraí-lo.

Gaspar esperava a pergunta, então não se alterou. Sempre que tirava as cartas, e o fazia pouco, acontecia o mesmo: tinha uma tranquilidade de especialista. Escolheu uma tirada simples, a que sua mãe tinha ensinado quando era pequeno. Tão pequeno que mal se lembrava daquela lição. Pôs as cartas na mesa e não fez nenhum silêncio misterioso porque nunca atuava, da mesma forma que não podia fingir descontrole.

— Você vai ficar bem, Máxima, por isso vou ter menos paciência com você. Olha aqui, a de baixo, é a única que importa porque é o futuro, digamos? A conclusão. E o que saiu é o Sol, que é a melhor carta. É capaz que você morra de outra coisa.

Max não conseguiu esconder o nó na garganta, por isso não falou por alguns segundos. Os olhos de Gaspar pareciam piscar com uma frequência menor, como os olhos de certos répteis, e essa firmeza dava a eles uma frieza especial; também provocava certa desconfiança, a de estar frente a uma espécie híbrida.

— Se estiver mentindo, eu te mato.

— Não vai poder me matar no seu leito de morte.

Max apertou os olhos com a ponta dos dedos e depois disse:

— Agora quero perguntar sobre o bofe da quitanda.

— Isso eu te respondo sem as cartas: se der em cima dele, te arrebenta os dentes.

— Você tem muita confiança nos bofes, boneca.

Gaspar colocou as cartas umas sobre as outras, reuniu o baralho, e olhou em volta.

— Não quer que eu tire pra você? — perguntou a Pablo.

Pablo olhou para ele muito sério.

— Hoje não. Amanhã, se a gente se encontrar.

Claro que iriam se encontrar. Viam-se todos os dias. Pablo estudava Belas Artes e já era tão bom, no primeiro ano, que tinham oferecido a ele ser assistente de cátedra *ad honorem*. Gaspar tinha visto e lido alguns de seus projetos e desenhos. Era ousado e brilhante. Se Andrés Sigal lhe desse um empurrãozinho, ele seria uma estrela.

* * *

Pablo achava que era cedo para ir ao cinema, sete da noite, mas Julián disse que era assim, que as pessoas iam àquela hora para evitar a polícia. Os donos pagavam, mas às vezes atrasavam, e então os milicos podiam pintar e eram perversos com os viados, debochados, violentos. Julián era um garoto que tinha conhecido no Princesa e com quem costumava sair para dançar em outras boates, menos artísticas, mais divertidas; alguém com quem podia ser bobo e bêbado e beijar qualquer um. Gostava de Julián e não muito mais que isso, mas era um companheiro ideal para ir ao cinema, para aprender como se conheciam e se encontravam os viados velhos, como era isso de trepar com alguém sem rosto e na escuridão.

Não havia ninguém na porta, o que lhe pareceu esquisito, mas quando entraram foram recebidos por um homem meio escondido atrás do vidro da bilheteria: pagava-se a ele. Depois se descia um andar, em direção às salas. No chão, junto às paredes, contornando-as como um fio prateado, um tubo de luz de neon: a única luz para se orientar de uma sala a outra. Julián riu, um risinho bobo e excitado, e Pablo sentiu um acesso de raiva, vontade de estapeá-lo e sair de lá. De repente ficou com medo, uma claustrofobia indefinida, era a luz artificial, que se parecia tanto à da casa de Adela.

Havia três salas, e Julián disse que tinham que entrar primeiro na Wilde e depois ir ao que chamavam de Túnel; ele nunca tinha estado lá, mas dizem que é o máximo, você não sabe de quem é o pau que está te comendo, não sabe nada. Seguiu-o. A sala Wilde tinha a luz do filme que estava passando e nada mais, à exceção de duas pequenas para marcar a entrada. Alguns homens transavam nas poltronas, outros passeavam pelos corredores do meio ou das laterais, paravam para tocar uns nos outros, pediam fogo, até conversavam. Era quase uma boate graças à música do filme, um filme hétero com garotas siliconadas, cabelos loiros e sêmen nos olhos, os homens violentos com o peito cabeludo, pele de bronzamento artificial e picas desproporcionais. Perdeu Julián na sala. Um homem com o jeans aberto se aproximou dele e sussurrou em seu ouvido que o chupasse e Pablo se ajoelhou e obedeceu, ele próprio excitado por obedecer àquela voz grossa, e enquanto chupava, com a mão do sujeito, muito mais velho que ele, que se enfiava entre seus cachos, ele também abriu as calças e se masturbou. Muito depois se perguntaria se tinha alguma ferida na boca ou por que não tinha visto se o pau do homem estava machucado. Sentia medo toda vez que não se protegia, mas, quando a ansiedade passava, o desejo chegava outra vez. A vontade de se encontrar com um homem em uma esquina e levá-lo para a praça e rir quando alguém andava por perto, para tentar denunciá-los. A vontade de se enfiar em um carro que fedesse a sêmen e a merda. A vontade de se sentir embaixo de um peitoral forte e de passar uma noite inteira tomando vinho do gargalo de uma garrafa e pó de um prato ou das costas, um cinzeiro cheio até a boca.

Encontrou Julián perto da tela: estava agitado, como se tivesse corrido, e quando o beijou, sentiu os restos da cocaína. Pablo perguntou-lhe ao ouvido por que não tinha lhe oferecido, mas Julián não escutou e falou de um bofe e de outro e comemorava porque os tinha convencido a colocar camisinha, soava orgulhoso, e Pablo disse a si mesmo que era o pior momento para pensar nisso

e se perguntou como teria sido para os mais velhos, que não pensavam em se proteger nem em morrer ou adoecer, mas também era verdade que antes os velhos estavam sempre no armário e se casavam. Em algum momento tinha sido bom ser viado? Virou-se e teve a impressão de ver, na porta, os sutis cabelos brancos de Andrés Sigal, com a camisa aberta e um cigarro na mão. Ele devia ser seu objetivo, mas Julián insistia em mudar de rumo, e Pablo pensou que havia tempo para conhecer Andrés. Todos diziam que ele era louco pelos novinhos.

Foram até o Túnel. Pablo não gostava muito do nome, mas pensou que, se o lugar lhe desse claustrofobia de novo, poderia sair e pronto. Era um porão e parecia subterrâneo até na maneira como os sons iam ficando abafados a cada degrau. Não havia muito homens. Era preciso descer outra pequena escada. Mas, na metade, Pablo parou de enxergar os degraus. Julián teve que ajudá-lo a descer, tropeçando no corrimão e nos corpos. Embaixo não havia luz. Nada. Não havia tela nem filme. Um ou outro isqueiro furtivo mostrava corpos que pareciam pálidos demais, e de tão escuro não se viam as paredes, como se o porão fosse infinito.

Pablo recuou e alguém puxou seu braço, e então sentiu a inconfundível descarga de adrenalina do pânico. Depois, conversando com outros amigos, diria a eles que aquele lugar era muito perigoso, que as pessoas podiam morrer lá, que havia música para encobrir os gritos, que era fácil imaginar alguém com uma faca, ninguém era revistado, um *serial killer* gay, um mata-viados, um louco. Assassinar lá embaixo era a coisa mais simples do mundo. Pensava isso: o lugar era uma armadilha. Mas apenas Gaspar e Vicky souberam a verdade porque eles eram os únicos que entendiam. Ele soube que o puxão era da mão fantasma, aquela mão que o havia esperado na escuridão dos corredores durante tanto tempo, a mão febril que queria levá-lo, que, caso ficasse mais tempo apoiada, Pablo acreditava, poderia deixá-lo marcado. Agora estava a

salvo, no apartamento platense que sua mãe descrevia com orgulho como “racionalista” e com “pisos de carvalho esloveno”. Ele o odiava, no entanto, e queria se mudar e ainda não tinha dinheiro. Odiava seu irmão mais novo, tão malcriado, e o cheiro de infelicidade no ar. Mas, precisava reconhecer, pelo menos a mão não o esperava mais nos corredores.

No Túnel, no porão negro do cinema, a mão — que poderia ser de Julián, embora ele nunca tivesse conseguido se convencer dessa possibilidade racional — voltou a ser aquela que ele julgava perdida. E agora, em vez de pelos e peles e bundas, via um homem no chão com a cabeça entre as pernas de outro, mas esse outro era uma múmia, um homem com a cabeça entre as pernas da morte; via uma garrafa quebrada nas mãos de uma mulher sem olhos; via um homem com uma corda em volta do pescoço: não tinha um braço. Não quis ver mais. O túnel era uma festa de mortos, era mais um dos quartos da casa que tinha levado Adela. Não conseguia se lembrar se tinha gritado, certamente sim, a música tinha abafado essa humilhação e subiu correndo os degraus, caiu, pensou que alguém o estava arrastando para baixo e chutou um desconhecido na escuridão e também correu pelo corredor até a saída, não percebeu se alguém olhou para ele de um jeito estranho, se alguém ficou alerta, se alguém o insultou ou se preocupou com ele. Não havia nada além da saída e da rua 2 com suas tílias e as pessoas cansadas que iam ou vinham da estação. Atravessou correndo, não prestou atenção nos carros, e por instinto ligou para Gaspar de um telefone público da esquina com a única ficha que lhe restava. Rezou para que estivesse em casa enquanto secava as lágrimas e se agachava na cabine, tentando controlar o tremor nas pernas e o coração, que batia forte e não o deixava falar.

— Pega um táxi — disse Gaspar. — Eu pago. Telefonamos, e você fica aqui em casa. Pega um táxi agora.

Pablo nunca mais voltou ao cinema. Em seis meses, Julián estava infectado e as visitas ao hospital eram uma procissão. Nos corredores Pablo se lembrava do porão, do homem sem braço, da múmia com uma ereção. Julián morreu rápido, em meses: passou os últimos dias falando com a voz fina de um menino e relembrando os brinquedos de sua infância. Foi velado no único local que aceitava infectados de HIV na cidade. Max, DJ do Princesa e amigo de Marita, morreu três semanas depois. Ela chorava debaixo das cobertas na cama de Gaspar e estava com raiva, furiosa e um pouco assustada: quase nunca queria fazer sexo. Ou pedia medidas exageradas.

— Você mentiu pra ele — disse uma tarde a Gaspar, quando foi levar flores a Max no cemitério. — Disse que não iria morrer de aids.

— E o que eu ia dizer pra ele.

— Ele achava que iria se salvar. Falava do Sol, dizia que era a melhor carta. Isso também é mentira?

— É a melhor carta, mas saiu de cabeça para baixo. Quando saem viradas são o contrário.

Marita se sentou sobre um túmulo e secou as lágrimas.

— Não quero que minta pra mim, nunca minta pra mim.

Gaspar lhe disse sim e a beijou nas bochechas manchadas de rímel escorrido, mas pensou: às vezes é preciso mentir para proteger. Eu já minto pra você. Eu escondo. E vou continuar mentindo.

Pablo tinha pedido a Gaspar para tirar as cartas depois do velório de Max. Havia saído a mesma coisa que diziam seus exames: não estava em perigo. Era verdade que ele se protegia, que depois do cinema tinha decidido não fazer mais incursões em encontros perigosos, mas o assombrava ser o único saudável naquele furacão de doentes. Naquele inverno haviam morrido mais dois amigos que costumavam ir ao centro cultural. Um era velho, tinha uns 27 anos. O outro tinha acabado de entrar na faculdade. Na marcha organizada por

Marita e Max antes de morrer, alguns foram de cadeiras de rodas de tão fracos. Mesmo assim cantavam e seguravam o microfone no palco em frente ao Ministério da Saúde; sempre terminavam xingando, e depois a cantoria voltava, lantejoulas no ar.

Naquele inverno, a casa da infância de Gaspar finalmente foi alugada. Uma família jovem, com filhos. O aluguel era alto. É uma casa cara, dizia Luis, porque é uma casa nobre. Seu pai não fez o menor esforço para conservá-la e, no entanto, não tem grandes problemas, nem umidade tem.

Tinham sido meses tão tristes e intensos que Gaspar quase não deu atenção à gravidez de Julieta, um acontecimento, a começar porque a notícia tinha terminado em uma briga com seu tio. Gaspar tinha perguntado: Você não está muito velho para ser pai?, e a pergunta havia desatado uma discussão com acusações (quer ter um filho normal, não aguenta o filho maluco?) e alguns deboches (vai levá-lo ao futebol de bengala?). A briga tinha crescido, e Gaspar, em um dos ataques de ira que às vezes o consumiam, jogou uma jarra contra a parede, uma jarra de granadina: o líquido, vermelho, tinha manchado o chão e a toalha de mesa. Luis exigiu que ele limpasse, e Gaspar se recusou batendo a porta.

Julieta queria ser mãe: era uma mulher jovem, mas não tanto; se queria ter filhos, era a hora. Não tinham dado essa informação a Gaspar, mas, depois de tudo, ele podia e deveria supor. A raiva passou no dia seguinte e pediu tantas desculpas que Luis o mandou calar a boca. Me dá parabéns pelo menos, caralho, como é que você pode ficar com ciúmes, se soubesse o quanto eu te amo. Gaspar achava que não estava com ciúmes. Odiava as mudanças: era isso. Quem dera as coisas pudessem ser sempre iguais, quem dera esta casa, que é como um porto seguro na tempestade, ficasse de pé para sempre, e sempre para nós, sem agregados, sem tempo, sem futuro. Os bebês serem gêmeos foi uma

notícia estranha: dois filhos seria custoso, daria muito trabalho e significaria que Julieta teria que parar de trabalhar por mais tempo do que havia planejado.

Os meninos nasceram de cesariana e foram batizados Salvador e Juan. Gaspar teve vertigem por sentir apenas uma vaga ternura por eles e muito aborrecimento. Nunca vou ter filhos, pensava quando os pegava no colo e só queria devolvê-los, afastar-se do cheiro de leite e dos sorrisos emocionados, das preocupações com dinheiro e o preço das fraldas descartáveis, das lágrimas. O que faria se Marita quisesse um bebê? Nunca tinham conversado sobre o assunto, e ultimamente também não faziam muito sexo, porque ela estava paranoica. Ou algo mais. Não sabia. Entendia que estava de luto por seus amigos e que isso era difícil; deixava-a em paz. Se quisesse engravidar, era melhor que ela dissesse, pensou, porque teria que deixá-la. Apesar de amá-la muito. Quando os trouxeram para casa, os gêmeos se revelaram incômodos e chorões e, na opinião de Gaspar, ocupavam espaço demais, mesmo sendo tão pequenos. Ele, apesar do pedido silencioso nos olhos de seu tio e de Julieta, decidiu não se envolver com os bebês. Isso significava passar cada vez menos tempo em casa. Tinha muitos lugares onde ficar, inclusive para dormir. Seu tio queria que ele fosse para a faculdade, mas Gaspar não sabia o que estudar nem para que, e passava o tempo inteiro no Princesa. Pablo quase se mudou para lá. Sou outro expulso pelas crianças, disse a ele uma tarde. Meu irmão é o mal, e minha mãe não quer que a gente fique por perto, porque tem medo de que cheire mal. O Princesa era uma casa ocupada, e os proprietários nunca tinham aparecido para reivindicar o local. Marita tinha averiguado, porque uma casa tão perto do centro tinha muito valor e ela não queria ser expulsa e, dizia, também não tinha energia para se entrincheirar e defender o lugar. Havia proprietários, sabiam seus nomes, mas, enquanto não reclamassem, lá estava a casa para ser usada.

Essa informação a respeito dos donos inquietava Gaspar. O mesmo aconteceu com a casa da rua Villarreal: ninguém a reivindicava. Ele jamais percebeu algo perturbador no Princesa e confiava em seu instinto, mas não gostava dos donos fantasmas, não gostava das casas que ninguém queria e que convidavam para uma visita com suas janelas feito olhos semicerrados, casas como putas que mostravam as pernas nas esquinas, a boca vermelha e as luzes de neon, a luz enferma que era igual às luzes do hospital onde seus amigos morriam e onde Vicky fazia residência e onde tinha se despedido de seu pai, que tinha os olhos, ao final, negros como escaravelhos, como os de Omaira, que ainda voltava para tocar os pés de Vicky à noite, negros e brilhantes como insetos, como os besouros que batiam nas luzes do pátio da casa de Villa Elisa nas noites de verão. Precisava pensar menos, às vezes, desativar as conexões. Marita sempre queria que fumasse maconha, vai te relaxar, dizia.

Pablo estava terminando seu projeto de desenhos e fotos de amantes com rosto de poetas. Gaspar o ajudava a fazer as máscaras e também o ensinava a ler poesia. Quero que sejam todos com menos de trinta porque o projeto vai se chamar “30 com menos de 30” e serão trinta rapazes, alguns em fotografia, outros em desenho. Pensando agora, na verdade acho que posso incluir garotas.

Gaspar se pôs a pesquisar. Conhecia vários poetas mortos antes dos trinta, mas para outros tinha precisado ir a bibliotecas. Os livros de seu pai também ajudaram muito. A cada dia aumentava a lista para Pablo. Sylvia Plath, tinha 30, no limite. Suicidou-se enfiando a cabeça no forno, seus filhos estavam no cômodo ao lado, isolou-o com fita adesiva, toalhas e roupas para que o gás não chegasse até eles e lhes deixou leite. Por que se matou?, quis saber Vicky, que ia pouco ao centro cultural porque Medicina era um curso que demandava muito. Estava recém-separada e parece que isso a deprimiu. Emily Brontë também fica no limite, trinta, ela morreu de tuberculose. Keats. Era o favorito do meu pai, e eu também o adoro. Morreu de tuberculose aos 25. Tinha

dificuldade de lê-lo, quando era pequeno, agora é dos que mais gosto. Chatterton, acho que tinha 17, esse se matou com arsênio. Shelley se afogou aos 30, era o marido de Mary Shelley, a de *Frankenstein*. Novalis, tuberculoso, 28. Tem um que tem mais, 35, caiu bêbado no chão em Londres, mas espera, o cara era um viado enrustido e primo de Bosie, Lord Alfred Douglas, o namorado de Oscar Wilde. Lionel Johnson se chamava esse bêbado, era muito louco. Eu gosto muito dele. Um livro do meu pai tinha uma seleção de seus poemas escolhidos por Yeats. Você não tem Yeats? Ganhou o Nobel. Não importa. Coloca o Lionel Johnson, é mais velho, mas encaixa. Asunción Silva deu um tiro no coração, obrigou seu médico a desenhar o lugar onde deveria atirar. Que médico idiota, que não percebeu, disse Vicky. Georg Trakl, 27 anos, de overdose de cocaína, pode acreditar, naquela época. Teresa Wilms Montt, uma garota chilena de classe alta. Se suicidou em Paris aos 28. Ela eu encontrei na biblioteca e tirei xerox de tudo. Você vê uma foto e se apaixona. Tem um daqui também, de La Plata, é uma loucura total, parece que encontraram seu corpo mumificado no cemitério de Tolosa. Matías Behety se chamava. Morreu louco, bêbado, mas colocaram a múmia na capela por um tempo e havia fiéis, parece que curava, montaram um altar para ele. Também tinha mais de 30, mas me diz se essa história não é fantástica. Procurei seus poemas, mas o coitado era péssimo. Por que você não cita os bons? Trakl tem umas coisas incríveis, muito obscuras. Pode colocar as fotos ou os desenhos e alguma citação. Sim, disse Pablo, mas que também não seja algo esquemático. Cite o que é pra citar. Escolhe você as citações, que você sabe isso melhor. Depois eu descarto, ou não. E não procure os velhos, mesmo que tenham histórias ótimas. E menos esse da múmia, não quero saber nada de múmias.

— Não sei se vai dar só com poetas, mas há pintores também — disse Gaspar.

— Desses eu sei — disse Pablo. — E já pensei sobre isso. Não quero. Todos poetas. E o que menos quero são músicos, é óbvio demais e muito popular.

Vou continuar procurando, disse Gaspar, e passava as noites, com Marita dormindo a seu lado, sublinhando jovens poetas mortos, a maioria suicida. Às vezes lia na cama para ela, e ela pedia que repetisse. Não vão colocar Rimbaud?, ela tinha perguntado. Era um punk. Era lindo, como você. Gaspar bufou. Quer que sejam mais novos, todos com menos de 30, além disso tem um fotógrafo famoso que já fez um trabalho parecido apenas com o rosto de Rimbaud.

— Ah, então ele está copiando — disse Marita.

— Ele diz “citando”.

— São garotos com a cara de Rimbaud em Nova York — contou. — Algumas das fotos foram tiradas em uns edifícios abandonados perto do rio. Têm uma cara de Rimbaud, são muito magros. Alguns estão injetando heroína no braço, outros leem o jornal, outros andam à noite pela cidade. Pablo tem as fotos. São muito bonitas.

— Como se chama o fotógrafo? — perguntou Marita, e cobriu as pernas, que estavam de fora.

— Não me lembro, mas morreu de aids faz alguns anos.

— Ai, não, chega de mortos — respondeu, e pediu para ele apagar a luz e, quando Gaspar quis fazer um carinho em sua barriga, ela se virou, com uma breve reclamação, como se estivesse com sono. Ele sabia que não era cansaço nem mau humor, era rejeição, e como faria para lidar com a rejeição, ele se perguntava; iria passar, era uma fase, não o amava mais, tudo o que tinha para lhe perguntar ficava suspenso na escuridão do quarto, na lâmpada que tilintava, no desconforto de dois corpos juntos que queriam estar separados.

Marita havia gritado com ele durante uma briga, disse que tinha direito de participar dos encontros, que ela tinha aguentado muitas coisas. Gaspar entendeu pela metade o significado da acusação, mas sabia que não eram ciúmes. Marita estava, como dizia seu tio, entregando a conta. Não podia permitir sua presença nos encontros com Vicky e Pablo. Eram deles. Os de fora não contam, e voltava a citar o tio, que tinha ditados para tudo: era o sujeito mais antiquado e mais moderno do mundo, Gaspar achava. E o tio nunca tinha lhe entregado a conta por haver cuidado dele todos aqueles anos, anos de sobrinho maluco e neurologistas, psiquiatras, diagnósticos, esquizofrenia, epilepsia, alucinações e agora este limbo, compensado, se dizia, estava compensado, tão equilibrado que Luis tinha ousado ter sua própria família. Depois dos primeiros meses, tinha parado de pedir ajuda com os gêmeos. Isso tinha um significado não muito bom. Luis confiava em Gaspar, a não ser por uma coisa: muito de vez em quando, mas com bastante intensidade, ele ficava com raiva. E, quando sentia raiva, quebrava coisas e se machucava e era incontrolável, forte, tinha algo de animal aterrorizado. Tinha quebrado aos pontapés o armário, que ainda tinha buracos. Todos os pratos uma noite, depois de uma briga pouco importante. Havia jogado suas roupas na rua, e uma vez se machucou de propósito na frente do tio, sentado à mesa, ficou dando golpes nervosos com o garfo até cravá-lo na mão. Isabel, a psiquiatra, falava sobre controlar a raiva, mas não recomendou nada urgente. Minha filha grita que me odeia, não exagera, é um moleque ótimo, Gaspar tinha ouvido certa vez durante um churrasco; o Negro falava muito alto quando estava bêbado. Até agora Gaspar não tinha sido violento com ninguém além de si mesmo. Mas às vezes, quando voltava da natação ou da casa de Marita, ou do campinho, passava por sua cabeça que poderia insultar alguém na rua porque sim, cair na porrada para descarregar. A vontade de quebrar alguma coisa ou

alguém às vezes era como a vontade de correr ou a sede: urgente. Tranquilizadora.

A casa era grande o suficiente para ter privacidade, de qualquer maneira. Na ampla área dos fundos, Luis e alguns operários amigos tinham erguido um puxadinho, não muito confortável, mas bem-feito. Como a frequência das festas na casa tinha diminuído com o nascimento dos bebês, Gaspar se apropriou do lugar e ninguém questionava isso. Era sua kitnet e era quente no inverno e fresco no verão: a edícula tinha aquecedor e ventilador. Levou o colchão, levou o aparelho de som, levou uma das TVs pequenas, os livros. Era um lugar mais conveniente para ficar com Marita, que tinha deixado lá algumas calcinhas, uma calça e absorventes na mesa de cabeceira, tudo com seus detalhes: a calça com corações pretos pintados com pilot, a calcinha branca de algodão, os absorventes dentro de uma bolsinha preta de veludo falso para que seu conteúdo não pudesse ser adivinhado.

Lá, na edícula, com o aquecedor ligado e a janela um pouco aberta, no colchão de casal, Vicky, Gaspar e Pablo se reuniam quando podiam, e podiam com frequência. A essas reuniões Marita não era convidada. Sentavam-se e relembravam e falavam do que continuava acontecendo. Juntos não lhes fazia mal recordar. Gaspar, às vezes, quando a lembrança era muito intensa, precisava respirar fundo e anunciar que ia parar porque, se não, sentia chegar aquela carícia horrível do medo que o paralisava, que o obrigava a se enfiar na cama, que até deixava suas pupilas estáticas. Um neurologista tinha lhe explicado que certas epilepsias tinham sintomas apenas psíquicos, a sensação de medo — às vezes de euforia —, de *déjà vu*, e às vezes esse medo era paralisante. Nunca encontraram nele de forma definitiva sinais de epilepsia ou de uma lesão cerebral. Os estudos eram sempre duvidosos, interpretáveis. Tomava os remédios de maneira errática, de modo geral fingia tomá-los. Vicky se zangava, Vicky a doutora, a racional. As enxaquecas durante muito tempo foram

diagnosticadas como epilepsia, ela lhe dizia, e você as têm com muita frequência, frequência demais. Certo, mas o pai dele sofria de enxaqueca, seu tio sofria, e nenhum dos dois era epilético.

Não falavam disso, de qualquer forma. Falavam de Adela e da casa. Tinha sido demolida há pouco tempo com autorização dos proprietários, que nunca conseguiram vendê-la e que, claramente, não conseguiriam jamais. Vicky tinha ido até o terreno várias vezes, seus pais ainda moravam a poucos quarteirões. Alguns garotos tinham pichado a única parede que restava de pé, mas não muito. O lugar dava medo em todo mundo. Tinha a aparência que têm os lugares onde aconteceu algo ruim: um ar de expectativa. Os lugares maus esperam, ou procuram, que o mal aconteça novamente.

— É como um ímã — dizia Pablo, que tinha passado na frente em uma visita aos pais de Vicky. — Sempre foi.

E Gaspar dizia que preferia evitar visitas ao bairro de sua infância. Sentia pena por Hugo e Lidia Peirano, porque tinha saudade deles. Não quero que pensem que sou um mal-agradecido, disse a Vicky, e ela o acalmou. Ligue para eles de vez em quando. Assim eles vão ficar tranquilos. Gaspar sentia com os Peirano, às vezes, a mesma sensação que tinha com Esteban ou Tali: não entendia por que não o viam mais. Ou por que tinham ido embora, como Betty, a mãe de Adela. Como se seu pai tivesse dado a todos a ordem de não o incomodar.

Gaspar tinha pegado um dos papéis de desenho de seu tio, muito grandes, os que ele usava para projetar. E assim, aos poucos, com as lembranças dos três, há mais ou menos um ano, estavam reconstruindo a casa que tinham visto quando Adela desapareceu. Pablo desenhava a planta. Tinham demorado a se lembrar a localização das estantes. Onde estava a escada. As portas. O piano. A roupa velha. Os livros de medicina. O que seriam aqueles livros, por que

estavam lá? Um era verde, dizia Vicky. Pablo lembrava dele azul-claro. No desenho não o pintaram. Colocaram ao lado do desenho: “Cor duvidosa”.

— Põe aí que não era vermelho — disse Vicky uma vez. — Vamos eliminar as dúvidas.

Há pouco ela tinha começado a falar do zumbido e das vozes que escutara. Ela tinha dificuldade em se lembrar o que diziam, mas se lembrava de certos tons. Uma voz de comando, uma voz assustada, uma voz monótona.

Pablo falava das mãos que o tocaram na casa. Tinham tocado suas costas, sobretudo. E o braço. Sempre o braço. Talvez a mão que o agarrava em corredores não fosse uma mão fantasma, mas sim uma lembrança que se materializava, pensava Vicky.

— Eu via, você escutou, ele sentiu — disse Gaspar. — Alguma coisa vamos conseguir com isso.

Vicky, com as costas contra a parede, colocou um disco de que gostava e disse:

— Não vamos encontrar a Adela, Gaspar.

Ele acariciou o desenho, a planta, e reclamou estalando a língua, porque o desenho lhe parecia incompleto. Não respondeu a Vicky. Todos acreditavam que era possível encontrá-la. Caso contrário, não estariam ali, lembrando os passos na escuridão com o zumbido nos ouvidos.

— Ah — disse Pablo, mudando de assunto. — Encontrei mais dois poetas. Rupert Brooke, morreu com uma infecção na guerra, tinha 26. A Primeira Guerra Mundial. Chamavam-no de o garoto mais bonito da Inglaterra, procura as fotos. Você leu *Este lado do paraíso*? Bom, o título é um verso dele. Vocês leem muito pouco. Era gay ou bissexual. E Wilfred Owen, mais novo, 25, morreu uma semana antes do fim da guerra, é sério. Ele é muito bom.

— E de onde você os tirou?

— De um livro da minha mãe sobre a arte e a Guerra de 1914. Tem umas pinturas incríveis. É um livro muito triste.

* * *

Descobrir não o surpreendeu porque há meses Marita vinha procurando uma desculpa. Gaspar, porque não sabia o que fazer, tinha decidido correr. Há tempos haviam montado um circuito ali onde acabavam as ruas asfaltadas de Villa Elisa e começavam as de terra, as primeiras com casas-chácaras dos dois lados, depois terrenos baldios, depois pequenas propriedades até chegar ao campo. Bebia água aos poucos antes de correr a volta, sentado na grama. Ele tinha sacado o que estava por vir. Ela não queria sair com ele ou, quando finalmente aceitava, de repente sentia dor de cabeça ou frio e preferia ficar em casa. Também tinha gritado com ele por telefone depois de uma discussão boba por uns discos que ele tinha esquecido de devolver. Pirralho de merda, ela tinha dito, para magoá-lo. Ela estava procurando que ele se ofendesse. E agora Gaspar sabia por quê. Descobrir que ela o estava chifrando não o surpreendeu. O que o surpreendeu foi sua própria fúria. Mal conhecia o garoto em questão. Chamava-se Guille. Sabia que estava com Marita porque os seguiu. Ele os viu bebendo cerveja no bar Meridiano. Era filho de alguém, não sabia ao certo quem, um político, um legislador. Moreno, alto, usava jaquetas militares e coturnos, e a Gaspar parecia mais nazi que punk. Conhecia-o como todos se conheciam em La Plata: de ir pegar ingressos para entrar nas boates da rua 8, dos shows, das marchas, até do Princesa alguma vez. Não tinha nada contra ele ou a favor, nunca havia pensado naquele garoto. Até agora, porque imaginá-los juntos o deixava louco de ciúmes. Ele os viu se beijando no bar. Guille enfiava os dedos embaixo da camiseta de Marita, uma camiseta listrada preta e branca que Gaspar conhecia perfeitamente, ela a perfumava com seu favorito, Calvin

Klein Obsession, que era caro e às vezes os amigos de seu pai traziam do duty free quando viajavam para o Uruguai. Apesar disso, a camiseta às vezes fedia a churrasco, porque a casa de Marita não tinha boa ventilação e o cheiro de comida costumava ficar impregnado na roupa se deixasse a porta do quarto aberta. A outra mão estava apoiada nos jeans, uns muito justos que Gaspar odiava porque eram difíceis de tirar. Não tocava nos cabelos dela, o imbecil. Os cabelos de Marita tinham cheiro de terra molhada.

Não tinha conseguido dormir depois de vê-los, por isso agora estava correndo insone e exausto, com os joelhos meio bambos e o peito fechado como o de um asmático. Queria correr até desmaiar, mas seu corpo não funcionava assim. Não estava fraco. Voltou para casa pensando se deveria brigar com Guille ou ligar para Marita, mas quando entrou no chuveiro e a água quente bateu em sua nuca, sentiu uma vontade feroz de se machucar. Não tinha conseguido que Marita ficasse com ele. Ela sabia que não fazia sentido ficar com um louco, com um doente, com alguém arruinado. O que ele podia dar a ela? Nem sequer se embebedavam juntos, porque ele e seus comprimidos a impediam de se divertir; muitas vezes tinha que ir dormir cedo porque estava morto de sono. Falava de poetas e de sua infância em uma casa vazia. Havia acompanhado-a ao enterro de seus amigos porque disso ele entendia, da morte e de amigos que iam embora para sempre. Bateu a testa contra os azulejos do banheiro e a dor o alegrou, encheu seu corpo de euforia, então continuou até ver a água se misturar ao sangue. Saiu do chuveiro e se olhou no espelho, a testa machucada, os olhos de pupilas dilatadas, os cabelos um pouco grandes pingando em seus ombros. Deu um soco no armário, e mais um, até estilhaçá-lo, e então arrancou o vidro do espelho para se cortar, tinha lido que deveria ser um corte vertical na parte interior do braço, nos punhos não adiantava, não pegava nenhuma artéria.

Tinha começado a rasgar a pele quando Luis entrou no banheiro.

— O que você está fazendo, filho? — gritou, e em seguida arrancou o pedaço de espelho de sua mão. Gaspar se enfureceu e tentou bater nele, mas Luis era rápido e o abraçou por trás, apertou sua barriga até sufocá-lo, imobilizá-lo, e o arrastou para fora de banheiro. Com um só movimento, recuperou a calça e a camiseta de Gaspar. Não falou do corte no braço nem do que tinha visto. Não disse suicídio, não falou de tentativa, nada. Disse apenas: Gaspar, se seque e se vista. E vamos à cozinha.

Gaspar o obedeceu, mas estava furioso. Quando chegou à cozinha, pegou a garrafa de vinho que estava na mesa e a atirou no chão. Os pedaços de vidro saltaram por todos os lados. Julieta veio do quarto, com um dos bebês no colo.

— Que merda está acontecendo aqui? — gritou.

— Nada, nós vamos arrumar — disse Luis, com voz calma.

— Controla esse moleque, está me ouvindo? — Julieta bateu a porta com força e Luis respirou fundo.

— Que foi? — disse Gaspar. — Tem medo de discutir com ela? Você é um cagão. Por isso foi embora do país, não é?

Luis fez Gaspar se sentar com um empurrão e depois se posicionou na frente dele, cara a cara, um de cada lado da mesa.

— Você não vai me ofender, Gaspar. Nem vai fazer eu me esquentar. Não sabe o que eu passei, e sua opinião a respeito das minhas decisões não me importa. Não dou a mínima. Se está tentando me fazer partir pra cima de você, fique sabendo já: eu nunca vou te bater, jamais. Pode me chamar de covarde por horas se quiser.

Gaspar levou as duas mãos à cabeça e de repente, antes que Luis pudesse ficar de pé e se aproximar para detê-lo, socou a mesa com a mão machucada, várias vezes, com muita força, e Luis o deteve quando ia bater com a cabeça de novo. Abraçou-o por trás, sussurrou em seu ouvido para se acalmar, como tinha feito quando era mais novo, mas agora era difícil contê-lo, homem feito,

os dois da mesma altura, e Gaspar com uma forma física extraordinária e a força de uma pessoa treinada.

— O que você quer, filho?

— Quero que me encham de porrada — disse Gaspar, e embora sua voz saísse de uma garganta endurecida, embora a voz fosse mais grossa, não estava chorando e não iria chorar. — Que me matem de porrada. Matei uma menina, eu mereço tudo. Marita me deixou, está com outro, sou um merda.

— Você não matou ninguém, de novo isso?

Luis bufou e soltou Gaspar, que apoiou as mãos na mesa e ficou calado.

— Você a levou até a casa. Mas daí a pensar que a matou. Quantas vezes a mesma coisa, Gaspar. Bom, nesta casa não vamos te castigar pelo que não fez. Você pode se acabar de socar por uma garota se te faz bem. Não vão te faltar garotas. Está com tanta raiva assim? Você gosta muito dela?

Gaspar se levantou para buscar uma garrafa de água gelada. Tirou-a da geladeira e a apoiou na testa. Depois encheu dois copos. Estava tremendo. Luis pediu para ele pegar o vinho. Beberam em silêncio por um tempo.

— Todos nós fazemos cagadas, filho. Eu meti o chifre na Mônica e não imagina o quanto a amava. Se duvidar, você vai acabar perdendo a Marita.

— Se não queria ficar comigo, podia ter pedido um tempo. Me trair é coisa de filha da puta.

— Não seja tão duro. A vida é diferente.

Lá fora a noite já estava caindo, e Luis disse que ia cozinhar alguma coisa, se Gaspar queria comer. Gaspar preferiu esperar a comida em uma espreguiçadeira, olhando para o céu da noite. Sua cabeça tinha começado a doer e, como sempre antes de uma enxaqueca, tinha pequenas alucinações. Agora mesmo, por exemplo, a luz tênue das estrelas produzia um reflexo estranho, uma espécie de fenda que sacudia e se abria, a primeira flor. As flores negras que crescem no céu. De repente, a presença de seu pai foi tão

avassaladora que soube que estava de pé atrás dele, mas não ficou com medo. Levantou a mão boa, para ver se sentia que seu pai podia tocá-lo.

Gaspar adormeceu na espreguiçadeira e não acordou nem quando seu tio o cobriu com uma manta antes de comer seu jantar, sozinho, na mesa da cozinha. Julieta não quis sair do quarto. Estava muito brava.

Quando acordou, a casa cheirava a grama, leite e ao perfume de Julieta. A dor de cabeça se insinuava com fúria por trás do olho direito; o rosto estava dormente e mal conseguia esticar os dedos, mas sentia, ainda, uma espécie de euforia.

Ouviu os passos inconfundíveis de seu tio, que ia ao banheiro. Tinha que atravessar a sala para chegar.

— O que está fazendo aqui, me assustou.

Em vez de voltar para a cama, quando saiu do banheiro seu tio trouxe um copo de vinho da cozinha. Também não conseguia dormir. Não acendeu a luz: a lua iluminava a sala, a luz do pátio também estava acesa, e a cortina da janela, recolhida.

Gaspar estendeu o braço na direção de Luis. Era o braço com a marca, a cicatriz escura de uma ferida profunda.

— Isto não foi um acidente, tio. Isto foi o papai que fez.

Luis parou o copo na metade do caminho, antes de levá-lo à boca.

— O que ele fez com você?

— Cortou o meu braço com um vidro. Me mordeu, também. Só o Pablo sabe.

— Você caiu em casa, atravessou uma janela, Gaspar.

— Não. Essa é a mentira que eu contei. Eu o encobri. Ele não me pediu, hein, ele não dava a mínima. Bah, não sei: talvez se importasse. Às vezes penso que ele precisou fazer isso comigo.

— Precisou, meu Deus do céu. O que você está falando.

— Tem um formato, está vendo? Eu me lembro de como ele dava forma ao desenho. Movia o meu braço como se desenhasse o corte. Não parou nem quando o vidro bateu no osso. Ele era assim, e talvez eu também seja assim.

Luis se levantou do sofá e se sentou ao lado de Gaspar, para abraçá-lo, mas se deparou com o braço da cicatriz, esticado, que o impedia de se aproximar. Isso e os olhos de Gaspar, que não queriam consolo. Luis falou depois de um tempo. Quis saber detalhes. Quis saber o quanto daquilo ele havia contado a Isabel, a psicóloga. Não duvidava dele. Gaspar não se sentiu aliviado ao contar. Pelo contrário. Agora a cicatriz ardia e podia imaginar o gesto de desprezo de seu pai, dizendo a ele que era um frouxo e um traidor. Sobretudo, um traidor. Sentia que o havia delatado.

* * *

Vicky estava gostando daquele verão no hospital, o primeiro da sua residência. Inclusive preferia estar no hospital do que na faculdade, apesar da tensão e das excessivas horas sem dormir e daquele estado febril de insônia forçada. Alguns de seus colegas tomavam estimulantes — anfetaminas a maioria, todos café, alguns cocaína —, mas ela tinha aprendido que depois de um tempo a falta de sono se transformava em uma espécie de aquecedor com o piloto ligado: estava alerta, queimava e economizava energia. Não precisava atizar o fogo.

No hospital faltavam gaze e luvas, os colchões eram velhos e muitos tinham mofo de anos e fediam, havia quartos com rachaduras e goteiras. Trabalhavam bem apesar disso, embora alguns sábados de madrugada tivessem que acomodar os feridos de brigas e os bêbados nos corredores; embora às vezes tivessem que discutir com amigos e parentes dos feridos que não eram contidos nem proibidos por ninguém de entrar além dos limites da sala de espera da emergência, às vezes violentamente. O chefe de serviço era um médico jovem,

muito arrogante e muito atraente. Fazia meses que Vicky havia chamado sua atenção depois de um estranho meio-dia. Uma mulher jovem tinha dado entrada com a pálpebra caída, dificuldade de engolir, o rosto inerte. Um de seus colegas disse que poderia ser uma paralisia facial. O chefe de serviço estava inclinado a um acidente vascular cerebral quando a garota informou que tinha hipertensão e sua cabeça doía de vez em quando. Victoria teve uma certeza tão clara que a defendeu inclusive erguendo a voz. É miastenia, disse. Não foi desautorizada, mas descartaram iniciar a investigação da paciente por esse caminho porque, disse o chefe, era a possibilidade estatística menos provável. É o que ela tem, insistiu Victoria, e foi muito enfática; e, quando se viu prestes a perder a discussão, perguntou à paciente se ela estava com visão dupla. A garota disse que sim. Que acreditava precisar de óculos ou que talvez fosse pelo cansaço. Vicky teve uma ideia muito simples. Vamos fazer uma radiografia do tórax, disse. A miastenia pode ser causada por um timoma. Se ela tiver um timoma, já sabemos que estou certa. E é apenas uma radiografia, dois minutos, de rotina.

Havia algo em sua insistência e na pertinência das perguntas (se tinha dificuldade para falar, por exemplo, pronunciar o erre, se às vezes, à noite, ficava muito cansada a ponto de não conseguir mexer os braços), que atravessou a barreira da displicência e o chefe ordenou que fosse feita a radiografia. De fato, apareceu um timo crescido. Victoria recebeu uma felicitação que a deixou eufórica e depois se deu conta de que seu diagnóstico certo era uma catástrofe para a paciente e nem sequer tinha explicado a ela o que significava aquela descoberta. Mais tarde, quando contou isso a Pablo, ele lhe disse que aquela parte da medicina, a empatia, não era tão desenvolvida nela e ela o empurrou, ofendida mas também magoada, porque sabia que alguma razão ele tinha sobre o que estava falando. Tinha dificuldade em enxergar as pessoas por trás das patologias. Sua mãe dissera que talvez ela

devesse se especializar em um ramo científico. Como sua irmã, que vai fazer farmácia. Vicky não conseguia nem queria forçar afetuosidade. Não acreditava que essa fosse sua função. Ela deveria ser eficiente e certa para curar. Que outro se encarregasse de secar as lágrimas e acalmar o pânico: ela estava ocupada demais.

Os diagnósticos precisos continuaram acontecendo. Não com uma frequência de relojoaria, mas em quantidade suficiente para que seus colegas alternassem a admiração com a inveja, para que seu chefe oscilasse entre a agressão e a confiança e para que sua “habilidade” fosse difundida no hospital e a chamassem de bruxinha e doutora bola de cristal.

Victoria gostava disso, mas também ficava preocupada. Sentia que essa habilidade vinha de um lugar irracional. Não tinha a ver com métodos dedutivos. Toda vez que acertava um diagnóstico — nem sempre ruim: às vezes descartava como inofensivos quadros que simulavam gravidade, ou percebia que um menino que aparentava uma crise de asma tinha uma insuficiência cardíaca —, sentia um apagão em sua cabeça. Um apagão momentâneo, o inverso de um clarão, e então ela sabia sem sombra de dúvida. Muitas noites, depois de um diagnóstico assim, ela custava a dormir ou, se dormia, sonhava com a casa ou com Adela. Os sonhos de Adela não eram aterrorizantes, em um sentido estrito. Sua amiga aparecia na emergência, por exemplo, queixando-se de uma dor fantasma no braço. Nos sonhos era uma mulher e estava diferente, tinha crescido ao mesmo tempo que ela. Não podia ser coincidência. Sabia que a casa tinha lhe tirado coisas e, acima de tudo, sua amiga. Sentia que essa distância que colocava entre si e os pacientes era outra consequência da casa, certa empatia perdida naquela noite para se defender de um colapso mental como o que Gaspar tinha sofrido e sofria. Talvez a casa tivesse dado a ela essa habilidade. Às vezes pensava que era um agradecimento por ter entregado Adela. Quando dava um diagnóstico, tinha que dormir não apenas com meias,

como sempre, mas se possível coberta por um lençol: sem dúvida alguma, nessa noite sentiria nos pés a cabeça de Omaira em sua agonia. Não era a única lembrança desagradável, mas conseguia lidar com todas elas.

Adela não era a única que aparecia em seus sonhos. Também sonhava com Betty. Às vezes aparecia na emergência como a filha. Não sentia medo. Desperta, Vicky até desejava que ela aparecesse de verdade algum dia. Nunca mais se soube nada dela. A polícia não a procurou, acreditavam que tinha ido embora voluntariamente, mas para onde. É tão fácil desaparecer, pensava Vicky. Na emergência costumavam receber gente sem amigos, sem família, sem passado. Encontravam-nos desmaiados na rua, às vezes por fome, às vezes embriagados, às vezes por causa de alguma doença. Lembrava-se de uma mulher com um câncer terminal nunca tratado. Não era exatamente uma sem-teto. Tinha ido embora de casa, contou-lhe, quando soube o diagnóstico e que o tratamento seria inútil. Isso fazia mais ou menos um ano. A mulher não tinha as datas muito claras. Estava desorientada, com metástase no cérebro. Simplesmente pegou dinheiro, uma bolsa e partiu. Não quis dizer de onde tinha saído nem quis dar um nome para que alguém a acompanhasse em seus últimos dias. Falava com distanciamento mas com afeto dos filhos e do marido. Disse que tinha saído no jornal e na televisão e que ver sua foto a tinha feito rir porque era outra agora: desde que esse bicho entrou em mim (chamava o câncer de “bicho”), virei outra. As pessoas viam a foto na TV, olhavam para mim e não me reconheciam. Isso acontecia, contou, nos postos de gasolina.

Desaparecer era fácil. A mulher não tinha dado nomes. Não tinha documento de identidade. Ninguém julgou necessário comprovar sua identidade. Estava lúcida. Não queria ser encontrada. Era um direito seu. Os outros elaborariam sua dor o melhor possível. Vicky esperava que Betty aparecesse algum dia, da mesma forma, e se perguntava se seria capaz de reconhecê-la. Uma vez, conversando com sua mãe no pátio de casa, com as

cachorras brincando no cimento, ela lhe confessou que também esperava por Betty. E que Hugo, seu pai, disse uma vez que achava que a tinha visto quando estava fechando a farmácia. Chamou-a, mas a mulher que se parecia com Betty saiu correndo. Uma coisa inquietou Hugo, como se fosse um fantasma, um detalhe mínimo: a mulher que havia fugido estava descalça.

Gaspar a visitava com frequência. Ele agora também tinha horários estranhos. Tinha começado a trabalhar filmando festas de 15 anos e casamentos e às vezes passava de madrugada, cansado mas desperto, e tomavam café com leite na cantina do hospital. Uma vez ela lhe perguntou se não o inquietava estar em um hospital. Pelo seu pai. Por você mesmo. Senti medo quando tantos garotos gays ficaram doentes e você ia visitá-los, pensei que teria uma crise. Não sou tão óbvio, Gaspar lhe disse. Além do mais, acrescentou enquanto besuntava uma torrada, os momentos com meu pai internado nunca foram nem de longe os piores momentos com ele.

Em uma dessas manhã, durante o café, Vicky se sentiu estranha e pensou que era a hora de tentar um diagnóstico para Gaspar e sua vaga epilepsia. Não precisava fazer nada especial, nem tocar ou segurar as mãos, nem mesmo precisava dizer alguma coisa ao paciente se não quisesse. Deixou o apagão vir enquanto Gaspar colocava leite em seu café e agradecia com um sorriso à garçonete. A certeza não chegou e, pelo contrário, o apagão não voltou a se iluminar como sempre acontecia, e Vicky sentiu que estava perdendo a consciência, que na escuridão que via apareciam pontos luminosos como vagalumes: estava prestes a desmaiar. Gaspar também percebeu, porque segurou sua mão sobre a mesa e ela o agarrou como o havia agarrado na casa, e então a cortina negra se levantou e ela saiu como se deixasse a beira de um poço cego, como se tivesse espiado dentro de um covil. Você está bem?, ele perguntou. Fiquei um pouco tonta só, estou cansada, os plantões são matadores. Pede um misto-quente pra mim? No bufê do hospital era preciso fazer o pedido no

balcão, e Vicky precisava que Gaspar se afastasse um pouco para poder respirar e secar o suor e, principalmente, não ter que responder nenhuma pergunta incômoda. Gaspar nunca havia pedido que ela usasse com ele sua habilidade diagnóstica. Era estranho que nunca tivesse pedido, mas agora Vicky entendia por quê. Gaspar sempre sabia um pouco mais, por isso os tinha tirado da casa. Era preciso respeitar seus silêncios e suas evasivas. Sempre tinham uma razão. Só voltaria a tentar se ele pedisse.

Naquelas manhãs, Gaspar costumava falar de suas alucinações. Seu neurologista tinha muito prestígio e era de confiança, mas ele insistia que certas aparições eram vívidas e estranhas demais; nem o neurologista nem Isabel conseguiam convencê-lo de que eram sintomas raros mas possíveis, normais dentro da patologia. Vicky recomendou a Gaspar um livro que podia lhe interessar, *Epilepsy*, de William Gowers, um neurologista inglês do final do século XIX. Atualmente era lido apenas como curiosidade, mas, ela disse, algumas das descrições são tão alucinantes que talvez sirva mais do que o que eu ou seus médicos podemos te dizer. Vicky tinha razão. Gowers escreveu sobre uma mulher que cheirava não-me-esqueças, embora, claro, a flor não tenha cheiro algum. Uma senhora B. lhe dizia que sempre escutava uma voz à direita que pronunciava seu nome, e não era como a voz de um sonho, dizia. Tampouco era uma voz de homem ou de mulher. Depois da voz, sofria convulsões.

Talvez seu pai sofresse da mesma coisa, e por isso colecionava todos aqueles livros de ocultismo e magia? Achava que eram mensagens de outros mundos e na verdade era epiléptico? Segundo Vicky, era muito possível que em alguma das primeiras cirurgias cardíacas, feitas nos anos cinquenta, seu pai tivesse sofrido uma lesão cerebral por falta de oxigênio. Podia ser a causa de suas alucinações, caso ele as tivesse, e que ele acreditasse que era algo místico, uma realidade paralela. Não à toa era chamada de a doença sagrada.

Talvez as duas coisas sejam verdade, pensava Gaspar. Não precisava ser incompatível. Não era uma lesão cerebral o que perseguia seu pai. O desaparecimento de Adela não era um delírio. Era tranquilizador pensar a doença como resposta e o transtorno como explicação. Mas a verdade tinha maneiras de vir à tona, de raspar a pele, de chutar a nuca.

No livro de Gowers havia muitas histórias de despersonalização. Isso também acontecia com ele. Sabia que estava no quarto com seu tio, com seus amigos, mas sentia que estava em outro lugar, tudo era familiar e desconhecido. Durava segundos. Nesses segundos, se algum desses conhecidos-desconhecidos o tocasse, ele poderia reagir na defensiva. Em uma festa de casamento que tinha filmado, sentiu-se alheio depois de beber uma taça de champagne: às vezes o álcool disparava os sintomas. Para ele, o álcool afrouxava o que estava amarrado, uma corrente bem justa da qual estava procurando o cadeado há anos. O padrinho da noiva tinha vindo até ele para pedir que filmasse umas palavras dedicadas ao noivo, e Gaspar o ouviu, entendeu, mas não conseguiu responder. Em sua realidade particular, estava em um quarto de hotel, alguém dormia na outra cama, a figura deitada era enorme, mas não parecia ameaçadora. O que lhe dava medo era uma mulher grávida, nua e careca, em um canto do quarto. E o padrinho, que Gaspar reconhecia, mas ao mesmo tempo lhe parecia um estranho, esse homem pedia de maneira clara vamos lá fora, quero que seja uma surpresa. O homem estava um pouco bêbado e o

segurou pelo braço. Gaspar o repeliu com um empurrão desmedido que o fez cair sobre uma mesa e arrastar a toalha: embora tenha conseguido se equilibrar para não tocar o chão, os pratos se espatifaram, as taças, os arranjos de flores esparramados. O barulho fez desaparecer o quarto, a figura na cama e a mulher nua antes que o padrinho pudesse se ajeitar, e Gaspar gaguejou desculpas: um grupo de homens tinha formado um círculo ao redor deles e pareciam prestes a bater nele. Insolitamente, o homem atacado acreditou na mentira: fez um movimento errado, a câmera estava caindo e tentei tirar você do caminho para segurá-la com as duas mãos, não medi minha força. Eu também não sei medir, disse o padrinho, tenho a mão pesada. Estava sorrindo. Talvez não quisesse estragar a festa. Não foi nada, disse aos outros homens, e Gaspar o seguiu até o pátio do salão de festas e filmou suas palavras para o noivo. Não tinha passado disso. Um empurrão. O homem nunca se lembraria de nada além de um acidente e um mal-entendido se lembrasse de algo. Tinha sido um *déjà vu* claríssimo, mas era verdadeiro. A lembrança de algo que aconteceu. Sabia que a figura na cama era seu pai.

* * *

Pablo se esticou na cama de Andrés, os braços atrás das costas, e deixou o homem usar uns óleozinhos (assim ele os chamava, “óleozinhos”) que tinha trazido da Tailândia. Fechou os olhos e tentou pensar em alguém que não fosse Gaspar, mas não conseguiu e a frustração chegou até a ereção, que se desmanchou apesar do cheiro de coco. Não importava. Tinham passado a noite anterior com um funcionário do posto de GNC de seu pai. O cara tinha falado de um taxista de Quilmes, casado e com duas filhas, que ficava feito louco nos menáges. Da próxima vez, eles tinham dito. Andrés era muito mais entusiasta do que ele; Pablo era mais cuidadoso. Sabia que os machões podiam ficar

violentos. Por isso jamais se devia pagar. Andrés se excitava quando pagava. Tinha 43 anos e era quase o único sobrevivente de seu grupo de amigos. E era rico. Rico de berço, uma família judia dona de concessionárias de carro. Seu namorado tinha morrido há dois anos e havia fotos dele por todo o apartamento. Às vezes, quando estava muito drogado, chorava porque os comprimidos não tinham chegado a tempo para seu namorado, mais um ano e teria o coquetel, você me entende, você me entende. Pablo dizia que sim, mas não entendia: dois anos era tempo à beça. Naquele lapso, Pablo se lembrava de pelo menos cinco amigos e conhecidos mortos. Não conseguia acreditar que não estava infectado. Vicky tinha vaticinado em uma de suas intuições monstruosas: você não vai pegar nunca. Tem gente que é assim. Eu acho que precisam ser estudados, talvez já estejam sendo. Imunes. Por via das dúvidas, mesmo assim, use sempre proteção. Repetiu tanto isso que Pablo, obediente por natureza, se protegeu. E agora estava são e só. Ele e Andrés estavam sozinhos: um com saudades de seu namorado morto, o outro apaixonado por seu amigo homossexual. Juntos eram um manual de insatisfação, e talvez por isso se dessem tão bem.

Pablo estava planejando uma exposição na galeria de Andrés. Era em La Plata, é verdade, mas tinha prestígio como uma de Buenos Aires, em parte porque era de Andrés e em outra parte porque a localização periférica lhe dava uma espécie de glamour suburbano, um quê de descobrimento. Andrés sabia disso e por esse motivo, apesar de ter muito dinheiro, não abria uma sucursal em Buenos Aires. Isso teria sido o óbvio e perderia todo o encanto esnobe, que no mundo da arte valia mais que qualquer outra coisa. Andrés tinha muitas ideias para o título da mostra, mas Pablo não gostava de nenhuma. Andrés é meio cafona, imagina só se eu posso chamar a exposição de *O sobrevivente*, é total anos setenta, tinha dito a Gaspar. Você tem alguma ideia? E Gaspar tinha sugerido *Os anos da peste*. Ai não. Você é um trágico. Por enquanto, Pablo tinha

um título provisório: *Este morreu, este chegou às drogas, este se foi*. Ou algo do gênero. Não tinha contado sua ideia a Andrés, mas certamente iria aceitá-la. Não era uma pessoa caprichosa. Eram amantes há pouco tempo. Tinham vinte anos de diferença e jamais diriam que eram namorados. Andrés também não sabia que Pablo era apaixonado por Gaspar. Costumava pedir traz aquele seu amigo espetacular. Que coisa endiabrada por favor, não se pode ser tão lindo. Tem certeza de que não podemos convencê-lo? Ele fica muito à vontade entre os viados. Eu fico desconfiado.

Tenho certeza, Pablo dizia sempre. E pensava: além do mais, não o entrego a você nem que me torture.

A única coisa desagradável em seu momento com Andrés é que a mão fantasma que agarrava seu braço tinha voltado. Sentiu-a, clara e com cada um de seus dedos, uma noite quando ia ao banheiro no apartamento de Andrés. A mesma situação da infância. O banheiro, a noite, o corredor. Mas ele agora era diferente. Fechou os olhos e não a tirou de cima, não correu, não se fechou assustado no banheiro. Deixou que a mão o tocasse. Sentiu seu apertão, seu calor, sua violência contida. E então a mão o soltou. Mais tarde, tremendo, olhou o braço: não tinha marcas da mão fantasma. Já não achava que fosse uma sugestão. Tinha compreendido que a mão também estava perdida na escuridão, como o resto esquecido de uma lembrança incompleta que tinha como missão tocar, envolver com os dedos, apertar, empurrar de forma fraca e logo ignorava como seguir. A mão era um resto da casa e parte dos efeitos colaterais, como as meias que Vicky usava para dormir ou seu horror ao escuro; agora mesmo, por exemplo, ela estava para comprar um gerador usado. Continuava sentindo repulsa e em algumas ocasiões terror pelos lugares escuros onde os corpos se roçavam — evitava fazer sexo com a luz totalmente apagada — e não gostava das mãos quentes demais porque o faziam lembrar do apertão febril. Talvez a mão fosse uma advertência. Talvez Vicky não estivesse certa

quando dizia que ele era imune, ou não estivesse certa do ponto de vista científico. Nos anos anteriores ao coquetel tinha visto tanta gente adoecer e morrer, amigos, amantes, que muitas vezes pensou que sua sobrevivência tinha algo de antinatural, como se a mão o estivesse esperando, como se quisesse conservá-lo vivo, mantê-lo vivo para que, no futuro, pudesse encarregá-lo de alguma tarefa. Ou porque, no futuro, alguém precisaria dele.

* * *

Gaspar deu seus restos de carne a Pocho, o cachorro de Luis e Julieta. Não tinha conseguido comer muito: calor demais, perto da churrasqueira todos eram assados, menos os gêmeos na minipiscina de montar recém-comprada. Julieta estava brava com Gaspar, mas ele não iria mudar sua decisão por nada no mundo. Ia morar sozinho. E Julieta achava egoísta que, dado o contexto, não desse esse dinheiro que ia gastar com o aluguel para sua família. Temos que sair dessa juntos, dizia. É pouco solidário, repetia, com tranquilidade mas com firmeza. Seria bom que você ficasse até a situação econômica melhorar. E Gaspar tinha se recusado completamente. A situação econômica nunca melhora neste país. Se precisam, eu empresto dinheiro, todos os meses, não tem problema. Quero ir embora.

Ela tinha se ofendido com a sugestão de um empréstimo, Gaspar não entendia por quê. Se, depois de tudo, dava no mesmo. Ele não ajudava com as crianças. Não estava quase nunca em casa. Por que o queria prender? Havia algo estranho na demanda, algo que não tinha a ver com a personalidade de Julieta, sempre tão desprendida. Depois de completar 18 anos, Gaspar tivera acesso às contas bancárias e aos números da herança e das propriedades. Era um número desconcertante, que mudava sua vida, e que potencialmente poderia mudar as de Luis, Julieta e dos meninos. Luis não queria saber nada do

dinheiro, é todo seu, filho, dizia, é o dinheiro que a sua mãe deixou para você; Julieta não pensava igual. Durante uma briga muito desagradável, Gaspar disse a ela é como se você quisesse ser paga pelo incômodo que é cuidar de mim. E se você quiser eu pago! Combinamos uma mensalidade. Ela chorou, você não me entende, gritou, e Gaspar respondeu que não, que sinceramente não entendia. Agora não estavam brigados, mas a situação era tensa. Julieta nunca deixava que ele esquecesse quem era a família de sua mãe. Os Bradford, os Reyes. Terratenentes. Os barões do mate. Rentistas. Exploradores. E procurava sinais dessa origem nele, como se a classe fosse uma questão genética. Agora acreditava que essa demonstração de “individualismo” — era assim que ela dizia — era um capricho.

Também por isso preferia morar sozinho. Porque com Julieta o preconceito se misturava com os abraços, a intimidade com a supervisão, a preocupação com o saco cheio. Tinha mudado muito depois que teve filhos. Gaspar conseguia entender isso. O fato de ele não esconder seu pouco entusiasmo pelos meninos não ajudava; mas, de qualquer maneira, não entendia essa necessidade tão imperiosa de que não deixasse a casa. Ela tinha falado assim uma vez: você não pode deixar a casa. Por quê?, ele tinha perguntado, e ela tinha ficado muda, como se não soubesse a resposta porque não tinha sido informada.

Luis, o Negro e Gaspar chegaram no mesmo carro ao centro de La Plata, depois de comer. Os três participariam de uma marcha que seria multitudinária e possivelmente perigosa, por isso Julieta tinha decidido ficar em casa com os meninos. Os rumores de repressão já eram um grito. Estava para ser sancionada a nova lei de educação cujo objetivo óbvio era cortar orçamento para pagar a dívida, o eterno carrossel argentino, dizia seu tio. O corte em todos os setores era um arroxo. Ninguém tinha dinheiro e nenhum salário aumentava e todo dia se demitia gente e se fechavam fábricas e a sensação de desastre era tão

iminente que o calor de um verão que não acabava em pleno março era asfixiante.

O Negro e seu tio tinham começado a trabalhar como professores por salários de fome porque não conseguiam outro emprego. O Negro, para surpresa de Gaspar, tinha sido assistente de câmera em vários filmes míticos, proibidos pela ditadura. Por isso seu exílio. O Negro tinha visto algumas coisas filmadas por Gaspar: recitais de poesia, marchas, alguma pequena animação de Pablo em seu estúdio. Disse que ele tinha um olho especial. Depois tinha conseguido para ele o bico de filmar festas de quinze anos e alguns atos da faculdade. Olha o que esse pirralho faz, dizia o Negro quando via as valsas das debutantes, os vestidos rosas como flores, os pais suados com uma expressão entre o orgulho e o susto, a maquiagem exagerada e adulta demais para os traços de uma menina. Olha o que ele faz: dá beleza, dignidade a esta festa de merda e a esta pirralha feia.

Fazia tanto calor que até o bumbo só soava de tempos em tempos, por causa do cansaço dos que tocavam. Gaspar se uniu aos cantos. “Vamos, companheiros, temos que ter mais culhão...”, “Lutar, lutar, por uma educação nacional e popular...”, e o mais gritado, “Universidade dos trabalhadores e quem não gostar, foda-se, foda-se”. Gaspar viu, na coluna da faculdade de Jornalismo, Marita. Há tempos ela tinha voltado a cumprimentá-lo e até conversavam. Sua raiva tinha passado. Talvez pudessem voltar a ser amigos. Ele tinha perdoado a história com Guille; ela nunca ficou sabendo o quanto o havia magoado. Agora Marita trabalhava na editora da faculdade e militava seriamente; seu novo namorado, a quem chamava Osso, era um dos dirigentes estudantis mais conhecidos. Estava muito longe de Gaspar e suas filmagens de debutantes que, além do mais, fazia só para fazer alguma coisa, para não se entediar, para ter um dinheiro extra de que na verdade não precisava. Assim, distante e com outra vida, gostava ainda mais de Marita. Ele a tinha visto

pintando cartazes sentada na rua, a cara manchada de branco, rindo; usava sempre uns coturnos muito gastos que, certamente, tinha comprado usados; seus dedos estavam manchados de tinta, e as unhas, pintadas de preto. Ia ao Princesa com frequência, embora tivesse deixado a administração a cargo de Pablo, que a fazia com muita inteligência e com um prazer em dar ordens que divertia Gaspar tremendamente.

A assembleia na praça San Martín estava no momento chato da leitura de adesões, mas Gaspar notou imediatamente a quantidade de policiais no entorno e uma coisa ainda mais estranha: a polícia montada. Cavalos. Enfiou-se na multidão para procurar seu tio e o encontrou. Estava igualmente inquieto. Vamos esperar, ele disse, mas se derem a ordem, corre. Não hesita e corre. Depois, Luis olhou nos olhos dele e disse: ou vai embora agora, filho.

De repente não acontece nada, disse Gaspar. Justo quando alguém do Jornalismo ia tomar a palavra, o som do microfone ficou distorcido e depois houve uma explosão. E, mais longe, correria. A correria, em uma praça, pode ser percebida pelas copas das árvores, que se movem sacudidas pelos que tentam fugir subindo pelos troncos. Quando está quente, também se notam nas ondas de ar pesado que deixam os espaços vazios. E então chegam os gritos e o barulhos dos pés. Com sorte, não chegam tiros.

Naquela tarde chegaram tiros. A polícia, a cavalo e a pé, forçava a dispersão e perseguia as pessoas pela rua, pelas avenidas. Depois, Gaspar ficaria sabendo, os detidos chegariam a mais de duzentos. Viria um dia inteiro de vigília e de pais e parentes aterrorizados, policiais mudos, o governador dizendo asneiras na televisão. Agora era preciso correr.

Não era a melhor opção fugir pela rua 7, larga demais e aberta, mas não restava outra. A ideia de Gaspar era simples: chegar até a faculdade de Economia. Ficava perto e, mais importante, a polícia não podia entrar nas faculdades, que eram autônomas. Durante a corrida, se viu ao lado de Marita e

Osso, que respiravam esbaforidos. Para ele, apesar do calor, todos estavam correndo devagar demais. Ouviu os tiros. Balas de borracha. Já sabia distingui-las. Não era a primeira vez que corria em uma manifestação. De longe, chegava o cheiro inconfundível do gás lacrimogêneo. A melhor maneira de evitar seus efeitos era afundar o nariz em um pano molhado com urina. Esperava não ter que fazer isso. Tinha gente que levava limão nas manifestações, mas, seu tio dizia, não servia pra porra nenhuma. Melhor mijar na roupa.

Sentiu os cascos dos cavalos, ouviu o gemido de Marita e viu o cassetete do policial. Gritou para Osso correr mais e o seguiu, pela calçada, enfiando-se entre as pessoas, em seu ritmo. Ela gritava não aguento mais, e ele não respondia. Não iria passar a noite na prisão nem deixar que eles passassem se pudesse.

A faculdade de Economia tinha sido projetada com as plantas de uma prisão, seu tio lhe explicara. É um panóptico, percebe? As galerias ao redor e o no meio uma torre de vigilância. A torre em questão era para o elevador, não para um guarda, mas a ideia é a mesma. São uns gênios do Mal esses caras. Gaspar mal conhecia o prédio de Economia, tinha ido algumas vezes a uma festa ou para buscar uma garota. Só isso. De qualquer forma, não era preciso ter um mapa do lugar: bastava pisar nele para estar a salvo. A polícia não podia entrar.

Só que, naquela tarde, entrou.

Gaspar viu com incredulidade o cavalo lutar com os degraus da entrada. Pessoas se penduravam nas janelas mais altas cantando “filhos da puta, filhos da puta”, e a polícia, com capacetes, os obrigava a entrar de volta nas salas enquanto atirava gases no ar. Gaspar decidiu entrar assim mesmo: Marita e Osso o seguiram. A faculdade estava cheia de gente e haviam entrado muitos policiais. Levavam estudantes arrastados. A barriga de uma garota quase à mostra, a camiseta levantada pelo contato com o chão, uma de suas sandálias abandonada em frente à porta de uma sala de aula. Garotos algemados por

resistirem, um deles com a têmpora sangrando. O Osso gritou que não podiam entrar na faculdade, que a lei, que é uma perseguição, e Marita o mandou calar a boca. Estavam num canto e os policiais se apressavam a subir as escadas e já estavam entrando nas salas. Prendiam ao acaso. Gaspar decidiu virar em um corredor estreito que conhecia, onde ficavam os banheiros do pessoal da limpeza, menos usados. Quando se virou, viu que dois policiais gordos o seguiam, trotando, meio exaustos. Não vamos sair daqui, disse o Osso, mas Gaspar abriu a porta que dizia PRIVADO, onde eram guardadas as ferramentas de trabalho dos funcionários da manutenção, e a fechou. Os três ficaram no escuro, esperando que o policial abrisse a porta. Sentiram o solavanco na maçaneta e ouviram xingamentos. Você tinha uma chave?, quis saber Marita. E Gaspar, em voz baixa, disse que não. Mais solavancos na maçaneta, tão fortes que parecia prestes a quebrar, um chute na porta e depois um grito e os passos furiosos que se afastavam, correndo. Ainda não, disse o Osso, embora ninguém tivesse tentado sair.

Ficaram escutando. Os barulhos não eram claros. Alguns gritos, as sirenes na rua. Nenhum tiro, nada de tiros, ao menos nas proximidades. Marita se sentou no chão e, para enxergar, pegou um isqueiro. Quando Gaspar ouviu o estalido — não acendeu na primeira tentativa — pediu que ela não fizesse isso, em voz alta e segurando seu braço com delicadeza. Era o gesto mais contido que poderia fazer naquele lugar estreito e tentando manter a calma. O quartinho não tinha nada de mau. Não iria se virar e encontrar estantes com dentes nem um piano nem Adela loira acenando na escuridão. Mas, se Marita usasse o isqueiro, iria gritar, e provavelmente depois dos gritos acabaria abraçando os joelhos no chão, com os olhos secos. Marita obedeceu: talvez tenha pensado que era uma estratégia para se esconder da polícia. Enquanto esperavam, os sons do prédio se silenciaram. As invasões não duravam, por definição, muito tempo. Gaspar sentiu o braço de Marita tocar o seu e isso

dissipou seu medo. Queria chamar a atenção dela, defendê-la; queria que ela saísse daquele quarto pensando que o Osso era um covarde e um inútil e Gaspar, um herói que, além disso, trepava melhor.

— Vamos sair — disse o Osso.

Gaspar abriu a porta. Por um segundo pensou que seu pai estava parado, a seu lado, dizendo-lhe muito bem, você consegue fechar, consegue abrir, muito bem. Foi um instante, e a sensação evaporou. Marita comentou sobre a incrível sorte, que justo naquela hora a maçaneta ficou travada e com que força, alucinante. Não posso acreditar que agora ela abra tão fácil. É que ficou travada pelo lado de fora, disse Gaspar, uma explicação disparatada, mas que, entre o pânico e a adrenalina, a satisfez. Quando saíram do quartinho e avançaram com cuidado pelo corredor, Marita ficou para trás, soltou a mão de seu namorado e lhe perguntou: você sentiu medo de ficar trancado lá, que estava tão escuro? Está bem?

Estava bem. Um pouco angustiado: seu peito doía quando respirava fundo. Mas nada demais. Marita tocou sua bochecha com suas mãos de unhas pintadas de preto e lhe agradeceu.

Depois ela e seu namorado se perderam, misturaram-se aos companheiros que conheciam, já estavam se organizando para verificar para onde os detidos tinham sido levados, já estavam ligando para advogados dos telefones dos corredores. Gaspar saiu correndo em direção à Plaza Italia, atravessou-a e chegou a um bar onde tinha combinado de se encontrar com seu tio caso houvesse repressão. Estava aberto, diferente de todos os outros da rua 7. E reconheceu imediatamente as costas do tio, a camisa xadrez de mangas curtas, a transpiração nas axilas e os cabelos meio loiros e alaranjados que ficavam cada vez mais claros pelos fios grisalhos.

* * *

Gaspar colocou os óculos escuros para que o sol não lhe desse dor de cabeça. Chegariam um pouco atrasados porque tinha pedido a Pablo para buscá-lo. Tinha esquecido da abertura da exposição de Andrés Sigal e havia prometido ir. Passara a noite anterior com uma residente colega de Vicky e tinha sido muito divertido: não esperava que uma médica bebesse e fumasse tanto. Tinha ficado bastante bêbado. Então Pablo chegou, com sua moto, e o fez subir sem capacete.

— Não vou te derrubar.

— Não tenho medo — disse Gaspar.

Pocho, o cão, ficou tão excitado com a moto que correu atrás deles por duzentos metros, até chegarem à estrada.

— E a amiga de Vicky? — quis saber Pablo.

— Tudo bem.

— E mais nada.

— É bonita, é louca, não sei.

— Ah, eu sei. Você ama a Marita.

— Você presta atenção no trânsito, que o seu namorado vai ter que pagar o nosso enterro.

— Não é meu namorado.

— Amigo, para de sacanagem.

A inauguração da exposição de Andrés Sigal era um acontecimento: fotos da Argentina durante sua viagem de juventude pelo interior nos últimos anos da ditadura. Pablo tinha que ir porque era o amante de Andrés e porque não tinha confirmado ainda a data de sua própria inauguração, e além do mais iriam jornalistas e colecionadores, porque era uma exposição importante. Não podia decepcioná-lo. Andrés tinha pedido para ele levar Gaspar. Não te custa nada. Estou pedindo por favor. Pablo tinha lhe contado: ele morre por você, você o deixa louco. Se eu te levar de presente, em uma semana ele marca a minha

exposição. É um favor para a sua talentosa amiga bicha e depois pode me pedir o que quiser. Gaspar tinha rido um pouco, mas aceitou. Ele também queria ver as fotos, afinal, e gostava de Andrés.

A galeria de Andrés havia sido uma garagem de carros e agora, reformada, tinha três salas. A fachada era completamente branca a ponto de ser difícil distinguir as bordas da pesada porta de ferro, também branca, quando estava fechada. Agora estava aberta e havia gente fumando na calçada. Encostada na parede, perto da entrada, uma mesa coberta por um pano preto, com vinho tinto e champagne e copos de água e Coca-Cola. Alguns garçons, vestidos casualmente de jeans e camiseta, ofereciam empanadas, um toque popular que Gaspar agradeceu porque não gostava muito dos canapés que eram servidos naquele tipo de evento que tinha filmado várias vezes a trabalho, especialmente na galeria de fotografia da Belas Artes, porque a maioria de seus trabalhos era para a faculdade. Na cara das pessoas, que tinham bebido mas não estavam bêbadas, havia deboche e uma espécie de crueldade trivial, cara de quem estava pensando na próxima frase engenhosa, na próxima crítica lapidar, na maneira mais eficaz de ofender o outro impunemente, porque ninguém podia se dar ao luxo de levar um fora naquele lugar, com um champagne na mão e com um pedido na ponta da língua. Pablo rapidamente se misturou aos artistas que conhecia: apresentava-se, era apresentado, ouviam-se suas gargalhadas na estranha acústica do local. Ninguém tinha visto ainda as novas obras de Pablo, as do último ano: bonecos feitos de cabos de soro sobre colchões de espuma, miniaturas montadas com os comprimidos que seus amigos e conhecidos mortos não chegaram a tomar, lençóis que pareciam sudários com as figuras em estêncil de corpos em diferentes posições, em muitos casos lençóis reais manchados de suor e merda reais. Planejava exibir isso. Andrés estava na outra ponta da sala, cercado de amigos e de alguns jornalistas.

Pablo se despediu de seus conhecidos com alguns beijos, tomou a taça de vinho num gole só e voltou para Gaspar, que tinha ficado perto da mesa de bebidas. Todos querem te conhecer. Acham que é meu namorado.

— Você disse a verdade pra eles.

— Deixa elas me invejarem um pouco, são todas umas cobras e ainda por cima não são talentosas. Vamos ver as fotos, vai.

— A que horas você vai me entregar de bandeja ao senhor fotógrafo?

— Quando o senhor fotógrafo vir você, vai deixar tudo, mas agora precisa atender à corte.

— Ainda bem que são amantes, senão você arrancaria o couro dele com os dentes.

Pablo deu de ombros.

— Ele é gente boa, mas gosta insanamente que digam que é genial.

As fotos, contudo, pensou Gaspar, eram bastante geniais. Nenhuma gritava ditadura, repressão ou morte, mas a seleção era inquietante. Um soldado com sua namorada, em frente a uma casa precária e debaixo de um sol cruel. Os dois sorriam. A foto era de 1979. Esse soldado de pele morena e dentes brancos teria participado de alguma operação? Ao lado, a estrada enlameada pela chuva. Um templo de beira de estrada para San Güesito. Gaspar esteve prestes a contar a Pablo, que estava a seu lado, a história do santo menino assassinado, mas se conteve porque não se lembrava exatamente como ou por que a conhecia (seu pai a teria contado, quando era pequeno?) e tinha tido a impressão de reconhecer o local da foto. A foto seguinte era de um menino brincando de atirar com os dedos em forma de arma. Era uma bela foto. Também era bela a do homem jovem, vestido de terno em um barracão de madeira, que posava ao lado de um aparelho de som, certamente recém-comprado.

— São muito boas — disse Gaspar.

Pablo teve que admitir que era verdade. Um garçom passou com empanadas, e os dois comeram. Deixaram suas taças em outra bandeja, e Pablo viu Andrés o cumprimentar de longe, ainda cercado de gente. Gaspar já tinha se aproximado das fotos outra vez.

Viram-na ao mesmo tempo. Era um pouco maior que as outras. Pablo demorou mais do que Gaspar para perceber, sobretudo pela surpresa, pela coincidência inédita. Gaspar tinha levado a mão à boca e não dizia mais nada. Lá estava ele, na foto, pequeno, cinco ou seis anos. Tinha os mesmos olhos redondos e os cabelos escuros e era magro, já havia perdido os traços redondos de bebê. E estava sério, com olheiras, parecia cansado. Não havia muito de infantil em sua expressão. Apoiava-se na perna do pai com abandono e tranquilidade. Os dois em uma parede branca. Pablo reconheceu Juan Peterson. Na foto ele estava saudável e majestoso, com uma camisa preta entreaberta, as mãos nos bolsos, os cabelos loiros muito finos e bastante compridos e aquele rosto, aquele rosto inesquecível que na foto estava cheio de ternura e exaustão, mas com os olhos carregados de violência, uma saciedade poderosa transmitida através da morte e dos anos, assim como seu apelo demoníaco. Juan Peterson não era um galã como uma estrela de cinema, nem era belo como um modelo. Havia algo de desumano em sua aparência e muitos dos que olhavam a foto franziam o cenho porque a dupla de pai e filho não parecia meiga, mas, sim, levemente perigosa. Pablo sentiu uma leve ereção, a lembrança daquela vez: Juan Peterson e aquele que talvez fosse seu parceiro secreto, o homem grisalho, trepando feito animais em uma sala vazia. Minha primeira vez, pensou Pablo.

Gaspar se encaminhou na direção de Andrés, e Pablo quis detê-lo, porque intuiu certa fúria na maneira de andar de Gaspar e sabia que, quando tinha esses acessos de raiva, as coisas podiam acabar mal. Não foi necessário: Gaspar também mudou de ideia e se desviou na direção do banheiro. Pablo o seguiu.

Gaspar travou a porta do banheiro com uma cadeira que estava ao lado da pia. Estava com raiva, mas também impactado. Por isso tinha se enfiado no banheiro: precisava se acalmar.

— Você tinha visto aquilo? Por que não me contou? — perguntou Gaspar. Sua voz tremia.

— Você acha que eu não te diria se tivesse visto? Eu não tinha visto.

Gaspar apoiou os braços no mármore da pia com tanta força que seus dedos ficaram brancos.

— Desculpa — murmurou entredentes. E esfregou os olhos como se estivessem ardendo, brigando com as lágrimas. Pablo o abraçou e quando ouviu as batidas na porta gritou “ocupado”. Poderia ficar naquele banheiro para sempre, segurando Gaspar pela cintura, com seu abdômen rígido. Eu o amo tanto, pensou. Os outros não me importam, Andrés, os outros, esta galeria. Se você ficasse comigo. Eu monto uma casa pra você. Te dou de comer, não tenho medo de nada. Fala no meu ouvido na moto. O sol e o ventinho na testa e depois trepamos a noite toda. Para sempre ou pelo tempo que durar.

Pablo beijou a testa de Gaspar, que se endireitou um pouco e se desvencilhou do abraço com delicadeza. Pegou toalhas de papel para secar o rosto. Ele viu um fantasma, pensou Pablo, e teve medo de que sofresse uma daquelas crises que ele nunca tinha visto, mas que tantas vezes foram descritas.

— Desculpa — repetiu Gaspar. — Abre, que eles vão nos matar.

Saíram e ficaram debaixo da escada, ao lado do banheiro, um setor que estava às escuras. Em cima, no primeiro andar, ficavam os escritórios da galeria. Gaspar disse: não me lembro daquela foto. Deve ser de quando viajamos para as cataratas, já te falei dessa viagem várias vezes. Fiquei mal pela surpresa, mas também porque, apesar de não me lembrar muito bem, me veio algo superespecífico, não sei onde nem quando foi, mas lembro que eu estava com

dor de cabeça e meu pai me deitou em uma cama. Fazia calor. Me deixou sozinho, mas eu estava calmo.

— Quer falar com Andrés?

Gaspar secou o rosto novamente e disse que sim. Andrés os viu vindo e abriu os braços para recebê-los. Estava ao lado da foto mais importante da exposição, a de uns militares ajoelhados em uma igreja, rezando, em primeiro plano; em segundo, um pouco fora de foco, garotos comungando. Com domínio do salão, despachou uma mulher magra com um cigarro longo entre os dedos e sua elegante amiga, com suas madeixas grisalhas perfeitas, macias, de cabeleireiro. Abraçou Pablo tempo suficiente para que aqueles que não soubessem ainda se dessem conta de que aquele jovem atraente era seu amante. E então deu um beijo no rosto de Gaspar, mas algo na expressão e na palidez do garoto deteve seu flerte e o fez ficar sério.

— O que está acontecendo?

Gaspar apontou com o dedo a parede atrás dele, a foto, as pessoas que a olhavam.

— Aquele é meu pai. Se chamava Juan. E aquele sou eu criança. Queria saber onde você tirou a foto. Não me lembro dela, quero dizer, não me lembro que você a tenha tirado. Não posso acreditar que seja uma coincidência encontrá-la aqui, não posso acreditar que já nos conhecíamos e não nos demos conta, não posso acreditar que você tenha escolhido esta foto hoje.

— Santa mãe de Deus — disse Andrés. — Vamos parar com essas bobagens. Vamos lá pra cima, para o meu escritório.

* * *

Gaspar abriu a planta das duas casas: a casa original da rua Villarreal e a que tinha levado Adela, sobrepostas. Tinha começado outro mapa, baseado na

Capela do Diabo e no armazém Karlen, os lugares indicados por Andrés Sigal. A capela existia; tinha telefonado para a central de turismo de Corrientes para confirmar sua existência. Era uma raridade arquitetônica. As fotos que Andrés tinha feito não eram boas, por isso não as expôs. Segundo seu relato, tinha conseguido entrar por uma janela, esperando algo sinistro, mas dentro havia apenas um altar entalhado de forma excêntrica, um baixo relevo que tentava imitar Bosch sem sutileza, com traços grotescos e toscos. Depois, Andrés tinha se desviado em vão na direção de Posadas. Teve a intuição de que Juan e Gaspar talvez estivessem tentando cruzar a fronteira. Era 1980, os piores anos da ditadura tinham ficado para trás e pensou que iriam para o exílio. Pensou, inclusive, que as cicatrizes que Juan dissera que eram de uma operação poderiam ser feridas de um confronto. Gaspar confirmou que não. E Andrés abriu uma porta inesperada quando Gaspar lhe contou que o que seu pai lhe dissera era verdade: estavam indo para a casa de seus avós. Ele quase não se lembrava dela. Uma passarela de madeira sobre as árvores. O rio. Um parque que tinha jardins de orquídeas. Não muito mais. Um zoológico próximo, lembrava-se de alguns pássaros coloridos e uma brincadeira estranha de esconde-esconde com seu avô e outros adultos. Andrés ficou calado por um momento e perguntou a ele seu sobrenome materno. Mãe do céu, essa casa é Puerto Reyes, entusiasmou-se. Lendária. Têm segurança particular para que ninguém possa entrar e fotografá-la. A família, sua família, não deixa ninguém se aproximar há décadas. É possível espiá-la do zoológico, que também é da família, mas fica aberto ao público. De qualquer forma não dá para ver muito. Como está no alto, para que o rio não a alcance se subir, a partir de uma parte do caminho mais próximo é possível ver os telhados. Há fotos dos anos quarenta no museu de história local de Puerto Iguazú. É uma maravilha. Vai ser sua? Por que você não voltou lá? Vai me convidar para a casa quando for sua? Adoraria fotografá-la.

Gaspar resumiu mais ou menos os desejos de seu pai enquanto tentava não coçar a cicatriz do braço, que ardia como se alguém estivesse pingando cera em cima dela. Não se preocupe, papai, pensou, não vou dar detalhes inconvenientes. Você não tem relação com eles, então. É uma família estranha, sim. Não se sabe nada deles, são ricos discretos. Não como a minha família, a fortuna, então, nem tem comparação. Eles são os donos do país, sério. Você é! Eu não sou nada, disse Gaspar. Tentei fotografá-la anos atrás, continuou Andrés, a casa. Há um vilarejo próximo, e o povo vê pouco movimento. Não cheguei nem a cem metros da estrada particular, que é longa. O mistério, para mim, é que continuem a usar aquela casa isolada, que não tem como ser muito confortável. Os ricos muito ricos preferem outro tipo de lugar para veraneio. Vão a Punta del Este, sei lá. As pessoas se perguntam o que fazem ali. Têm outras casas, disse Gaspar, suponho que passem um tempo em cada uma. Devem ter muitíssimas, imagino, respondeu Andrés. Puerto Reyes é perto de Puerto Iguazú. Seu pai me mandou para Posadas. Vê-se que ele não queria que eu seguisse vocês.

Gaspar se perguntou o que teria acontecido entre Andrés e seu pai, porque no relato do fotógrafo tinha certa nostalgia e, enfim, lembrava-se dos detalhes bem demais. Mas não iria perguntar. Que Pablo o fizesse por ele.

Com um mapa, localizou em outro plano a Capela do Diabo e, mais ao norte, Puerto Reyes. Desde que viu a foto na galeria e depois de fechar a porta na faculdade, as alucinações da epilepsia tornaram-se tão vívidas que tinha começado a anotar o que via. Perto da Plaza Rocha, a porta de ferro pintada de branco de uma casa abandonada dava para um pântano noturno. Tinha pensado que era um jardim com seus juncos altos, mas atrás da porta era noite, embora desse para ver bem graças a uma luz que não vinha da lua, não havia lua. Conseguiu chegar até a beira do pântano ou, melhor dizendo, um estuário, era uma paisagem reconhecível, antes de que voltasse a ser uma porta e a dor

de cabeça destroçasse seus olhos. Na beira do pântano viu o corpo de um homem, pendurado em um galho, rígido e antigo e seco, marrom de tão mumificado, nu. Nunca pensou que poderia ser um boneco. Não balançava.

Naquela noite tinha sonhado com corpos e com árvores; com corpos pendurados em árvores. Quando jantou com sua família, se sentiu sujo por dividir a mesa com os gêmeos, sorrir para eles, lavar suas chupetas quando as jogavam no chão. Sentia o corpo mumificado na pele, tão quieto, naquela noite de outro mundo. Julieta pareceu notar seu desconforto: tinha feito outra piada pesada sobre sua família. Pedira novamente que ficasse morando com eles. Era, Gaspar pensava agora, uma dança. Uma maneira de afastá-lo insinuando o desejo de mantê-lo, uma forma muito inteligente de fazer rodeios ao seu redor. Julieta o amava. Julieta o tinha salvado tanto quanto seu tio. Mas agora queria se afastar dele.

Quando contou a Vicky sobre a avalanche de sintomas, ela marcou uma consulta e falou com especialistas em epilepsia do hospital. Vinham pouco, eram muito peculiares. Cientistas malucos, dizia. E eles tinham lhe contado coisas que soavam impossíveis. Pacientes que viam, durante uma crise, campos arrasados, bombardeados. Eles chamam de paisagens oníricas. Se você falasse com eles e contasse, não teria dúvida de que isso é epilepsia.

— Meu neurologista já disse isso, Vicky. Também é meio cientista maluco.

— Toma os remédios. Isso não é piada.

— Agora mesmo eu estou tomando. E o resultado é pior. Fazia muito que não via Adela. Outro dia entrei com ela no elevador. Me xingava, não tinha dentes. Além disso, como se explica o que acontece com vocês? Você diz que ouve vozes quando não há luz. Pablo é agarrado por uma mão, ele a sente. A epilepsia não é contagiosa.

— O que a gente tem pode ser sugestão. Trauma. Além disso, não nos impede de funcionar. Isso pode ser incapacitante.

Pablo, que estava meio deitado no sofá do apartamento de Vicky, disse: eu não me sinto sugestionado. Já conheço a mão. E não a procuro. Nem tenho medo dela. Quando a deixo me segurar por muito tempo, ela me solta. Como se não soubesse o que fazer. Coitada.

— Pode ser sugestão — insistiu Vicky, e Pablo bufou.

— Essa atitude vai nos matar, amiga. Eu sei que você quer ter uma vida. Todos queremos. Eu, ultimamente, quero até um namorado, me diga se não sou ridículo.

— É culpa minha — disse Gaspar. — Digam a verdade: vocês pioraram? O que sentem que acontece com vocês, está pior?

— Está mais frequente — disse Pablo. — Não está pior porque não tenho mais medo.

— Está pior — disse Vicky. — Mas as coisas boas também. Eu diagnostiquei melhor do que nunca nesses últimos dias.

Pablo se endireitou no sofá e disse:

— Amiga, por que você não tenta diagnosticá-lo?

Vicky cruzou as pernas, desconfortável.

— Não é assim. Não consigo decidir, é algo que vem.

— Que estranho nunca ter vindo com ele, não? Tenta. Tenho certeza de que, se você fizer um esforço, consegue.

Vicky abriu a boca para explicar novamente, mas então Gaspar interveio.

— Não — disse. — Não tente entrar na minha cabeça nem nada parecido. Meu pai fazia isso. É repugnante.

Ela olhou para as mãos, com os olhos cheios de lágrimas.

— Você já tentou.

— Você nem percebeu.

— E o que havia?

— Um poço — disse Vicky, e levantou a cabeça. — Um poço negro. Não faria isso de novo.

— Por que não me contou? Não pode mentir pra mim!

— Não briguem — disse Pablo. — É pior se nós brigarmos, porque ninguém se importa. Já repassamos mil vezes. Vicky, você não percebe que, por exemplo, quase não saíram notícias no jornal depois que Adela desapareceu? Gaspar tem todas. São seis. Nada mais. Qualquer bobagem tem o quádruplo. Uma menina se perde em uma casa, e não a encontram mais. Uma menina sem um braço. E depois a mãe desaparece. Estavam lá sozinhas como duas bromélias aéreas. Eu começo a trepar com esse cara só para passar o tempo, porque, como é velho, trepa bem ou melhor. Não são muitos, vou te dizer. Ou por conveniência, porque é poderoso, porque tem uma galeria e é alguém no mundinho que me interessa. Tanto faz. E acaba que o coroa me apadrinha e, quando faz uma exposição de fotos, há uma onde está Gaspar com seu pai. Uma foto enorme, impressionante, impossível não vê-la. Vicky, passaram dez anos e estamos no mesmo lugar de merda. Não briguem porque você conseguiu ou não diagnosticá-lo. Isso é o de menos.

— Não pode esconder algo assim de mim, Vicky. Estão chegando perto — disse Gaspar. — Querem que eu perceba algo.

— Quem? — perguntou Vicky, resignada. — Está falando como um paranoico. O que você quer fazer, Pablo, vamos lá, o que você quer fazer. O que podemos fazer.

— Eu não decido o que fazer. O comandante está aqui. Ele sempre mandou.

Gaspar, que estava sentado com os braços cruzados, fez que não com a cabeça. E então: eu não sei o que fazer nem o que isso significa. Ainda não. Mas, por enquanto, vamos esperar. E contamos tudo um ao outro. Em detalhes. Acho que podemos aguentar um pouco mais.

* * *

Marita tinha aceitado o convite de Gaspar para tomar uma cerveja depois de um encontro no Princesa. Ela o tinha visto como tantas outras vezes, sentado em um dos sofás, fumando, as pernas finas, os tênis pretos, a delicadeza de suas maçãs do rosto saltadas e as mãos de dedos longos sempre com pequenos machucados. Estava mais magro. Pela primeira vez desde que conhecia Gaspar se sentiu intimidada e não porque ele agisse diferente. A garota que estava recitando o fazia em um estilo dramático, declamatório, era um poema sobre a falta de emprego, os estaleiros, as estradas bloqueadas do país. Era poesia política, melhor que os êmulos de Morrison, mas extraordinariamente ruim, e ela tinha sentido vontade de rir. Era de péssimo gosto rir de alguém que recitava sobre esses temas, por isso foi para a rua. Gaspar a seguiu; quando se encontraram no lado de fora, ele se abaixou com as mãos no joelho, e a gargalhada contida e compartilhada foi um alívio para Marita. Gaspar imitou um pouco o estilo empolado da garota e então, já sentado a seu lado, disse que, assim como aquela garota fazia um papelão, às vezes aconteciam coisas incríveis no Princesa durante os recitais de poesia, nos últimos meses.

— Você precisa vir mais.

— Ando com muito trabalho na faculdade, comecei a dar aulas práticas, sou monitora.

— Ou seja, não te pagam nada.

— Talvez sirva para algo depois.

— Outro dia veio um senhor que ninguém conhecia. Antes, um poetaastro muito patético que se passa por suicida leu algo no clima Pizarnik, desastre. Depois leu uma garota mais convencional, chata, Orozco sem graça. E então subiu esse senhor, um desconhecido. Recitou inteiro, sem ler, *Explico algumas*

coisas do Neruda. A maioria o via como um velho louco, assim como são, condescendentes. Ele me fez chorar.

— O que te faria chorar.

Marita sabia que Gaspar raramente chorava em público.

Então Gaspar disse trechos do poema, os que se lembrava, e terminou “e pelas ruas o sangue das crianças/ corria simplesmente, como sangue de crianças” e sacudiu a cabeça.

— Foi incrível, Mari. E ver aqueles que não entendiam nada, não sabe o ódio que me deu.

E eles se entreolharam enquanto, lá dentro, a música começava. Algo dos anos oitenta. Bronski Beat. Marita pensou que iriam se beijar, mas ele lhe deu um gole de cerveja, do gargalo.

— Sinto falta de você lendo pra mim na cama — disse ela.

— Eu também — respondeu Gaspar, e ficou de pé. Estendeu a mão, ajudou-a a se levantar do chão. Entraram e ela passou a noite conversando com outras pessoas, sem perdê-lo de vista. Gostava dele, mas isso não era um problema. O dia em que o viu pela primeira vez do lado de fora do Princesa, tímido, recém-saído do colégio, belo, com os cabelos escuros penteados para trás, pensou que tinha uma cara trágica que a fez lembrar de todos aqueles garotos perigosos e delicados pelos quais era apaixonada, James Dean olhando as estrelas, o Garoto da Moto jogando sinuca. Aquela primeira sensação tinha se diluído com o tempo e, nos últimos meses juntos, restava apenas sua melancolia e também sua raiva: se ficava com raiva, podia destruir algo valioso (uma vez havia jogado contra a parede, ela se lembrava, uma câmera fotográfica apenas porque era o que estava mais à mão) ou até se machucar se estivesse com raiva demais. Aquela tensão continuava a lhe dizer que era melhor não voltar com ele, mas ao mesmo tempo era impossível para ela ignorar Gaspar, como um incêndio doméstico.

Dias depois do encontro no Princesa, foi à casa de Gaspar, que ainda morava em Villa Elisa, mas, ele lhe disse, estava procurando apartamento em La Plata. Marita precisava entrevistar Luis: a editora da faculdade onde ela trabalhava estava organizando um livro sobre a resistência do sindicalismo peronista. Organizaram uma reunião simples de amigos, pizza caseira, fumar baseado. A casa lhe pareceu acolhedora comparada à sua, à do namorado, à dos colegas que viviam se aquecendo na boca do fogão, sempre deixavam as janelas abertas para que os quartos não se enchessem de fumaça, tinham mantas leves e furadas, gastas em viagens pela Patagônia ou Jujuy, casas que cheiravam a cão sempre faminto e onde todos tomavam mate com pão doce. Entendia que, em parte, sentia-se farta. A militância era surpreendentemente homogênea; as discussões eram circulares; as ofensas, idênticas; a pressão sobre os novatos, intransponível. Um ano atrás, o modo como Osso monopolizava as assembleias na faculdade lhe dava uma espécie de orgulho. Agora queria gritar com ele que deixasse as pessoas falarem, via a frustração no rosto de seus companheiros quando perdiam votações, e cada vez mais a retórica lhe parecia mais inútil, logo agora que em todo o país as greves eram demissões e as demissões, piquetes. A dissidência estudantil do partido só respondia com artigos em seu jornal, nos quais expressava solidariedade, denunciava o patronato, o neoliberalismo, e pedia mobilização de operários e estudantes. Mas os operários continuavam fora da fábrica, bloqueando a estrada e tentando recuperar seu trabalho com uma cooperativa, e Marita achava que deveriam participar plenamente daquelas ações ou acompanhar com mobilizações, mas chega de falar e falar e teorizar e tomar mate. Tinha conversado sobre isso com Luis durante a entrevista.

— Não há solução — disse o Negro, que tinha passado para tomar um vinho. — São trotskistas, não sabem fazer política, e a felicidade do povo lhes repugna.

Julieta, da cozinha, gritou que ela também merecia um pouco de felicidade e queria ver se alguém se dignaria a ajudá-la a limpar a cozinha. Comiam como porcos, sujavam como porcos, disse. O Negro bufou um pouco, mas se levantou para ajudar. Voltou da cozinha com Gaspar, que estava preparando uma sobremesa, e se jogou na espreguiçadeira. Depois de muito tempo, Luis conseguiu um emprego em um edifício no centro. Fazia de tudo: mestre de obras, meio engenheiro. Mas eles não podiam pagar bem a tanta gente. Gaspar queria saber como ia a obra.

— Vai bem, os rapazes trabalham feito animais e além disso são muito melhores tecnicamente do que eu.

— Não é preciso muito — disse o Negro.

— Vai à merda. O que você quer, irmão, não contratam engenheiro. De qualquer forma, Sixto, o chefe dos garotos, é um engenheiro intuitivo impressionante. O que me mata é não poder dar trabalho.

Gaspar se sentou ao lado de Marita e ofereceu a eles morangos com creme. Ela percebeu, naquele gesto, que sentia falta do seu cheiro e de sua pele elástica, o cloro nos cabelos quando voltava da piscina, o sexo naquele mesmo pátio onde agora comiam sobremesa, na grama úmida, à noite.

— Você dá trabalho sim — disse Gaspar, e serviu a todos um spritz que tinha aprendido a fazer há pouco. — Não sei se fica melhor com Cynar ou Campari. Vocês me digam.

— Este daqui saiu James Bond — disse o Negro. — É a gota de sangue inglês.

— Não seja tosco — disse Gaspar. — Este drink é italiano.

— Não há nada mais bonito que dar emprego, e estou de saco cheio de ter que recusar gente todos os dias. Todos os dias vem um moleque pedindo, vêm com um capacete que deve ter sobrado da outra obra. Precisamos de gente, mas não posso contratar ninguém. Alguns saem xingando, o que é bom, mas

muitos vão embora resignados. Há dois anos nós fazíamos churrascos. Agora estamos com sanduíche de costela.

Naquela tarde, Marita teve vontade de fazer parte daquela família de novo. Ficou na casa mesmo depois de Gaspar sair, sem dizer aonde ia. Suspeitou que iria encontrar alguma garota e saboreou a pontada de ciúmes. Poucos dias depois ficou sabendo que Gaspar tinha passado pela obra onde seu tio trabalhava com uma peça de carne e algumas linguças; Luis contou a ela quando se cruzaram no bufê da faculdade. Estava emocionado, e ela sorriu porque Gaspar continuava com aquele jeito de escutar, pensar e agir sem anunciar nada. Ainda assim, disse, estou preocupado. Não anda bem, está deprimido, não sei se está tomando os remédios. Ele não me dá a mínima, já é um homem. Se você puder falar com ele, Marita, vai me fazer um favor.

Não tinha conseguido falar com ele, ainda. Tentaria da próxima vez.

* * *

Transformar quatro horas em uma. Era sempre fácil cortar, mas naquele caso, naquela festa em particular, um vídeo de dez minutos teria sido o ideal. Uma hora era um exagero. A ilha de edição da faculdade de Jornalismo era um quarto sem janelas, e Gaspar odiava ficar fechado porque, quando editava, gostava de fumar e lá dentro até o fumante mais insistente se sentia sufocado. Não tinha muito tempo: alugava a ilha aos sábados, quando não havia aulas. Naquela tarde estava acompanhado por Marita, que tinha lhe pedido por favor, antes de ir tomar cerveja, que lhe mostrasse aqueles vídeos. Tinha curiosidade. Gaspar esperava que ela não risse. Detestava quando riam daquelas festas onde as pessoas tentavam ser felizes.

Agora ela estava sentada a seu lado, ela e seus jeans gastos, uma camiseta branca sem mangas, a pele morena e o cabelo um pouco mais comprido, mas

sempre curto. Não posso deixar crescer, dizia, porque fica enrolado demais. Os genes do meu avô uruguaio e negro. Me deixou uma pele divina e um cabelo complicado. Gaspar não queria pensar que Marita não usava sutiã nem queria ver como os jeans marcavam seus quadris, então lhe deu um caderno e lhe pediu para anotar os tempos. Ela já tinha cursado produção audiovisual e sabia como fazer.

A garota dos 15 anos. Valentina. Ele a tinha filmado com lágrimas nos olhos vezes demais. Despenteadas. Total e desmedidamente conscientes de que sua festa estava desmoronando. Os adultos bêbados. Seu próprio pai tentando passar a mão na bunda de suas colegas. A mãe brigando aos gritos com os garçons porque traziam as coisas frias e sempre tarde. Um DJ tão ruim que não conseguia fazer ninguém dançar.

— Nunca vi nada mais deprimente que isso — disse Marita, enquanto Gaspar decidia cortar uma hora inteira de pequenas catástrofes, incluindo um plano do bolo destruído pela mão desajeitada de uma avó bem-intencionada que, ao tentar arrumar a boneca vestida de rosa que coroava os andares de pão de ló e merengue, tinha empurrado o bolo, quase o derrubando. A única opção que restava era uma tomada preventiva: tinha filmado o bolo na cozinha do salão de festas, antes que o levassem até onde estavam os convidados. A tenda da pista de dança era um desastre de homens suados, mulheres que fugiam de ataques de ciúmes e o êxodo das adolescentes: algumas debocharam da menina. Valentina. Um nome lindo.

— Tristeza incurável, né? — disse Gaspar, antes de pausar o vídeo. — Foi tudo assim nessa noite. Filmei umas meninas que estavam conversando e bebendo champagne, tinham levado para o lado de fora, no parque. É um salão muito bonito, você conhece? La Casona, em City Bell. Bom, o caso é que me ofereceram champagne, e eu trato de não beber no trabalho, não porque fique bêbado, que eu não me embebedo, mas porque pega mal. Não sei, os pais

podem te ver ali enchendo a cara com as meninas e é feio, têm 15 anos. A questão é que as garotas sempre conversam comigo, me contam bobagens ou dão em cima de mim, essas coisas que fazem com os caras mais velhos. Estas começaram a contar que fazem terapia no ambulatório do Melchor Romero, há uma sede para transtornos alimentares. Olhei para elas e estavam magérrimas, cheias de olheiras por trás da maquiagem, supermal. Foi tudo assim nessa noite. Uma me disse *hunger hurts but starving works*. Eram garotas de uma escola bilíngue muito boa, de bacana.

— Eram bonitas?

— Não gosto de garotas tão magras. Não sei.

— As pessoas sempre te contam coisas. Você tem esse ar. O ar de eu tenho o poder de uma experiência obscura, venham até mim.

Gaspar deu play: o vídeo tremia. Olhou para Marita.

— Não seja cruel comigo.

— Não estou falando por mal. Você tem, Vicky tem, Pablo tem. Seu tio, com o exílio. O Negro. Eu não tenho nada. Às vezes sinto que sou tão sem graça. Você não imagina.

Como Marita não disse mais nada, Gaspar voltou a trabalhar. Terminaram de assistir e cortar o vídeo até ficar com uma hora e três minutos. Gaspar voltaria sozinho, durante a semana, para fazer a edição real. Tomaram várias cervejas. Gaspar não estava bêbado, Marita um pouco, apesar de ter comido dois sacos de batata frita. Falaram de outras coisas, das garotas anoréxicas principalmente, das colegas de Marita que vestiam roupas grandes e depois se olhavam no espelho do banheiro, colocavam a pança para dentro, deixavam as costelas à mostra, cortavam-se e o sangue escorria pelo púbis. Eu nunca fui assim, disse, quando atravessavam a Plaza Moreno.

— Por que você continua dizendo isso?

Marita passou a mão pelos cabelos curtos e os puxou um pouco.

— Porque quero falar outra coisa e não sai.

— Não posso continuar andando com você se faz tantos rodeios. Isso de você me fazer sofrer é novidade, na verdade, e eu não gosto.

Marita disse perdão, perdão e abraçou Gaspar antes de buscar seu rosto com as mãos.

— Você estava comigo por isso? Porque sou uma pessoa sem problemas, comum, sem dramas?

— O que tem de mau nisso?

— De mau nada, mas é um balde de água fria.

— Eu sou chato — disse Gaspar. — Você não. Você se importa com as pessoas, quer mudar as coisas, não fica pra baixo por causa de bobagens. Todo mundo gosta de você. Do meu tio também. Não consigo imaginar nada melhor do que isso, de verdade. Nada.

Marita o beijou. Gaspar tirou a mochila e respirou fundo.

— Eu terminei com o Osso — disse ela. — Quero ficar com você. Quer voltar comigo?

* * *

Montar uma casa podia ser um alívio. Tinha funcionado na primeira vez: atravessar a dor de cabeça constante tentando fazer uma mesa entrar na cozinha. Ignorar os sonhos e as alucinações pintando uma parede com o rolo, de cima a baixo, da direita para a esquerda, fita adesiva nas extremidades das portas para não as manchar, o cheiro penetrante nos cabelos e na pele que ia embora com o banho no fim da tarde. Escolher as lâmpadas e temer ser eletrocutado em cima do antepenúltimo degrau de uma escada bamba. Agora que tinham voltado com a frequência de uma vez por dia o que o neurologista chamava de *déjà vu* e ele preferia chamar de lembranças, estava montando uma

casa com Marita. Alugada, por enquanto, recomendação de seu tio. Você tem muita grana e muitas casas: não tenha pressa, para comprar é preciso escolher bem. Então lá estava ele, pintando paredes de roxo, uma casa roxa como Paisley Park, esse era o sonho dela, e, depois de pintar, dois copos de vinho sentados no chão como em um comercial de televisão e instalar programas no computador. Quando ela adormecia profundamente e sem sonhos, ele se soltava de suas pernas e olhava para o teto e sentia a exaustão do sexo e a infelicidade como um peso em volta do pescoço. O fato de ela estar ali lhe trazia apenas alguns momentos de alívio, pontadas agradáveis. Não queria descrever para ela as cenas que lhe davam medo. Não iria contar, e não contava, que não podia voltar na realidade à casa onde Adela tinha desaparecido, porque tinha sido demolida, mas voltava quase todas as noites em sonhos e a procurava desesperadamente atrás de centenas de portas. Os sonhos eram longuíssimos, eram verdadeiros filmes, Gaspar não sabia se as pessoas normais sonhavam tão longamente. O neurologista dissera que ele experienciava cenas retrospectivas visuais e emocionais de um sonho ou uma série de sonhos. Essa era sua última conclusão. Tinha *déjà vu* de sonhos. Gaspar havia discutido sobre isso, como era possível, e o médico lhe disse que era pouco comum, mas totalmente sintomatológico da epilepsia, que era raro mas não inédito e não sei mais o quê. Vicky concordava. Marita dizia que parecia uma história de ficção científica, isso parece Philip K. Dick. Como você pode ter *déjà vu* de sonhos esquecidos? Eu acho que você precisa consultar outro médico.

Percorriam a cidade depois de montar a casa. Às vezes conversavam deitados na grama que cercava a catedral, Marita fumando maconha enquanto a luz ia embora e os postes da Plaza Moreno eram acesos. Às vezes tomavam cerveja e comiam amendoim nos bares da diagonal 74 enquanto reclamavam da música. Às vezes passavam a tarde à beira do lago artificial do parque que chamavam de Bosque, e Marita sempre apontava os ratos nadando na água parada e se

perguntava como não tinha cheiro, como as pessoas continuavam usando os barcos como se fosse um passeio romântico e não o que era, tamanha imundície, e como podiam comer nas barracas que, sem dúvida, eram visitadas pelos animais.

Ela queria saber sobre os anos que tinham passado separados. E ele lhe contava como aos poucos parava de se interessar pelas coisas. Na infância, dizia, fui torcedor fanático de futebol. E isso ele nunca tinha retomado. Melhor assim, dizia ela, são uns energúmenos. Mas eu entendo, tá? Existe uma alegria ali. Quando o Estudantes é campeão, meu pai é feliz de verdade, nada o deixa mais contente. Nem ganhar dinheiro, nem que eu ou meu irmão estejamos bem. É uma felicidade diferente, deve ser muito deprê ter perdido isso.

— E eu não consigo me interessar por nada. Você vai começar a escrever no jornal, tem ideia para um livro, a rádio. Pablo é um gigante trabalhando, pensando, tem sete cadernos de esboços. Vai ser famoso. Vicky é uma gênio. E eu filmo bobagens. Comecei a filmar porque, quando era criança, adorava o cinema. Agora eu gosto, me distrai, não me interessa muito. Antes chorava no cinema, imitava cenas. Isso foi se perdendo também.

— Você está deprimido, meu amor.

— Sim, claro que estou deprimido. Às vezes acho que filmo as festas de debutantes porque lá há algo, não sei como dizer, uma espécie de confiança na vida muito elementar que me alivia. Estou falando besteira?

— Não. Estou pensando. Você ainda gosta de ler, te empolga.

— É a única coisa, sim. Ler. E as garotas. As garotas nunca deixaram de me empolgar.

— Vai à merda.

— Calma aí. Também, havia algo muito amargo nas garotas, hum, uma rejeição muito feroz a me comprometer, dar mil desculpas, me recusar a sentir. Também não era recusa: não sentia nada. Você é a única, e isso me preocupa.

— Por que te preocupa?

— Porque você não deveria estar comigo.

— Gaspar, detesto e estou por aqui dessa autopiedade, é de quinta, é a desculpa número um dos caras, é o “eu não sou pra você”, “não é você, sou eu”, a mesma merda de sempre.

— Não estou dizendo nesse sentido.

— Por isso não me levanto e vou embora, porque sei que está deprimido. O que a Isabel diz?

— Isabel está velha e me conhece demais. Tenho que mudar de terapeuta, não posso continuar com minha médica de infância, é de uma imaturidade alarmante, eu acho. Alguns dos remédios para a epilepsia são antidepressivos. Então é isso: já estou medicado.

— Você devia estudar. Podia estudar Letras. Eu te vejo dando aulas.

— Não entendo por que tenho que estudar.

— É o que nós jovens remediados fazemos, não? Ok, você é rico.

— Não começa com isso você também.

Antes de dormir, Gaspar lia para ela, mostrava suas descobertas. Este morreu aos 22 anos, uma loucura. Eu o descobri quando Pablo fez aquela exposição das fotos e dos poetas, não sei se você se lembra. Era esloveno. Não sei falar o nome, mas o sobrenome é Kosovel. Escreveu uns mil poemas, dizem que são todos bons, pelo menos bons para um pirralho. Gosto deste: “Nas têmporas bate, bate. A sombra. O frio cano da pistola. 10 toneladas. Em meu coração um semitom em modo menor”. E no caderno meu pai anotava nomes, soltos, dá para ver que eram autores que queria ler. Aqui escreveu Sara Teasdale. Eu a andei traduzindo. É muito boa.

— Você podia ensinar inglês, por exemplo. Não gosto que leia sobre suicidas.

— Não vou me matar. E não preciso de dinheiro. É a única coisa boa que eu tenho.

— Chega de coitadinho. Essa conta onde depositam dinheiro está aqui? Porque deveria estar em Colonia. Um dia vamos e depositamos dinheiro em Colonia.

— Já está em Colonia, há anos.

— Vamos assim mesmo. Eu fui quando era criança, é uma graça. Lê pra mim o que você traduziu.

— “Sempre haverá estrelas nesse lugar. Ainda que a casa que amamos e a rua que amamos esteja perdida.”

— Eu queria estudar Astronomia, mas não sei dividir por dois algarismos. Por isso estudei Jornalismo.

— Você nunca me disse.

— Também não é uma frustração. Quando quiser te ensino o nome das constelações, que aposto que você não sabe. Ninguém sabe, é raro as pessoas se interessarem pelo espaço. Deve dar para ver melhor em Colonia, né?

Era isso que ela queria: viajar. Queria ir à Patagônia e escrever sobre os colonos galeses. Queria ir a Valparaíso, apesar de ter medo dos terremotos. E a Minneapolis, para ver a casa do Prince. Merecia um companheiro melhor. Não importava que quisesse estar com ele e fosse sincera. Ele tinha que ir embora, deixá-la, e era tão difícil. Quero que viajemos juntos, pedia ela, e Gaspar respondia é claro, beijava seu pescoço e deixava os lábios apoiados ali, sobre o pulso que batia, e pensava que jamais a levaria a lugar nenhum porque ele somente deveria ir na direção daqueles que o procuravam, havia um coração negro que precisava dele e algum dia ele cumpriria seus desejos porque, quando não se pode lutar, a única maneira de ficar em paz é se render.

Apesar de a tensão com Julieta permanecer surda mas evidente, Gaspar foi ao aniversário do Negro em Villa Elisa: a comemoração era na casa de Luis. Foram convidados operários do prédio que trabalhavam com seu tio, alguns vizinhos e alunos do Negro e sua filha. Gaspar não estava com vontade de ajudar com as saladas nem com a mesa desta vez. Estava cansado. Julieta estava com os lábios finos de desaprovação, e ele sabia por quê: em uma recente discussão com Luis, Gaspar tinha batido na porta com tanta força que a marca do punho ainda estava lá. Continuava tirando farpas dos nós dos dedos uma semana depois. Seu tio tinha reagido como sempre diante dos ataques de fúria: sem medo, com as mãos estendidas, procurando o pescoço dele como um animal dominante, dobrando-o com um abraço carinhoso até que Gaspar se via obrigado a abrir as mãos e respirar lentamente. Quando era pequeno, seu pai costumava abrir a palma de sua mão para corrigir esse gesto de tensão. Luis tinha feito o mesmo durante muito tempo. De vez em quando, ainda, acariciava seu braço por debaixo da mesa para que Gaspar percebesse que deveria esticar os dedos.

Julieta tinha se assustado com o soco na porta. Está tudo sob controle, dissera Luis, e ela, sem conseguir se conter, quase gritou, com a voz cheia de raiva:

— Tudo sob controle até o dia em que ele se irritar com os seus filhos e enfiar a mão neles. Onde diabos estão as suas prioridades?

E quando Luis foi atrás dela para acalmá-la, Gaspar passou a mão pelo nariz, limpou a coriza na calça jeans e deixou a casa com o plano de não voltar por um tempo. No dia seguinte apareceu no trabalho do tio para pedir desculpas e ouvir o mesmo de sempre: você precisa se conter, filho, tem que aprender a controlar essa raiva ou trabalhar mais na terapia, e Julieta mudou muito desde que os bebês nasceram, não sei se são os hormônios ou se ser mãe é isso ou quê, mas ficou mais medrosa. Gaspar pensou em faltar ao aniversário do Negro, telefonar para ele, mas não queria fazer uma desfeita. Preferiu se

sentar à mesa, esperar, aplaudir o churrasqueiro. Os meninos não estavam, o que era bom: tinham sido deixados com os avós para que pudessem fazer uma festa de adultos, com vinho, brigas e provavelmente choros de madrugada.

— Sabe quem eu vi? O Josecito Viola. Estava de visita em Buenos Aires, a passeio. Vive na França. Você lembra do arranca-rabo que tivemos?

— Na Plaza Francia, justamente.

— Eu dizia a ele besteiras como que o rock era cultura das grandes empresas, minha nossa. Que idiota. Bom, mora lá e acho que dá aulas de sociologia. Parecia bem.

Marita quis saber mais, e os dois homens passaram meia hora animadíssimos falando dos anos setenta. Gaspar já tinha ouvido quase todos os relatos, mas se divertia vagamente vendo-os emocionados diante da atenção de uma garota jovem e “nada boba” (diziam isso sempre: “nada boba sua companheira” — eram machistas assim embora jurassem o contrário) que além disso tinha um interesse significativo e constante em política, algo pouco comum (“não têm compromisso” era a queixa mais habitual quando falavam de seus alunos). Ela participava das suas discussões e não era condescendente e tampouco ficava fascinada: usava-os como fonte de informação, acreditava Gaspar. E eles gostavam.

A conversa depois da comida se estendeu, e o Negro até cantou um pouco, mas não conseguiu levar os demais ao que chamava de “o estado de coro”. Quando já estava bêbado demais e começava a brigar — a bebedeira o deixava falastrão — os outros se afastavam para que ruminasse sozinho e, finalmente, começasse a cabecear. Então era hora de convidá-lo a dormir, e ele sempre dizia que sim. Gaspar o acompanhou até o quarto com a desculpa de que precisava de ajuda, mas na verdade queria ficar sozinho um pouco, ter um pouco de silêncio antes de voltar. Julieta estava sendo gentil com ele, por enquanto. A filha do Negro tinha ido embora cedo porque não gostava de discutir com seu

pai bêbado. As coisas não estavam tão mal. Quando Gaspar voltou do banheiro, as pessoas começavam a se despedir. Os alunos do Negro, os operários do prédio de Luis. Gaspar revirou a churrasqueira e fez um sanduíche tardio com alguns pedaços. Julieta também anunciou que ia dormir. E na madrugada restaram apenas Luis, Gaspar e Marita com todos os pratos sujos em cima da mesa e três cinzeiros cheios.

Gaspar estava esperando o sinal de Marita para ir embora e, um pouco entediado, começou a brincar com o cachorro, que estava excitado por causa da carne, dos cheiros e das pessoas. Entre derrubadas e mordidas falsas, Gaspar perdeu o começo da conversa. Quando o cachorro pulou em cima dele para continuar brincando, distraiu-o com um osso do churrasco. Tinha captado algo que lhe interessava.

— Então você saiu pelo Paraguai?

— Pelo Brasil. Dois meses depois do golpe mais ou menos. Os pais do Gaspar me tiraram. A mãe, melhor dizendo, ela me levou de carro.

Gaspar se sentou ereto e acendeu um cigarro.

— Minha mãe tirou você? Ela te tirou do país? Você nunca me contou, por quê?

Luis parecia um pouco envergonhado. Tinha falado demais. Estava bêbado e entusiasmado, como sempre que falava de seu passado com alguém que tinha interesse em escutá-lo.

— Não sei, filho. São coisas duras.

— Por que isso é duro? Ela te ajudou, não vejo trauma. Estou por aqui de segredos. Você sabe perfeitamente que eles explodem a minha cabeça.

— Você está exagerando, está passando dos limites de novo. Se controla, não vamos brigar por isso.

— Vamos ver se brigamos ou não. Me diz por que não me contou.

O silêncio no pátio era pesado e ruminante, carregado de bebedeira e sono. Marita colocou a mão no ombro de Gaspar, que tinha se aproximado da mesa com os braços cruzados.

— Minha mãe tirou você do país, e nunca te ocorreu me contar. Em quinze anos. Nada, nem uma palavra.

— Estou te contando agora. Há coisas que não são fáceis.

— Você não está me contando, está se exibindo para a Marita. Estou de saco cheio de vocês e suas vidas difíceis. Sinceramente.

— Parem com isso — disse Marita. — Gaspar, se ele não conseguiu, não conseguiu, está bem? Você também guarda coisas. Todos guardamos coisas.

Luis decidiu cortar a tensão explicando a verdade.

— Seus pais viviam em Misiones, na casa da família da sua mãe. Eu me encontrei com seu pai aqui. Bom, aqui não, em Buenos Aires. Não foi uma coincidência, ele me ligou, combinamos de nos encontrar. Tinha vindo fazer outra coisa, acho que tinha vindo ao médico, mas talvez tenha mentido. Não me contava muito sobre nada. Sabe como ele era. Bom, sem rodeios me disse para preparar a mala, que ele me tiraria do país. Não sei por que sabia que eu tinha que ir embora. Não eram coisas que se falavam por telefone, e eu não tinha dito nada a ele. Nós nos revezamos dirigindo até Misiones, a viagem foi insana, ele estava mal de saúde.

— Eu fiz essa viagem com papai.

— Eu sei. Talvez por isso eu não tenha contado.

— O que tem a ver? Então você conhece a casa.

— Estive lá por poucas horas. Tomei um banho, comi alguma coisa. Me tiraram de dia. Sua mãe conhecia os milicos da fronteira porque ela estava trabalhando em Assunção e também porque sua família do lado dela, bom, eles tinham boas relações.

— Minha mãe tirou você de carro. Minha mãe. Nunca me disse nada dela nem da casa. Sabia que eu sonho com a casa, que tenho alucinações com a casa, seja lá que porra que eu tenho com a casa, e nunca mencionou que a conhecia. Você sabe que eu quero saber da minha mãe, que mal me lembro dela, que sinto saudades. E você a conheceu. Que traidor você é. Seria bom que você contasse para a Julieta, que minha mãe te tirou, assim ela deixaria de dar chlique e pararia de julgar a minha família e eu.

— Não vou permitir, Gaspar.

— Não permita. Por que não me contou? Fala a verdade.

Luis baixou a cabeça e suspirou.

— Juan me pediu que nunca te contasse, e eu respeitei seu desejo. Ele não queria que você tivesse nenhuma referência, nada, da família da sua mãe.

Gaspar pegou um copo vazio, e Marita o segurou com força pelo cotovelo para evitar que o jogasse, para evitar que a noite terminasse com uma expulsão violenta. O copo caiu na mesa, mas não se quebrou.

— Vou embora — disse Gaspar.

Marita se levantou para segui-lo, mas Gaspar saiu andando rápido e sozinho, sem esperá-la, forçando-a a correr pela rua, à noite. Era tarde para voltar para La Plata, mas Gaspar disparou na direção da estrada, do ponto de ônibus. Marita o seguiu o mais rápido que pôde: não era fácil alcançá-lo. Também o seguiram os gritos de seu tio na escuridão, que dizia para de besteira, dorme aqui que já arrumamos a cama de vocês, amanhã conversamos com calma. Gaspar não conseguiu ir além da estrada: àquela hora não havia motoristas particulares, muito menos táxis em Villa Elisa, e o trem não passava. A única opção era esperar um ônibus, passavam de hora em hora, ou pedir carona, ou ficar na casa dos pais de Marita. Quando o alcançou, ela quase lhe deu um tapa. Deixá-la assim, correndo feito uma imbecil à noite, implorando como uma protagonista de novela. Mas se segurou.

— Não fala comigo agora — disse ele. — Por favor.

— Foi o seu pai que pediu. Não foi culpa dele.

— Não fala comigo.

Marita ficou parada no meio da estrada e, incrédula, viu a uns cem metros as cores branca e vermelha do ônibus que os levaria de volta a La Plata.

— Temos que comprar um carro — disse.

No ônibus, deixou que Gaspar se sentasse, sozinho, na última fileira. Quando chegaram a La Plata, ela voltou ao apartamento, mas ele ficou na rua, sozinho, caminhando.

* * *

Marita entrou correndo na sala do professor Herrera, responsável pela editora da faculdade. Estava atrasada porque Gaspar, furioso como estava, não a tinha deixado dormir direito. E ela precisava trabalhar. Gaspar era egoísta às vezes: seu drama ficava acima de tudo. Sabia, mesmo assim, que, quando voltasse à tarde, ele pediria desculpas e, provavelmente, estaria calmo. Ela percebia que aquele círculo precisava ser interrompido de alguma forma e confiava que seria assim, com a terapia adequada. Gaspar tinha razão quando dizia que já não era viável ser atendido por sua psiquiatra da infância.

O corredor da faculdade estava coberto de papel dos dois lados; as bandeiras de papel com slogans também estavam penduradas no teto e nas portas. As eleições estavam chegando, e era a primeira vez, desde que tinha entrado na faculdade, que Marita não estava envolvida no processo. Naquele ano ela tinha sido completamente absorvida pelo trabalho na editora. Agora mesmo estava colaborando na coleção de resgate de grandes crônicas dos anos sessenta em diante. Textos que tinham passado despercebidos em revistas ou veículos alternativos, de autores que, com o tempo, se tornaram famosos. Também

anotações de jornalistas desaparecidos, algum tesouro ignorado. O critério era eclético porque o organizador era Herrera, titular da cátedra em que ela era assistente, o professor mais admirado e mais temido da faculdade por seu temperamento, embora ela soubesse que era um personagem para se impor diante das turmas: fora da sala de aula era muito amável. Para Marita faltava ler apenas as crônicas do último livro, o que chegaria àquela tarde da gráfica, porque tinha tirado uma semana de licença. E na volta, em vez de chegar no horário e entusiasmada, aparecia abatida e meio sonolenta. Herrera gostava de dedicação, e Marita queria aquele trabalho; queria conservá-lo para os anos seguintes. Ainda não era paga, mas era possível que a contratassem em breve. Além disso, queria mostrar a Herrera os testemunhos que tinha coletado sobre a crise da aids na cidade e o registro das primeiras marchas do orgulho. Era uma pesquisa modesta, mas, com trabalho e mais material, poderia ser publicada. Isso não aconteceria se ela chegasse atrasada e não demonstrasse seriedade.

— Finalmente — disse Herrera sem cumprimentá-la. — Precisamos conversar.

Marita deixou a mochila no chão e passou a língua pelos lábios, para o caso de ter restos de pão ou manchas de café. Queria parecer profissional.

— Temos que mandar o volume 12 para a gráfica. Você não o revisou, houve uma substituição naquela semana, por isso não a responsabilizo, mas a revisão está um desastre. Não se pode mandá-lo assim. Preciso que sente e o revise agora mesmo.

— Professor, não há tempo para revisar o livro inteiro, e eu também não sou revisora.

— Não, querida, não estou pedindo que revise o livro todo, não estou maluco. É o último artigo, o de Olga Gallardo. Não sei o que aconteceu: a impressão que dá é que a pessoa encarregada sequer o olhou. Veja. Faltam

acentos, há saltos inacreditáveis, é um desastre. É claro que não terá a mesma qualidade que teria com a revisora, mas ela não pode vir hoje. Temos que nos virar você e eu.

— Sem problema.

— Você leu esse texto?

— Ainda não.

— Tive dúvidas sobre incluí-lo até o último momento porque Olga foi, em seus últimos anos, uma pessoa muito particular. A doença mental é terrível, Marita, nos derruba. Eu a conheci jovem, e era uma excelente profissional, ousada, um pouco exagerada na boemia, como todos. E, ao final, era uma sombra. Ficou obcecada com esse caso que você vai ler, mas não foi só isso. Nunca é só isso.

Marita tinha ouvido o nome de Olga Gallardo antes, a grande cronista mulher em um mundo de homens, alcoólatra e suicida. Acreditava que toda a mitologia era um exagero e uma injustiça porque, embora todos insistissem no quanto ela tinha sido boa, nunca era lida nas aulas. O próprio Herrera certa vez disse que, com ela, era difícil saber onde terminavam os fatos e onde começava a ficção. E que isso era o pecado mortal de um jornalista, que, ainda que devesse e tivesse que usar as ferramentas narrativas da literatura, nunca podia apelar à imaginação, a responsabilidade pública e o compromisso de veracidade com os leitores eram irrenunciáveis. Marita preparou um café instantâneo e depois imprimiu a crônica no computador. Chamava-se “O poço de Zañartú” e tinha poucos anos: ela tinha se suicidado pouco depois de publicá-lo, era um bilhete suicida. Sentiu um pouco de apreensão ao se sentar para ler o texto, lápis na mão. Era ler palavras de uma mulher provavelmente louca, as palavras que tinha deixado como um testamento antes de se matar, e tinha sido uma morte horrível, com veneno de rato, isso também fazia parte da mitologia, a dolorosa agonia em um hotel, porque tinha saído de casa para morrer. Herrera

estava de costas, ao telefone, enrolando o fio do aparelho. Marita se acomodou na cadeira e entrou na selva, em um poço de ossos, no calor.

* * *

O telefone tocava, a campainha também, o celular novíssimo estava sem bateria e não pretendia recarregá-lo. Não estava disposto a atender ninguém. Tinha expulsado Marita, tinha feito isso porque ela estava em perigo, e ela, claro, não tinha sido capaz de compreendê-lo. Estava assustada. Queria saber se era verdade o que a crônica dizia sobre a casa onde Adela tinha desaparecido, os restos humanos, se era verdade a diferença de tamanho e espaço entre o lado de fora e o de dentro. Ele não quis responder: não podia fazê-lo, mas tampouco negou. Enquanto Marita gritava com ele, via num canto do apartamento, iluminada pela luz do entardecer que vinha da sacada, Adela nua, o corpo coberto por fios de sangue ou talvez fios de lã vermelha, dançando uma dança infantil e elástica, os cabelos loiros em cima dos olhos negros, tão negros como os de Omaira e como os de seu pai antes de morrer. Tentava olhar um pouco para Marita, mas não conseguia parar de ver aquele corpo de menina, branco e obsceno, dando pulinhos perto da cortina. Marita insistia. Gallardo é uma fabuladora, disse a ela, todo mundo sabia. Todo mundo, todo mundo, quem é todo mundo? Aquela mulher tinha se matado por causa dele. Sua segunda morta. Haveria mais, ele tinha isso muito claro. O fato de aquela crônica chegar pelas mãos de Marita era o recado final. Como não podia explicar a ela, porque eram anos de explicações e silêncios, ele a expulsou. Faz as malas, não posso te proteger, Marita, de verdade, não posso te proteger, você não faz ideia do que é isso, eu também não faço muito ideia, mas sinto, sei, sempre soube, que é o final e irão atrás de você. E com você não: se acontecer alguma coisa com você, eu não vou me perdoar. E vai acontecer. Vai embora.

Você está louco, chorava Marita, temos que ligar para a sua psiquiatra, e Gaspar, enquanto ela chorava, começou a esvaziar suas gavetas e a tirar a roupa pendurada do armário, e a encher as malas, que tinham sido desfeitas há tão pouco tempo, quando recentemente ocuparam a casa que ainda cheirava à tinta. Quando o armário ficou vazio, viu, no fundo, uma cabeça. Melhor dizendo, uma nuca. Alguém a tinha mordido, tinha marcas de dentes. Fechou as portas com força antes que a cabeça se virasse e mostrasse sua cara. Tinha medo de que fosse um rosto conhecido.

Tinha que dar a Marita o mérito de ter vindo imediatamente com a crônica para contar tudo a ele. Não como seu tio. Ela não escondia coisas dele. Era corajosa. Estava assustada e chorava, e, apesar de ter berrado quando ele colocou sua roupa na mala, de alguma forma esperava por isso. Não podia haver outra conclusão. Gaspar podia entender o medo e a raiva, mas não o segredo. O preço de revelar o segredo, claro, era este. Quando Marita foi embora, Adela parou de dançar: agora estava vestida, estava com o moletom rosa velho que costuma vestir quando ainda era sua amiga e não este fantasma dançarino. Gaspar não conseguiu sentir nada além de alívio quando Marita saiu dizendo que não voltaria mais. Era o que ele queria.

O telefone voltou a tocar. Talvez fosse seu tio. Podia ser Vicky, ou Pablo. E se seu tio tivesse conhecido Betty lá em Puerto Reyes? Se tinha conhecido sua mãe, não, pior, se sua mãe o tinha tirado do país pela fronteira, qualquer coisa podia ter acontecido. Não importava. O texto mencionava a casa de seus avós. Estavam chegando perto demais. Estão me cercando. Leu a crônica até decorá-la. Tinha que ser prático. Tinha que entender que, em todos os anos desde o desaparecimento de Adela, aquele era o momento em que chegava mais perto de encontrar algum tipo de caminho até ela e entender o que tinha acontecido, qual era sua história, a de seus pais, a de sua família. Adela, segundo Gallardo, era sua prima. Betty nunca tinha mencionado nem insinuado isso. Quanta

frieza. Esperava essa frieza de seu pai, mas de Betty? Escondiam algo monstruoso. Imaginou Betty naquele hotel de interior, bêbada, falando de um monstro que vivia na selva.

Dizia a verdade. Aquela casa, Puerto Reyes. Tinha que ir até lá. A Garganta do Diabo, pensou. Ele tinha perguntado ao pai se iria jogá-lo lá, e ele tinha jurado que não. Talvez tenha mentido.

Gaspar saiu pouco do apartamento durante dois dias: para comprar comida e cigarros, para comprar um mapa de Misiones no Automóvel Clube. Não encontrou nenhum muito grande, mas foi o suficiente. Zañartú estava no mapa. Também San Cosme e Puerto Libertad. De Libertad era fácil chegar a Puerto Reyes, Andrés Sigal lhe dissera. Puerto Reyes, a Moby Dick das mansões da aristocracia. Sua avó era manca, ele se lembrava vagamente agora. Vê-la subir a escada com bengala. Avó Ahab. Precisava traçar o itinerário da viagem. Betty podia estar ainda em Cosme. As escavações do poço tinham chegado ao fim. Ele se lembrava, tinham falado sobre isso em algum churrasco na casa de seu tio. Precisava verificar a lista de identificados. Teriam encontrado o pai de Adela? O que Betty tinha feito com ele? Necrotério de Corrientes. Teria que ir lá também. Era muito. Betty estava em Puerto Reyes? Se houvesse mais alguém na casa, abririam a porta para ele. Olga Gallardo não era a única que estava atrás dele. Não o procuravam para ser recebido como o filho pródigo, com afeto. Disso ele sabia, ainda que não soubesse mais nada. Tinha que ir ou o círculo que estava se fechando começaria a apertar. Se não conseguiam chegar até ele, alcançariam outra pessoa. Se chegassem até Marita, não poderia imaginar como continuar sua vida.

Tirou o telefone da tomada.

* * *

A emergência estava insuportável desde muito cedo. Mal entrou e logo o pior de tudo: uma gravidez com complicações. Vicky detestava os partos complicados porque a família não os compreendia. Ficavam com raiva, achavam que a culpa pela mulher dessangrando, pelo bebê atravessado ou, no melhor dos casos, pela cesárea de emergência, achavam que tudo era responsabilidade dos médicos e não compreendiam a explicação simples de que essas coisas acontecem, de que era a natureza, as mulheres tinham morrido no parto durante séculos. Não conseguiam entender que um parto não era algo sagrado e essas bobagens. Esses médicos arruinando suas felicidades estúpidas. Detestava os parentes.

E, depois da grávida, um garoto convulsionando de febre com aquele tipo de mãe histérica que não deixa ninguém trabalhar e acha que sabe mais que os médicos. Era bem verdade o que dizia sua mãe: ela não tinha empatia. A única coisa que queria era que a deixassem resolver. Por que além disso ela precisava ser amável?

Agora estava prestes a chegar um paciente de ambulância, e a informação era que se tratava de um acidente. Nunca diziam a eles com clareza o que iriam encontrar na emergência. A comunicação entre o hospital, as ambulâncias e a polícia era um desastre. De maneira que poderia ser qualquer coisa, uma contusão, um atropelamento, um massacre.

Vicky esperou com seus colegas no pátio, fumando o cigarro de lei antes de entrar para outros quinze minutos de estresse. Os maqueiros desceram o acidentado e, quando perguntaram, disseram o de sempre, não sabemos o que aconteceu, apareceu no passeio da 32. Vicky se aproximou. O passeio da 32 era perto da favela, e costumava haver brigas por drogas, facadas, tiros. Ficou boquiaberta quando viu o homem na maca. Era tão impensável que à primeira vista pensou ver o impossível: Juan, o pai de Gaspar, com a cicatriz da cirurgia no peito, a palidez, as olheiras. Piscou, afastou-se e compreendeu o que estava

acontecendo, sacudindo seu próprio corpo: o homem na maca era Luis Peterson. Estava nu e com uma ferida no peito, bem no esterno, uma ferida vertical e costurada com brutalidade. Não dava para saber, na luz do pátio, se era superficial ou não. Trinta e nove e meio de temperatura, pressão nove por seis, informou o médico da ambulância, e Vicky deu uma porrada mental em si mesma. Tocou a ferida. Não parecia superficial. Parecia, à primeira vista, que o esterno estava quebrado como em uma cirurgia torácica. Luis estava inconsciente. Tinha pequenas feridas no corpo todo, já um pouco secas. Cortes finos mas contínuos. Com exceção do rosto, todo seu corpo tinha sido delicadamente retalhado.

Tentou forçar sua facilidade de diagnosticar, fez um esforço para intuir o quanto antes, e seu instinto lhe indicou que o mais urgente era fazer uma radiografia. Saber, logo, que ferida era aquela. Exame de sangue, oxigênio, soro, controle dos sinais vitais. A taquicardia era óbvia, e era mais um mau sinal, assim como a inconsciência. Estava em choque. E a ferida não era recente: tinha o vermelho enfermiço da infecção.

A radiografia deixou todos boquiabertos. Um dos estudantes teve que sair da sala de raio-x, e Vicky o ouviu vomitar, ao longe, como em um sonho. Ela e o chefe da emergência olhavam a radiografia e se entreolhavam e voltavam para a radiografia. O esterno estava dividido e não pela serra de um cirurgião. Os cortes pareciam ser de uma grande tesoura, picotados, irregulares. Provavelmente tinham sido feitos com algo similar. Um tesourão de poda, por exemplo. E o osso estava aberto, não haviam tentado fechá-lo com nenhum método: apenas costuraram a pele. No espaço que ficava entre os ossos do esterno quebrado, pressionando os pulmões, havia um braço. Um braço muito pequeno, não o de um adulto. Um braço de criança. Que não seja o braço de um de seus filhos, pensou Vicky, por favor, por favor. Dava para ver o braço

claramente. Tinha sido cortado abaixo do cotovelo. Tinha os cinco dedos e seus ossos.

Deus queira que seja de um manequim, disse o médico da emergência, e saiu correndo. Não é de um manequim, pensou Vicky, e ele sabe disso, mas não quer admitir, não consegue dizer em voz alta. O chefe pediu um cirurgião, pediu uma cultura, pediu antibióticos. Está em choque séptico, Vicky disse a si mesma. Enquanto esperava o resultado da cirurgia na emergência, agora atendendo a um homem que tinha cortado o dedo com uma faca de churrasco ao tentar desgrudar a carne congelada do freezer, conseguiu pensar racionalmente e se deu conta com toda clareza de que Luis iria morrer. Era um braço humano. Tinha ossos. Estava no espaço entre o coração e os pulmões. Era possível que tivesse prejudicado todos os órgãos com uma infecção. O braço sem dúvida já estava em decomposição. Isso havia causado a sepsia.

E esse era apenas o começo do problema. Vicky pediu desculpas ao chefe da emergência e disse a verdade: conhecia o homem que tinha entrado em choque. Era o pai de um amigo seu. Precisava sair. O chefe disse mas é claro, e Vicky se sentou no corredor da sala de cirurgia: deixaram um braço como o que faltava à Adela, pensou. Deixaram no peito. Como o de um *imbunche*. De onde vinha essa lembrança. Chiloé, a *Brujería*. Adela no bosque. O rio, Betty furiosa e bêbada, aquele verão no sul. Está idêntico a seu irmão e não é uma coincidência. Isso é um ataque. Um ataque e um recado. Primeiro para Gaspar, mas também para todos nós. Vicky sentiu que sopravam em sua nuca, que sussurravam em seu ouvido e a voz sempre dizia o mesmo. Você é a próxima. Ou Pablo. Gaspar precisa mover suas peças.

O cirurgião saiu da sala, e Vicky se aproximou dele. Disse a verdade, como dissera ao chefe da emergência. O cirurgião olhou para ela com frustração, a frustração do médico que tinha falhado ou se deparado com algo impossível. Depois com pena, e depois com um pouco de desconfiança. Ele também estava

ciente do quanto a situação era macabra. Isso é magia negra, é macumba, é demoníaco, pensou Vicky.

— É um braço humano, doutora, e a sepsia está muito avançada. Se conhece a família, é melhor ligar para eles. As feridas do corpo são superficiais. Vamos fazer uma denúncia: esse homem foi torturado.

Vicky saiu correndo. Não conseguia localizar Gaspar há alguns dias. Ele tinha brigado com Marita, expulsando-a. Ela havia contado isso, chorando, mas não dissera mais nada. Às vezes Marita também era complicada, embora tivesse fama de garota fácil de lidar. Não queria ligar para Julieta: o que iria dizer a ela e como? A única coisa que conseguiu fazer foi ligar para Pablo, mas quando ele atendeu, o telefone tremia tanto que teve que segurá-lo com as duas mãos e disse:

— Traz o Gaspar ao hospital. Chuta a porta porque ele não está me atendendo. Luis está aqui e está morrendo.

Depois desligou e, devagar, andou até a sala de descanso das enfermeiras porque precisava se deitar, apoiar a cabeça que girava de tontura e chorar baixinho, com as mulheres, sem explicar a elas o que não conseguia nem pensar, dizer apenas meninas você não sabem que merda, que azar, que pesadelo.

* * *

O ódio saía de seus olhos com as lágrimas, e Gaspar a ouviu gritar a culpa é sua ainda que você não tenha feito, e você fez, sim. Ela não achava que ele tinha aberto o peito do tio como um caçador louco para enfiar o braço de um garoto, na verdade de uma menina, porque as unhazinhas estavam pintadas, pelo menos era o que dizia uma das enfermeiras, muito fofas as enfermeiras, as unhazinhas pintadas de rosa coral, específicas além de

fofoqueiras, as enfermeiras. Ela não dizia que ele tinha cometido o crime, em poucas palavras dizia que o crime era culpa dele, e nisso ela tinha razão, isso não se discutia, por isso deixou que ela batesse nele, deixou que arranhasse sua cara e gostou do sabor salgado de seu próprio sangue na boca. Só conseguia pensar que não era o braço de um dos gêmeos, e isso lhe parecia uma vitória, um traço insolente de falsa piedade. Não quero entrar para vê-lo, Vicky, não posso vê-lo. Não vou entrar e ponto. E não iria vê-lo, era o encontro com um fantasma, seria como seu pai, não se pareciam tanto, nunca tinham se parecido muito, mas o ar familiar, e assim, no hospital, entubado, com a dor da morte, com o peito partido, era igual a seu pai, e ele não queria ter essa imagem e não a teria. Você tem que entrar, disse Vicky, porque seu corpo está todo cortado e eu vi, são inscrições, são letras. Decifre-as você. Copie, anote o que dizem. Tire fotos. Julieta gritou depois de ouvir o médico anunciar o inevitável, e dentro de pouco tempo a polícia chegaria para fazer as primeiras perguntas e em poucas horas amarrar as pontas soltas, um dois três nós. O bracinho da menina. Vicky e Pablo e ele, sobretudo ele, é claro, os que tinham entrado na casa com Adela. Adela sem braço. Um braço de menina. Adela minha prima, Adela meu sangue, quem tinha posto veneno naquele sangue? O pai morto, o tio morto, os dois com a marca no meio do peito. E ele que tinha passado dias trancado enquanto isso estava acontecendo. Isso estava acontecendo. Julieta estava dizendo a um policial que ele tinha saído há três dias. Pensei que tinha ficado em La Plata para trabalhar ou com seu filho mais velho. Sim, o filho mais velho é ele. Adotivo. É o sobrinho. Às vezes dormia em sua casa, mas sempre me avisava, sempre me avisava, temos filhos muito pequenos, sempre me avisava. Por isso liguei para Gaspar, mas não o encontrei, Gaspar é o filho, o sobrinho, aquele lá. Não o encontrei, dava ocupado e pensei que era isso, o telefone não estava funcionando, me avisariam no dia seguinte. Fui trabalhar e tive um dia complicado, quando terminei telefonei para casa e nada, fui até a obra e nada,

mas lá me disseram que estavam com uns dias livres porque estava chovendo e não dava para trabalhar com chuva, então pensei que tinha ido para algum lugar nos dias livres, pensei em outra mulher, não sei o que estou dizendo, me desculpe, pensei em qualquer coisa, até me zanguei. Por que não fui à casa do filho? Porque imaginei essa história de outra mulher, não sei, por negação? Porque não conseguia entender que não tinha voltado? Isso estava acontecendo, pensou Gaspar. Alguém tinha levado seu tio quando estava indo para La Plata porque o carro já tinha aparecido, intacto, em Gonnet. Perto da cidade. Uma graça de lugar, Gonnet, mais bonito que Villa Elisa, com casas modernas, horríveis, isso sim, eram as boates da estrada, algumas até perigosas, Gaspar tinha ido, e as garotas que dançavam nas caixas de som estavam sempre drogadas e eram bonitas e ferozes. As unhazinhas pintadas, de que cor eram? Salmão? Coral? Agora havia muitas cores com nomes aquáticos além do velho azul-marinho, que não era marinho por causa do mar, mas por causa da Marinha, era Navy, tinha demorado uma quantidade de tempo ridícula para entender isso. Como a quantidade ridícula de tempo que havia perdido em sua casa fazendo mapas e plantas e reservando passagens de avião enquanto isso estava acontecendo. Gonnet, então. Uma casa em Gonnet, uma daquelas casas bonitas. Uma casa para onde tinham arrastado seu tio depois de tirá-lo do carro. Certamente ele deve ter pensado que finalmente o sequestravam e tinha razão, porque o sequestraram. Será que eles o apagaram antes de cortar o esterno? Com certeza, porque ele teria resistido e era forte, tinha muita força, às vezes que o levantou, a forma como o colocava na parede quando precisava acalmá-lo, como serrava mais rápido que os outros e suave menos que todos. Então eles o fizeram desmaiar, e com ele desmaiado usaram o tesourão de poda e talvez um pouco de serra, isso se saberia com a autópsia, porque haveria autópsia, era um assassinato. Então a casa em Gonnet. Quantos? Dois ou três? Quem? Logo lhe diriam. Em Misiones. Porque não estavam mais na cidade.

Eles haviam jogado um morto nele como se jogavam mortos na Argentina. Jogam-se mortos na Argentina. Agora entendia o que isso queria dizer. O braço pertencia a uma menina qualquer, uma menina que talvez já estivesse morta, fariam bem em verificar sepulturas reviradas ou mesmo hospitais. Talvez aparecesse a denúncia de uma menina desaparecida. Eles trabalham à noite, trabalham na escuridão. Para que o queriam tanto? Eles o queriam e o machucavam. Queriam-no machucado. Machucado era mais fácil de controlar. Por isso se recusava a ver o corpo. Logo a polícia iria interrogá-lo. Não tinha álibi. Tinha expulsado Marita. Havia pedido comida por delivery? Não conseguia se lembrar. Tinha descido para comprar, isso sim. Comida e o mapa. Certamente o cara do Automóvel Clube se lembrava, pois tinha pedido um maior, maior, como se fosse meio cego. Não tinha álibi e não se importava. O que Julieta dizia era verdade. A culpa era dele. Era um recado para ele, tinham lhe jogado um morto. Não queria vê-lo. Uma vez Luis colocou bananas no freezer e as tirou congeladas e pingou chocolate quente em cima delas. Sua ideia de sobremesa barata e gostosa. Sempre lhe dava o controle da televisão. Nunca se irritava jogando futebol. Dizia que um dia queria viver nas montanhas, mas também gostava muito da praia, o que mais sentia falta do Rio era poder sair e andar perto do mar, o vento, o cheiro de sal nos cabelos. Tinha presenciado o parto de seus dois filhos e não tinha se embebedado depois e odiava que lhe dessem parabéns, eu não fiz nada, é apenas uma alegria. Uma alegria, ele era uma alegria e teria tido um futuro tranquilo e doce. A casa em Gonnet, então meteram o braço lá e o deixaram inconsciente ou talvez não, talvez o tenham acordado e o deixado gritar e morrer, havia um alimento naquilo, ele tinha sentido, o sofrimento que comia. E então, com a febre e a infecção do bracinho, deixaram-no jogado no passeio da 32, lá onde começava ou terminava a cidade, dependendo do referencial. Havia baladas para acalmar o sofrimento, canções de ninar, mas ele não podia entrar para cantar nenhuma

porque a culpa era dele, porque ele dera essa permissão para matar e mutilar. Julieta sabia, por isso também chorava daquele jeito, com tanta raiva, porque ela sabia. Vicky saiu da UTI e o levou para um canto. Segurou seu rosto para que olhasse para ela. Os olhos escuros de Vicky. Era tão bonita. Mais que Marita. Mais que todas. A única coisa que está escrita no corpo é que venha. Os cortes dizem isso. Como assim que venha? Isso, Gaspar: “que venha”. Está bem, disse ele. Ele vai morrer?, me diz a verdade. É uma questão de horas. Está bem. Eu vou esta noite. Você precisa falar com a polícia. Depois de falar com eles, eu vou. Não irão me deter esta noite. Presta atenção, Vicky, e explique para o Pablo. Pablo está lá embaixo. Não tenho tempo para falar com ele. Cruzaram o limite. Não posso mais viver entre vocês. Se eu continuar entre vocês, serão os próximos. Não pode haver próximos. Eles me querem, sou seu sangue. Esta é a chave de casa. Vicky estava ouvindo, agora. Em casa, em cima da cama, deixei uma coisa, quero que você leia. É uma crônica de jornal, da Olga Gallardo, se chama “O poço de Zañartú”. Não posso te explicar agora. Quero que vá até lá e leia. Que Pablo a leia. Vai estar lá porque eles não podem entrar na minha casa e Marita não vai voltar. Sabia que Luis dizia que algumas vezes sentiu medo do meu pai? Me contou uma coisa muito estranha uma vez. Que, quando estava cuidando do papai, meu coroa era criança, tinha uns seis anos, estava recém-operado e meu tio cuidava dele. Meus avós não sei, trabalhando. Não importa, né? Não importa. Estava cuidando dele e me disse que meu pai estava com os lábios cheios de sangue como se tivesse comido carne crua. Ele colocava água nos lábios dele porque estavam muito secos, e uma enfermeira trouxe manteiga de cacau, e então a usou e pararam de sangrar. Mas daquela vez estavam sangrando e meu pai gritava de dor, os analgésicos eram ruins naquela época, como se pode deixar uma criança gritar de dor. Talvez não pudessem dar, é possível que baixassem sua pressão, disse Vicky. Que pressão. A pressão do sangue, Gaspar. Se o analgésico baixasse sua pressão,

ele morreria. Ah, pode ser. Enfim, aquelas noites no hospital ele dizia que eram horríveis, ele também era uma criança. Bom, papai gritou, de repente, ele gritou: ninguém ouve os ossos cantando. Essa frase, como uma reprimenda. Luis sentiu muito medo. Meus avós sentiam medo do meu pai. Meu pai via fantasmas. Luis não, porque Luis não foi marcado. Não quero vê-lo. Vai gritar a mesma coisa. Agora eles também o marcaram, mas não podem fazê-lo durar. A verdade é que eu deveria ter ficado na casa, com Adela. Acabaria ali. Tudo isso, esse tempo, não importa, Vicky. Não é tempo. Marita já sabe que deveria ter sido em outra vida, não diga a ela que não é vida e que não é tempo.

* * *

Quantas vezes tinha pensado “quero ser como ele”? A maneira como ele lhe dizia, enquanto dirigia, você deve sempre respeitar as garotas, mesmo que não goste delas. A maneira como, depois de se zangar por alguma coisa e erguer a voz e gritar, sempre se rendia diante de uma piada e ria balançando a cabeça. Os garotos iriam esquecê-lo, iriam perder: a permissão para fazer os deveres no pátio, as corridas na rua de terra, os peixes na brasa na praia, o que você escreveu está ótimo, essa professora é meio burra, não precisa entender tudo, mas é uma pena que não tenha entendido isto, porque a redação está ótima, e é longa!, e as palavras que você usa!, iriam perder que ele sempre os aceitasse mesmo que fizessem cagadas, mesmo que tivessem ridículos problemas mentais psiquiátricos emocionais, saber que alguém não abandonava, nunca recuava, poder bater com a cabeça na parede até quebrar a cabeça e a parede e ele atrás, com os braços cruzados dizendo bem, vamos ver se começamos o conserto pelos ossos, pela sua raiva ou pelos tijolos. O que você achar melhor.

Gaspar pagou uma quantia infame ao taxista que o levou até o aeroporto de Ezeiza e esperou seu voo em silêncio, com a mochila entre as pernas. Não

levava muito e, se precisasse de algo, poderia comprar no lugar para onde ia. Era sua primeira vez em um avião sozinho. Não queria pensar nas anteriores, todas foram com Luis, também não foram tantas. O voo era curto, mas serviam comida mesmo assim, na qual ele não tocou porque não conseguia comer, não sabia se iria comer novamente. Lembrou-se da cara de Pablo ao vê-lo sair do hospital: quase pediu que o acompanhasse. Pablo teria feito isso. Vicky deveria ficar com seu tio. Iriam segui-lo, ele achava. Os dois. Sabiam para onde estava indo.

Em Posadas procurou durante uma hora um lugar para alugar carros. O calor fazia sua cabeça doer apesar dos óculos escuros e apesar de ter molhado os cabelos várias vezes. Começou a engolir comprimidos: com o estômago vazio funcionariam melhor. Encontrou um Clio relativamente barato, alugou-o por uma semana e, depois de confirmar durante um quilômetro que conseguia dirigi-lo com facilidade, abriu o mapa do Automóvel Clube. Puerto Libertad, o povoado vizinho da casa, ficava perto de Iguazú, a metros do Paraná: do outro lado do rio estava o Paraguai. Trezentos quilômetros. Como iria fazer para não pensar durante trezentos quilômetros. Virou o mapa e acendeu um cigarro tentando não o queimar e não se queimar. O carro tinha ar-condicionado, mas fedia a gasolina quando o ligava, por isso o desligou. Não era um especialista em carros. Teoricamente não deveria dirigir, por causa da epilepsia, mas Luis tinha lhe ensinado porque, afirmava, uma pessoa deve saber dirigir ou não será totalmente livre. Luis também não era um especialista. Todos os carros que comprou deram merda. Lembrava-se dele dizendo que azar a cada carro quebrado, com as mãos na cintura e em frente a um capô levantado de onde saía fumaça. O problema não é o carro, o Negro gritou certa vez, é que você esqueceu de colocar água nele, que tipo de idiota não coloca água no carro, me explica. Estavam indo a Punta Lara. Um piquenique ou uma pescaria? Foi antes dos garotos, antes da gravidez. Por que nunca nomeava os garotos?

Salvador e Juan. Gaspar tinha achado que Juan era por causa de seu pai, mas Luis, um tanto constrangido, confessou que se chamava assim em homenagem a Perón. Não tinha conseguido negociar com Julieta o nome completo, Juan Domingo. Ligou o rádio. Sintonizava rádios brasileiras com facilidade, mas não queria ouvir aquele idioma, é claro, alguém contaria a Mónica e às meninas? Fazia muito tempo que não vinham, mas os postais de Ano-novo continuavam a chegar e os telefonemas nos aniversários e às vezes presentes. Luis tinha ido visitá-las duas vezes, sozinho, apenas uma semana em cada vez. Gaspar tinha ficado as duas vezes com Julieta. Voltara com chocolates Garoto e discos e alguns livros, dizia que a encadernação no Brasil era muito melhor que na Argentina. Prometera levá-lo para conhecer o Rio, promessa atrasada pelos garotos. Gaspar não gostava muito de praia, mas o Rio não era só Copacabana, era ruas escuras e escadarias e pores do sol em bares dos bairros internos. Isso também iriam perder, ele, os garotos, todos.

— Não vão te deixar entrar.

O bar do posto de gasolina tinha nome, Los Lapachos.

— Eles têm sua própria polícia, imagina. Muita gente vem pelas fotos. Muita! Uma obsessão pela foto. Eu te digo o caminho, mas não vai entrar, e se o deixarem entrar, me avisa, que tenho gente interessada.

— Eu vou tentar, veremos — disse Gaspar, e bebeu a Coca-Cola gelada com dois comprimidos para dor de cabeça. Não era tão intensa como havia imaginado, com o sol batendo de frente durante toda a viagem, tinha esperado as flores negras no céu azul, crescendo, ocupando tudo. Em vez disso era uma dor leve, incômoda. Poderia suavizá-la com uma refeição.

— O senhor os vê de vez em quando?

— Não, e também não compram aqui, têm os empregados que compram mais lá pra cima. Meu vô conta que muitos anos atrás faziam festas, e aí víamos os carros, mas não ficavam por aqui. O patrão também vinha, antes. Para

tomar uns gorós, comprava para pescar. Faz tempo que não vem. O patrão gosta de um goró.

O patrão, pensou Gaspar. Meu avô.

Tinha que ir até o fim da avenida principal e pegar uma estrada que não era asfaltada. Decidiu caminhar um pouco antes. Calçadas vermelhas, meios-fios pintados de um vermelho ainda mais profundo, lojas que vendiam gelo, garotas usando guarda-chuva como guarda-sol, o céu em uma perpétua ameaça de tempestade, as casas brancas. Sua mãe teria andado pelo povoado? Teria comprado algo nos mercados? Alguém a conheceria se perguntasse? Uma vez Marita tinha dito a ele, depois de transar — ela dizia as coisas mais pesadas depois de transar —, que, se quisesse viver, teria que renunciar a seus mortos, deixá-los ir. Muitas motos, terra vermelha. As solas dos tênis já estavam totalmente avermelhadas. A feira municipal de produtores e artesãos estava fechada, como quase todo o comércio. A sexta sagrada. Não havia muito para ver. Voltou para o carro e abriu uma água fresca antes de percorrer a avenida e chegar à estrada. De um lado e do outro, selva, densa, de muitas profundidades de verde. Nenhum animal. Precisava ir à casa porque o tinham chamado. Repetia isso para si mesmo desde que saíra e continuava a repetir para combater o sono, a fome, o vazio.

Estavam me procurando, aqui estou. Não sei deixar os mortos irem embora.

* * *

Esperava o abandono, os loucos presos na selva, gobelinos mofados, plantas crescidas, um matagal a atravessar antes de chegar à casa. Quando parou o carro, depois de passar por uma guarita de segurança vazia — mas não abandonada: havia um mate sobre a mesinha da recepção e o rádio estava

ligado —, viu a casa de longe. Desceu e entrou: as portas, de ferro, portões na verdade, estavam abertas.

Uma ampla extensão de grama recém-cortada antecedia a casa de paredes mostarda por onde trepavam plantas, não como sinal de abandono, mas sim de decoração deliberada. O telhado vermelho como a terra *misionera*, palmeiras e árvores rodeando sua forma hexagonal, que mais atrás e mais adiante se decompunha em dependências; via-se, ao longo de um caminho lateral, ao menos duas casas, uma pequena e a outra, distante, também enorme. A grama não tinha interrupção: se havia fontes, estavam atrás. E ouvia-se o rio. Lá estão as passarelas, pensou Gaspar, perto do rio, e olhou o céu porque a paisagem, de repente, tinha escurecido. Uma nuvem ameaçadora, baixa e gorda, de tempestade carregada de granizo, pairava sobre a tarde. Quando olhou para ela, a dor de cabeça desatou junto com as flores negras que se abriam com intensidade carnívora. Teve a terrível certeza — um *déjà vu*, mais um, mas muito poderoso — de que seus pais saíam da casa. A casa fantasma das palmeiras e dos pais fantasmas; esperou inclusive ver seu tio sair, cor de cinzas, cinzas no cabelo, o braço podre na mão, o braço podre com o qual iria atacá-lo, bater em sua cabeça e em seu corpo. Apoiou-se no carro e viu que alguém saía da casa, um homem. Aproximou-se dele e o endireitou segurando seus ombros, para que olhasse para seu rosto. Os elegantes fios grisalhos, os olhos azuis afundados e escuros, uma testa que Pablo chamaria de “teutônica” ao fazer sua taxonomia de homens. Teutões, pintosas, bofes, brutos, taxistas, discretos. A lembrança de Pablo quase o fez sorrir. Conhecia aquele homem. Esteban. Não esperava encontrá-lo ali.

Nas escadarias da casa havia se reunido um grupo de pessoas que Gaspar conseguia enxergar bem na luz rosada do entardecer, com uma aura de ouro, o brilho menos intenso. Duas mulheres, velhas, uma delas elegante, com um vestido delicado, indiano. A outra com uma máscara no rosto que ocultava a

boca e o queixo, os cabelos grisalhos muito curtos, calça e uma camisa com gola fechada. Atrás delas, cerca de cinco ou seis pessoas, que de onde ele estava não conseguia distinguir tão facilmente.

Gaspar, com esforço, tirou Esteban de cima de si com um empurrão. Lamentou não ter pensado em trazer armas, mas de que adiantaria se não sabia usá-las? Nunca tinha atirado. Nunca tinha usado uma navalha. Só sabia brigar: sentia-se fraco, mas ainda era capaz de lidar com Esteban. Então, quando Esteban tentou se estabilizar, Gaspar se aproximou dele rapidamente, travou seus braços nas costas e o jogou na grama. Esteban também sabia brigar e conseguiu ficar de pé e tirar os braços de Gaspar do pescoço com um movimento curto e quase profissional. Respirando, medindo-se, eles ficaram a um metro de distância.

Da porta, a mulher elegante desceu as escadas e abriu os braços, em sinal de boas-vindas. Tinha os cabelos brancos com mechas alaranjadas. Sardas por todo o rosto. Tinha sido ruiva. Por trás veio a mulher de máscara. Era manca. É minha avó, pensou Gaspar. Tirou a máscara antes de falar com ele. Para alguém com uma mutilação tão horrível como a dela, entendia-se de forma muita clara o que ela dizia.

— Fui eu que ordenei a morte do seu tio. Quietos, você é tão selvagem quanto seu pai.

Gaspar reconheceu a voz de sua avó apesar da dicção salivante. Também não hesitou e se lançou sobre ela, não lhe importava que fosse uma velha nem que fosse sua família. Acabara de confessar sem que ele fizesse uma pergunta sequer. Conseguiu jogá-la no chão, conseguiu sentar sobre seu quadril de pássaro, não podia ser tão difícil matá-la. Antes que muitas mãos, não sabia quantas, o arrastassem para longe dela, conseguiu bater em sua cara, sentir seu nariz ceder sob os nós dos dedos, ouvir os insultos. Então um único golpe hábil, de guarda-costas, de homem que sabe como e onde bater de verdade, o fez

desmaiar, e a última coisa que viu foi o sol atrás das árvores e uma intuição do rio.

* * *

Subir até o mirante era uma saída. Podia estar em boas condições, e se a escada cedesse, tudo bem também. Ainda que cair entre os degraus destruídos não fosse uma morte certa, poderiam resgatá-lo e não queria que o resgassem. Era seguido permanentemente, mas poderia fazer isso se fosse rápido, não podiam vigiá-lo o tempo todo. Também podia parar de comer. Essa era outra maneira de morrer que não podiam controlar. Fugir era impossível. Tinha tentado tudo o que era óbvio, o rio, a noite, a selva, e todas as vezes foi pego. As surras eram menos violentas que eficientes. Eles sabiam torturar, infligir dor, machucar sem colocar em risco. Não foi longe. Não podia fugir. O que queriam dele era loucura, mas a loucura era possível naquela casa e com aquela gente, e ele não podia dar isso a eles.

As mulheres, principalmente, acreditavam que sim. Deveria parar de chamá-las de mulheres. Florence e Mercedes. Sua avó Mercedes. A que não tinha lábios. Seus dentes se chocavam o tempo inteiro, como se estivesse tremendo. Nem sempre usava a máscara e nunca na frente dele. Queria que ele a visse.

Seu pai fez isso, disse Florence, e indicou a mutilação de Mercedes, sua cara horrível. Seu pai também matou o meu filho e nunca me disse onde escondeu o corpo. Acreditou que tinha arquitetado a sua salvação e a vingança dele. Também nos tirou a menina, que era do sangue. Sempre nos desprezou, sempre quis nos destruir, ah, dava para ver nos olhos dele, *those yellow eyes, a reptile*. Acredito que ele consiga ver, de algum lugar, que nós conseguimos. Temos o médium que ele quis nos tirar apesar do signo tão eficiente com que

te marcou. Sempre foi mais talentoso que inteligente. Sinto compaixão por ele. Um médium tem responsabilidade demais. Todos são perigosos, todos enlouquecem.

— Não sei do que estão falando — repetia Gaspar.

Sua avó se aproximou dele, e as palavras dela saíram por entre os dentes:

— Ele não queria que você soubesse de nada e escondeu sua herança. Melhor, melhor, eu acredito que os médiuns devem ser apenas um instrumento. Mesmo assim, te contarei algo, para que você se inteire, não suporto esses seus olhos de cachorrinho.

Gaspar observou o crânio dela. Estava quase careca. As mechas curtíssimas de cabelo grisalho despontavam arrepiadas em um deserto calvo. E a falta de lábios. Não tinha uma aparência totalmente humana e, talvez por isso, não era horrível, mas sim interessante, como um animal fantástico.

— Ele nunca te disse, é claro, mas o que a Ordem busca, e o que você poderia nos dar, e nos dará porque te obrigaremos, é a imortalidade. Estou te vendo, Florence, dizendo não com a cabeça, tudo tem que ser preciso com essa mulher. Na verdade, chamamos isso de reter a consciência neste plano. Manter a consciência viva. Isso é possível, como ditou a Escuridão, transferindo-a de um corpo para outro.

Esteban entrou na sala, e Gaspar segurou uma risada.

— O que é a Escuridão?

— É o que levou Adela — respondeu Esteban, e Gaspar parou de rir, tapou os olhos com as mãos, murmurou estão loucos.

— Isso mesmo, aí está o amigo do seu pai para te explicar, ele que também mentiu a vida inteira para você. Sabemos que você pode abrir a Escuridão como Juan fazia, e você vai fazer isso por nós. A Escuridão nos diz como fazer essa transferência e assim nos mantermos vivos para sempre. Seu pai tentou com você, não se lembra? É meio retardado esse garoto, você não acha, Flo?

Que pena, meu único neto é um idiota e ainda por cima fez a Adelita desaparecer, ela sim prometia, aquela menina tinha personalidade. Enfim.

Mercedes se sentou no sofá de couro perto da janela e refrescou a sala com o controle remoto do ar-condicionado.

— Que tarde estúpida foi aquela, para nós, ao menos. Seu pai nos enganou. Apagaram a sua memória, não se lembra de nada? Ou essa marca que você tem no braço também serve para afastar lembranças? É uma marca muito boa, me surpreende. Você sabe que ele te cortou para isso, imagino. Para afastá-lo de nós. Bom: fizemos a transferência de seu pai para o seu corpo no campo de Chascomús, eu tenho muita estima por aquele lugar porque é da minha família, diferente deste trambolho no meio da selva, que encantava meu pai, e meu marido também quando ele ainda tinha algum cérebro sobrando, e todo mundo. Não há nada como o vazio dos pampas. Estou me distraíndo, estou velha, preciso de um corpo novo já, é meu direito, e você vai me dar. Levamos vocês dois para lá. Há algo que você precisa saber sobre o Rito. Conseguimos transferir a consciência muitas vezes, o que não conseguimos é que ela permaneça. Por isso acreditamos em seu pai.

Gaspar a escutou com atenção. Ele se referia ao acidente em Chascomús, quando ele acordou ferido, em uma cama desconhecida, e com a terrível certeza de que seu pai o tinha machucado. Lembrava-se do tornozelo torcido, a batida na cabeça que, teoricamente, tinha causado sua epilepsia, aquele verão preguiçoso ao lado da piscina com Tali e Esteban.

— O Rito exige preparações que não vêm ao caso e que além disso seu pai não precisava levar a cabo, porque era um médium extraordinário. Colocamos vocês nos altares. E ele conseguiu transferir a consciência para o seu corpo. Ah, foi maravilhoso! Você se lembra, Flo? Fizemos uma roda em volta de vocês, foi sagrado. Seu corpo abriu os olhos, e o olhar era de Juan. Mas depois veio a

resistência. O corpo recipiente sempre resiste. Nunca, no entanto, vi uma resistência igual. Não sei vocês.

Florence disse que ela tinha assistido a todos os Ritos e, de fato, não se lembrava de uma resistência tão violenta. Elas a descreveram. Quando abriu os olhos e todos viram o olhar de Juan, tentou fugir. Não se pode amarrar o Recipiente no Rito. Acreditamos que é uma estupidez, mas seguimos as regras da Escuridão tal qual ela dita, porque algumas vezes não as seguimos e ah, que desastres, não, Esteban? Você presenciou uns quantos. São como abortos. Florence sempre diz isso.

— *Like losing a child.*

— E nós duas perdemos filhos, é exatamente assim que se sente. Apesar de que era melhor perder a sua mãe do que encontrá-la. Então! Você resistiu tanto para tirar seu pai de você que todos nós tivemos que segurá-lo. Você mordeu esse coitado do Esteban aqui no pescoço. O filho de Florence, o mais novo, também mordida. Uma hora, quando queríamos detê-lo, para que parasse de se machucar, porque esse é um dos lamentáveis efeitos colaterais do Rito, os Recipientes se desesperam e se machucam para tirar o Hóspede de dentro, nós o jogamos no chão e você bateu com a cabeça.

— *Oh, that was dreadful.*

— Pensamos que tinha estragado seu corpo. Mas não. Dizem que você é epilético? Bobagens.

Gaspar fechou os olhos, tentando processar a informação. O acidente não tinha sido assim. Suas feridas eram consequência daquela insanidade, aquela transmigração forçada que ele achava absolutamente inacreditável e idiota, mas na qual eles acreditavam, sem dúvida nenhuma. Talvez Esteban, que estava calado, não tanto.

— Vocês querem que eu lhes dê o meu corpo? Fiquem com ele, eu não me importo.

— Não — interveio Florence. — Precisamos de um médium *and you are one*. Você nos dirá como continuar. *We can't complete the Rite* e somos velhas. Não podemos morrer e não deveríamos morrer. *e messages stopped* por culpa do seu pai, que decidiu de maneira unilateral interromper o contato. Nós continuaremos contigo.

— Não sei como fazer isso.

— Vais aprender. És jovem.

Gaspar tentou se levantar, mas uma tontura o impediu. Estava comendo quase nada, não tomava seus remédios, seus joelhos tremiam de fraqueza. Mas não era isso, percebeu, não apenas isso. A tontura o fez perder o equilíbrio e caiu da cadeira. Ouviu sua avó dizer: “está tendo convulsões, parece, no fim das contas é capaz que ele seja apenas epilético”, mas ninguém o tocou. Tentou dizer a ela que ele nunca tinha tido convulsões, e então a lembrança o esmagou, a recuperação detalhada daquele Rito ao qual se referiam. Sentar-se e abrir os olhos e ver toda aquela gente ao redor, a maioria sem roupa, alguns com lençóis ou túnicas, estava escuro, e tirar algo de dentro, um parasita, e então se levantou e correu, porque tinha visto a porta, e o agarraram pelas pernas e pelos braços, por que querem me agarrar, quem são, o que eles têm, vou fugir, me ajuda! Agora não posso te ajudar, mas lute com eles, dizia a voz de seu pai, cansada e grossa, aquela voz de que sentia tanta falta. Começou a chorar no chão e a lembrança continuou, implacável. São muitos, onde estamos? Lute. Tem uma velha horrível, o que eles são. Levante. Fuja. Os outros queriam mantê-lo em seu lugar, não conseguiam, e durante a disputa, na tentativa de segurá-lo e deitá-lo, cravaram-lhe as unhas, apertaram suas costelas e, quando gritava, o corpo compartilhado tinha a voz dos dois, a sua e a de seu pai. Conseguiram devolvê-lo à tábua, ao altar como dissera sua avó, e ao fazê-lo bateram sua cabeça com força, um barulho surdo e depois um instante de silêncio. Gaspar achou que a lembrança terminaria assim, que seu

corpo, agora, na sala gelada em Misiones, iria parar de tremer, mas continuou. É um monstro que me agarra pelos pés, chute a cara dele, faça mais um esforço e chute a cara dele, eu te ajudo, e Mercedes recebeu o chute certo no pescoço, teve que recuar sufocada, mas voltou imediatamente e torceu o seu tornozelo até quase romper os ligamentos, sorria, estava ganhando, por que você me trouxe para cá. O sangue do pescoço de Stephen quando tentou fugir outra vez, é melhor eu sair, e o final súbito, quando seu pai se retirou. Meu pai poderia ter ficado dentro de mim, saiu porque quis, me pediu para lutar, papai, você devia ter me contado tudo, as coisas teriam sido diferentes, talvez eu nunca tivesse chegado aqui, talvez seu irmão estivesse vivo. Gaspar sentiu as mãos de Esteban, que o levantavam suavemente e lhe ofereciam um copo d'água, mas a lembrança lhe ofereceu mais uma imagem: outras mãos o ninavam, as de seu pai, mas eram imensas, de unhas douradas, e deformadas como garras. Olhou para Esteban, que não insistiu com o copo d'água.

— Ele quis me proteger?

— Ele jamais tomaria teu corpo. Jamais.

Não conseguiu responder.

— Esse daí não vai morrer, vai? Veja se o obrigam a comer, está raquítico. Uma cagada atrás da outra.

* * *

Todas as tardes o visitavam no quarto que haviam reservado para ele. De lá era possível ver o jardim e um pouco mais. Era o andar térreo, para evitar que se jogasse da janela. De qualquer maneira, a janela tinha grades. Estavam as duas mulheres e um homem da mesma idade delas, que falava com ele em inglês. As mulheres saíam e o deixavam com o homem. Ele explicava técnicas. *Death posture. Inhale the sigil.* Deitava-o na cama e o ensinava a respirar. Se resistisse,

lá estavam os guardas para persuadi-lo com alguma forma de dor. O homem às vezes franzia o cenho ou a boca: talvez não concordasse com os métodos, mas as mulheres o dominavam e algo mais, algo que, como dizia Betty na crônica, vivia na selva. Minha família o venera há séculos. Sua família. O homem acreditava que Gaspar podia estabelecer contato com o que vivia na selva, tal como seu pai havia feito. Gaspar não queria falar com eles e não sabia se tinha permissão para fazer isso, nem se fazer isso significaria mais golpes, mais agulhadas, mais unhas arrancadas, mais sua cabeça afundada na água. Mas disse a ele em inglês: *I can't give you what you want. I am not my father.*

O homem insistia como se sua vida dependesse disso. Talvez dependesse. *Shut the lid of your unconscious. You know how to do this, I'm sure your father taught you.*

Todas as tardes assim. Gaspar tinha começado a gostar das visitas do velho. Estava lhe ensinando uma espécie de meditação que o ajudava a pensar menos. E, quando o velho ia embora, voltava a seu método habitual, o mesmo que usava para tentar dormir. A letra A. O sobrenome de um poeta com A. A primeira linha, ou a que se lembrasse, de um poema de um poeta com A. Se fosse em inglês, traduzi-la. Exemplo: A. Ashbery. *Alone with our madness and favourite flower.* Que apropriado. Sozinhos com nossa loucura e nossa flor favorita. B. Blake. O favorito de seu pai. Um deles, ao menos. O outro: Keats. *He whose face gives no light shall never become a star.* Aquele cujo rosto não dê luz nunca se tornará uma estrela. C. Cendrars. É minha estrela, tem forma de mão. D. Uma letra difícil. Havia poucos com D ou ele não conhecia muitos. D'Annunzio. Enfim. Não se lembrava de nenhum. Darío. O óbvio. *A princesa está triste... O que terá a princesa?* E. Eliot. Mais de uma linha. *Fiddle with pentagrams or barbituric acids, or dissect the recurrent image into pre-conscious terrors. To explore the womb, or tomb, or dreams.* As tumbas e os sonhos. As

cartas, os pentagramas. O livro de Eliot de seu pai estava quase ilegível de tão sublinhado.

Às vezes o visitava seu avô, que usava cadeira de rodas, embora, Gaspar havia percebido, conseguisse mexer as pernas. Tinha um copo com canudinho. O que bebia parecia chá gelado, mas era uísque. Sua pele era amarela como a dos alcoólatras terminais. Sua avó vinha com frequência e às vezes era difícil entender o que ela dizia. Tinha a língua branca de tártaro. A menina foi tocada. Seu pai também a tirou de nós, através de você. Seu pai tem que pagar. Sacrificamos nossos filhos por culpa dele. Salvamos a vida dele. Um ingrato.

Todas as noites era levado para uma clareira atrás da casa, distante o suficiente para ficar escondida pelas árvores. Passando por um jardim do qual ele se lembrava, longe das passarelas que ainda não o deixavam percorrer — não tinham gradis altos —, já em plena selva. Uma clareira, era isso, como nos livros: “na clareira da floresta”. Despiam-no em um lugar específico, e o homem que falava inglês o instava a repetir os exercícios que lhe ensinara, com concentração. Dava-lhe indicações sobre o que dizer e quais movimentos repetir. Gaspar obedecia. Era ridículo. Via-os cheios de expectativa e depois frustrados. Havia outra mulher ruiva, mais baixa e muito idosa. Esteban escondia o rosto nas sombras das árvores. Havia um número oscilante de homens e mulheres mais jovens que não moravam na casa principal, retiravam-se à noite para a casa de trás, a de hóspedes: eram os responsáveis por cuidar dos jardins e da limpeza e do bom estado da casa. Não sentia vergonha de ser visto nu. Estava perdendo muito peso: obrigavam-no a comer, mas resistia e se matar de fome estava dando resultado. À noite se sentia febril e não conseguia dormir. De qualquer forma, sabia que poderia resistir muitos dias em greve de fome, ainda que a sede o vencesse mais que o medo, as pancadas ou a desesperança. Além do quê, se não ingerisse líquidos, eles tinham garantido que seria conectado ao soro.

Os guardas se revezavam, oito horas. Não o permitiam ler nem ver televisão nem ouvir rádio. Podia percorrer a casa se quisesse. E fazia isso todos os dias. Procurava Esteban. Não o tinha visto de novo, a não ser nas cerimônias da noite, e não em todas.

O mirante era uma boa ideia. Eles o acompanhariam se quisesse subir. Ele não tinha restrições na propriedade, mas a companhia era permanente. Chegava-se por um caminho rodeado de hortênsias e não-me-esqueças. Podia vê-lo da janela de seu quarto no térreo. As janelas do primeiro andar também tinham grades. Esta era sua casa, no entanto. Sua. O mirante: na luz da tempestade noturna parecia um farol sem luz. Não tinha grades, até onde a vista alcançava. Os guardas talvez fossem rápidos o bastante para detê-lo, mas ele deveria tentar ser mais rápido ainda. Um movimento, um salto e o fim.

* * *

Não precisou falar com eles, simplesmente os guiou até o mirante. Os homens o seguiram e, quando chegou às escadas, um se colocou na frente dele, de modo que Gaspar o seguiu pelo interior da estrutura, iluminada por várias pequenas janelas. Rápido, rápido. Chegar e correr direto até o parapeito e se jogar sem pensar, não tinha ninguém, não tinha nada, a vida antes do quarto em Puerto Reyes não importava. Além disso, as noites na clareira do bosque eram de fúria, agora, com sua avó sem lábios gritando como um animal, Florence lhe dando ordens e tapas, os jovens cuspiendo. Nada antes, ninguém tinha vindo procurá-lo, se vieram certamente estavam mortos, podiam matar, eu ordenei a morte do seu tio, eu ordenei a morte da sua mãe, aquela vadia traidora, Mercedes tinha dito isso, ele perguntou a ela por que meu tio, antes acreditávamos em tratar bem os que são como você, mas agora sabemos, são instrumentos, apenas instrumentos.

Florence a ouvia e sorria, desta vez não iremos errar. Eu sei quem tu és. Todos sabemos quem tu és. Temos meios de conseguir o que queremos.

Mas a verdade é que não tinham meios para conseguir o que queriam, pensava Gaspar enquanto subia as escadas. Não tinham. Caso contrário, já teriam conseguido qualquer coisa dele porque ele só queria morrer. Não tinha mais nem o consolo das imagens da epilepsia. Tinham sumido. A casa o tinha curado. Não sentia nada naquela casa, em nenhum dos cantos. Estava morta, era uma ruína, era o lugar onde iria morrer: era sua tumba.

Chegaram ao ponto mais alto do mirante, ao terraço. O homem à sua frente se distraiu por um segundo e Gaspar correu, apoiou um pé no parapeito e de repente o outro pé estava no ar, acima das árvores, podia sentir o cheiro do rio, um pássaro grasnou, e o sol, implacável, e fechou os olhos.

* * *

Imbecis, ouviu Gaspar no chão, enquanto tentava entender o que estava acontecendo. Dois braços tinham detido seu salto, mas não os braços dos guardas, de quem se esquivara com precisão e elegância. Havia mais alguém no mirante, alguém que ele, na concentração para fugir, não tinha visto.

Era Esteban. De costas para os guardas, viu ele lhe dizer, movendo os lábios, “por favor, Gaspar”. E então:

— Vão agora mesmo atrás do médico, que ele se machucou. Logo terão que prestar contas à minha mãe.

Um dos guardas desceu correndo, e Gaspar se encostou no muro e pensou na liberdade do instante no ar, o céu tempestuoso, a beleza da queda. Não se atrevia a tentar novamente agora.

Teu pai tinha um truque, disse Esteban, e Gaspar percebeu uma mudança na voz que o obrigou a prestar atenção. *Estou tentando fazê-lo agora. Tu e eu*

falamos, e este imbecil aqui ouve uma conversa diferente. Olha, não sei se funciona, ele prometeu deixar isso para mim antes de morrer, veja, fez essa marca na minha cabeça, mas não se pode tentar com qualquer um e faz tempo que não tenho com quem praticar, Tali não permite mais.

O que você está falando.

Tu não queres morrer. Ou talvez queiras, mas também podes escapar daqui.

Gaspar olhou para o guarda e depois para Esteban, que suava como se estivesse levantando algo pesado. Seu pai fazia o mesmo, o que Esteban estava tentando agora. Entrava em sua cabeça. Gaspar sempre pensou que era uma comunicação exclusiva entre os dois, e sua estranheza só se tornou evidente para ele muitos anos depois.

Ele não nos ouve, sabe-se lá o que ouve. Mas vamos, que tenho pouco tempo. Para mim é doloroso sustentar este truque. Pergunta, anda.

Por que está com eles?

Não estou do lado deles se é o que tu queres saber. São minha família. São a tua. Há planos para eles e deves levá-los a cabo.

Não acredito em você.

Pois não te restam muitas opções, Gaspar, deverias confiar em mim.

Por que mataram meu tio? Por que levaram Adela?

O que houve com Luis estava fora do meu controle. Nem sequer soube. Adela partiria de qualquer maneira e, além disso, foste tu que a levaste, ainda que te pese. Não posso resumir décadas de história nos dez minutos entre a chegada do médico e minha escassa resistência. Teu pai decidiu o desaparecimento de Adela: entregou-a para te salvar deles e te usou como instrumento. Creio que ao fazê-lo desatou forças desconhecidas.

Gaspar sorriu, quase contra sua vontade.

A salvação não está funcionando, me parece.

Fazes piadas. Pelo menos é uma reação diferente da resignação desses dias. Eu lembrava de ti como um menino brilhante, de personalidade. Nossa família é brutal, Gaspar. Não podes te permitir a fraqueza. Nunca foste fraco.

Isso foi há muitos anos. Eu lembrava de você como um amigo.

Chega de sentimentalismos. Acorda, Gaspar. Tu não poderás fazer nada lá, para onde te levam, na selva, mas podes sim fazer outras coisas. Não sentiste nenhuma porta?

Gaspar olhou para o homem suado, seus cabelos cinza molhados, e observou o guarda, que parecia nervoso, mas não prestava atenção neles. O guarda olhava para o caminho. Era evidente que Esteban estava certo: ou não ouvia a conversa ou não a entendia.

Não sinto nada nesta casa.

Não a percorreste toda. Há mais duas construções. Podes pedir para te levarem.

Gaspar sentiu um solavanco nas pernas, depois nas mãos e de repente estava tremendo, no chão. Quatro pés subiam as escadas do mirante.

É normal que tu tremas, é a adrenalina, não te preocupes. Olha, vou parar de falar contigo em segredo, está bem? O que eu fizer a partir de agora não tem importância. Volto ao papel de filho da minha mãe.

Sua mãe?

A ruiva. Ela é minha mãe.

Quando Esteban se desligou, Gaspar sentiu. Foi como se um vento quente parasse de soprar em seu rosto, como se, depois de ficar trancado ao lado de um aquecedor, saísse ao ar livre. Os dois guardas o levaram para baixo com uma pompa desnecessária: sua cabeça não estava doendo, Esteban tinha usado seu próprio corpo para amortecer a queda. Deixou-se levar. Ouviu correrias e frases em inglês. *You were friends and lovers. You cannot be trusted. I just saved him but of course it's not enough*, e focou no céu, onde cresciam as flores junto com sua enxaqueca, que não tinha sido provocada pela batida, mas sim pela

dupla adrenalina do salto fracassado e do que Esteban tinha feito, aquela conversa secreta em voz alta que lhe parecia tão impossível quanto familiar. Foi examinado, obedeceu a todas as ordens: tudo o fazia lembrar passo a passo o falso acidente pouco antes da morte de seu pai, aquela farsa que, agora sabia, tinham armado para esconder dele o Rito repugnante no qual pretendiam roubar seu corpo. A sensação era tão vívida, tão óbvia que não restaram dúvidas. Era uma questão de lembrar. Precisava se concentrar nisso. Em lembrar inclusive o que não tinha presenciado. Quem sabe voltar a comer. Não queres morrer, dissera Esteban, e podes fugir.

Tinha que encontrar a porta.

* * *

Foi difícil encontrar momentos com Gaspar. Toleravam que ele se aproximasse porque era o sangue e já tinham perdido membros de sangue demais, mas Stephen não queria cometer nenhuma atitude suspeita. O encontro no mirante tinha sido uma intuição. Stephen morava na casa de hóspedes. De sua janela via o parque e tinha visto Gaspar e seus guardiões indo em direção ao local mais óbvio da casa para pular. Que o rapaz queria se suicidar era tão evidente que só pessoas já loucas pela falta de contato com outros seres humanos poderiam não perceber. Era tão diferente do menino de que se lembrava. Tinha sido um verdadeiro golpe ver Gaspar em ruínas, 25 anos simplesmente extraordinários em aparência, saudáveis, mas carregados de morte. Ouvir sua voz grossa no mirante, tão parecida com a de Juan, tinha sido um golpe de virilidade inesperada para aquela cara de fauno, com as maçãs do rosto proeminentes pela greve de fome, assim como suas mãos ásperas de dedos grossos e longos.

Quando o viu entrar na casa de hóspedes, Stephen estava se preparando para o encontro com Tali no dia seguinte. Na Ordem acreditavam que a filha de Adolfo tinha se suicidado no rio depois da morte de Juan. Seu próprio pai reconhecera o cadáver, que era de outra mulher, mas, em sua bebedeira, ele era incapaz de distinguir uma mulher de um cervo. Tali tinha conseguido a confusão, em parte, graças à Mão da Glória herdada de Rosario. A mão de Eddie, meu irmão, pensou Stephen. Pois bem, se serve para que Tali viva “na clandestinidade”, como ela diz, é uma coisa boa. Foi difícil para ela abandonar sua casa e seu templo, mas tinha pessoas de confiança que cuidavam dele e levou consigo todas as relíquias valiosas. Vivia perto, mas em um lugar mais convencional. Mercedes, que duvidava daquela morte porque sua natureza era a desconfiança, jamais a procuraria. Finalmente aquela índia foi para o inferno, dizia.

Stephen seguiu adiante com seu plano. Atravessou o parque e entrou no escritório de Mercedes, que tinha as contas e os trâmites preparados para ele resolver. Às vezes algum outro membro da Ordem o acompanhava, até o próprio Adolfo Reyes, que ficava terrivelmente entediado e queria passar algum tempo em Buenos Aires de vez em quando. Mercedes estava de máscara e óculos escuros: parecia um inseto assassino. Ela também era muito fácil de enganar, porque era preguiçosa. Há anos Stephen tinha iniciado a transferência dos bens para Gaspar. Ela não precisava assinar nada porque a assinatura de Adolfo era suficiente. E Adolfo, que estava sempre bêbado, assinava qualquer coisa. A casa já não era apenas sua. Para se proteger do desastre econômico da Argentina, todo seu dinheiro estava em contas no Uruguai e na Inglaterra, embora ele não se encarregasse disso. Havia contadores e advogados por toda parte. Mudar as empresas de mão, a companhia de erva-mate, as imobiliárias, seria muito mais fácil depois. Nem precisava que eles morressem. Tinham deixado tudo em vida, eram idosos, era lógico o repasse ao neto jovem.

Ninguém os via há muito tempo e ele, nas reuniões, deixava claro o alcoolismo de Adolfo Reyes e a insanidade de Mercedes. A ausência de Gaspar era um alívio para os advogados e contadores e gerentes que imaginavam um jovem playboy capaz de destruir tudo. O motivo de terem confiado nele como gestor de uma parte da fortuna foi uma decisão mediada pela enorme desconfiança que Mercedes sentia pelos membros vivos de sua família, que não eram muitos. Preferia que o encarregado fosse alguém da Ordem. Florence não tinha essas paranoias, mas não se metia em assuntos alheios. Ela não se importava com o império de Mercedes. Florence acreditava ser indestrutível, que o poder e a influência das famílias eram impossíveis de derrubar por razões alheias a passar horas vestido de terno em bancos e escritórios. Em poucas palavras, acreditava que o trabalho de Stephen era inútil e não intervinha.

— Meu neto é um fiasco, um fracassado — disse Mercedes. — Não quer mais nem fugir.

Na linguagem de Mercedes, isso significava que estavam perdendo uma magnífica perseguição com cães pela selva com a qual poderia exercer um pouco de sadismo. Esteban ainda não tinha dito nada a Gaspar sobre aqueles que Mercedes guardava no túnel.

— Enfim. Logo alcançará a Invocação. Não gosto de esperar. Sempre fui impaciente!

— Saio esta noite. Se quiser algo mais, me diga. Estarei por aqui.

Mercedes o dispensou com um gesto e acariciou os cabelos ralos. Stephen lembrava dela quarenta anos antes, naquela mesma casa. À época, quase uma criança, ele a tinha achado repulsiva. Juan sempre dizia: Mercedes é sacerdotisa de deuses repulsivos e sempre nos parecemos aos deuses que adoramos.

Queria ver Gaspar antes de partir. A visita à casa de hóspedes era fruto da conversa deles no mirante e tinha convicção de que encontraria a porta. Se até ele a sentia, ele, que nunca tinha se atrevido a pisar a terra do Outro Lugar.

Encontrou-o na praia, com os guardas em alerta: a proximidade do rio os deixava nervosos. Eram guardas novos: depois da tentativa de suicídio, Florence tinha resolvido trocá-los. Ela até havia cogitado a ideia de que, toda vez que Gaspar saísse do quarto, estivesse algemado a um dos guardas. A ideia foi descartada quando Gaspar voltou a aceitar suas refeições e a explorar o terreno com uma curiosidade renovada. Ela não era estúpida. Sabia que tinha que deixá-lo encontrar seu lugar. Que fosse capaz de invocar no mesmo lugar que seu pai era possível, mas improvável. E, se não desse resultado, Florence era capaz de fazer o jovem viajar pelo mundo mesmo sob o risco de perdê-lo. Precisava de um médium para manter um poder que se desfazia, como sempre acontecia quando uma decepção era tão grande. E com Juan a decepção foi dupla: tinha morrido e, ao não poder ocupar o corpo de seu filho, deixara explícito que ou o médium tinha desobedecido, ou que nem mesmo o mais poderoso membro da Ordem era capaz de executar a técnica ordenada pelos deuses. Ela insistia: a técnica completa não nos foi dada ainda. Precisamos de um médium para completá-la. Estimava aqueles pequenos momentos de sobrevida da consciência em outro corpo. Tinha visto diferentes durações. Minutos na esmagadora maioria das vezes. Horas em uma ocasião, que a fez chorar. O poder escapava de suas mãos, aos poucos, e sua vida também estava escapando.

Stephen se aproximou de Gaspar e ficou parado a seu lado. Os guardas estavam desconfortáveis e lhe disseram: a senhora Florence prefere que não tenham contato. Eu sei, disse a eles.

Já podemos falar, disse depois a Gaspar.

Você poderia aperfeiçoar a técnica para que nem te ouvissem.

Queres brigar. Fico contente, me faz lembrar o garoto que conheci.

Nunca me conheceu, e não confio em você. É a segunda porta do corredor de cima. Onde guardam uns quadros.

Tens que levá-los até lá.

Vai ser fácil convencê-los?

Eles sabem que tu encontraste a porta que se abriu para Adela. Não sabem nada a respeito da extensão do que está mais além.

Eu também não sei.

Exploraráo juntos. Nós exploraremos. E logo poderás fazer o que tens que fazer.

Você tem que garantir que todos me sigam. Alguma vez esteve atrás da porta no outro lugar?

Falas como teu pai.

Ficou nostálgico. Eu não me esqueço, você não os deteve quando decidiram abrir meu tio como um frango. Você acha que meu pai te perdoaria?

Teu pai matou meu irmão, e eu o perdoei.

Não acredito em você. No fundo você é um filho da puta, mas é o que eu tenho. Seu irmão não me importa e menos ainda se está morto. Alguma vez você foi ao outro lado da porta? Eu sei voltar. Não sei se vou te deixar voltar, vai ter que se arriscar.

Gaspar levantou o braço.

Pode sustentar isto por mais tempo?

Não. E não é seguro.

É possível chamar todos os membros da Ordem que existem?

Não. São muitos e não sei quantos são.

Vou fazer primeiro uma pequena demonstração aos que estão aqui. Agora desliga.

Esteban deixou a praia caminhando devagar. Estava destinado a ser um servo, pensou. De sua família e de Juan e agora de Gaspar. Um servo e um traidor. Mas estava prestes a acender o fogo, a dias de ver as chamas no horizonte.

* * *

Era uma procissão, e ele a liderava.

Ouvia-os ofegar e rastejar. Ele fingia exaustão e se divertia ao vê-los desesperados ao cruzar o pântano, que podia ser atravessado por um caminho entre os matagais. Tinha sido difícil para eles atravessá-lo, porque saíam mãos dos matagais. Mãos como as que tocavam Pablo, pensou na primeira vez que as viu. A mão que tinha marcado seu pai no braço. Ele, elas não tocavam.

As mãos tinham arrastado para o matagal e para dentro da água parada alguns Iniciados. Assim se chamavam entre eles. Gaspar aprendia o linguajar apenas pelo que escutava. Era um servo. Stephen lhe dissera que ele também era um servo. Não. Uma coisa é ser a ovelha negra. Você é a ovelha negra, o filho pródigo, a vergonha da família. Você pode se conformar. Eu só posso me rebelar. Meu pai só podia se rebelar. O inconformismo é possível para os que não são escravos. Os outros precisam lutar.

Os que eram agarrados e afundados pelas mãos no pântano iam arrastados, dos matagais, com um sorriso de êxtase. Não gritavam. Desapareciam em instantes. Teu pai dizia que são só comida, mas eles não sabem. E, se sabem, não se importam, querem alimentar seu deus. Gaspar não prestava muita atenção. As mãos não podiam tocá-lo. Com ele eram burras e lentas. Stephen tinha aprendido a ficar perto de Gaspar para evitá-las.

Quando o pântano ficava para trás, Gaspar se virava para ver a paisagem. Era bela ainda que sem cor, provavelmente pela falta de luz. Terminava em um campo aberto, vazio e não muito grande, a solidão de um deserto em um mundo oco. Lá, no deserto, deixavam coisas para eles, os visitantes. Coisas pequenas, posicionadas bem no meio do campo, muito visíveis. Presentes. Era preciso ir buscá-los. Os Iniciados que se ofereciam para recolher os presentes pareciam pequenos e assustados. Os presentes eram todos diferentes. Pareciam

joias, às vezes argolas, ou braceletes. Na primeira excursão perceberam que eram feitos de ossos. Gaspar não sabia o que acontecia depois porque após as excursões, todos se retiravam para descansar, e ele também. Fingia estar exausto. Não se cansava. Os guardas não atravessavam a porta.

Minha mãe diz que os ossos formam letras. Acredita que estão falando com eles de novo, explicou Stephen. E o que dizem? Não tenho acesso a essas reuniões, respondeu Stephen. Agora era mais fácil para eles se encontrarem: os membros da Ordem ficavam tão esgotados depois das excursões que ninguém os controlava a não ser os guardas, e eles estavam chateados por não serem convidados ao outro lado da porta e não se importavam muito em permitir aquele contato que Florence preferia evitar.

Eles ainda não tinham visto, e Gaspar não lhes mostrou, que do outro lado do pequeno vale, onde começava o bosque, um homem pendia de uma árvore. Pendia imóvel. Atrás da porta não havia vento. Gaspar começou a sonhar com o homem. Nos sonhos ele tirava a corda do pescoço dele e arrancava os frutos ósseos das árvores.

Uma noite Gaspar acordou e encontrou seu avô no quarto: tinha entrado com sua cadeira de rodas, muito bêbado. O velho não disse nada: apenas jogou sobre o lençol um dos objetos, ossos pequenos amarrados com uma espécie de fio vegetal. Gaspar o observou à luz da lua. Era idêntico, no formato, à cicatriz em seu braço. Os guardas não fizeram nada. Não sabiam o que fazer se quem entrava era Adolfo Reyes. E não sabiam o que ele tinha jogado na cama.

— Não deveriam tirá-los de lá — disse o velho. — Não se deve trazer coisas de lugares como aquele.

Os guardas, que perceberam a profundidade de sua embriaguez, o levaram. E Adolfo Reyes saiu gritando que era seu neto e que ele falava com seu neto quando lhe desse na telha. Gaspar o ouviu gritar até que o silêncio pesado voltou sobre Puerto Reyes e segurou a joia entre as mãos. Já tinham trazido

muitos presentes. Quantas excursões? Seis. Sete. Já tinham infestado a terra. Aproximou os ossos engastados da boca e sussurrou papai, é você, você esteve aqui, conhece esses lugares.

É preciso entrar no bosque, disse a eles durante a excursão seguinte. Quando estava do Outro Lado falava com eles, colocava-se à frente deles, guiava-os. Florence e Mercedes o seguiam. Não se deixava intimidar por elas nem fingia obediência. Do Outro Lado ele dominava, porque além do mais tinha o segredo: todos se cansavam, menos ele. Os velhos ficavam destruídos. Atravessar o pântano até o prado não dava mais de quinhentos metros, e chegavam quase inconscientes. Gostava especialmente de ver sua avó desfalecer. Vê-la respirar com a boca aberta era extraordinário, um espetáculo do inferno. Como seu pai a teria ferido desse jeito? E por quê? Logo teria as respostas. Faltava pouco.

É preciso chegar ao bosque, disse, e os fez segui-lo. Os guardas estavam do lado de fora, nunca os deixavam entrar. Isso significava que teria que sair com Esteban. Ele sabia brigar. Precisava dele. Não queria precisar dele, não queria outro pai nunca mais. Se não fosse pelos guardas, ele o deixaria do Outro Lado, mas era a única testemunha da vida de seu pai. Ele e Tali. Precisava dele vivo. Tinha muito a contar.

O bosque não era denso. As árvores eram muito separadas. Os membros da Ordem viram o homem pendurado. Uma múmia. A pele seca. Não se mexia. Gaspar recuou e deixou que avançassem sozinhos. Todos encontravam algo fascinante. Mercedes: uma árvore de mãos, ou seja, um tronco em que estavam encaixadas mãos endurecidas, algumas mumificadas, outras apodrecendo. Avô Reyes: um torso espetado em um tronco fino. Havia vários. Tinham substituído a cabeça humana de alguns deles pela cabeça de algum animal. Alguém se divertia atrás da porta. Gaspar sabia disso desde a casa de Adela. Havia algo de colecionador naquelas estantes com suas unhazinhas, com os

dentes. Lembrou-se da caixa de pálpebras de seu pai. Não podia se distrair. Tinha que terminar, e o braço lhe indicava aonde ir, seu próprio braço. A cicatriz ardia. Seguir o braço. Mais um pouco. Passar o bosque. Não sabia o que estava procurando, mas sabia aonde ir.

O grito de Florence revelou a ele o objetivo da marcha pelo bosque. Esteban, atrás dele, agarrou-o pelo braço.

Havia muitas árvores com homens pendurados. O primeiro homem, o mumificado, estava pendurado pelo pescoço. E muito alto. Não tinha uma das mãos. Mas a posição de todos aqueles homens e mulheres pendurados era a mesma. Gaspar a reconheceu: tinham sido pendurados na posição do Enforcado do Tarô, de cabeça para baixo.

— Esse é o corpo do meu irmão — disse Esteban.

Florence tinha parado de gritar. Agora estava no chão, seu rosto contra o do cadáver de um jovem de pele muito branca, confirmando que era, de fato, seu filho. Falava com aquela cabeça morta. Não parecia decomposta, mas os olhos estavam fixos e o pescoço estava dobrado, quebrado. Tinha sangue seco na cara e o cabelo, longo, era vermelho e estava seco, como palha. Gaspar sentiu certa compaixão, apesar de tudo. Florence não arfava mais, parecia rejuvenescida enquanto beijava seu filho na boca. Por que não tinha apodrecido? Que idade tinha? Era um adolescente, Gaspar se deu conta. Tinha os braços muito finos e o pescoço preto, como se o tempo não tivesse sido capaz de ocultar os hematomas do enforcamento. Seu pai tinha feito aquilo. Esteban lhe contaria como.

Florence falava com o adolescente morto em seu idioma, falava com ele em inglês, ninava-o. Meu menino mágico, repetia, quanto terás aprendido neste lugar, no país dos deuses.

Pedi aos outros que a ajudassem a descê-lo, mas não teve resposta, ninguém se mexeu. Mercedes apontou para os outros enforcados: havia até o

horizonte, como um cemitério de soldados, um vale dos caídos.

Florence insistiu, com toda a firmeza de que era capaz em seu esgotamento e desespero. Ninguém prestava atenção ao que acontecia em volta e prestavam ainda menos atenção em Gaspar, que recuava lentamente, acompanhado por Esteban.

A única alerta era Mercedes. Com sua cara de fera farejava o ar. Tinha percebido a mudança que os outros, aturdidos diante daquele campo de pendurados e sobretudo frente à aparição do herdeiro desaparecido, Eddie, não eram capazes de perceber. O lugar atrás da porta nunca tinha tido cheiro nas excursões anteriores lideradas por Gaspar. Agora, no entanto, havia um bafo no ar, um fedor de carne velha e cripta sob o sol, de leite estragado, de sangue menstrual e hálito de fome, de dentes sujos. A respiração de uma boca imunda.

Temos que ir embora, disse, mas não a ouviram. Não lhe deram atenção. Ela tinha se dado conta. O lugar era uma boca.

Gaspar encontrou o olhar de sua avó e fez que sim com a cabeça. Tinha razão. Tinham que ir embora. Então empurrou vários membros da Ordem que, sem compreender, não tentaram pegá-lo e correu. Esteban ia atrás dele, atrasado. Alguns tentaram segui-los, mas a vantagem de poucos metros naquele lugar sem oxigênio suficiente era inalcançável. Não conseguiam correr, não havia ar a não ser para Gaspar, que tinha tempo de se virar, ver os esforços inúteis, levantar a cabeça para a noite sem lua e se perguntar por quê, se não havia lua, tampouco estrelas, de onde vinha aquela luz rasante, de amanhecer nublado? Quando alcançou os matagais, o cheiro do pântano agora apestava e o enjoou. Ouviu, atrás, a tosse exausta e nauseada de Esteban. Não queria ajudá-lo, mas, se conseguisse sair, precisaria dele para brigar com os guardas. Voltou para encontrá-lo e arrastá-lo pelo braço, empurrá-lo. Tinham tempo em relação aos membros da Ordem que caíam de joelhos no prado, esbaforidos, mas não sabia quanto tempo tinham em relação ao renascimento do mundo ao

redor. Tudo despertava e rastejava, fluía, colocava a língua para fora, babava. O enforcado começava a balançar ainda que o vento fosse imperceptível. Havia barulhos na água. Não havia mãos no caminho que cruzava o pântano, no entanto. Deixavam-nos passar. Gaspar tocou a parede de pedra, como de montanha, e encontrou a passagem, um túnel curto e alto. Ao final, estava a maçaneta que abria a porta. E depois, o corredor da casa de hóspedes de Puerto Reyes.

Os guardas estavam do outro lado, como sempre. Gaspar tirou Esteban com um puxão; caiu no chão, a cara de um vermelho tão escuro que se aproximava do roxo. Fechou a porta atrás de si. Os guardas o interrogaram com o olhar. Não lhes disse nada. Eles, desconcertados, recorreram a Esteban, que não conseguiu falar com eles, não conseguia respirar.

Gaspar entendeu o que deveria fazer. Era tão simples.

— Viemos buscá-los — disse. — A senhora Florence diz que vocês também precisam ver o que encontramos.

E abriu a porta para que entrassem. Por um momento pensou em acompanhá-los. Só até o pântano. Jogá-los na água parada. Cravá-los nos troncos que estavam esperando seus torsos. Mas aquela matança não era sua. E segui-los seria perigoso. Fechou a porta assim que a atravessaram.

Esteban tinha se levantado e estava meio debruçado para fora da janela, tentando respirar. A não ser por seus arquejos, a casa estava completamente silenciosa.

— O que vem agora — perguntou Gaspar.

— Amanhã fechamos esta porta com tijolos.

Gaspar sentiu o tremor nas mãos, primeiro leve e depois solavancos. As náuseas foram tão violentas que encharcou de vômito suas calças, o chão de madeira. O cabelo comprido grudou em seu rosto. Fechou os olhos e, quando

os abriu, estava sozinho. Saiu inseguro da casa de hóspedes: do lado de fora o sol brilhava ignorante e idiota, e não conseguia ver Esteban em nenhuma parte.

* * *

Esperavam por ele, queriam vê-lo. Tinha dito que não. Por telefone, Vicky ameaçara aparecer na casa sem avisar, você já quis nos afastar uma vez e foi nisso que deu e terminou assim. Pode voltar. Ninguém está te procurando. Sabem que você não teve nada a ver com o que aconteceu com Luis. Nunca fale comigo de Luis, tinha gritado Gaspar. Nunca. Quem deu esse número para vocês? Tali, respondeu Vicky, e Gaspar não pensou nela. Pensou: tenho que ligar agora mesmo para trocar o número ou para desligar o telefone de uma vez. Pablo argumentava com menos convicção. Não se atreveriam a ir até ele se não quisesse vê-los, se ele não pedisse. As conversas eram tensas. Gaspar tinha desligado na última e não tinha atendido mais. Stephen — agora o chamava assim: ele havia pedido — andava pela casa sem falar muito com ele, mas ouviu o que Gaspar precisava dizer a ele. O Outro Lugar — chamava-o assim, como seu pai havia batizado, sem saber — deu uma compensação a Pablo e a Vicky. Os dois tinham vidas boas. Não queria arruiná-las.

— Não precisas mais deles — disse Stephen. — Tudo isto é teu. Logo decidirás.

Vimos a sua tia, Vicky lhe dissera. O homem que vive com você nos disse onde estava e a visitamos. Ela não nos deixou chegar perto da casa e obedecemos. Gaspar sentiu uma onda de raiva. Tali. Lembrava-se bem dela. Seu pai nunca lhe disse que ela era irmã de sua mãe, e ela jamais mencionou isso. Outra mentirosa. E por que Stephen andava dando endereços? Por enquanto não podia confrontá-la. Não podia ver a cara de Tali nem ouvir suas explicações. Poderia ser sua aliada, mas ainda não.

Stephen não o abandonava. Gaspar tinha matado sua família, e ele continuava na casa, cambaleante, perambulando, mas sem intenção de ir embora. Se uma noite me der um tiro, pensava Gaspar, vai ser justo. No entanto, sentia-se a salvo. Não tinha certeza sobre o que fazer com Stephen e achava que Stephen também não sabia se deveria deixá-lo para trás. Por enquanto, só tinham sido capazes de resolver questões práticas. Ir ao povoado comer. Comprar comida. Conversar, no bar de Puerto Libertad, meio bêbados. Stephen falava de seu pai com rodeios e com detalhes ao mesmo tempo. Precisariam contratar trabalhadores para a casa. O desemprego no país e na região era tão alto que não seria difícil, mas Gaspar se lembrava de uma mulher que o tinha feito dormir com canções, seu avental de retalhos de pano. Não lembrava seu nome, mas Stephen sim: Marcelina. Podemos encontrá-la. Podes fazer o que quiseres. Não há mais a quem responder.

— Tem certeza de que eles não estão vivos, no Outro Lugar? Que não podem voltar?

— Tu também tens certeza de que não resta nada deles. O lugar estava morto de fome.

À noite, quando saía para fumar na praia, Gaspar pensava na procissão que havia liderado. Tinha sido mais um sacrifício, como o de Adela, mas desta vez ele sabia o que estava fazendo. Não se arrependia. Não temia represálias. Dormia com uma tranquilidade desconhecida. Stephen, por sua vez, apesar de o ter guiado na matança, planejada tantas vezes com seu pai, estava desamparado como o último falante de uma língua que se extinguia. Uma noite o viu perdido no caminho que levava ao Lugar de Poder de seu pai. Horas depois, ouviu uma explosão. Correu. Tinha sido uma explosão subterrânea. Foi no túnel que tinha uma porta de ferro. Perguntou a Stephen por que tinha explodido o túnel, e ele disse que lhe trazia lembranças. Estava vazio, acrescentou. Gaspar não acreditou nele, mas, quando lhe parecesse

seguro, visitaria as ruínas. Depois da explosão, Stephen ficou vários dias fora. Foi se encontrar com Tali, disse. Talvez tivesse algum amante também. Uma semana de ausência. Não mais. Na casa, ele comia pouco e bebia muito. Talvez acabasse encontrando seu corpo na praia, numa manhã, devolvido pelo rio. Ou talvez seriam dois homens sozinhos com um segredo na casa silenciosa, ano após ano, que se encontravam na madrugada, insones, incapazes de esquecer que o enforcado movido pelo vento não tinha sombra.

Depois de fumar, todas as noites, Gaspar voltava pela passarela, passava pelo jardim de orquídeas e percorria o caminho que levava do mirante à casa de hóspedes. Subia até o primeiro andar. A porta não tinha sido tapada, apesar da insistência de Stephen. Permaneciam a madeira talhada, a maçaneta de bronze, o corredor em silêncio.

Não a tinha aberto de novo ainda. Bateu, timidamente, como fazia todos os dias.

— Adela — disse.

Não houve resposta. Fechou os olhos. Viu uma garota loira, nua, que andava sob um céu sem estrelas. Perdida, mas não assustada. Viu-a dançando em um caminho de terra vermelha, com fios de lã vermelha pendurados nos braços e nas pernas, solta, desatada. Viu um planeta negro sobre o rio. Viu sua avó sem lábios e sem nariz. Viu velas no bosque e uma jovem andando de quatro sobre ossos. Viu homens e mulheres correndo, todos mutilados, alguns sem pernas, arrastavam-se ou giravam sobre si mesmos. Viu um cão branco faminto, a coluna como bolas de metal incrustadas no lombo. Viu uma garota de vestido vermelho, sentada junto ao pântano; algo que saía da água comia suas pernas, mas ela não se queixava. Viu um torso pálido em um campo de flores amarelas.

Naquela terra ele podia entrar e sair e procurar. Naquela terra ele era bem-vindo. Se ela ainda estivesse lá, poderia encontrá-la. Seria uma menina ainda?

O que teriam lhe dado para comer? O lugar havia sido uma boca para ela? Precisava ter certeza. Do outro lado, o tempo era outra coisa. Poderia procurá-la.

Afastou-se da porta.

— Adela.

Não houve batidas. Tampouco a voz de Adela, embora ele não se lembrasse mais dela. A primeira coisa que se perde dos ausentes é a voz.

— Eu vou voltar — disse. — Preciso de tempo. Nunca fui valente. Estou aprendendo.

E deixava a porta, o corredor, a casa de hóspedes. Ignorava o telefone que tocava todos os dias. Era Vicky ou era Pablo. Não o desligaria ainda. Queria confirmar que se renderiam, esperava que as ligações ficassem espaçadas, que não fossem mais sirenes na selva, que se dissipassem. Quando chovia, não atravessava o parque correndo. Gostava das chuvas violentas e curtas de Misiones, dos rios de terra vermelha, o prelúdio da noite negra e quente com as estrelas que pulsavam no céu. Um brilho, o silêncio, outro brilho, como um coração exausto.

Agradecimentos

Agradeço a Paul Harper e a Emily.

Agradeço a ajuda, entusiasmo, leituras, sugestões, discussões e trabalho (o que cabe a cada um!) a Ariel Álvarez, Mauricio Bach, Salvador Biedma, Ariadna Castellarnau, Rodrigo Fresán, María Lynch, Sandra Pareja, Carolina Marcucci, Vanina Osci e Silvia Sesé.

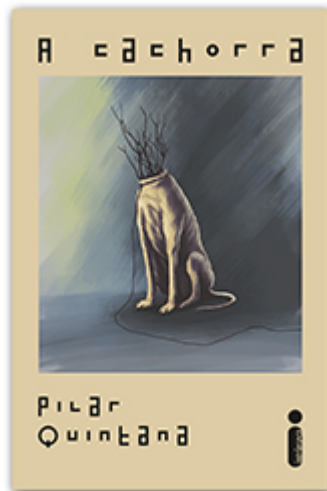
Sobre a autora



© NORA LEZANO

Mariana Enriquez (Buenos Aires, 1973) é jornalista e subeditora do suplemento *Radar*, do jornal *Página/12*, além de professora. Escreveu romances, relatos de viagens e biografias. Pela Intrínseca publicou a coletânea de contos *As coisas que perdemos no fogo* e o romance *Este é o mar. Nossa parte de noite* ganhou na Espanha o Premio Herralde de Novela e o Premio de la Crítica 2019.

Leia também



A cachorra
Pilar Quintana



Território Lovecraft
Matt Ruff



Garotas em chamas
C. J. Tudor



A visita cruel do tempo
Jennifer Egan